
SANGUE NA
PRIMAVERA
MONS KALLENTOFT
Benvirá

SANGUE NA PRIMAVERA

MONS KALLENTOFT

Tradução do sueco por
JAIME BERNARDES

Benvirá

PRÓLOGO

MAIO DE 2010

[NA CÂMARA ESCURA]

Papai, onde está?

Devia estar aqui comigo.

Para onde foi? Papai, papai, tem que vir agora!

O meu irmãozinho está chorando.

Ele é tão pequeno. Está deitado no chão e chora. E, papai, há xixi espalhado pelo chão. Há aranhas, também, andando por aqui. Será que as serpentes também vão entrar? Lagartos, pequenos e grandes, com dentes amarelos, são eles que estão arranhando o meu corpo? Papai, se nós morrermos, a culpa é sua.

Ele reage: “Isso é pura tolice”.

Como em casa, na piscina, papai. Ele tinha medo, não saltava, nem mesmo com as boias nos braços. Eu não tenho medo. Sou corajosa. Mais corajosa do que ele, porque já tenho 6 anos e ele, apenas 3, quase 4.

Estou suando. Está quente demais. Mas apenas de vez em quando. Já tirei a camiseta, posso? Ouve-se o mesmo barulho de passos. Ouço os homens que chegam, papai. A luz por baixo da porta desaparece, escuto batidas, fica tudo escuro. O meu irmãozinho precisa ficar quieto e em silêncio. Caso contrário, eles vão bater em nós. Fico com medo e grito: “Não me batam, não me batam!”. E, então, aparece de novo a luz por baixo da porta e os homens vão embora. Eu escuto. Mas logo estarão de volta. Será que vou morrer? Papai, será que eles vão nos matar?

Estamos presos aqui, mas eu queria que nos soltassem. Eles trazem comida. Temos um penico e uma caixa com giz. Desenhamos figuras no chão e nas paredes. Não podemos vê-las, mas continuamos a desenhá-las.

Estou com medo. E o meu irmãozinho está com mais medo ainda.

De onde vêm essas batidas? Por onde andam aqueles lagartos horríveis? Como brilhavam no escuro.

É horrível ficar com medo. Eu abraço o meu irmãozinho. Sinto o calor do seu corpo. Ele chora. Tenho pesadelos de que jamais gostaria de falar. É por isso que eles voltam, só porque nunca falei deles antes?

Se formos bonzinhos, todos serão bonzinhos conosco.

Como você, meu pai. O senhor é bonzinho, não é verdade? É claro que o senhor é bonzinho. Eu resolvo bater na porta fechada, gritar:

“Não voltem! Não quero morrer! Nós não queremos morrer!”

Papai, corra, venha depressa!

SEIS ANOS ANTES

O meu corpo grita, quer sentir o amor sem reivindicações. O esquecimento é tudo o que corre nas minhas veias. Esquecer é tudo o que meu corpo quer.

Esse sentir os sentimentos é a minha única preocupação, é tudo o que desejo.

Vocês foram afastadas de mim.

Queria que fosse assim. Ninguém sabe quem vocês são. Ia deixá-las para quem? Só esperava que fosse para alguém com muito amor para dar.

Não era sequer de esperar que vocês existissem, e, agora, aí estão as duas.

Eu me vejo na enfermaria do hospital. Vejo como o céu de Estocolmo filtra a pálida luz dos raios de sol primaveril, que se refletem no chão de linóleo já meio riscado, como se esses raios quisessem me tirar daqui.

Vou deixá-las agora, para sempre. Vou me afastar de vocês. E vocês nem sequer vão se lembrar de mim. Nem vale a pena saber quem foi o pai de vocês, não. Talvez eu tenha sido violentada, abandonada, ainda inconsciente, em algum albergue ou sob a luz mortiça de algum dos banheiros na estação central do metrô. Ou ainda alguém que me viu assim em alguma das estações desertas e obscuras do metrô onde adormeci nos braços maravilhosos de mais uma dose.

Mas um dia vocês estiveram dentro de mim. E agora estão num quarto ao lado. Vão se encontrar com uma nova mãe e com um novo pai. Sinto vontade de gritar, mas é assim que tem de

acontecer. Devo partir para qualquer outro lugar. Para mim não existe o amor, e vocês serão o meu grande e sombrio segredo.

O pai biológico de vocês pode ter sido qualquer um.

Portanto, nunca perguntem a si mesmas quem ele é.

Neste momento, abre-se a porta da minha sala. Eu as vejo. Vocês são a única coisa bonita que existe no planeta. Nunca se esqueçam disso. E choram. Será que a luz está forte demais? Vocês descansam nos meus braços. Consigo que adormeçam. Fique com elas o tempo que for preciso, diz a assistente social. E, então, ela as pega de volta. E eu me agarro à cama e choro, mas é melhor que seja assim. É o melhor. Vocês vão embora, mas fiquem sabendo que a sua mãe aqui adora vocês.

O Hospital Karolinska, de Estocolmo, cheira a morte e bactérias que nenhum antibiótico consegue eliminar. Eu me viro e salto da cama, visto as minhas roupas penduradas no guarda-roupa e saio do quarto, percorrendo todo o corredor até chegar ao elevador. Tomo todo o cuidado para que nenhum dos funcionários do hospital me veja. Se eles me virem, tentarão me parar. Mas ninguém me vê. Eu sei como me tornar invisível.

Não sinto nenhuma culpa, nem vergonha.

Ou será que sinto? Não vale a pena nem tentar saber.

Tenho tantas saudades de vocês e não posso, nem quero, contrariar essa sensação.

Logo me vejo sentada num táxi que me deixa numa praça, Sergelstorget. Com uma boa nota de mil coroas na mão, chamo a atenção de um homem negro que eu já conhecia. Sei como me dirigir a uma das galerias mais afastadas da estação central do metrô onde encontro o que procuro: uma colher, uma chama, uma

seringa. E o mundo torna-se o que sempre devia ser, um lugar de braços abertos, livre de todas as dificuldades sentimentais.

Uma hora mais tarde, encontro-me em plena praça, Hötorget, à luz reduzida de uma tarde quente. Com câmeras de segurança por toda a parte. Eles estão me vendo.

Eu vejo duas meninas, talvez de 7 anos, correndo pelo pavimento branco e preto da praça em direção à vitrine do edifício da Kulturhus. Vejo as suas figuras refletidas no vidro, mas não consigo visualizar os rostos. Viro as costas. Muitas pessoas, aos montes, algumas apontam com as cabeças na minha direção. Como quem diz: “Está de volta...”.

Devolvo o aceno.

Viro as costas de novo.

As duas meninas desapareceram.

Engolidas pelas suas próprias imagens na vitrine.

Sumário

Capa
Abertura
Prólogo
Parte 1
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Parte 2
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Parte 3
Capítulo 33
Capítulo 34

Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56

Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo Epílogo
Capítulo Sobre o Autor
Capítulo Créditos

PARTE 1

O AMOR FAMINTO

1

LINKÖPING, SEGUNDA-FEIRA, 10 DE MAIO

Dá quase para ver as nossas imagens refletidas no céu, de tão azul, esplêndido e explosivo que está.

É o mesmo azul do interior de uma chama de maçarico, pensa aquela mãe que atravessa a Grande Praça da cidade, Storatorget, cujas pedras estão bem juntas, ligadas por milhares e milhares de passos apressados, de pessoas que correm em todos os sentidos, na permanente perseguição daquilo que esperam da vida.

O sol está baixo e os seus raios atravessam a atmosfera como lanças de aço, brancas e afiadas, antes de queimar o rosto das pessoas sentadas às mesas embaixo de gigantescos guarda-sóis espalhados pela calçada em frente do restaurante Mörners Inn e do Stora Hotellet, o grande hotel da cidade. Está um calor traiçoeiro, com o frio de inverno ainda latente no seu interior.

A mãe olha para o edifício da imobiliária, admira os anúncios desesperados nas vitrines. Nota que o espaço diante do caixa eletrônico está vazio e fixa a atenção no relógio por baixo do telhado

cujos ponteiros parecem parados no mesmo lugar, mas que ela sabe estarem em movimento.

Dez e quinze.

Vitrines vazias por todos os lados da praça. Lojas e cafés foram obrigados a fechar por causa da crise econômica. As únicas vitrines ainda montadas oferecem saldos e liquidações e parecem pedir para que o povo se apresente e as vejam através do fino pólen que dança no ar, à luz da manhã.

É estranho que o movimento de pessoas seja tão pequeno, pensa ela. Nada de agricultores das planícies em volta, tentando vender verduras orgânicas cultivadas em estufas. Nada de imigrantes tentando vender frutas sem recibo, nada de vendedores ambulantes tentando vender por preços escandalosos pequenos objetos decorativos que há muito tempo deviam ter ido parar em qualquer lixeira.

Mas o velhote dos cachorros-quentes na esquina já está no seu posto. Aparece curvado sob um guarda-sol colorido, vermelho, amarelo e laranja, à espera dos esfomeados do meio-dia que chegam sempre para forrar o estômago ao custo baixo que ele oferece. Dez coroas suecas, ou seja, cerca de um euro, por um cachorro-quente.

A florista também já está a postos para tentar vender as suas tulipas, de várias nuances, entre o rosa, o amarelo, o vermelho e o alaranjado.

As crianças, duas meninas gêmeas, de 6 anos de idade, correm na sua frente, na subida para o edifício do banco SEB, em direção do caixa automático onde a mãe costuma tirar dinheiro para as compras. As gêmeas estão com roupas iguais, casaquinho rosa,

jeans, sapatinhos de ginástica, com quatro listras vermelhas de cada lado.

São duas, mas vivem, movimentam-se e falam como se fossem uma. Muitas vezes, os estranhos não conseguem ver nenhuma diferença entre elas, cativados como ficam pela vida, a alegria e a beleza que as duas irmãs irradiam, como se toda a sua existência fosse uma homenagem ao fato de o mundo à sua volta existir e de elas duas existirem, fazendo parte dele.

Seus cabelos louros esvoaçam ao vento, os corpos movimentam-se do mesmo jeito, entretanto, os movimentos são sacudidos e um pouco indisciplinados, testemunho de que ainda há muito por descobrir, tanto no seu próprio corpo como no universo imenso que era o seu, naquele momento, naquela praça e naquela pequena cidade do interior da Suécia.

A mãe continua a andar, envolta na atmosfera primaveril do momento.

Sente o aroma das tulipas recém-colhidas, um aroma desesperado, como se as flores quisessem segredar-lhe: “Por que a nossa vida é tão curta, quando a sua, a de vocês, é tão longa?”.

Como vocês vivem sem preocupações, pensa a mãe, olhando para as suas meninas. Eu me preocupo, pensa ela a seguir, sei que toda a situação poderá mudar de um momento para o outro. Tudo pode acontecer.

Um homem de capa negra, com o capuz sobre a cabeça, estaciona sua bicicleta perto do caixa eletrônico. Não acorrenta a bicicleta e coloca em cima da cesta, com todo o cuidado e com as mãos enluvadas, uma mochila.

O homem deixa a mochila na bicicleta e não para fazer retirada no caixa do banco. Segue rapidamente pela praça, a pé, em direção a

uma rua, a Bokhållaregatan.

A mãe não imagina quem o homem possa ser, mas estranha que ele use o capuz debaixo daquele sol primaveril e que tenha deixado a mochila e a bicicleta para trás.

As meninas chegaram diante do caixa eletrônico. Viram-se e sorriem para a mãe. Esta sente o desejo de correr para elas, levantá-las com seus braços, abraçá-las e beijá-las para que conheçam todo o amor que ela tem para lhes dar e para que elas se sintam seguras e livres no mundo em que vivem.

As meninas olham para o carrinho de cachorros-quentes. O hábito e a fome fazem com que passem correndo pela mãe até chegar ao homem curvado, sob o guarda-sol, com as panelas fumegantes e a imagem do sanduíche.

Ficam pulando em frente do homem, enquanto a mãe se aproxima apressadamente.

Estou com dinheiro?

É claro que ainda tenho duas moedas de dez coroas. Ela enfia a mão na bolsa, procura pela carteira enquanto o homem de barba escura já atendia e dava a cada uma das meninas o pão com salsicha. Só então a mãe chega, o homem a reconhece e cumprimenta.

Suco *Festis*, é o de pera de que elas gostam, não é?

Pera. Ou maçã.

O homem fala com forte sotaque, enquanto a mãe continua a procurar no fundo da bolsa de couro escuro, acabando por achar, exatamente como havia imaginado, as duas moedas de dez, bem frias ao toque. Ela estende-as ao vendedor de cachorros-quentes, que agradece, inclinando levemente a cabeça e desejando que voltem sempre.

As meninas já seguem, ligeiras, rumo aos pequenos blocos que, diante do hotel, servem de apoio no estacionamento para bicicletas e dão suporte às lonas que separam as mesas na calçada do ambiente em sua volta.

As sombras das meninas alongam-se e a mãe corre atrás delas, chamando a sua atenção para que tenham cuidado e não derramem *ketchup* na jaqueta nova. A mãe repara no que pode acontecer e resolve voltar ao carrinho onde o homem já se encontra de mão estendida com alguns guardanapos de papel.

Ela balança a cabeça diante do seu próprio esquecimento e logo acaba por se sentar num dos blocos, ao lado das filhas, debaixo do sol. E fica vendo-as comer, limpando os lábios e dando mordidas em suas salsichas gordurosas.

O sol acaricia as suas faces, levando o sangue ao rosto, como se ele também quisesse se aquecer.

As pessoas às mesas do café.

Quem são vocês?, pensa a mãe. Quer manter os pensamentos longe de suas preocupações, aquelas em que já não aguenta pensar, nem reconhecer. Há um aposentado bem-vestido, de casaco azul, calça bege e cabelos bem penteados. Um engenheiro aposentado das indústrias de aviação Saab? Um professor da universidade? Ou talvez um ex-neurocirurgião? Ou ainda do departamento de queimaduras, no Hospital da Universidade? Ou será que é apenas um velho normal, um operário tradicional, que gosta de dourar a sua velhice com boas roupas? Ou eleva o padrão de vida a fim de encarar melhor a morte, que, inevitavelmente, se aproxima?

Ela se repreende por seus pensamentos.

Em uma mesa, na frente do Mörners Inn, estão quatro imigrantes de meia-idade jogando dados. Jogam palitos de fósforos em cima da mesa, de modo que ela sabe que apostaram dinheiro. Em outra mesa, estão alguns estudantes do secundário que cabularam, pois só podem ter faltado à escola para estar ali, a menos que tivessem um período livre entre as aulas. Ainda nas outras mesas, estão sentadas pessoas de várias idades, certamente desempregados que perderam seus postos quando, na sequência de falências em série das empresas da região, todos os milhares de avisos de demissão caíram sobre eles. Veem-se resignação e preocupação nos seus olhares. Será que ainda tenho futuro? Será que vou arranjar um novo emprego? Será que tudo acabou para mim? Não vou conseguir mais sustentar a minha família? Nem dar aos meus filhos um começo decente?

Uma mulher ainda jovem, de bata branca e muito maquiada, está fumando.

Eu a conheço, lembro-me dela, pensa a mãe. Trabalha no salão de beleza lá para os lados da Igreja de St. Lars.

Passam pelo café na calçada três homens de terno escuro, talvez advogados de algum dos poucos escritórios de advocacia da cidade, ou novos-ricos da especulação financeira. Ainda existem tipos dessa espécie, até mesmo em Linköping. Eles arrumam as gravatas que brilham ao sol, de uma maneira que ressalta a má qualidade da seda com que são feitas. Talvez sejam vendedores de máquinas copiadoras ou de celulares, ou estejam trabalhando em algum dos bancos da praça, ou em alguma companhia de seguros.

Alguns típicos estudantes universitários estão sentados em volta de uma mesa do Grande Hotel. Parecem ser da área técnica, a julgar pelo aspecto desajeitado, mas inteligente. *Jeans*, blusas de lã

e tênis incrementados, de quem gosta de fazer longas caminhadas pelas florestas. Em suas pastas, certamente, encontram-se os *notebooks*. Em cima da mesa, café puro.

O que é que eu conheço das pessoas nesta cidade?, pensa a mãe, ao inclinar-se em direção das filhas para limpar melhor a boca delas. As salsichas já foram comidas e, agora, as suas duas meninas brincam de sugar os sucos de sabor artificial de que tanto gostam.

Na realidade, não sei nada, pensa a mãe, ainda. A não ser que vivemos lado a lado, que somos todos diferentes e que conseguimos viver juntos apenas porque decidimos nos tolerar uns aos outros. Assim, ficamos interligados, independentemente da quantidade de dinheiro que está nas nossas contas, de onde viemos e do que fazemos. Mas todos temos o sonho muito simples de alcançar a felicidade.

Por vezes, nós nos mordemos uns aos outros. Não agora. Não aqui. Não em um maravilhoso dia de primavera como este, em que nada de mau pode acontecer. Por isso, Linköping é o mais seguro de todos os casulos seguros para a vida humana.

Um dos ônibus alaranjados da cidade para diante da estátua de Folke Filbyter,* considerado o ancestral dos fundadores do reino da Suécia. Algumas pessoas entram no ônibus, antes de este retomar o seu caminho em direção ao castelo. Uma pedinte, mulher de meia-idade e de cabelos soltos, desalinhados, está sentada com a mão estendida diante da galeria.

— Estão satisfeitas?

— Sim, mãe.

— Então, vamos retirar dinheiro do caixa eletrônico.

— Posso apertar os botões?

— E eu? Também quero.

— Vamos fazê-lo juntas. — As três atravessam a praça em direção ao caixa automático, onde a bicicleta com a mochila ainda está lá.

A mãe olha para os cartazes na vitrine do banco. Reconhece o estilo dos anúncios e das campanhas. Não queria pensar no nome, mas não pode evitá-lo.

Kurtzon.

Fundos Kurtzon.

O banco SEB deu espaço nas vitrines à empresa do famoso gênio das finanças, também reconhecido por ser avesso a publicidade. As duas meninas chegam, enfim, ao caixa automático. As portas da agência abrem-se automaticamente. Sai um homem de colete de couro, com os braços bronzeados, e com uma pasta escura em uma das mãos. Ele olha em volta, sorri para as meninas antes de desaparecer em direção ao antigo edifício da Câmara Municipal.

A mãe aproxima-se rapidamente das garotas, mas tropeça numa pedra, um pouco mais elevada do que as outras, e deixa cair a bolsa.

Na queda, a carteira cai.

O verde do cartão Visa brilha.

Tem muito dinheiro na conta. O fim do mês ainda está longe e nem sequer tocou no último depósito do seguro.

Ela se abaixa, se ajoelha, sente como as suas articulações estalam.

As meninas já estão junto do caixa, brincam, fingem que colocam um cartão na máquina, apertam os botões e imaginam retirar um enorme tesouro mágico da abertura. Tudo isso a mãe vê como se fosse em câmera lenta.

A bolsa.

De novo na mão. No momento em que estava prestes a se levantar, ela ouve um estampido, seguido de um zunido. Como se tudo vibrasse dentro da sua cabeça e só restasse um som agudo de um apito.

A mãe ainda vê as suas meninas ficarem paralisadas, taparem os ouvidos com as mãos. Ela compreende que o som agudo vem da mochila na bicicleta. Quer correr para as meninas, mas sente que não consegue se mexer, ainda presa numa posição incômoda. Vê os rostos das suas meninas se modificarem no momento em que o barulho da mochila as atinge, todas as três, como se fossem mordidas cheias de veneno.

Então, a mãe grita.

Grita os nomes das suas filhas, mas os gritos se dissolvem entre um relâmpago azul e branco, seguido de um calor mais intenso do que se poderia imaginar. Ela é atirada para o ar. Depois, sobrevém apenas o silêncio, um silêncio que se sobrepõe ao eco interminável e doloroso que se propaga por toda a cidade. E, em seguida, por todas as florestas recém-renascidas, de toda a província de Östergötland, por todos os prados, todos os mananciais de águas e por todos os lares.

Para as meninas, é como se o mundo acabasse, despedaçado em milhões de fragmentos dilacerados por roedores, para depois serem dissolvidos em uma luz, cada vez maior, que a seguir se transforma em algo mais, num céu branco, como uma bolha, onde não existe nem princípio nem fim.

* *Folke Filbyter* é o nome popular do legendário fundador pagão de um histórico clã localizado em Bjelbo, no centro da Suécia. Folke Filbyter deve ter vivido no século XII.

Segundo a lenda, o sobrenome Filbyter advém do fato de Folke ter o hábito de capar cavalos, arrancando com os dentes os seus testículos. [N. T.]

2

“Está agora no céu, mamãe?”

No momento em que se aproxima do caixão onde a sua mãe jaz, Malin Fors sente o chão vibrar sob seus pés. Escuta também um estrondo surdo, mas nem as vibrações, nem o estrondo fazem com que os vitrais da Capela da Ressurreição estremeçam.

Estão explodindo as rochas na construção da estrada perto de Lambohov, pensa Malin, olhando para as pontas da bainha do seu longo vestido preto comprado na loja H&M.

Estão construindo muito em Linköping, graças às medidas tomadas para atenuar a crise. E com isso as explosões são frequentes e necessárias. Ou aconteceu alguma outra coisa? É você, minha mãe, que quer me dizer alguma coisa e que, com todo o seu negativismo, quer que o mundo comece a se quebrar?

Já tinha passado bastante tempo desde que a última neve derretera, deixando aparecer uma superfície lamacenta em que a grama esperava impacientemente a hora de voltar a brotar. Malin havia estado à janela da sala de estar do seu apartamento, olhando para os ramos aparentemente mortos das árvores em frente, afagados de forma hesitante pelos ventos da primavera. Ela chegou quase a achar que ouvia o despontar da vida voltando aos ramos

das árvores, na sua vontade extrema de cobrir de verde as silhuetas escuras, numa nova transformação de vida. Quem sabe, talvez fosse essa mesma vida a cantar nesses troncos. Malin também sentia que alguma coisa estava para acontecer e que aquela primavera iria revelar o que estava escondido no escuro e no frio das almas.

Respirou fundo diante da janela. Recebeu a primavera com confiança, depois de ter passado todo o inverno lutando contra o anseio pela bebida, a fortalecer-se na sua solidão. É verdade que alguma coisa sempre aconteceu, mas a primavera chegou como se esperava, cumprindo a promessa de mais uma renovação.

Agora, com uma rosa vermelha na mão.

Entrara na capela, passara entre as paredes de cal, decoradas com tons de laranja e azul-claro, até chegar perto do altar onde fora colocado o caixão branco e onde o teto era mais alto, a fim de evidenciar a sacralização do ambiente.

As vibrações e o estrondo já tinham passado. Malin está de costas para os paroquianos e pensa que não pode ter sido um trovão ou um raio, visto que lá fora o céu está azul e claro, até mesmo sem as pequenas nuvens brancas de costume. O panorama formado pelas árvores e os arbustos demonstra mais uma vez que a terra, depois do longo inverno, está disposta a reafirmar a sua virilidade.

O caule da rosa vermelha foi raspado, está livre de espinhos, pronto para ser empunhado com segurança. Todos os acidentes possíveis evitados, todas as dores possíveis afastadas. Era assim que você queria viver, mamãe. Era esse o seu segredo?

Malin está ao lado do caixão. Nota o silêncio que paira na capela. Escuta até a respiração das pessoas mais próximas.

Não são muitas. A perda da mãe é lamentada pelo pai, por mim e pela sua neta, Tove. Mas será mesmo que nós, Tove e eu, lamentamos o seu falecimento? O fato de eu murmurar essa pergunta, diante do seu caixão, não será uma espécie de blasfêmia?

Não escuto nenhum soluço, ninguém chora. Em contrapartida, noto o cheiro de mofo da capela fechada. Vejo como o sol que penetra através das finas cortinas, aquece todo o ambiente, mas não o momento de luto. Fecho os olhos, revejo na memória o seu rosto, mamãe. As rugas profundas, descendentes, em volta da sua boca. O seu olhar, aquele que jamais foi capaz de encarar o meu.

Eu olho para você, mamãe, antes de me virar e encarar aqueles que estão aqui sentados nos bancos. Desejaria poder dizer que estou triste, que lamento a sua partida, mas não sinto nada.

A chamada surgiu numa manhã chuvosa de sábado, três semanas antes, quando ela estava sozinha no apartamento, cozinhando nabos, uma das terapias a que ela se entrega atualmente para enganar a vontade de beber tequila ou qualquer outra maldita bebida alcoólica.

O pai, na outra ponta da linha, nervoso, emocionado, mas ainda controlado, consciente e lamentoso. Mesmo assim, Malin pôde notar certo tom de alívio na sua voz.

Ele começou a chorar depois das primeiras palavras, mas logo se recompôs e contou que ele e a mãe tinham estado no campo de golfe de Abama, que no terceiro buraco — ou era o quarto? — ela bateu uma bola sobre um abismo lateral e a viu desaparecer nas ondas do Atlântico, que ela ficou de mau humor, mas ainda se

conteve. Na tacada seguinte, a bola fez um slice, desviou-se muito para a direita e foi parar atrás de uns arbustos cerrados, no meio de uma plantação de palmeiras. “Então, eu vi como o seu rosto ficou vermelho. Depois, levou as mãos ao pescoço como se não pudesse mais respirar e caiu na grama recém-cortada. Malin, ela não se mexia e também não respirava. Está entendendo, Malin, o que eu quero dizer, entende?”

Ela compreendeu, sim.

— Pai, onde o senhor está agora?

— No Hospital de Tenerife. Eles a trouxeram para aqui de ambulância.

Ela fez a pergunta apesar de saber a resposta, já ouvira na voz do pai aquele tom especial, um tom que reconhecera na voz de dezenas de parentes a quem dera a notícia da morte, no seu trabalho como detetive da polícia.

— Como é que ela está agora?

— Ela morreu, Malin. Ela já estava morta quando eles a colocaram na ambulância.

Papai.

A sua figura alta e magra, hesitante, solitária, sentada num banco, em alguma sala de espera, num hospital espanhol. A mão que ele passa, inquieto, pela cabeça e por seus cabelos escuros, já um pouco grisalhos.

Malin gostaria de estar com ele, de consolá-lo, e, ao mexer a panela com os tubérculos, em fogo lento, ela chegou à conclusão de que não devia ficar preocupada, com medo, nem sequer triste. Antes, devia encarar a situação como se uma enorme montanha de trabalho estivesse prestes a cair na sua frente. Tinha estado com o telefone em uma das mãos e com a outra, a mexer na panela.

Tove, Janne. O meu ex-marido.

Tenho de contar-lhes. Será que a Tove vai ficar triste? Malin deu uma olhada para o relógio da Ikea na parede da cozinha, viu o seu rosto magro, com algum frescor renascido, refletido no vidro da janela, viu ainda como os seus cabelos louros, tipo chanel, emolduravam as maçãs salientes do rosto e pensou na visita ao cabeleireiro já marcada para a semana seguinte.

— Malin, ela morreu. Entendeu?

— Tem alguém com você aí em casa?

— Malin.

— Quem pode ficar com você, papai?

— Hasse e Kajsa Ekvall já estão a caminho. Podem levar-me para casa.

— Vou fazer uma reserva. Posso chegar aí de avião, amanhã de manhã.

— Não faça isso, Malin. Não faça isso. Eu posso arranjar as coisas por aqui.

Nas palavras do pai, ela notou novamente certo tom de alívio. E, pelo espaço etéreo, sentiu que ele a deixara entrever a possibilidade de um dia poder encarar o seu próprio rosto no espelho, sem mais dúvidas, por saber, enfim, qual era o segredo que os pais sempre haviam mantido no mais profundo de seu ser.

Os presentes ao funeral estão sentados, encolhidos, nos bancos da capela.

Os mais íntimos no primeiro banco.

O corpo da mãe, transportado de avião, chegou de Tenerife.

Malin colocou-se atrás do caixão. Vê o pai chorar, um choro tranquilo, silencioso. Tove, de vestido escuro, delicadamente bonito, com pequenos desenhos de flores brancas, parece estar meio entediada. Ficou decidido que Malin seria a primeira a se aproximar do caixão e que Tove seguiria atrás do avô.

Uma rosa branca na mão de Tove, escolha que ela própria fez. Malin sente um pouco de vergonha ao olhar para a filha de 16 anos. Vergonha por tantas vezes não ter sido uma boa mãe, deixando que o trabalho e, ultimamente, a bebida alcoólica, viessem em primeiro lugar.

Janne está sentado ao lado de Tove, usando um terno azul que lhe cai mal e que ele deve ter comprado, apressadamente, para esta ocasião numa das lojas Dressman. Nos bancos atrás, devem estar umas dez pessoas também de roupas escuras. Mais ou menos, com a idade do pai. Ela se lembra de algumas delas, de Sturefors, pessoas com quem os pais conviviam quando ela ainda era pequena.

Irmãos e irmãs, a mãe não tinha.

Nenhum outro parente.

O caixão era comum, sem decorações. Em volta, algumas coroas de flores vindas de Tenerife. Malin nem sequer conhece os nomes de quem as mandou. Também nem quer saber. Tanto faz.

Malin fecha os olhos.

Na sua mente, surge novamente a imagem da mãe, mas é apenas uma imagem, sem sentimentos, sem humanidade. Ela reabre os olhos, tenta soltar uma lágrima para agradar ao pai, mas, por muito que tente, não consegue.

A pastora, uma mulher de uns 50 anos, sorri suavemente perto de uma das janelas. Acabara de fazer uma oração padrão, dizendo o

quanto a falecida era uma mãe exemplar, com talento para a decoração de interiores e para jogar golfe.

Para manter segredos, Malin gostaria de acrescentar. Sim, ela tinha talento para guardar segredos e manter uma fachada a qualquer preço. Assim como, em especial, para se fazer importante, de modo que ninguém, muito menos eu, se sentisse à sua altura.

Enquanto a pastora falava, Malin teve a sensação de que tudo havia passado da hora, de que a oportunidade fora perdida. De que houvera uma possibilidade de ela e a mãe se sentarem frente a frente e de conversarem como duas pessoas adultas.

Malin teria podido fazer aquela pergunta direta:

— Mamãe, por que a senhora nunca se importou comigo? Ou com Tove?

Ou melhor ainda:

— A senhora alguma vez me amou? Ou nos amou?

Malin coloca a flor sobre o caixão.

Movimenta os lábios. Murmura para a mãe, lá dentro do caixão:

— A senhora alguma vez me amou, minha mãe? Só Deus sabe o quanto eu a amei. Claro que amei.

Quinhentos e quarenta e dois dias.

Esse é o tempo em que Malin se mantinha sóbria. O tempo em que ela e Janne se deram bem. O tempo em que ela conseguiu resistir aos desejos do corpo e da alma pela bebida alcoólica. Por esse tempo todo, incrivelmente longo, nem uma gota de bebida.

Seus colegas na polícia de Linköping, com Zacharias “Zeke” Martinsson e o superintendente Sven Sjöman à frente, recearam que ela tivesse uma recaída ao saber a respeito da mãe, da sua

morte causada por um mal súbito, de que o corpo de Margaretha Fors seria transportado para a Suécia, para o funeral, e que Åke Fors, o pai de Malin, iria vender o apartamento em Tenerife e voltar definitivamente para casa.

A perda da mãe abalaria fortemente qualquer um, consideraram os seus colegas, mas, para uma alcoólatra em recuperação, um acontecimento desses poderia significar a queda das barreiras, uma garrafa novamente aberta, a terminar, no mínimo, em uma incontornável bebedeira ou coisa muito pior.

Mas Malin já lhes tinha dito para não se preocuparem quando lhe foi perguntado como se sentia.

A tristeza, se é que tinha alguma, ela saberia como dominar.

Demonstrou-se que a resolução de problemas práticos passou a ser para ela, antes, uma terapia de trabalho, mantendo a maldita ansiedade a distância: falar com o pai ao telefone, contratar a agência funerária, limpar o apartamento antes de o pai chegar, falar com a pastora... Tinha que se mexer, organizar as coisas.

Uma hora depois de ter recebido a notícia, ao saber pelo telefone que a avó tinha morrido, Tove ficou indiferente como só uma adolescente poderia ficar. Até ela reagiu em termos práticos. Perguntou se as duas iriam viajar para Tenerife. Só então Malin reconheceu um traço de medo na voz da filha.

— Mãe, você não tem nada para beber em casa, não é?

— Água e Coca-Cola, Tove.

— Não falei de brincadeira, não.

— Prometo que não vou beber, Tove.

— Promete, de verdade? Tem que prometer, mãe, sério.

— Prometo, sim — respondeu Malin, compreendendo que a morte da mãe era a oportunidade para ela, como mãe, ganhar de volta a

confiança da filha, a confiança antes perdida.

Sentiu vergonha.

No trabalho, teve satisfação ao resolver casos de violência e de assassinato, à custa da infelicidade de outros. Ela sabia disso. E aceitara a situação. Mas não se sentia bem tirando proveito da morte da própria mãe, como é que ela poderia fazer uma coisa dessas?

Aí retornou a vontade de beber uma dose de tequila.

Dada a extraordinária atração do álcool. Dada a relativa insensibilidade que a bebedeira proporcionava. O desejo podia chegar a qualquer hora, sempre sem avisar. Ela ainda tentou encontrar uma lógica nos ataques, uma estrutura, para que dessa maneira pudesse evitar certas situações que a tornavam sedenta, mas chegou à conclusão de que não havia lógica nenhuma.

Uma doença. Um parasita. Um vírus incontrolável que ataca depois de uma situação prazerosa ou por capricho da natureza. Era preciso aprender a conviver com isso como se fosse uma deficiência invisível.

Mas, então, diante do cozido de nabos, depois da conversa com o pai e com Tove, a vontade de beber ficou mais forte do que nunca. Entretanto, Malin fez como já tinha feito outras vezes. Expôs-se a uma dor. Enfiou os dedos de uma das mãos no cozido de nabos, já fervente, borbulhante. Sentiu o calor, como doeu, mas não chegou a queimar a pele.

O rosto de Tove está próximo do de Malin, ambas sentadas em um banco da capela. Sua pele está completamente lisa, livre das borbulhas e pústulas que quase todas as adolescentes de 16 anos

têm. Tove toca com os dedos na rosa e mãe e filha entreolham-se rapidamente, mas não sabem, ao certo, o que querem dizer com seus olhares.

Na frente, está deitada no caixão a avó de uma e a mãe de outra. Próxima, a figura do avô e pai, em terno escuro. Elas veem-no virar-se, parar, respirar, chorar. Depois, murmurar qualquer coisa e pousar uma rosa vermelha no caixão, antes de voltar para o seu lugar.

Malin e Tove olham uma para a outra, imaginando o que deviam fazer naquele momento.

Enfim, Tove toma a decisão de se dirigir ao caixão e, sem tentar forçar as lágrimas, coloca a sua rosa dentro dele.

Tove nada reza, nada diz, apenas volta para o seu lugar. Malin desvia o olhar para o pai, olha depois de novo para Tove, deseja poder adivinhar seus pensamentos, mas vê a aproximação de Janne até o caixão com movimentos lentos, rituais, como se tudo o que acontecesse naquele momento na Capela da Ressurreição, naquele dia de primavera, fizesse parte de um espetáculo a representar até o final.

Tomara que isto termine logo, pensa Tove, fechando os olhos. Não aguenta ver todas aquelas pessoas idosas que não conhece, uma após a outra, aproximar-se do caixão e murmurar palavras que ninguém consegue ouvir.

— Adeus — diz uma delas, em alto e bom som. Tove estremece e abre os olhos. De viés, olha para o avô que continua a chorar. Tem pena, sempre gostou dele. Mas e da avó? Tove nunca chegou a conhecê-la e quando nunca se conhece alguém não se pode sentir

tristeza por essa pessoa. Nem mesmo a sua mãe parecia estar realmente triste, embora Tove notasse o quanto ela se esforçava por demonstrar tristeza.

Uma tentativa apenas de demonstrar sentimentos.

Todos os que ela conhecia faziam exatamente isso.

Tove pensa na carta que espera receber. Não contou nada para ninguém, nem teve coragem de contar à mãe. Foi feio e errado falsificar a assinatura dela no documento.

Mas pode dar certo.

Será que ela vai ficar feliz?

Não.

Não é certo. Muito longe de estar certo.

A mãe poderá ter um ataque.

Tove não pôde conter um sorriso ao pensar na carta que talvez chegue. Claro que não se podia sorrir naquele lugar e naquele momento. Embora não existisse nenhuma exigência absoluta para que as pessoas chorassem, também não era admissível que sorrissem.

A leitura de um salmo repercute na capela. Sons de um órgão que tentam afastar o cheiro de mofo, que tentam adornar a luz do dia com um calor que lhe falta.

Na última vez que esteve naquele lugar, Malin assistiu ao funeral de uma vítima de um crime, um homem gordo, solitário, que o mundo parecia ter abandonado desde criança.

No momento, Malin já estava caminhando em direção à saída da capela, ao lado do pai, que fazia acenos de despedida para alguns dos presentes.

Malin repetia os gestos.

Acha que era assim mesmo que devia ser feito.

Até que a porta da capela se abre. E, de repente, na contraluz, sobressaem os contornos da figura escura do pai, que parece estar rodeado por duas meninas, a flutuar no ar, com asas de anjos.

Os seus rostos estão brancos, cheios de medo.

O medo expresso nelas é tão forte que Malin chega a sentir vontade de correr em frente, de abraçá-las no ar e de ficar com elas no colo, bem junto de si.

Malin pisca.

Apenas o pai está lá, assim que os olhos se habituam à luz do dia. Apenas o pai e o cheiro de um terror difuso.

3

MALIN E A MÃE, AO LONGO DOS ANOS

Minha mãe, quando é que eu a perdi?

Naquela vez em que você desapareceu? Que ficou longe quando eu ainda era pequena? Ou não? E para onde é que você foi?

Para o planeta Cada Um Por Si. Eu me aproximei de você. Claro que permitiu que eu me sentasse no seu colo, mas nunca mais do que talvez cinco minutos. Logo tinha outra coisa para fazer. Eu era pesada demais, quente demais. Ficava no seu caminho demais. Como é que uma mãe pode pensar que a sua filha fica demais no seu caminho?

Por isso, eu virava as costas, saía do caminho.

Corria para o pai, aquele que me acompanhava para os jogos ao ar livre, me levava para as partidas de futebol, cuidava para que eu fosse cortar o cabelo. Não era assim que acontecia?

E você, meu pai, era você que cuidava de mim, não é verdade? E cuidava bem, não é?

Lembro-me de uma vez em que fiquei no meu quarto, em Sturefors, à espera que você, minha mãe, viesse me perguntar

como eu estava. Ou dissesse alguma coisa bonita. Ou fizesse algum carinho.

Mas você nunca veio.

Na sua falta, eu ficava deitada na cama, de olhar fixo no teto do quarto, sem conseguir adormecer.

Numa noite de trovoada, eu fui até a sua cama, enfiei-me ao seu lado. Tinha 5 anos.

Você acendeu o abajur na mesa de cabeceira.

O pai dormia ao seu lado.

Você olhou para mim.

— Fica aqui ao meu lado. — Está com medo dos trovões?

Depois, apagou a luz e eu senti o calor do seu corpo por baixo do lençol em contato com o meu. Logo caí no sono. Como se tivesse entrado numa nave de calor protetor.

Quando acordei pela manhã, você já tinha se levantado. Fui encontrá-la na cozinha.

Sonolenta, com olheiras.

— Esta noite não dormi — você disse. — Por sua causa, Malin.

Nunca mais voltei a sentir o calor do seu corpo por baixo do lençol.

Você raramente ficava zangada, minha mãe.

Mas era como se você não existisse, apesar de estar em casa. Você decidia o que eu devia vestir, queria decidir sobre isso de qualquer maneira. Tentava me tornar mais feminina, porque isso era o que as meninas deviam ser. Eu odiava as saias que tentava me obrigar a usar. Assim como os vestidos.

Eu tentava me impor. Você tentava fazer com que eu me sentisse pequena no mundo e reconhecesse qual era o meu lugar.

Você não é assim tão inteligente, Malin.

Encontre alguém que tenha dinheiro.

Talvez devesse se tornar uma professora na pré-escola. Uma profissão que cairia bem a você. Faça o seu melhor.

Encontre alguém com um bom nome de família.

Torne-se uma parte do meu próprio insucesso, da minha incapacidade em aceitar a situação em que me encontro, daquilo em que eu me tornei.

Você odiava a realidade, minha mãe.

Odiava-me? Porque eu era uma lembrança viva da sua própria realidade.

Quando chegava em casa com as minhas notas, as suas palavras, ditas num tom de voz revelador dos seus ressentimentos.

Está seduzindo os professores?

Quando Tove chegou, você amaldiçoou o meu descuido. Como é que podia ter ficado grávida? Tão jovem? Você disse que eu, que nós, não éramos bem-vindas. Que sentia vergonha diante de todos os seus conhecidos e conhecidas porque eu não soubera fechar as pernas.

Tove.

Você nunca nem olhou para ela. Nunca a segurou no colo. Decidiu que ela era uma vergonha apenas porque a minha menina nunca esteve nos seus planos, nem se encaixava na imagem perfeita que fazia de si própria e da vida que tentava pintar para si.

Mas ninguém se importava com essa sua imagem, minha mãe.

Eu me importava era com você.

Queria ter o seu amor, mas, como não tive esse amor durante a minha infância, talvez não o tenha desejado quando adulta. De qualquer forma, amor foi uma coisa que nunca quis me dar.

Amor foi uma coisa que, da sua parte, nunca houve. Ou houve?

Do que é que tinha medo, minha mãe? Deus sabe o quanto eu precisei de você quando fui para Academia de Polícia e fiquei só com Tove.

O pai vinha de vez em quando a Estocolmo para me ver.

Mas você, não. Recusava-se.

As mulheres não devem ser policiais.

A distância só aumentou com o passar dos anos. A falta de amor acabou por se aprofundar. Fui obrigada a esquecer você, minha mãe. Para mim, era como se não existisse.

Hoje, sinto a falta da mãe que nunca tive, mas também não consigo lamentar a falta da que tive.

Será que isso me torna uma pessoa má?

4

Um cheiro acre de queimado no ar, certamente de alguma explosão, paira na atmosfera primaveril, ensolarada, tornando-a desagradável.

Malin segue os passos do pai ao longo do caminho de pedras que dá acesso à capela. Estão de saída. Ela gostaria de passar o braço pelo ombro dele, de abraçá-lo, mas nota que ele preferia, certamente, estar em qualquer outro lugar.

O vento sopra e balança a copa de um carvalho cujos ramos ainda guardam no interior a roupagem verde mais extrema. Eu tinha razão, pensa Malin, até mesmo os ramos mais sem vida durante o inverno já estão vibrando com a força do sol da primavera que acaba de chegar. O mesmo acontece com todas as árvores da cidade.

A pastora sorri, aperta a mão do pai, murmura qualquer coisa que Malin não consegue escutar. Depois, Malin pega a mão dele e sente os dedos longos e macios de Tove, na sua outra mão, apertando bem a sua. Janne esgueirou-se antes e já se encontra junto do seu carro novo, um Jaguar prateado antigo que ele restaurou. Parece

querer acender um cigarro, apesar de Malin saber que ele nunca fumou em toda a sua vida.

O pai, então, se solta. Dá alguns passos para o lado e espera a passagem dos amigos, agradecendo a sua presença e apertando a mão de cada um deles.

“Obrigado por ter vindo.”

“O café será servido na nossa casa, na rua Barnhemsgatan.”

“Espero que possa ir.”

Não se pode dizer que os que compareceram ao funeral da mãe sejam de idade avançada, mas já não estão muito longe disso. Certamente, estão felizes por ainda não serem eles a estarem deitados naquele caixão.

No momento em que uma andorinha tenta caçar um inseto no telhado de cobre da capela, Malin olha e lembra-se dos colegas no departamento de investigações da polícia de Linköping. Uma mulher forte, de cabelos ruivos, apresenta os seus pêsames em nome de Sven Sjöman, o chefe do departamento, 72 anos de idade, que durante o último ano ganhou todos os quilos que perdera no ano anterior e, de novo, geme a cada pequeno esforço que faz. O gemido de Sven faz Malin acreditar que, a qualquer momento, ele vai seguir pelo mesmo caminho da mãe dela.

Um homem idoso e careca apresenta-se em nome de Johan Jakobsson, o exausto, bom e dedicado pai de duas crianças menores que parece viver feliz em uma casa geminada. Um cavalheiro bronzeado veio em nome de Börje Svärd, que rapou o seu vasto bigode, assim que a sua mulher, Anna, faleceu de esclerose múltipla há cerca de um ano. Börje ainda não encontrou outra mulher. Atualmente, dedica-se inteiramente aos seus

cachorros, aos torneios de tiro de pistola e ao trabalho de investigador policial.

O louco Waldemar Eckenberg, forte, avantajado e virulento, detetive vindo de uma cidade vizinha, Mjölby, foi representado por uma mulher baixa, de pele seca, estragada pelo fumo, com uma voz aguda e decidida:

— Lamento muito, mas, infelizmente, não posso ir à recepção. Ela era uma pessoa muito fina.

O colega mais próximo de Malin, o detetive Zeke, está aqui e se apresenta carinhosamente, de nariz fino e olhar atento, não muito diferente do verdadeiro Zeke, aquele de cabeça rapada, olhar frio, direto, com uma fraqueza amorosa pela perita Karin Johannison, embora ambos sejam casados com outras pessoas.

E assim acabou o desfile dos presentes ao funeral da mãe de Malin.

Todos vão em direção aos seus respectivos carros. Nenhum se parece com Karim Akbar, o curdo com quase 40 anos, chefe da polícia de Linköping. Karim acaba de sair da um divórcio, terminou o seu livro, no qual debate o problema da xenofobia na Suécia e no mundo, e aparece nos jornais e na televisão com ternos impecáveis e cabelos muito bem cortados e penteados com esmero. Encontrou uma nova mulher, uma promotora de justiça que Malin não aguenta ver nem a distância. A promotora é covarde, uma autêntica carreirista que não autoriza a polícia a ouvir eventuais acusados de pedofilia.

Brincadeira, pensa Malin depois. A minha mãe está morta, aqui fica o seu túmulo, e tudo o que eu faço é brincar com as minhas ideias.

Tove está ao lado do pai, Janne, perto do Jaguar.

Janne e Malin continuam se falando por causa da filha.

Malin não diz nada sobre nada, sempre que se encontra com ele. É melhor que seja assim. É melhor manter longe o rancor, a amargura e a solidão por meio do silêncio. Não dizer nada é preciso.

A nossa conversa gira em volta de Tove. Coisas que têm de comprar para ela, quem tem de pagar o quê, como e onde a filha deve passar o tempo livre e as férias escolares.

Será que ele já está com outra mulher?

Malin ainda não notou nada, não viu nada, nem ouviu nada. Ela costuma ter um bom faro para essas coisas. Tove também não deu a entender que houvesse outra mulher frequentando a casa que fica no meio de um bosque, no caminho para Malmslätt, nos arredores de Linköping.

Malin passa o braço pelo do pai, os dois se dirigem para o estacionamento e ela pergunta:

— Irão muitas pessoas para o café?

— Todos menos Dagny Björkqvist, pois teve que ir a outro funeral em Skärblacka.

Skärblacka.

O lugar onde está situado o maior incinerador de lixo da planície Östgötaslätten. Às vezes, o odor de Skärblacka estende-se como uma nuvem malcheirosa por cima de Linköping.

Nada de nuvem de Skärblacka hoje, graças a Deus.

Apenas um cheiro estranho de algo queimado, como se fosse de uma explosão. Malin, por receio, não quer nem pensar, mas acha que cheira a carne queimada.

Será que este cheiro vem da minha mãe?

Os corpos dos mortos são queimados aqui, numa instalação ligada à capela por uma galeria. Mas como podem ter sido tão

rápidos, a ponto de minha mãe já estar sendo queimada? Que o seu corpo já esteja envolto em chamas? Como pode o cheiro da carne queimada da mãe se espalhar assim, invisivelmente, pela atmosfera?

Mas não.

Não dá para cobrir tão rápido a distância da capela para o crematório.

O caixão ainda deve estar na capela. De repente, Malin sente até vontade de voltar até lá, abrir o caixão, acariciar as faces da mãe e fazer uma despedida final. Mamãe, eu te perdoo, seja pelo que for que tenha acontecido.

Mas ela fica no estacionamento com o pai.

Ver a saída dos carros, um atrás do outro, acabou afastando da sua mente a imagem do caixão. Opta por ligar o novo celular, com um visor bem maior, que ela conseguiu obter, por persistência, de Karim Akbar. O único investimento em equipamento do ano feito pela polícia de Linköping. Verificou se havia eventuais chamadas perdidas. Assim que o aparelho ligou, começou a tocar.

Era o número de Sven Sjöman no visor.

Ele.

Agora?

Ele sabe que estou no funeral, portanto, alguma coisa de gravíssimo deve ter acontecido. Malin sente o muito conhecido formigar, a excitação que sempre reconhece, pressente e quase esperava que acontecesse, uma nova investigação, grande e importante, a realizar, estava se iniciando. Depois, chega a vergonha, desta vez em dobro, por ela sentir a alegria do trabalho como uma liberação naquele momento e daquela maneira.

Quem foi a vítima desta vez?

Uns bêbados que acabaram se matando?

Um roubo espetacular?

Algumas crianças?

Meninas agora transformadas em anjos?

Meu Deus, tomara que não sejam crianças que estão sofrendo. É difícil ficar insensível quando a violência e a maldade são praticadas contra crianças.

— Malin.

— Malin?

Sven parece aborrecido, quase confuso. Mas logo se controla.

— Sei que estou telefonando na hora errada, mas aconteceu uma coisa verdadeiramente diabólica. Alguém explodiu uma bomba na Grande Praça de Linköping, a Storatorget. Uma explosão enorme. Muitos feridos, alguns muito graves. Talvez haja mortos. Um verdadeiro caos e...

Ela escuta as palavras de Sven Sjöman, mas não entende. O que ele está dizendo? Realmente, o que ele diz? Ela entende, mas não entende. E escuta a sua própria voz:

— Estou a caminho!

O pai olha para ela, a escuta e já sabe que ela está de partida para qualquer outro lugar. Está com medo, mas faz um aceno calmo, ao lado do seu antigo Volvo preto. É como se ele dissesse: “Eu resolvo tudo”. Mas no seu olhar existe também algo mais, algo que perseguia havia tempos, um sentimento diferente de alívio, que Malin ainda não conseguiu entender, mas sente que é importante.

— Vá diretamente para a praça — disse Sven.

— Estarei lá dentro de cinco minutos. Ou talvez dez — respondeu Malin.

Ela desliga logo, arruma seu vestido longo e corre em direção de Janne e Tove.

Janne parece preocupado, olha para ela e aguarda a sua chegada, com a testa franzida, vê como ela tem dificuldade em avançar rapidamente, por causa do vestido.

Deve tê-la visto, também, falando em seu novo celular. Sabia que era algo relacionado ao trabalho.

Preciso de um bombeiro agora na praça, e essa pessoa é Janne.

— Como estará a situação por lá? — pergunta ele.

— Em estado de guerra — responde Malin.

Com membros de pessoas cortados, com sangue esparramado e gritos. Janne conhece situações como essa. Ruanda, Bósnia, Sudão. Não existe um lugar onde há ou houve situações, ultimamente, de crise e confronto humano, em que ele não tenha estado para demonstrar compaixão.

— Nós temos de partir, você e eu — diz ela, enquanto puxa o braço dele e explica-lhe o que aconteceu.

Tove, de olhos bem abertos, com o rosto limpo de adolescente, diz:

— Vão, vão embora. Eu tomo conta do vovô e cuido do café. Vão embora, isso é mais importante.

— Obrigada — responde Malin, dando as costas para a filha, coisa que fez com a sensação de já ter feito isso mil vezes, vezes demais.

O avô se aproximou.

— Pai, o telefonema foi do trabalho, aconteceu uma coisa horrorosa, tenho que ir embora.

— Então, vá — responde ele, sem hesitar. — O café, afinal, não vai ser um acontecimento divertido, tenho certeza disso.

Ele não pergunta o que aconteceu, nem parece interessado.

No minuto seguinte, Malin já está sentada no seu novo carro de serviço, um Golf branco, com Janne a seu lado.

O pai e Tove seguem para a recepção de Jaguar.

Os raios do sol da primavera fizeram com que aumentasse o calor dentro do carro. Era como se estivessem num *bunker* no deserto. Pelo retrovisor, Malin vê o pai e Tove ainda no estacionamento. Estão abraçados, mas Malin não consegue perceber se choram ou não. Acha que não. Fica convencida apenas que os dois se amparam mutuamente para completar o que deve ser feito no resto do dia e se inspirar no cumprimento adequado dos respectivos futuros.

Janne respira fundo, limpa a garganta antes de dizer:

— Já vi o que as explosões podem fazer com corpos, Malin. Prepare-se para o pior.

5

Duas pombas brancas bicam alguma coisa que Malin acha ser um pedaço de carne. Deve ser carne humana, não? Carne de um corpo despedaçado, como se dentes afiados o tivessem feito em pedaços.

As pedras do chão na Grande Praça estão cheias de poeira e de lixo, formado principalmente de pedaços de madeira. Um cartaz já sujo com a palavra “saldos” escrita à mão com uma caneta de cor alaranjada voa em volta dela, junto com centenas de pétalas de tulipas avermelhadas.

Serão realmente pedaços de carne ali na frente?

Malin dirige-se para o lugar onde está a tal coisa, talvez a uns dez metros diante da farmácia. Levanta os braços, agita-os, quer que os pombos fujam, que deixem de bicar aquilo.

Parece que...

Não, espero que não seja...

Não, não, não!

A saia do seu vestido preto levanta, levada por uma rajada de vento. Lentamente, ela continua na direção daquilo que não quer ver.

Malin e Janne estacionaram perto do *pub* Hamlet. Da rua Storgatan, não se via nada da devastação. Também não se via ninguém. Quando eles abriram as portas do carro, havia apenas um grande silêncio. Logo começaram a correr em direção à praça e à esperada destruição.

Talvez a conversa com Sven Sjöman tenha sido apenas um sonho. Talvez não tenha acontecido nenhuma explosão. Talvez nem tenha havido bomba nenhuma, mas apenas uma tubulação de gás que rompeu. Se bem que há muito tempo não se usa gás em Linköping.

Aproximavam-se da praça.

Diminuíram o ritmo da corrida, como se quisessem diminuir as batidas do coração, endurecer os sentidos, preparar-se, assumir as personalidades profissionais.

O chão diante da sapataria e da banca de jornais e revistas estava coberto de estilhaços de vidro das janelas e das vitrines explodidas. O mau cheiro de carne e cabelos queimados era notório, mas ela não ouvia nem gritos, nem choros.

Viraram a esquina da galeria e viram, então, a praça.

Ao ver a devastação, Malin quase desmaiou. Foi obrigada a parar e a respirar fundo, enquanto Janne continuava a correr em direção às ambulâncias e aos caminhões dos bombeiros que haviam estacionado junto do restaurante Mörners Inn e do Grande Hotel.

Os bombeiros e o pessoal das ambulâncias trabalhavam em volta de pessoas deitadas cujos corpos cobriam com cobertores metálicos, reluzentes, e em cujas cabeças, que sangravam, eles colocavam compressas e ataduras que mal estancavam o sangue que escorria. Vários dos feridos falavam pelo celular.

Certamente, com os seus familiares. A própria Malin sentiu uma estranha vontade de ligar para Tove, apesar de ambas terem se despedido momentos antes.

Por toda a parte, estilhaços de vidros, lixo e poeira. O pequeno quiosque de flores estava totalmente virado, de cabeça para baixo, tulipas espalhadas por todo o lugar. Um *greyhound* branco parecia perdido, com as patas sangrando. Havia pombos brancos sobrevoando a cena. Voavam baixo para a frente e para trás, parecendo se espelhar nos cacos de vidro pelo chão. Todas as janelas do hotel, talvez umas cinquenta, que davam para a praça estavam quebradas e os vidros estilhaçados no asfalto, espatifados em milhões de pedaços cortantes. No piso térreo, o restaurante e o bar estavam desertos e escancarados por causa da força do vento. Era como se Deus tivesse descido à terra e declarado para todos que havia chegado o dia do Juízo Final.

Malin fechou os olhos.

Sentiu de novo o mau cheiro de carne e tecidos queimados.

Olhou e viu os policiais fardados que esticavam as faixas de isolamento em volta do local.

Tentou acostumar-se e compreender o que estava vendo, tentou fazer com que seus olhos se acostumassem à forte luz do sol primaveril, o que fazia com que as pessoas na praça parecessem mortas, sem vida, com a cor da pele tão branca que, por contraste, tornava o sangue esparramado pelas pedras da praça ainda mais vermelho.

O velho do carrinho de cachorros-quentes.

O guarda-sol do carrinho não era mais do que um espeto desnudado de aço. As panelas estavam jogadas no chão de pedra, e as salsichas, espalhadas por toda a parte.

Os guarda-sóis dos cafés tinham sido levados pelos ares, como se uma boca gigantesca vinda do céu tivesse sugado todo o ar e, depois, lançado vidros quebrados por cima daqueles habitantes de Linköping que gozavam o calor do excelente dia primaveril, na maior praça da cidade.

Havia duas viaturas da polícia perto do antigo edifício da Câmara Municipal e um enorme buraco negro e malcheiroso perto do caixa eletrônico do SEB. Nem sequer um pedaço de dinheiro espalhado pela praça. Todas as notas devem ter sido engolidas pelo calor do centro da explosão.

Será que aquele era o resultado do estouro de um caixa eletrônico? De um assalto que deu errado?

Não.

Há muitos e muitos anos que não havia notícia de um único estouro de caixa automático no país. Aqueles que queriam roubar dinheiro dos caixas faziam-no por meio de transferências ilegais ou cópias de cartões e senhas.

A bomba foi forte demais, pensou Malin. Mas será que foi mesmo um assalto que deu errado?

As câmeras de vigilância por cima do caixa pareciam espantosamente intactas. As vitrines do banco tinham ido pelos ares e as molduras de aço que envolviam o visor deviam ter derretido com a explosão.

Bicicletas jogadas, pneus estraçalhados.

Sven? Zeke? Börje? Johan? Waldemar?

Malin esfregou os olhos, não conseguia ver nenhum dos colegas, mas sabia que eles deviam estar em algum lugar no meio do silencioso caos.

Dentro do banco, ninguém. Só silêncio. Um monte de curiosos na esquina, perto do café e da galeria de arte Passagen. No edifício, ao lado, outro caixa eletrônico, do Handelsbanken, sem um arranhão.

Por quê? Por não ser acusado de ter responsabilidade pela crise financeira, ao contrário do SEB? Por terem se comportado bem? Malin pensou em Annika Falkengren,** diretora-executiva do SEB, que ganhou vinte milhões de coroas no mesmo ano em que a crise surgiu e ainda pensou em aumentar o seu salário-base, cuja liderança contribuiu para jogar pessoas na ruína, enquanto ela não cansava de se gratificar, sem constrangimento.

Uma vampira aperfeiçoada por plásticas sucessivas e que fica sugando champanhe de primeira linha em sua mansão, na ilha chique de Djursholm, no centro de Estocolmo.

Certamente, alguém teria razões de sobra para mandá-la pelos ares. Por aquilo que tem feito e é da sua responsabilidade.

Nos últimos anos e por várias vezes, Malin sentiu vontade de vomitar diante da ganância dos diretores dos bancos. E ela não é a única. Esses diretores deviam ser obrigados a pedir esmola nas ruas, como hoje tantas pessoas são obrigadas a fazer.

Aliás, esses curiosos podem ficar onde estão? Tão perto do banco?

E pensar que isto pode ter sido um ataque terrorista. Pensar que pode explodir uma nova bomba.

Um carrinho de criança virado de rodas para o ar.

O que será preciso para me derrubar?, pensa Malin, ao ver os pombos bicando outros pedaços de carne que, absolutamente, ela não quer nem pensar de onde vêm.

Alguns bombeiros que ela não reconhece estão colocando baldes de plástico sobre outros pedaços de carne de seres humanos. Um

pé. Um pequeno pé. Um olho, um rosto. Afinal, o que realmente aconteceu aqui? O que é isto aqui? Dois rostos massacrados. Nãããooo!

O *greyhound* late.

Sacode as patas ensanguentadas, com estilhaços de vidro. O sangue do cachorro espalha-se pelos pedaços de vidro e pelas pedras do chão. Malin vê a figura avantajada de Börje Svärd pegando a coleira do cão, agachando-se e puxando-o para junto do seu corpo, acalmando-o com afagos.

Mal-estar.

Sede.

O Hamlet está aberto? Uma cerveja e uma dose de tequila, agora, iam cair muito bem. E aqueles pombos têm que parar de bicar. Lá estão eles novamente.

Perto da entrada do hotel, estão colocando uma maca na ambulância. O ferido recebe soro. Ao lado, o médico que é conhecido de Malin, usa um pulôver azul já manchado de sangue.

Os pombos.

Ela aproxima-se novamente.

Cabeça fria, agora, Malin. Mantenha a calma. Concentre-se. Vê Janne, que usa um casacão do tipo Gore-Tex para proteger o seu terno novo. Age com calma e metodicamente ao tomar conta de dois estudantes feridos com quem ainda ninguém teve tempo de se preocupar. Trata cuidadosamente das pequenas feridas que eles apresentavam nos braços, fala com eles. Malin observa os movimentos da boca de Janne. Embora não consiga ouvir o que ele diz, sabe que a sua ação é totalmente profissional, uma verdadeira rocha humana oferecendo segurança e calor que acabam com

qualquer estado de choque. De novo, ela sente vontade de fugir para o *pub*, o Hamlet.

Mas resiste.

Os pombos.

Continuam a bicar a carne, a pele, os cabelos, os cabelos das crianças. Malin corre na sua direção. De braços bem abertos, imitando as asas de um gavião.

De maneira imprópria.

Ela grita xô, xô, e os pombos fogem, levantam voo e misturam-se com as andorinhas que voam baixo, em voo rasante.

Malin chega ao lugar onde os pombos estavam bicando.

Ajoelha-se.

Arruma o vestido preto.

Sente as contrações no estômago, mas consegue conter os refluxos e o vômito.

Uma face cortada. A bonita face de uma criança cortada, da bochecha até o queixo, por uma força extraordinária, destruidora.

Um olho ainda no lugar, precisamente onde devia estar, acima da bochecha, como se ainda pudesse ver.

Um olho castanho, pequeno, bem aberto, como se estivesse encarando Malin, como se quisesse lhe dizer algo, lhe pedir alguma coisa.

Malin chega a desviar o olhar.

Chama o bombeiro dos baldes de plástico amarelo:

— Aqui, por favor. Cubra isto aqui.

Está me vendo, Malin Fors, ou é minha irmã gêmea?

Não sei, não me atrevo sequer a olhar, a ver os restos daquilo que eu fui, que nós fomos, eu e a minha irmã.

Fizemos 6 anos de idade, Malin.

Seis anos.

Que vida tão curta, não é?

Queríamos viver mais.

Talvez possa nos dar mais vida, Malin. Ou o nosso pai, onde é que ele está? Por que ele não está aqui? Devia estar. E nós queremos que ele venha e esteja aqui por perto, porque a nossa mamãe foi embora na ambulância. Está quase aqui conosco, não é verdade?

Aqui , onde mora a solidão, está muito escuro. O cachorro branco, ensanguentado, andando de um lado para o outro, é uma visão horrível. Afaste o cachorro, Malin, mande-o embora.

No momento, já atravessa a praça, não aguentou mais ver a face e o olho. Os estilhaços de vidro estalam por baixo dos seus sapatos finos. Está pensando: quantas pessoas morreram? Duas crianças? Duas meninas? Ou morreram mais pessoas?

Nós já sabemos de tudo, Malin, até do que você pensa, apesar de termos apenas 6 anos. De repente, sabemos de tudo. E sabemos falar bem. E com toda essa capacidade e sabedoria, chegamos à conclusão de que não sabemos de nada, uma conclusão que nos preocupa, que nos mete medo, tanto medo que até você poderá ouvir o nosso medo atravessar a atmosfera como o som de quem assobia para um cachorro: existe, mas, ao mesmo tempo, não existe.

Sven Sjöman e Zeke estão perto de um carro preto, em frente do Mörners Inn. Você está se aproximando deles, Malin.

Também está com medo, não é verdade? Com medo de para onde esta explosão possa levá-la. Com medo dos desejos, da

vontade de alcançar uma definição dentro de si mesma, de uma evolução pessoal que a nossa morte tão rápida e violenta possa ter provocado.

Porque isso poderá mudar tudo o que sabe a respeito da maldade humana.

Apenas seis anos, Malin.

Foi o que vivemos.

Então, fomos arrasadas. E você sabe que nós podemos acabar com você.

E é por isso que nos ama, não é verdade? Porque somos nós que podemos lhe dar paz, a mesma paz que poderá nos dar.

Sven Sjöman encosta-se no carro, a pintura negra reflete com destaque o seu perfil e as rugas profundas que percorrem sua testa, além dos traços de uma expressão determinada e inquebrantável no seu rosto.

Em contraste com a tranquilidade aparente que os rodeia, todos estão muito agitados.

Zeke chegara há pouco. Acenou para Malin da maneira que ela sabia significar: “Olá, colega, está na hora de voltar a trabalhar”. Malin olhou para ele e pensou: “O que é que eu faria sem você, Zeke? Como poderia resolver este problema se acontecesse alguma coisa com você?”.

Zeke parece aspirar todos os odores que flutuam na praça e deixa que seus olhos verdes pairem por toda a área, prontos para receber quaisquer sensações.

— Dois mortos, pelo menos — diz Malin. — Duas criancinhas.

Zeke balança a cabeça, fecha os olhos.

— Tem uma mulher muito ferida — diz Sven.

— E outros feridos? Quantos? — pergunta Malin.

— Talvez uns trinta — responde Sven. — Sem gravidade. Arranhões. Na maioria dos casos, parece pior do que realmente é.

— Mas já é bastante ruim — diz Zeke. — Portanto, duas crianças. Com que idade?

— Ainda não sabemos — responde Malin. — Mas, pelo que vi, trata-se de duas crianças. Karin e sua equipe acabam de chegar e já estão em campo para apurar os fatos.

Pelo canto dos olhos, Malin observa a bonita perita criminalista Karin Johannison avançando na direção dos baldes amarelos, que cobrem pedaços do rosto e do corpo de crianças.

— Existe algum risco de uma segunda explosão? — pergunta Malin depois. — É o que costuma acontecer quando se trata de um atentado terrorista. Primeiro, uma explosão. Depois, outra, quando as pessoas começam a correr em pânico em determinada direção.

— Foi o que aconteceu em Kuta, em Bali — acrescenta Zeke.

— Precisamos tirar os curiosos daqui — diz Sven. — E aumentar a área de isolamento, deixar que os cachorros farejem o lugar, levar os feridos. Ouvir todos os que podem ter visto alguma coisa.

— Eu acho que não deve haver uma segunda bomba — comenta Malin. — Se houvesse, já teria explodido.

— Já sabemos que se trata de uma bomba? — É Zeke que põe a questão. — Será que não foi qualquer outra coisa?

— Porra, que coisa poderá ter sido? — pergunta Sven. Malin nota que há mais de dez anos não ouvia o chefe soltar um palavrão. Se é que o ouviu falar assim alguma vez. Nota ainda que a cólera transparece um pouco no seu olhar. Em breve, estará com 35 anos de serviço na polícia. Já deve ter visto e ouvido de tudo. Mas, agora,

isto aqui: uma forte explosão, uma bomba que explode em pleno dia, na maior praça da cidade. Por onde começar, aonde chegar? Como proteger os habitantes da cidade? Como proteger-se? Como proteger os colegas enquanto fazem o que deve ser feito? Será que isto aqui é algo muito maior do que eles serão capazes de resolver?

— Uma explosão de gás — prossegue Zeke, calmamente.

— Já não se usa gás aqui em Linköping há mais de dez anos.

— Será que foi uma tentativa de explodir o caixa eletrônico? — insiste Zeke. — Uma tentativa de roubo fracassada?

— Que raio de roubo feito com uma bomba tão potente? — pergunta Sven. — Mas, é claro, existem incompetentes por toda a parte, em todas as funções. De qualquer forma, já entrei no banco. Não houve nenhuma tentativa de roubo antes da explosão, mas os funcionários estavam todos alarmados. Vamos ter de ouvi-los assim que for possível.

— Isto aqui é algo diferente — diz Malin. — Disso nós três sabemos.

— Algum tipo de ameaça?

— Não contra nós — acha Sven Sjöman.

Um Mercedes aproxima-se e passa pelas barreiras, autorizado por policiais fardados. Para junto ao cinema, na rua Ågatan.

Do carro sai Karim Akbar, chefe da polícia de Linköping. Está vestido com um terno escuro, com riscas brancas, e uma camisa rosa bem engomada.

Malin dá uma nova olhada pela praça e descobre algo que não vira antes. Daniel Högfeldt, do jornal *Östgöta Correspondenten* — o popular Corren —, e outros jornalistas movimentam-se entre os levemente feridos que ainda se encontram na área isolada.

— Não há alguém que os ponha daqui para fora?

Como um murmúrio, ela escuta as perguntas que os jornalistas fazem, assim como os cliques das máquinas fotográficas. Vê também as luzes vermelhas acesas das câmeras de filmagem. Depois, a voz de Karim Akbar:

— Isto aqui vai ser a maior notícia de que participamos. A invasão da imprensa já começou.

Malin reage, quer dar uma bofetada na boca dele, quer gritar: “Há crianças mortas aqui, feitas em pequenos pedaços. E você só pensa na imprensa!”.

— Karim — diz Sven, calmamente. — É muito provável que uma bomba tenha sido detonada aqui nesta praça. É muito provável que as duas vítimas sejam crianças e há uma mulher gravemente ferida. Há também muitos outros feridos. Este é o nosso problema principal. Não a imprensa.

Karim franze as sobrancelhas.

— Não foi o que eu quis dizer. Há perigo de novas explosões? De fato, isto aqui pode ser um atentado terrorista de dimensão internacional.

— Essa hipótese sempre existe em situações como esta — comenta Malin.

— Tratem de afastar o povo da praça — continua Karim. — E já.

Com essa ordem, ele se afasta e avança na direção de um monte de policiais fardados, membros de uma patrulha que acaba de chegar num veículo.

— Escutem aqui! — grita Karim para eles.

— Afinal, do que se trata isto aqui? — pergunta Sven Sjöman, depois, em voz baixa, enquanto encolhe a barriga. — Malin, o que acha?

Malin balança a cabeça negativamente:

— Não faço a menor ideia.

— Zeke?

— Não se trata de um roubo normal. Nem brincadeira de garotos. Isso está claro. E se fosse a tentativa de explodir o caixa eletrônico, certamente seria realizada durante a noite e não agora, quando há sempre gente na praça. Não, o que aconteceu é algo diferente.

Ficam em silêncio.

Silêncio interrompido, novamente, por Zeke:

— Eu não quero nem pensar, mas pode ser que Karim esteja na pista certa ao dizer que talvez seja um atentado terrorista com ligações internacionais. Será? Pode ser um atentado de terroristas islamitas? Mas por que escolheriam Linköping entre tantas outras hipóteses, entre tantos outros lugares?

Os três ficam de novo em silêncio, quietos, durante algum tempo.

É, pensa Malin, por que alguns terroristas escolheriam Linköping para explodir uma bomba, entre tantos outros lugares? E por que não? Um apartamento em bairros como Skäggetorp ou Ryd ou Berga poderia servir como célula terrorista tão bem como em Rosengård,*** Madri ou qualquer subúrbio ao sul de Paris.

Os policiais para quem Karim gritou uma ordem estão agora à caça dos jornalistas, fotógrafos e curiosos na praça, afastando-os da devastação. Ao longe, Malin vê como o jovem chefe da polícia da cidade consegue controlar a situação de uma maneira que nem sequer está mencionada em qualquer manual de instruções.

Será que ele, sendo de origem curda e cristã, pode pensar que o acontecido aqui tem ligação com o islamismo? Aparentemente. E quem formava a maioria dos curdos? Xiitas? Ou talvez sunitas?

O pessoal das ambulâncias e os bombeiros já levaram todos os feridos. Börje Svärd também levou embora o cachorro, na direção

de outra praça, a Hospitaltorget.

Em breve, todas as entradas e passagens para a praça do incidente estarão fechadas com faixas azuis e brancas.

— Que raio aconteceu aqui? — perguntou novamente Sven.

Os três policiais sentem como a forçada inatividade espalha-se pelos seus corpos, como se fosse um veneno paralisante, mas nenhum deles consegue sair dessa situação. É como se tivessem esperado naquele dia por qualquer coisa, tudo, menos aquilo. É como se as forças desencadeadas na cidade fossem para eles totalmente desconhecidas, quase sobrenaturais. É como se a responsabilidade que naquele dia tinha caído sobre os seus ombros fosse para eles insuportável, antes mesmo de começar a assumi-la.

Olham uns para os outros como se quisessem perguntar: “E agora, por onde vamos começar?”.

— Como foi o funeral? — pergunta Sven, finalmente.

— Isso, como foi, Malin? — acrescenta Zeke.

Malin olha espantada para os dois. Depois, encara seus colegas e se recusa a responder. Merda, como é possível eles acharem que agora eu vou ter tempo para pensar no funeral?

— Vamos ter de convocar todos para uma reunião. Todos do departamento que estejam disponíveis: Johan, Waldemar. Precisamente, todos. É por aí que vamos começar, não acham? — conclui Sven Sjöman.

Faz sinal para o seguirem. Andam em direção do hotel e das suas vitrines quebradas e abertas.

Ele parece bem cansado, pensa Malin, e realmente velho pela primeira vez.

— Vamos ficar aqui ainda um pouco, interrogando os que estavam presentes quando aconteceu o incidente, tantos quanto possível —

continua Sven. — Depois, darei uma ordem para Aronsson interrogar os que estavam na praça ou nas proximidades. Como eu disse, não houve nenhuma tentativa de roubo antes da explosão. Os empregados do banco estão reunidos numa sala, estavam calmos quando eu os vi ainda há pouco. Nenhum deles parecia estar ferido. A força da explosão parece ter sido dirigida para a parte externa do edifício. Falei rapidamente com o gerente da agência, que disse não ter notado nada de estranho. Apenas que, de repente, escutou um estrondo enorme.

Aos ouvidos de Malin, chega novamente um som.

Um som fraco, mas agudo. Ela nem imagina o que possa ser.

— Vocês estão ouvindo esse som? — pergunta Malin. — Será que vem mais uma bomba por aí?

As palavras voam da sua boca. Os dois colegas olham para ela, preocupados.

Tentam escutar.

— Eu não ouço nada — diz Zeke.

Sven balança a cabeça.

O som desaparece de novo, parece ter sido sugado para dentro de uma sala vazia do hotel.

Os pombos voltaram.

Estão bicando os baldes amarelos que escondem os pedaços de corpo das meninas. O sol também voltou por entre dois prédios, cujos reflexos estão nos vidros espalhados pelo chão. Malin pensa: “Que força foi esta que se soltou, como se fosse um violento desabrochar de violência?”.

Será um mal em forte processo de germinação? E com ramificações intensas no interior dos seres vivos?

Ouve-se outro sinal.

Um som alto, como se fosse um alarme de um único tom, que vem de uma mala negra que a explosão parece ter atirado contra a varanda do hotel, onde vários curiosos ainda se encontram.

O medo aparece nos olhos de Zeke e de Sven.

— Merda! — grita Zeke. — Merda! — E corre em direção à mala.

Malin vê Janne fazer o mesmo, vindo do outro lado da praça.

** Annika Falkengren entrou para o Skandinaviska Enskilda Banken (SEB) como estagiária em 1987 e é, atualmente, presidente e diretora-executiva do banco. O SEB foi fundado na Suécia em 1856 pela família Wallenberg, uma das maiores dinastias de banqueiros da Europa. Ela é considerada, também, uma das personalidades mais poderosas na área financeira europeia. [N. T.].

*** Rosengård é um bairro da cidade de Malmö, no sul da Suécia. Em 2007, 60% da população do bairro, aproximadamente, 22 mil habitantes, era composta de imigrantes. Em 2008, 86% da população do bairro era formada por imigrantes e seus descendentes. Embora frequentemente mencionado como um subúrbio de Malmö, na realidade, o bairro está situado numa área central da cidade. Tem sido cenário de choques frequentes entre jovens e a polícia, e os bombeiros também têm sido ameaçados e atacados pela juventude local. Os dez maiores grupos de imigrantes, pela ordem, chegaram do Iraque, da antiga Iugoslávia, do Líbano, Bósnia e Herzegovina, Somália, Dinamarca, Polônia, Afeganistão, Turquia e Macedônia. [N. T.]

6

Zeke levanta a mala preta.

Malin grita:

— Nãããooo!

Ele pensou primeiro em se lançar sobre a mala, tentar deixar que o seu próprio corpo absorvesse o impacto da explosão que estava por vir.

Isso é contra todas as regras, mas quem se importa com as regras quando alguma coisa está para explodir?

Uma mala esquecida deve ser detonada a distância em circunstâncias como esta.

Zeke faz questão de pegá-la.

Tem de lançá-la para bem longe das pessoas.

Mas o som para de repente.

Baixa a mala ao chão de novo e estende-a a Janne, que abre o zíper.

Procura.

Zeke vê o suor escorrendo pela testa dele. Nota também que Malin se aproxima.

Roupas.

Livros.

Um iPod.

Em seguida, o telefone. Janne olha o visor, ergue-o para eles. Chamada perdida.

— Um toque muito estranho — diz ele, com um sorriso, meio amarelo. Em seguida, larga a mala e, segundos depois, aparece um senhor de meia-idade vindo de dentro do hotel que diz:

— A mala é minha. Eu estava sentado lá no Mörners Inn. Ela deve ter voado para aqui com a explosão.

Johan Jakobsson e Waldemar Ekenberg chegaram à praça e, junto com Malin, Zeke, Börje Svärd e Sven Sjöman, passam a interrogar, metodicamente, primeiro os levemente feridos que ainda estavam no local, os que estavam em condições de voltar para casa, logo depois do interrogatório, sem risco de entrar em estado de choque. Depois, são interrogados todos os espectadores que chegaram à praça, atraídos pelo estrondo da explosão e pela curiosidade de ver a devastação ou atraídos ainda pelos rumores que se espalharam pela cidade como se fossem ondas de pressão provocadas pela explosão.

Todos têm de ser ouvidos.

Vai saber quem pode ter ou não alguma informação. Quem sabe qual a direção que esta investigação poderá tomar?

Johan pareceu chocado, de início. Principalmente depois de saber da morte de duas crianças, quase da mesma idade das suas. Börje, estranhamente calmo desde o início. Waldemar, como sempre, muito firme, imperturbável. Um cigarro na boca e um olhar amistoso a que ele sempre consegue recorrer quando é preciso. Malin sabe que a mulher dele perdeu o emprego alguns meses antes, quando a

fábrica de componentes Rex fechou. Mas o desemprego da mulher parece não preocupá-lo muito.

Zeke, objetivo como sempre, mas também perturbado, como se quisesse vingar-se do que aconteceu na praça. Ainda não conseguiu se distanciar da situação. Ainda se encontra bem no meio da área atingida pela explosão, o que faz dele um homem pequeno e, ao mesmo tempo, grande.

Eles fazem mil perguntas.

Recebem quase sempre a mesma resposta.

— Viu alguma coisa de suspeito?

— Não.

— Como estavam as coisas minutos antes da explosão?

— Eu estava tomando café. Tudo parecia normal.

— Não sei nada.

— Não vi nada.

— Fiquei curioso e vim para cá.

O medo nos olhos, nos corpos das pessoas, é geral. O que foi que aconteceu? Desaprovação e compreensão numa mistura que se transforma em medo. Medo que, mesmo assim, não é suficientemente forte para manter os curiosos longe da tragédia. Como no 11 de Setembro, quando morreram milhares de pessoas. Grupos de pessoas correram para onde existiam as torres gêmeas e foi possível ver na televisão como a curiosidade nos seus olhos, mesmo assim, era maior do que o medo.

Malin interroga as pessoas, uma após outra.

Uma estudante com um curativo sobre um corte profundo na testa, talvez apenas quatro anos mais velha do que Tove. É ela que diz:

— Eu bebia uma Coca na esplanada do Mörners Inn, queria pegar um pouco de sol antes de ir estudar na biblioteca. Pelo que eu

entendi, a explosão se deu de cima para baixo, vinda do banco. O que a senhora acha sobre o que aconteceu? Quem é que pode ter feito uma coisa dessas?

— É isso que nós estamos tentando descobrir — responde Malin, notando que a jovem na sua frente não sente muita confiança na capacidade da polícia.

Mais ou menos uma hora depois, todos os que estavam na praça tinham sido ouvidos. Também tinham interrogado o pessoal do banco, inclusive o gerente da agência. Vários funcionários já tinham deixado o local e voltado para casa, para junto dos seus familiares.

Um grande número de policiais fardados também ajudou nos interrogatórios na praça. Um pouco hesitantes, com medo, rodaram com um bloco de anotações na mão, questionando os habitantes de Linköping que foram ao local, mas as respostas foram sempre as mesmas, recolhidas por Malin e os seus colegas do departamento de investigações.

Ninguém viu nada. Ninguém sabe de nada.

Aronsson ficou de organizar os interrogatórios dos feridos que já haviam sido levados ao hospital e de outras pessoas de quem obtiveram os nomes e estavam presentes na praça no momento da explosão, mas que, depois, se afastaram antes de serem interrogadas. Era preciso ouvi-las também.

Malin resolve dar uma volta pela praça, pisa no lixo espalhado pelo chão, sente os estilhaços de vidro partirem-se sob os seus pés e vê Karin Johannison passando um pente-fino na área perto do banco, à procura de qualquer coisa que pudesse significar algo para a investigação.

São muitos os policiais convocados. Enchem a praça.

Quando acontece uma coisa dessas, não se nota o corte que tem sido feito nos últimos anos na força policial por causa da crise. Problemas com o orçamento, só dá para pensar depois. Na verdade, é necessário ter mais policiais na cidade. Talvez mais no departamento responsável pelos crimes de violência familiar. Há um percentual ridículo de processos finalizados, por exemplo, contra pedofilia. Apenas um em cada dez chega a julgamento e à punição.

Não vale a pena. Temos de defender as crianças, pensa Malin. Quanto vale uma comunidade que não pode defender as suas crianças?

Faces. As faces de uma criança.

Quem era você?, pensa Malin, enquanto caminha na direção de Sven Sjöman.

O pânico e o medo já desapareceram do seu olhar.

Agora, existe apenas a determinação calma da experiência profissional.

— Está na hora de voltar para o departamento — diz ele. — Vamos nos reunir e tentar montar um panorama da situação.

Primeiro, Malin passou na frente do apartamento dos pais, na rua Barnhemsgatan, sem parar, sabendo que tinha de ir direto para o departamento de polícia, no bairro antigo, onde antes estavam instaladas as unidades militares da cidade, mas depois resolveu voltar e subir.

Tinha que voltar, voltar para ver Tove e o pai. Tinha que voltar e participar do café servido depois do funeral.

Estacionou na antiga praça dos ônibus, onde passou por um dos sem-teto da cidade que metia a mão num cesto de lixo e por um

grupo de garotas de saia curta e blusa transparente que caminhavam ao lado de um sujeito mais velho de casacão almofadado.

Até mesmo ali havia um mau cheiro na atmosfera, cheiro de queimado depois da explosão, mas também cheiro de excrementos de cães, que vinha do parque da Associação de Jardinagem, cães cujos donos não aguentaram ter de apanhar as fezes durante o frio do inverno e que, agora, derretida a neve, voltavam a exalar o seu “perfume” horrível na atmosfera primaveril.

A areia para evitar escorregões e quedas no gelo ainda continuava espalhada nas ruas e nas calçadas. Agora, traiçoeira, escorregadia, uma lembrança do frio que ainda não fora esquecido. No estacionamento, Malin quis, futilmente, que aquela época do ano já tivesse passado.

No momento, está na sala de estar do apartamento dos pais, perto da janela em cujo parapeito estavam os vasos de flores há muito tempo já secas. Malin olha em volta e escuta as vozes do pai e de Tove na cozinha.

Todos os convidados já haviam ido embora.

Perdeu o café, mas o aroma forte dos biscoitos gordurosos e do suflê de camarão fez com que sentisse fome.

Na cozinha, o pai está junto da bancada lavando as xícaras de porcelana e os pratos, enquanto Tove seca a louça.

— Há comida na geladeira, se estiver com fome.

Ele sorri para Malin. Parece até aliviado. Sente-se livre, agora, não é, papai?

— Não estou com fome — responde ela.

— Devia estar — comenta Tove. — Coma, coma alguma coisa. — E Malin vai, então, até a geladeira. Abre e pesca alguns camarões

do suflê.

Há uma garrafa de licor de tangerina na sua frente, dentro da geladeira. A vontade de bebida contrai o seu estômago, o coração, a alma. Mas Malin diz:

— Tove, você adorava esses camarões de lata quando era pequena.

— Não me lembro de nada — reage Tove. — Devo ter melhorado de gosto. Não acredito. Gostava mesmo desses camarões de lata?

O pai solta uma gargalhada, mas logo se recompõe e para.

— Na quinta-feira, temos uma reunião marcada para o inventário — diz ele. — No escritório do advogado Strandkvist, às duas horas, na rua St. Larsgatan, 12. Tem de ser feito.

É claro que tem de ser feito, pensa Malin. E contra a vontade pensa na herança deixada pela mãe. Sabe que é o pai que vai herdar tudo, dentro das atuais circunstâncias, mas mesmo assim ela sente que a ganância se apodera dos seus sentidos. Como gostaria de receber parte dos milhões que a moradia dos pais em Tenerife deve valer.

Eu quero minha parte.

Dê-me.

É minha.

A ganância dos seres humanos é a melhor amiga da maldade. Estou me lixando para essa herança.

— Vai sair tudo bem com esse inventário do espólio — diz Malin, ao conseguir afastar da mente seus maus pensamentos. — É apenas uma formalidade.

O pai concorda, mas continua:

— Não é tanto assim. Acontece apenas que...

— Compreendo que vai dar trabalho — diz Malin. — Mas estaremos lá juntos. Vai tudo dar certo.

— Posso ir também? — pergunta Tove.

— Não precisa — diz o avô. — Bom, aqui, o nosso serviço está pronto, não é verdade?

Tove faz que sim e deixa a toalha da cozinha em cima da bancada.

— Eu ainda tenho de voltar ao departamento. Vai haver muito trabalho a fazer.

Nenhum deles sequer mencionou a explosão.

Como se aquilo que aconteceu a apenas uns quinhentos metros dali pertencesse a outro mundo.

— Nós compreendemos — diz Tove. — Já vimos uma edição extra do noticiário do canal Östnytt. É verdade o que aconteceu com as crianças?

Tove, sem medos.

Sem querer sensacionalismos.

Apenas curiosa. Muitíssimo consciente da merda que o mundo pode atirar contra uma pessoa. Muitíssimo capacitada para encarar essa merda, apesar de tão jovem.

— Isso não posso dizer.

— Então, o que vocês sabem? Pode dizer alguma coisa, não?

Malin reconhece que ainda não sabem de nada, a não ser que eles próprios não podem ser atingidos pelo pânico. Que o estado de choque em que a cidade e os seus habitantes se encontram pelo que aconteceu não deve se alastrar para a polícia. Temos de manter a cabeça fria, pensa ela. Tem que fazer isso. Manter a cabeça fria, mas vai ser difícil. Quem sabe o que Karim pode estar dizendo?

Malin deixa-os na cozinha, emoldurados pelos armários de um verde-claro e bonito que, certamente, devia estar na moda há vinte anos.

Vocês dois parecem dar-se muito bem, pensa ela, ao descer correndo a escada.

Åke Fors vê a sua filha da janela da sala de estar.

Pensa como a primavera parece envolvê-la. Como o amarelo dos açafrões parece estender-se atrás dela na planície. Os açafrões parecem querer retê-la como defesa contra um futuro incerto.

Depois, passa os dedos por um dos vasos de flores na janela, pensa no fato de que nunca mais vai poder lhe dizer qualquer coisa, que tudo vai vir à tona na reunião com o advogado. Que tudo vai ter de seguir o seu caminho e acabará por se arranjar. Tem que ser agora, não é verdade?

Ele vê Malin passar pelo Jaguar de Janne, numa contraluz que transforma os seus cabelos louros em uma coroa de glória.

Vê o brilho que a ilumina e pensa:

“Você não faz a menor ideia da bomba que vai explodir justamente agora na sua vida. A menor ideia. E espero que possa me perdoar.”

O quadro branco na sala de reuniões já está todo cheio de anotações quando Malin chega às 15h15, a última a chegar entre todos os membros do grupo de detetives do departamento.

Ainda continua com o seu vestido preto.

Sente como essa roupa não se encaixa com o lugar. E, ainda por cima, cheia de marcas de poeira.

Todos chegaram, diretamente, da praça.

Todos já estão nos seus devidos lugares.

Suas roupas também estão manchadas aqui e ali, tal qual a de Malin. Recordações do alarme, da sujeira e do caos na praça.

Apesar de tudo, reina uma estranha calma na sala.

Que, certamente, serve para esconder a excitação e a forte preocupação de todos. O que aconteceu? Que tipo de maldade saiu do esconderijo? Será que existia outro mundo, diferente do habitual, escondido por baixo da neve, um mundo com capacidade para se transfigurar no frio, um mundo que achamos ser a beleza da primavera e, afinal, se transformou numa nova era de horror, de crueldade escondida por baixo de camadas e camadas de cores e cheiros peculiares?

Malin senta-se em frente de Zeke.

Gostaria de poder olhar para o parque infantil através da janela. Olha e vê um monte de crianças brincando na caixa de areia, conduzindo pequenos carros de plástico, pulando corda, subindo pela nova estrutura de ferro do trepa trepa, colocada há menos de um mês, e cujas sólidas cores pastel fazem com que Malin se lembre de como era quando, realmente, ficava muito embriagada.

Todos os detetives estão em silêncio, esperam que Sven Sjöman, líder das investigações preliminares, inicie a primeira reunião sobre a investigação da explosão ocorrida diante da agência do SEB, na Grande Praça de Linköping, no dia 7 de maio, explosão que causou a morte de duas crianças, ainda por identificar, e ferimentos graves em cinco pessoas.

Sven para de escrever no quadro, vira-se. Por um segundo, os policiais em volta esperam que aconteça um milagre, que Sven, de uma maneira fantástica e desconhecida, tenha resolvido o caso de

uma vez. Assim, todos poderiam esquecer o assunto, dar o perigo por terminado e revelar ao povo da cidade a verdade dos fatos.

Mas aquela primavera não era época de milagres em Linköping.

— Neste momento, devo informar o seguinte — começa Sven. — O pessoal do serviço secreto, da Säpo, está a caminho da nossa cidade. Este é considerado um caso de possível tentativa de derrubar o funcionamento das atividades públicas. Formalmente, somos nós que assumimos a responsabilidade principal pelas investigações, claro, e espera-se que possamos ajudar a Säpo na sua investigação paralela. No entanto, não é de esperar que recebamos qualquer ajuda da Säpo.

— Que rapidez — sibila Waldemar Ekenberg.

— Calma, Waldemar — diz Karim Akbar. — Acabei de falar com Karin Johannison. Ela fez uma rápida análise do buraco aberto perto do caixa eletrônico para chegar a uma certeza: trata-se de um atentado a bomba. Por isso, precisamos de toda ajuda possível. A bomba parece ter sido colocada do lado de fora do caixa, não dentro dele, e a maior parte da força explosiva foi direcionada para fora. A julgar por todos os indícios, foi uma carga de explosivos muito forte, equivalente a um quiloton. Em casos anteriores de tentativas de roubo em caixas automáticos, foram usadas bombas muito menores, equivalentes, talvez, a um vinte avos disso. Portanto, eu acho que, aqui e agora, estamos diante de algo diferente, não de uma tentativa de roubo.

Sven aponta para o quadro.

Todos parecem estar de acordo. Não se trata, portanto, de um caso normal de roubo.

— Já escrevi aqui as eventuais pistas a serem seguidas — diz Sven, depois. — É sobre elas que podemos refletir, pensando em quem poderá estar por trás de uma coisa dessas.

Uma coisa dessas, pensa Malin.

A fatia de uma face. Um olho que parece se fixar no dela.

Duas crianças mortas.

E Sven Sjöman chama a isso de “coisa”, mas é apenas a sua maneira de se distanciar da violência, uma maneira necessária para que a investigação possa ser a mais eficiente possível.

— O que sabemos sobre as vítimas? — pergunta Malin.

Os colegas olham para ela. Olhares que revelam terem ficado conscientes, de repente, do que ela fez antes, durante o dia, do que ela teve que passar e está vivendo neste momento.

Preocupação.

Compaixão.

Ela odeia compaixão. Mas há também uma dúvida. Será que ela vai cair de novo por causa da pressão? Recomeçar a beber?

— Não se preocupem comigo — diz Malin, antecipando-se. — Afinal, precisam de mim aqui, não é verdade?

Johan Jakobsson acena com a cabeça afirmativamente. Karim faz o mesmo e diz:

— Nós agradecemos que tenha sido você a falar primeiro das vítimas.

— Tudo bem. E, então, o que sabemos a respeito delas?

— Nada, por enquanto — responde Sven Sjöman. — Uma das teorias é a de que as crianças são da mulher que está internada no Hospital da Universidade, o HU, com ferimentos sérios. Parece que eram ela e as crianças que estavam mais próximas quando a

bomba detonou. Que se trata de duas crianças foi o máximo a que Karin conseguiu chegar.

Malin faz um sinal de agradecimento pela informação.

— Será que as crianças foram o alvo? — pergunta ainda.

— São apenas vítimas inocentes, com toda a certeza — considera Sven. — Por um capricho do destino, inexplicável e cruel, elas apenas se encontravam no lugar e no momento errados.

Capricho cruel?

Malin sente que já tomou o partido das crianças.

Se é que elas, onde quer que estejam, ainda se importam com isso.

Estamos aqui, Malin.

Perto de você.

Mas também por toda a parte.

Não aguentamos ouvir tudo o que vocês dizem na sala de reuniões, quando falam de diferentes facções na sociedade.

E dessa maneira ficam de conversa fiada, querendo entender tudo.

A respeito de extremistas de direita que são fortes na cidade. Estarão eles por trás da explosão? Mas eles gostam muito dos seus bancos, não? O capitalismo? Além dos seus pontos de vista, expostos em alto e bom som, doentios, não se mostram perigosos. Nunca fizeram nada de especial aqui em Linköping, a não ser algumas demonstrações sem sucesso.

Agora é Karim que fala.

Devemos mesmo ouvir o que ele diz? Queremos é flutuar, ir embora para junto da nossa mãe, acariciar o rosto dela.

Mas ficamos, ouvimos.

Ele levanta a hipótese de um ataque terrorista.

Por outro lado, vocês nem sequer ousam pensar nessa teoria. Ou será que ele já sabe de alguma coisa que vocês não conhecem?

Ele põe a questão, diretamente: "Será que não foram islamitas os que provocaram o incidente? Não haverá uma célula terrorista escondida aqui, em Linköping? Um grupo clandestino não terá se formado na comunidade islamita da cidade, que acolheu alguns dos jovens desempregados, e estes, reunidos em grupo, dirigiram as suas energias no sentido errado?

Mas Sven Sjöman protesta, diz que nenhum extremista de qualquer facção foi apontado até agora pelos islamitas da cidade. Que não existe nenhum problema social no grupo, a não ser aquele que existe em todos os grupos atingidos por problemas de desemprego.

Karim insiste: alguém precisa, no entanto, ouvir o imã local, mais cedo ou mais tarde. E os serviços secretos talvez saibam de alguma coisa que vocês não saibam. Ainda que pareça muito rebuscado e racista, temos de ouvi-lo e ver o que aconteceu em Örebro. Esse tal de prisioneiro de Guantánamo costumava visitar a mesquita local e, depois, voou para o Paquistão onde foi acusado de terrorista. Mas o imã em Örebro, o que ele sabia? E o que é que nos diz que aqui, em Linköping, não pode existir uma célula terrorista ativa?

Nós ouvimos o que Karim está dizendo e sabemos o que ele pensa: apesar de a Suécia ter uma tropa no Afeganistão, parece que o povo não entende que existe uma guerra. Os islamitas querem nos matar. Querem matar as nossas famílias, as nossas esposas, mulheres e crianças. É uma questão de nós ou eles. Pura e simplesmente.

Malin, ele pensa no pai que teve a oportunidade de fugir dos islamitas nacionalistas da Turquia e, depois, acabou com a própria vida em Sundsvall, na Suécia. Sozinho, desnecessário e amargurado, com saudades da pátria.

Vocês pensam demais. Tentam tratar a maldade de maneira simples, compreensiva.

Nós aqui não pensamos tanto. Mas sabemos. Será melhor assim?

Vocês falam muito.

Não, não aguentamos ouvir esse assunto, de como os nossos corpos se desfizeram. Malin, a maneira como nós explodimos, como o nosso sangue, nesse dia primaveril, coloriu de vermelho o bonito chão da praça e as prateleiras com flores, perto da farmácia, é um tema secundário, não nos interessa. Não, preferimos ir ver as crianças brincar no parquinho, fingir que ainda podemos usar o balanço, descer no escorregador, pular corda e correr, ou apenas comer fruta entre as refeições.

Isso é divertido.

Muito divertido.

Sven tem razão, é a nossa mãe que está deitada no hospital, com tubos para dentro e para fora do corpo, e que respira de uma maneira que nos enche de medo.

Vocês voltaram à conversa fiada, embora Börje e Johan continuem calados a maior parte do tempo. Você, Malin, diz alguma coisa de vez em quando. Zeke completa, enquanto Waldemar se mostra cético, fica na espera, mas está chateado. Achamos que ele precisaria fumar para se acalmar. O nosso pai, às vezes, fazia isso. Ele era muito bom. Mas agora não está aqui conosco.

Vocês falam de ativistas em Linköping. Aqueles com ligações de esquerda, dos estudantes que conseguiram fechar todas as lojas na

cidade que vendiam casacos de peles e que talvez queiram atacar os bancos. Daí, pode ter sido um atentado contra o SEB, o coração dos porcos e gananciosos capitalistas.

Vale a pena controlar os movimentos e as ligações dos ativistas conhecidos, diz Sven Sjöman.

Você torce o nariz, Malin, não acredita nisso? Mas quem acreditaria que uma bomba seria detonada em Linköping?

As crianças estão lá fora. Sobem até o topo do brinquedo, mas nós flutuamos nas alturas.

Muito mais alto.

Vocês falam de câmeras de segurança, de recolher as gravações e estudá-las, de ver se algum culpado aparece nelas ou se dá para ver a bomba antes de explodir.

Os peritos estão trabalhando, diz Sven.

Procurando pistas para saber mais sobre a bomba, identificando as vítimas.

Vocês têm de procurar saber se havia alguma ameaça contra o banco.

Não havia mais nenhuma bomba na praça, mas será que vai haver mais bombas contra bancos? Aqui? Em algum outro lugar? Vocês todos pensam nisso, mas é Sven que levanta a questão. Impossível saber, diz Karim, mas enquanto ninguém assumir o atentado, ou seja, anunciar novos ataques, nós não teremos praticamente nenhuma razão para cercar toda a cidade de Linköping.

Vocês nunca mais vão parar de falar, Malin? Essa conversa não tem nada de divertido.

Karim fala da sua entrevista coletiva para a imprensa. Do lado de fora do edifício da polícia, já estão reunidos os jornalistas,

certamente mais de uma centena. Todos esperam, tranquilamente, que vocês lhes deem alguma informação sobre a qual possam escrever.

Os jornalistas aguardam, entediados, mas podem mudar de um momento para o outro, tornando-se um grupo de abutres sedentos de sangue.

As possibilidades são tantas, você pensa, Malin, tantos os caminhos, por onde começar?

Então, toca o telefone de Sven.

A mulher com os drenos na barriga, no pescoço e nas coxas, ela que é a nossa mãe, acordou e ficou consciente durante alguns momentos. Disse o seu nome. Ela se chama Hanna, Hanna Vigerö, e nós, Tuva e Mira. E só você pode nos ajudar agora, Malin, só você. Nós confiamos em você.

Sven Sjöman desligou o celular.

— Já sabemos quem é a mulher no hospital. É Hanna Vigerö, 38 anos, mãe de gêmeas. Portanto, as duas vítimas fatais devem ser Tuva e Mira Vigerö, 6 anos de idade, moradoras no bairro de Ekholm.

— Ela já acordou? — pergunta Waldemar Ekenberg. — Se ela se salvar, esse criminoso danado ou esses criminosos vão ficar com menos uma vítima na consciência.

— Se é que eles têm consciência — completa Börje Svärd.

— Claro que não têm consciência nenhuma — diz Waldemar.

— Ela ficou consciente durante uns curtos momentos — informa Sven. — Vamos ter de saber quais são os parentes dela e informá-los sobre o seu estado.

— Eu cuido disso — diz Johan Jakobsson, com voz calma. — Paralelamente, vou verificar se há na cidade alguns ativistas dos direitos de animais ou extremistas de direita.

— Podemos ouvi-la? — pergunta Malin.

— Segundo os médicos, não. Ela está gravemente ferida. Em princípio, é impossível conversar com ela — diz Sven. — Vai passar por uma operação complexa ainda esta tarde. Vamos ter de esperar para ouvi-la. Aronsson e mais alguns colegas estão interrogando os outros feridos no hospital. Aparentemente, eles não estão tão mal que não possam ser ouvidos. Depois, vão falar com aqueles que abandonaram a praça e dos quais temos os nomes. Malin, você e o Zeke vão falar com o imã, ainda que achem, talvez, que é cedo demais e não vale a pena atrair a atenção para essa direção. Waldemar, você e o Börje Svärd vão ouvir os funcionários ausentes, os que não estavam no banco, ok? Perguntem pelas câmeras. E, depois, tentem verificar outras câmeras na cidade. O governo municipal deve ter acesso a elas, não?

Börje Svärd acena que sim e diz:

— Vamos agir já.

— Cheira-me a sangue — completa Waldemar, fazendo uma careta.

— Eu tomo conta das hienas — diz Karim. — A imprensa deve estar doida por novidades. Em relação à Säpo, vamos esperar que eles apareçam por aqui.

O quadro atrás de Sven está cheio de riscos, destacando as palavras “islamitas” e “ativistas”.

Malin observa o quadro e diz:

— Poderá ter sido um ataque contra a família? E não contra o banco ou contra a população?

Os colegas olham para ela. Obviamente, ninguém tinha pensado ainda nessa ideia.

— Improvável, Malin — diz Sven Sjöman. — Isto aqui é algo maior, algo diferente. As pessoas apenas estavam lá por acaso e se quisessem atacar a família haveria meios mais simples do que colocar uma bomba em frente do banco, não acha?

Malin concorda.

— Quis apenas levantar a hipótese.

— Vocês todos vão ter à sua disposição ajuda psicológica e terapia de crise, depois do que aconteceu hoje — diz ainda Karim. — Pessoas capazes, como eu disse, estarão prontas para ajudar. Basta se manifestarem.

Subentende-se: não digam nada agora. Se possível, não digam nada nunca. Não amoleçam. Sejam fortes, façam o que se espera de vocês. Continuem sem pestanejar. Não cedam às fraquezas e às vulnerabilidades dentro de si. É hora de agir, não de recorrer a complicadas terapias.

— Comecem pelo imã — diz Sven. — Mas tenham cuidado. Não queremos parecer racistas, com ódio aos muçulmanos, nas primeiras páginas de todos os jornais. E, como disse, é pouco racional que se estabeleçam ligações já neste estágio dos acontecimentos.

— Então, não será talvez melhor aguardar? — pergunta Malin. — Trabalhar em sigilo?

— Vocês devem ouvir o imã — diz Karim. — É uma ordem. Está na hora de apanharmos os malditos que fizeram isso. Aquelas meninas tinham toda a vida pela frente. Precisamente como essas crianças que agora estão brincando ali fora. Se com as nossas ações vamos pisar em alguns calos, que seja. Entendido?

— É claro que o imã deve ser ouvido — diz Waldemar. Mas Malin nota alguma hesitação nos olhos de Zeke, de Johan e de Börje Svärd. De que servirá apontar nessa direção, no início das investigações, quando não existe nada, de fato, de que suspeitar, a não ser por um sentimento geral do público.

Isso são preconceitos.

E são esses preconceitos que nos influenciam. Em especial, diante de ameaças externas, difíceis de definir.

Malin olha pela janela. No parque infantil, há duas crianças que entram numa casinha escura. Malin pensa que é como se as crianças desaparecessem, fossem sugadas e atraídas para outra dimensão.

7

Fazemos diabruras na nossa casinha de brincar, sem paredes, numa área tão escura e apertada, da qual até parece impossível encontrar a saída.

Mas somos nós que estamos tristes e choramos?

Ou são outras crianças?

Que ainda vivem. De quem a maldade se aproxima.

Nós as vemos agora, Malin. É uma menina bem pequena e um menino ainda menor. Estão lá dentro, presas. Está escuro. E elas estão com medo. E gritam.

Estão conosco. Como assim, Malin? Como assim? Precisamos saber.

Pessoas malvadas estão lá fora. Ou é apenas uma pessoa má. As crianças choram, querem dormir. Estão muito tristes.

Mas agora estamos alegres.

Caçamo-nos uma à outra num mundo branco que é o nosso, onde as flores das cerejeiras despontam por todos os lados, mostram a sua beleza, sua vontade de viver.

Eu corro atrás dela. Ela corre atrás de mim. Tentamos nos agarrar uma à outra.

Abraçamo-nos nas camas da nossa casa.

Afastamo-nos do parque infantil, da casinha, da brincadeira de que, afinal, não podemos participar.

As lâmpadas brilham no teto, quase nos cegam, mas as pálpebras da nossa mãe estão fechadas e nós não sabemos se ela vai nos ver de novo, se vai acariciar de novo as nossas costas com as suas mãos quentinhas na hora de dormir.

Mamãe.

O médico está cortando o seu corpo. Não queremos ver isso. Tem um lençol verde por cima do lugar onde ele enfia o bisturi. Nós fechamos os olhos e tudo fica bem.

Olhe por nós, mamãe.

O nosso pai. Ele devia estar aqui, não é, mamãe?

Mas ele não está, pelo menos não conosco.

Mamãe.

E você?

Não pode vir?Ficar aqui conosco?

As gotas que escorrem da lâmpada da sala de operações e caem no seu rosto são as nossas lágrimas.

Eu quero estar com vocês, crianças.

Vocês, eu as vejo e ouço, mas, por enquanto, não posso me aproximar. Primeiro, o pessoal aqui no hospital ainda vai tentar me curar, consertar os meus pedaços. Mas eu não quero ficar boa, nem quero reviver o amor e a alegria que talvez ainda existam na beleza destes dias de maio.

Quero estar com vocês, com o pai. Quero que sejamos novamente uma família vivendo junto. Porém, para isso, não posso continuar aqui.

Não chorem. Não tenham medo. Sinto as suas lágrimas. Estou dormindo e dói quando o médico corta o meu corpo. Mas ele faz isso porque é um homem bom.

Talvez eu chegue em breve.

Contudo, não posso prometer nada.

Nem sempre podemos decidir tudo sobre todas as coisas. Isso vocês já sabem, não é verdade?

A vida não é uma lâmpada que possamos desligar quando queremos.

A luz dos *flashes* me ama, pensa Karim Akbar. Os *flashes* me amam e fazem com que os meus níveis de adrenalina subam, corram céleres pelas minhas veias. E eu me sinto cheio de vida.

Certamente, há mais de cem jornalistas, entre as paredes de madeira do grande e antigo auditório do município, à espera das minhas palavras nesta entrevista coletiva.

Karim está atrás de uma longa mesa de madeira clara. Levanta os braços, tenta fazer com que a multidão se aquiete, fique em silêncio, e pare de disparar perguntas. É preciso dominar e reger essa multidão.

Ele ainda mantém as mãos no ar, tenta acalmar os jornalistas, fazer com que eles se sentem. E consegue.

Lembra-se de que, tanto quanto se sentiu inseguro e fraco no momento em que a mulher o deixou, ele se sente agora, com o seu novo amor, mais forte do que nunca. Agora, sabe que poderá conseguir tudo.

Quanto vale um momento de solidão? Existe sempre um novo amor para alguém como eu. Posso me dar ao luxo dessa

presunção, não?

Logo a multidão se sentou e escutou as suas palavras, os *flashes* pararam de piscar e ele conta o que sabe sobre a bomba, que as vítimas vão permanecer anônimas enquanto os parentes não forem contatados. Nada mais do que isso. Nada sobre as linhas de investigação, de suspeitos. E assim que ele terminou, as perguntas voltaram de enxurrada.

— Vocês suspeitam de terroristas?

— A Säpo vai intervir?

— Vocês acham que pode ser um atentado contra o banco?

— Existe o risco de novos atentados?

— Alguém assumiu a autoria pela violência?

Ele responde com evasivas a todas as perguntas. No momento, está tudo em aberto. Ninguém assumiu a autoria de nada.

— E as vítimas, quem são? A mulher vai sobreviver?

— Em sinal de respeito, até que os parentes...

Dez, vinte perguntas mais, antes de ele se levantar e dizer:

— Isso foi tudo por enquanto.

Depois, sai da sala triunfante.

Daniel Högfeldt desliga o gravador e olha para a porta branca de segurança por onde Karim Akbar acabou de desaparecer. Os colegas à sua volta estão desapontados, parecem tentar imaginar como diabos vão saber de alguma coisa a respeito do assunto. Ele vê hesitação em seus olhos. Será que realmente aconteceu? Que uma potente bomba explodiu num pedaço do solo sueco, bem no interior do país? Havia preocupação também. Se isso aconteceu aqui, poderá acontecer qualquer outra coisa em qualquer lugar.

Ninguém pode mais andar em segurança, nunca mais, em parte alguma.

A polícia fechou as portas. O que sempre faz, antes de chegar a algum lugar.

Karim Akbar comporta-se como um verdadeiro homem de Estado, pensa Daniel. Com uma nova autoconfiança raramente vista. Como se ele, de repente, tivesse encontrado dentro de si uma nova veia que o torna pronto para missões realmente grandes e importantes.

Malin.

Certamente, no meio da investigação. Sua líder informal.

Há muito, muito tempo que não se viam. Encontrou-a uma única vez depois de ela ter passado pela reabilitação. Naquele momento, ela se mostrou meio fria e nem parecia presente quando fizeram sexo no apartamento dele.

Então, Daniel lembrou-se do tempo em que, realmente, pensava que a amava.

Foi antes de ter encontrado a mulher com quem vive agora. Malin iria ficar louca se soubesse disso.

Embora eu esteja me lixando para o que você acha, Malin Fors. Você teve a sua chance.

Mesmo assim, Daniel ainda se preocupa em saber como ela está. Se alguma coisa lhe aconteceu. Ele não sabe de nada, nem escutou nada a esse respeito. Mas é sempre assim que acontece com os amores que não dão em nada.

E Karim Akbar.

Que maldito enganador ele se tornou. Durante algum tempo, pensei que havia mudado. Mas as pessoas nunca mudam.

— As mulheres podem entrar aqui?

Passa um pouco das cinco.

Num final de tarde já com pouca luz, Malin e Zeke encontram-se diante de uma antiga fábrica em Ekholm, transformada em mesquita para a população islâmica de Linköping. A construção está situada à beira de um prado e junto de um bosque, como se estivesse pressionada contra uma parede de silêncio e de escuridão sem sentido. Paredes externas de tijolos pintados de um branco vivo, abaixo de um telhado de placas metálicas, com manchas marrons, fixadas por ferragens já enferrujadas. Uma construção deprimente, pensa Malin, olhando para o prado coberto de anêmonas brancas e primaveras amarelas. A natureza parece estar rebentando de vigor. Um cheiro doce como o de dois seres humanos que acabam de fazer amor. Um advento simples. Como se o melhor já tivesse acontecido. Há uma quantidade de carvalhos mal colocados em torno da mesquita. E canteiros cônicos de flores que mais parecem pênis eretos de musgo, pensa Malin.

Ela já sentiu saudades de outro corpo nesta primavera.

Saudades de se entregar a um ato sexual, intenso e rápido, em que nenhuma pergunta é feita, nem antes, nem depois.

Sabe que precisa aliviar a pressão. Mas com quem?

Ou é de outra coisa que estou precisando?

Amor? Como se isso pudesse vir ao meu encontro, a esta altura. Ela sente o estômago se contrair e o coração apertado por pinças negras e frias. É outro tipo de solidão que ela sente. Não só de sexo. Quer um abraço carinhoso ao qual se aconchegar, um par de ouvidos que escute o que ela tem a dizer, uma mente e um coração que respondam, que lhe queiram bem, que gostem dela, que a aceitem como ela é. Estou com saudades, pensa Malin, de ter

alguém a quem amar, mas confessar isso para mim mesma é simplesmente horrível.

Concentre-se, pensa ainda Malin. No trabalho, na visita dos dois à mesquita.

— Hoje, todos aqueles que são da polícia podem entrar onde quiserem — diz Zeke. — Até mesmo as mulheres da polícia.

— Você acha que ele está aqui?

Mohamed Al Kabari.

Conhecido pelo jornal *Corren* e pela televisão local. Na mídia, apresentado como um demagogo de barba que se recusa a condenar, sem reservas, os atentados de terrorismo do 11 de Setembro, em Nova York, e a explosão de trens em Madri.

Mas ele condenou todas as formas de violência, recorda Malin. De repente, ela se sente mal, perturbada com aquela visita. O que os dois estão fazendo aqui, assim tão depressa, sem nenhuma prova?

Zeke tenta abrir o portão, que está trancado. Uma campainha, preta e branca, modelo antigo, por baixo de uma abertura.

Malin aperta o botão, toca a campainha. Não se escuta nenhum sinal, mas dois minutos depois o portão se abre. Mohamed Al Kabari sorri para eles, com o rosto barbado.

No máximo 50 anos de idade. O nariz aquilino destaca ainda mais os seus olhos castanhos, inteligentes.

— Já esperava por vocês — diz ele, amistosamente, num sueco perfeito. — Entrem, por favor.

Malin lança-lhe um olhar cheio de significado. Ele compreende o que ela quis saber.

— Mulheres — diz ele — são bem-vindas aqui tanto quanto os homens. Com a cabeça coberta ou não.

Mohamed Al Kabari movimenta-se com ligeireza com sua longa bata.

A mesquita compreende um único salão enorme, com paredes brancas. Após a entrada, há cabides e ainda uma porta que deve dar, provavelmente, para um toalete. Pelo chão, veem-se os tapetes orientais, tecidos de lã bem confortáveis para os pés.

— Por favor, tirem os sapatos.

Al Kabari falou com um tom de voz paternal que não dava margem para protestos.

O salão é maior do que se supõe do lado externo. O teto é alto, mesmo assim Malin se sente confinada. Al Kabari senta-se num tapete a um canto, ainda iluminado pelo sol, e coloca as pernas cruzadas por baixo do tecido branco da sua bata.

— Sentem-se, por favor.

Malin e Zeke sentam-se. Al Kabari olha para os dois e espera que comecem a falar.

— Estamos aqui por causa da explosão que aconteceu, hoje cedo, na Grande Praça — diz Malin. — Parto do princípio de que o senhor já sabe do que se passou.

Al Kabari confirma com um aceno, abre os braços e diz:

— É terrível.

— Duas meninas foram mortas — comenta Zeke.

— Compreendo o motivo da visita — diz Al Kabari, suspirando. Por seu lado, Malin ouve as suas próprias palavras, pedindo desculpas, apesar de nunca antes ter feito isso durante qualquer investigação. Nunca pediu, fosse pelo que fosse.

— O nosso chefe quis que viéssemos falar com o senhor. O senhor sabe, atentados à bomba e islamitas. Para a maioria das

pessoas na nossa sociedade, a ligação é evidente. Eu peço desculpas se o senhor se sentir de alguma forma como suspeito.

Al Kabari mostra-se compadecido. Ajusta a sua batina sobre as pernas.

— O seu chefe, certamente, é cristão curdo, não?

— É, sim — confirma Zeke.

Al Kabari balança a cabeça. E acrescenta:

— Tantos antagonismos... Eu trabalho a favor da compreensão e da tolerância. Trabalho para que a nossa congregação se integre na sociedade aqui, mas não é fácil. Quando eu condenei os atentados em Madri, o *Corren* nem sequer mencionou a minha atitude. Não se encaixava na sua imagem do mundo. Foi essa a sensação que eu tive.

Malin olha em volta, sente-se observada, vigiada.

Nenhum ponto vermelho a piscar no teto. Nenhuma câmera gravando a conversa.

Pelo visto, não existem câmeras.

Estou paranoica.

— Deixe que eu vá direto ao assunto — diz Zeke. — O senhor notou ou ouviu qualquer coisa na sua congregação que possa ter alguma coisa a ver com o incidente?

Al Kabari balança a cabeça.

— Por que vocês acham necessário fazer essa pergunta? — E ele faz uma pausa antes de continuar: — Posso dizer que está tudo tranquilo aqui na minha congregação. Juro que não existe, de forma alguma, esse tipo de fanatismo. Não há nenhum tipo de louco por aqui, nenhum jovem desesperado, nem talibãs malucos que estejam escondidos em algum pequeno apartamento. Em princípio, posso

garantir isso a vocês. Aqui, existe apenas uma multidão de pessoas que tentam criar para si uma vida suportável.

Malin nota sinceridade na voz do imã. Tristeza pela situação.

— Teremos hoje à noite uma reunião. Muitas pessoas da nossa congregação estão preocupadas com o que aconteceu. Sei que vocês têm que apanhar quem matou as duas meninas — diz ele. — Não sei de nada que possa ajudá-los, mas espero que o culpado seja punido.

Malin ouve o toque do celular ao caminhar para o carro, por entre os prédios de apartamentos alugados, todos brancos, em Ekholm. Acha que deve ser uma chamada do pai ou de Tove. O que estarão fazendo agora? Eu devia estar com eles?

Ela pega o aparelho na bolsa e vê o nome de Sven no visor.

Para, atende. Ao seu lado, no meio do entardecer, Zeke está com uma expressão parecida com o aviso de perigo, composto com uma caveira e duas tíbias.

— É Sven. Como foi na mesquita? Conseguiram falar com ele?

— Acabamos de sair de lá. Não acredito, sinceramente, que o acontecido tenha qualquer ligação com os muçulmanos de Linköping. Nenhum indício.

— O imã não sabia de nada?

— Não, e acho que falou a verdade.

— Vocês foram cuidadosos com o que disseram, não? Ele ficou zangado quando chegaram?

— Não, não ficou zangado, Sven. Demonstrou compreensão. Alguma novidade?

— Os policiais já ouviram todas as testemunhas que estavam na praça, todos os feridos no hospital e aqueles que não sofreram nada e abandonaram o lugar. Ninguém viu nada de anormal. Porra nenhuma. E encontramos até o velho do carrinho de cachorros-quentes. Aparentemente, nós nos esquecemos dele durante o tumulto. Ele disse que conhecia Hanna Vigerö, que ela às vezes ia à praça durante as manhãs, com as filhas.

— Isso significa alguma coisa?

— Ela trabalha num lar para adultos com deficiência. No lar, eles têm um esquema em que os funcionários folgam, de vez em quando, durante as manhãs. Ela tem estado um pouco doente, por isso, teve algumas oportunidades para ir à praça.

— E Waldemar e Börje estiveram no banco?

— Sim. Já pediram as gravações das câmeras de segurança do banco. Vêm de Estocolmo amanhã. Tudo é guardado na capital. E conversaram com o resto dos funcionários da agência. Ninguém viu nada de anormal, nem viram qualquer pessoa que parecesse suspeita. Eu também falei com o chefe de segurança do SEB, em Estocolmo. Segundo ele, nunca houve nenhuma espécie de ameaça. Naturalmente, questionou o fato de a bomba estar ou não dirigida contra eles. Acha que foi apenas uma coincidência a explosão ter acontecido naquele lugar. No entanto, o banco resolveu fechar todas as agências por tempo indeterminado.

— Eles também falaram de novo com o gerente da agência de Linköping?

— Sim. Ele também confirmou mais uma vez que não viu nada além do normal, fez questão de salientar isso.

— E Johan?

— Está trabalhando intensamente para listar quem são os extremistas de esquerda e de direita existentes na cidade. Tenta reunir tudo o que nós sabemos sobre o assunto e encontrar algumas pessoas-chave para serem interrogadas. Mas é difícil. Essas pessoas têm-se mantido quietas há uns dois anos.

— Talvez alguns novos idiotas tenham se mudado para cá — diz Malin. — De Umeå, Lund ou Uppsala.

Malin ouve um grunhido de Sven no outro lado da linha.

— Nós sabemos mais um pouco sobre Hanna Vigerö — diz ele, depois. — Existe um bom motivo para ela ter estado doente. O marido, Pontus Vigerö, pai das crianças, morreu num acidente de automóvel há cerca de um mês e meio. Foi um acidente de carro na neve. Aparentemente, estava a caminho do trabalho e saiu da estrada, batendo de frente num velho carvalho. Lembra-se do frio que fez no final de março, com as estradas geladas e com neve por cima do gelo? Ele trabalhava numa fábrica de elevadores, a Tidlund, em Kisa.

— Alguma coisa de estranho nesse acidente?

— Não. A investigação demonstrou que se tratou de um acidente normal de derrapagem no gelo.

— Pobre mulher — diz Malin. — Primeiro, o marido. E agora as filhas. Que situação diabólica!

— Para dizer o mínimo — concorda Sven Sjöman.

— Algum outro parente?

— Ninguém que a gente possa encontrar. Os pais de ambos já morreram há muito tempo.

— Nada de amigos?

— Não. A família parece que pertencia ao grupo dos que gostam de isolamento.

Ao lado de Malin, Zeke bate com os pés na grama, repetidamente, enquanto olha para cima, para as varandas, onde as parabólicas apontam para o mundo.

— E as crianças, já foram identificadas?

— Não. Karin e sua equipe do laboratório técnico estão trabalhando intensamente nas análises de DNA para compará-las com o de Hanna Vigerö. Mas, por enquanto, não há novidade.

O celular fica em silêncio por um segundo, tempo que Malin aproveita para inspirar os odores que chegam do bairro. Cheira a carne grelhada e cominho queimado, além de muita canela. Ela fica com fome de novo, chega a desejar que o povo tivesse a consideração de fazer a comida com as janelas e as portas das varandas fechadas. Em seguida, sente no ar o cheiro da grama primaveril, a um tempo luxuriante, gordurosa e amarga. Isso faz com que ela se lembre de quando era pequena e corria pelo gramado do jardim da sua casa em Sturefors. Era o cheiro de uma promessa de maior movimentação, de dar liberdade ao corpo, uma sensação que ela adorava, uma sensação de ilimitada liberdade.

— Vocês ainda estão em Ekholm? — pergunta Sven Sjöman.

— Sim.

— Então, ainda podem aproveitar para dar uma olhada no apartamento da família Vigerö.

— Quer dizer que eles viviam aqui?

— Foi o que eu disse na reunião.

— Perdi essa informação. Zeke também.

— Aconteceram muitas coisas ao mesmo tempo. Não dá para absorver tudo — diz Sven.

O cérebro não funciona tão perfeitamente, pensa Malin. Aconteceram coisas demais, rápido demais, como se todo o meu

mundo fosse uma grande explosão.

— O que devemos fazer no apartamento? Não haverá problema se tivermos de forçar a entrada? Afinal, elas são vítimas.

— Entrem — diz Sven. — É importante. Vejam quem são os moradores. Ou quem eram. Você sabe, Malin, escute as vozes da investigação.

As vozes, pensa Malin. Vou tentar ouvi-las.

Mas como poderão ser ouvidas lá dentro do apartamento?

— Ekholmsvägen, 32A. Vão lá. Vejam se há alguma coisa que possa interessar à investigação.

Malin escuta, então, um sinal.

— Vou ter que desligar — diz Sven. — Alguém quer entrar no escritório.

8

Sven Sjöman reclina-se na sua cadeira no escritório e, diante dele, os homens bebericam café em canecas coloridas da Seven Eleven.

Já fizeram as apresentações, mas apenas com o sobrenome, sinal na Suécia de hoje que não estão dispostos a intimidades.

Brantevik, um homem de uns 50 anos de idade, vestido com terno de veludo marrom-escuro, apresenta-se com um rosto avermelhado, desgastado pelos anos e por muito tabaco.

Stigman. Tem a idade de Malin, com cabelos louros, curtos, um queixo saliente, pontiagudo, e um olhar incisivo. Roupa casual, mas elegante, com jeans escuros e um pulôver azul-claro.

Säpo, a polícia de segurança nacional da Suécia.

Não são nem seis horas e eles já chegaram a Linköping.

— Vocês já chegaram a alguma conclusão? — pergunta Brantevik, com voz rouca.

Sven faz um relato sobre as linhas de investigação, completa e detalhadamente.

Os homens da Säpo acompanham o relato com acenos de cabeça. Sem perguntas.

— E vocês? — pergunta Sven, enquanto olha pela janela da sala que dá para a fachada alaranjada do Hospital da Universidade e

para as centenas de automóveis no estacionamento.

— O que vocês têm para nos oferecer? Existe, por exemplo, alguma ligação internacional que devamos conhecer? Relacionada com religião? Ou com política?

Stigman respira fundo, começa a falar num tom que revela gostar, realmente, de ouvir a própria voz:

— Na situação atual, uma eventual informação dessas ainda seria confidencial, mas, aqui entre nós, posso dizer que não temos nenhuma indicação nesse sentido. Não recebemos nenhum aviso antecipado.

Sven entendeu.

— Nós estamos hospedados no Grande Hotel da cidade.

— O hotel está aberto?

— Oh, sim. Os quartos são virados para a rua de trás.

— Inacreditável.

— Ao que parece, vão ter de servir o café da manhã no salão de reuniões, mas a recepção passou incólume pela explosão.

— Vieram só vocês dois?

— Por enquanto — informa Brantevik. — Amanhã, chegam mais, porém sou eu que chefio a investigação. Mantenha-nos informados sobre os seus trabalhos.

— E vocês sobre os seus, ok?

Os homens do outro lado da mesa de Sven sorriem.

Stigman parece querer dizer: *“Sure, Charlie, sure”*, mas permanece calado.

Assim que os homens da Säpo deixaram a sala, Sven Sjöman inclina o corpo e volta a olhar para o hospital.

Hanna Vigerö.

Lá, em algum lugar, ela luta por sua vida.

Outros feridos, uns dez, ainda vão ficar no hospital. Alguns, pelas próximas semanas. Os que tiveram ferimentos leves puderam voltar para casa. E os que estão em estado de choque já receberam cuidados. Entretanto, a inquietação na cidade vai permanecer por muito tempo, talvez nem vá desaparecer.

O que foi que os atingiu?

Ele pensa nos seus detetives.

Em Waldemar Ekenberg, cuja determinação implacável vai ser agora necessária. Em Johan Jakobsson, cujo talento em desencavar coisas do computador, só Deus sabe como, com certeza vai ser de grande utilidade. Assim como a experiência de Börje Svärd e a frieza de aço de Zeke. Mas, acima de tudo, todos eles vão depender da intuição de Malin. Quem sabe, é isso que vai levá-los para a direção certa.

E Karim Akbar.

Ao que parece, ele chegou a um divisor de águas na sua vida, onde, em vez de se tornar mais tolerante, prefere dividir as questões em preto e branco, nós contra eles. E quem é que poderá censurá-lo quando isso acontece?

Malin.

Ele sabe que deve falar com Malin, mas falta-lhe tempo para isso. Sabe que ela vai atirar-se de corpo e alma ao trabalho e que talvez devesse fazer o contrário, ou seja, resolver seus problemas pessoais. E, no mínimo, os de Tove. No entanto, a sociedade e os contribuintes de Linköping, em especial, precisam dela agora.

Eu necessito dela, pensa Sven Sjöman.

De modo que eu vou deixá-la seguir os seus instintos.

A escada de acesso ao apartamento da Ekholmsvägen cheira a suor, a fumaça e a peles de animais muito úmidas. Está estranhamente úmido por aqui. Uma sensação de vapor como se eles fossem transportados de um momento para o outro para uma floresta tropical. No teto, está piscando uma lâmpada de mercúrio, o que faz com que as paredes de cimento pintadas de amarelo pareçam mais pálidas e o chão de pedra lisa, cheio de rachaduras, como se estivesse coberto de larvas rastejantes.

Malin toca a campainha da porta onde se vê o nome Vigerö.

— A boa educação exige isso — diz ela.

Os dois aguardam um pouco.

Malin toca novamente.

— Vamos entrar — diz por fim.

— Não é totalmente correto.

— É, sim, numa situação anormal como esta. — Ela pega seu chaveiro, procura a chave mestra e um minuto depois a porta do apartamento se abre.

— Como seria o normal?

No *hall* de entrada, paredes floridas. Um cabideiro da Ikea. Por baixo, uma prateleira cheia de sapatos de crianças e de adultos, bem alinhados.

Uma cozinha bem limpa com armários amarelos. Dois bancos em volta da mesa de cozinha e duas cadeiras de pinho que parecem novas. Uma sala de estar com um sofá de canto, esverdeado, e um aparelho de televisão de tela plana. Nas paredes, fotografias em preto e branco de praias. Fotografias que devem também ter sido compradas na Ikea.

Entram em um quarto. Persianas fechadas, mas com uma luminosidade fraca entrando pelas frestas. Colchas brancas cobrem

duas camas.

Malin procura com a mão o interruptor. Acende.

O quarto fica banhado por uma luz suave. Malin vê, então, mais fotografias emolduradas por cima das camas, imagens da vida das meninas, com elas dando os primeiros passos em volta de uma caixa de areia que parece ainda nova, a cavalgar num pônei, a brincar numa praia, já mais crescidas, a entrar em uma creche, a brincar em um parque infantil, a descer num escorregador, como se estivessem em Estocolmo, no Gröna Lund.

Brinquedos de plástico colorido numa caixa de madeira. Jogos bem conservados. Duas bonecas iguais.

Imagens do rosto das duas meninas.

Duas crianças, as mais adoráveis que se possa imaginar.

Olhos grandes, bonitos.

Uma fotografia da mãe afagando o rosto delas.

Malin escuta Zeke respirando fundo atrás dela. O seu neto tem dois anos e meio. Um único neto com quem ele esteve apenas duas vezes. Um contato difícil de manter com regularidade quando o único filho é uma estrela do hóquei sobre gelo e joga numa equipe canadense.

— Caramba! Que coisa! — diz Zeke. — Caramba!

Malin senta-se na beira de uma das camas. Passa as mãos pela colcha branca.

Irmãs. Elas, certamente, davam-se bem. Eram amigas. Nós contra o mundo. Como costumam fazer as irmãs. E os irmãos também.

A luz do teto pisca, ouve-se um clique e o quarto volta a ficar às escuras. Malin escuta, novamente, um som sibilante, tal como aconteceu na praça.

De repente, revê o olho da menina que encontrou lá, bem no meio do escuro, e a face cortada de um rosto humano, o rosto de uma criança. Ela vê tudo, com clareza, como se viesse do seu próprio íntimo. O olho, a face. É uma das meninas, não importa qual, deixemos que seja a face de ambas as gêmeas.

Esperemos que estejam bem, deseja Malin. E o som vai embora. Ela procura o caminho no quarto escuro. O mundo parece negro diante dos seus olhos.

Malin, Malin.

Nós estamos vendo vocês, você e Zeke, enquanto circulam pelo nosso quarto. Conseguimos ouvir os seus comentários enquanto olham para as nossas belas camas.

É claro que são belas.

Vocês não encontram nada de estranho, aliás, não encontram nada mesmo. Apenas coisas e registros normais, assim como as imagens de uma vida em que tudo é normal. Não é verdade?

A vida de gêmeas. Com muito amor em dobro, com muita coisa boa em dobro.

A nossa mãe agora está dormindo.

Vocês acham que ela vai voltar a morar aqui?

Nós nunca vamos voltar.

Porque agora vivemos apenas de sensações.

Todas as sensações. Todas as que qualquer ser humano pode sentir, ainda que isso seja sentido muito, muito de longe. Mais longe do que se possa imaginar.

Aqui está escuro e frio. Como em uma longa noite de primavera. Nós queremos que o nosso pai e a nossa mãe venham logo nos

abraçar.

Mas onde é que está o nosso pai, Malin?

Onde é que ele está?

Onde é que fica?

Vocês já estão fechando a porta do que foi o nosso lar.

Malin, você olha em volta, já na escada, pensa naqueles contornos que conseguiu ver no escuro.

Ouve o som sibilante de novo. São os pássaros que cantam?

Não. Somos nós, apenas nós, Malin. São os nossos corpos que flutuam e tentam encontrar a paz ao circular pelo espaço.

Mas não conseguimos, Malin. Ainda não encontramos a paz.

9

Karim Akbar está sentado na sua sala, sente-se como se estivesse amarrado à cadeira. O encosto de couro está quente, aquece as suas costas, o que faz com que ele se lembre e sinta saudades do corpo da sua nova mulher. Tem saudades de tudo o que ela representa.

Quer ouvir a voz dela, a inteligência que exprime. Quer cheirar o seu hálito quando ela murmura palavras no seu ouvido. Sentir como ela deseja tudo o que vem dele, da mesma maneira como a natureza anseia pela vida na primavera.

Sua ex-esposa, aquela que se mudou para a cidade de Malmö nos braços de um maldito colega, tendo levado consigo o filho Bayran, pode muito bem ir para o inferno.

O orgulho da paixão.

Esse orgulho talvez me torne arrogante, pensa Karim, mas isso é natural.

Vivianne é promotora de justiça. Veio da cidade de Norrköping há um ano. Cinco anos mais nova do que eu. Oferece resistência e é esperta. É como se acordasse o predador em mim, com as suas ambições. Ela fez com que eu voltasse a lutar por uma carreira e

transmite a impressão de que vai chegar a promotora do reino da Suécia.

A ministra da Justiça acaba de telefonar.

Queria saber a respeito da situação, de como iam as investigações. Karim não ficou surpreso com a conversa. Os noticiários em relação à bomba vêm em primeiro lugar.

Ele está com a televisão ligada.

Reportagem. Vê as imagens de Linköping e de si mesmo. Lá fora, pela janela, vê que o estacionamento da polícia está vazio. A iluminação da rua lança estranhos fachos amarelos na noite primaveril que ele sabe estar fria.

Aparece o rosto da ministra da Justiça na televisão, marcado pelas rugas originadas pelo cigarro, tentando acalmar o medo.

“A esta altura, hoje, não existe nenhum sinal de terrorismo internacional [...] E a polícia local tem toda a minha confiança [...]”

Karim desliga a televisão.

Olha para os escritórios do último andar do edifício da Câmara Municipal.

Há luz acesa em uma das salas. É a sala dela. Vê até a sua silhueta. Ainda está sentada diante do computador.

Nesse momento, o celular dele começa a tocar.

Ele lê a mensagem:

“Estou vendo você. Eu me acaricio só de contemplar a sua sombra. Venha.”

Malin resolveu voltar a pé do departamento para casa. Aproveita assim para sentir o aroma de todas as flores do parque da Associação de Jardinagem, viver a sensação de que os gineceus

estão mandando para o seu corpo sinais codificados: “Se solte, faça uma tolice qualquer. Ceda às suas fraquezas. Quem é que se importa com isso?”.

Mas ela tem de se manter na linha.

Sabe disso.

Já passa das dez horas da noite. Sente que um dos dias mais longos da sua vida está terminando. Está escuro, os cones de luz projetados pelos postes das ruas estão livres de insetos, mas mesmo assim transmitem sinais de vida.

As faixas de isolamento na Grande Praça de Linköping foram retiradas.

As pessoas acenderam velas no local onde estava o caixa eletrônico. Talvez umas cem velas acesas, além de flores, pequenas mensagens escritas para as crianças que a imprensa mencionou como mortas, mas que não estão ainda oficialmente identificadas.

Algumas jovens na idade de Tove estão no meio da praça, abraçadas, chorando, falando umas com as outras em tom baixo.

Por todo o lado, as velas.

Talvez umas quinhentas, espalhadas por toda a praça. As chamas iluminam o lugar público, normalmente pouco frequentado àquela hora, como se fossem pequenos focos de inquietude. Malin acha que parecem imagens de bom senso e de bondade a sair das pedras do chão da praça, levantando-se contra a violência que afeta a todos.

As chamas representam manifestações mudas a esvoaçar ao sabor do vento, os suportes das velas são pequenos casulos de esperança de que tudo não seja mais do que um grande erro, um engano. Que tudo o que aconteceu, de fato, não aconteceu. Que a

luz se espalhará pelo mundo, procurando iluminar e dominar as mentes. Será que vão conseguir?

No *site* do *Corren*, Malin acaba de ler que todas as igrejas da cidade estão abertas ao público para que as pessoas possam se reunir, se encontrar e conversar, cuidando de suas almas inquietas. Na catedral, está acontecendo uma missa e, certamente, mais de mil pessoas devem ter ido à grande nave de pedra e devem se sentir mais seguras no belo ambiente da igreja. Malin, mesmo assim, prefere não ir para lá, quer voltar para casa. Não necessita presenciar nenhuma demonstração coletiva de medo, de tristeza e de renúncia.

O corpo dói de tanto cansaço e perplexidade. Ainda sente o cheiro de poeira, de carne humana e de roupas queimadas como uma premonição flutuando na atmosfera. No Grande Hotel, o vidraceiro trabalha na colocação de novas vidraças. Alguns funcionários do restaurante Mörners Inn lavam o chão de madeira do café externo.

Incompreensivelmente, o restaurante continua aberto. E vazio.

Uma cerveja?

Iria cair loucamente bem.

Apenas uma, pensa Malin, ao passar pelo bar, na descida para a rua Ågatan.

Mas não.

Não, não.

Por muito que o corpo deseje, por muito que as flores com o seu aroma sussurrem em volta.

O pai e Tove devem estar em casa, no apartamento. Ela acabou de falar com eles pelo celular. Estão à sua espera, vendo televisão. Malin espera que também estejam cansados e que não queiram

conversar muito. Parece até que este dia já esgotou todas as palavras da sua mente.

Tove está na sua frente como se tivesse dois, três, quatro, cinco anos de idade. Malin vê a filha fazer todas as coisas que as crianças faziam nas fotografias que viu no quarto daquele apartamento. Vê Tove fazer tudo o que fez, depois dessa idade. Tudo de bom que, apesar dos pesares, ela conseguiu vivenciar e, certamente, vai conseguir reviver.

Sente uma fisgada de consciência pesada. Malin pensa nos momentos em que colocou Tove em segundo lugar na sua vida. Talvez com demasiada frequência.

Ficou muito melhor depois que parei de beber, mas continuo a trabalhar demais, pensa Malin, não tendo conseguido ainda penetrar bem no seu mundo.

É isso que acontece.

Nada que eu possa negar diante de mim mesma. Ela condena mais uma vez a sua fraqueza. Gostaria de participar mais do mundo de Tove, dos seus sonhos e da sua vida.

Mas será que Tove quer isso?

Ela está agora com 16 anos. Mais independente a cada dia que passa. Forte e explícita de uma maneira que eu jamais consegui ser.

Um odor de verão nesta noite primaveril.

Um odor de verão e um mau cheiro de maldade que ficou escondido na neve do inverno.

Dois corpos de crianças massacradas e queimadas. Duas flores caídas no jardim do mal.

10

Malin hesita diante do portão na rua Ågatan. Ela escuta o rumor que vem do *pub* Pull & Bear, no andar térreo do prédio onde mora. Era como se pudesse ouvir o borbulhar da cerveja na hora de sair da serpentina e da torneira e cair sob pressão no copo esguio de chope.

Sabe que é uma ilusão. Sabe que esse borbulhar não interfere mais no seu estado de espírito. Quaisquer que sejam as sensações recebidas, produzidas pela bebida, ainda assim ela poderá controlá-las.

Ela crava as unhas no braço. A dor ajuda. Tem treinado mais do que nunca, depois de ter parado de beber. As endorfinas e o esforço do corpo mantêm a vontade de beber distante. Correr em torno do lago Stångån, nadar dez quilômetros na piscina do balneário de Tinnerbäck, nadar cinquenta metros sem respirar, tudo isso faz com que ela sinta o corpo quase explodindo por dentro e a vontade de beber explodindo para fora, desaparecendo.

Horas e horas no ginásio da polícia durante o inverno. A barra de peso, com mais de cem quilos, pressionando e se aproximando, perigosamente, do seu pescoço. “Empurre para cima ou, então,

você morre. Não existe ninguém por perto que possa ajudá-la, aqui embaixo, no porão. Ninguém que possa ouvir os seus fracos gritos por ajuda, caso deixe cair a barra em cima do seu pescoço.”

A ânsia por bebida só pode ser curada com perigo e sofrimento que colocam em andamento o sistema de compensações quando as ameaças são vencidas. A ânsia por bebida desaparece pelo desgaste físico.

Mas poderá voltar a qualquer momento. Mostra, então, o seu rosto, com um sorriso de desprezo. “Faça o que fizer, Malin, eu estou aqui e sempre estarei. E sou eu que decido.”

Ela tenta afastar a atração do bar.

Na cidade, impera a primavera. Com uma luz de sol que chega a cegar durante o dia e que ilumina todo o lixo coberto, antes, pelo manto de neve.

Moças vestidas com roupas leves e com quem os homens sonham depois de um inverno rigorosamente frio. A natureza renasce para viver e morrer alguns meses depois, em um eterno ciclo de vida e morte. Animais predadores que acordam nas suas tocas e se lançam para caçar e satisfazer a sua fome, que caçam e matam filhotes de outros animais para alimentar os seus e garantir a sobrevivência.

Rapazes vestidos com roupas leves. Desejos contidos, sem culpas. Tudo reduzido a uma dança de hormônios. Até as rédeas de Malin querem se soltar.

Corpos descontraídos.

Corpos endurecidos.

Malin para e fica quieta diante do prédio.

Crava as unhas nos braços, mas não com tanta força, a ponto de romper a pele.

Eu ando em círculos, pensa Malin. Será que a decepção está visível no meu rosto? Vou fazer em breve 37 anos. O tempo passa por mim. Tem de acontecer algo mais do que apenas essa caçada desesperada por alguma coisa indefinível.

Tem que acontecer alguma coisa.

Os segredos.

A procura por alguma coisa que possa me levar adiante, com os meus próprios pés. Autoconfiança para mim e para os outros. Alguma coisa que leve à cura deste meu maldito desassossego. Isso não pode surgir como consequência de uma primavera normal.

Poderá uma bomba? A morte de duas meninas inocentes?

Maria Murvall? Vítima de um estupro num caso sem solução, pelo qual eu ainda continuo quase obcecada. Será que poderá me levar adiante, Maria, você que ainda continua sentada no seu quarto no hospital psiquiátrico de Vadstena e se recusa a sair de si mesma e ser o que um dia foi?

Você anseia, não é, Maria? Anseia por uma não existência, da mesma maneira que as duas meninas Vigerö anseiam, gritam e choram por mais vida.

Malin solta os braços.

O vestido negro está manchado, amarrotado.

O funeral pela manhã.

Parece ter acontecido há mil anos. Não aguento mais pensar nisso. É melhor olhar em frente, não é?

Malin abre o portão. Um minuto depois entra no hall do seu apartamento e vê Tove vestindo o casaco bege impermeável, com um cinto, uma cópia de um Burberry, comprado na loja H&M. Malin vê que o casaco faz com que Tove pareça mais velha, mais consciente, melhor do que ela jamais esteve.

— Vai para casa do seu pai? Pode ficar aqui, se quiser.

— Eu sei, mas hoje o dia foi longo e eu tenho livros lá que preciso levar para a escola amanhã.

Sure, Tove.

Está fugindo, não é? Exatamente como o seu pai sempre fez.

— Será que não pode ficar uma vez?

— Mamãe, por favor...

Ok, pensa Malin. Ok. Mas eu já me mantive sóbria por mais de um ano e meio. Sem beber. Será que você não pode ficar aqui comigo com uma frequência um pouco maior?

— É por causa do avô?

— Estive falando com ele durante toda a noite. Ele disse que estava tudo bem.

A televisão está ligada. Ele deve estar vendo algum concurso de perguntas. Malin recorda a respiração profunda do pai. Ele espera falar com a filha, para que juntos terminem o dia em que ele enterrou a esposa e ela, a mãe.

Malin olha mais uma vez para Tove. Depois, balança involuntariamente a cabeça.

— O que há?

— Nada, estou apenas cansada. Vá embora agora, senão perderá o ônibus. Tenha cuidado. Pode acontecer tudo lá fora. Não prefere tomar um táxi?

— Não.

— Ok. Vá de ônibus.

Malin deixa a palavra ônibus flutuar no espaço como uma cansativa maldição.

— Você não vai ficar triste por isso, não é?

— Tove, eu fui ao enterro da minha mãe, hoje, pela manhã. É claro que estou triste.

Tove olha para ela.

O seu olhar mostra que percebeu como as palavras ditas antes por Malin soavam falsas. Por isso, Tove sorri, dá dois passos em frente e abraça a mãe. Ambas ainda estão no *hall*, abraçadas, sob a luz de uma lâmpada bem fraca. Malin sente o odor de um perfume barato que a filha usa. Sente como esse perfume lhe transmite um ar doce e suave, como o das mais conhecidas mulheres do mundo.

Mas, ao mesmo tempo, Tove tem um cheiro diferente, uma novidade. Parece um ser estranho que Malin jamais vai conseguir entender ou conhecer por completo.

Ela abraça Tove ainda com mais força.

Tove corresponde.

Malin sente-se obrigada a conter as lágrimas, essas malditas lágrimas que acabam por ficar contidas na garganta.

A porta bate com um som surdo na saída de Tove, enquanto Malin se deixa cair no sofá ao lado do pai.

Ele desliga a televisão com o controle remoto e ambos ficam sentados em silêncio, olhando através da janela o telhado de cobre da Igreja de St. Lars e as nuvens altas que cobrem o céu de uma noite ainda apenas anunciada.

O perfil do seu pai é bem delineado. Malin pensa como ele deve ter sido bonito e como ainda pode ser considerado um homem atraente. Espera até que encontre alguém, uma mulher carinhosa, pois, certamente, não vai conseguir viver sozinho.

— Como está? — pergunta ela.

— Estou bem — responde o pai.

— Mesmo?

O pai faz que sim, mas Malin tem a sensação de que ele quer falar mais alguma coisa. Ela acha que, finalmente, o pai vai lhe dizer aquilo que ela sabe que ainda resta contar.

Malin levanta-se, vai até a janela, olha um pouco para fora, antes de se virar novamente para dentro.

O olhar do pai está firme, mas denota cansaço.

— Não está na hora de contar tudo? — pergunta Malin.

— Contar o quê?

O pai mostra-se solitário e com medo. Com medo da sua própria solidão. Então, Malin percebe que não está na hora de pressioná-lo. Tem alguma coisa para contar, que pode pôr em risco seja o que for. Ele não vai fazê-lo agora, não esta noite.

— Estou cansada — diz Malin. — Foi um dia muito longo.

— Já quer ir para a cama?

Ela faz que sim.

— Então, eu vou para a minha casa.

— Por que vocês vieram para cá? Podiam ter ficado lá na sua casa.

O pai a olha, com um olhar cheio de significado.

— Foi a Tove que quis vir aqui?

— Não, ela não falou nada.

— Mas o senhor quis. Por quê?

Está na hora de interrogá-lo, pensa Malin. Está na hora.

— Por que quis vir para cá? Quer que falemos sobre a mãe? A respeito dela não existe nada de especial a falar, não é? Você sabe muito bem que tipo de relação a mamãe e eu tínhamos.

O pai levanta-se.

Fica de pé, junto da mesa da sala de estar, com as mãos nos bolsos das calças escuras. O rosto parece estranhamente redondo à luz alaranjada da luminária de chão.

— Malin, por favor. Ela acaba de deixar este mundo.

— Nem um segundo cedo demais, se quiser saber o que eu penso.

Ela sente que a raiva repentina faz com que as palavras extremas lhe saiam pela boca, tão impossíveis de evitar quanto antes lhe era impossível conter a bebida e evitar ficar embriagada, fora de si, maravilhosamente inconsciente.

Por que eu disse uma coisa dessas?, pensa Malin. Minha mãe era uma pessoa muito fria, mas ela nunca me fez mal, fisicamente falando. Ou fez e eu não me lembro? Será que eu reprimi essas lembranças?

— Eu vou embora — diz o pai. — Se não nos virmos antes, nos veremos diante do advogado na hora da leitura do inventário.

Mas ele ainda permanece na sala.

— Malin — diz ele —, não foi culpa minha ela ser como era. Tentei, de fato, falar com ela, tentei que se importasse mais com você e com Tove.

— Agora é tarde demais.

— Não a julgue de maneira tão dura, Malin. Pois, nessa altura, está nos julgando a todos.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, se você não tem culpa nenhuma, então, pode atirar a primeira pedra.

— Quer dizer que a culpa é minha de ela ser uma mulher fria, desleixada, sem sentimentos.

O pai fecha os olhos, parece conter uma raiva interior e querer dizer alguma coisa, mas acaba apenas soltando um longo suspiro antes de falar:

— Você precisa dormir. A cena na praça deve ter sido horrível. As meninas mortas.

As meninas.

O olho.

O rosto.

Malin sente a raiva se desfazendo dentro de si e acaba concordando com o pai, com vários movimentos de cabeça.

— Desculpe — diz ela, depois. — Foi indigno de minha parte falar mal da mamãe, justo hoje.

— Tudo bem — diz o pai. — Voltamos a falar outro dia. E você também vai ter que me perdoar por eu me ter comportado de maneira estranha.

Estranha?

Você parece não estar especialmente triste, muito menos desesperado, abatido, por ter ficado viúvo. Afinal, como está? Reservado, reticente, misterioso, vazio, estupefato?

— Vou embora. Está na hora de dormir — diz o pai.

Em seguida, desaparece no *hall* de entrada. Malin escuta quando ele veste o seu casaco, antes de falar em voz alta, em direção da sala:

— Boa noite. Beijos, beijos.

E Malin responde:

— Tchau, papai. Boa noite.

Tove vê a carta em cima da cômoda do *hall* ao entrar na casa do pai, em Malmslätt. Deve ter sido ele que a colocou bem à vista ao voltar do trabalho.

Ela vê o logotipo no canto do envelope, no momento em que ouve o pai fazendo alguma coisa na sala de estar. Parece estar com o aspirador de pó ligado, não? Ela tem a sensação de que alguém acaba de sair da casa, outra pessoa, desconhecida, estava lá.

Papai.

Lá está ele. Tove vai em sua direção e o abraça. Claro, ele tem mais força do que a mãe. É mais confiável, mais simples, mas também mais enfadonho. Ela não pode deixar de pensar assim, de ter essa sensação.

— Chegou uma carta — diz ele, assim que eles se soltaram. — Não entendi de onde veio.

— É apenas publicidade de uma escola qualquer — responde ela, esperando que ele não perceba a sua mentira. — Alguém esteve aqui?

O pai olha para ela, surpreso.

— Aqui? Quem é que poderia estar aqui numa noite normal a não ser você?

— Claro. Tem razão — diz Tove. Agora é a vez de ela ter outra sensação de que há uma mentira no ar. Mas, com a carta na mão, resolve subir a escada e ir para o seu quarto.

— Estou cansada — diz ela. — Vou me deitar um pouco.

O pai olha para ela. Faz um aceno de compreensão, antes de perguntar:

— Como está sua mãe? — A voz dele tem um tom que faz com que a pergunta soe como um dever de consciência, o que, instintivamente, irrita Tove.

— Está bem — diz ela, de maneira curta e grossa.

— E seu avô?

— Também.

A carta na mão.

Ela sente que as suas mãos estão tremendo. Tenta abrir o envelope com os dedos, sem rasgar o conteúdo.

O logotipo da escola na frente.

O sonho.

Outra coisa que não seja a maldita Escola Folkunga. Ir para longe de todos os problemas.

Da mãe.

Meu Deus, como ela sente vergonha só de pensar assim.

Deixa cair o envelope. Pega-o novamente e consegue abri-lo da maneira certa.

Uma única folha de papel.

Muito grossa. Só pode significar uma coisa, não é? Ela pega a carta, senta-se na cama, acende o abajur da mesinha de cabeceira e desdobra a folha. Então, lê. Quer saltar, pular, rir e gritar, mas logo sente o estômago se contrair. Mamãe, mamãe, como é que eu vou lhe contar, mamãe?

Malin tirou a roupa e se deitou na cama, entre os lençóis e sob um cobertor barato.

Sente o colchão macio, seu velho, conhecido e solitário colchão, por baixo do corpo.

Tenta relembrar a imagem da mãe, mas não consegue. O rosto dela aparece apenas como um contorno de perfil.

Por que será que não consigo vê-la, minha mãe? Por que não consigo ficar triste? Será que não consigo mais sentir tristeza?

Acho que não. A senhora me abandonou uma vez, não é verdade? E a tristeza que devia sentir agora, eu senti naquele momento, não é? Talvez tenha sido essa tristeza que eu senti a vida inteira.

Será que existe um motivo plausível para uma mãe abandonar a filha? Desistir dela? Passar a usar mal a confiança de um amor verdadeiro e único? Virar as costas por maldade contra esse amor? Apenas aproveitando-se de todas as maneiras dele?

Não.

Por tudo isso, uma mãe merece morrer. Isso é traição.

O segredo dessa atitude está agora com o pai. E eu sinto que alguma coisa está para acontecer. Sinto uma ruptura no ar.

Malin deita-se de lado.

Tenta adormecer, mas acha que o sono ainda vai demorar, como costuma acontecer ultimamente. O sono, porém, vem logo em seguida.

Nos sonhos, ela vê Maria Murvall.

Vê um pequeno rapaz descansando na cama de outro quarto do hospital, mas o rapaz não tem rosto. Apenas uma boca negra, bem aberta, e dessa boca saem palavras em uma língua que Malin não entende. Ela nem sequer consegue perceber se se trata de um linguajar humano.

As duas meninas da praça aparecem nos seus sonhos.

Elas flutuam, brancas e bonitas, por cima da cama onde a mãe doente está deitada.

Há um aparelho que começa a emitir um sinal nos seus sonhos.

Sinal que anuncia que ainda há vida, que ainda há esperança. As meninas continuam a flutuar para a frente e para cima, sobre uma floresta e ao longo de uma região costeira escura e tranquila.

De repente, as meninas começam a gritar. Viram-se para Malin, para o seu rosto, aos gritos, desesperadas. Há várias vozes infantis que gritam muito. E logo o sonho de Malin se transforma em um grito uníssono.

— Soltem-nos — é o que dizem.

— Larguem-nos! Soltem-nos!

11

Sven Sjöman não conseguiu dormir, o quarto estava quente demais, de modo que resolveu se levantar e descer pela escada no escuro, ouvindo o estalar das tábuas do chão à medida que avançava para a cozinha, onde fez um sanduíche de queijo com pão preparado em casa.

Depois, fez aquilo que já fizera mil vezes antes.

Desceu mais uma escada até a sua marcenaria particular, cujas paredes isolou cobrindo-as com caixas vazias de ovos. Comeu o sanduíche de pé junto do torno e, quando terminou, não se atreveu a colocar a máquina em funcionamento, muito menos pegar uma daquelas peças de madeira em que estava trabalhando.

Resolveu sentar-se num banco. Olha agora para o torno, para as ferramentas, tem uma sensação estranha de isolamento, de solidão, mas pensa em todos os utensílios de madeira que fez e que encontraram novos lares com clientes que visitam a loja de artesanato na rua Trädgårdsgatan.

Uma bomba explodiu na sua cidade.

Quem poderia imaginar que uma coisa dessas podia acontecer. Mas aconteceu. Duas meninas mortas. E quando correm de um lado para o outro, quando o povo é atingido por uma espécie de pânico

coletivo, ali está ele como um pinheiro envelhecido, impossibilitado de segurar e aguentar todos os ventos que sopram de todos os lados.

Malin.

Sven ainda não tem certeza do que está acontecendo com ela. Ao que parece, já domina bem a bebida e já reconstruiu um bom relacionamento com a filha, Tove. Mas... e com Janne?

Eu não me arrependo de tê-la obrigado a se internar numa clínica de reabilitação, mas tenho a sensação de que ela nunca mais vai voltar a confiar em mim completamente. Como antes, quando agia com a certeza de que eu iria aceitar a sua vontade sem pestanejar.

Ela dirigiu embriagada.

Bebia demais até mesmo quando estava em serviço.

Podia ter causado um acidente irreparável. E ainda ferir alguém. Eu não podia permitir que isso acontecesse.

Agora a sua mãe. Lembro-me de quando a minha mãe morreu. Foi como se uma âncora de segurança me tivesse sido arrancada. Como se, de repente, eu tivesse ficado finalmente adulto de um momento para o outro. Libertado do medo de que ela desaparecesse.

Lamentei a sua morte, mas, acima de tudo, cresci. Ela já vivera bastante, estava velha, porém ainda guardo comigo o seu amor por mim. Se ela tivesse vivido sem ter me dado o amor que deu, talvez eu sentisse a sua morte de maneira diferente. Talvez eu descobrisse que havia um buraco negro na minha vida que nunca, jamais, seria preenchido.

Malin balança sobre uma corda fina. A qualquer momento, a corda poderá ser dominada pela escuridão. Mas Malin é um ser humano, e

nós, seres humanos, temos de viver e vencer ao passar por essas situações, justamente, por sermos humanos.

Seres humanos pequenos e vulneráveis.

Morte àqueles que os atacam.

Morte a todos.

Johan Jakobsson admira as suas crianças dormindo nas camas, no quarto que compartilham no andar térreo da sua casa geminada. Solta os seus sentimentos paternais, não quer que a vergonha os manche.

As crianças são quase da mesma idade das duas meninas que morreram na praça. Uma situação toda irreal. E, ao mesmo tempo, real.

Malin.

Assistiu ao funeral da sua mãe naquela mesma manhã. Como a explosão, ao contrário do que se poderia esperar, contribuiu para que ela se concentrasse e superasse o acontecido na família. Foi como se a explosão a tornasse mais compacta, mais decidida, e, acima de tudo, a ajudasse a prosseguir e a existir.

Johan fecha a porta do quarto das crianças.

Para, fica em pé um momento no *hall* de entrada.

Quem quer que seja o culpado do atentado a bomba, vamos conseguir prendê-lo, ele, ela ou eles.

Existe uma linha divisória nessa situação, pensa ele. Aquele que é culpado de uma violência, que comete um ato de crueldade contra crianças, corrompe o nosso contrato humano, unanimemente estabelecido. A partir daí, o contrato deixa de valer. Essa pessoa deixa de merecer o direito de fazer parte da nossa irmandade.

Por que nos tornamos policiais? Por que me tornei um deles?

Deus sabe que eu não sou um *macho-man* como Waldemar. Ou como Börje Svärd, de fato, também é.

Mas eu gosto das particularidades do trabalho. De mapear as pessoas e os acontecimentos. De fuçar a história da vida dos outros. De ver como eles deixaram que os monstros nascessem dentro de si em determinado momento da vida.

É muito simples. Em casos como esses, é só afastar os véus e a simplicidade aparece. Sou eu contra eles, os que violentam crianças. É preto no branco. Simples assim.

Börje Svärd dorme.

Waldemar Ekenberg dorme.

Dormem cada um na sua vila local, mas as suas respirações despreocupadas os unem.

Na cama de Börje, dormem também os seus pastores alemães. Estes podem ficar agora com ele e se sentem menos solitários durante as noites. Börje nota que assim eles se sentem melhor, mais confiantes.

E que ele também se sente mais seguro com a presença atenta e protetora dos animais.

É como se assim pudesse manter a maldade a distância.

Börje esteve na catedral, na missa, junto com 2.500 outros habitantes da cidade. Ficou lá bem atrás da nave da igreja, a observar as fileiras de costas sentadas nos bancos e a luz suave, mas forte, que iluminava a imagem de Jesus Cristo no altar. As luminárias nas paredes laterais pareciam exigir que até as pedras

cantassem, que todos ali reunidos mantivessem o medo e as preocupações sob controle. Essa foi também a mensagem do bispo:

— Em tempos como estes, todos nós precisamos ficar unidos. Não reclamar, apontar com o dedo, mas mostrar tolerância. Não deixar que o medo oriente as nossas vidas e as nossas escolhas. Com fé naquilo que de bom existe em nós, vamos vencer o mal.

Börje torceu o nariz. Em que é que a fé ajudou Anna? Por acaso, a fé afastou a maldita doença?

Com certeza não.

Quase até o final, ela teve uma vida tolerável. Difícil e dolorosa, mas todos os dias ele viu a inquebrantável força com que ela lutava pela vida. E também, talvez, a fé com que ela acreditava na bondade das pessoas.

Ainda na igreja, ele pensou também em Malin.

Na realidade, como ela parecia carregar o mesmo peso que Anna. Como tentava alcançar a bondade, apesar de sempre haver uma força poderosa, negativa, ameaçando se sobrepor. Mas, pensa ele, talvez seja apenas quando a vida se torna preta e branca que a existência fica clara para nós, e então percebemos que as contradições fundamentais talvez façam parte dela.

Contudo, aqui, nesta igreja, pensa ele, nós tentamos nos convencer, em conjunto, de que as contradições não existem, por mais que o padre diga que sim. Na hora das dificuldades, nós procuramos consolo. Se não o encontramos, viramos as costas.

Ele deixou a catedral antes do fim da missa.

Sentiu que a atmosfera ficava sem oxigênio à medida que as chamas das velas se estendiam na sua direção. Voltou a pé, apreciando a temperatura amena da noite primaveril. Queria voltar

para casa, para o amor simples e fácil de entender dos seus cachorros.

Waldemar Ekenberg abraça a esposa na cama. Ela está acordada, ainda deitada, e olha para ele, admira a sua dureza, a sua capacidade de jamais se dobrar, de desistir. Não liga para a sua tendência para o racismo e as simplificações. Acha que ele deve ter as suas razões. O marido cuida dela. Sempre cuidou. Os dois poderiam viver apenas do salário que ele ganha, se fosse necessário. Ela nunca gostou de trabalhar na Rex Components. Ficar sentada o dia inteiro, alimentando com dados um computador, diante de um monitor. Mas como era bom sentir-se necessária. Waldemar parece não gostar que ela trabalhe fora. Prefere que o serviço em casa seja perfeito e que tenha comida benfeita na mesa quando chega em casa, à noite.

Waldemar preocupa-se sempre com os seus.

Com os seus colegas, por exemplo.

Com Börje, Johan, Sven. E com Malin. Demonstrou preocupação com ela durante o jantar. Disse recear que ela voltasse a beber após a morte da mãe. Mas parece que ela está no controle da situação, não é? Ele disse isso, exatamente, como se a sua mulher pudesse saber. Entretanto, ela sabe de uma coisa: por muito que a gente queira ajudar uma pessoa, é essa pessoa, seja ela ou ele, que tem, no final e por seus próprios meios, de dominar os seus demônios.

Quem é que conhece quais são os demônios que, na realidade, assombram essa Malin?

Zeke está sentado diante do computador na cozinha da sua casa. Acordou há pouco e não conseguiu adormecer de novo.

Com um clique, fez surgir a imagem do seu neto no Canadá. O neto chama-se Per, mas todos o tratam por Pelle. Zeke lamenta ter estado com ele tão poucas vezes.

No quarto, a mulher ressona, mas o som surdo, entrecortado, da sua respiração, serve apenas para acalmar Zeke ainda mais, ao mesmo tempo em que o deixa mais acordado.

Que horrível o que aconteceu com as duas meninas na praça.

O que ele faria se isso acontecesse com o seu Pelle?

Ele iria fazer com que os malditos culpados saíssem das suas tocas.

No entanto, sabe que a agressividade sem um plano estabelecido não vale a pena numa situação como essa. É preciso ser metódico, não se deixar cegar pelo ódio, nem pela raiva.

Volta a olhar para o neto no monitor.

No dia em que ele deu os primeiros passos no jardim verdejante da casa onde o seu filho, Martin, mora.

Acha que a situação é diabólica.

Sabe que poderá agir com dureza, caso necessário.

Go to hell, pensa Zeke. E, na sua mente, vê um monstro com fisionomia de gente.

12

TERÇA-FEIRA, 11 DE MAIO

O que quer qualquer jornalista?

Encontrar a verdade. Libertá-la.

Parasitar. Lucrar com ela. Vender a sua própria ideia, partilhá-la com aqueles a quem ela possa agradar. Se é que eles, os jornalistas, realmente querem alguma coisa.

O relógio marca apenas quinze para as sete no momento em que Malin estaciona o carro diante do edifício da polícia. Apesar de ser muito cedo, já existe uma pequena multidão de jornalistas na entrada.

Os carros de reportagem dos canais de televisão SVT e TV4 já estavam a postos. Num caso como este, numa situação extrema como esta, no entanto, era preciso e importante manter a imprensa a distância, não deixar que os abutres movimentassem algo, algo que pudesse afetar o público, criando o medo.

Mas talvez os habitantes de Linköping tivessem razões de sobra para estar com medo. Quem sabe onde a próxima bomba vai explodir? Afinal, o que foi posto em movimento?

Malin inspira o ar frio da manhã. Sente o cheiro da clorofila recém-acordada, a vida da natureza que esperou para reviver, a natureza que parece querer fazer amor consigo mesma, num balançar de vivacidade sem sentido.

Daniel Högfeldt estará lá? Entre a multidão?

Não consegue vê-lo. Ao se aproximar do portão, os jornalistas chamam por ela:

— Malin? Tem alguma coisa para nós? Qual é a sua pista principal? Ativistas? Islamitas? Alguém assumiu o atentado?

Ela balança a cabeça negativamente. Coloca a mão diante do rosto, desejando ter trazido os óculos de sol, mas está satisfeita por ter escolhido o seu bonito vestido azul, se é que a sua fotografia vai aparecer em algum lugar. O coldre com a arma Sig Sauer está escondido embaixo do seu casaco branco de lã. Tênis branco, do modelo francês que os velejadores usam. Ela se sentiu verdadeiramente chique ao se olhar no espelho do seu quarto em casa, o que a deixou satisfeita. Além disso, verificou que a sua aparência havia melhorado, estava recuperada, apresentava um aspecto renovado desde que parara de beber.

Uma beleza.

Uma pele mais lisa e macia, as maçãs do rosto mais altas e vivas, cabelos brilhantes. Olhos azuis mais despertos.

Nada mal.

Mas por que me sinto tão só?, pensou ela.

— Sem comentários — diz Malin, enquanto a multidão se divide e abre espaço para ela entrar. Talvez por respeito. Muitos desses jornalistas já tinham coberto outros casos em que ela esteve envolvida. Eles sabem que tipo de pessoa ela é.

As portas automáticas da entrada se abrem e ela entra, ouvindo em seguida, atrás dela, o som abafado das portas se fechando. Seu celular toca. Ela procura na bolsa, pega-o, vê que é o número de Daniel Högfeldt. Pensou em não aceitar a chamada, mas desistiu.

— Sou eu, Malin.

Ela ouve a voz dele e nota, pelo seu timbre, que é assunto de trabalho.

Ele não quer que se encontrem para ir para a cama.

— Escute bem — diz ele. — Estou telefonando para você em primeira mão, dadas as circunstâncias da situação. Recebi uma mensagem eletrônica, na redação, de pessoas que se designam por Frente Libertária Econômica. Elas escreveram que estão desenvolvendo uma guerra contra todos os bancos, os quais elas chamam de postos avançados da ganância. Afirmam serem elas que estão por trás da explosão de ontem e que vão fazer novos atentados.

Malin para diante do balcão da recepção, e a recepcionista Ebba, que parece ter acabado de chegar, faz um aceno na direção dela.

— O que está dizendo?

— Você ouviu bem o que eu disse. Frente Libertária Econômica. Já ouviu falar desse grupo?

— Não. Nunca.

Malin começa a andar na direção de sua mesa na grande sala da polícia. É a primeira a chegar do grupo de investigadores, mas há um grande número de policiais fardados e de alguns em trajes civis que estão a ir e vir na sala, uma parte já com as suas canecas de café nas mãos.

— Eu nunca ouvi falar dessa Frente Libertária Econômica — diz ela.

— Mas, ao que parece, existe — responde Daniel. — Eles mandaram que eu seguisse para um *link* e a imagem da página que encontrei, com os diabos, não é nada bonita de se ver.

Malin, agora, está diante do computador.

— Qual é o endereço, Daniel? O endereço.

— É o nome indicado, ponto S E.

— Fique aí um momento, vou clicar e entrar. E o *e-mail*?

— A mensagem veio de um remetente anônimo.

Os dedos correm pelo teclado.

Deu errado.

Diabos. Depois, ela consegue escrever o endereço certo do *site*.

Texto grande em azul sobre um fundo verde-claro. Uma marca no quadro que inclui logotipos brilhantes: SEB, Nordea Bank, Handelsbanken e Swedbank.

Malin lê:

Os bancos do país, na ultrajante ganância dos seus donos, diretores e funcionários, tomaram medidas que ameaçam todo o clima da sociedade. O seu comportamento cria verdadeiras gaiolas de animais predadores para as nossas crianças viverem.

Por isso, a Frente Libertária Econômica declara guerra aos bancos da Suécia. Eles e a sua ganância têm que ser arrasados.

Imagens da Grande Praça depois da explosão.

Malin rola a página para baixo.

Imagens de bancos em outras cidades. Na legenda, o mesmo texto em todas.

Próximo alvo?

Próximo alvo?

Depois, no final, mais abaixo, novo texto:

As vítimas civis não poderão ser evitadas na nossa luta para salvar a respeitabilidade e a incondicional consideração e amor que devem existir entre os seres humanos.

— Já leu?

A voz de Daniel está cheia de receio e de repugnância, mas também de esperança em receber, pelo menos, uma palavra de gratidão.

— Já.

Nada mais. Nada sobre a organização, nada além do que a única página do *site* apresentava.

— Uma grande safadeza — comenta Malin. — Já colocou isso no seu site?

— Não, entrei em contato com você primeiro.

— Espere um pouco mais, por favor. Até que nós examinemos o conteúdo. Filhos da mãe!

— Não posso esperar, Malin. Deve compreender.

— Vai criar pânico, Daniel.

— O povo tem o direito de saber, Malin. E o que nos diz que eles não mandaram para a maior parte da imprensa? Se fizer uma verificação, vai encontrar essa mensagem em vários lugares. Ninguém mais se manifestou? Vocês também ainda não a receberam?

Se já recebemos a mensagem? Não sei. Alguém mais a recebeu? Ou apenas Daniel? E, nesse caso, por que só ele?

Ela fecha os olhos. Em sua mente, vê as fotografias das meninas na parede do apartamento. Sabe que Daniel tem razão.

O povo tem o direito de saber.

— Ok — diz ela. — Faça o que deve fazer. Mas não imagina por que eles mandaram a mensagem justamente para você?

— Não, mas eu sou o jornalista-chefe e trabalho no melhor jornal da cidade, portanto, nada de estranho na escolha deles, não acha? Se é que eles têm ligação local.

— Não acha que eles deviam preferir uma mídia mais ampla do país, não local?

— Talvez tenham feito isso, não é? E vai demorar apenas dois segundos para que a notícia se espalhe. Talvez eles queiram manter a ligação local. Sei lá. Eles sabem, com certeza, que de um jeito ou outro a notícia vai se espalhar rapidamente.

— Ok. Muito obrigada, de novo. Nós voltaremos a entrar em contato. Inclusive a perícia, para encontrar a pista do remetente. Pode encaminhar a mensagem para mim, por favor?

— Claro.

— Ótimo.

O celular fica em silêncio.

— E como você está? — pergunta Daniel, depois de uns dez segundos, que pareceram uma hora. — Ouvi falar que a sua mãe faleceu...

— *Sorry*, estou sem tempo para falar agora sobre esse assunto. Tenho de resolver este problema.

E ela desliga.

As vítimas civis não poderão ser evitadas...

As imagens do site parecem ter sido tiradas de diversos jornais. Nítidas e informativas de uma maneira que só as imagens de fotógrafos profissionais conseguem ser.

Os baldes de plástico amarelo aparecem nas imagens de ontem na praça.

Nem querem pensar no que existia por baixo dos baldes.

[...] guerra aos bancos da Suécia. Eles e a sua ganância têm que ser arrasados.

Será verdade, pensa Malin. Será o demônio do dinheiro que está por trás disto aqui? É a bizarra ganância dos bancos e dos financistas que os leva a morder o próprio rabo?

Meia hora mais tarde, todos os membros do grupo de investigação estão reunidos na sala de Sven Sjöman.

Waldemar Ekenberg, Börje Svärd, Johan Jakobsson, Zeke, Malin e Karim Akbar. Ninguém tira os olhos do computador. Tentando perceber algo que imaginam poder estar no monitor.

— É isso aí — diz Waldemar. — Basta apanhar esses idiotas da Frente Libertária Econômica e resolvemos o caso.

— Não acham a página fraca demais? — É Johan que fala. — Eu nunca encontrei nenhuma Frente Libertária ao fazer a pesquisa dos extremistas da cidade. Nem em lugar nenhum. Os ativistas daqui, na maioria dos casos, estão mais interessados na defesa dos direitos dos animais.

— Podem surgir sempre novos grupos — salienta Börje. — Quem sabe o que uma crise econômica e injustiças doentias podem levar as pessoas a fazer? Até onde podem ficar desesperadas?

— Vamos deixar que o departamento técnico tente encontrar a pista da mensagem e verificar quem é o provedor deste site — diz Sven. — Nada apareceu no restante da imprensa e o *Corren* apresentou a notícia em sua página da internet cinco minutos atrás. Portanto, é bem possível que a mensagem tenha sido mandada apenas para Daniel Högfeldt.

— Tudo aponta para uma conexão local — comenta Börje.

— Pode até ser isso — diz Malin. — Mas eles podem ter usado o *Corren* justamente para nos levar a acreditar que se trata de uma conexão local.

— Se eles forem tecnicamente competentes — interfere Johan —, pode ser que já estejam cem passos à nossa frente. Pode até ser impossível conseguir apanhá-los.

— Quantos poderão ser? — pergunta Zeke.

— Impossível dizer — responde Sven, que, em seguida, abre o site no seu computador.

A página inicial foi modificada.

No topo, vem agora um vídeo ligado ao YouTube.

Sven clica no vídeo e inicia o filme.

Um homem vestido com uma capa negra, *jeans* escuro e uma máscara negra, apresenta-se diante de uma construção parecida com um armazém, com um papel na mão. Ao que parece, a mão pertence a um homem de pele branca.

— Igualzinho a um vídeo da Al-Qaeda — comenta Karim. — Um desses em que eles cortam a cabeça de qualquer ocidental que aprisionaram.

— Merda — diz Zeke, enquanto Waldemar explode:

— Esse safado, nós vamos pegá-lo.

Malin acha que demora uma eternidade antes de o homem começar a ler o papel diante da câmera.

Numa voz clara, mas ainda assim meio rouca. Sem sotaque. Adotada, aparentemente, para que não seja reconhecida.

“Povo sueco”, diz o homem, “evitem os bancos. Vocês jamais vão saber quando acontecerá a próxima saudação da Frente Libertária Econômica. Os bancos e outras empresas financeiras, assim como os capitalistas da Bolsa de Valores, têm que ser punidos e arrasados. O grande capital tem que acabar e deixar que nasça um novo tempo, com uma nova ética e um novo sentimento entre os seres humanos, um sentimento livre de ganância.”

O vídeo termina em seguida.

Os detetives continuam em silêncio em torno do computador de Sven.

Malin acha que uma coisa dessas tinha de acontecer, mais cedo ou mais tarde, consequência de como tudo está interligado.

Ela olha através da janela.

Para o hospital. Onde as enfermeiras e as assistentes trabalham como escravas durante longas horas por um fragmento do que os gananciosos barrigudos ganham em Estocolmo apenas clicando em teclas, ao realizar negócios idiotas que conduziram o país a um lamaçal econômico. Enquanto isso, no hospital, os pacientes recebem refeições deficientes. Na clínica de psicologia, são muitos os desempregados, os desnecessários e os solitários no tratamento das suas agonias e ansiedades.

Vampiros gananciosos.

É claro que, por fim, alguém iria reagir.

Uma nuvem interpõe-se diante do sol. Escurece o dia e a sala.

— Meu Deus, malditos sejam! — reage Waldemar. — Gostaria de matar esse cara com um tiro na nuca. E parece que é sueco.

— Com os diabos — diz Sven. — Nada desse tipo de conversa fiada. Contenha-se, Ekenberg. Mas você está certo. Ele parece ser sueco. Está na hora de manter a cabeça fria e tratar do nosso problema com toda a calma. Precisamos rever a situação metodicamente. É evidente que podemos estar no caminho certo, mas, como já sabemos de longa data, também pode ser apenas uma pista falsa, alguns loucos fazendo piada, aproveitando-se da situação.

— Acredita nisso, Sven? — interfere mais uma vez Waldemar. — Será que ele parece mesmo estar fazendo graça? Pois eu digo: vamos queimar esses filhos da puta quando saírem da toca.

— Vamos, sim, deixar que o pessoal do departamento técnico analise o vídeo. Veremos o que poderá sair daí — diz Sven, no momento em que batem à porta da sala. Segundos depois, aparece o rosto cheio de sardas de uma assistente.

— Acabamos de receber o vídeo feito pela câmera de segurança do SEB que fica do lado de fora da entrada. Os outros vídeos vão chegar depois, assim que conseguirem separá-los — diz ela, estendendo uma fita de videocassete. E acrescenta: — O responsável pela segurança do banco escreveu um bilhete, no qual disse que nós devemos assistir ao vídeo o mais rápido possível.

13

Será que vamos ver o rosto do assassino?

Malin sente como a adrenalina assalta o coração e acelera um pouco o batimento cardíaco.

Todo o grupo de detetives se dirigiu para a sala de reunião, para onde alguém já havia instalado uma televisão e um aparelho de vídeo.

O parque infantil da creche está vazio, e o bonito sol da primavera parece querer chamar as crianças para os balanços e o trepa trepa.

Nenhuma análise havia chegado do departamento técnico, embora se soubesse que Karin Johannison e sua equipe tinham trabalhado, intensamente, até de madrugada. O que foi que explodiu? Qual fora o explosivo usado na preparação da bomba? Qual o detonador usado? Controle remoto? Um *timer*? Qual a potência exata da bomba?

Nenhum de nós sequer teve tempo para pensar, acha Malin.

A bomba explodiu ontem.

Desde então, corremos para todos os lados aonde podíamos chegar. E só agora soubemos da existência dessa Frente Libertária

Econômica e da chegada desse vídeo que vamos ver.

As coisas foram acontecendo, uma atrás da outra, sem parar. De modo que Malin tem a impressão de que todos ainda se encontram numa espécie de vácuo. É como se ainda nenhum dos detetives do departamento realmente tivesse notado que explodira uma bomba na maior praça da cidade.

Corremos, corremos para todas as direções, sem parar, acha Malin, acionados por um turbilhão de ideias que surgem nas nossas mentes. Sem tempo para parar, sem tempo para pensar. Um pânico desenfreado jamais ocorrido e uma questão daí decorrente que todos escutamos, murmurada dentro de nós mesmos: “Será que isto aqui está acima da nossa capacidade?”.

Será que Linköping tem condições de resolver o caso? Quinze mil habitantes encheram todas as igrejas da cidade. Procuraram consolação e refúgio onde esperavam que existissem. Na Grande Praça, a quantidade de velas acesas é cada vez maior, assim como aumenta a toda hora a quantidade de flores. O povo deve ter começado a mandá-las por encomenda para a praça, vindas de Estocolmo, de Gotemburgo, de Malmö e de muitas outras cidades, sabe Deus quais.

Isto aqui não está acontecendo. Não aconteceu.

Mas aconteceu, sim. E o que vamos fazer agora? Quando já não podemos negar o fato e sentimos o medo que nos assalta a cada momento e temos de conviver com ele, solitariamente. Nessa altura, mandamos uma flor. Procuramos consolo no destino coletivo. Talvez até seja bom saber que agora existe, de fato, uma crise real e concreta. Não apenas uma crise econômica, lenta, abstrata, que nos ataca todos os dias.

E eu?, pensa Malin.

Fui ontem ao funeral da minha mãe.

Para onde desejo ir? O que quero?

Se parar para pensar, posso ser obrigada a responder a essa questão.

É melhor ver o vídeo.

Karim Akbar aperta o *play* e todos os detetives se recostam nas desconfortáveis cadeiras. Aparece, então, a imagem, gravada com uma lente extremamente angular e redonda, de um homem vestido com uma capa que estaciona uma bicicleta ao lado do caixa eletrônico e, depois, sai dali e segue, lentamente, em direção à praça do hospital, a Hospitalstorget.

São imagens em preto e branco, sem som.

Os detetives, em silêncio.

Os cartazes na vitrine do banco aparecem nítidos no vídeo. Fundos Kurtzon.

Kurtzon.

Malin reconhece o nome, mas não consegue situá-lo em qualquer situação anterior. Deve ser uma firma nova, administradora de fundos. Não interessa. Continua a ver o vídeo.

Na cesta de arame da bicicleta foi deixada uma mochila preta amarrada.

O filho da mãe, pensa Malin. Mas quem é ele? A mesma pessoa que apareceu no YouTube?

A seguir, num espaço circular, no meio da imagem, veem-se duas meninas, vestidas com casacos e *jeans*, a correr na direção do caixa eletrônico, no momento em que um homem indistinguível, de braços nus, sai pela porta e deixa o banco.

Impossível ver quem é o homem.

Um cliente normal.

Ela não consegue reconhecê-lo?

Não. Estou apenas imaginando coisas. Ninguém reage.

Meu Deus, eu conheço as crianças.

Elas passam perto do caixa eletrônico e desaparecem novamente.

Em seguida, após talvez cinco minutos e dois outros clientes, as meninas voltam. É possível ver a mãe vindo atrás delas.

Os cabelos das meninas são castanho-claros, mais escuros no vídeo preto e branco, e, apesar da má qualidade da gravação, é possível ver que os olhos delas brilham, estão aproveitando bem a manhã na praça, e dispostas a conquistar o mundo a cada momento.

Malin fecha os olhos.

Zeke viu o mesmo que ela. Não havia mais dúvidas. São as gêmeas Vigerö, as crianças mortas, massacradas.

A força da bomba na mochila deve ter sido dirigida contra o caixa eletrônico e, ao mesmo tempo, para fora, na direção da praça. Isso não será impossível de definir por qualquer perito no assunto.

A bicicleta, totalmente destruída. Não encontraram nenhum pedaço dela perto do banco. Isso não teria passado despercebido a Karin. Será que derreteu e se transformou em átomos? Na dinâmica da explosão, quase tudo é possível.

Nessa altura, as meninas olham para a bicicleta, para a mochila, como se tivessem escutado um zumbido. Depois, no vídeo, tudo escuro e quieto.

Malin.

Nós nos vimos durante os últimos segundos antes do horror, mas não sentimos dor nenhuma.

Nunca chegou a doer.

Agora, achamos que foi uma felicidade.

Malin, o que vai fazer agora?

Está hesitante? Você viu o homem que deixou a bicicleta na frente do banco. É ele. Foi ele que nos explodiu, que nos matou. É isso mesmo, estamos mortas.

Ficou tudo escuro, Malin.

Depois, iluminado, claro e frio. Como se não pudéssemos ficar livres de nós mesmas, antes de todos ficarem livres.

Você não compreende o que queremos dizer, não é verdade? Todos os seres humanos solitários, cheios de vida, anseiam por se ver livres.

Malin.

O que você vê ao sermos destroçadas? Quando vê sermos mortas?

As outras duas crianças vivem, embora estejam presas, e nós temos inveja delas por isso.

Mas não queremos estar onde elas estão. Lá, o cheiro é nauseante e terrível. O menino chora e a sua irmã mais velha tenta consolá-lo, mas não consegue, Malin. Não consegue, porque os dois estão sozinhos e cheios de medo, diante de tudo o que existe para além da escuridão, cheios de medo diante da raiva.

Veja, Malin, veja como nós éramos.

As imagens são mudas, no entanto Malin acha que escuta um murmúrio que vem das duas meninas. Não consegue, porém,

distinguir o que dizem.

Então, desvia a atenção do murmúrio e passa a escutar Sven Sjöman:

— Considerem esta como uma reunião oficial do departamento de investigação. Precisamos estruturar os nossos trabalhos. Até aqui, temos trabalhado cada um para um lado, desligados. Antes de tudo: o que acabamos de ver?

— Pode ser o mesmo homem que vimos no vídeo da Frente Libertária Econômica — diz Johan Jakobsson. — Ou pode ser outro. O estilo de roupa, no entanto, é o mesmo. As características do corpo são as mesmas.

Após essas considerações, Johan fica em silêncio, mas os outros notam que ele gostaria de dizer mais alguma coisa.

— Filho da puta! — exclama ele, em seguida. — Que morra queimado no inferno!

Todos os outros colegas em volta da mesa olham para ele, de certo modo envergonhados por pensarem da mesma forma e espantados com a atitude explosiva de Johan, uma atitude que não lhe é característica. Já de Waldemar Ekenberg não seria de esperar outra coisa:

— Que queime no inferno!

Malin vê Börje Svärd respirar fundo, antes de se manifestar:

— Porra, rapazes, está na hora de baixar o tom! Estamos todos indignados diante do que aconteceu, mas essa exaltação não serve para nada.

Sven toma de novo a palavra:

— Sabemos agora que o homem da bomba chegou ao local de bicicleta, pelo lado norte, e continuou a pé para leste. Isso nos dá a

possibilidade de tentar determinar com exatidão o lugar de outras câmeras de segurança.

— Esse trabalho de conseguir as gravações já está sendo feito — acrescenta, depois. — Eu quero receber, também, as filmagens de dentro do banco. Temos também de encontrar e ouvir as pessoas que aparecem no vídeo, caso ainda não tenham sido contatadas. Temos ainda de expedir uma declaração ao público, convocando todos a se manifestar caso tenham testemunhado alguma coisa que possa nos interessar. Alguém havia notado o homem de capa negra? Notou a sua presença, reconhece o rosto ou talvez o corpo? Naturalmente, o departamento técnico também precisa analisar este vídeo.

Sven fica em silêncio. Parece ter se cansado de ouvir a sua própria voz.

— Alguma ideia? — pergunta ele depois.

— O homem parece ter agido sozinho — comenta Zeke. — Mas não sabemos se teve ou não quaisquer ajudantes por perto ou em qualquer outro lugar. Entretanto, podemos constatar com toda a segurança que a bomba foi trazida na mochila.

— Podemos, sim — salienta Sven. — Karin vai confirmar isso. Comecemos pela Frente Libertária Econômica. No *site*, foram mostradas as imagens de agências bancárias em várias cidades. Assim, vou ordenar que as polícias das cidades em questão sejam informadas e tomem as devidas medidas de segurança. Tenho certeza de que a Säpo vai fazer o mesmo. Vou colocar, também, o pessoal do departamento técnico de sobreaviso. Quero que eles usem todos os recursos à sua disposição a partir de agora, na tentativa de encontrar a origem da mensagem recebida por Daniel Högfeldt, do vídeo e do *site*.

— Eles vão contatar o YouTube a respeito de quem colocou o vídeo? De qual endereço IP ele veio? — pergunta Johan.

— Acho que sim. Como todos devem compreender, esse novo grupo é a nossa pista principal. Vamos aprofundar a investigação nessa pista, custe o que custar. Provavelmente, o homem que vimos fora da agência do banco é membro do grupo. Johan, sabe alguma coisa sobre ativistas que possam estar por trás desse grupo? Ou sobre sua forma de conduta, primeiro atacar e, depois, divulgar um site e fazer uma ameaça?

Os outros inspetores do grupo olham esperançosos para Johan. Malin nota que ele fica atrapalhado.

— Com certeza, não se trata de um extremista de direita. O que foi feito vai contra, completamente, a sua ideologia. No entanto, existe uma Sofia Karlsson com quem acabei me deparando ontem ao pesquisar sobre isso. É uma esquerdista, uma verdadeira durona que já foi presa por ter posto fogo numa área de criação de martas em Kisa. Deve estar agora com uns 25 anos de idade. Ela e os seus comparsas criminosos trabalhavam, mais ou menos, com o mesmo método. Designavam-se a si próprios como anjos da guarda dos animais. Eu me lembro dela durante o interrogatório. Tinha sempre uma atitude zangada, mas parecia capaz e inteligente. Ela, provavelmente, ainda mora em Linköping. Podemos entrar em contato com ela. Pode ser um bom começo.

— Muito bem, Johan — diz Sven. — Malin, Zeke, façam isso assim que esta reunião terminar. Mais alguma coisa, Johan? — acrescenta o chefe.

Malin acha muito bom que o chefe assuma o comando, passando a usar toda a sua longa experiência e ponderação.

— De tudo o que eu consegui saber ontem, essa Sofia é, de fato, o único caso interessante. Mas vou continuar a pesquisar, é claro.

— Faça isso, Johan — diz Sven.

— E a Säpo? — pergunta Zeke. — Eles devem saber de mais alguma coisa. O que podemos esperar deles?

— Nada — diz Karim Akbar. — Absolutamente nada.

— Eles telefonaram — confirma Sven. — Eu lhes dei tudo o que tinha e sabia, mas eles não tinham nada para nos dar. Foi o que afirmaram.

Em sua mente, Malin vê passar uma dezena de homens de terno escuro. Imagens de pesadelo de homens da Säpo que avançam descontroladamente e estragam tudo no caminho, com suspeitas infundadas e ações atabalhoadas e orientadas na direção errada.

— Ainda bem que, por enquanto, estamos livres deles — diz Malin, que, ao mesmo tempo, pensa: “Aqueles safados da Säpo acham-se, com certeza, melhores do que o grupo de meros investigadores de um buraco no interior do reino”.

Malin contém-se e não diz em voz alta esse pensamento ridículo. Deixe de se sentir inferior, Malin Fors. Você não é inferior a nada.

— Não será melhor recorrer à polícia nacional? — pergunta Börje Svärd.

— Nada disso. Que diabo! — É a exclamação que sai da boca de Waldemar.

— Não no estágio atual — diz Karim Akbar. — São um bando de maus cozinheiros.

— Vamos analisar primeiro as filmagens — insiste Sven, de novo.

Depois, fica em silêncio. Olha para a sua equipe em volta da mesa. Espera que mais alguém se manifeste, porém nada acontece.

— Mais alguma ideia de como encontrar e atacar a tal Frente Libertária Econômica?

— Veja o que dizem os peritos em segurança interna nas universidades do país — sugere Zeke. — Talvez alguém conheça essa Frente Libertária Econômica.

— Vamos fazer isso, sim — diz Karim Akbar. — Eu me encarrego disso.

— Mais alguma ideia? — questiona Sven. — Vamos esperar que surja alguma coisa quando o público vir os vídeos.

Malin prende a respiração.

Escuta a respiração dos outros.

Sabe que agora é preciso agir rápido, que numa investigação as suas chances são maiores nas primeiras 72 horas.

— Muito bem — diz ainda Sven. — Então, vamos trabalhar em direção da Frente Libertária Econômica. Poderá ser um grupo, um homem solitário ou qualquer outra coisa. Sobre isso, pelo menos, estamos de acordo, não é verdade? Vamos ver o que vai surgir a partir de agora. Vamos ver como está a situação em geral.

Sven começa a rever os acontecimentos como se estivesse fazendo o resumo de uma viagem de férias ou os preparativos de uma conferência que apresentará numa mansão de luxo, recém-restaurada.

Nenhum dos interrogatórios das pessoas presentes ao incidente, nem os das vítimas levemente feridas, levou a qualquer esclarecimento. Mas foi ampliado o espectro dos interrogatórios a todas as pessoas que pudessem ter observado alguma coisa de interessante em todo o centro da cidade. Nem os funcionários da agência bancária, nem o seu gerente notaram nada de anormal.

Alguns dos funcionários estavam chocados, mas todos puderam ser ouvidos.

E a pista islamita.

Nada surgiu disso. A conversa com o imã não resultou em nada. Talvez tenha sido uma iniciativa deselegante e apressada demais. Era preciso ter mais cuidado e mais respeito nos próximos contatos. Principalmente, cuidado.

— Não quero que haja quaisquer acusações de racismo na imprensa — afirma Karim, assim que Sven parou de falar.

— O imã mostrou-se extraordinariamente razoável — declara Malin. — E a mesquita estava cheia ontem à noite. Todos estão tão inquietos quanto todo o mundo.

— Melhor assim — diz Karim. — Mas devo salientar que continuo a achar que a conversa com Al Kabari foi absolutamente justificada. Melhor do que ninguém, ele conhece o estado de espírito da comunidade muçulmana de Linköping.

— Vamos deixar essa pista em aberto — diz Sven. — Não podemos pôr de lado qualquer hipótese no atual estágio da investigação.

— Concordo. Não podemos abandonar a pista islamita. No entanto, já sabemos quem é que está por trás do atentado — protesta Waldemar. — Só pode ser essa maldita Frente Libertária. Como seria possível um inocente qualquer assumir a realização de um incidente em que duas meninas foram assassinadas?

— Por prazer — diz Malin, enquanto cruza as pernas por baixo da mesa.

— Seria de um cinismo doentio — exclama Johan. — Por prazer?

— Ou para aproveitar a oportunidade para atrair a atenção para questões que eles consideram importantes.

— Conversa fiada — insiste Waldemar. — Vamos apanhá-los muito em breve.

— Outras pistas? — pergunta Zeke. — Bando de motociclistas? Assaltantes de caixas automáticos?

— Essa pista de assalto ao caixa do banco fica de lado — diz Sven. — Nada aponta nesse sentido. E, na situação atual, não vemos nenhuma ligação com motoqueiros criminosos.

— Ok — diz Zeke.

— E quanto ao explosivo usado? Onde é que eles tiveram acesso a ele? Do que se compunha? Qual o detonador? — pergunta Börje.

— Disso vamos saber por Karin. Muito em breve. Você e Waldemar podem muito bem começar a investigar de onde eles poderiam conseguir o explosivo — diz Sven. — Foi por meio de roubos em armazéns de munições nos últimos tempos? Ou em lojas de material de construção que também vendem explosivos? Podem-se comprar explosivos pela internet na Suécia? Ao que parece, você sabe bastante sobre o assunto, Börje.

— Sou apenas um leigo fascinado — diz Börje, abrindo os braços. — O livro *Receitas dos anarquistas* é uma leitura bizarra, mas muito divertida. Talvez fique mais fácil encontrar alguma coisa assim que Karin terminar a análise do explosivo.

Pela janela que dá para o parque infantil, todos veem que a porta da creche foi aberta.

As crianças saem correndo, todas de roupas bem coloridas.

Correm para os brinquedos, em delírio, numa demonstração plena da sua capacidade de movimentação.

Malin pensa em Tove, que agora deve estar na escola. Em como os seus movimentos diferenciam-se por completo dos das crianças. Como são indolentes, quase preguiçosos, mas, ainda assim,

conscientes e econômicos, incrivelmente sensuais diante de um rapaz da sua idade. Malin pensa no pai que, certamente, está limpando os últimos resquícios de sujeira no apartamento, depois do café servido no dia anterior, após o funeral da esposa.

Ela pensa também na mãe, que, com toda a certeza, já foi transformada em cinzas. Lembra-se de que não falaram ainda sobre o que fazer com os restos mortais. Devem ser espalhados em algum lugar? Nada fizeram antes, logo o pai deve estar com a urna das cinzas em casa. Talvez espalhá-las num campo de golfe em Tenerife. Ou colocá-las no memorial aonde Malin, às vezes, costuma ir, em ocasiões em que sente a intensa falta de alguma coisa que ela não sabe ao certo o que é.

Terei sido excluída por algum motivo, pensa ela de novo? Nesse caso, por quê? Por quem? Mas ela não tem mais tempo para se dedicar a essas reflexões. Ouviu a voz de Sven chamando-a a resumir o que sabe sobre as meninas e a mãe delas, que, no dia anterior, foi operada com sucesso, mas que ainda não está fora de perigo.

— Ainda não podemos ouvi-la, segundo o médico com quem falei — diz Sven. — Na melhor das hipóteses, amanhã de manhã. Talvez à tarde.

— Vocês viram o vídeo — diz Malin. — A bomba poderia estar dirigida contra elas. Foi detonada, talvez por controle remoto, quando as meninas voltavam para o caixa eletrônico.

— É difícil de acreditar nisso — diz Waldemar. — Acho que é uma ideia muito rebuscada.

— Malin, Waldemar tem razão — diz Sven. — Podemos partir da ideia de que a família é apenas uma vítima acidental.

— Não será melhor garantir a segurança de Hanna Vigerö no hospital?

— Você deve ter ouvido o que eu disse.

Malin conforma-se.

Acha, de fato, que as meninas são isso mesmo: vítimas inocentes, circunstanciais.

Waldemar diz:

— Esses malditos safados poderiam ter evitado a morte das crianças, caso quisessem. Isso é verdade. Mas queriam demonstrar que estão agindo a sério.

14

O tempo não poupa nada, nem ninguém.

O relógio no painel do carro marca onze horas. No rádio, transmitem o noticiário enquanto Zeke e Malin viram para a Rydsvägen e, em grande velocidade, passam pelo lado norte do antigo cemitério. As árvores na parte de dentro dos muros do cemitério parecem querer chamar a atenção de Malin. As copas estão cobertas por pequenas flores cor-de-rosa que balançam ao sabor do vento. Malin acha que as flores querem ficar agarradas aos ramos das árvores, a todo custo, mas considera que a sua luta está condenada ao fracasso.

Não dá para lutar contra o que você é.

Pergunte a quem sabe.

Uma coisa que mudou com o fato de ela ter parado de beber foi a sua intuição, a que outros talvez chamam de visões. Ficou mais forte. Principalmente durante os sonhos. Como se a falta do álcool tornasse o consciente mais claro, mais receptivo àquilo que é difícil de explicar.

Não está com medo.

Mas sabe que isso pode amedrontar muita gente.

Entretanto, tenta abrir-se mais para aquilo que poderá perceber, um dom que tem de aproveitar para ver mais, intuir mais do que os outros.

O que significa isso?

Não vale a pena tentar esclarecer o caso.

Ela vê a coisa da seguinte maneira: o vento passa pelas folhas e balança as copas das árvores. Você escuta uma voz que murmura. Ou não escuta nenhuma voz. Na realidade, nada mais que isso.

Sombras inquietas passam pelas pedras cobertas de musgo dos muros do cemitério.

As flores, vibrantes de vida e de morte, um fim, mas também um início. O rosa é a cor dos recém-nascidos, não é verdade?

O memorial.

Malin não consegue vê-lo entre as árvores floridas. Minha mãe deve descansar nesse lugar?

— Como está o seu pai? — pergunta Zeke.

— Parece estar bem.

— E você?

— Eu?

— Sim, como está?

— Não se preocupe comigo.

— Sabe que me preocupo automaticamente.

— Por quê?

Zeke solta uma gargalhada.

— Por que você tem uma história de autodestruição. *That's why*.

Malin faz uma careta. Depois, ambos ficam em silêncio.

Ela se concentra nas notícias.

O caso da bomba está em destaque.

O locutor não diz nada que eles já não saibam. Começa a falar das agências bancárias desertas, dos relatos que chegam de todo o país a respeito de as pessoas nem sequer passarem perto dos bancos.

O diretor de comunicação do banco Nordea informa que aumentaram a segurança em todas as suas agências. E que eles, como todos os outros bancos, ainda mantêm as suas agências fechadas, mas, com toda a certeza, vai ser seguro realizar todas as operações dentro de um ou dois dias.

— Naturalmente, encaramos esta situação com a maior seriedade.

— Pode crer — sussurra Zeke.

Fora do carro, um daqueles dias de primavera com que todos sonham. Em que o mercúrio, inesperadamente, sobe bem alto no termômetro e apenas algumas nuvens dispersas mancham o azul do céu.

— É até bom que esses malditos bancos fechem as portas por algum tempo — continua Zeke. — Será uma imagem da vergonha que deviam sentir depois de tudo o que criaram nos últimos anos.

— Por mim, preferia que continuassem abertos e que nós não estivéssemos obrigados a fazer o que estamos fazendo — comenta Malin.

— É claro, Malin. Não era isso o que eu quis dizer.

— Eu sei.

Passam diante da parte mais antiga da cidade de Linköping.

As pessoas, vestindo roupas cada vez mais leves ao passar dos dias. Como se se atrevessem a confiar na primavera e no calor, apesar do que aconteceu.

Alguns dos prédios residenciais por onde passam precisam ser repintados, mas a comunidade foi obrigada a adiar os projetos, o

orçamento não o permite num momento em que o número de desempregados na cidade aumentou. Também se falou em fechar o balneário de Tinnerbäck um dia por semana e reduzir a manutenção dos parques infantis da cidade.

Malditos bancos.

Será que esses diretores bancários e os autodesignados investidores da Bolsa não entendem que a ganância deles está intimamente ligada ao fato de as crianças do país estarem vendo o seu estilo de vida piorar? Que elas se arriscam a ter as pernas arranhadas pelos pregos que se soltam por falta de uma boa conservação dos equipamentos?

A responsabilidade coletiva, pensa Malin, anda agora muito por baixo. Em alta só a responsabilidade individual pelas próprias contas bancárias.

O rádio fala agora de uma novidade, de que nasceram dragões-de-komodo no zoológico de Kolmården, sendo a primeira vez que isso acontece em cativeiro.

O que comem os filhotes dessa espécie?, pensa Malin. E imagina a imagem de dez filhotes do lagarto a estraçalhar um ratinho.

E quem está estraçalhando Linköping?

Sofia Karlsson?

A ativista.

Ficou dois meses na prisão de Skänning por atacar o criadouro de martas de Kindstrand, em Kisa, atualmente desativado. Ela fora condenada a apenas dois meses pelo fato de que não fora comprovado ter sido ela, ou o grupo de que ela fazia parte, quem ateou fogo à granja. Mas fora condenada por ameaçar o proprietário.

Ativista pelo direito dos animais.

Orgulhosa por ter estourado um empreendimento legal. Orgulhosa por reivindicar que os animais irracionais são iguais aos humanos.

Malin fecha os olhos.

Escuta o motor do carro trabalhando. E pensa: “Tomara que eu consiga realizar o meu trabalho”.

A escada do prédio amarelo de dois andares, com apartamentos para estudantes, cheira a uma mistura de *pizza* e urina.

Dali, basta andar quinhentos metros para chegar à universidade. Os estudantes pertencem a uma classe favorecida entre os habitantes do bairro de Ryd.

Aqueles que moram em apartamentos simples de aluguel pertencem à classe em geral considerada como o refugo da cidade: operários desempregados, imigrantes, mães solteiras com filhos pequenos, alcoólatras, retardados mentais.

Ninguém vai morar voluntariamente em Ryd, além dos estudantes que tiveram a felicidade de conseguir um apartamento na área estudantil.

E é lá que mora Sofia Karlsson.

Segundo Johan Jakobsson, ela estuda biologia. A ciência faz Malin se lembrar dos cupins que se alimentam da madeira de uma caixa que está na escada. Logo ela chega a um patamar e toca a campainha de uma velha porta toda grafitada.

Zeke está ao seu lado.

Ligeiramente inclinado para a frente.

De prontidão.

Pronto para puxar a pistola se acontecer alguma coisa. Pronto para agir com violência, para usar a força, caso necessário, na

defesa dos dois.

A porta abre-se e aparece uma garota magra e baixa que mostra a cabeça no vão entre a porta e o batente.

Piercing no nariz, vários em cada uma das narinas, brilhando. Os cabelos com *dreadlocks*, cuja gordura brilha sob a luz que entra por uma janela da escada.

Tiras, parece ela pensar, para logo fazer uma tentativa de fechar a porta, mas Zeke mete o pé no vão e evita que ela feche.

— De jeito nenhum.

Sofia Karlsson desiste, abre a porta e deixa que eles entrem. O único cômodo da casa está mais arrumado do que Malin havia imaginado. Limpo e organizado, com pequenos animais de porcelana em cima de uma toalha dobrada sobre a prateleira de uma estante de um metro de altura. O computador está em cima de uma mesa e há um sofá-cama coberto com uma colcha colorida. Um leve cheiro de maconha.

Apenas um cartaz de guardiões de animais faz lembrar o ativismo de Sofia Karlsson.

Uma doninha que come uma mulher de casaco de peles.

O sangue escorre pelas feridas nas pernas da mulher.

Sofia Karlsson não diz nada, apenas senta-se no sofá-cama. Olha para os dois.

Malin e Zeke estão na sua frente e lhe mostram os distintivos.

— Nós partimos do princípio de que você já sabe o que aconteceu na cidade — diz Malin.

— Não. O que foi?

— A bomba na Grande Praça. A Frente Libertária Econômica. Você conhece alguma coisa sobre eles?

— Não. Por que eu deveria saber alguma coisa sobre eles? Só sei o que ouvi no rádio esta manhã e vi na internet.

— Você já entrou no site deles? — pergunta Zeke.

Sofia Karlsson acena que sim.

— Você sabe de alguma coisa sobre eles? — pergunta Malin de novo. — A maneira de eles agirem e, depois, de utilizar a imprensa faz lembrar muito aquela usada por você contra o viveiro de martas.

— Quer dizer que vocês acham que eu tenho alguma coisa a ver com essa maldita explosão?

Zeke dá um passo em frente e se inclina na direção de Sofia:

— Morreram duas crianças — murmura ele. — Se souber de alguma coisa é melhor falar logo.

Zeke recua, mas depois passa a mão por cima da prateleira da estante e atinge as miniaturas de animais que se partem em pedaços contra o chão de linóleo amarelo.

Malin sente primeiro a vontade de detê-lo, mas volta atrás rapidamente. Neste caso, foi preciso demonstrar uma raiva do tipo Waldemar Ekenberg.

Sofia Karlsson levanta-se e grita:

— Vocês estão loucos! Malditos tiras. Completamente loucos!

— Sente-se aí — diz Malin. E Sofia cai de novo no sofá-cama enquanto continua a balançar a cabeça.

— Eu estava na aula ontem quando a bomba explodiu. Isso vocês vão poder comprovar quando quiserem.

— Como assim? Acredita que nós estamos suspeitando de você? — pergunta Zeke com um tom de voz artificialmente amigável.

— Então, o que vocês estão fazendo aqui?

— Estamos pescando em águas turvas — diz Malin. — À procura de um homem-bomba, de um assassino de crianças. Você conhece

alguém assim?

— Vocês podem ir embora, se vieram para me intimidar.

— O que você acha daquilo que eles fizeram? — questiona Zeke. — A respeito daquilo que essa tal de Frente Libertária Econômica afirma ter feito.

Malin olha para o computador.

Podemos confiscá-lo?

Não, não temos nada contra Sofia Karlsson. É apenas uma possível conexão no caso que investigamos, se é que podemos chamá-la de conexão.

Sofia Karlsson olha para eles, ainda sentada no sofá-cama.

Passa a palma das mãos pela colcha.

A expressão dos seus olhos, de ferida e ansiosa passa para um olhar frio, devotado, quase maníaco.

— Acho que foi uma boa coisa — diz ela. — Os bancos precisam de uma boa lição. A ganância tem que acabar. E, aí, pode acontecer que algumas vidas sejam sacrificadas.

Malin tem de abafar o impulso de lhe dar uma bofetada na boca. De enfiar pela goela abaixo da garota um pouco de bom senso.

— Mas — acrescenta Sofia Karlsson —, eu não sei nada sobre o caso. Absolutamente nada.

— Você usa drogas? — pergunta Zeke. — Está com cheiro de drogas aqui.

Sofia Karlsson não responde. Apenas encara Malin e Zeke enquanto eles deixam o apartamento.

Ao sair do prédio em Ryd, veem chegar um Volvo preto do qual saem dois homens de *jeans* e casaco azul, quase iguais.

Devem ser Stigman e Brantevik, de quem Sven falou antes.

Malin e Zeke acenam para eles.

— *All yours* — diz Zeke para eles, ao se cruzarem na calçada. — *All yours!* — E os dois homens do serviço secreto não podem evitar um sorriso, como se tudo aquilo aos seus olhos fosse apenas uma brincadeira.

Safados, pensa Malin. Vocês acham que são superiores. Mas, me digam, o que é que fizeram de bom nos últimos vinte anos?

Faz um gesto e encolhe os ombros antes de abrir a porta do carro.

Já na estrada, quatro motoqueiros passam por eles.

Espere.

Espere aí.

O homem no vídeo perto do caixa eletrônico. Aquele que saiu de dentro da agência bancária.

— Volte para o departamento. Quero ver o vídeo do caixa eletrônico novamente.

— Aí, aí — diz Malin. E aperta o botão de pausa do aparelho.

A sala de reuniões ficou quente e abafada com o sol da primavera. Ela está com a sensação de que seu estômago está cheio, regurgitando, por causa do pastel que comeu no carrinho da Snodda, no caminho para o departamento.

Zeke está sentado ao seu lado e se inclina, junto com ela, na direção do computador. Malin aponta para o perfil meio escuro do homem de braços nus que sai do banco pouco antes da explosão.

— Está vendo? Vê com quem ele se parece?

— Não. Vejo apenas um perfil.

— Consegue fazer um *zoom* com este aparelho?

— Malin, é um VHS com vinte anos de uso, portanto, com certeza, não dá para fazer isso.

Malin roda um dos botões do aparelho e a fita de segurança avança uma imagem de cada vez.

— Aí...

Ela para a imagem. O rosto do homem aparece mais nítido.

— Aposto o que quiser que é Dick Stensson — diz Malin.

Zeke esfrega os olhos.

— Pô! Tem razão.

Dick Stensson.

Líder da gangue local de motoqueiros, o Dickheads, que tem o status de ser o Hells Angels da Suécia. Nunca conseguiram encontrar nada para prendê-lo, mas a lista das suspeitas que recaem sobre ele é muito longa: chantagem, venda de drogas, fraudes, porte ilegal de armas, violência, assassinato, etc.

— Se for ele mesmo — diz Malin —, por que ele estava no banco minutos antes da explosão?

— Quer dizer que ele pode ter sido o alvo? — pergunta Zeke.

— Los Rebels, em Rimforsa, têm fortalecido a sua liderança, isso nós sabemos. E tem andado na companhia do grupo autodesignado por Bandidos.

— Ninguém no banco mencionou Stensson quando ouvimos os funcionários depois da bomba.

— Para eles, talvez seja apenas um cliente como qualquer outro — diz Malin. — Ele não é conhecido do público em geral. Ou é?

— Não, não é — responde Zeke. — E talvez os funcionários estivessem mais chocados do que pareciam.

— Mas, ainda assim, é estranho que ele esteja no banco pouco antes da explosão — acrescenta Malin.

Um pressentimento.

Uma faísca.

Então, a investigação divide-se em mais um novo sentido. Aqueles segundos de certeza e de orientação que ela sentiu na reunião anterior do grupo de investigadores transformaram-se em um novo caos, como nos minutos que sucederam à explosão, quando estilhaços e poeira flutuaram no espaço e caíram no chão como estrelas empoeiradas e fuliginosas.

Ou estarei eu no meio da explosão?, pensa Malin.

Não entendo mais nada.

— De qualquer forma, é um pouco estranho — diz Malin, depois.

— Stensson tem direito a ter uma conta no banco como qualquer um — diz Zeke. — Mas podemos ir até Jägarvallen, ao local dos porras-loucas, e perguntar ao Stensson o que ele fazia no banco àquela hora — continua ele, depois.

— Acho melhor perguntar primeiro ao gerente do banco — diz Malin.

— Tenho uma ideia melhor — diz ainda Zeke. — Vamos deixar que o Waldemar e o Börje conversem com o gerente e ver se conseguem tirar dele a informação de que Stensson esteve no banco ontem.

Malin concorda.

Waldemar Ekenberg é dos tais que nem hesita em meter a pistola pela goela abaixo de quem quer que seja para obrigá-lo a falar.

O gerente do SEB talvez nem faça a menor ideia de quem é, realmente, Dick Stensson.

Mas atiçar o Waldemar contra ele, isso nós podemos fazer. Por que razão devemos demonstrar compaixão por um mero gerente de banco? Não se trata de explodir uma nova bomba. Embora eles mereçam mesmo um tratamento duro, esses bastardos.

— E nós? O que vamos fazer? — pergunta Zeke.

— Vamos ver se o departamento técnico já chegou a alguma conclusão. E você vai poder voltar a ver a sua Karin.

— Malin, cuidado com o que diz — pede Zeke. — *Watch out*.

Malin vê os olhos verdes de Zeke brilhando à luz da imagem congelada no monitor da televisão.

Vocês devem continuar a se encontrar na cama, pensa Malin.

Meu Deus, bem que eu gostaria de ter alguém para amar.

15

Como será a imagem de Zeke quando faz amor com Karin Johannison?

Eles têm um relacionamento secreto há quase dois anos.

Mas escondem isso muito bem, pensa Malin.

Karin Johannison está sentada atrás da sua escrivaninha, no departamento técnico da polícia. Mexe lentamente uma xícara de chá bem quente. Os seus cabelos louros e lisos caem até o queixo triangular. Está vestida com uma blusa branca, muito fina, que destaca os seios.

As paredes da sala sem janelas que lhe serve de escritório estão cobertas de prateleiras cheias de papéis, pastas e livros, numa mistura descontraída. O chão desaparece por baixo de um tapete oriental, nas cores rosa e vermelha, e a sua cadeira de encosto elevado, forrada de couro, tem um *design* extremamente distinto. O tapete e a cadeira, evidentemente, foram comprados por ela. Malin conhece o estilo da cadeira, mas não se lembra do nome, o que a irrita bastante. Irrita-se ainda mais por se irritar com coisas tão insignificantes.

Os dois sentam-se em bancos almofadados em couro, na frente de Karin.

Como ela olha para Zeke?

Quero estar com você, agora e a sós.

É assim que ela olha para ele.

Na sua mente, Malin volta a ver os dois enroscados na cama, em algum dos hotéis mais baratos de Linköping. Talvez na área de Stängån, perto da estação de trens.

— Nós sabemos qual foi o tipo de bomba usada — diz Karin. — Qual o explosivo utilizado e como foi detonado.

— *Shoot!* — diz Zeke. E Karin sorri.

— A bomba foi detonada por controle remoto. Encontramos uma capa de detonador que costuma ser usado para detonar a distância. Inclusive partes do receptor. Em princípio, pode-se estar a uma grande distância e ainda assim acionar esse detonador. Trata-se de um IED, abreviatura das palavras em inglês “Improved Explosive Device”. A bomba foi fabricada artesanalmente, montada por alguém que uniu várias partes e vários materiais explosivos. A base explosiva foi formada por peróxido de acetona, que é conhecido no ramo de explosivos como TATP. O peróxido de acetona é usado pelo Exército, mas também é utilizado normalmente na construção civil, na Suécia. Provavelmente muito utilizado.

— Onde, exatamente, se pode comprar esse tal de TATP? — pergunta Malin, inclinando-se para a frente para destacar maior interesse pela resposta. Com esse movimento, sente que os botões do vestido se esticam nas casas. Talvez até dê para ver alguns pedaços da sua pele. Entretanto, pensa: se ele ou eles viam o lugar quando dispararam o detonador, bem que se podia ter evitado a morte das meninas. Isso significa alguma coisa? Mais do que,

simplesmente, querer demonstrar que a ação devia ser levada a sério?

— Pode-se comprar o peróxido de acetona desde que se tenha autorização para isso. A maioria das grandes construtoras têm essa permissão. Se for militar e exercer o comando, certamente tem acesso ao material. E, ainda por cima, o produto também é comercializado no mercado negro. Pode ter sido roubado de algum almoxarifado do Exército ou do depósito de alguma construtora. Para obtê-lo, basta ter contatos no submundo. Deve ser possível também comprá-lo pela internet, mas o TATP tem vida curta, portanto, a circulação no mercado deve ser rápida. Os estoques precisam ser trocados com frequência, de modo que quem fez a bomba deve ter comprado o produto recentemente.

Zeke concorda e Malin umedece os lábios. Pensa que Börje Svärd e Waldemar Ekenberg podem agora orientar melhor as suas investigações ao saber qual é o tipo do explosivo usado, porém também sabem que vai ser mais difícil do que o esperado. Materiais comuns. Com toda a certeza, é quase impossível saber de onde vieram.

— O TATP também é comum no exterior? — pergunta Zeke.

— Pode-se encontrá-lo em todos os países da Europa. É fabricado em vários deles, mas não aqui na Suécia. Caso se queira comprar o produto, é fácil conseguir. Pode até mesmo ser feito por qualquer um. Para sua informação, muitas bombas no Iraque e no Afeganistão são feitas com TATP. Também foi usado em vários atentados terroristas. Ultimamente, nos ônibus de Londres. Mas isso não significa muita coisa. O fato é que qualquer pessoa, querendo fazer uma bomba, certamente vai utilizar esse produto. No Iraque e no Afeganistão, os rebeldes também utilizam o nitrato de alumínio

que tem uma composição química semelhante, mas não poderia ser usado no nosso caso. Seria necessário pelo menos uma tonelada do produto para produzir o efeito explosivo que tivemos na praça.

Karin vê a decepção nos olhos de Malin. Reconhece as dificuldades que os investigadores vão enfrentar diante dessas novas informações.

— *Sorry*, Malin. Eu gostaria de poder falar algo mais específico. Só posso acrescentar que quem montou a bomba sabia muito bem o que estava fazendo. De forma alguma pode ser considerada uma montagem amadora. Ao contrário, foi um objeto muito bem construído e estável, dentro de um invólucro de ferro. O TATP é muito sensível. Muitos amadores já se rebentaram e foram pelos ares. Portanto, essa pessoa sabia o que estava fazendo. Aliás, o detonador usado também é de primeira linha.

— Isso significa que estamos lidando com profissionais — diz Zeke.

Karin concorda e acrescenta:

— E aquele homem parece ter direcionado a explosão para fora, conscientemente, na direção da praça, mas é impossível ter certeza disso. A carga deve ter pesado entre três e cinco quilos. Essa quantidade de TATP é suficiente para produzir o impacto explosivo que a nossa bomba teve.

— E o detonador? — pergunta Malin.

— Encontrei apenas um pedacinho. É impossível dizer muita coisa sobre ele, infelizmente.

O homem da capa negra.

Aquele que deixou a bomba em frente do banco, em cima da bicicleta.

Ele deve ter deixado a praça, pensa Malin, afastou-se para algum lugar e acionou o detonador da bomba. Teria uma visão da praça? Das meninas? Talvez tenha ido para longe e disparado o artefato sem ter a visão do local. Se ele disparou a bomba vendo as meninas se aproximando, então, com que espécie de maldade estamos lidando? Uma besta humana? Um animal sedento de sangue, sem pele, que acorda no seu buraco, na primavera, depois de hibernar, e dispara na caçada às almas de outros seres humanos. Um animal que mata pelo simples prazer de matar.

Um dedo que pressiona um botão.

Talvez um criminoso solitário. O líder de uma Frente Libertária Econômica? Ou qualquer outro completamente diferente? Um motoqueiro querendo matar Stensson? Mas a bomba não acertou Stensson. Longe disso. E por que ele faria isso, usando um detonador remoto? Ainda há que levar em consideração que muitas bombas falham. E falham com que frequência? Ao que parece, isso é mais uma regra do que uma exceção, nos casos que chegam ao nosso conhecimento. Portanto, não podemos ignorar que Stensson tenha sido o alvo.

Também pode se tratar de um grupo religioso que está querendo marcar presença, mostrar força, atacar em qualquer lugar, em qualquer momento. Se bem que nada indica que seja esse o caso.

Al Kabari sabe como controlar os seus devotos, pensa Malin. Eu tive forte sensação de que falou a verdade, de que ele, realmente, quer contribuir para a criação de uma comunidade que funcione bem.

— E os detonadores, dá para saber de onde vêm? — pergunta Malin, depois.

— A situação é a mesma. O que consegui determinar foi que o modelo usado é dos mais comuns. Talvez eles, ou ele, já soubessem de antemão que, do detonador utilizado, seria praticamente impossível determinar a origem.

Os três ficam em silêncio por um momento.

Karin respira fundo.

— Finalmente, posso também informar que as meninas mortas eram gêmeas, Tuva e Mira Vigerö. Elas foram a uma consulta num dentista aos cinco anos. Ele tirou radiografias dos dentes, visto que ambas tinham arcadas bem estranhas, com vários dos dentes crescendo muito próximos um do outro. Comparamos as radiografias dentárias com o que encontramos na Grande Praça e não vimos motivo nenhum para duvidar.

Portanto, acabamos de ter a confirmação daquilo que já sabíamos.

Onde antes existiam grandes vidraças na agência do SEB, havia agora placas de compensado de madeira, como se alguém as tivesse pregado nas vitrines para evitar os efeitos de algum poderoso furacão.

Waldemar Ekenberg e Börje Svärd batem à porta recentemente trocada. Atrás deles, as velas já tinham se apagado e as flores, começado a murchar. Mas, a todo momento, chegam mais pessoas com novas velas, mais tulipas nos mesmos tons escarlate, as cores do fogo da própria explosão, trazendo com elas um novo medo, uma nova tristeza, pelo fato de a sua segurança ter mudado para pior.

Um minuto depois, uma jovem, com um vestido cinza, abre a porta do banco.

Eles entram. Todo o local se transformou numa câmara escura por causa da falta da luz do dia.

Alguns dos funcionários parecem receosos, por trás de um balcão em madeira de carvalho. Tentam parecer ocupados e, certamente, devem estar continuando seus trabalhos, apesar da crise econômica. Os únicos que parecem estar ganhando mais dinheiro do que nunca são os bancos e seus funcionários, apesar dos muitos créditos perdidos, da inadimplência generalizada, constata Waldemar.

É uma idiotice ficar com medo, pensa ele, avançando para o balcão seguido de Börje. Se existe algum banco seguro para se visitar é este. Ele sente a irritação aumentar dentro de si.

Banco maldito. Waldemar sente coceira depois de manifestar a sua insatisfação.

Uma poeira bege, muito fina, cobre o teto no interior da agência bancária. As moscas recém-nascidas deambulam pela poeira, traçando finas trilhas que, juntas, formam um padrão perturbador e indefinível.

Como se fosse um esboço por cima de toda a mobília, pensa Waldemar, enquanto tira a carteira do bolso traseiro das suas calças de lã e mostra o seu distintivo para a funcionária do banco.

— Nós queremos falar com o seu chefe — diz Waldemar, tentando o mais possível infundir respeito. — Jeremy Lundin, acho que é o nome dele.

Waldemar abana-se. Está quente.

Apesar de ter passado apenas um dia após a explosão, parece que tudo aconteceu há muito mais tempo. A agência está praticamente incólume. Deve ter sido um grande perito que fez a bomba. Toda a força da explosão foi dirigida para fora, para a praça,

para quem passasse por perto. Não devia ser assim, pensa Waldemar. Devia ter sido o contrário, caso o banco fosse o alvo principal. Será que a força da explosão não deveria ter sido voltada para a agência? Por outro lado, o homem-bomba pode ter ficado nervoso e colocado a bicicleta com a mochila na direção errada.

Pela primeira vez, sente-se hesitante em relação à Frente Libertária Econômica. Não queria nem ouvir falar desse tal de Stensson visto na filmagem, muito menos ouvi-lo. No entanto, agora acha que poderá haver algum sentido nessa pista.

Por que a tal de Frente Libertária Econômica viria a aparecer do nada? Se bem que foi o que aconteceu, também, quando o grupo Baader-Meinhof surgiu na mídia, na década de 1970. Ninguém sabia o que era.

Ou quase ninguém.

— Ele está no escritório — informa a jovem ruiva.

— Nós queremos falar com ele.

A jovem telefona, uma ligação interna. Conversa, faz que sim. Quando desliga, é Waldemar que pergunta:

— Você sabe se Dick Stensson esteve aqui ontem? Ele é cliente da agência, não é?

— Ontem eu não trabalhei, estive de folga, graças a Deus — diz a jovem. — Mas também não posso dizer nada a respeito dos clientes do banco. É melhor falar com o senhor Jeremy.

— Você sabe quem é Dick Stensson?

A jovem balança a cabeça.

Nenhum dos malditos funcionários do banco citou o nome de Stensson durante o interrogatório de ontem. Não mencionaram nenhum cliente pelo nome, talvez porque foi implantada na sua

cabeça uma frase: os clientes têm que ficar no anonimato. No entanto, o dinheiro deles deve ser sugado o mais possível.

Ou foi a explosão que os entonteceu?

Aliás, parece que todo o mundo está zonzo ou que o mundo passou a rodar rápido demais.

Waldemar pousou ambas as mãos em cima do balcão, diante da jovem.

— É uma situação excepcional — diz Börje.

Os olhos de Waldemar cerram-se, parecem quase duas linhas. Quase sem mexer os lábios, ele diz:

— Ontem, duas meninas foram feitas em pedacinhos. Tinham 6 anos. E uma sacaninha de merda como você diz que não pode falar. Nós vamos receber as gravações das câmeras de segurança, logo, logo. Ele deve estar nelas. Você sabe, claro, quem ele é.

A mulher levanta a cabeça e olha para os dois.

Sem medo.

Talvez até com certa firmeza no olhar.

Depois, acena que sim. E fala:

— Ele é nosso cliente, sim, mas se esteve aqui ontem, eu não sei. Os senhores devem receber a informação pelo nosso chefe.

— Obrigado — diz Waldemar.

— Os senhores podem falar com ele agora. No fim do corredor.

— Dick Stensson é cliente do banco e esteve aqui ontem, antes da explosão? — pergunta Waldemar, inclinando-se sobre a mesa de Jeremy Lundin.

O gerente da agência, pouco menos de 35 anos, já gordinho e usando um terno azul, brilhante, os cabelos louros penteados para

trás, alisados com gel. Parece aterrorizado na sua cadeira, parecendo querer se safar do hálito de nicotina e cafeína de Waldemar e da sua raiva.

Jeremy Lundin chega a tremer, enche as bochechas de ar, enquanto os seus olhos azuis, claríssimos, tentam entender o que está acontecendo.

— Vá com calma — diz Börje que faz o papel do policial bonzinho.

Mas Waldemar não recua e diz:

— Você aí, seu bancário de merda, Dick Stensson esteve aqui nesta agência um pouco antes de a bomba explodir, não é verdade?

Jeremy Lundin bate com os dedos em cima da sua mesa de tampo claro, passa o olhar pelos dois e termina encarando a parede vazia.

— Stensson esteve aqui, sim. Ele é cliente do banco.

— E você sabe quem ele é? — pergunta Börje.

Jeremy Lundin acena que sim.

— E você, seu palhaço — atacou Waldemar —, achou que isso não era da maior importância para nós, quando foi ouvido. Você deve saber muito bem quem ele é. E não deve desconhecer que esses bandos de motoqueiros, de vez em quando, tentam se explodir uns aos outros, causando o caos e o inferno.

— Por que você não disse nada? — questiona Börje, enquanto se senta numa das cadeiras em frente da mesa de Jeremy Lundin.

Waldemar Ekenberg prefere continuar de pé, andando para trás e para a frente, na direção de Jeremy Lundin.

— Eu achei que não era importante, mas, agora, entendo que pode ser. Cheguei a pensar em telefonar para vocês. Somos muito rigorosos em manter o anonimato dos nossos clientes, e ele é um

bom cliente. Tem várias empresas bem-sucedidas e todas têm conta aqui no banco.

— O que Stensson fez ontem aqui? — pergunta Börje, calmamente.

— Agora você vai dizer a verdade, ok? — ruge Waldemar ao mesmo tempo que se senta em cima da mesa de Jeremy Lundin, bem perto do computador.

— Veio aqui fazer um depósito.

— Presumo que o depósito foi feito com dinheiro que ele trouxe. Ele costuma fazer isso com frequência? — pergunta Waldemar.

— Todas as segundas-feiras, pela manhã, na mesma hora. Vai ao caixa lá fora. Ontem, eu, pessoalmente, recebi o dinheiro. Não pensem em nenhuma idiotice. Ele sempre mostra cópia do recibo de onde o dinheiro veio.

— Na mesma hora, todas as semanas? — pergunta Börje.

— Sim — responde Jeremy Lundin. — Nada de estranho nisso. Eu conheço a fama que ele tem, mas nunca foi condenado, e as empresas dele estão em ordem. Para nós, ele é um cliente como outro qualquer.

Será que está mentindo?, reflete Waldemar. Duvido. Para ele, Stensson é um cliente normal, cujo anonimato deve ser defendido a qualquer preço e em quaisquer circunstâncias. Porque é assim que defendem o banco e os lucros.

— Em tempo hábil, nós vamos requisitar todos os dados sobre as transações de Stensson no banco. Pode estar certo — diz Waldemar.

Jeremy Lundin sorri.

— Faça isso — responde.

— Mais uma coisa: o que você sabe sobre a Frente Libertária Econômica?

— Nada — diz Jeremy Lundin, enquanto uma madeixa de cabelo cai sobre a sua testa.

16

Já eram quase quatro horas quando Malin e Zeke estacionaram em frente do complexo industrial a que o grupo de motoqueiros Dickheads chama de sede.

Chegaram nuvens baixas do sul e o céu limpo de maio ficou contaminado de nuvens cinza que parecem espremer a fortaleza do grupo contra o solo.

Jägarvallen é o nome do lugar.

Uma zona industrial, pequena e sonolenta, a alguns quilômetros de Ryd. Oficinas fechadas, um canil-hotel, muito popular, diante de um pedaço de floresta e, então, o conjunto de construções do grupo Dickheads, rodeadas por um muro e com câmeras de segurança por cima de dois portões de ferro, já meio enferrujados.

Uma campainha junto de um pequeno interfone com câmera.

Eles tocam a campainha. Malin nunca havia estado lá dentro, mas pode imaginar um pátio de brita com muitas motocicletas, algumas oficinas e um prédio de administração já desgastado pelo tempo.

Drogas.

Extorsão.

Esconderijos para guardar sequestrados. Trapaças, fraudes, falsificações. São muitos os rumores do que os Dickheads fazem.

Assassinatos encomendados.

As autoridades prenderam um dos líderes dos Hells Angels em Gotemburgo, no ano anterior, por assassinato. Mas em Linköping ainda não se chegou a tanto, nem nas atividades dos Dickheads, nem nas dos seus rivais Los Rebels.

Uma voz rouca, cansada, quase pós-ressaca:

— Quem são vocês e o que querem?

Malin olha para os portões e sente que está mesmo diante de uma fortaleza inviolável com cheiro de pura maldade.

Não se pode deixar que a merda se fixe na área.

Porque, senão, ela acaba por prevalecer.

E o mundo transforma-se num espaço negro.

Zeke mostra o distintivo da polícia diante da câmera.

— Polícia. Queremos falar com Dick Stensson. Ele está?

Um longo silêncio. Depois, um estalido no interfone e o portão abre-se com um chiado prolongado. Malin nota que a sua imaginação correspondia à realidade. Motos cromadas enfileiradas diante de duas oficinas cinzentas.

O que existe aqui? Que corpos se escondem por trás destas construções? O que está lá dentro?

Um antigo escritório. Um gorila barbudo de casacão de peles e camisa xadrez avança na direção deles, com passadas decididas, ameaçadoras. Estende a mão e diz com uma voz suave e amistosa:

— Bem-vindos aos Dickheads.

Um aperto de mão firme, mas agradável.

Zeke balança a cabeça ao seguir o homem para o prédio da administração.

— Dick vai atendê-los imediatamente — diz o homem, que desaparece em seguida, deixando-os sozinhos na sala de espera, diante de uma maciça porta de carvalho. Embora o prédio por fora estivesse em mau estado, por dentro tudo tinha a melhor das aparências. As paredes são de uma brancura imaculada. O teto tem lâmpadas de mercúrio embutidas. Os sofás de couro, ao lado de Malin e Zeke, são arredondados e modernos. O couro escuro é brilhante e parece macio. Segundo Malin, devem ter custado muito dinheiro. Ela tem a sensação de que se encontra na casa de um empreendedor de sucesso, rico e com bom gosto.

A porta de carvalho abre-se e ouve-se uma voz grossa, um pouco enfastiada, numa tonalidade usada para fechar negócios, que chama lá de dentro:

— Podem entrar agora.

Segundos depois, Malin está diante de Dick Stensson, sentado atrás da escrivaninha e vestido com uma capa. Ao lado, um computador. Ele pergunta como se fosse um consultor econômico de um banco ou de uma companhia de seguros:

— O que eu posso fazer por vocês?

Um sorriso de satisfação no seu rosto pequeno, mas vigoroso. Malin, por seu lado, sente todo o peso do seu corpo se afundar numa das duas cadeiras de escritório, colocadas no meio da sala.

— Você esteve no banco ontem, pouco antes da explosão. Confirma?

Dick Stensson acena com a cabeça e diz:

— Confirmo. Tive uma sorte danada em não ser apanhado pela atrocidade feita por esses loucos. Já havia chegado ao castelo quando a bomba explodiu. Deu para ouvir o estrondo até lá de cima.

— O que você fez no banco? — pergunta Malin.

— Depositei dinheiro. O dinheiro dos caixas dos nossos diversos negócios e um pouco do meu dinheiro pessoal. Nada de estranho. Verifiquei meus fundos. Tenho um pouco aplicado no Kurtzon Global, que recomendo abertamente.

— O diretor Lundin afirmou que você costuma ir à agência à mesma hora, todas as semanas.

— Ele é gerente, não diretor. Sou um homem que gosta de regularidade na prática dos meus atos — responde Dick Stensson, recostando-se na sua cadeira, com um olhar brilhante.

Ele tem uma boa aparência, pensa Malin. Chega a ser atraente, com toda a sua autossuficiência.

É atraente mesmo.

Nada de segundas intenções agora.

— Você não tem medo dessa regularidade? — pergunta Malin. Dick Stensson faz uma careta para ela e, depois, assume uma expressão de espanto.

— Do que eu deveria ter medo?

— Os seus hábitos regulares podem torná-lo uma vítima fácil.

Dick Stensson faz que sim.

— Mas isso demonstra, também, que eu não me importo com esse detalhe, não é? Que sou eu quem manda.

Malin concorda, acha que o homem na sua frente está entusiasmado com a sua própria figura, acha que é invencível. Contrariada, sente que há qualquer coisa nele que a atrai fisicamente.

— Não acha que alguém estaria querendo atingi-lo ao colocar a bomba do lado de fora do banco? — pergunta Zeke.

— Acho muito pouco provável — diz Dick Stensson, ao mesmo tempo em que digita qualquer coisa no teclado em frente do monitor

do computador, como se estivesse respondendo a alguma mensagem importante, que não pudesse esperar.

— Por que seria pouco provável? — pergunta Malin. — Você não tem inimigos?

— Nenhum inimigo — reage Dick Stensson, balançando a cabeça.

— Não sofreu nenhuma ameaça nos últimos tempos?

— Por que deveria haver alguma ameaça contra mim? — questiona Dick Stensson. — Afinal, sou um simples empresário.

— Nós recebemos relatórios de que houve um aumento de violência entre você e...

— Como eu disse, sou um simples e honesto empresário.

— Pare com essa conversa fiada — diz Malin. — Todos nós três sabemos muitíssimo bem quem você é e o que faz. Há duas meninas mortas. Estamos tentando saber o que aconteceu. Se você tem alguma coisa, por mínima que seja, que nos possa levar a uma pista, diga logo, sem rodeios. Caso contrário, vou ficar de olho em você e rastrear o seu traseiro até o fim dos seus dias.

Dick Stensson ri.

— Quer dizer que a damazinha é temperamental — diz ele, depois, com uma voz divertida e que leva Malin a querer pular por cima da mesa e puxar o nariz daquele motoqueiro infeliz, mas contém-se.

— *Easy now* — diz Zeke. — Calma, muita calma. Quer dizer que não tem nada para nos contar? — pergunta friamente, para impor respeito a Stensson e acalmar Malin.

— Não.

— Você pode estar certo de que vamos inspecionar em breve todos os seus negócios — acrescenta Zeke. — Posso garantir. Vamos vasculhar cada papel.

— A polícia vai ter tempo para isso?

Dick Stensson ri de novo. E acrescenta:

— E eu não sei nada sobre essa tal Frente Libertária Econômica.

— Havia ouvido falar nela? — pergunta Zeke.

— O jornal *Aftonbladet* fez dela a manchete na internet.

— Ontem, você viu alguma coisa de estranho na praça, alguma coisa que tenha notado? — pergunta Malin.

— Vi as meninas. Vi que elas estavam comendo cachorros-quentes e as achei bonitas. Eu gosto muito de crianças e me lembro de que as achei bonitas demais para existirem no nosso planeta cruel. É disso que me lembro, Malin.

Dick Stensson fixa os seus olhos azuis nos dela. O olhar é duro, frio e impositivo. Malin procura neles alguma espécie de calor humano, mas chega à conclusão de que isso não existe naquele olhar.

— Vocês deviam centrar suas investigações nessa tal de Frente Libertária. Eles assumiram o atentado.

— Estamos trabalhando nisso — diz Zeke. Malin vê como o colega ficou furioso por ter respondido a Stensson e como ele ficou na defensiva, justificando uma medida a ser tomada pela polícia. Filho da mãe...

— Obrigada. Isso é tudo — diz Malin, levantando-se.

Podemos ouvir os motores, Malin.

Lá dentro da oficina.

Ouvimos os motores como se fossem horríveis animais esfomeados, ouvimos os grunhidos da sua canção, lançados na atmosfera da tarde.

Há várias portas fechadas. Devem ser abertas?

Os nossos nomes estão agora na internet. Nas páginas dos jornais. Agora, todos sabem quem éramos.

As meninas Vigerö.

Mamãe.

Ainda respira. Luta. Tentamos atraí-la para junto de nós, chamamos por ela, mas ela se mantém firme, não quer. Quer ficar onde está, mas, em breve, certamente, acabará se juntando a nós.

Está com febre. Sonha. Sonhos negros, cheios dos nossos rostos e de figuras estranhas, desumanas.

Figuras de quem apenas conhecemos alguns detalhes.

Chamamos pelo papai.

Vemos o homem de capuz, o homem com a mochila na bicicleta.

Quem é ele, Malin? É ele o causador dos nossos medos? A representação do nosso desejo de mais vida? Mais vida, mais e mais vida.

Nós ainda não estamos prontas, Malin. Não estamos. Queremos mais vida. Será que você pode nos dar isso?

Queremos que nos ajude, Malin, a voltar a ser as meninas que éramos, as meninas que, supostamente, devíamos ser.

As outras crianças também estão gritando por você, Malin. Estão chamando-a.

“Venha, venha”, gritam elas. E chamam pelo pai delas, mas este não sabe onde elas estão. E a mãe delas não vai chegar porque está morta como nós.

Na realidade, nós nem queremos ajudá-las. Por que devíamos querer, se elas podem viver e nós não? Mas todas as crianças devem se ajudar e devem ser boas amigas. É isso, Malin, ajude-as, salve-as.

Elas estão à sua espera. Esperam que chegue e as salve. Faça isso, pois, assim, você se salvará também.

Escute bem e você as ouvirá também.

Os adultos devem chegar quando nós chamamos por eles.

Mas você não as ouve.

Você não as ouve.

Zeke deixa Malin à porta do prédio cor de areia na rua Ågatan.

Há luz no apartamento.

Será Tove que está lá? Espero que sim.

Malin está com saudades de se sentar ao lado da filha no sofá, para lhe fazer sentir que ela tem mãe, uma mãe que se preocupa com ela. Que ela não coloca o trabalho, nem a bebida, em primeiro lugar. Que não precisa telefonar de uma maldita clínica de reabilitação para dizer que se sente melhor.

"Estou com saudades de ter também uma amiga", pensa Malin. Uma boa e verdadeira amiga com quem possa falar a sério. Com quem possa ousar ser trivial. Será que Helen Aneman, a locutora de rádio, poderá vir a ser essa amiga? É muito possível. Helen é inteligente, divertida e tem muita empatia. Mas ainda não houve oportunidade para um convívio mais próximo entre as duas. E Malin não é daquelas que telefonam. É isso, simplesmente. Mas, neste último ano, procurou ouvi-la no rádio com mais frequência.

No carro, no retorno de Jägarvallen, ela e Zeke discutiram o caso de Stensson.

Deixemos as ideias circularem livres.

Será que alguém quis atingi-lo e criou o *site* da Frente Libertária para confundir a polícia e direcionar as suspeitas em outra direção?

Será?

Não existem limites para os artifícios da criminalidade organizada. E aqueles malditos ladrões podem viver muito bem dos seus crimes, melhor do que os trabalhadores normais poderiam sonhar. Uma vida de luxo que faria qualquer desempregado desmaiar.

A honestidade rende pouco.

Ou, então, foram alguns ativistas que aproveitaram a oportunidade de apresentar as suas ideias, quando a possibilidade de chamar a atenção era maior?

Ao se aproximarem do centro da cidade, Malin telefonou para Sven Sjöman. O departamento técnico ainda não tinha conseguido chegar a lugar nenhum na pista digital. O endereço IP do site da Frente Libertária estava escondido por trás de técnicas avançadas. A questão agora era saber se iriam ou não conseguir o endereço ou, pelo menos, o da empresa que servia como hospedeira. Eles tentaram saber também de onde veio a mensagem enviada ao jornal *Corren* e ainda enviaram um pedido de informações para o YouTube sobre o vídeo divulgado, mas a resposta iria demorar.

A origem do explosivo usado seria muito difícil, quase impossível, determinar.

Durante a tarde, Johan Jakobsson, Börje Svärd e Waldemar Ekenberg ouviram outros conhecidos ativistas, mas as conversas não levaram a lugar nenhum. Ninguém conhecia essa tal Frente Libertária Econômica. A organização apareceu como uma nuvem de fumaça depois da explosão, e talvez viesse a desaparecer tão depressa quanto surgiu. Nenhum outro jornal além do *Corren*, nem o resto da mídia, recebeu a mesma mensagem. Os detetives chegaram a contatar um professor em Estocolmo que nunca ouviu falar de qualquer ativismo de esquerda, de orientação econômica,

na Suécia, muito menos dessa Frente Libertária Econômica. É certo que os comunistas já tinham protestado diante do Enskilda Banken, mas isso aconteceu na década de 1970. E a respeito de ser um movimento de extremistas de direita, o professor achou que isso era bastante improvável. Em contrapartida, achou provável o surgimento de uma nova forma de ativismo social para perturbar a comunidade, na sequência dos tempos de crise e dos desníveis sociais. Era apenas uma questão de saber quando surgiria a reação daqueles que se sentiam excluídos. Não de saber se a reação viria ou não.

A perícia técnica continuava a analisar os vídeos das câmeras de segurança do banco. As imagens do interior da agência não mostraram nada de importante, mas foi possível ver Dick Stensson a caminho da sala de Jeremy Lundin com uma pasta na mão.

Nenhuma outra atividade foi reportada por parte das agências bancárias apontadas no *site* da internet. Os bancos do país continuariam fechados, até obter novas notícias. Da parte da Säpo nada foi ouvido. Nada, também, sobre ativismo islamita. Karim Akbar dedicou grande parte do seu dia mantendo a mídia a distância. Com certeza, alguns dos meios de comunicação iriam noticiar a ligação de grupos de motoqueiros com Stensson e, com isso, os jornais iriam vender mais exemplares. Com certeza, algum dos funcionários do banco — talvez até o próprio Jeremy Lundin — não iria resistir à tentação de receber algum dinheiro do jornal *Aftonbladet* por informações sigilosas. Todos na polícia concordaram em não aprofundar as investigações nos negócios de Dick Stensson. Pelo menos por agora. Isso, provavelmente, ficaria longe da investigação atual, na qual eles precisavam se manter focados. Aliás, era quase impossível se manter concentrado num assunto que parecia mudar a cada segundo.

— Vamos continuar amanhã, Malin — diz Zeke no momento em que ela fechava a porta do carro.

Escureceu ainda mais.

Parece que vai chover. Talvez a primavera volte a ficar com cara de inverno. Talvez aqui venha a ficar como no norte do país, na província de Norrland, pensa Malin, onde a natureza pula por cima da primavera e entra diretamente no verão, fazendo com que essa natureza recém-nascida passe por cima da infância e chegue logo à fase adulta. Talvez para evitar as pragas e a exposição a outros males, não?

— Esperemos que não comece a chover — diz Malin.

— Fizemos um bom trabalho hoje, colega — diz Zeke. Malin concorda com um aceno. Quer evitar assumir os louvores. Quer que eles se afundem por si.

— Até amanhã.

Ela fecha a porta.

Olha para o apartamento.

A minha filha.

Está aí?

Ela pensa em Tove.

Na filhinha de 6 anos que um dia ela foi.

17

O relógio da Ikea na cozinha continua com o seu tique-taque imperturbável.

Marca 8h15. Tove corta uma cenoura calma e metodicamente, quer fazer comida. Malin está cansada, cansada demais, e acha que elas podiam se dar ao luxo de encomendar do Ming Palace um bom prato da sua especialidade para entrega em casa.

Tove está com uma saia curta de algodão, uma blusa rosa bem transparente e meias pretas compridas. Primeiro, quando viu a roupa, Malin quis fazer um comentário, dizer que achava a “decoração” muito leve, mas se conteve. Afinal, pode ser que esse seja o estilo que as adolescentes adotaram para a primavera deste ano.

— Não tem nenhuma comida em casa?

— Se quiser, podemos fazer um espaguete à bolonhesa.

— Podemos preparar uma porção grande que dê para congelar uma parte — diz Tove.

— Então, vamos fazer isso. — Logo depois, há cebola e alho dourando numa grande frigideira e água borbulhando numa panela ao lado.

— Não vamos telefonar para o vovô? — pergunta Tove. — Talvez ele esteja com fome.

— Não acha que ele deve estar cansado?

— Com os seus hábitos espanhóis? Ele contou que, habitualmente, ceava com a vovó às dez horas da noite.

— Talvez ele queira ficar em paz.

— Acho que não — diz Tove. — Acho que é você que quer ficar em paz.

Fui descoberta, pensa Malin.

A dona da verdade.

A garota amadureceu, prematuramente.

Para onde a vida vai levá-la, Tove?

— Eu telefono — diz Malin. E uma hora mais tarde os três estão sentados à mesa da cozinha do apartamento de Malin, comendo um espaguete à bolonhesa, com parmesão ralado, dos mais baratos, não do tipo maturado. A sensação era de que estava tudo bem, os três juntos, conversando sobre assuntos sem a menor importância. Quando o pai pergunta a respeito do caso, se já chegaram a alguma conclusão a respeito do atentado a bomba contra o banco, Malin conta sobre as várias investigações feitas e explica que, no atual estágio, eles não podem excluir nenhuma das linhas de investigação, ou qualquer outra possibilidade, apesar de haver uma organização que já assumiu a responsabilidade sobre o ato.

— O povo começa a falar — diz o pai. E Tove confirma.

— Todo o mundo está com medo — diz ela. — Com medo de que estoure uma nova bomba. Como eles disseram que iria acontecer no YouTube. Todos viram o vídeo. Mãe, acha que vai acontecer novamente?

Malin baixa os seus talheres.

Sente que iria fazer muitíssimo bem beber um copo de vinho tinto para acompanhar a massa, porém acaba por se contentar com um copo de uma simples água gaseificada, preparada por uma nova máquina, a Sodastream, que ela comprou recentemente. As bolhas na água fazem com que ela se lembre das prometedoras bolhinhas de uma cerveja bem gelada, que era bebida não na hora do trabalho, mas num momento de descontração.

— Não sei se vai explodir ou não uma nova bomba — diz Malin. — Mas vocês podem tentar evitar passar por perto dos bancos.

— Isso não é fácil em Linköping — diz o pai. — Há uma agência em cada praça.

— E não parece que haja um final à vista para essa desgraçada crise econômica — diz Malin. — Pensei que a empresa de manutenção de veículos DT Trucks fosse a firma mais estável do mundo.

Hoje, chegou uma nova notícia. Justamente quando todos começavam a achar que as coisas iam mudar de verdade, que não era apenas a Bolsa que ia subir, mas também toda a economia. Trezentas e vinte pessoas perderam os seus empregos na DT Trucks, na cidade de Mjölby, um município vizinho já muito atingido.

— Na vida, não há nada garantindo que a crise, ou seja o que for, vá durar para sempre — diz o pai laconicamente.

— Vai haver uma nova missa, hoje, na catedral — acrescenta Malin. Ao que parece, irá muita gente. Haverá também um ato em memória das vítimas do atentado, amanhã, na hora do almoço. Além de um minuto de silêncio em toda a cidade, às quatro horas da tarde.

— Acho que todas as igrejas vão estar abertas — comenta o pai. Tove, que tinha ficado em silêncio até então, abriu a boca:

— É típico. Assim que acontece algum mal, todas as pessoas correm para as igrejas. Meu Deus, como isso é previsível.

— Não está sendo dura demais, Tove? — pergunta Malin.

— Talvez, mas nem mesmo Deus quer apenas consolar, não é? Quer também um pouco de atenção constante.

Depois do jantar, os três sentam-se no sofá para ver o episódio de um seriado norte-americano que mostra a atividade de uma célula terrorista nos Estados Unidos. Mostra como homens que parecem suaves se transformam em muçulmanos fanáticos, que querem se vingar de injustiças contra eles e suas famílias.

— É pouco provável que as coisas, na realidade, aconteçam assim — diz o pai. Malin não sabe como responder, mas diz:

— Na realidade, elas são um pouco mais obscuras. Pelo menos, eu acho isso. E você, Tove, o que acha?

Malin vira-se para a filha, vê que ela já adormeceu, está sentada, com a boca meio aberta e de olhos fechados, a caminho de um sono profundo e reparador de adolescente.

— Eu posso levá-la para a cama — diz o pai, mas Malin quer protestar. Acha que deve ser ela a levar a sua filha para o leito individual que a espera. Porém, logo em seguida reflete. É melhor que seja o avô a fazer isso.

— Muito bem. Ela é pesada demais para mim. Mas, será que as suas costas aguentam?

— As minhas costas estão muito bem, obrigado.

— Então, eu vou na frente para preparar as cobertas.

O pai de Malin colocou Tove, com todo o cuidado, na cama. Deixaram que ela continuasse de *jeans* e camiseta e, depois, ficam

os dois, lado a lado, no escuro, olhando como ela, dormindo, se cobre e fica deitada de costas, com os braços estendidos por cima da cabeça.

— Quando as crianças dormem desse jeito, é sinal de que se sentem seguras — diz o pai.

— Ela não é mais uma criança.

— Você nunca dormiu assim, Malin — acrescenta ele. — Dormia encolhida, como um feto. Eu costumava achar que a posição denunciava receio de que o mundo inteiro estivesse atrás de você, de que o mundo queria lhe fazer mal.

— Você tentou me acalmar enquanto eu dormia?

O pai faz que sim.

— Todas as noites. Eu entrava todas as noites no seu quarto, acariciava seu rosto e pedia que os seus sonhos fossem calmos. Mas nada ajudava. Você se encolhia como se quisesse se defender.

— Contra o quê, papai? Vamos, conte agora.

O pai sai do quarto.

— As crianças compreendem e sentem mais do que nós supomos — diz ele. Malin ouviu suas palavras e também a água que cai assim que ele abre a torneira da cozinha.

Eles acham que estou dormindo, pensa Tove.

É bom ficar aqui deitada e ouvir a conversa deles. Escutar o vovô falando de mamãe quando ela era pequena. Nunca os ouvi falar antes dessa maneira. A mãe parece não ficar zangada, nem irritada. Gostaria de saber o que ela quer que o seu pai conte.

A mãe também está saindo do quarto.

Deixando-me aqui sozinha.

Tove estica o corpo enquanto pensa que, por estranho que pareça, não contou para a mãe sobre a carta. De qualquer forma, posso fazê-lo num outro dia, não há pressa. A mãe, certamente, não vai dizer não.

Ou vai?

Zangada, certamente vai ficar.

Tove sente um frio na barriga, acha que tem de contar logo sobre a carta.

É claro que a mãe vai perguntar, imediatamente, quando é que eu recebi a carta. Se eu deixar passar muitos dias, ela vai ficar desconfiada. Vai sentir-se atacada e excluída. Ficará zangada e, depois, tudo poderá acontecer.

Exatamente, tudo e mais alguma coisa.

Ela não pode voltar a beber. Não pode.

Mas como dizer isso?

Já se transformou, agora, em um segredo que tem de ser anunciado. Que ela falsificou a assinatura da mãe na hora de entrar com o pedido.

Tove sente que os seus pensamentos estão confusos. Chega a sonhar acordada, com salas de aula de tetos altos, com filas de carteiras cheias de pessoas muito mais interessantes do que aquelas que constituem a maior parte dos colegas do seu curso secundário na Escola Folkunga.

Pessoas com estilo.

Como se fossem retiradas dos romances de Jane Austen, pensa Tove. Depois, os sonhos desaparecem dentro de si mesmos e logo ela adormece, sem estar consciente de que realmente exista.

Estão sentados à mesa da cozinha.

Bebericam o chá da noite. Malin pode sentir que a calma volta ao seu corpo.

O pai está bem na sua frente.

O seu rosto, tão conhecido, não é o mesmo. Os olhos escuros estão plenos de sentimentos que ela não consegue desvendar.

Ele quer falar, sinto isso, pensa Malin. E, de fato, ele diz:

— Malin, quer ouvir uma coisa horrível? Posso contar-lhe uma coisa terrível?

Malin sente que um punho negro, gelado, acaba de lhe atingir o estômago. Sente como se a mão entrasse nos intestinos e rodasse. Está com medo. Não quer ouvir o que está por vir. É o segredo que será desvendado. Existe mesmo um segredo? Mas ela acena que sim, quer ouvir. Não consegue dizer nada. A garganta está seca. O silêncio é quase total. Só se escuta o tique-taque do relógio.

— Eu não sinto falta da sua mãe — diz ele. — Sinto até alívio, o que, aliás, faz com que me sinta envergonhado.

Malin sente certo alívio, também, na boca do estômago.

Finalmente, este é o dia da confissão.

— Eu também não sinto falta dela — diz. — Nem por isso sinto a consciência pesada.

— Não mesmo, Malin? Mal posso acreditar nisso. A minha consciência está muito pesada, sim, mas também não posso deixar de sentir este alívio.

— Papai, não seja tão duro consigo — diz ela. — Nada mudará, nem ficará melhor.

— Eu não vou voltar para Tenerife. Vou ficar aqui.

— Achei que gostava muito de calor.

— Gosto, sim, mas foi ela que quis se mudar para lá. Não eu.

— Vai vender o apartamento?

— Ela sabia bem como se tornar complicada, é isso. Na realidade, sabia dar trabalho. E como... Aliás, nós dois sempre soubemos disso.

Malin sorri.

O eufemismo do ano.

— Por vezes, sinto-me só. E isso é tudo o que resta.

— Vocês dois viveram juntos por muito tempo. Talvez esteja apenas reprimindo a tristeza, não? Isso acontece muitas vezes.

— Acho até que já vivi triste por muitos anos. Mais por aquilo que deixou de acontecer — diz o pai. Ficam ambos em silêncio, em frente um do outro, bebericando o chá calmante.

— Os sentimentos, sejam quais forem, nunca estão errados — diz Malin.

O pai olha para ela por alguns instantes. Em seguida, confessa:

— Não, talvez não. Mas e as mentiras? As mentiras, sim, estão sempre erradas, não é verdade?

— Que mentiras são essas, pai? Também existem diferenças entre as mentiras, não é?

O pai esfrega os olhos.

Malin pensa nas cinzas da mãe que ele já deve ter recebido. Onde é que irá espalhá-las? Ela não aguenta fazer a pergunta.

— Espero poder conhecer a Tove melhor — diz o pai. — Espero que não seja tarde demais.

— Claro que não é tarde — afirma Malin. — Aliás, Tove sempre desejou estreitar o relacionamento entre vocês. Mas, papai, e as mentiras? Que mentiras foram essas?

— Vou embora, agora — diz o pai, de repente. E ele se levanta e sai. Malin pensa que é a milésima vez que o pai foge do que será

inevitável. Quer sacudi-lo, obrigá-lo a falar, a contar tudo, do mesmo modo que está habituada a fazer com os suspeitos, obrigando-os a dizer a verdade.

Mas prefere continuar sentada.

Escuta os passos do pai desaparecendo no meio da noite de Linköping.

O que estarão fazendo os meus amantes?

Malin está deitada, nua, na cama. Colocou a mão entre as coxas, mas sente-se cansada e vazia.

Nem sequer amantes eu tenho.

Meses atrás, tinha Daniel Högfeldt. Com Janne, meu ex-marido, tudo terminou. Há mais de ano e meio. Para sempre. E, desde então, não tive mais ninguém.

Acaba por levantar os braços e colocá-los por cima do lençol. Fica escutando o silêncio no escuro da noite.

Vocês, meninas, estão por aí? Alguma de vocês é aquela que eu uma vez fui? Qual delas? As duas?

Então, ela se levanta da cama.

Vai até a janela. Levanta a persiana e vê que as nuvens foram embora e que a noite está estrelada, cheia de uma luz suave que parece afagar todo o planeta e abençoar todas as pessoas, desejar-lhes felicidades.

Fecha os olhos.

Ao abri-los de novo, vê duas meninas flutuando como dois anjos brancos, sem asas, diante da janela.

Malin olha para elas. Estão falando uma com a outra, sussurrando, discutindo, voando, sem que se deem conta de que ela as está

vendo pela janela.

Sorri para as meninas, ri, sabe quem são, mas não quer perturbá-las.

Estão todas aí? Está aí, mamãe? Também quer aparecer para mim? Quer pedir desculpas?

As duas meninas param, viram-se para Malin e, de repente, a pele já não cobre os seus rostos, restam apenas feridas sangrando e seus olhos ficam cobertos de várias camadas de poeira e fuligem.

Os braços são apenas tocos.

As pernas sacodem, cortadas. As meninas gritam, mas não sai nenhum som da boca delas.

Gritam mais.

Não quero ouvir os seus gritos, pensa Malin. Fecha os olhos novamente e espera que, ao reabri-los, as meninas já não estejam lá.

Olhos abertos.

Apenas um céu estrelado.

Malin escuta a própria respiração.

A respiração de uma única pessoa. Elas não existem, mas, ao mesmo tempo, representam tudo.

18

QUARTA-FEIRA, 12 DE MAIO

Malin pega o jornal que está no chão do *hall* de entrada do apartamento. Toda a primeira página é dedicada à explosão que sacudiu a cidade inteira até as suas fundações.

A fotografia do dragão-de-komodo, nascido no parque de Kolmården, está no canto superior direito.

Malin abre o jornal em cima da mesa da cozinha. Lê enquanto prepara o café e sente como o cérebro acorda para a vida, ao realizar os diversos trabalhos caseiros.

Todos os tolos estão dispostos a falar.

O presidente da província, um gorducho ex-ministro da Agricultura, uma velha direitista, todos se manifestam e dizem que as pessoas precisam de segurança e querem mais policiais nas ruas. Karim Akbar fala: “Sem comentários”. Mohamed Al Kabari comenta o racismo e diz que é trágico verificar que, apenas porque explodiu uma bomba, todos os olhares se voltam para os muçulmanos da cidade. No entanto, Kabari mostra-se, também, compreensivo. Pensando em todos os atentados realizados em nome da sua

religião, a situação é admissível, mas lamentável. As pessoas têm que aprender a conviver umas com as outras. Os agentes da polícia secreta também se manifestam. Um comissário chamado Frick afirma que eles estão realizando uma investigação paralela à da polícia de Linköping e que a colaboração entre os dois órgãos tem sido muito boa, para não dizer até exemplar. O único que ainda não se manifestou foi Dick Stensson, mas Daniel Högfeldt já sabe da visita dele ao banco e desenvolve uma teoria: o atentado seria dirigido contra Stensson?

Também não se registrou nenhum comentário da parte da Frente Libertária Econômica, apenas publicaram a sua declaração, ou o seu manifesto, caso assim se queira chamá-lo. Apenas lixo no jornal. Ninguém conseguiu mais informações sobre a organização, antes desconhecida. Cita-se que a polícia considera a Frente Libertária a pista principal, mas ainda não tem certeza de que a organização está, de fato, por trás do atentado. Karim Akbar: “A experiência internacional demonstra que, muitas vezes, pessoas e organizações se apresentam e se responsabilizam por tais atentados, apesar de não terem nada a ver com o ato”.

Fotografias das meninas.

Tuva e Mira.

Vigerö.

Tuva e Mira Vigerö, 6 anos.

A identidade confirmada oficialmente.

Não foram encontrados outros parentes além da mãe. E esta encontra-se ainda no hospital, inconsciente.

Análise dos vídeos de segurança. O homem de capuz é apenas uma silhueta nas fotografias. Impossível saber quem é.

Devem ter passado o filme, ontem, nos programas de televisão *Rapport* e *TV4*. Talvez tenham chegado alguns palpites de quem o homem-bomba possa ser.

O jornal *Corren* apresentou algumas imagens possíveis do homem. Entrevistou, também, alguns dos habitantes da cidade que quiseram opinar sobre o homem no vídeo. Embora as suas palavras tenham sido redigidas, o ódio manifestado é patente.

“Não existe punição suficientemente grande para um caso desses.”

“Matem-no.”

“Talvez seja a maldade em pessoa.”

É como se os habitantes da cidade precisassem ter alguém contra quem demonstrar a sua raiva, o seu ódio e também o seu medo. Agora tinham o homem do vídeo. É ele o demônio diabólico que tem de ser encontrado e destruído.

“Mas ele também é uma pessoa”, pensa Malin. “O que ele fez é terrível. Nós vamos pegá-lo.”

“O *Corren* sabe tanto quanto nós”, pensa Malin, enquanto dá uma mordida num sanduíche. Não temos ainda porra nenhuma. Nada além de uma porção de pressentimentos, adivinhações, mas, na verdade, muitas investigações boas e bem-sucedidas começaram assim, com vozes que sussurram ideias nos ouvidos de policiais cansados.

A corrente dos pensamentos de Malin é interrompida por Tove, que aparece à porta da cozinha vestida com um largo roupão, esfregando os olhos e dizendo “bom dia”. Malin logo chega à conclusão de que Tove deve ter se levantado durante a noite e trocado de roupa.

— Já de pé tão cedo — comenta Malin.

— O café está pronto? — pergunta Tove.

— Café? Desde quando você bebe café?

— Mamãe, tem muita coisa que você ainda não sabe sobre mim.

— Desde quando?

Tove balança a cabeça, vai direto à cafeteira e se serve de uma caneca daquele líquido negro, de essências saborosas.

Malin olha pela janela.

O céu está azul, com uma luminosidade ainda fria, mas carregada de promessas de calor. Todos os botões de flores das árvores que se avistam da janela parecem querer explodir como rebentos de vida. Malin olha para Tove. Como os seus seios começam a surgir, pretensiosamente, por baixo do tecido atoalhado, já meio gasto, do seu roupão.

A chuva fria esperada na noite anterior não chegou. Nada pode conter as forças vivas da primavera.

Pontualmente, às nove horas, começa a reunião matinal do grupo de investigadores da polícia de Linköping.

Investigadores cansados, com profundas olheiras, todos sentados em volta da mesa tentando desempenhar o seu papel, interpretando, dançando conforme a música, enquanto repassam a situação da investigação que todo o mundo exige que avance, que ande para a frente, que conte a verdade do caso para as pessoas, que faça justiça às vítimas da violência.

O vídeo passou na televisão na noite anterior, mas não deu em nada. Ninguém sabia, nem imaginava quem poderia ser o homem da Frente Libertária Econômica que apareceu no YouTube.

Todos prosseguem e discutem outras linhas de investigação.

Então, o silêncio.

A certeza de quão pouco resultado, na realidade, as suas suspeitas tinham dado. A sensação de que já estavam num beco sem saída, apesar de terem se passado apenas dois dias desde que a bomba explodiu.

Malin olha para Zeke, que está sentado de costas para as crianças que brincam no parque. Vê como as olheiras dele estão enormes. E imagina que, depois de tê-la deixado em casa, talvez tenha visitado Karin Johannison no laboratório, na noite anterior. Talvez tenha colocado Karin em cima da bancada de aço inoxidável, ao lado de um armário de gavetas para cadáveres, com um cheiro horrível de produtos químicos e de algum aparelho de vibração automática para testes.

Gunilla, a mulher de Zeke, não sabe de nada sobre o caso dele com Karin. Ninguém sabe, a não ser eu. E eu jamais iria condená-lo por isso, Zeke. Tem de fazer o que deve ser feito. Nós sempre temos de fazer o que devemos. É claro que sim, não é?

É Waldemar Ekenberg que interrompe o silêncio.

— Vamos apanhá-los vivos? — A pergunta foi lançada para a mesa, mas foram Johan Jakobsson e Börje Svärd que responderam, quase em uníssono:

— Com os diabos, Waldemar!

— Recebemos mais informações a respeito da família Vigerö — diz Sven Sjöman, em seguida, ignorando o comentário de Waldemar. — Ela tinha uma vida financeira extremamente regular. O pai, antes de falecer, era montador na fábrica de elevadores em Kisa. Hanna Vigerö trabalha com deficientes mentais, mas, ao que parece, apenas meio expediente, desde o nascimento das gêmeas.

Quanto ao acidente de automóvel do marido, não há registro de algo de estranho.

— Como é que está a mãe Vigerö? — pergunta Börje.

— Ao que sabemos, continua estável — reage Sven. — Mas ainda não podemos ouvi-la.

Talvez se salve, pensa Malin. Talvez ainda haja uma pequena possibilidade, mas como é que vai poder continuar a viver?

O marido morreu.

E, agora, as duas filhas.

Seria possível eu continuar a viver, se alguma coisa acontecesse a Tove?

Eu quase me matei de tanto beber depois daquela vez em que estive perto de perdê-la. E por causa do álcool quase estraguei por completo o relacionamento com ela.

Estive perto de conseguir aquilo que a assassina não fez.

Na realidade, até que ponto eu não expus a vida de Tove?

Malin sente necessidade de voltar ao ginásio no porão do edifício da polícia. Quer sentir o enorme peso dos halteres matando a sede do corpo pela bebida e conseguir que essa sede desapareça para sempre.

Basta pensar em álcool para sentir crescer a vontade de beber a habitual tequila. Para afastar essa ideia, ela crava as unhas de uma das mãos na palma da outra, pressionando até sentir uma dor agradável.

Funciona.

Como habitualmente.

— No lar dos Vigerö não encontramos nada de mais. Nada que indicasse que alguém as ameaçou — diz Malin. — Talvez

devêssemos falar, também, com os colegas do trabalho. Ver se sabem mais alguma coisa a respeito da família?

— Não podemos investir mais nessa linha — diz Karim Akbar. — São pessoas normais que apenas tiveram o azar de estar no lugar errado, na hora errada. Acho melhor acelerar as investigações à procura dessa tal Frente Libertária. Quem são eles? Revirem cada uma das pedras que estiverem no caminho, investiguem todos os ativistas conhecidos e os ainda desconhecidos, quer da extrema esquerda, quer da extrema direita. Insistam com a perícia técnica. Alguma coisa eles têm de encontrar.

"Vou verificar o passado de Hanna Vigerö", pensa Malin, mas ela sabe que terá de esperar. Deve se manter leal à investigação. Uma divisão, neste momento, pode levar a perder o pouco que têm.

— Esse vai continuar a ser o foco das nossas investigações — diz Sven. — Vocês, Johan, Waldemar e Börje, vão continuar na mesma rota. Vamos pedir ao banco um relatório das contas de Stensson e deixar que os nossos especialistas em finanças façam uma análise. Talvez haja alguma coisa nesse sentido.

Malin concorda, sem saber por quê. Ela fecha os olhos, quer que a mente ponha em ordem seus pensamentos, mas a estrutura da economia é coisa que conhece só de leve. Talvez estejam procurando na direção errada, mas até nisso ela está longe de ter certeza.

Toca o telefone de Sven. Eles ouvem-no murmurando huns, dizendo sim, não, sim, sim. E desliga.

— Era Andersson do departamento técnico. Eles conseguiram saber de onde veio o *e-mail* mandado para o *Corren*. Foi enviado por um computador do Café Sidewalk, num dos terminais da Estação Central de Estocolmo.

— Eu conheço o lugar — diz Malin. — Com certeza, existe por lá uma câmera de segurança. Podemos ter sorte.

— Podemos receber eventuais imagens de lá — afirma Sven. — Deve ser fácil conseguir isso dos donos ou da empresa de segurança.

— Nada de concreto em relação ao servidor? — pergunta Johan.

— Nada — responde Sven. — Eles não conseguiram saber quem estava por trás da mensagem inicial da Frente Libertária.

— *All right!* Todos agora já sabem o que têm a fazer, não é verdade? — pergunta Karim Akbar, sintetizando.

Os inspetores em volta da mesa acenam afirmativamente.

Malin acha que as suas diversas pistas giram em volta do caso, tal como os átomos rodam em torno do núcleo. As partículas que se separam ficam a circular como luas.

Muçulmanos, gangues de motoqueiros, e além deles a pista mais quente, com toda a certeza o caminho da solução do mistério: Frente Libertária Econômica. O vídeo à maneira islamita no YouTube. O homem da filmagem da câmera de segurança junto do caixa eletrônico.

O mesmo homem? Não deu para ver, mas quem sabe quantos são os que militam nessa tal Frente Libertária?

— Deem-me um vegetariano para eu lhe meter um pouco de carne pelo traseiro — diz Waldemar Ekenberg de repente. Todos os outros param de falar e olham para ele. — *Sorry* — acrescenta ele. — Mas eu acho que temos de chegar a algum lugar em breve, algum lugar que valha a pena. Até agora, parecemos um grupo de porcos-espinhos remexendo a terra sem resultado.

— Malin, Zeke — diz Sven. — Acompanhem-me à minha sala. Vamos realizar um esforço conjunto para encontrar aquele ou

aqueles que mandaram o *e-mail* para o *Corren*. Está bem?

— Ok — concorda Malin. — Vamos logo.

19

Sven Sjöman está em pé, atrás da sua mesa de trabalho, com o telefone branco contra o ouvido. Toda a sua sala demonstra concentração. Malin e Zeke estão sentados, inclinados para a frente, muito atentos.

Depois de três conversas curtas, Sven consegue, finalmente, contatar a pessoa certa, o homem da empresa Securitas, responsável pelas câmeras de segurança no terminal da Estação Central de Estocolmo.

Malin observa a maneira de trabalhar do seu chefe, Sven Sjöman, e mais uma vez fica espantada diante da sua energia e experiência, da forma como o seu cansaço parece desaparecer quando focaliza toda a atenção numa tarefa que significa muito para ele.

— Sim, bom dia, o meu nome é Sven Sjöman, da polícia de Linköping, chefe das investigações preliminares sobre o atentado a bomba na Grande Praça da cidade, que já deve ser do seu conhecimento...

Sven fica em silêncio.

Malin vê como os lábios do chefe se contraem ao ouvir o que a pessoa na outra ponta da linha lhe diz.

Novo silêncio.

— Quer dizer que a Säpo já o contatou ontem e requisitou o vídeo? E você o entregou?

Novo silêncio e, em seguida, a voz de Sven, em tom incisivo e apelativo:

— E uma cópia? Presumo que você tenha tudo gravado, digitalmente, e que possa, assim, mandar para nós uma cópia, não é? Basta mandá-la pela internet, não?

Sven faz uma careta.

— Quer dizer que você tinha só uma cópia no velho sistema VHS e que a entregou à Säpo?

Sven levanta as sobrancelhas na direção de Malin e Zeke, e logo Malin compreende o problema. Jamais a Säpo vai lhes enviar uma cópia da gravação, quando já está dois passos à frente.

— Sim, vamos contatar a Säpo. Obrigado, obrigado pela ajuda, de qualquer maneira...

Sven desliga.

Deixa-se cair na cadeira.

— A Säpo chegou antes — diz ele. — O resto, vocês já sabem.

— Nós precisamos desse maldito vídeo — diz Zeke.

Malin faz uma careta e comenta:

— Isso aí foi pior do que esperávamos. O que vamos fazer agora?

— Vocês dois vão direto para os homens da Säpo que estão no Grande Hotel. Vejam se conseguem o que queremos. Pressionem até onde for possível.

Na Grande Praça, há uma intensa atividade sob um lindo sol primaveril. Milhões de partículas flutuantes refletem os raios solares

e lançam sombras microscópicas sobre as pedras recém-lavadas da praça.

Há marceneiros que instalam novas coberturas sobre o café externo do Mörners Inn, suspendem novas lonas sobre as poltronas reparadas do Grande Hotel. Os vidraceiros colocam novos vidros na varanda, os técnicos instalam um novo caixa eletrônico do lado de fora da agência ainda fechada do SEB, enquanto ainda outros vidraceiros substituem as placas de compensado pregadas nas vitrines por vidros resplandecentes. Mais baixo, perto da banca de jornal, o pessoal da limpeza joga o restante de lixo e de poeira da explosão para dentro dos seus carrinhos de lixo amarelos.

As velas já gastas, colocadas pelo povo, continuam no lugar. As flores também. Embora muitas já estivessem murchas e, ao que parece, não tivessem sido substituídas por novas.

Na noite anterior, também houve menos pessoas nas missas das igrejas.

E, em breve, até mesmo as velas e as flores na praça serão recolhidas.

Uma bomba, pensa Malin.

Oportunidade de trabalho para alguns.

Um extra necessário para alguns dos habitantes de Linköping. Pelo menos, para alguns dos muitos que ficaram desempregados e não conseguiram encontrar novos empregos. Os desempregados ou aqueles já velhos demais que o mundo mastigou e cuspiu, os descartados.

As andorinhas, grandes e negras, voam baixo, quase batendo nos telhados dos prédios em volta.

Não cantam, pensa Malin, quando ela e Zeke passam pela entrada do hotel. Será que as andorinhas nunca cantam?

As pombas arrulham, até aí eu sei. Ela reconhece que o pensamento sobre os pássaros constituía uma maneira de afastá-la das meninas, da face despedaçada com um único olho bem aberto, pendurado, que parecia encará-la, ainda receoso. Essa imagem lhe vinha à mente sempre que Malin pensava nas garotas mortas. Eram bonitas, as meninas, como disse Stensson, que as viu correndo e comendo, apressadamente, de uma maneira maravilhosa que só as crianças sabem fazer, quando estão com muita fome e tentam aplacá-la, como se não houvesse uma nova chance no amanhã.

— Não pense nelas, Malin, não dessa maneira — diz Zeke. Ela, ao lado do colega, concorda. Eles já estão no saguão do Grande Hotel e avançam na direção de uma jovem loura, bonita, bem maquiada, que está atrás do balcão da recepção espelhado. Malin nota que ela veste uma saia azul e usa tênis, enquanto lhe mostra a identificação e diz:

— Onde estão os homens da Säpo?

A jovem parece surpresa por ver Malin. Deve tê-la reconhecido por fotografias no *Corren*.

— Na sala de Folke Filbyster, terceiro andar. Eles usam a sala como escritório temporário.

Malin e Zeke esperam pelo elevador, depois de ter apertado o botão, quando a jovem chama por eles:

— Calma. Eu tenho de informá-los para saber se eles podem recebê-los.

— Não precisa — diz Malin. — Eles já sabem que estamos chegando. — As portas do elevador se fecham e, lentamente, eles sobem.

As paredes internas do elevador são revestidas de vários espelhos que reproduzem de mil maneiras, sob diversos ângulos, as figuras

de Malin e Zeke. O cheiro forte é de suor, de vendedores e homens de negócios. De repente, plim! Chegaram. Na sua frente, a porta da sala Folke Filbyster está entreaberta. Lá de dentro, ouvem-se vozes tensas, de pessoas que acham que podem e sabem tudo.

Malin abre mais a porta e entra.

Seu nome é Stigman, tem talvez 30 anos e veste um terno chique. Malin o reconheceu por tê-lo visto perto do apartamento de Sofia Karlsson. Está sentado ao lado de um homem mais velho, cheio de rugas, cujo nome é Brantevik, atrás de uma mesa de reuniões, sobre a qual se veem dois iPhones, entre vários papéis.

Malin e Zeke estão de pé em frente deles, em atitude de expectativa, mas já irritados, enraivecidos e frustrados, de uma maneira que sempre acontece ao se reconhecer que nada pode ser feito quando o controle não está nas próprias mãos.

Stigman, num tom ridiculamente diplomático, contou-lhes que a Säpo tinha agora seis colaboradores trabalhando em Linköping, mas muitos outros também estavam atuando no caso, e que o trabalho dele estava no momento num estágio muito sensível em que todas as informações tinham que ser consideradas pela Säpo como completa e absolutamente confidenciais. Por isso, lamentava não poder compartilhar com eles o vídeo do Café Sidewalk. Também não tinha nenhuma outra informação que lhes pudesse dar.

E acrescentou:

— Devo dizer, porém, que vocês demonstraram muita competência ao chegar tão rápido à fonte da informação. Confesso que nunca acreditei nessa possibilidade.

O que Malin queria dizer para o idiota é que fosse à merda, gritar para ele que estava na hora de acabar com o sigilo das manobras da Säpo, que a questão principal era a possibilidade de uma nova bomba explodir a qualquer momento e que talvez eles pudessem impedir isso, caso tivessem acesso à cópia do maldito vídeo.

Zeke suspira profundamente, passa a mão pela cabeça raspada, vira as costas e sai da sala.

Malin fica sozinha com os homens da Säpo, que a observam como se ela fosse uma prostituta numa das vitrines do famoso distrito Redlight, da cidade de Amsterdã.

— Posso ao menos ver o vídeo? Aqui e agora?

Stigman balança a cabeça.

— *Sorry*, está em Estocolmo. Não tenho nenhuma cópia aqui. E mesmo que tivesse, não iria mostrá-la.

— Seu idiota — diz Malin, não aguentando mais se segurar. — Você está atrapalhando as minhas investigações. Quer ler isso, amanhã, no *Aftonbladet*? Ou ler esse comentário nos noticiários? Em como a Säpo complica a nossa investigação?

— Faça o que quiser — responde Stigman. — Mas acho que deve ser mais inteligente do que isso. Não me parece ser uma boa coisa espalhar pela imprensa as brechas que existem entre as corporações. No entanto, você talvez não esteja tão preocupada com a sua carreira, não é?

Ameaça contra ameaça.

Um círculo fútil.

— Eu sei agora quem você é — diz Malin. — E prometo que um dia vou lhe mandar uma mensagem à altura.

Stigman faz uma careta, mais uma vez, olhando bem nos olhos dela.

— Mas não mate o mensageiro — diz ele. E Malin reconhece que ele tem razão. A decisão a respeito do vídeo não é de Stigman, mas de alguém lá em cima que se acha o melhor.

Quando ela se dirigia para sair da sala, Brantevik chama sua atenção:

— Olhe aqui, garota, deixe que os rapazes maiores tratem deste assunto. Faça uma pausa, está na hora de beber um cafezinho. O tempo está lindo lá fora.

E é isso o que eles fazem.

Descem até a Gyllentorget, a Praça Dourada, e sentam-se nas mesas externas da Gyllenfiket, a Cafeteria Dourada, onde Malin e Zeke bebem um café *espresso* duplo. O café forte está gostoso e são poucas as pessoas que circulam em volta. Os dois estão completamente a sós no local.

Não há por perto nenhuma mãe em licença maternidade empurrando um carrinho de bebê. Nenhum desempregado. Nenhum estudante. E a falta de pessoas faz com que as vitrines das lojas vazias em volta da praça sobressaiam ainda mais, lojas que parecem simples buracos que escondem tragédias econômicas particulares que farão a história da atualidade, a de esperanças despedaçadas e de sonhos interrompidos. E isso, para muitos, muitos, será uma das consequências da crise econômica.

Passam algumas pessoas que olham para os dois.

Olhares de suspeita.

Movimentos rápidos, acelerados, como se as pessoas quisessem se afastar o mais rápido possível daquele lugar vazio. Na porta de entrada da nova galeria, um pedinte está sentado no chão.

Aparência eslava. “Com fome” é o que está escrito num papelão aos seus pés. Certamente, está ligado, de uma maneira ou de outra, ao grupo de pedintes formado por imigrantes dos Bálcãs. Ou será que ele está mesmo em dificuldades? Na realidade, é proibido ficar ali, pedindo dinheiro. Mas agora temos coisas mais importantes a fazer, pensa Malin.

— Que dia maravilhoso! — diz Zeke. — É uma pena que as pessoas não ousem sair de casa.

— Não há nada de estranho nisso.

— Não tão estranho quanto você.

— Cale a boca, devasso.

— Devasso. O que quer dizer com isso?

— Você sabe muito bem o que eu quero dizer.

Zeke solta um grunhido. Beberica o café.

Momentos depois, chega a garçonete para retirar as xícaras.

— Pouca gente — comenta Zeke.

— Ninguém se atreve a vir até o centro da cidade — diz a garota. — O povo está com muito medo. A única coisa de que se fala agora é de quando vai explodir uma nova bomba.

— E você não está com medo? — pergunta Malin.

— Não. Sinceramente, não. Não acredito que haja algum perigo. Mas eu gostaria de torcer dez vezes o pescoço daquele cara do vídeo que deixou a bomba na frente do banco.

Malin estremece diante daquelas palavras. Torcer o pescoço.

A mulher deve ser apenas alguns poucos anos mais velha do que Tove. É bonita, mas tem uma cicatriz desfigurando o queixo. Aparentemente, é uma durona que sabe o que quer.

A funcionária fica, em pé, junto da mesa deles, com a bandeja na mão.

— E mesmo que eu estivesse com medo, não deixaria que meia dúzia de terroristas idiotas interviesse na minha vida. Nessa altura, isso seria sinal de que eles teriam vencido, não é verdade?

O café faz com que o corpo evite a leve tendência de baixar a energia no momento em que eles voltam para o carro, estacionado junto do *pub* Hamlet.

Quando seria a cerimônia em memória do atentado na Grande Praça? Na hora do almoço?, pensa Malin. Será em breve. Talvez seja bom irmos lá, ver quem vai aparecer e avaliar o tamanho da adesão.

Seus pensamentos são interrompidos por Zeke.

— Aquele *espresso* fez muito bem — diz ele. Malin concorda com um aceno. Sente que o celular no bolso do casaco está tremendo.

— Sven, não deu em nada — diz Malin. — Eles se recusaram a nos dar o vídeo.

— Eu segui pelo caminho da formalidade — diz Sven. — Mandei um pedido, diretamente, para o chefe da Säpo. Talvez assim a gente consiga.

— Mais alguma coisa?

— Há, sim — acrescenta Sven. — Acabaram de telefonar do Hospital da Universidade. O médico de Hanna Vigerö disse que ela acordou e que nós temos uma pequena possibilidade de falar com ela. Coisa rápida e feita com todo o cuidado.

Sem sequer pensar, Malin já começa a correr, quer ir logo ao lugar onde ela acredita que está a verdade. Zeke segue os seus passos.

— Vamos chegar lá dentro de cinco ou dez minutos, no máximo — diz Malin, pelo telefone.

— Pergunte pelo doutor Peter Hamse — acrescenta Sven.

Um médico metido a besta, pensa Malin. Hoje é o dia da parada dos convencidos.

Ela sente a adrenalina misturando-se com a cafeína no sangue, o que a faz se sentir meio alta, um pouco como no dia em que, pela primeira e única vez, experimentou cocaína. Isso aconteceu numa festa em que ela “descarrilou” da pista, no tempo em que frequentava a Academia de Polícia, em Estocolmo.

20

Ela vai chegar agora, mamãe, para falar com você.

E na Grande Praça, onde a bomba explodiu, estão se reunindo muitas pessoas.

Muitas mesmo.

Elas dão as mãos umas às outras, sentem o sol tocando a face, a atmosfera limpa a encher os pulmões. São muitas as pessoas que choram, mamãe. Choram por nós. Claro que choram por nós, mas talvez chorem, também, por sua própria situação. Quem sabe?

Você tem alguma coisa a dizer para Malin, mamãe, mas a questão é se pode encontrar e falar as palavras certas, se vai poder entender o que ela precisa saber.

Esperemos que sim, mas acima de tudo nós queremos que venha ficar conosco. Talvez isso esteja para acontecer em breve, não é?

A maldade movimenta-se como lagartos gigantes sem pernas.

As suas línguas escuras lambem a atmosfera.

A horrível maldade está também se movimentando e se aproximando de você, mamãe, e você não pode se mexer e fugir.

Nós não queremos salvá-la, queremos que venha para junto de nós. E, assim, talvez o papai também venha.

Seja como for, mamãe, diga-lhe o que sabe, o que puder. Tente fazer com que tudo funcione, cole, use fita adesiva, e junte os pedaços da imagem, da memória e dos pensamentos. Mexa a língua, faça com que ela pronuncie as palavras certas que possam reconstituir a nossa família.

Agora, já pode respirar. Os tubos no seu nariz foram retirados, e a luz vibra no seu quarto do hospital, mas não a bonita luz da primavera que domina aqui fora, mas, sim, uma luz fosca.

Mantenha os tubos longe, mamãe, mantenha a distância.

Mas venha até nós.

Venha até nós, que a amamos. Só assim poderemos salvar, juntas, as outras crianças.

Finalmente, sou alguém que respira.

Eu sei.

O ar enche os meus pulmões e vejo alguma coisa de metal junto ao teto. Mas o corpo não existe. Onde está o meu corpo? É vocês que eu vejo, crianças. Vocês estão aí, meninas? O que foi que aconteceu? Que espécie de clarão poderoso veio e apagou a luz do sol?

Eu devo ter olhos.

Mas será que tenho braços e pernas? E será que isso tem alguma importância agora? Afinal, o que vou fazer com os braços, as pernas e as mãos, se não posso tocar, acariciar, correr atrás e viver com vocês, meninas? Já sei que morreram, embora estejam também aqui. E eu sei que não quero viver sem vocês.

Eu as ouço gritar no sonho que eu sei que não é sonho nenhum. Quero estar com vocês, mas não posso.

Estou num hospital. Será? Parece um quarto de hospital e devo estar doente. Mas como foi que fiquei doente? Não existe nenhuma dor física. Devo ficar feliz com isso.

Conte tudo, dizem vocês. Tragam-na aqui. Mas o que devo contar?

Tento dizer alguma coisa, porém a minha língua não quer se mexer.

Oh, sim, ela se mexe, mas não pronuncia as palavras que devem ser ditas, não é verdade?

O médico.

Está diante de Malin.

O que ele diz?

Como ele é bonito e atraente.

Zeke, ao lado dela, no corredor do hospital, em frente da porta do quarto de Hanna Vigerö.

O médico é Peter, Peter Hamse, e veste bata branca. Sussurra qualquer coisa para os dois, mas Malin não consegue se concentrar nas palavras dele.

Tem de se concentrar, Fors. Acorde.

É ele que eu quero?

Peter tem, mais ou menos, a sua idade e não usa aliança. Os dois encararam-se na recepção, um pouco antes. Malin notou os detalhes e continua a ter dificuldade em se concentrar no que ele diz. Em compensação, nota que ele tem uma cavidade no meio do queixo, o nariz afilado e o queixo é quase perfeito.

O que esta primavera está fazendo comigo?

Tenho que ouvir o que ele diz.

Em vez disso, sente que gostaria de levá-lo, levar o doutor Peter Hamse para o banheiro mais próximo, para a sala de enfermagem mais próxima, ou para a ducha mais próxima, e deixar que as coisas aconteçam.

Desvia o olhar de Peter e olha pelo corredor. Acha que vê o chão de linóleo amarelo derreter como se fosse uma camada de neve onde alguém urinou e os rostos de duas meninas tomam forma, na janela, ao fundo.

Ela fecha os olhos.

Domina a excitação do corpo.

Põe de lado o prazer.

As meninas.

O que vieram fazer aqui? Talvez queiram que a sua mãe junte-se a vocês, não é?

Olha para Zeke e, em seguida, para Peter Hamse, que, no momento, olha fixamente para ela, com interesse e calor humano. Zeke faz uma careta, balança a cabeça. Peter Hamse, finalmente, fala:

— Cinco minutos. Com toda a calma, delicadamente. Chamem, caso vejam que ela está se sentindo mal.

Ele se vira e segue pelo corredor, pisando o chão que parece borbulhar e em direção aos rostos esperançosos das duas meninas destroçadas.

Um aparelho que pisca uma luz verde e apita a cada dez segundos.

No quarto, uma luz difusa, mas estranhamente forte, a respiração pesada de uma mulher e um cheiro forte de produtos químicos.

Malin entra no quarto de Hanna Vigerö. A cama está toda rebaixada. Os cobertores amarelos do hospital aquecem as pernas laceradas que ela, seguramente, nunca mais vai poder usar.

Vocês estão aqui, meninas?

Estão, com certeza.

Malin as conhece, nem precisa vê-las. Não está com medo. Até deseja que a ajudem.

Zeke dá a volta até o outro lado da cama, posiciona-se para criar uma sombra no rosto inchado e ferido de Hanna Vigerö. Ela tem uma expressão simpática, cheia de calor humano. Boa pessoa. Uma pessoa de bem, como se costuma dizer, cuja vida explodiu em pedaços e que, agora, está deitada, sozinha, num quarto de hospital, com a cabeça enrolada em gaze e um corpo que, talvez, queira deixar de funcionar.

Malin afaga levemente a face dela, diz seu nome e quem eles são. Conta o que aconteceu, sem mencionar as meninas. Hanna Vigerö abre, então, os olhos. O olhar, porém, está direcionado para cima, com uma expressão de ansiedade.

Não tenha medo, mamãe.

Ela quer ser apenas carinhosa.

Não tenha medo pelo que aconteceu.

Em breve, vai estar conosco.

Finja que são as nossas mãos que estão afagando o seu rosto.

Finja que é a nossa pele quente que você sente.

Tente contar tudo.

Você sabe, você sabe.

O que vocês estão falando?

Alguém está aí? Quem é? O que você acabou de contar? Eu sei o que aconteceu com as minhas meninas e por que vocês estão aqui. Eu tento contar uma coisa. É como se eu já soubesse o que devo falar, mas não consigo ligar os meus pensamentos e transformá-los em palavras.

A mão. O calor na minha face me faz bem.

Não pare, por favor. Seja quem for. Ou será que são diversas mãos? Ah, sim, são as mãos de vocês, minhas meninas. Quer dizer que vocês existem para além dos meus sonhos?

O que eu vi?

Vi as meninas e o clarão.

Mas não é o que eu digo.

Se eu sei de alguma coisa importante? Se alguém poderá ter estado atrás de mim, de nós?

Eu vi as meninas correndo rumo ao caixa eletrônico. Depois, vi um clarão forte, o mais forte da minha vida. Agora, estou vendo um rosto que não conheço. O rosto de uma moça, não de menina. Ela olha para mim carinhosamente. Tem os cabelos chanel e a sua boca se movimenta. Gostaria de poder ouvi-la, de saber o que ela diz, mas não ouço nada. Sinto que a minha boca também se move, mas nem eu sei o que estou falando, nem quais são os pensamentos que antecipam as minhas palavras.

Nada coincide.

Eu quero chegar ao fim.

Quero me juntar a vocês, meninas, e ao seu pai.

Mas eu não sei como fazer.

Digam-me, como se faz para morrer?

Hanna Vigerö olha fixamente em frente, pisca, volta a olhar fixamente. Não existe calma, apenas medo, quase pânico, no seu olhar. Não importa qual a pergunta que Malin faça, sempre a mesma resposta:

— Dinheiro, dinheiro, o dinheiro das meninas.

— Vocês iam tirar dinheiro do caixa eletrônico?

Já tinham recebido essa informação do banco.

A família não tinha muito dinheiro, mas as meninas tinham cada uma a sua conta de poupança com vários milhares de coroas.

— Você ia tirar o dinheiro das meninas?

— Dinheiro, dinheiro das meninas — sussurra ela, novamente.

Zeke olha para Malin.

Balança a cabeça, dirige-lhe um olhar que significa: “nós devemos parar agora, ela delira, está no meio do pior momento do horror”. É melhor não mantê-la neste estado, e devemos terminar por aqui. Malin fica em silêncio, acaricia novamente o rosto de Hanna Vigerö. Vê que ela fecha os olhos e começa a respirar calmamente, depois de pronunciar as palavras.

“As meninas”, pensa Malin. Em seguida, acaricia várias vezes mais o rosto de Hanna Vigerö, antes de se levantar.

Os dois saem do quarto. Já no corredor, Malin respira fundo, inspirações profundas.

— A atmosfera é outra aqui fora.

Cheirava a morte lá dentro, pensa Malin.

— Não sentiu? — pergunta ela a Zeke.

Ele concorda.

Zeke foi ao banheiro e ela ficou sozinha com Peter Hamse, junto dos elevadores que levam para a grande entrada do hospital.

Ele é absurdamente bonito, pensa Malin, enquanto fala da conversa que teve com Hanna Vigerö, que ela parecia estar com medo e confusa, que não disse nada de significativo, mas parecia presa a uma memória horrível, de um momento repulsivo.

Peter Hamse olha para ela com carinho ao pronunciar as palavras “momento repulsivo”. E diz:

— Ela não precisa ficar assim. Vou lhe dar uma boa dose de tranquilizante. E também não sentirá dores.

— Ela vai ficar boa? — pergunta Malin.

— Acho que sim.

— Mas ficará com lesões permanentes, não?

Peter Hamse faz que sim:

— Quase certo.

Os dois ficam se olhando em silêncio. Inconscientemente, Malin aproxima-se dele. Ele também dá um passo em frente. Malin nota que está balançando. Como ela está atraída por aquele buraquinho no queixo. Ambos sorriem. Peter Hamse abre os braços e sussurra qualquer coisa a respeito de ser impróprio. Então, Malin diz:

— É claro, estamos na primavera.

— É verdade. Os devassos são devassos — ouve-se Zeke dizer. E logo em seguida, junto com Malin, os dois entram no elevador e descem. Zeke faz mais uma careta na direção dela. Malin só pensa nas palavras de Peter Hamse: “Eu telefonarei assim que acontecer alguma coisa”.

Alguma coisa aconteceu, pensa Malin, que, depois, sente um pouco de vergonha por aquilo que ela percebe estar acontecendo com o seu corpo.

Vergonha diante das meninas, diante de Hanna Vigerö, diante do pai e da mãe e de Tove e de Janne. Até mesmo diante de Daniel Högfeldt ela sente vergonha.

— Vá firme, Malin — diz Zeke. — Está tudo bem. Seja também uma devassa.

Ela tenta rir, mas não consegue. Preferia correr para o Hamlet, sentar-se junto do balcão e beber, para conter todas as malditas sensações, encharcar-se toda de álcool.

21

A noite desceu sobre Linköping. O crepúsculo aparece colorido pela janela da sala de estar. Malin está sentada no sofá, ao lado de Tove, ambas esperam a novela terminar para assistir ao noticiário do programa *Rapport*. Enquanto isso, bebem um copo de suco de uva.

Às quatro horas da tarde, quando houve o minuto de silêncio de homenagem às meninas Vigerö, Malin estava sentada à sua mesa no escritório do departamento de polícia. De fato, aconteceu um caso extraordinário. De repente, tudo parou, os corpos deixaram de se movimentar, todos os ruídos se transformaram em silêncio profundo e, com isso, deixou de existir um mundo, tal como Malin o conhecia.

O silêncio e a reverência também foram respeitados no departamento.

Mas as meninas não estavam lá. Malin teve a sensação de que elas estavam em qualquer outro lugar.

Assim se passou o minuto e o vozerio no departamento voltou ao normal.

Malin estica as pernas.

Talvez, quem sabe, o Rapport fale sobre o caso, sobre alguma coisa que nós desconhecemos, pensa ela.

Tove tem estado em silêncio e recolhida durante toda a noite. Desta vez, quer dormir no apartamento da mãe. Terá uma grande prova de matemática no dia seguinte e quer descansar o máximo possível, antes de ir para a escola.

Ou será que está aqui apenas para me controlar?

Acho que ela cada vez confia mais em mim, mas talvez seja apenas um desejo muito forte da minha parte. Será?

Uma explosão.

Malin pensa no médico com quem se encontrou durante o dia.

Peter Hamse.

Estranho. Como é que ela nunca se sentiu tão instintivamente atraída por um homem, como aconteceu com Peter, e com a certeza de que também era correspondida da mesma forma? Ela mal pode respirar só de pensar no seu rosto, no seu corpo por baixo do avental branco de médico. Ela queria fugir para o banheiro e se satisfazer, de uma maneira quase medieval, realizando o desejo que parece ter se apossado, pouco a pouco, do seu corpo.

Uma explosão.

É isso que ela sente agora: como se estivesse no centro de uma explosão em que tudo é atirado contra si ao mesmo tempo, num curto e concentrado momento. Tudo é jogado, comprimido. Nada fica no lugar, nada para, tudo perde o seu significado. E ela é obrigada a vivenciar cada momento do incidente.

A mãe está morta.

A minha mãe morreu há três semanas e, dentro de dias, será feito o inventário da herança. Meu pai estará lá, controla toda a situação, deve ter entendido que eu preciso trabalhar. Talvez por isso nem me disse mais nada. Ou será que existe outro motivo?

Alguma coisa se aproxima na explosão. Eu devia estar triste. Devia estar muitíssimo mais triste, mas vejo apenas o meu pai na minha frente, vejo como ele entra e sai do apartamento na rua Barnhemsgatan e, finalmente, como parece se sentir livre, aproveitar sua solidão novamente reconquistada.

Mamãe.

Seu rosto é como uma máscara vazia, a sua vida, como uma perspectiva em fuga, como uma ilusão, como uma mentira, como mentiras por dentro de mentiras, que por fim se transformam em verdades. Um ataque do coração durante um dia de sol, num campo de golfe.

É estranho, mas não sinto nenhuma tristeza, não sinto nada, apenas alívio e, talvez, medo de que haja um rompimento da camada de sigilo, como um botão de rosa que se abre, e que eu, em breve, venha a saber por que sou como sou. Mas nem mesmo essa sensação tem condições de se fixar, antes a vejo como uma explosão que vai me atirar de um lado para o outro e tudo poderá acontecer, tudo, numa sequência interminável. Percebo essa sensação, mas não me animo a compreendê-la, muito menos a controlá-la ou a fazer qualquer coisa contra o que for.

Uma explosão de rostos. Esse é o estágio da investigação. De palavras e circunstâncias que não combinam. Pelo menos, é o que me parece.

Mohamed Al Kabari e os tapetes na sua mesquita.

Racismo. Serão assim tão estranhas as nossas indagações?

Ou terão sido as meninas o alvo? O que será que nos leva a essa interpretação?

Dick Stensson. Repulsivamente atraente. O sorriso de superioridade, o dinheiro. Cheiram mal.

Por fim, o homem do capuz no vídeo. Aquele que, de fato, colocou a bomba diante do banco. Aquele que toda a cidade parece odiar.

Será ele a Frente Libertária Econômica? Será que Sofia Karlsson tem alguma coisa a ver com isso? Serão várias pessoas? E quem é aquela figura que aparece no vídeo no café do terminal da Estação Central em Estocolmo? Aquela que, por sacanagem, os caras da Säpo se recusaram a nos mostrar.

Malin fecha os olhos.

Ela deixa que todos os pensamentos explodam na sua mente. Quando Tove lhe pergunta em que ela está pensando, responde:

— Eu não penso em absolutamente nada. Tento apenas limpar o cérebro. Está acontecendo tanta coisa ao mesmo tempo, Tove, e eu sinto que não consigo acompanhar.

Peter Hamse.

Com a minha idade. Sem aliança. Tenho de entrar em contato com ele.

Ela volta a ver as duas meninas na sua mente. Aquele pedaço de face no chão com o olho pendurado.

Os olhos esbugalhados da mãe, Hanna, no hospital.

Crianças não devem morrer. Crianças não devem ser assassinadas, destroçadas em pequenos pedaços.

A morte da minha própria mãe, tudo bem. Afinal, ela já tinha quase 70 anos.

E o que meu pai estará fazendo? O que faz Janne? Daniel Högfeldt? Eu devia falar com Tove, escutar como é a sua vida de adolescente, quais são os seus sonhos, mas estou com medo de que ela me conte alguma novidade, mais alguma coisa que eu não queira ouvir, nem saber. No meio disso tudo, a lembrança da garrafa, da tequila e da cerveja. Só isso me salvará no momento em

que tudo for demais. É isso que vai acabar comigo se eu não conseguir aguentar mais.

Há dias, estava diante do caixão da minha mãe.

O que eu lhe disse?

O que lhe murmurei?

O que gostaria de ter lhe dito?

Peter Hamse.

Seu rosto, seu corpo, sua maneira de olhar para mim, uma revelação explosiva.

Abrace-me, aperte-me bem forte nos seus braços. Salve-me dos meus desejos.

— Tenho de ir ao banheiro — diz Malin. E levanta-se.

Peter Hamse terminou o seu turno no hospital, procurou o número de telefone de Malin na internet e, agora, está sentado diante do computador em seu apartamento, na rua Konsistoriegatan. Pensa se liga ou não para ela. Gostaria de ligar, mas acha que é melhor esperar ou talvez nem telefonar. Resolve esperar.

Meu Deus, como ela é bonita.

Sensual, esbelta e atlética, com olhos inteligentes e cabelos louros e curtos, exatamente como ele gosta.

Mas ela tem algo mais.

Alguma coisa diferente.

Algum tipo de fraqueza e de vulnerabilidade, combinadas com uma força interior que a torna extremamente sensual.

Peter digita o nome dela no Google. Pesquisa.

Malin Fors.

Mais de 5 milhões de resultados. Ele lê os artigos sobre ela, as várias investigações em que trabalhou, o que o leva a considerar que ela já passou por tudo, se saiu muito bem na grande maioria dos casos e que deve ser uma verdadeira durona.

Quase assustadora.

Talvez seja melhor recuar.

Mas, porra, ela não é lésbica.

Houve uma incrível tensão entre os dois. Como se fosse um amor entre adolescentes, com sobrecarga de hormônios.

Peter levanta-se.

Pensa:

Vou telefonar.

Amanhã. Talvez. Ou, quem sabe, corremos para os braços um do outro, nos encontramos de novo, por causa de Hanna Vigerö. É melhor procurar uma reaproximação com todo o cuidado.

— Você parece mais calma, agora, mãe — diz Tove, quando Malin volta do banheiro. Esta pensa: “Será que é assim tão visível? O que devo dizer?”. Ela sente as suas faces ainda quentes e espera que Tove não note.

— Estou cansada, Tove. Deve ser o cansaço, justamente, que transparece.

— Não. É algo diferente — diz Tove.

Malin pensa: “Ela lê os meus pensamentos como um livro aberto. Mas, é claro, não vai nem suspeitar o que fui fazer no banheiro, porque não é natural as crianças verem nos pais os aspectos sexuais da vida”.

O que é que eu sei da vida sexual de Tove? Nada. Ela nunca fala do que faz com os seus namorados, com quem se encontra. Mas, quase certeza, ela não é mais virgem. Ou é?

A novela, finalmente, termina.

Segue-se o programa *Rapport*. Tove levanta-se e diz:

— Não aguento mais ver essas notícias. Vou para o quarto fazer uma última revisão da matemática.

Malin acena. Entendeu. E concentra-se na televisão.

Vê uma das duas apresentadoras habituais na tela. Uma jovem que diz: “Há apenas meia hora, o *Rapport* recebeu um vídeo da polícia secreta. O vídeo mostra um homem que se supõe ter ligações com o atentado a bomba, em Linköping, em que duas meninas perderam a vida. Vamos agora apresentar o vídeo em que o homem envia um *e-mail* do Café Sidewalk, num dos terminais da Estação Central de Estocolmo, às cinco e meia da manhã de terça-feira. Se alguém tiver alguma informação sobre ele, por favor, entre em contato imediatamente com a polícia secreta, pelo telefone 010-568-7000”.

E o vídeo começa.

Um homem de capa até os pés digita num computador, na sala de espera. Está sozinho, sentado, em uma fila de cinco computadores. É possível ver seu rosto.

Imagens em preto e branco.

Mais nítidas do que quaisquer outras até agora na investigação.

Sacanagem da Säpo.

Oferecem o vídeo para o *Rapport*.

Mas não para nós.

Como explicar isso?

É impossível conseguir explicar a maneira de agir deles. Segredos como objetivo. Uma explosão de malditos segredos.

As imagens passam de novo.

O mesmo homem que esteve no banco e deixou a bicicleta?

Pode ser, mas parece um pouco mais baixo e mais magro. Idade? Talvez 26, 27. No momento, escreve e envia a mensagem para o *Corren*.

As imagens perdem nitidez.

Os traços fisionômicos parecem sair de foco. Transformam-se numa máscara. Será o assassino que eu vejo, o homem da bomba, o criminoso que matou duas pobres crianças? Por que ele está em Estocolmo? Seus traços são puramente suecos, básicos, inocentes. Malin respira fundo. Se alguém no país reconhecer esse homem que está na minha frente, eles vão ter o nome o mais tardar amanhã ou a Säpo vai ter o seu nome. Mas, com toda a certeza, alguém vai telefonar para a polícia de Linköping.

“Será que eu o conheço?”

“Não. Nunca o vi antes.”

No vídeo, o homem levanta-se e desaparece da imagem. Apenas resta no monitor a fila de computadores na sala de espera.

A seguir, reaparece a imagem da apresentadora e ela repete o que disse anteriormente. Por baixo, no monitor, o número de telefone. Acrescenta ainda que o vídeo poderá ser visto no site e que voltará a passar no final do programa.

Malin levanta-se do sofá.

O vídeo passa mais uma vez pela sua mente. Ela acha que a investigação da polícia de Linköping está para terminar.

Em seguida, toca o telefone.

Sven Sjöman.

A voz, engasgada, cansada, irritada, esperançosa, tudo ao mesmo tempo.

— O que é que você acha?

— Tudo indica que a Säpo quer resolver as coisas à sua maneira — diz Malin.

— Mas vão acontecer coisas agora — diz Sven. — Por que eles não nos deram o vídeo?

— Questão de prestígio — reage Malin. — Você sabe disso muito bem.

— Morreram duas meninas de 6 anos. Em princípio, todos os bancos e suas agências no país estão sob a ameaça de serem atacadas por bombas. Muitas pessoas não saem sequer de casa por medo de perderem a vida. E eles só pensam em prestígio?

— Isso mesmo.

— Espere aí, está entrando outra chamada. Não desligue.

Minutos depois, a voz de Sven Sjöman retorna.

— O homem foi identificado.

Sven diz o nome.

— Ele está registrado em Linköping — acrescenta. — Vamos para o departamento o mais depressa possível. Eu telefono para o Zeke.

22

Não há jornalistas diante do departamento.

Apenas um estacionamento deserto onde os cones de luz dos postes de rua tentam afastar a indesejável escuridão.

São nove e trinta e cinco da noite.

Escuridão quase total.

Assim que terminou o programa na televisão, Malin correu para o quarto de Tove, que estava de costas, sentada à escrivaninha. Sentou-se na beira da cama e falou:

— Aconteceu uma coisa. Vou ter que trabalhar.

Sem se virar ou levantar os olhos do livro de matemática, Tove respondeu:

— Então vá. Eu tenho bastante o que fazer aqui. Sabe muito bem que eu consigo resolver os meus problemas.

— Tem certeza?

— Vá logo.

Malin ficou com a sensação de que Tove queria mesmo era se livrar dela, mas, depois, reconheceu que esse pensamento talvez fosse apenas racionalização do caso, ou seja, mais uma vez ela

estava deixando a sua filha sozinha em casa, mais uma vez dava prioridade ao trabalho. Malin sentiu mais uma vez um pouco de culpa ao deixar o apartamento. Mas logo já estava com Zeke e Sven Sjöman na entrada do departamento, ouvindo o que o chefe tinha a dizer:

— Foi a mãe dele que telefonou, da cidade de Gränna. Disse estar certa de que era o filho quem ela viu nas imagens do vídeo.

— Por que ela telefonou para nós? — perguntou Zeke, que parecia cansado, como se tivesse adormecido antes de Sven ter ligado para ele.

— Ela pareceu não ter sequer refletido sobre isso ou, então, nem teve tempo de escrever o número da Säpo.

— E quem é ele?

Malin sente o quanto ela está impaciente ao fazer a pergunta, sente como suas palavras saíram sem rumo definido.

— Caso seja ele mesmo, chama-se Jonathan Ludvigsson e, segundo a mãe, não entrou em contato com ela nos últimos cinco ou seis anos. Tudo porque, segundo ela, ele se tornou um extremista em todos os assuntos, desde comida, economia a meio ambiente. Acima de tudo, quando se trata dos efeitos sociais da economia. Aparentemente, o pai dele fora demitido de uma fábrica que teve problemas quando um especulador capitalista emprestou dinheiro demais à empresa para se apoderar dela.

— Um *vegan*, um tipo de vegetariano, a favor dos animais — diz Zeke, sem poder esconder certa aversão. — Com frustrações econômicas.

Sven concorda.

— E onde ele está agora? A mãe sabe?

— Ela acha que o filho vive no extremo norte do país, em Umeå.

As rugas em volta dos olhos de Sven ficam mais profundas. Expira fundo e deixa que sua barriga fique ainda maior. Malin sabe que ele tem mais alguma coisa para dizer.

Esse Ludvigsson está registrado em Linköping.

— Fale logo — diz ela.

— Nós fizemos uma verificação rápida — diz Sven. — E, imaginem, ele morou em Umeå até seis meses atrás. Depois, mudou-se para Linköping.

— E?

— O que mais? — diz Zeke.

— Ele está registrado no endereço de Sofia Karlsson. E esta já sabemos quem é.

— Merda! — soltou Malin.

— No *shit*! — explode Zeke.

— Vamos logo para lá, antes que a Säpo se antecipe.

— Se é que eles já não estão lá — comenta Sven.

— Vamos ligar a sirene? — pergunta Zeke.

— Vamos seguir com algum apoio — diz Sven. — Mas entrar com calma e cuidado. Não acham que é melhor assim?

— Oh, sim. Com muita gente, só pode dar errado — acrescenta Zeke.

— Bum, bum, tiros a mais — sussurra Malin para si mesma.

Cheira mal, a urina, na escada em Ryd.

Pior do que da primeira vez.

E cheira, também, a vinho derramado.

Malin sente novamente a vontade de beber, mas tenta afastar logo o desejo, a sensação foi a de um alarme inescrutável dentro do

corpo.

Sven Sjöman, Zeke e Malin colocaram os coletes à prova de bala. O volume do coldre sobressai por baixo do casaco branco que ela deixa aberto, para permitir que puxe a pistola em um segundo, caso seja necessário.

Duas viaturas já estão estacionadas a distância, fora da visão do apartamento. Dez policiais fardados, também com coletes, cercam o prédio e os arredores. Já é bem tarde, naquela noite de primavera que ainda não tinha decidido se seria quente ou fria.

Malin respira fundo e ouve atrás de si os passos leves de Zeke. Sven está ofegante, subindo a escada. Ela só espera que o coração dele consiga aguentar o esforço e a situação, e que acabe não caindo na escada.

Ninguém da Säpo.

Talvez ninguém lhes tenha telefonado.

Talvez estejam todos dormindo, confortavelmente instalados nos seus quartos de hotel.

Bastardos!

Jonathan Ludvigsson, estará lá dentro, atrás da porta? A porta que vai aparecer pela segunda vez em dois dias diante de Malin? Sofia Karlsson, será que ela vai manter a máscara como da primeira vez? Malin lembra-se ainda do que ela disse: “Os bancos precisam de uma boa lição. E, aí, pode acontecer que algumas vidas sejam sacrificadas”.

Esses jovens, como Malin os considera, são terroristas frios, uma espécie nova de suecos, imitando o grupo alemão Baader-Meinhof dos anos 1960? Como é que Jonathan Ludvigsson podia ser tão descuidado a ponto de não pensar na câmera de segurança

colocada no terminal de Estocolmo? Talvez tenha pensado que nunca descobririam de onde sua mensagem havia sido enviada.

Frente Libertária Econômica.

O apartamento estará cheio de bombas? Será que eles deviam ser ainda mais cuidadosos? Havia luz vinda de dentro do apartamento, a televisão estava ligada. Ou talvez tenham entrado em pânico depois de Jonathan Ludvigsson ter sido visto na televisão.

Eles voltam a respirar fundo, para recuperar o fôlego. A porta não tem olho mágico. Sven e Zeke puxam as pistolas e colocam-se atrás de Malin. Ela toca a campainha e ouve-se o sinal, um tom agudo, meio irritante e irritado como se fosse de alguém com o pavio curto. Então, ela ouve passos que se aproximam da porta, passos lentos, cansados e solitários.

A porta abre-se.

O *piercing* no nariz.

Dreadlocks.

O cansaço no olhar, meia-luz no apartamento e o cheiro forte e notório de maconha, logo sentido por Malin.

— Você? — diz Sofia Karlsson. — O que está fazendo aqui?

— Isso você sabe muito bem.

— O quê?

Ela parece realmente surpresa, pensa Malin, que logo empurra Sofia Karlsson para o lado e entra no apartamento.

Sofia parece até que não se importa com a entrada abrupta, talvez por ter fumado bastante maconha.

Sven e Zeke passam pela frente de Sofia Karlsson com as armas em punho. Sofia parece nem notá-los, mas logo ouve as vozes deles.

— Limpo.

— Limpo.

— Todo o apartamento está limpo.

— Vão com calma. Calma acima de tudo — diz Sofia Karlsson.

Sofia Karlsson senta-se na beirada da cama, em cima da colcha colorida. Tenta manter os olhos abertos e parece fazer um grande esforço para entender o que eles lhe contam sobre Jonathan Ludvigsson, com quem alugava o pequeno apartamento. Com certeza, ela não viu o programa *Rapport*.

Eles lhe dizem todos os detalhes, e ela franze exageradamente a testa. Está tão drogada que mal consegue mentir, pensa Malin:

— Acham que Jonathan tem alguma coisa a ver com a bomba? Em princípio, acho até que pode, mas eu não sei porra nenhuma sobre isso. Essa é a grande verdade. De qualquer forma, foi legal Jonathan ter feito. Legal.

Legal?

Você está louca?

Duas meninas de 6 anos morreram.

Malin fecha os punhos. Zeke, também. Mas Sven levanta a mão. Faz sinal para que fiquem quietos e aponta para si mesmo, como quem diz: “Deixem. Eu trato disso”.

— Nós sabemos que você não tem nada a ver com isso — diz Sven. — Mas vai ter que vir conosco até o departamento, esperar na cama da cela até que o efeito dessa droga passe, para termos uma conversa depois. Em todo caso, vamos levar também o seu computador.

— Ele nem mexeu no meu computador.

— Ele continua morando aqui?

— O quê?

— Ele mora aqui?

— Ele está apenas registrado aqui. As cartas vêm para acá.

— Só isso. Tem certeza?

— Você acha que eu ia para a cama com ele?

Sofia Karlsson revira os olhos de espanto e leva a mão à vagina.

— Eu jamais faria isso com ele. Eu só gosto de homens de cor.

Avance agora, Sven, avance, pensa Malin.

— Quer dizer que ele nunca morou aqui?

— Não. Ele mora num trailer na planície, perto de Vadstena. Eu nunca estive lá, mas sei que ele mora lá com outras pessoas.

— Perto de Vadstena?

— Não. Klockrike, quis dizer. Perto da velha igreja de Pentecostes. Eu estive lá.

— Quer dizer, então, que você esteve lá?

Sofia Karlsson leva as mãos à boca, como se estivesse dando uma tragada na maconha.

— Entendo — diz Sven. — Você sabe se eles têm armas lá?

Aquela pergunta direta faz com que Sofia Karlsson estremeça e esbugalhe os olhos. E, por um segundo, o seu olhar fica limpo. Malin acha que chegou a hora de ouvir os seus protestos, é o seu eu ativista que vai voltar à superfície, mas em vez disso volta à dormência da droga. Ela fica tonta e volta a falar o que a polícia quer ouvir.

— É claro que eles têm armas. Algumas pistolas. Algumas granadas de mão. Alguma porra de AK4 que Jonathan comprou.

— Tantas armas? — pergunta Sven, sem demonstrar espanto ou preocupação.

Sofia Karlsson confirma com um aceno, ao mesmo tempo em que seus olhos se fecham. Então, ela diz:

— Agora vocês podem ir. Tenho que dormir.

Malin avança na direção de Sofia Karlsson e lhe dá duas bofetadas bem fortes na cara.

— Você não vai dormir porra nenhuma! Vai é nos mostrar o caminho para Klockrike.

23

— Lá embaixo. Atrás do prédio grande, escuro — diz Sofia Karlsson, apontando do banco de trás do carro da polícia, entre Malin e Zeke.

Ela está menos tonta agora. A nebulosidade está se dissipando na sua mente. Resta apenas o cansaço e a sede. E ela não ousou enfrentá-los. Levou-os ao lugar certo. Malin se pergunta por quê. Por que você está traindo os seus companheiros? Com certeza, aconteceu alguma coisa entre eles. Com certeza, esse tal de Jonathan Ludvigsson não deve ser uma pessoa fácil.

— Eles têm explosivos?

Foi a última pergunta de Sven antes de saírem do apartamento. Sofia Karlsson respondeu que não sabia e, em seguida, pediu a Malin para dar mais uma tragada na droga, sem demonstrar a menor reação perante as suas duas bofetadas.

O prédio grande e escuro, que deve ter servido como local de reunião para as assembleias da Igreja Livre da Suécia, está situado numa rua lateral de Klockrike, uma pequena comunidade bem no meio da planície de Östgötaslätten, levemente iluminada pelo luar, mas muito castigada pelo vento e pelo frio do inverno e pelo calor do verão.

Um pequeno lugar entre muitos outros. Talvez trezentas pessoas que, com certeza absoluta, se sentem muito bem vivendo uma vida simples na região rural do país. Mas a igreja parece abandonada. Agora, são os programas idiotas de televisão, jogos *on-line* e o hábito de surfar em programas pornográficos que substituíram o tratamento das almas.

Dentro do prédio, com as luzes de quase todas as salas apagadas, certamente estão vendo as disputas do programa de tevê *Bingolotto*. Ninguém perde uma oportunidade de apostar.

O prédio da Igreja Livre, atrás da qual estacionam as caravanas, está localizado, majestosamente, no cimo de uma pequena elevação, à beira de uma floresta e parece vigiar pela segurança da pequena comunidade. Parece dizer, também, para os habitantes do lugar: “Atenção, nós estamos controlando os seus movimentos”.

— Eles podem ser quantos? — pergunta Malin, no meio do caminho, na estrada para Ljungsbro.

— Talvez apenas ele. No máximo, quatro — respondeu Sofia Karlsson.

Karim Akbar, que se juntou ao grupo, apenas resmungou um pouco do seu lugar de passageiro, ao lado de Sven, depois de dizer:

— É melhor deixar que os policiais fardados ajam.

Malin quis protestar, mas depois se lembrou de Tove, em casa, na cama. E resolveu ficar em silêncio. Mas Zeke acabou por resolver o impasse:

— Malin e eu vamos entrar. Está mais do que claro. Estamos com os coletes.

— Nem pensar — diz Karim, em tom decisivo. E a questão morreu ali, dentro do carro, no escuro, enquanto do lado de fora os faróis

engoliam a estrada metro a metro, no caminho que os conduzia, talvez, aos culpados de um dos piores crimes na história da cidade.

Sven não fala pelo rádio. Não quer se arriscar a ser sintonizado e descoberto. Prefere usar o celular, no viva voz, enquanto dirige atrás do comboio de policiais. Um tal Sundblom, com forte sotaque sueco-finlandês e que é novo em Linköping, está no comando do grupo de dez policiais completamente equipados que vão à frente. Informa pelo telefone ligado ao seu fone que ele e os seus homens já estão perto do prédio da igreja.

— Por enquanto, não vemos nenhum *trailer*.

Malin consegue ver os policiais a caminho do prédio. Seguem em intervalos de cinco metros entre cada um. Depois, abaixam-se, escondem-se, separam-se em grupos de dois. A partir daí, desaparecem no escuro da noite.

— Temos contato visual com o alvo. Tem luz dentro do *trailer*.

— Vão — diz Sven. Em seguida, ouve-se um estrondo surdo. Deve ser a porta que foi pelos ares, pensa Malin. Ouvem-se berros e gritos, mas nenhum tiro. Depois, mais berros e gritos e uma voz que se destaca:

— Calma. Deitados, quietos, porra! Temos todos esses idiotas de merda sob controle. — Malin ouve as palavras de Sundblom e, ao mesmo tempo, vê uma figura escura que surge, de repente, a uma esquina do prédio. Tem tempo suficiente para chegar à conclusão de que não se trata de um colega. A figura foge e desaparece por uma descida. Logo, entra em um prado escuro que parece ser mais um mar tranquilo sob a luz do luar.

— Filho da mãe... — diz Malin saltando do carro.

Ela corre pela rua por onde a figura desceu e entra no prado. Corre atrás da figura que se desloca como uma silhueta lá bem na frente.

Seja quem for, homem ou mulher, está tentando fugir.

O coração de Malin parece que vai saltar pela boca.

Não puxe a pistola. Aproxime-se por trás. Depois, pegue-o. Aproveite todas aquelas horas passadas no ginásio do porão do edifício da polícia, neste último ano em que não bebeu; quilômetros e quilômetros andados e corridos na esteira; os milhares de metros nadados na piscina olímpica do balneário Tinnerbäck; todas essas dores físicas que sentiu com o treinamento, a fim de perder a vontade de beber e dominar as explosões sedentas do corpo. O coração acelera as suas batidas, mas o corpo aguenta. Ela sente isso. A figura já começa a perder velocidade. Talvez não aguente por muito mais tempo. Será Jonathan Ludvigsson?

Impossível dizer no escuro.

A fotografia da carteira de identidade que a polícia recebeu já tinha mais de dez anos.

Será que ele me escuta?

Já não corre, só anda.

Talvez mais uns cem passos e conseguirei alcançá-lo.

Ela corre em direção à sua caça e corre, também, para a lua onde duas meninas sem asas, de faces pálidas e cabelos brancos, flutuam no espaço, ao luar, estimulando-a a prosseguir.

Corra, Malin, corra.

Quem quer que seja que esteja correndo no prado, na sua frente, no escuro, é alguém que precisa caçar, não é verdade?

Pegue-o, jogue essa figura ao chão.

Será um animal?

É excitante, Malin, vê-la caçando, mas não será a coisa mais horrível que vai acontecer ainda esta noite.

As crianças presas dormem. Elas pertencem ao nosso grupo. Os lagartos horrorosos começam a roer a rede. E as crianças escutam os lagartos gigantes e os homens nos seus sonhos.

Sente o vento, Malin?

O vento frio que corre pela cidade e pela planície?

É a morte que sussurra com o vento, Malin. E talvez, talvez, sussurra a morte atrás de você.

Não sabemos.

O que dizem?

O que querem de mim? Eu não tenho tempo para ouvi-las. Malin sente como o ácido lático atinge os músculos das pernas, como sobe depois para o estômago e para os pulmões, antes de atacar o coração como uma pinça em brasa.

Não posso desistir agora.

Neste momento, a figura negra para no meio do prado, diante dela.

Vira-se.

Parece enfiar a mão e procurar qualquer coisa no bolso. Será uma arma o que ele procura?

Se ele puxar uma arma, talvez seja mais rápido do que eu. Será que chegou a minha hora de morrer? É isso que vai acontecer?

Ela busca todas as suas forças para avançar em zigue-zague os últimos vinte metros, antes de chegar à pessoa na sua frente.

Alguma coisa acende.

Uma chama na boca de fogo antes do som do tiro que vai me matar.

Mas nada de tiro. Será que ele usa um silenciador?

Ela atira-se para a frente. Sente um impacto de calor contra uma das faces.

Zeke chega diante do *trailer*, uma Kabe, com cerca de doze metros de comprimento.

Sai uma luz fraca pelas janelas.

Do lado de fora, em um lugar coberto de entulho, estão localizados três barris grandes de óleo. Por perto se veem seis policiais inclinados em cima do que parecem ser três homens ainda jovens, vestidos com aquelas roupas desbotadas e sujas que os membros da chamada New Age Travellers costumam usar. No fundo, podem ser viajantes sem destino, sem morada e sem emprego.

— Qual deles é Jonathan Ludvigsson? — pergunta Zeke.

— Nenhum deles — diz Sundblom, da porta do *trailer*. — Certamente, ele estava fora do *trailer*, talvez urinando.

— Então, é o cara que Malin foi perseguir — diz Zeke. — Ele correu em direção ao prado.

— Ela conseguiu prendê-lo?

— Não sei. Eu vim o mais rápido que pude. Karim e Sven foram atrás dela, e algemamos a Sofia Karlsson no carro.

Sundblom confirma ter entendido com um aceno.

— Estes aqui são Konrad Ekdahl, Jan Thörnkvist e Stefan Törnvall. Isso foi tudo o que conseguimos deles.

— O que você tem aí dentro?

— Computadores, foi o que encontrei. Mas existe uma grande quantidade de esconderijos possíveis num *trailer* enorme como este. Entretanto, os computadores parecem estar permanentemente conectados.

Nas árvores, em volta do *trailer*, existem cabos pendurados que estão ligados a uma antena em cima do telhado.

— Alguma coisa sobre a Frente Libertária Econômica lá dentro?

— O *site* principal estava aberto num dos computadores, mas eu não mexi em mais nada.

— Ótimo — diz Zeke. — Johannison já está a caminho.

Karin.

Dê a impressão de distanciamento, diz Johannison. Nunca me chame pelo prenome.

Ridículo.

Nós dormimos juntos. E é tudo. Não se trata de amor.

Ele vê o rosto infinitamente aristocrático de Karin na sua mente. Vê, também, esse mesmo rosto se transformar de um momento para o outro e ficar animalesco em um segundo, quando ela sente a presença dele.

— A perícia técnica vai analisar — diz Zeke.

Dos três homens presos no chão, ouvem-se gemidos e murmúrios que logo recebem palavras de ordem do tipo “Calem a boca, seus putos!”. E todos os ruídos desaparecem num instante, no meio do escuro da noite, aliviado pela luz pálida da lua.

— Onde está Malin?

“Por que está demorando?”, tenta imaginar Zeke.

Não era nenhuma pistola.

Ele parara para acender um cigarro, aguardar o seu destino, sentiu que ela o perseguia e compreendeu que não conseguiria fugir, que o jogo havia chegado ao fim.

Ela o jogou no chão com um soco.

E acabou queimando a face com a brasa da ponta do cigarro.

Pressionou o rosto dele para baixo, com força, contra a terra lamacenta do prado, mas com o cuidado de saber que ele poderia respirar.

— Você é Jonathan Ludvigsson? Foi você que matou as duas meninas? Foi você que fez isso? Nesse caso, não precisa se preocupar mais. Eu vou cuidar para que você dê o seu último suspiro aqui mesmo, por falta de oxigênio, com a cara enterrada neste maldito prado.

Ela respirou fundo. Continuou a pressionar a cara dele na terra ainda molhada, enquanto puxava os *dreadlocks*.

— Ainda respira, não? Pois é. As meninas não respiram mais, disso você sabe, não?

Malin sentiu uma pancada no lado do corpo. Deixou de pressionar a cabeça dele e caiu, mas ficou com um pedaço de trança na mão. O homem tentou respirar e sair do sufoco, mas não soltou nenhum som.

— Porra, Malin! Está tentando matá-lo?

Sven não está transtornado, é apenas realista.

Malin está de joelhos ao lado do homem.

Limpa a roupa, olha para o rosto preocupado de Karim Akbar e para a movimentação de Sven, que coloca as algemas no homem e o ajuda a se levantar.

— Eu o segurei apenas até vocês chegarem.

— Uma ova! Não queria mais nada, não?

O homem.

Não deve ter mais de 25 anos de idade.

Usa barba.

Características bem suecas e olhos azuis, zangados. Os *dreadlocks*, bem longos e sujos. Malin reconheceu-o como o homem do vídeo de Estocolmo.

— Esse é Jonathan Ludvigsson — diz ela, enquanto se levanta e começa a voltar pelo prado para os carros e o *trailer*.

24

QUINTA-FEIRA, 13 DE MAIO

Jonathan Ludvigsson está sentado na sala de interrogatório número 1, do outro lado da grande mesa escura, sob a lâmpada de halogêneo.

Malin está vendo da sala de observação, através da janela espelhada. Karim Akbar e Sven Sjöman estão ao seu lado. Ao entrarem, Sven disse logo: “Você não vai conduzir o interrogatório. Pensou que ele queria matá-la no prado. E isso não é um bom precedente para qualquer interrogatório. Zeke vai interrogá-lo junto com Johan Jakobsson, que acabou de chegar e está bem disposto”. Malin protestou, mas não conseguiu nada.

Agora ela está atenta. Nota o olhar desafiador de Jonathan Ludvigsson:

— Podem desistir, não vou falar porra nenhuma! — E recusou a presença de um advogado. — Eles todos são parte do sistema podre da economia. Todos e cada um deles. Por isso, eu não quero ter nada a ver com eles.

Na parede, o relógio marca 12h35.

Ludvigsson baixa o olhar para a mesa na sua frente, e Malin consegue ver apenas os seus *dreadlocks*.

No trailer, não encontraram nenhuma das armas mencionadas por Sofia Karlsson. Nada de pistolas, nada de granadas de mão, nada. Também nada de explosivos, mas Karin Johannison está lá, agora, analisando todo o *trailer* e os arredores, caçando provas. Eles parecem ter conseguido manter segredo sobre a operação. Nenhum jornalista apareceu em Klockrike.

O corpo de Malin geme de sono, sente coceira nos olhos e dores nos músculos, num surto de reclamações sem fim. Ela presume que Zeke, lá dentro da sala, também deve estar muito cansado. Jonathan Ludvigsson também deve estar se sentindo da mesma maneira. Ela olha para os seus cabelos, acha que os *dreadlocks* parecem minhocas quando brilham à luz da superfície.

Johan parece bem recuperado. Talvez os seus filhos tenham adormecido bem cedo na noite anterior. E ele, então, fez o mesmo. Portanto, teve várias horas de sono.

A fita do gravador continua a girar em cima da mesa. Os outros três presos em Klockrike foram metidos numa cela e estão sendo ouvidos por Börje Svärd e Waldemar Ekenberg, que se apressaram para interrogá-los, enquanto os presos ainda estão confusos e sonolentos.

— Muito bem — diz Zeke. Sua voz soa suavemente pelo alto-falante colocado no teto, em cima de Malin. — O que é que você fez, realmente, em Estocolmo, na manhã de anteontem?

— Eu não estive em Estocolmo — diz Jonathan Ludvigsson, sem levantar o olhar. — E a partir de agora não digo mais nada.

— Olhe para nós enquanto fala — diz Johan. — Está ouvindo? Nós sabemos que você esteve em Estocolmo. Nós sabemos que foi

você quem mandou aquela mensagem para a redação do *Corren* sobre a Frente Libertária Econômica. Nós sabemos que é você quem está por trás do *site* dessa organização. E é apenas uma questão de tempo nós termos a prova de que é você que está por trás do atentado a bomba na Grande Praça, onde duas meninas inocentes morreram.

Jonathan Ludvigsson continua olhando fixamente para a mesa.

Na sala, o silêncio é completo.

— Você está na merda, entende? — diz Zeke. E toda a suavidade desapareceu da voz. Ele olha, também, para o espelho, como para dizer para Malin: “Agora, o cretino vai falar”. E acrescenta: — Você pode muito bem começar a falar da Frente Libertária Econômica. Na realidade, quem são vocês?

Malin bate com os dedos na bancada por baixo da janela de observação. Olha para Zeke, para a sua cabeça raspada, na luz mortiça da sala. Sente a presença ao seu lado de Karim e Sven, que respiram de maneira pesada, tensa e esperançosa.

Uma pistola que, afinal, era um cigarro. A raiva no prado já se desvaneceu, mas ela sente que poderá explodir de novo, a qualquer momento. Há uma pequena mancha roxa na face de Ludvigsson, resultado da luta entre os dois.

— É melhor contar tudo — diz Johan, calmamente. — Até para seu bem.

— E para o bem das duas meninas — diz Zeke. — Aquelas que você matou. Aquelas que apenas chegaram aos 6 anos. Como é que você se sente por ter matado duas crianças?

Jonathan Ludvigsson continua a olhar para a mesa.

Nem sequer balança a cabeça.

Suspira e respira fundo antes de levantar os olhos para Johan e Zeke. O seu olhar está vazio, como se tivesse entrado numa outra parte de si mesmo, uma parte que ele havia anulado.

Ele também olha para o espelho. Sorri para aqueles que ele sabe estarem atrás do vidro espelhado.

— Assassino de crianças, é o que você é — diz Johan. — A pior espécie de assassino. Daqui a duzentos anos, o seu nome ainda será lembrado como assassino de crianças.

Jonathan Ludvigsson pisca.

Põe o indicador e o polegar sobre os lábios.

Para fechá-los.

— Nós vamos em breve interrogar os seus companheiros — diz Zeke. — Algum deles vai dar com a língua nos dentes. E, de fato, eles pareceram estar prontos até para cagar nas calças.

— Arrasados e medrosos como se fossem lebres — fala Johan, olhando fixamente para Ludvigsson.

O homem da bomba?, reflete Malin.

Talvez. O chamado “Homem-Bomba OS”**** em Estocolmo era, justamente, um desses ativistas fanáticos do tipo Ludvigsson que são levados a usar métodos violentos de oposição. Mas, naquele caso, ele conseguiu o que queria: Estocolmo não foi a cidade escolhida para a realização dos Jogos Olímpicos de 2004. E ainda bem que não foi.

Ela olha de novo para Ludvigsson através da janela de observação. Nota que ele oscilava entre momentos de medo e momentos de arrogância.

— Confesse tudo sobre a tal Frente Libertária Econômica — insiste Johan. — São muitos aqueles que vão estar do seu lado. O

povo odeia os bancos, essa é a verdade. E muitos acham, de fato, que a ganância das instituições se volta contra eles próprios.

Ludvigsson sorri para eles, um sorriso confidencial.

— Portanto, se você contar tudo, se você confessar, as suas ideias vão ter uma repercussão enorme em todos os meios de comunicação. Vai se tornar um mártir, mas isso só acontecerá se resolver falar conosco.

— E o seu pai — diz Zeke. — Ele foi demitido?

— Sim. E, agora, não vai conseguir arranjar outro emprego. Isso porque os bancos emprestaram uma quantia enorme para um especulador, um especulador capitalista, segundo os termos financeiros. São esses como a Falkengren que, neste país, destroem vidas como a do meu pai. E são muitas as vidas destruídas. Mas os bancos e os seus lacaios viram a cara e seguem em frente. Essa tal de Falkengren ganhou vinte milhões no ano passado, enquanto o meu pai era atirado para a rua da amargura, só porque o banco financiou demais a empresa onde ele trabalhava. Isso é mórbido. Completamente mórbido. Temos de parar com isso.

Após as suas últimas palavras, Ludvigsson levanta as sobrancelhas. Depois, fecha os olhos e finge dormir.

— Então, fale mais, seu assassino de crianças, está ouvindo?

Zeke levanta-se da cadeira.

Dá alguns passos para a frente, pega diversos *dreadlocks* e levanta o corpo de Jonathan Ludvigsson da cadeira. Malin vê o que está acontecendo, sente como a violência se apodera dela contra ele, contra o assassino de crianças. Sente a mesma incontrolável sensação que teve no prado. Karim e Sven continuam calmos ao seu lado, mas preocupados.

— Então, vai, fale logo, sua besta. Conte tudo sobre a Frente Libertária Econômica, o que você fazia em Estocolmo, como você ou vocês armaram a bomba?

— Foi você que mandou o *e-mail* e alguém detonou a bomba — grita Johan, enquanto a sua raiva soa falsa, como se essa raiva, de fato, não existisse dentro dele. — Quem era o homem da bicicleta?

— O que é que há? — grita Jonathan Ludvigsson, enquanto luta contra Zeke. Está nas pontas dos pés, suspenso, fazendo uma careta de dor. — Uma nova Guantánamo?

Mas Johan não responde. Nem liga para a pergunta. Basta, parece ele pensar. Vai em frente:

— Quem foi o homem da bicicleta que colocou a bomba em frente do banco?

Zeke levanta os braços e, assim, o corpo de Jonathan Ludvigsson fica suspenso.

— CIA, vocês são da CIA, eu não sei nada, não sei quem é esse maldito ciclista.

Zeke solta Ludvigsson na cadeira.

— Não sabe, não? — diz Johan. Agora, com dureza absoluta na voz, como se os seus próprios filhos tivessem sido mortos pela bomba.

Finalmente, ele digeriu a questão.

A violência contra crianças torna visível o verdadeiro caráter dos seres humanos.

Não dá para perdoar, pensa Malin. Não deve ser perdoada.

— E você quer que nós acreditemos nisso? — pergunta Johan.

Jonathan Ludvigsson faz uma careta. E afirma:

— Mesmo que soubesse, eu não iria contar, não é?

Em seguida, faz o mesmo gesto de levar os dedos aos lábios. Zeke tenta um novo ataque contra Ludvigsson, que se esquiva. Ao mesmo tempo, Karim passa por Malin e abre a porta para a sala de interrogatórios. O seu rosto sério, de perfil, fica ainda mais sério em consequência da luz difusa. Ele diz autoritariamente:

— Agora, chega. Já basta. Vocês dois vão para casa e durmam. Você também, Malin.

Karin Johannison vasculhou o *trailer* à procura de impressões digitais e, em todas as gavetas, atrás de provas. Passou um pente-fino em todos os cantos à caça de pistas, atrás de vestígios de explosivos, de TATP ou de qualquer outra coisa que pudesse ser usada na fabricação de bombas.

As horas correram.

E agora ela está sozinha no espaço apertado.

Tira com a mão os cabelos louros do rosto, sente-se cansada, mas mesmo assim gostaria de ter Zeke dentro de si.

Aquilo que começou como um ato inocente fora do sexo marital transformou-se em algo mais, mas não para ele. E isso não foi exatamente o que ela tinha pensado. Ela reconhece agora que havia pensado precisamente o contrário, que ela iria brincar com ele o jogo dos pedintes, que iria assumir o controle da situação e fazer a cabeça do renitente colega.

Mas é ele que decide a hora e o lugar de estarmos juntos.

Quando quer.

Não quando eu quero.

A vida sexual com Kalle acabou por completo. Eu não consigo aguentá-lo mais e ele parece achar que está bem assim, que tanto

faz. Será que, atualmente, ainda nos divertimos com a nossa vida de casal?

Será que estou apaixonada por Zeke? Não me atrevo nem a pensar nisso. E ela solta um palavrão, bem alto, para superar os seus próprios pensamentos. Passa a pensar nos três computadores, um deles um *laptop*, que foram confiscados. O *trailer* parecia até um pequeno e simples centro tecnológico. Ela fica quieta, respira fundo o ar viciado do *trailer*, o cheiro de acampamentos baratos, de pobreza, de pontas de cigarros jogadas no chão, de garrafas vazias e panelas sujas com lentilhas secas por lavar. E, então, ela solta um novo palavrão:

— Porra!

Mas pensa: “Estamos deixando passar o tempo sem notar algo”. E põe-se de joelhos à procura de qualquer coisa que possa estar escondida pelos cantos do chão de cortiça do veículo, tenta levantar as pontas do sofá e das cadeiras, mas estão bem presas, não devem ter sido mexidas desde que o *trailer* fora construído. Ela continua analisando o banheiro e o lugar que serve de cozinha. Fica de quatro, rasteja, procura, mas não acha nada. Levanta-se. Volta ao ponto de partida.

O armário está colado no teto.

Mas lá dentro parece que o teto está mais baixo do que devia?

Karin sobe no banco embutido no veículo, abre o armário de novo, tira as coisas que ela já antes colocara de volta e, então, mete os dedos de uma das mãos na ripa que serve de junta e puxa.

O teto por dentro do armário, de repente, se solta e parece cair como se viesse do céu, cedendo a um peso imprevisível. As mãos dela acabam por sentir o frio do aço.

Enfia a mão mais no fundo.

Puxa para baixo o que encontra em cima.

Uma Uzi. Um Sig Sauer. Três granadas de mão. Ela enfia a mão ainda mais fundo entre o teto do *trailer* e o teto do armário e, de repente, sente uma espécie de pasta.

Devo ter mais cuidado?

E se ele armou algum detonador?

Mas ela não consegue se conter. Puxa o pacote e vê uma coisa que parecem ser três barras de explosivos, cristais brancos por dentro de um plástico sujo, mas ainda transparente. O suficiente para atirar pelos ares um quarteirão completo de Linköping.

Agora, Karin, todo o cuidado é pouco.

— Preciso de ajuda, aqui! — grita ela para fora do *trailer*, para os policiais fardados que ainda devem estar lá. Pelo menos, é o que ela espera. — AGORA!

Então, ela escuta um sinal sonoro, uma espécie de apito, um som que ecoa e penetra pela carne e pelo sangue e continua a ecoar por dentro dela, passando por lugares desconhecidos até chegar à medula.

— Nós não sabemos de nada.

O interrogatório dos três outros ativistas não deu resultado nenhum.

— É claro que ele tinha o computador ligado e o *site* aberto quando nós chegamos lá, mas isso todo mundo fez hoje, na Suécia, não?

Waldemar Ekenberg foi violento.

Abriu um dos lábios de Konrad Ekdahl, mas isso não foi suficiente para extrair dele e dos outros qualquer informação.

Sven Sjöman está sentado na cadeira de couro escurecido, na sua sala no departamento de polícia. São duas e meia da madrugada, e lá fora ainda não começou a clarear. Ele fica a imaginar se Karin já conseguiu encontrar alguma coisa no *trailer*.

Encontrou?

Os detetives do grupo de investigação foram para casa, já devem estar deitados nas suas camas. Ele próprio pensou em tentar tirar algumas horas de sono no departamento, na sala de descanso onde existe um sofá que vai ter de servir.

Sven ficou andando de um lado para o outro, de um interrogatório para o outro.

Os três jovens confusos parecem estar dizendo a verdade. Afirmaram que foram ao *trailer* para beber e festejar, que eles não sabiam nada sobre uma eventual ligação de Jonathan Ludvigsson com a Frente Libertária Econômica ou que ele estivesse por trás dessa organização. Sofia Karlsson, que agora estava completamente lúcida, também parecia falar a verdade. Também não sabia de nada.

Frustração.

Mas Jonathan Ludvigsson pode ter muitos outros companheiros.

Ou talvez tenha trabalhado com apenas uma outra pessoa.

Sven pensa na sua mulher em casa. Deve estar dormindo. Quanto ele não pagaria para sentir o corpo quente dela ao seu lado?

Fecha os olhos.

Será que consigo dormir aqui nesta poltrona?

Não. As costas não vão aguentar.

Ele se levanta.

Nesse momento, toca o telefone. Deve ser Karin, que já terminou, enfim, a perícia do *trailer*.

**** Mats Michael Hinze ficou conhecido como o ”Homem-Bomba OS” ao ser preso num jardim-museu, Millesgården, em Lidingö, com uma mochila que continha uma bomba.A Suécia candidatara-se a organizar em 2004 os Jogos Olímpicos de verão (em sueco, OS: *Olympiska Sommarspelen*) e Mats Hinze, ativista e fanático político neoliberal, quis prejudicar a candidatura do país à realização dessa grande competição. Hinze foi condenado em 1998 a sete anos de prisão. [N. T.]

25

O que acontece de noite quando tudo está escuro?

Nós estamos vendo você dormir, Malin.

Chegou em casa, olhou um pouco para a sua Tove na cama. Depois, adormeceu. Nem aguentou tirar a roupa.

Mas nós compreendemos que devia estar muito cansada. Porque aquilo que nos aconteceu é uma grande responsabilidade para o seu cérebro, o seu coração e a sua alma.

Quem poderá ser esse alguém que nos fez tanto mal?

Jonathan? Os irmãos de fé de Al Kabari? Aqueles que gostam de andar de moto? Alguém mais? E o que aconteceu lá no trailer*?*

Quem explodiria uma bomba em Linköping num dia de primavera?

O que a maldade quer fazer? Quer machucar o menino e a menina que estão trancados? É eles que você deve ter pressa em salvar.

E todo o resto, Malin.

Como o seu corpo reclama por uma bebida forte.

A sua mãe. O seu pai e Tove. Com os seus segredos. Nós gostamos de segredos, mas não aquele segredo. Esse é terrível.

Cuidado com os dentes de lagartos gigantes, Malin.

Esta noite, os animais esfomeados vão acordar da hibernação.

Quem é que está a caminho do hospital? Da nossa mãe que luta na cama sem saber contra o quê, sozinha no seu quarto.

Algo negro se movimenta na direção dela.

Acorde, mamãe, acorde.

Não, não acorde.

Venha para junto de nós. Não acorde, não acorde nunca mais.

Malin dorme com os braços esticados por cima da cabeça, mas não é o sono de uma criança inocente.

Ela sonha, um sonho de rostos.

Sua mãe está em um canto escuro e grita, aborrecida, mas nenhuma palavra compreensível sai da sua boca, apenas uma massa sonora, informe, que corta o corpo de Malin. As meninas Vigerö estão em um outro canto da sala, com outras duas crianças. Elas brincam com carros Lego, para a frente e para trás, num padrão que parece remeter a um passado da história em que pela primeira vez um ser humano quis alguma coisa.

O pai está de pé, com a mão estendida, quer lhe dar um boneco, a figura de um menino que, por sua vez, também parece estender as suas mãos de plástico para ela, num gesto que significa: “Ajude-me, Malin, ajude-me”. E Tove olha para ela de um lugar no meio da sala, com os olhos cheios de uma interminável paisagem estranha onde uma nuvem rosa se decompõe ao longe num horizonte em chamas.

Outros rostos aparecem e desaparecem. Os de Sven Sjöman, Zeke, Karin Johannison, Mohamed Al Kabari, Jonathan Ludvigsson, Dick Stensson. Todos riem dela e gritam: “Como é que você pode ser tão tola!”. Depois, a amplitude do sonho se reduz a um ponto negro de matéria concentrada, em que todos os males praticados e

vontades conflituosas das pessoas parecem se reunir. Seus tímpanos explodem, a pele se solta dos ossos e dos braços em sangue, das pernas, dos dedos, dos olhos e do coração, espalham-se na atmosfera como uma chuva de brasas. Um urso come o seu filhote recém-nascido numa gruta de uma ilha isolada, esquecida, desaparecida. Come a sua própria cria.

Alá akbar, Alá akbar, Alá akbar.

O coro é nítido entre as nuvens de poeira que fazem parte dos últimos turbilhões do seu sonho.

Alá akbar.

As palavras transformam-se num guincho e as crianças flutuam por dentro dos olhos de Malin. Elas estão receosas e calmas ao mesmo tempo. Malin, no seu sonho, sabe que tudo já aconteceu e vai continuar a acontecer.

E tudo fica quieto e em silêncio.

Como depois de uma explosão.

Ela fica com dificuldade de respirar, tenta respirar fundo, mas nenhum ar parece ocupar os seus pulmões. A situação é quase explosiva, por falta de oxigênio, mas, por fim, ela consegue se virar na cama. Estava com o rosto enfiado no travesseiro.

Agora, sim, ela consegue respirar profundamente e desaparece, de novo, no sono, desta vez vazio, sem sonhos, quase igual à morte.

Jonathan Ludvigsson está deitado no beliche da cela.

Não consegue dormir.

Um guarda enfia a cabeça pela janela da porta da cela. Deve estar verificando se eu não me matei, pensa ele.

Certamente, o tira já deve ter encontrado tudo no *trailer*.

E o que vai acontecer?

Não me importo nem um pouco.

É melhor ficar em silêncio. Como fiz antes. Os outros não podem falar nada, visto que nada sabem.

Existem coisas maiores do que eu. E será que existe algo mais irreal do que uma explosão? Acontece, mas não acontece. E uma coisa eu aprendi: aquele que não consegue fazer ouvir a sua voz, não existe.

Está acontecendo no planeta, neste momento, uma grande luta. Entre nós e a natureza, entre nós e a nossa própria natureza. E, nessa luta, todos os meios são permitidos.

Mas talvez eu tenha ido longe demais, talvez nós tenhamos ido longe demais. Desta vez.

A cela da cadeia está fria. O cobertor alaranjado já não é suficiente. As suas articulações estão doendo. A janela da cela abre-se e ele vê um olho negro.

Um estrondo!

O olho desaparece, mas continua vivo atrás da porta. Mas é outro olho. Parece ser o olho de uma moça e parece querer sufocá-lo com a sua raiva. Ele se encolhe em um canto do beliche e pretende afastar com violência esse olho maldito. Por que não posso respirar?

Tenho de sair daqui. De afastar o olho.

Jonathan Ludvigsson atira o corpo para fora do beliche, dirige-se à porta da cela e grita:

— Deixem-me sair, deixem-me sair!

Bate na pequena janela da cela, no olho da moça que parece enviar raios mortais que fazem o seu coração parar.

— Calma, calma.

É a voz do guarda do outro lado da porta da cela que agora se abre.

A luz do corredor.

— O que há?

Os olhos do guarda.

— Eu quero contar tudo — diz Jonathan Ludvigsson.

— Contar o quê?

— O que eu fiz.

Karin Johannison retira as armas e as granadas do trailer, com todo o cuidado para que nada aconteça.

Passou por um mau momento, cheia de medo, quando o relógio despertador que estava por baixo de algumas almofadas, numa cadeira na parte da frente do *trailer*, começou a tocar. Achou que o *trailer* e o esconderijo das armas estavam armados para explodir, que ela própria iria pelos ares e ficaria em pedaços, tal como acontecera com as duas meninas.

Mas era apenas um maldito despertador.

O que não evitou que, durante alguns poucos segundos, quando o sinal soou, ela sentisse que a sua vida iria acabar.

Kalle, a mãe, o pai, todos os amantes que ela teve. Zeke. Como ela quis ficar abraçada a Zeke naqueles momentos cruciais de uma explosão anunciada. E como ela quis levá-lo consigo por aquela que julgou ser a sua última estrada.

Mas, então, tudo ficou em silêncio. Silenciosa e só, ela compreendeu o que estava faltando na sua vida.

Ela já sabia antes, sabia que devia estar com um desejo ardente, mas nunca chegou a senti-lo. Naquele momento, os filhos que nunca teve flutuavam diante dos seus olhos. E, novamente, surgiu aquele desejo ardente que nunca antes sentira ou que sempre estivera dentro de si, um desejo maior do que todos os desejos, uma atitude gananciosa, não por dinheiro, mas por mais vida, quando a sua vida parecia que chegaria ao fim.

Era como se só então tudo tivesse ficado claro, quando ela própria sentiu que iria passar por uma catástrofe gigantesca.

E assim a vida muda. Lentamente, sem percebermos. E, de repente, tudo fica claro.

Mas não por causa de uma bomba.

Por causa de um despertador.

Sven Sjöman dorme encolhido no sofá na sala de descanso, ainda no escuro. Foi ele que recebeu a chamada de Karin e a notícia de terem encontrado armas e explosivos, além de outros indícios, no *trailer*, mas não aguentou ter de interrogar de novo Jonathan Ludvigsson. Estava na hora de dormir, não só para o preso como para Sven, de modo que ambos pudessem acordar descansados com novas ideias, a respeito das investigações mais confusas e escorregadias de que ele participou. Tudo lhe dava a sensação de se encontrar no meio de um curso aparente de eventos que evoluem por força dos seus próprios mecanismos e que ele, eles, não conseguem influenciar.

É assim que ele pensa em sonhos.

— Sven, Sven.

Mas ele não quer acordar.

Um corpo velho, um cérebro cansado, mas ainda bem ativo e esperto, quer dormir, quer ordenar as informações recebidas em compartimentos bem limpos e arrumados que, depois, possam ser agrupados de uma maneira mais clara e compreensível.

Mas alguém quer outra coisa.

Alguém chacoalha o seu corpo.

— Sven, Sven, o senhor tem que acordar.

E Sven, então, levanta do sofá. Esfrega os olhos. Vê quem está ao seu lado, o assistente Antonstjärna, um jovem inteligente, mas com apenas 25 anos, jovem demais para ser policial.

— Ele quer contar tudo — diz Antonstjärna.

— Quem quer contar o quê?

— Ludvigsson quer contar o que aconteceu, o que ele fez.

Sven levanta-se, endireita as costas.

— Que horas são?

— Quatro e vinte e cinco. Vai amanhecer daqui a pouco.

Nós temos força, podemos nos anunciar, não é verdade?

Não somos assim tão pequenas e dependentes como todos vocês acreditam. Nós podemos ajudá-los, Malin, de fato, podemos fazê-lo.

Mas você precisa acreditar que nós existimos. Porque se não acreditar nós vamos desaparecer, deixar de existir.

Estamos agora com a nossa mãe.

Sentadas na sua cama, a sussurrar bonitas palavras de amor ao seu ouvido. Alguém vem pelo corredor e se aproxima, lentamente, muito lentamente. Alguém que entrou sem ser notado pelos subterrâneos do hospital e subiu até o nono andar pelas escadas e

que, agora, como um homem invisível, furtivamente, está quase chegando ao quarto.

Nós vamos ajudá-lo porque queremos ter a mamãe ao nosso lado.

Não aguentamos ficar sem a companhia dela. E nós sabemos que você sente dores. O médico, porém, acha que está melhor. Talvez pudéssemos ajudá-la, mamãe, mas não será isso que vamos fazer.

A porta para o seu quarto está deslizando para o lado.

Uma pessoa com um capuz negro está entrando.

Nós vamos desaparecer daqui, sussurrando no seu ouvido, querida mamãe: "Nós nos veremos de novo em breve".

Hanna Vigerö sente quando o ar acaba. Desaparece lentamente, e, de repente, não existe mais. A sensação tem um sabor de algodão. Ela ainda tenta respirar, porém não consegue mais.

Eu notei que vocês estiveram aqui há pouco, meninas.

Eu sei o que vocês querem.

E eu quero o mesmo.

Por isso é que nem sequer tentei lutar, nem um pouco, mesmo que eu, fisicamente, pudesse.

Não luto mais contra a minha própria vontade. Quero aquilo que está acontecendo agora. E consigo até controlar o meu instinto mais básico.

Não.

Não consigo.

Quero respirar, respirar, mas ao mesmo tempo não quero.

Ao meu lado, alguém sussurra: "Perdoa-me? Perdoa-me?".

Quero que aquele que pressiona a almofada contra o meu rosto seja bem-sucedido em me sufocar. No entanto, ainda tento respirar.

Aquele que pressiona, aplica agora mais força.

Não tenho mais ar. Tudo fica escuro e branco, branco e escuro. E abandono, então, a sala onde hibernei. Vejo como o quarto desaparece e transforma-se num ponto escuro, para depois explodir numa luz branca de magnésio ardente e de fósforo branco. E logo eu me encontro num outro lugar.

Sinto que vocês estão aqui, meninas.

A mamãe está aqui, agora.

Chamo por elas, pelo nome.

Mira! Tuva!

E fico repetindo os nomes, chamando por elas.

Vocês estão aqui, mas não conseguem me ouvir, nem me ver.

Mas estão aqui. Eu sei.

E eu prometo que nunca mais vou deixar de procurar por vocês.

PARTE 2

SAIR DAS TREVAS
CHEGAR À LUZ

[Na câmara escura]

Papai.

Venha!

O meu irmãozinho está com muito medo, papai, e eu também. Com mais medo do que quando a mamãe desapareceu e foi para o céu.

Venha agora, papai! Venha agora!

Os homens são maus. Estão zangados. E aqui está escuro, escuro demais. Eu tento abraçar o meu irmãozinho, mas sou muito pequena. O lugar é horroroso. Ele não gosta deste horror, nem eu. Estou com medo, papai. Tento pensar no aniversário, na noite de Natal, em qualquer momento mais divertido, nos meus amiguinhos que não estão aqui.

Queremos que nos salve agora. Por que não vem? Por que deixou que entrássemos no avião com esses homens?

Tenho medo dos lagartos gigantes.

Eles nos mostraram os lagartos gigantes. Disseram que eles nos comeriam se não nos comportássemos.

Os animais atacavam as grades com os dentes. Batiam com as caudas nas grades.

Queriam nos comer. Eu vi. E tinham olhos pequenos, mas brilhantes, horrorosos.

Deve vir para cá, papai. Não devemos ficar sozinhos aqui.

E o meu irmãozinho, eu o abraço. Ele brinca e eu brinco com ele. Desenhamos bonecos com giz, no escuro, embora não possamos ver o que desenhamos.

Estamos com fome, papai. Não queremos morrer. Nem ficar aqui presos para sempre.

Queremos voltar para o outro lado da ponte.

A mamãe já está no céu. É claro que está. Papai, foi o que você disse, mas ainda não queremos ir para o lado dela. Queremos que venha aqui, afastar os homens horrorosos e nos abraçar. Abraçar-nos por um longo momento e, depois, queremos brincar, tomar banho e brincar, ficar bem distantes de todos os horrores.

Mas os horrores repugnantes continuam aqui. E cheira a morte.

Quero sair daqui, papai. Ir embora.

Apenas você poderá nos tirar daqui, papai. E nos levar para longe.

Será que outra pessoa pode fazer isso?

Vou gritar mais uma vez. Não ouso fazer nada além disso. E ele grita também. Gritamos os dois, papai. Está ouvindo?

Estão aí, meninas?

Todos os dias eu me pergunto o que aconteceu com vocês. Fiquei deitada naquele lugar malcheiroso, a me perguntar se o que eu fiz foi o certo.

Agora sei o que aconteceu a vocês: explodiram em pedaços.

Jamais vou me perdoar.

Eu teria que mantê-las longe da besta a qualquer preço. Eu era obrigada a salvá-las. É o principal dever de todos os pais, de todas as mães, o de defender as suas crias. E eu fiz tudo o que podia, mas não foi o suficiente. E tudo aquilo que eu agora quero é estar com vocês. Mas por que vocês iriam me dar as boas-vindas? A mim que, entre todos, mais as desapontei?

As chamas das velas iluminam os meus caminhos úmidos. A sujeira desce lentamente para o chão negro que está frio e grudento, impossível de servir como descanso.

Ouço o trem passando lá em cima e lá embaixo. Sinto que a montanha estremece à sua passagem.

Eu quero ter vocês aqui comigo, mas só o fato de pensar em vocês e naquilo que eu sou e de onde vim, tudo isso fica inalcançável.

Preparo a minha injeção.

Depois, procuro e encontro uma pequena veia entre dois dos meus dedos. Sinto a picada, espero alguns segundos, sopro e apago as luzes, e logo a minha escuridão transforma-se em outra escuridão, uma escuridão branca, macia, a escuridão da mentira, eu sei, mas melhor essa do que as trevas da realidade, da verdade.

26

Sven Sjöman telefonou.

Parecia estar bem acordado e ainda era noite ou, pelo menos, bem cedo.

Suas palavras:

— Encontramos armas e explosivos no *trailer*. Ludvigsson quer contar tudo. Quero que assuma o interrogatório agora. Foi você que o pegou, e é você que melhor conhece a voz dele e que melhor pode pressioná-lo, fazê-lo contar tudo, toda a verdade.

— Sven, eu preciso dormir. Ok? Cheguei a pensar que ia receber um tiro lá fora, no prado. E eu usei força excessiva. Por que ele deveria confessar tudo para mim? Será que outra pessoa não pode interrogá-lo?

Sven ficou em silêncio. Parecia pensar.

— Eu preciso de você agora, Malin. E ele talvez esteja com medo de você. O medo pode ajudar na atual situação. Já teve tempo de se recuperar. Vai conseguir, Malin. Poderá dormir depois. Durante o dia. Na sala de descanso. Acabei de dormir lá. Funciona.

Talvez não consiga dormir mais agora, pensou Malin, talvez esteja para explodir outra bomba em algum outro lugar. E, assim, resolveu entrar debaixo da ducha. Deixou que a água fria soltasse nova vida

no seu corpo, vestiu-se, deixou uma mensagem para Tove, e dirigiu-se diretamente para o departamento.

Às seis e quinze da manhã, Malin está sentada na sala de interrogatórios número 1, na frente de um Jonathan Ludvigsson bem acordado, com uma caneca de café muito forte na mão. Ela acabou de ligar o gravador, tenta classificar os assuntos na sua mente, da melhor maneira possível, para conseguir dele aquilo que ela e eles querem.

Ela olha para Jonathan Ludvigsson.

Olhos azuis, inocentes. Não os olhos de um homem violento. Nesse caso, por que as armas? Por que a Frente Libertária Econômica? Pode ter sido você que aparece no vídeo da câmera de segurança com a bicicleta, diante do banco, mas eu acho improvável.

O departamento técnico está analisando ambos os vídeos, comparando a sua maneira de andar com a do homem perto do banco. Um perito em movimento foi chamado para fazer isso.

E os explosivos que foram encontrados no *trailer*?

O departamento técnico estuda a possibilidade de serem do mesmo tipo usado na bomba da Grande Praça.

As reflexões de Malin foram interrompidas pela voz de Ludvigsson:

— Você está cansada? Parece. Mas eu quero contar tudo agora, imediatamente. Passei por uma situação bizarra lá embaixo, na cela.

— O que você quer contar?

Malin inclina-se para a frente, por cima da mesa. Olha bem nos olhos dele.

— Prometo que você pode falar comigo, com confiança. Eu vou ser justa.

Ludvigsson pisca lentamente e, depois, respira fundo.

— Os outros não devem ter dito nada, não é verdade?

— Nada além de que não sabiam que você está por trás da Frente Libertária Econômica.

— E é verdade. Eles não sabem mesmo de nada. Todo o complô foi coisa minha.

— Eu não diria que a explosão de uma bomba em plena Grande Praça possa ser considerada como uma coisa. Conte tudo desde o início, com toda a calma. Quem preparou a bomba? Foi você mesmo?

Malin escuta a sua própria voz.

Ela fala suavemente, mas consegue introduzir um vago tom de ameaça. No momento, vai tentar bajulá-lo, quer fazer com que ele se sinta importante, competente, disposto a revelar a verdade. Mesmo que queira contar tudo, nada confirma que o que vai sair dos seus lábios seja a verdade.

— Você conseguiu, realmente, chamar a atenção para o atentado. Já me disseram que até o *New York* Times escreveu sobre o caso.

Jonathan Ludvigsson acena com a cabeça, confirmando.

— Foi isso mesmo — diz ele. — Chamar a atenção. Eu queria aproveitar a oportunidade para chamar a atenção para o fato de os bancos estarem sugando o povo, gente normal como o meu pai. Eles estragam toda a sociedade com a sua arrogância, a sua ganância e o seu desrespeito pela História. Quis usar a bomba para isso, encontrar uma maneira de, rapidamente, propagar uma mensagem anticapitalista. Então utilizei a Frente Libertária a fim de espalhar essa mensagem.

O cérebro.

Continuo cansada. Mas se eu o entendo bem, pensa Malin, o que ele quer dizer é que não teve nada a ver com a bomba. Pode ter sido apenas uma maneira de se vingar do que fizeram com o pai. E, então, inventou a Frente Libertária.

— Portanto, segundo o que diz, você inventou a Frente Libertária Econômica depois de a bomba ter explodido, para encaminhar a sua mensagem anticapitalista e para, de alguma forma, honrar o seu pai, não foi?

— Certo — confirma Jonathan Ludvigsson, ao mesmo tempo em que torce dois de seus *dreadlocks* com uma das mãos. — Eu criei o *site* no meu *laptop* em poucas horas, em casa de um amigo em Estocolmo. Baixei as imagens dos bancos, eu mesmo filmei o vídeo na frente de uma parede branca no apartamento e mandei tudo pelo YouTube.

— Está difícil de acreditar nisso — diz Malin. — Você quer tentar apenas se safar, não é? Matou duas crianças e agora quer se safar.

— Posso mostrar como eu entrei na página, com o uso de um código, *firewalls* com o meu endereço IP e provedor. Vocês não conseguiram contornar essas paredes ou derrubá-las, não é verdade? Mas eu posso demonstrar como eu fiz e onde a página está. Isso deve ser suficiente como prova.

— Prova de quê? De que você não está por trás da bomba?

Jonathan Ludvigsson olha para Malin, parece compreender o absurdo do que ele diz.

— Eu sei tudo sobre criptografia — diz ele. — Aprendi tudo na Universidade de Umeå, entre outros lugares.

— Nós encontramos explosivos no seu *trailer*. Foi a mesma espécie de material que usou na bomba da Grande Praça?

— Eu não estou por trás da bomba na Grande Praça. Eu não matei as meninas.

Desesperado.

Um pouco.

— Duas crianças, duas meninas — diz Malin. — E você tem um histórico de ativista militante. Se quiser que eu acredite em você, tem de apresentar melhores provas de que não está por trás do atentado a bomba. Pode ser?

— Sim.

— Como?

— O meu amigo em Estocolmo. Eu estava com ele, no apartamento dele, no bairro de Hornstull, quando a bomba explodiu. Portanto, não posso ter sido eu, não é verdade?

Pode ter trabalhado com outras pessoas, pensa Malin, e estar por trás da bomba. Ter construído e planejado o atentado, mas ficado em Estocolmo no momento da explosão.

— Como o seu amigo chama? — pergunta Malin. — Onde é que ele mora? Qual é o número de telefone dele?

— Ele se chama Johan Sjö e mora na Hornstulls Strand.

Em seguida, fala o número do telefone dele.

Malin sabe que, por trás do espelho, ouviram o número, e que Sven logo deve ter mandado conferir.

— Eu mandei o *e-mail* pela manhã — acrescenta Jonathan Ludvigsson. — Do terminal de ônibus de Estocolmo, antes de embarcar para Linköping.

— Portanto, você não pensou nas câmeras de segurança que existem lá? Como é que posso acreditar nisso se você pensou em todo o resto?

— Eu sou bom em criptografia e em anonimato na internet. Consegui até ajudar a The Pirate Bay.***** Mas não pensei em segurança. Cometi um erro ao esquecer a câmera. No entanto, devo dizer que eu mesmo inventei a Frente Libertária Econômica e que ninguém mais, nem os que estavam no *trailer*, nem Sofia Karlsson, têm qualquer coisa a ver com o que eu fiz. E insisto: não tenho nada a ver com a bomba. Eu juro.

— E os explosivos e armas encontradas no *trailer*? — insiste Malin. — É também uma invenção nossa? Apenas isso já vai dar a você muitos anos de prisão.

— Isso aí é o pior dos meus erros. Mas eu não matei essas meninas. Eu não estou por trás de nenhuma bomba.

Ele não quer contar nada a respeito dos explosivos.

Por quê?, pensa Malin, antes de prosseguir.

— Mesmo que você tenha estado na casa do seu amigo em Estocolmo, a Frente Libertária Econômica ainda pode estar por trás do atentado. Vocês podem ser muitos. Nós não sabemos de mais nada.

— Vocês não vão encontrar mais ninguém, porque não há mais ninguém. Eu vou ajudá-los na parte técnica. Mostrar-lhes tudo, de maneira que acreditem em mim.

— Ontem não queria falar nada. Por que mudou, por que contar tudo hoje?

Jonathan Ludvigsson olha fixamente para Malin.

Medo e insegurança no olhar. Respira fundo antes de explicar:

— Eu vi o olho de uma das meninas. Sei que parece loucura. Mas o olho parece que surgiu pelo buraco da porta da cela e se dirigiu para mim como se quisesse me matar. Foi, então, que eu percebi que todo este caso tinha ido longe demais.

Nisso você está absolutamente certo, pensa Malin, que continua olhando Jonathan Ludvigsson. Esse malandro está mentindo ou falando a verdade? Mas eu acredito nele. Os seus olhos azuis, esbugalhados, são honestos. E ele parece bastante inteligente e ingênuo para ser, ao mesmo tempo, muito sofisticado e profundamente estúpido.

E com medo do olho.

— E as armas? Os explosivos? Como é que você explica isso?

Malin levanta-se.

— Esta é a terceira vez que eu pergunto, portanto, está na hora de falar tudo de uma vez.

Jonathan Ludvigsson olha para ela com outro tipo de medo no olhar.

— Eu tive a oportunidade de comprar tudo — diz ele. — Então, comprei. Talvez viessem a servir para alguma coisa.

— Servir para alguma coisa?

— Existe uma guerra em andamento — diz Jonathan Ludvigsson. — Entre as forças do mal e as forças do bem. No mundo inteiro. Eu odeio a ganância, o capitalismo e os comedores de carne. Eu estou do lado das forças do bem. E, por isso, as armas e os explosivos poderiam vir a ser necessários. A situação poderia piorar, mas não foi o caso agora. Não desta vez.

— Pela última vez: onde foi que você conseguiu as armas?

Jonathan Ludvigsson hesita. Depois, fecha os olhos.

— Eu comprei tudo dos Dickheads. Entrei em contato com o líder, Dick Stensson, por ouvir dizer que ele poderia arranjar o que eu quisesse. Ele ameaçou me surrar, mas, um mês mais tarde, um dos seus auxiliares telefonou para mim.

Dick Stensson.

A investigação continua a andar em círculos, pensa Malin, as várias pistas mordem os rabos umas das outras. O que isso significa? Como é que se cruzam? Ela fecha os olhos e escuta Jonathan Ludvigsson dizer:

— Confirme com Stensson. Estou escrevendo a minha sentença de morte, mas fale com ele.

— E o dinheiro? Essas coisas são caras.

Malin fixa novamente Jonathan Ludvigsson.

— O Poder Vegan, a organização de defesa dos animais que eu controlo, recebe de vez em quando grandes doações. De pessoas anônimas. Foi com esse dinheiro que eu comprei as armas e os explosivos. O negócio foi feito no começo de março. Vocês podem confirmar a saída da conta no Swedbank.

Malin levanta-se.

— Vamos ter de confirmar uma série de coisas — diz ela. — Mas pode estar absolutamente certo de que vou querer falar com você novamente.

***** The Pirate Bay (TPB) é uma organização montada na Suécia para baixar músicas e canções. É contrária aos direitos autorais e conseguiu legalizar a sua situação. [N. T.]

27

De onde vêm todos os segredos?

Tove inclina a cabeça contra a janela do ônibus, vê as calçadas da rua Vasagatan curvarem-se em reverência diante da luz da manhã, e os troncos das bétulas ainda martirizadas pelo inverno mostrando nos ramos os rebentos que parecem vir de um outro mundo.

Cheirava mal no ponto de ônibus. O cheiro vinha de um cesto de lixo. Alguma coisa deve ter apodrecido dentro dele. Ela levou a mão ao nariz e teve de tomar cuidado para não escorregar na areia que restou na calçada depois de a neve ter derretido no momento em que subia para o ônibus.

Ela não escorregou.

Não escorrega nunca.

Por que não posso contar à mãe sobre a carta que recebi?, pensa Tove. Principalmente quando o que está escrito nela me deixa tão feliz?

Fiquei aliviada quando ela chegou tão cansada ontem. E mais aliviada ainda quando desapareceu mais cedo para trabalhar e já não estava em casa quando acordei.

Sei por que não ouso dizer nada.

Estou com medo de que ela ultrapasse os limites novamente, que recomece a beber e a se comportar como outra pessoa, diferente daquela que eu sei que ela pode e quer ser.

Na realidade, eu não me atrevo a deixá-la, mas tenho. Devo fazê-lo e viajar, para meu próprio bem. Não devo nem posso representar o papel de mãe, nem de anjo da guarda dela. Já assumi essa responsabilidade por tempo demais. Não posso aguentar mais. Está completamente errado.

Tove olha novamente pela janela do ônibus.

A rotatória das bétulas.

Um tatuador trabalha no local, perto da praça. É considerado o melhor de Linköping. Ela gostaria de fazer uma tatuagem num dos ombros. Um dragão com dentes de lobo. Essa imagem seria ela própria. Aquela que por suas próprias forças conseguiu ir em frente, depois do que lhe aconteceu no verão em que foi raptada por uma assassina e quase morreu.

Foi quando a mãe caiu em depressão e abriu a porta para uma vida nas trevas, para uma sala tão cheia de horrores e de solidão que, por fim, acabaria por dar lugar apenas à morte.

No chão do *hall* de entrada do apartamento, a mensagem da mãe:

"Fui trabalhar cedo, de novo. Surgiu uma novidade."

As novidades surgem sempre e sempre vão surgir. Não é verdade, mãe? Mas a situação não vai durar por muito mais tempo. Agora, eu vou partir para o mundo. Vou fazer dele a minha morada. Não vou ficar aqui neste buraco estreito e apertado como você.

Acho que vejo melhor do que você, mãe, aquilo que faz. Trabalha e luta para se justificar diante de si mesma. Você luta, mãe, sem dúvida. Luta, mas devia parar, não é?

Infelizmente, vou ter de partir em breve. Justamente no momento em que o vovô voltou para casa.

Eu gosto de ficar com ele. Acho-o bem menos complicado do que muitos outros adultos. Ele parece se deleitar pelo simples fato de estar na minha companhia e de ouvir o que tenho a dizer. É fácil notar que ele sente medo de alguma coisa quando está com você, mãe, como se guardasse um segredo, uma verdade que poderá estragar tudo.

A face dela já está fria por causa do contato com o vidro da janela.

Tove endireita-se na cadeira.

O ônibus aproxima-se do lugar onde ela vai descer.

O relógio no computador de Malin indica que são oito horas e dezesseis minutos.

As imagens e as palavras no monitor misturam-se. Ela precisa se esforçar para poder ver e ler. Tem de dormir mais, logo, logo.

O site do *Corren* já apresenta a notícia de que Jonathan Ludvigsson foi preso por ter ligações com a investigação.

O jornal também recebeu informações sobre os achados no *trailer*. As imagens obtidas lá mostram que foram tiradas ao amanhecer.

As imagens do homem que colocou a bomba na bicicleta. A pergunta do dia: “Qual a punição que ele deve receber?”.

— Matem-no com um tiro — diz um padeiro de Ljungsbro.

— Metam-no numa cela e joguem fora a chave — fala uma ajudante de enfermagem de Linghem.

— Está confirmado.

Sven Sjöman aproxima-se dela e de Zeke na grande sala da polícia, cheia de mesas. Seu olhar está límpido, a voz cansada, mas

decidida:

— Conseguimos falar com o amigo de Jonathan Ludvigsson em Estocolmo. Ele confirmou ter estado com ele no seu apartamento em Hornstull no momento da explosão. Há ainda mais outra pessoa que confirma isso. O amigo diz que não fazia a menor ideia da existência dessa tal Frente Libertária Econômica. Mas a polícia de Estocolmo resolveu mantê-lo em prisão preventiva para um eventual novo interrogatório.

— Isso não me surpreende — diz Malin, enquanto desliga o computador.

— E o perito em análise de vídeos e de padrões de movimentos do departamento técnico também acabou de dar informações — acrescenta Sven. — Ele acha que o homem no terminal de Estocolmo não pode ser o mesmo homem que colocou a bomba perto do banco em Linköping.

Malin morde os lábios.

Na sua mente, ela vê as imagens dos dois homens de capuz, mas cada um com sua atitude, com os seus motivos e forças propulsoras.

— No entanto, temos que considerar serem várias pessoas — diz Zeke. — Jonathan Ludvigsson pode dizer que foi ele quem criou a Frente Libertária Econômica e tem uma explicação aceitável para a existência das armas em suas mãos, mas são apenas palavras. Será que foi ele mesmo e só ele que produziu toda essa charada?

Sven faz que sim com a cabeça, concorda. Depois, olha para Zeke e Malin, que balança a cabeça.

— O departamento técnico analisa os computadores, incluindo o *laptop*. Vamos ver o que eles encontram. Ludvigsson também vai

mostrar-lhes os seus dons em criptografia. Devemos voltar a ouvir aqueles rapazes que apanhamos ontem à noite.

— Nós podemos detê-los como suspeitos de posse de armas — diz Malin.

— E também podemos intimar outros que tenham estado em contato com Ludvigsson — diz Zeke. — Podemos tentar pressioná-los. Se é que vamos encontrar alguém.

— O que é que vocês acham? — pergunta Sven. — Será que a Frente Libertária Econômica é apenas um produto da imaginação de Ludvigsson? Apenas para chamar a atenção?

— Isso não seria surpresa para mim — diz Malin. — A Karin já finalizou a comparação entre os explosivos?

— Já — confirma Sven. — Os que nós encontramos no *trailer* não são da mesma espécie dos usados na bomba da praça. E recebemos uma informação do Swedbank, confirmando que foi feita uma grande retirada da conta do Poder Vegan, a organização de Ludvigsson, na data indicada por ele. O gerente da agência bancária foi muito compreensivo.

— Essa é boa — exclama Malin.

— O que conduz à questão seguinte — diz Zeke. — Jonathan Ludvigsson disse que comprou as armas dos Dickheads, de Stensson, que terá de ser ouvido novamente. O mais rápido possível.

— Vamos ter de avançar com calma — interrompe Sven.

— Avançaremos com todo o cuidado! — exclama Malin. — Se Dick Stensson já sabe que Jonathan Ludvigsson foi preso, então também sabe que nós estamos a caminho para ouvi-lo de novo. E tudo pode acontecer. Em princípio, nós não estamos atrás dele, mas sim atrás daqueles que de fato cometeram o atentado. A

possibilidade de ele estar por trás do crime é mínima. Ele jamais iria explodir uma bomba que, eventualmente, explodisse também ele mesmo. E o comércio de armas é um problema a ser investigado em outro momento, não é verdade? Se é que ele não vendeu outros explosivos para os que praticaram o atentado a bomba, na praça. Acho que devemos telefonar para Stensson, pura e simplesmente, para saber o que ele tem a dizer sobre a afirmação de Ludvigsson.

— Isso parece razoável — concorda Zeke. — Quem sabe conseguimos, finalmente, algum motivo, qualquer um, para detê-lo.

— Muito bem. Telefonaremos logo depois da reunião matinal.

— Alguma coisa da parte da Säpo? — pergunta Zeke.

— Não, nenhum sinal — responde Sven. — Mas eles vão querer falar, certamente, com Jonathan Ludvigsson no decorrer do dia.

Sven deixa-os na sala.

Malin recosta-se na cadeira, olha de novo para o *site* do jornal *Corren*. Na página inicial, a fotografia do passaporte de Jonathan Ludvigsson. Ao lado, a imagem do *trailer*.

Um texto sobre a sua detenção, de como ele tentou fugir, sendo indicado que ele é o homem suspeito em colocar a bomba diante do banco e que aparece no vídeo de Estocolmo.

Nós já estamos na frente, pensa Malin. Pelo menos desta vez. Se ela tivesse ido até a janela, veria uma multidão de jornalistas em frente do edifício da polícia. No momento, contentam-se em apreciar a luz da manhã primaveril, em deixar que os raios solares aqueçam as suas faces, enquanto puxam fumaça dos seus cigarros e bebem o café comprado no posto de gasolina da Statoil, perto da rotatória.

Os islamitas, pensa ela. Nada de novo nessa teoria. Podemos retirá-los da investigação? Não, não completamente, ainda não.

Nesse momento, toca o telefone na mesa de Malin.

Ela levanta o aparelho. Atende.

A voz de Ebba, da recepção:

— Na linha, está um médico que quer falar com você. O nome dele é Peter Hamse.

Quando Malin escuta esse nome, é como se perdesse logo o controle do próprio corpo. Sente um *frisson* entre as pernas e alguma dificuldade em respirar. Espera que nada disso tenha sido notado, que Zeke não tenha visto o que acontece com ela: um desfalecimento, uma fraqueza, uma vivacidade nas faces só de ouvir um nome.

Respirou fundo.

Soltou o ar lentamente.

E só então diz:

— Pode transferir.

Ela escuta a voz dele, palavras lentas, mas decididas, como se quisesse lhe confessar um segredo, um segredo bem guardado há muito tempo.

— Estou falando com Malin Fors?

— Sim, sou eu.

Nunca mais pensei nele, desde aquela investida no *trailer*, constata Malin. Fui obrigada a focar a minha atenção em assuntos mais concretos.

— Que bom ouvir a sua voz — diz ela.

Malin diz sem pensar. Acha depois que foi uma idiotice. Disse as palavras erradas, mas tão corretas e verdadeiras. Sente vergonha e, também, que vem por aí alguma notícia importante. Olha para Zeke, que levanta os olhos e parece surpreso. Na outra ponta da linha, Peter Hamse diz:

— Também acho muito bom voltar a ouvir a sua voz, Malin, mas não foi para isso que estou telefonando. Hanna Vigerö faleceu esta noite. Pensei que ela estava quase vencendo a pior crise, mas, por algum motivo, não resistiu aos ferimentos. Simplesmente deixou de respirar, pelo que podemos constatar até agora.

Hanna Vigerö.

A terceira vítima da bomba e do homem da bicicleta. Malin fica excitada, cheia de tesão, zangada, triste, tudo ao mesmo tempo.

Que bom escutar a sua voz também.

Parou de respirar.

— Lembro-me de você ter dito que achava possível ela se salvar.

— Num caso difícil como este, nunca se sabe ao certo. Mas é verdade, eu achei que ela ia conseguir sobreviver.

— Quando ocorreu a morte?

— Ela faleceu às cinco horas e quinze minutos.

Malin olha para o relógio no computador. Quase oito. Não deviam ter telefonado logo? Ele não devia ter telefonado logo?

Não.

Ela faleceu por consequência dos seus ferimentos.

— Você não notou nada de anormal? Alguma coisa estranha em relação à morte dela?

— Não. Assim que o alarme do aparelho respiratório soou, a enfermeira de plantão entrou em seu quarto e constatou que ela havia parado de respirar. O pessoal ainda tentou reanimá-la, mas nada conseguiu. É claro que será feita a autópsia do corpo.

Malin conforma-se e diz:

— Obrigada. Já sabemos disso.

Em seguida, o silêncio. O fone na mão está úmido de suor. Ela escuta a respiração dele na outra ponta da linha. Gostaria de ouvi-la

junto da sua orelha, senti-lo dentro de si, esse homem ainda estranho, mas já tão conhecido. Será que ela poderia dizer mais alguma coisa? Será que ela se atreve? Parece que ele está pensando alguma coisa, hesita, mas fala:

— Seria bom se pudéssemos nos encontrar de novo, não é? Quero dizer, se você desejar, puder e houver essa possibilidade? Fora do serviço.

— Nós estamos trabalhando no caso — diz ela. — Tenho de desligar.

Malin fecha os olhos, respira fundo.

Depois, desliga.

Por quê?

Por que este muro em minha volta? Eu não quero outra coisa, senão gritar-lhe que sim, que quero me encontrar com ele.

Olha para Zeke, que esperava ansioso pelo fim da conversa para saber a novidade.

— Era o médico de Hanna Vigerö — diz ela. — Hanna morreu esta manhã, bem cedo. Não conseguiu sobreviver aos ferimentos. Parece não ter acontecido nada de extraordinário. O corpo não aguentou mais ou não quis aguentar mais.

28

Às nove horas, os detetives do departamento de investigação criminalista de Linköping fazem uma reunião.

Foram informados da morte de uma terceira vítima, durante a noite, e reconheceram a existência de um suspeito principal que confessou outros crimes, em vez daquele que, no momento, estão investigando.

Sven Sjöman.

Karim Akbar.

Waldemar Ekenberg.

Johan Jakobsson.

Börje Svärd.

Zeke.

E Malin.

Ninguém mencionou o convite para fazer terapia de crise desde a primeira reunião. Seria uma vergonha pedir uma interferência dessa espécie. Esse é o acordo silencioso.

Os investigadores estão reunidos em volta da mesa, discutindo para a frente e para trás todos os dados, julgando a credibilidade das palavras das pessoas, do que contam e das verdades que deixam de ser ditas. Outras verdades escorrem pelas mãos e

desaparecem num buraco negro em que qualquer caso não resolvido acaba por cair.

Em qualquer lugar, a qualquer hora, diante de qualquer banco, poderá explodir uma nova bomba.

As pessoas estão com medo e o medo não deve perturbar qualquer sociedade civilizada.

O medo deve ser vencido.

Caso contrário, a sociedade, tal como a conhecemos, corre o perigo de afundar. Essa é a ideia que existe, coletivamente, no subconsciente de todos os detetives, a sensação sem nome que todos têm ao revisar as linhas da investigação.

Como uma chuva de estrelas cadentes, essas são as linhas desta investigação, pensa Malin. Logo pensa também em Peter Hamse e, em seguida, em Tove, no pai, na mãe e em tudo que parece acontecer ao mesmo tempo, como se todos os lados da sua vida se juntassem numa única imagem.

Não era para acontecer qualquer coisa ainda hoje? Estou esquecendo de algo?

Os gritos e os risos das crianças no parque infantil lá fora não chegam aos ouvidos dos detetives dentro da sala de reuniões. O que parece chegar são os sussurros inaudíveis de duas meninas flutuantes que falam de medo, que querem saber onde está a mãe delas, achando até que ela já devia estar junto das garotas. Ou não? E o pai? Papai, onde está?

Mas os detetives não conseguem escutar as meninas. Em vez dos sussurros dela, ouvem a voz de Sven.

Chegou um relatório de Gotemburgo no qual se lê que as tensões aumentaram entre os Hells Angels e os Bandidos. Os dois grupos de motoqueiros envolveram-se numa batalha em uma boate na

cidade. Portanto, aparentemente, alguma coisa está acontecendo entre esses grupos espalhafatosos, pensa Malin. Será a bomba, na realidade, apenas um detalhe na guerra crescente entre grupos de motoqueiros? Serão os três membros da família Vigerö apenas vítimas inocentes da violência cega e indiscriminada de gangues? Ou de ativistas de todas as espécies já preventivamente nas cadeias? O que é que eles querem?

Dezenas de possibilidades.

Malin sente como seu cérebro fica cansado. Ela pensa nas meninas, no olho pendurado de uma face retalhada. É por vocês que estou aqui. É por vocês que estou sentada nesta sala, no meio do que sinto ser uma explosão ainda em andamento.

Sven parece já ter notado que ela está muito cansada, que talvez tenha sido um exagero tê-la obrigado a vir interrogar Ludvigsson tão cedo.

— Malin — diz ele —, depois da reunião, acho que deve ir descansar. Vá dormir um pouco. Parece que não aguenta mais nada.

— É uma ordem — concorda Karim.

Na realidade, não quero dormir. Mas o corpo grita por descanso, cada músculo dói.

Uma ordem é uma ordem, não é verdade? E um cérebro turvo e confuso não serve para nada.

Malin está agora sentada à sua mesa de trabalho. Esfrega os olhos. Ouve Zeke falando com Dick Stensson ao telefone, enquanto se prepara para entrar na sala de descanso, relativamente escurecida. Ela fecha os olhos. Ainda escuta as palavras de Zeke,

mas não consegue prestar atenção. Pensa na cidade lá fora, cromada por uma luz solar primaveril, uma luz forte demais para os seus olhos.

Os acontecimentos sucedem-se, um após o outro, pensa ela. Sem dar tempo de parar para pensar, tomar conhecimento do que se passa, o que faz de nós maus investigadores.

Como crianças disputando um jogo de futebol: vinte corpos caçando uma bola, no campo inteiro.

Momentos de reflexão. Missas. Minutos de silêncio.

Tudo vai se acalmar um pouco agora. As pessoas devem se resignar, encontrar a sua própria tranquilidade, recuperar a confiança.

Malin sente uma leve dor na região lombar que ela pretende aliviar por meio do cochilo ali mesmo, na cadeira, mas nem isso consegue se permitir.

Logo abre os olhos.

— Não deu em nada a conversa. Stensson apenas riu da nossa pretensão. Acha que Jonathan Ludvigsson só diz disparates. Disse que eles nunca se encontraram. Stensson disse ainda que seríamos bem-vindos para verificar as listas de telefonemas e os *e-mails* — informou Zeke depois de desligar.

Malin esfrega os olhos novamente.

— Talvez Ludvigsson tenha inventado também essa ligação com Stensson. Ludvigsson tem tendência para a mitomania. Até onde sabemos, ele pode ter comprado as armas e os explosivos em qualquer outro lugar, completamente diferente.

— Pode ser — diz Zeke. — Por esse caminho também não vamos chegar a lugar nenhum.

— Eu vou descansar um pouco — diz Malin, ao se levantar da cadeira.

Sem desviar os olhos do seu teclado, Zeke responde:

— Eu resolvo aqui a papelada. Se acontecer alguma coisa, eu acordo você.

A pequena sala sem janelas está iluminada apenas por um pequeno abajur. Sven acaba de sair do cômodo, depois de também descansar um pouco. Malin sente um cheiro fraco deixado pela sua presença, o que lhe dá um pouco de tranquilidade.

Coloca do lado de fora da porta da sala o sinal de “ocupado”.

Deita-se no sofá bastante confortável, deixa o abajur aceso e que os pensamentos se soltem.

Janne. Já quase não penso nele. Para mim, praticamente não existe ou, pelo menos, não existe da mesma maneira de antes, mas ainda é alguém em quem posso me apoiar.

Ao vê-lo na praça depois da bomba, fiquei impressionada. Precisamos de gente como ele, pessoas como árvores sólidas que crescem e se agigantam nos piores momentos, que aparecem e avançam e, por meio da calma e da autoconfiança, mostram qual o caminho a seguir.

Será que ele vai encontrar alguma outra mulher com quem viver?

Como vou reagir a isso?

É melhor nem pensar. Acho que vou ficar louca, já sei. Ainda não cheguei a ponto de poder aceitar uma situação dessas.

Janne era como se fosse feito para tomar conta dos resíduos deixados pela explosão.

Imagine se o mundo inteiro explodisse.

E se surgir uma nova guerra de verdade? Se bem que a guerra continua em certas regiões, aos poucos, todos os dias. Ela sente isso como se tivesse perdido algum detalhe.

Os meus dias correm, pensa ela. E continuo a respirar. Respiro, respiro, mas onde estão meus sentimentos, minhas emoções? Onde eu me situo?

Peter Hamse.

Eu sinto alguma coisa por ele.

Quero ficar com ele, dentro de mim. Afinal, é uma coisa tão simples. Ou não?

Fica fria, Fors, o pior que pode acontecer agora é perder o foco.

Tove. O meu amor por ela vale tudo. E, ao mesmo tempo, nada.

Como posso pensar assim? O que há de errado comigo?

Guerra. Bombardeiros nos céus. Depois, seres humanos que ficam em salas pequenas, mal iluminadas, em apartamentos estreitos e apertados, onde ninguém quer morar. E ficam a construir bombas que vão fazer criancinhas em pedaços.

Como fomos parar aí?

Ela fecha os olhos. Sente sede.

A vontade de beber aquela branca e doce tequila já não consegue incomodá-la. Em compensação, não havia alguma coisa que eu teria de fazer hoje?

Alguma coisa devia acontecer. Alguma coisa importante. O quê? Não se lembra. Nem aguenta tentar se lembrar.

Acaba pensando em Zeke. A profunda masculinidade na sua voz, cheia de testosterona, de energia e de equilíbrio. É como se ele sempre conseguisse equilibrar a sua vida, acontecesse o que acontecesse.

Infidelidades.

O filho que se tornou um famoso jogador de hóquei sobre gelo e se mudou para o Canadá.

Um neto com quem raramente tem contato.

Uma esposa que é só isso, uma esposa com quem vive há muito tempo e que pretende conservar por força do hábito.

Mas Zeke permanece onde está, firme e livre, aparentemente. Feliz por completo com as escolhas feitas, sem hesitações reais.

Ele não pede mais nada? Não existe nada que excite a sua ganância? Oh, sim! Existe. Sexo com Karin. É isso o que ele quer mais. O que além disso?

Estou esquecendo alguma coisa?

Que horas são?

Olha no celular.

Quase dez.

Ela desliga a luz do abajur. Deixa o celular ligado. Sente como a escuridão da sala a envolve, tal qual um abraço muito esperado.

Duas. Às duas horas, hoje, devia acontecer alguma coisa, não?

Mas o quê?

Åke Fors segura uma xícara de café na cozinha do seu apartamento, na rua Barnhemsgatan. Acaba de falar pelo telefone com o seu corretor de imóveis em Tenerife. Inesperadamente, apareceu uma oferta pelo apartamento nas ilhas Canárias. Uma oferta não tão boa como havia esperado, mas, para os dias atuais, aceitável. Nós ou, corrigindo-se, eu tenho conhecidos que passaram anos sem receber qualquer oferta para os seus apartamentos e que foram obrigados a ficar na ilha, embora tivessem vontade de voltar para a Suécia.

Será que devo?, pensa ele.

Vender.

Quem sabe o que vai acontecer ainda hoje no inventário. Malin é capaz de enlouquecer. Vai querer se afastar de mim, de proibir que me encontre com Tove? Ele sabe que a filha espera há muito tempo para saber a verdade, que ela pressentia a existência de um segredo na sua vida e que já tinha lhe pedido, várias vezes, para revelar.

Mas a responsabilidade não era minha, pensa Åke Fors, ao bebericar mais um pouco de café e vendo as copas das árvores em frente da janela balançando ao vento. Essas copas verde-claras parecem acenar-lhe como se estivessem chamando a atenção para o fato de que, naquele mesmo dia, ia começar algo de novo.

Eu sempre senti a falta de Malin. De Tove. Mas não sinto a sua falta, Margaretha.

De qualquer forma, você conseguiu de mim o que queria.

Aceitei, cedi, neguei a Malin o direito de saber, de ser completa, não é verdade? E ela vai me odiar por isso.

Será que vou ser obrigado a fugir para a solidão do sol de Tenerife? Terei eu o direito, pelo menos, de pedir para acompanhar suas vidas?

Gostaria de saber se, ao menos, ela se lembra da reunião hoje, no escritório do advogado. Tenho de lhe telefonar. Åke Fors vai até o telefone, instalado na parede do *hall* de entrada, digita o número do celular da filha e aguarda.

Um sinal.

Apesar de Malin nunca ter morado naquele apartamento, ele consegue imaginá-la como uma menina de 6 anos a correr pela sala, passando por cima dos tapetes. Ela brinca sozinha com o seu

brinquedo preferido. Parece até, ela própria, uma boneca bonita com os cabelos louros esvoaçando pela cabeça, a pular e a gritar, a soltar muitas gargalhadas e risos, enquanto corre pela sala.

Então, ela para no *hall*. Bem na sua frente. Olha para ele, quer perguntar alguma coisa, mas parece não encontrar as palavras certas. Logo ela parte, a correr, novamente. Ele vê que ela procura por alguma coisa, febrilmente, na sala de estar. Levanta os tapetes, as almofadas do sofá, e diz: “Onde é que ela está? Onde é que ele está? Onde é que ele está?”.

Åke Fors quer avançar ao encontro da sua filha de 6 anos de idade. Quer ajudá-la. Ela diz:

— Onde está a mãe? Onde está a mãe?

Quer responder, mas sabe que nada do que vê realmente existe. É tudo criação da sua imaginação. É como a eletricidade, as recordações e os sonhos.

O celular toca várias vezes.

Sem resposta. Não atende.

Åke Fors desliga.

Deseja que tudo não seja tarde demais.

Ainda não tinha chegado a adormecer. Vê o número de telefone do pai no visor do celular, mas não aguenta atendê-lo.

No entanto, logo se lembra da reunião no escritório do advogado.

O inventário.

Hoje.

Ela esquecera completamente da reunião, mas ainda dá tempo para dormir um pouco e chegar na hora.

Tente dormir um pouco, Malin. Precisa descansar. Mesmo que não queira. Concentre-se. Ficar ativa o tempo todo não é a única maneira de sobreviver.

Malin.

Está dormindo na sala de descanso, com o celular ligado ao lado, mas ao que parece ninguém quer perturbá-la. Está deitada, Malin, e sente a falta da sua mãe, embora não entenda por quê, embora nem sequer note isso.

A nossa mãe não está aqui. Embora já devesse estar. E você não sabe ainda o que aconteceu com ela e talvez nunca saiba.

Talvez aquele homem que está retalhando o seu corpo sem vida, lá no hospital, não encontre nada de anormal na sua morte.

Tome muito cuidado, Malin.

Tove gosta de você. O seu pai gosta de você.

Não tenha medo do que vai acontecer. Tente, tente não ficar zangada. Tente não condenar as pessoas por aquilo que está fora do seu controle ou da sua compreensão: os seus sentimentos.

Bem lá no fundo, Malin, você está acima dessas pessoas.

Mas nós, nós estamos com medo. Por aqui, a solidão é muita. É escuro e frio. Aqui, onde nos encontramos, é um daqueles pesadelos que você teve quando era pequenina. Sonhava que estava sozinha no mundo, que não havia amor na sua vida.

Quando a sua mãe a deixou, ela ficou triste.

Pode acreditar.

Exatamente como aconteceu quando a nossa mãe nos deixou.

Agora, sabemos disso.

Ela já devia estar aqui conosco. Entre nós. Mas não está, nem o nosso pai. Nós gostaríamos que estivéssemos todos juntos novamente. Dormir, aconchegados uns aos outros, numa grande cama, com lençóis brancos, aqueles que servem para a gente se enfiar por baixo e fugir de tudo o que é sujeira e maldade.

A mãe das outras crianças mantém o isolamento. Mas talvez tente se mostrar para elas como nós fazemos com você, Malin. E se fizer isso, ela vai escutar a respiração delas, das crianças, das suas batidas na porta. Vai sentir o medo delas diante da maldade. O medo de sair de onde estão. Medo de nunca mais sair de onde estão.

O menino chora. A menina abraça-o e diz: "Não fique triste, não fique triste".

O toque monótono.

Está começando de novo.

Há que parar com esse maldito toque. Quero dormir. Quero ficar sozinha no escuro do meu ambiente.

O sono tem um final brutal. Ela abre os olhos e procura com a mão pelo seu celular no sofá.

Aqui está.

Por engano, pressiona o botão errado e rejeita a chamada. Mas, antes mesmo de chegar a acender a luz do abajur, o celular toca de novo.

Não reconhece o número.

Afinal, que horas são? Dormi por quanto tempo? Droga!

Ela se senta, atende:

— Malin Fors.

— Ah, sim, o meu nome é Johan Strandkvist, sou advogado. Nós estamos à sua espera aqui no meu escritório. Já são duas e dez. Marcamos uma reunião que devia ter começado às duas horas. Quero saber apenas se você...

— Já estou a caminho — diz Malin. E desliga.

Tenho que deixar esta reunião de inventário para trás. Não deve demorar mais de meia hora.

E ficará tudo resolvido.

Não tenho mais tempo, nem paciência, para novas preocupações.

29

Ela dirige depressa demais.

Ainda não acordou totalmente, mas, por estranho que pareça, a sua mente está bem desperta.

Pisa ainda mais no acelerador.

A rua Djurgårdsgatan está fechada por causa de trabalhos na pista.

O carro passa rápido pela esquina do cemitério da igreja mais antiga onde começam a surgir as primeiras folhas verdes nas árvores cheias de brotos. Junto a um dos túmulos, vê-se uma mulher colocando um grande ramo de flores na lápide. Ao longe, parecem ser rosas brancas e vermelhas.

Malin pensa na investigação.

Tem certeza de que Jonathan Ludvigsson está dizendo a verdade. É — e vai continuar a ser — um ativista desgarrado, mas jamais um assassino. A Frente Libertária Econômica é uma invenção sua. Ele é uma dessas pessoas que poderiam cruzar toda a Europa, em todos os sentidos, para protestar e exigir a estatização dos bancos e atirar na nuca de todos os seus diretores gananciosos.

E as armas? E os explosivos no *trailer*?

Sonhos românticos e revolucionários.

Como os dos anarquistas italianos nos Estados Unidos, no início do século passado.

Mas ela está convencida de que Jonathan Ludvigsson nunca usou uma arma. Foi preso a tempo. Mas quem é, então, o homem da bicicleta? De onde veio? Quais são os seus motivos?

Malin é obrigada a parar diante do sinal vermelho num cruzamento perto do quartel dos bombeiros. Outro carro para também, ao seu lado.

Uma família com crianças. O pai ao volante, a mãe atrás com as duas crianças.

Verde.

Malin pisa no acelerador novamente. Mas ouve um enorme estrondo, de ensurdecer. Ela se encolhe atrás do volante, sente uma contração no estômago e pensa se tratar de mais uma bomba, mas não vê fumaça nenhuma e logo se restabelece o silêncio.

A que distância?

Que tipo de explosão foi essa? Quem? Terão sido atirados pedaços de corpos pelos ares?

Ela para novamente. O carro com a família logo a seguir freia a seu lado. As crianças gritam no assento traseiro e a mulher tenta acalmá-las.

Ao volante, o pai começa a rir. Aponta para a frente e ri.

Cinquenta metros à frente, em um ponto de ônibus diante de um prédio para estacionamento de carros, um ônibus todo inclinado para o lado como se fosse um barco empurrado por um tufão.

O motorista desceu do veículo e foi inspecionar o pneu da frente, todo estourado, sem ar. Segundos antes, tinha explodido.

Malin abre a porta do escritório do advogado Johan Strandkvist, depois de ter batido e esperado por um aviso para entrar que não veio.

Continuava sonolenta. Era como se estivesse mal de novo.

O advogado, com uns 40 anos de idade e cabelos compridos, encaracolados na altura do ombro, veste um casaco esportivo e uma camisa escarlate, bem chamativa. O rosto, inchado pela bebida, está cheio de rugas profundas. Malin acha que ele deve ter festejado muito na noite anterior e que aquela reunião seria para ele apenas rotina. Uma reunião que precisa realizar e resolver. E é assim que eu penso também. Tudo deve ser resolvido o mais rápido possível. E vamos em frente. Juridicamente falando, não existe nada para discutir. O pai deve ficar com tudo. E, mais tarde, sou eu quem vai herdar tudo o que ele deixar.

Mas não foram apenas as rugas que lhe fizeram pressentir problemas. Havia também no rosto do advogado certa tensão, parecendo até que, acima de tudo, queria mesmo era fugir da sala. Talvez, afinal, não seja uma reunião tão rotineira, pensa Malin, que olha para o pai. Ele está sentado numa poltrona encostada a uma longa parede coberta por uma estante cheia de livros jurídicos, prontos para serem usados.

O pai ainda não olhou para mim.

De costas eretas, ele desvia o olhar do jeito que a mãe costumava fazer.

Ele olha para o advogado. Ou estará a olhar através da janela para o céu azul, sem nuvens, desta bonita tarde primaveril? Será que ele pensa nas cinzas da mãe e tem de decidir onde espalhá-las?

Malin sabe para onde ele está olhando.

Ela reconhece isso agora, assim que entrou na sala e olhou em volta. Numa fração de segundo, notou algo de imprevisível, uma cena que nem sequer dava para tentar entender. Afinal, quem é essa mulher de uns sessenta e tantos anos sentada numa outra poltrona, olhando para mim e sorrindo, um sorriso ao mesmo tempo amistoso, estranho e protocolar?

Malin entra na sala e estende a mão na direção da mulher sentada, reconhecendo que a situação exigia delicadeza e respeito. Diz:

— Malin Fors. E a senhora?

— Sente-se, por favor — diz o advogado. — Seja bem-vinda.

— Sente-se, por favor — diz o pai. Mas ela não quer se sentar, nem quer que lhe digam o que deve fazer. A senhora, porém, acena com a cabeça e olha-a de uma maneira que parecia querer dizer: “Vai ficar tudo bem, mas é melhor você se sentar”. Malin reconhece, então, aquele olhar, o mesmo que ela costuma usar quando é obrigada a informar a morte de alguém para os seus familiares ou levar más notícias para as pessoas.

Ela se senta.

Deixa que sua bunda seja maltratada pela cadeira estilo Windsor que está entre as duas poltronas. Olha para o pai, que insiste em não encará-la. Seus ombros estão descaídos, sob o peso da vergonha e de um segredo que, injustamente, permaneceu em sigilo por tempo demais.

O advogado.

Ele morde os lábios, o que para Malin significa que está de ressaca. Ela conhece bem a situação, sabe o quanto ele precisa se esforçar para assumir o comando, dominar o momento, como se espera que faça.

Uma tequila, pensa ela.

O que eu não daria por uma tequila neste momento. Mas logo pressiona a unha do indicador com toda a força contra o polegar. E, então, a imagem dele aparece, a de um rapaz sem rosto com quem ela sonhou durante tanto tempo, tantas vezes, durante tantos anos. A imagem de um rapaz por quem ela procurou, talvez, sem saber ao certo o que procurava. É a minha mãe, a minha mãe verdadeira que está sentada na poltrona? Foi por isso que você nunca ligou para mim, mãe? Foi por isso que você sempre virava as costas para mim, sempre que eu procurava o seu amor?

Mas não pode ser. As coisas não se encaixam.

Mamãe. Eu vi as suas fotografias grávida de mim. De quando me empurrava no carrinho de bebê. Quem é essa mulher? O que está fazendo aqui?

— Quem é a senhora?

Malin nota que foi agressiva, uma agressividade na voz que não queria demonstrar. Mas sinto-me ameaçada. Talvez esteja sendo agredida no mais íntimo do meu ser. Estou no escuro, não sei como fazer. Reagir.

Não é verdade?

É assim que se faz.

— Esta senhora é Britta Ekholm, do Hospital de Norrgården, da cidade de Sjöplogen, província de Hälsingland, no norte do país.

A mulher confirma com um aceno.

Malin responde ao cumprimento, mas logo se vira para o pai e pergunta:

— O que ela está fazendo aqui? Quem é ela?

Tove está sentada no jardim da casa do seu pai, Janne. Espera ganhar um pouco de cor, um pouco de bronzeado, antes do encerramento das aulas.

Mãe.

Eu te amo, mãe, mesmo fazendo muitas besteiras. Mas acho que, acima de tudo, precisa ter alguém a quem abraçar, alguém que goste de você por ser quem é e como é.

Às vezes, tenho a sensação de que não vai conseguir, que vai deixar a escuridão dominá-la, voltar a beber e entrar em depressão. Tenho a sensação de que espera apenas um bom motivo para beber toda a tequila do mundo.

Eu já vi isso acontecer com alguns dos rapazes do curso secundário.

Eles bebem até não poder mais, exatamente como você fazia.

Como se não houvesse o dia de amanhã, como se existisse nos seus próprios genes a origem da sua autodestruição.

Eu te amo, mãe, quero que saiba disso. Eu jamais vou abandoná-la.

Mesmo que eu mude para outro lugar ou viaje para longe.

Janne observa Tove, que está de cabeça virada para o sol e o corpo jogado na cadeira de plástico.

Janne está em uma escada, no meio da pequena plantação de macieiras que adornam o terreno da casa. Está podando as árvores. Sabe que devia contratar um jardineiro para conseguir maçãs de boa qualidade, mas quem é que tem dinheiro para contratar um bom profissional e deixar que ele faça o serviço?

Tove.

É como se ela tivesse encarnado o melhor de nós dois.

A inteligência e persistência de Malin.

A minha calma, mas não a minha inquietação. Também não herdou a minha inaptidão para assumir responsabilidades. A vontade de virar as costas e fugir assim que a situação começa a esquentar, de uma maneira ou de outra, nos relacionamentos.

Ela vai se dar bem na vida. Está preparada para chegar aonde nós dois não chegamos, nem vamos chegar. Tenho certeza disso. Eu e Malin não somos pessoas de grande visão. Talvez sejamos bons naquilo que fazemos. Talvez até muito bons, mas ficamos por isso mesmo.

Alguns ramos grandes caem no chão.

A grama, por baixo, está verde-clara, depois dos últimos dias de sol e na falta de uma boa dose de calor e de umidade para lhe dar mais vida.

Nós não vamos deixar para trás muitas saudades.

A sua mãe, Malin, também não deixou saudades. Não conseguiu sequer demonstrar amor pela filha, nunca assumiu sequer essa responsabilidade. Mas, em relação a Tove, isso nós sempre fizemos, embora eu saiba que, por vezes, a nossa filha se convenceu de que nós não a amávamos o suficiente, que não demonstrávamos todo o amor que sentíamos por ela. Que nós, de certa forma, estragamos a situação com nossa falta de firmeza, com nossa incapacidade em manter aceso entre nós o amor familiar.

Mas ela vai conseguir tudo isso.

Ela é mais forte do que nós conseguimos ou vamos conseguir ser.

Janne deixa cair a máquina de podar.

Porra, pensa ele.

Desce da escada.

Ajoelha-se na grama, no meio do jardim. Mentalmente, revê o rosto da mulher com quem está saindo. A outra. Não consegue imaginar como Malin vai reagir quando souber, oficialmente, do que está acontecendo. Tove não sabe de nada, nem sequer desconfia disso. Está toda ocupada com os seus próprios problemas e fica totalmente cega diante do que a cerca, como só os adolescentes conseguem ficar.

A máquina volta para as suas mãos.

Talvez esteja na hora de oficializar a relação.

Malin.

Talvez essa seja a única maneira de cortar o laço que ainda nos une, o laço do amor adulto que nós continuamos tendo.

Esse laço, porém, tem que ser cortado. Só ficaremos unidos para sempre por meio de Tove.

Ela é nós dois, ela absorveu o melhor de nós, ela é o ser humano que nos completa.

30

Estamos vendo você, Malin, no escritório do advogado. Vai saber de uma coisa agora. Está perturbada e com medo. Sente que vai explodir, que todos os seus sentimentos vão se dispersar em todas as direções da sala em que vocês estão.

O advogado apresentou a mulher.

Ela lhe pediu para ser ela a dizer quem é. Calma, Malin, ela não é sua mãe.

Acalme-se.

Ela vai assumir a palavra agora. E ainda que você possa sentir o mundo todo estremecer, é bom que saiba que esta é uma possibilidade que ela traz, um presente, talvez o mais bonito presente de todos.

Malin respira fundo, sente como as narinas se expandem em contrações nervosas. Ao mesmo tempo, olha para o quadro, é uma pintura ou uma fotografia atrás do advogado?

Ela reconhece a imagem. Mas não consegue se lembrar de onde. O quadro é uma fotografia com pessoas em uma rede de jardim, mas há apenas silhuetas que querem fugir de suas vidas. Esse quadro não estava pendurado no Castelo de Skogså? Aquele castelo em que encontraram morto no fosso um desses novos-ricos da área de informática?

Malin quer se lembrar do quadro, mas o ambiente na sala chama-a de volta ao presente.

Papai.

Ele não disse nem uma palavra. É como se a alma da mãe flutuasse na sala e o obrigasse a ser aquele fraco que tantas vezes ele foi na presença dela.

Ela sente: o pai não controla mais a situação. Agora, todo o drama, escrito e dirigido por outro poder, vai ser representado até o final.

A mulher, Britta Ekholm, está em frente de Malin, olha bem nos olhos dela e começa a falar:

— Como o advogado Strandkvist acabou de dizer, o meu nome é Britta Ekholm. Há mais de trinta anos trabalho no Hospital de Norrgården, na província de Hälsingland, no norte do país. Nos últimos quinze anos, sou diretora da instituição. No Hospital de Norrgården, não existem idosos. Nós acolhemos, principalmente, crianças cujos pais não conseguem cuidar bem delas, crianças que nasceram ou que, bem cedo, foram consideradas deficientes. Algumas delas já estão há muitos anos no nosso hospital, que, por isso mesmo, se tornou o seu lar.

Um inferno.

Malin já suspeita aonde aquela conversa vai chegar. Não quer ouvir mais nada. Ou quer? A voz da mulher. A voz suave de uma

contadora de histórias:

— Durante mais de trinta anos tenho desempenhado o papel de madrinha de Stefan Malmå.

Malmå.

Ela gostaria de voltar-se para o pai, mas não consegue. Quer gritar: “Afinal, do que se trata? O que vocês fizeram? O que você fez?”. Mas continua em silêncio. Deixa que Britta Ekholm continue.

Malmå.

O nome de solteira da mãe. E o resto da história contada pela mulher e pelo advogado é uma expiração. Como se alguém tivesse segurado o ar inspirado por Malin durante toda a sua vida e, só agora, finalmente, tivesse soltado a pressão e deixado que ela expirasse e respirasse de novo.

O que vem depois?

Vem a indescritível raiva. A sensação de ter sido traída. Roubada. Tiraram-lhe algo importante. Algo que, durante toda a vida, fez com que se sentisse pela metade.

Daí a vontade de vingança.

— No nosso lar, mora Stefan Malmå. Ele tem 31 anos e uma deficiência grave. Está morando conosco desde sempre. Chegou semanas depois de ter nascido. Estou aqui para zelar pelos interesses dele no inventário após a morte da sua mãe.

O advogado limpa a voz, estica o pescoço e parece até que a ressaca já passou, mas a sua tentativa de se mostrar autoritário, ao comandar a reunião, falhou por completo. Na realidade, sua atitude foi ridícula.

Britta Ekholm fica em silêncio, enquanto Johan Strandkvist prossegue:

— No meu trabalho como inventariante, surgiu um segundo herdeiro de acordo com o livro de nascimentos. Quer dizer, Malin, que a sua mãe teve um filho que ela abandonou desde o nascimento, mas que, agora, terá direito a metade da herança, assim que, pela ordem, seu pai falecer. Entretanto, do ponto de vista jurídico, é preciso que a situação fique esclarecida desde já para assegurar os direitos de todos os descendentes. Devo salientar que tudo isso surgiu como uma surpresa para mim e que fui eu quem encontrou a informação pertinente.

Pai.

Você devia saber.

Malin fecha os olhos, respira de maneira ofegante e, depois, diz:

— Portanto, esse tal de Stefan Malmå é meu irmão, não é?

— Ele é seu irmão — confirma Britta Ekholm.

Um rosto, um rosto sem expressão, uma máscara que se transforma no rosto de uma pessoa.

— Seu meio-irmão — corrige Britta Ekholm.

— Quer dizer que eu tenho um irmão mais novo?

Pai. Malin não consegue ver o seu olhar. Será que procura uma desculpa? Está triste? Com vergonha? Afundou-se ainda mais na poltrona? Os ombros pressionados para baixo por forças invisíveis?

— A sua mãe, durante todos esses anos, não quis manter qualquer contato conosco — diz a mulher. — Telefonei várias vezes, mas ela ficou zangada, aborrecida, dizendo que era para deixarmos a sua família em paz.

Mãe?

Pai? E você?

Era como se ele não estivesse na sala. Como se o advogado e a mulher do asilo já tivessem esquecido a presença dele.

Um irmão? Um meio-irmão. Pai, você não é o pai dele? E eu, por que nunca me disseram que ele existia? Devia ser uma escolha minha, afinal, conhecer ou não o meu meio-irmão, não é verdade? Ela se levanta, olha para o pai. Depois, vira-se para a mulher estranha e grita:

— Por que você não entrou em contato comigo? Se ele esteve no asilo durante toda a minha vida, você podia ter me procurado. Talvez eu quisesse me encontrar com o meu meio-irmão.

Malin sabe que a sua raiva devia ser dirigida contra o pai, mas não quer colocá-lo contra a parede, exigindo uma explicação.

— Nós ficamos com a impressão de que a família toda queria ser deixada em paz. Sua mãe salientava isso todas as vezes. A nossa missão era a de cuidar de Stefan o melhor possível.

Registros de nascimentos, pensa Malin, deixando-se cair de novo na cadeira. Se eu tivesse verificado os registros da minha família ao menos uma única vez, teria conhecimento dessa situação há muito tempo.

A clareza.

E a irrealidade. Ela vê diante de si um garoto magro e pequeno, deitado, sozinho, embaixo de um cobertor amarelo de hospital em uma cama, a um canto de uma sala escura, marcado pelo fato de que ninguém, carne da sua carne, sangue do seu sangue, queria ter qualquer ligação com ele, por mínima que fosse.

Um quarto sem amor.

Malin levanta-se novamente. Grita:

— E você? Você não é o pai dele? Ela falou meio-irmão.

O pai olha fixamente para o chão.

O advogado diz, com uma voz que parecia resumir os procedimentos de uma reunião de qualquer empresa:

— Seu pai não é o pai do rapaz. O pai dele era um vendedor viajante que vendia material de escritório e que ela conheceu enquanto trabalhava na empresa Saab.

O pai fez um aceno lento de cabeça, confirmando a história.

— Ela teve um encontro com esse homem no Grande Hotel. Ele, o pai de Stefan Malmå, faleceu alguns meses depois num acidente de carro. Quando sua mãe percebeu que estava grávida, já era tarde para realizar um aborto. Ela negou a situação por muito tempo. Até que viajou, afastou-se de você e do seu pai, a fim de esconder a gravidez dos seus conhecidos. Ela deu à luz Stefan em Hälsingland e pensou em abandoná-lo para adoção. Pelo que pude entender, não queria nenhum escândalo ou afetar o casamento com o nascimento de uma criança bastarda. No entanto, verificou-se que a criança era deficiente e, portanto, a adoção se tornou impossível. O serviço social entrou em ação, arranjou lugar no asilo, e Britta Ekholm como madrinha.

— E assim se passaram os anos — diz Britta Ekholm.

Antes de continuar, respira fundo, calmamente. Olha para Malin como se quisesse acalmá-la.

Os pensamentos voam na cabeça de Malin. Foi você, pai, que se recusou a receber a criança? Ou foi ela? Certamente, foi a mãe que, a qualquer preço, quis salvar a sua maldita aparência.

— É bom que você saiba que Stefan é um rapaz especial. Você devia se encontrar com ele. Tenho certeza de que ele gostaria de se encontrar com você. — E não há sombra de rancor na voz da mulher, nem de censura. Apenas a esperança de que aconteça alguma coisa de novo. Talvez o fim da solidão de Stefan. Malin

sente as lágrimas saindo de seus olhos. Dá dois passos na direção do pai e começa a bater nele, dá vários tapas no seu rosto. Repete os tapas, sem falar, sem gritar. Ele nem sequer tenta se desviar. Aceita tudo como castigo.

Depois, ela sente que foi abraçada, contida pelos braços do advogado e da mulher do asilo. Malin sabe que tem que se conformar com a situação, mas não faz a mínima ideia de qual decisão tomar. Só pensa em visitar o meio-irmão, agora, agora.

Tenho que ver o meu irmão e abraçá-lo. Mostrar-lhe que eu existo, antes que seja tarde demais. Afinal, ninguém sabe o que este maldito mundo pode fazer contra nós, nem o que vai fazer de nós.

Malin solta-se dos braços que a seguravam. Vira-se para a porta de saída.

Quer bater ainda mais.

Mas seu corpo não aguenta. Não agora.

— Cretino! — grita ela para o pai.

Ele baixa a cabeça sobre o peito.

— Um cretino desgraçado é o que você é. Sabia o tempo todo, não? Escondeu a verdade de mim. Que covardia! E, por isso, eu te odeio. Foi você que se recusou a recebê-lo? Foi isso? Talvez tenha sido você quem obrigou a mãe a abandoná-lo? Quem é você, afinal? Nunca mais se aproxime de nós, ouviu? — grita ela. — Nem sequer pense em me telefonar, ou para Tove, ou ainda para qualquer outra pessoa que tiver acesso a nós. Pode ter a certeza de que irei procurar você e matá-lo. Entendeu?

— Malin, eu...

— Cale essa boca!

— Malin...

— Nem mais uma palavra.

Ela abre a porta, mas quer que a mulher lhe diga para esperar. Há tanta coisa que ela ainda não sabe. E tem que saber.

— Cretino, desgraçado! — grita ela, mais uma vez, na direção do pai. — Nem para o advogado você contou nada a este respeito, não é verdade? Achou que tudo isso seria esquecido?

Ela quer partir para Hälsingland. Para o asilo.

Será que a mulher não pode convidá-la para ir junto? Para a mais escura de todas as florestas, para um quarto que espera ficar mais iluminado com a sua presença?

Mas ninguém lhe oferece nada. As três pessoas na sala do advogado estão em silêncio, não têm mais nada a acrescentar. Malin nota como a mulher está embaraçada. Como demonstra desprezo ao olhar para o pai de Malin. Åke Fors permanece em silêncio, como se a vergonha tivesse costurado os seus lábios.

Malin acaba por fechar a porta de novo.

Com uma batida forte e curta.

Respira fundo.

E tenta imaginar:

Maldição! O que vai acontecer agora?

31

Malin, Malin.

Corre, desesperada, pela praça da Associação de Jardinagem. Cuidado, todo o cuidado é pouco. Não é verdade?

Para onde quer ir, Malin? Para onde? Acha que pode fugir?

Dedique-se a nós, Malin. Não ligue para mais nada. Nós somos aquelas meninas despedaçadas pela explosão. De muitas maneiras, somos iguais a você. Muito mais iguais do que pode pensar. Também as outras crianças, as que estão presas, fechadas num cubículo, sem amor, sem a possibilidade de sair de lá.

Malin para no meio da praça.

Inclina-se para a frente.

Apoia as mãos nas coxas e segura uma vontade de vomitar, enquanto sente o coração batendo com estrondo por dentro das costelas.

Ela inspira a sua própria raiva e, com isso, o ar frio primaveril. E depois endireita-se de novo.

As esplanadas da praça estão meio cheias, com pessoas a beber café ou cerveja sob o sol da primavera. Talvez o medo da explosão

de uma nova bomba esteja se diluindo. Mas eu não teria tanta certeza, pensa ela.

O maldito advogado.

E a mulher. Como é mesmo o nome dela? Tenho de voltar a falar com ela. Malin tenta ignorar a imagem do pai, de cabeça baixa.

Tove.

A sua mãe tem um irmão mais novo.

E você, um tio.

Vamos visitá-lo? Vamos juntas entrar no coração da floresta para encontrá-lo?

Seu avô por parte de mãe, esse, não vamos encontrar nunca mais. Não existe.

Não.

Eu digo não.

Eu não aceito o que se passou.

Ela sente que tem de pôr tudo, absolutamente tudo, de lado e focar toda a sua atenção no caso a investigar, para não ficar doida. Mas como vai ser, qual pista seguir?

Dentro em pouco, já devem estar à minha espera no departamento. Como é que vou aguentar chegar lá? O *pub* Hamlet deve estar aberto e, a esta hora, quase certamente, vazio. Gostaria de ir para lá agora e beber, beber, beber, até esquecer tudo. E nunca mais voltar a esta situação.

Preciso de alguma coisa.

Daniel Högfeldt.

Quem sabe, talvez ele esteja em casa a esta hora. São apenas três minutos até chegar ao seu apartamento. Posso ir a pé. Vou mesmo. Preciso de qualquer coisa. E ela começa a avançar pela praça. As laboriosas pessoas que habitam a cidade de Linköping

andam ao seu lado e na direção oposta. Para ela, são apenas contornos escuros, com os olhos a brilhar como se fossem estrelas. Olhos que expelem raios, que atingem o seu corpo e o tornam instável, de uma maneira como nunca esteve antes.

O rapaz. Ou o homem, o meu irmão mais novo. Na sua cama. Deficiente. Abandonado. Será que ele fala? Ainda não tem rosto. Será que ele vai aprender a dizer o meu nome? Entender que eu existo? Ele já sabe que eu existo?

Malin segue pela Drottninggatan e tenta avançar sob a luz do sol da tarde.

O relógio por cima do cartaz do McDonald's marca três horas e quinze minutos.

Daniel mora no número 2 e ela ainda se lembra da senha para abrir o portão de entrada. Digita o número e o portão abre-se.

Ele mora no terceiro dos quatro andares do prédio. Quando chega lá em cima, está sem fôlego. Toca a campainha. Sente o cheiro forte de um produto de limpeza. Alguém deve ter limpado a escada, adivinhando a sua chegada.

Ela ouve alguém atrás da porta.

Vozes.

A voz de Daniel.

Ela sente como todo o seu desejo, toda a sua fome de clareza, se concentram entre as pernas. Para não falar daquela sensação de descansar, novamente, nos seus braços. Ela toca a campainha mais uma vez, quer que ele abra a porta para que ambos corram para o quarto e para uma satisfação mútua. A corrente de segurança é retirada, ela escuta o ruído, o trinco corre e ele abre a porta.

Nu. Tem na mão, apenas, uma camisa azul que mantém diante do sexo.

— Malin — diz ele. — O que está fazendo aqui?

— Estava passando por perto — reage ela. — E há muito tempo que a gente não se via.

Em seguida, ela ouve uma voz, uma voz feminina que lhe parece conhecida. Sim, ela reconhece a voz, escuta-a com frequência. A voz é, também, de alguém que acaba de passar por um orgasmo, feliz e irritada, e confiante, tudo ao mesmo tempo.

— Daniel, quem é que está aí? Feche a porta e venha para cá.

Malin sabe de quem é a voz.

A locutora do rádio. Minha amiga.

Helen Aneman. Estavam fazendo amor. Como é que ela pôde? Vou matá-la agora mesmo.

Calma aí, calma.

Daniel sorri para Malin.

Ela reúne uma porção maior de saliva na boca e pressiona-a pelos lábios e cospe, acertando em cheio no olho dele. Daniel fica espantado e, ao mesmo tempo, parece inocente, como se, de fato, o fosse. Como se, de fato, aqueles outros lábios lá dentro em que ele penetrou há pouco, também fossem inocentes.

— O que está fazendo, Malin? Está doida?

Ela cospe de novo e ele grita:

— Você nunca se interessou por mim de verdade. E já faz um tempão que esteve aqui e me usou como pau para a sua satisfação. Portanto, chegou a sua hora de sair daqui e ir para o inferno, para não falar de outro lugar muito pior...

Helen aparece atrás de Daniel.

O cabelo louro está desarrumado. Ela olha para Malin como se fosse a primeira vez que tivesse visto um ser humano.

— Vá para o inferno, Malin! — repete Daniel, enquanto Helen pega no seu braço, mas não o detém.

Essas palavras atingem Malin como se fossem um vendaval. É isso que ela acha, ao descer as escadas do prédio, ao fugir dali e chegar à rua.

O sol já se escondeu atrás das árvores da Associação de Jardinagem. Ela continua a andar, apressada, pelo parque. Encontra um banco debaixo de uma cerejeira japonesa toda florida. Senta-se, acha que as flores cor-de-rosa da cerejeira, tão pequenas, tão vibrantes, marcam-na com seu desprezo. Depois concentra-se, liga o celular.

— Por favor, gostaria de ter o número de telefone de Peter Hamse, em Linköping.

— Tenho aqui um número de celular. Posso acoplar para você mandar uma mensagem SMS, está bem?

— Faça ambas as coisas, dê-me o número e ligue-me para eu mandar uma mensagem. — É a mensagem que Malin escreve e está disposta a mandar, uma mensagem cheia de desejo, uma verdadeira boia de salvação.

Logo a seguir ela fica cheia de medo.

Cheia de medo diante de todas as outras pessoas.

Não quer falar nunca mais com ninguém e, então, apaga a mensagem. Guarda o celular no bolso do casaco e toma o caminho do carro, que ela estacionou na praça da antiga estação rodoviária.

No momento em que saía do parque, pelo portão de ferro, toca o celular.

Deve ser ele. Com certeza, viu que eu liguei. Está para aceitar a chamada. Aceita mesmo sem ver quem é que telefonou.

— Malin.

— Aqui é Britta Ekholm. Nós nos encontramos ainda há pouco...

Não.

Não aguento. Mas tenho mil perguntas a lhe fazer.

— Pensei que talvez queira saber mais sobre o seu irmão? Eu compreendo muito bem a sua reação diante da notícia.

Malin continua andando, passa pelo portão e acompanha o trânsito intenso da Drottninggatan. Vê ao longe o seu carro no estacionamento.

— Será que eu quero mesmo?

— Ele está mal — diz Britta Ekholm. — Está quase completamente cego. Também mentalmente perturbado. Mas ainda dá para conversar com ele. Tem uma maneira especial de se expressar. E é muito amoroso.

A mente racional de Malin fica ligada, da mesma forma instintiva com que ela agrediu antes o pai.

— Ele consegue andar?

— Não, a sua capacidade motora ficou seriamente danificada ao nascer. Mas você vai gostar dele, estou certa disso.

Em seguida, Britta Ekholm conta tudo a respeito de Sjöplogen, a província onde o hospital está situado, o que faz com que Malin possa imaginar uma mansão branca, enorme, com muitas janelas e muitos deficientes mentais de cabelos espetados gritando para as pessoas que passam embaixo. Mas não são pessoas que metem medo, antes loucos felizes, os que ela vê na sua imaginação.

— Gostaria de pedir desculpas — diz Britta Ekholm a seguir. — Por nunca ter tentado entrar em contato com você. Confiei no que a sua mãe me dizia, que ninguém na família queria ter qualquer relacionamento com Stefan.

— Acho que você fez o certo. A sua missão era tratar bem dele, fazer o que fosse melhor para ele. Portanto, por que insistir na possibilidade de ele entrar em contato com pessoas que diziam não querer ter nada a ver com ele?

— É verdade. Mas vi a sua fotografia uma vez no jornal — diz Britta Ekholm. — Naquele momento ainda pensei em lhe telefonar. Tive a sensação de que você era uma pessoa que poderia assumir essa espécie de responsabilidade.

— Que responsabilidade?

— A responsabilidade do amor — diz Britta Ekholm.

Malin introduz a chave na ignição e sai do estacionamento. Sai também da cidade e dali a pouco o automóvel cruza a planície aberta da província de Östgötaland e segue ao longo de um horizonte enevoado, marcado por árvores escuras que já escondem, também, pela metade, o sol poente. Ela deixa as mãos descansar no volante. O trajeto é longo, o caminho da província de Hälsingland e da cidade de Sjöplogen.

Tanta solidão.

Tão pouco tempo.

Tantas dezenas de quilômetros a percorrer. Começa a cair no para-brisa uma chuva leve, primaveril. Ela olha para o lado e vê a planície se abrindo para os pingos de chuva, disposta a receber a umidade como um presente dos céus e nova possibilidade de vida.

As gotas de chuva são como diamantes.

Ela fecha os olhos por um momento, deixa de ver os carros que avançam em sentido contrário e espera que nada vá acontecer. E, nesse momento, ouve umas vozes que ela reconhece, mas não

quer escutar. Quer gritar, suplantar as vozes, acha que tem de fazer o que deve. Não tenho tempo para salvar os outros. É preciso que entendam isso. Deixem-me em paz. Deixem-me fazer agora o que devo. Agora, agora, agora!

Ela abre os olhos de novo.

E segue em frente.

Malin, agora, escute bem o que temos a dizer.

Não se trata apenas de nós. Para nós, a esperança já não existe mais.

Mas é você que pode nos dar os nossos pais de volta. Somos pequenas demais para ficarmos aqui sozinhas, pequenas demais para sermos abandonadas pela nossa mãe e pelo nosso pai. Exatamente como acontece com o menino e a menina que são crianças, também, muito pequenas. E estão presas. Para elas ainda não é tarde demais.

Portanto, escute bem, Malin.

Pare o carro.

Dê meia-volta.

Você tem de encontrar as crianças presas. Nós temos inveja delas. Queremos ter tudo o que elas têm, mas já sabemos que nunca conseguiremos.

Mas ninguém precisa passar por tanto medo como elas. Nunca.

Os lagartos gigantes na casa longa e branca querem morder as suas pernas.

Não pode viajar agora, Malin.

Não para onde está a caminho. O seu irmão precisa de você, sim. Mas as duas crianças presas precisam ainda mais. Ele está

sozinho, mas as crianças, além de sozinhas, estão cheias de medo. Ele, pelo menos, não está com medo, Malin.

32

Um sussurro no carro. Ela acha que alguém disse para não ir. Não vá agora. A viagem pode esperar. Primeiro, é preciso encontrar o assassino das meninas.

Ela mudou de curso, já percorrida uma centena de quilômetros. Está estacionando diante do edifício da polícia de Linköping. A tarde já está bem avançada e começaram a chegar nuvens do norte e, com elas, um novo tipo de frio na atmosfera.

O calor da primavera é sempre instável. Traiçoeiro. Como esse acontecimento na história da cidade.

Ela respira fundo.

Endurece a postura.

Apaga todos os pensamentos relativos ao que aconteceu durante o dia. Vai dedicar todas as suas forças à investigação, ao trabalho que esperam que ela realize. Está disposta a utilizar o trabalho como uma espécie de grande copo de tequila. Vai ficar bêbada de tanto trabalhar. E nada vai se intrometer nesse trabalho.

Nada de pensar no pai ou na mãe ou, ainda, no irmão mais novo. O caso é fingir que a mulher no escritório do advogado nunca

existiu. E o que ela contou não conta. O tempo vai passar. E, como você dizia, mãe, a negação dos fatos acaba por prevalecer.

A imprensa está na entrada, formando uma pequena multidão. Instintivamente, ela pensa em entrar pelo tribunal e chegar ao escritório pelos túneis subterrâneos. Acha que deviam erguer uma tenda para o pessoal dos jornais, da rádio e da televisão. Deixar que alguém vendesse café para todos. Afinal, vão ficar por aí ainda por muito tempo, caso nós não cheguemos a uma conclusão rapidamente.

Enfim, bate a porta do carro.

Avança em direção à multidão de jornalistas que logo notam a sua aproximação. Não se interessam por ela, pois estão concentrados no que acontece na recepção do departamento de polícia.

Ela tem de usar a força para chegar à frente.

Nada de Daniel Högfeldt, é claro. Ele está deitado na cama ao lado ou em cima de Helen Aneman.

Idiota.

Mas por que fiquei tão zangada? Afinal, ele pode fazer muito bem o que quiser. Eu jamais o deixei entrar na minha vida e não tenho o direito de exigir nada dele. Nem de Helen. Há muitos anos que nós duas não convivemos nem um pouco. Ela nem poderia saber que eu e Daniel tivemos um caso.

As portas de entrada para o edifício da polícia abrem-se para o lado, automaticamente.

Junto da recepção, estão três rapazes com *dreadlocks* e capas, escoltados por três policiais fardados. Estão de costas, assinando uma papelada qualquer, quando da porta que dá para o grande salão do departamento sai Sven Sjöman, que logo se dirige a Malin com um olhar de cansaço e de desconsolo.

— Que bom que já voltou — diz ele. Enquanto isso, os rapazes de *dreadlocks* se dirigem à saída e Malin, então, reconhece-os como sendo os amigos de Jonathan Ludvigsson, ou melhor, os três companheiros da festa no *trailer* de Ludvigsson, perto de Klockrike.

Estão fazendo caretas para mim. Estão mesmo ou sou eu que estou imaginando coisas?

— Hoje foi um inferno, um dia para esquecer! — diz Malin.

— Mas agora já está de volta. É isso que interessa — responde Sven, que acrescenta: — Fomos obrigados a soltar todos os rapazes, menos o Ludvigsson. O promotor não encontrou nenhuma prova substancial para mantê-los na cadeia, nem como medida preventiva. E, de fato, não apuramos nada que mostrasse que eles estivessem envolvidos no caso da bomba, nem nas outras atividades de Ludvigsson.

— Eu presumo, também, que o promotor está com razão — diz Malin. — Mas estou muito longe de ter certeza de que eles estejam livres de todas as culpas.

Do lado de fora do departamento, explodem os *flashes* dos fotógrafos em cima dos três jovens, e os repórteres, todos ao mesmo tempo, gritam suas perguntas.

— Enfim, nós recebemos um relatório preliminar dos técnicos que estão pesquisando os computadores de Ludvigsson. Nada indica que ele tenha mantido qualquer contato com outra pessoa, nem no caso da Frente Libertária Econômica, nem no caso da bomba.

Os técnicos também encontraram os códigos para acessar o site principal e o arquivo original do vídeo que foi enviado pelo YouTube. Parece que, de fato, foi Ludvigsson que criou a Frente Libertária Econômica para chamar a atenção para aquilo que ele acha ideologicamente importante.

— Idiota.

— Mas nem de perto tão idiota quanto muitos outros — comenta Sven. — Atualmente, as pessoas parecem capazes de fazer qualquer coisa por suas convicções.

— Significa que não há qualquer ameaça contra os bancos do país?

— Pelo menos, a ameaça tornou-se muito menos aguda, não acha? Eles podiam muito bem reabrir os bancos, mesmo que fosse para diminuir a tensão do momento — diz Sven.

Explodir uma bomba, pensa Malin.

Numa pequena praça, de uma cidade modesta, sem grandes pretensões.

Explodir duas meninas, tirando-lhes a vida.

Que espécie de convicção levou alguém a fazer o que fez?

Não surgiu nenhuma pista entre as minorias religiosas de Linköping. Também não foi detectada nenhuma interferência de militantes muçulmanos.

— E a comercialização de armas entre Dick Stensson e Jonathan Ludvigsson resultou em alguma coisa?

— Nada. Não encontramos nenhum sinal de qualquer coisa que pudesse ser ligada ao nosso caso.

— Podemos apreender os computadores dos Dickheads?

— Não no atual estágio das investigações. Não temos nem vestígios de irregularidades.

— Eu considero a situação da seguinte maneira — diz Malin. — Dick Stensson, os Dickheads e Los Rebels não são os melhores filhos de Deus e não hesitariam em matar um concorrente, mas serão assassinos de crianças? Serão terroristas que não hesitam

em detonar uma carga de explosivos no meio de uma cidade normal, no meio da população? Isso me espantaria.

— Em princípio, podemos abandonar essa linha de investigação. Pelo menos, por enquanto — diz Sven. — Concordo com você.

— E roubos de explosivos em depósitos militares? Ou depósitos de venda por atacado? Ou ainda de empreiteiras? Alguma notícia? — pergunta Malin.

— Até agora não recebemos nenhuma notícia sobre isso. Nem foi feita nenhuma compra excepcional de explosivos em qualquer dos fornecedores da construção civil, nem do tal TATP.

Por trás do balcão da recepção, Ebba cumprimenta Malin com um aceno.

Malin acena de volta.

— E aí nós voltamos para onde começamos, não é? — diz Malin depois. — Não sabemos quem é o homem com a bicicleta que aparece na imagem do lado de fora do banco. Para falar a verdade, não fazemos a menor ideia de quem seja.

Fora do departamento de polícia, reina o caos.

O sol desceu um pouco e, com isso, as imagens dos jornalistas e dos jovens ativistas recém-libertados pareciam se desfazer na contraluz. Malin os vê da janela. Acha que qualquer um deles poderia ser o homem no vídeo, mas reconhece que não devem ser eles, embora todos sejam atores no triste drama que se abateu por aqui, um drama que precisa ser desvendado a fim de que uma verdadeira calma ou, pelo menos, uma consistente ilusão de segurança volte à cidade, aquela cujos habitantes escolheram para seu lar.

Mesmo assim, depois disso, a minha calma ainda ficará por vir.

Não existe nem uma possibilidade mínima, pensa Malin, de eu ficar calma. A única coisa que consigo é não desviar a atenção do problema da sociedade.

— Tem razão, Malin. Estamos pisando em ovos, mas sinto bem no fundo que alguma coisa vai acontecer, que alguma coisa vai surgir para colocar tudo sob uma nova luz.

— Acha mesmo?

— Está na hora de escutar as vozes — diz Sven. — As vozes da investigação. Escutar bem o que elas nos dizem.

É o mantra de Sven aplicado a todas as investigações que os dois já fizeram.

As vozes da investigação.

Escute o que elas dizem.

Ela fez desse mantra também o seu, porém, agora, no deprimente saguão do edifício da polícia, as palavras são vazias, sem qualquer conteúdo. É claro que ela ouve as vozes, sabe que elas estão sendo pronunciadas, aliás, são pronunciadas por toda a parte, mas são apenas aquelas vozes inaudíveis que podem ajudá-los a solucionar o mistério.

Como é que ela consegue aguentar e analisar os problemas relativos à solução do mistério quando o seu próprio eu parece estar prestes a explodir e a transformar-se em pedaços queimados de um quebra-cabeça sem motivo? Como aguentar toda a situação se ela própria se sente arrasada?

Talvez tenha que ser assim mesmo. Primeiro, alguma coisa dentro de si mesma tem de morrer para que algo novo possa assumir o seu lugar.

— Eu não faço a mínima ideia — diz Malin — de para onde isto aqui pode nos levar. E da Säpo, ouvimos alguma coisa?

— Nem um pio. Até faço de conta que eles não existem.

— Ainda não entendo como é que eles puderam divulgar para a imprensa o vídeo da Estação Central.

— Eles quiseram demonstrar quem é que está à frente da investigação, com a batuta na mão — diz Sven Sjöman. E, em seguida, pergunta: — E como foi o inventário no advogado?

— Nem pergunte, Sven, nem queira saber — E ela deixa-o e segue para a sua mesa. Na realidade, sem a mínima ideia do que iria fazer.

Zeke entrou no carro e foi para casa, por volta das nove horas da noite, assim que terminou de preencher a papelada.

Waldemar Ekenberg, Johan Jakobsson e Börje Svärd fizeram o mesmo. Malin ficou diante do computador, navegando como uma maníaca, entre os sites dos noticiários, a fim de saber o que se dizia a respeito do caso, dos avanços do dia, de todas as imagináveis e inimagináveis pistas da investigação. No *site* do jornal *Dagens Nyheter*, de Estocolmo, ela achou uma teoria de conspiração absurda, a qual dizia que o atentado fora realizado por um comando da Al-Qaeda, enviado do Afeganistão. Um professor maluco de uma universidade escocesa apoiava essa teoria, mas era apenas uma especulação. A história parecia não ter qualquer base na realidade.

Não.

Já se sabia que os militantes islamitas não tinham nada a ver com a bomba. Que era outro primitivo mal que havia entrado em ação nesta primavera e que o motivo para a morte das meninas devia

estar ligado a um acontecimento anterior, ocorrido na nossa própria comunidade.

Ela desligou o computador.

A última imagem a desaparecer era a de Tove de biquíni, numa praia, pouco antes do pôr do sol.

Tenho que lhe contar, pensa Malin, no momento em que vê a fotografia de Tove. Tenho que lhe contar tudo. Tenho que levá-la comigo na visita ao asilo em Hälsingland. Não posso desapontá-la de novo e manter o seu novo tio, meu irmão, longe dela. E, então, ela vê o quarto de novo, com o rapaz, a imagem do irmão, mas atrás da imagem vibra um buraco negro que é o ódio pelo pai.

E talvez também pela mãe.

Como é que pôde? Como é que vocês puderam? Ela engole em seco. Vem novamente a sensação de irrealidade. E essa sensação se transforma na sua melhor amiga. Ela olha para Tove, essa encarnação perfeita do amor e da bondade. Malin pensa que as duas jamais vão se trair, que sempre vão conviver e seguir os passos uma da outra até que ela própria morra de velhice, sentada numa confortável poltrona, em uma varanda com vista para o mar.

Pela janela, do lado de fora, a noite já se anuncia e Malin acha que está na hora de voltar para casa, deitar-se na cama e tentar dormir. Mas como fazer para o sono chegar?

Não se consegue dormir no meio de uma explosão. Nem sequer fechar os olhos quando o mundo se parte em pedaços.

Mas dá para se embebedar.

E o Hamlet está aberto.

Ela se levanta, segue para o estacionamento e senta-se no carro. Gira a chave de ignição e o carro liga. Antes de partir, ouve alguém

batendo no vidro da janela do carro, mas ela quer ignorar essas batidas. Afinal, nessa hora, não deve estar ninguém lá fora, não é?

Um olho.

Uma face explodida. O olho isolado de uma menina que olha fixamente para ela. E pede-lhe uma coisa que considera importante. É esse olho a minha única salvação?

Com fome.

Ela pensa no vendedor de cachorros-quentes na praça. O que foi que ele disse ao ser interrogado pelos colegas da polícia? Que Hanna e as gêmeas costumavam passar por ali?

As batidas na janela continuavam, interrompiam a sequência dos seus pensamentos. E também a sensação de fome.

Malin vira-se.

Vê Karin Johannison ao lado do carro. O rosto bonito está agora espantosamente sério.

Porra, o que aconteceu agora? Será que Zeke resolveu largá-la de vez? Ou foi o contrário?

— Abra, Malin, abra!

No minuto seguinte, Karin está sentada ao lado de Malin, no banco do passageiro. Malin sente o cheiro doce e úmido do perfume dela e pensa como deve ser uma fragrância cara, tão cara quanto o vestido preto e branco de grife que ela veste. Imagina também o colega Zeke levantando aquele vestido. A imagem não a enche de repugnância, antes provoca nela uma estranha excitação.

Karin olha para ela.

Um olhar de eficiência, dirigido para o futuro. Malin entende, enfim, que o assunto tem a ver com o trabalho.

— Eu queria contar para você primeiro — diz Karin.

— Contar o quê?

— Acabamos de finalizar a autópsia de Hanna Vigerö.

— E?

— Os níveis de oxigênio no sangue dela não estão normais, Malin. Ela tem pequenos sangramentos no nariz. Muitos. E as capilaridades nos pulmões estão inchadas de uma maneira nada natural.

— O que quer dizer?

Malin olha para Karin. Sente que vai saber de uma coisa que, na realidade, já sabia. E, nesse momento, vê uma pequena aranha negra atravessando o vidro do para-brisa. Parece até que a aranha está subindo para o céu. É como se a aranha conseguisse se agarrar num lugar inalcançável por qualquer outro ser vivo.

Ela volta a olhar para Karin. Nota que há solidão nos seus olhos. É como se a indecisão morasse por lá. Ou a saudade.

A família, pensa Malin. Alguém quer atacar a família. Tenho de seguir essa pista.

— Hanna Vigerö foi assassinada — diz Karin. — Sufocada. O mais provável é que alguém tenha pressionado uma almofada contra o rosto dela.

PARTE 3

AS CRIANÇAS

[Na câmara escura]

O som dos dentes dos lagartos gigantes é horrível. Diga a eles que não podem vir até aqui e nos comer. Diga isso agora.

Tire-os daqui, tire-os daqui. E tire também os dedos daqueles homens, aqueles que arranham a porta.

Papai, para onde foi? A mamãe não poderá voltar do céu e nos salvar?

Venha, venha.

A minha voz, as nossas vozes, são também as vozes das outras meninas.

O meu irmãozinho está com tanto medo, papai. Com mais medo do que nunca. Queremos que venha aqui e que, assim, nos abracemos. Vindo da floresta, em frente da nossa cela, há um lagarto enorme, gigantesco. É claro que ele está lá. E eu tenho pesadelos, sonho com os seus dentes, amarelos e bem afiados, cortando as nossas pernas e mordendo os nossos pés até que desapareçam. E quando o lagarto gigante acabar conosco, ele

voltará a se arrastar para a floresta e a desaparecer entre as folhagens.

Os homens.

Eles estão lá fora. Estão fazendo alguma coisa. O tique-taque parou. Mas volta logo em seguida.

Será que eles vão nos matar agora, papai? Eles estão tão zangados.

O meu irmãozinho está mais tranquilo agora, em silêncio, como se já estivesse cansado de tudo.

Uma vez, ele pulou para dentro da piscina. Em um dos cantos, quando ninguém podia vê-lo. O ar dentro das pequenas boias fez com que flutuasse. A cabeça dele chegou a ficar totalmente submersa, mas ele não teve medo. Havia decidido se arriscar.

Ele conseguiu! Gritei.

Ele se arriscou!

Precisa se arriscar de novo!

Eu o abraço. E ele cheira bem melhor, a coisas boas. Não a coisas repugnantes.

De resto, cheira tão mal por aqui. E esse é o nosso cheiro, papai, tem de chegar agora. Ou mandar que alguém venha nos buscar. Caso contrário, vamos morrer e chegar ao céu, a Deus, a Jesus.

Cada vez está pior, papai, querido. Nós fazemos xixi e cocô. E ninguém vem limpar.

Eu vejo os pés deles por baixo da porta.

A luz desaparece, fica escuro quando eles se aproximam.

Eles se insultam.

Parecem estar com medo.

Exatamente como se um animal maldoso corresse atrás deles na floresta e estivesse pronto para engoli-los. Exatamente assim,

papai.

Nós choramos. Eu choro. Ele chora. Mas já não grito mais, pois, por muito que eu grite, a dor no estômago provocada pelo medo não desaparece.

Estou com medo, papai. Ele também está. E esse medo só poderá acabar quando vier nos buscar. Eles bateram em nós quando tentamos fugir, quando deixaram a porta aberta. Por isso, agora ficamos apenas encolhidos em um canto, papai, o mais longe possível deles. Talvez se esqueçam de nós, de maneira que possamos fugir, correr em direção à floresta e desaparecer.

Mas aí surgem os lagartos. Quando os moços os mostraram para nós, assim que chegamos de avião, eu entendi que você não estaria aqui, à nossa espera, como eles nos disseram.

As aranhas.

E as serpentes nos seus buracos.

Elas vão querer cortar a nossa pele, nos morder com os seus dentes quentes, inserir o seu veneno em nós, para que ninguém mais queira nos abraçar, de modo que nós nunca mais possamos sentir o calor de outra pele.

Pressione o dedo contra a veia e esta logo acordará para a vida.

Torna-se forte e azul. E ainda existem muitos lugares onde inserir a agulha no mapa dos meus cotovelos e antebraços.

É maravilhoso no subterrâneo.

Aqui, posso ficar em paz. Pelo menos, na maior parte do tempo. Aqui, posso espetar a agulha e deixar que o conteúdo da seringa saia como magma de um vulcão para dentro do meu corpo. Tudo

isso poderá me ajudar a esquecer o que se passou e a lembrar que ainda existe um futuro.

A dor da agulha entrando pela pele é maravilhosa, visto que eu sei que a grande dor, em breve, terá passado. Deito-me em cima das pedras úmidas, ouço os trens do metrô entrando e saindo de uma linha para outra por cima de mim. Deixo o corpo cair na cama quente, sinto calor em volta. E é apenas o amor que me afaga, até que, de novo, sinto que todo o amor desaparece e se torna impossível.

Os anos se passaram.

Eu fugi da minha família, troquei de nome, fugi de todos os que me odeiam e me querem fazer mal. Vivo nos subterrâneos, roubo tudo o que posso. Vivo sozinha, mas, às vezes, eles chegam, os homens, e eu não sei o que eles fazem comigo. Já aconteceu algumas vezes o que não pode acontecer, o que não devia acontecer num corpo tão dilacerado como o meu.

Fui separada de vocês duas no mesmo dia em que saíram de mim.

Deixei o hospital e voltei para o meu lugar no subterrâneo. Virei as costas a vocês por amor, para que não sucumbissem diante da violência deles. Isso porque eles são a soma de todas as maldades deste mundo. São como uma lâmpada negra que esconde o sol e envia os seus raios sangrentos contra a vida das pessoas, ao determinar por antecipação como essa vida deve ser e no que deve se tornar.

No meu lugar subterrâneo, consigo evitar esses raios sangrentos.

Alguém está se aproximando?

Mais uma injeção? Quem são vocês? Estão voltando de novo? Eu não quero me encontrar com o pai novamente. Ele é o pior de todos.

Desapareço de mim mesma e acabo por acordar diante do pior monstro entre todos eles.

Eu entendo como é que vim parar aqui mais uma vez.

Estou sentada na sala oval rodeada de painéis de madeira nobre, segurando a mão do meu pai que está morrendo. Ele segura a minha mão com força, mas sei que ele não quer pedir perdão, palavra que não existe no seu vocabulário. Arrependimento também não é um daqueles sentimentos com que queira lidar.

Estou aqui.

Nenhum dos outros, nenhum dos monstros dos meus irmãos.

Seguro a mão do meu pai e ajudo-o a morrer, apesar de odiá-lo.

Eu própria já estou morta. Morri quando vocês morreram, minhas meninas. E já se passou muito tempo. Vocês, meninas, também já estão aqui, não é verdade?

Não sabemos por que estamos aqui.

Por que devemos olhar para você quando se ajoelha ao lado da cama do doente, no quarto mais interior do grande apartamento?

As persianas estão fechadas. Lá fora está escuro e as luzes das estrelas deslizam por cima das águas em que circulam barcos a motor entre navios de passageiros. As pessoas estão passeando ao longo de um cais com antigos barcos de madeira que cheiram a alcatrão.

Você sabe quem nós somos, não é?

Mamãe, ela já devia estar aqui conosco. E o papai também. Mas, em vez disso, nós fomos atraídas para junto de você. Por quê? O que ainda não sabemos, nós, que devíamos saber de tudo?

Mamãe.

O homem com a almofada no seu quarto, quem é ele? Como é que ele pôde fazer uma coisa dessas? Talvez ele precisasse fazer isso contra você e fazer o que fez contra nós para defender e salvar outras vidas?

Todos talvez sejam inocentes, com exceção dos gananciosos.

Esses não vão chegar aqui onde nós estamos.

Terminam entre os vermes em brasa, entre os lagartos gigantes que comem a carne das pessoas até que rebentam e, de dentro deles, dos seus intestinos sangrentos, saiam milhares de novos lagartinhos famintos.

As outras crianças estão presas e fechadas no jardim na frente do lugar.

Não se consegue descansar num lugar daqueles.

Só dá para gritar.

33

— Que raio vamos fazer agora?

Sven Sjöman recostou-se no sofá da sua sala de estar e considerou a pergunta de Malin mais como uma constatação do que como uma indagação.

Malin está bebericando o chá que a mulher de Sven acaba de lhe deixar na mão e que serve para tirar da boca o sabor forte do queijo *västerbotten* do sanduíche que comia.

Está escuro no quintal de Sven.

Malin foi até a casa do chefe com a notícia de Hanna Vigerö.

Queria falar diretamente com Sven sobre o assunto. Não soltar os tambores na praça, antes de analisar o caso com toda a calma e ver o que significaria para a investigação o assassinato de Hanna Vigerö. Era melhor que os outros continuassem a dormir, porque precisavam bastante. Acalmarem-se um pouco, em vez de correr para todos os lados como se estivessem fugindo de uma bomba marcada para explodir em apenas alguns segundos.

— É isso aí, o que vamos fazer?

Malin dá mais uma mordida no sanduíche. Pensa na solitária família Vigerö, uma família que parecia não ter parentes, nem amigos. Ninguém visitara Hanna no hospital, embora o velho dos

cachorros-quentes, da praça, tivesse dito que a mãe e as filhas costumavam passar por lá todas as manhãs.

O queijo queimava nas gengivas.

Malin telefonou para Tove quando ia a caminho de Sven. Não falou nada sobre a reunião do inventário. Queria lhe dizer apenas que achava melhor ela ficar na casa do pai esta noite, mas Tove insistiu que queria dormir no apartamento da mãe. E Malin achou que Tove tinha alguma coisa de importante para lhe contar.

Quem sabe ela está com um novo namorado.

Malin sentiu que a última coisa que queria naquela noite era receber mais uma notícia. As que recebera já eram mais do que suficientes para um dia. O que queria mesmo era desligar o cérebro como quem desliga um computador e fazer com que toda a atividade mental congelasse. Não queria contar a Tove a respeito do hospital. Ainda não achava que estava preparada.

— Ok, tudo bem, pode vir — disse ela, resignada. — Podemos ver um pouco de televisão e, depois, comer uma *pizza*.

Malin mastiga, engole e bebe mais um gole de chá.

— Os mesmos que a mataram também podem estar por trás da bomba. Podem tê-la visto como uma testemunha — diz Sven, acrescentando: — E quiseram trocar o incerto pelo certo.

— Nesse caso, podem ser terroristas, ativistas, a Frente Libertária Econômica, os bandos de motoqueiros ou qualquer outra coisa completamente diferente — diz Malin. — Acho que quanto mais trabalhamos com todas essas pistas ou as colocamos de lado, mais sentimos que estamos nos distanciando da verdade.

— Ou a verdade está ali mesmo — diz Sven. — E nós, simplesmente, não conseguimos vê-la, nem a encontramos entre todas as pistas consideradas.

— Eu gostaria de pedir-lhe uma coisa — diz Malin, olhando Sven bem nos olhos.

— Assim, desse jeito, vou ficar preocupado — diz Sven, brincando. — Fale logo!

— Eu gostaria que trabalhássemos com outra pista, já bem nítida — diz Malin.

Eu sei exatamente o que quero fazer agora, pensa Malin. E você vai deixar que eu faça isso, não é verdade, Sven? Ela respira fundo, inclina o corpo para a frente a fim de demonstrar a seriedade do momento.

— E?

— Eu gostaria de trabalhar na hipótese de que foi a família Vigerö o verdadeiro alvo da explosão. De que não se trata de qualquer grande complô ou conspiração ou ainda, e acima de tudo, de um caso político. A bomba e o assassinato no hospital de Hanna Vigerö podem ter a mesma motivação.

— E é isso que diz a sua intuição?

— Não sei, Sven. Mas aquele vendedor de cachorros-quentes afirmou que costumava ver a família, regularmente, na praça, não é verdade? Talvez alguém tenha estudado esses hábitos. E, além disso, por que alguém iria assumir o risco de entrar no hospital e matar Hanna Vigerö? O que ela poderá ter visto? Nenhuma das testemunhas na praça tinha nada a dizer de importante sobre o caso. Portanto, por que Hanna seria a única a ter alguma coisa para contar? Ela devia saber de alguma outra coisa, de importância fundamental, para justificar a bomba. Por isso, quero direcionar a minha investigação para a família. Trata-se de uma sensação com alguma lógica, Sven. E é assim que deve ser em qualquer bom trabalho policial.

Ela bebe mais um gole de chá, antes de continuar:

— É uma droga a maneira como tudo ocorreu rápido neste caso. Ainda nem terminou o quarto dia desde que a bomba explodiu. Parece até que não tivemos tempo para respirar. E uma situação dessas não ajuda nem um pouco a intuição. Para trabalhar bem, a intuição precisa de tempo e de espaço. Eu vejo nessa ideia um caminho possível para avançar na investigação.

Sven parece refletir.

— Vamos fazer assim — diz ele, após uma reflexão de talvez meio minuto, mas sem qualquer hesitação na voz. — Concentrem-se, você e Zeke, nessa teoria. Nós, os demais, vamos continuar a trabalhar na investigação, de maneira geral, e no assassinato de Hanna Vigerö dentro do esquema anterior. Digam, se precisarem de ajuda, se for preciso ouvir alguém mais.

— Nós devemos ouvir, sim, algum colega de trabalho de Hanna. Talvez Börje e Waldemar possam ajudar.

Sven faz que sim.

— Mais alguma coisa?

— Acredita mesmo que seja possível? — diz Malin, depois. — Acha que posso estar certa?

Sven acena novamente que sim. E acrescenta:

— O marido dela morreu num acidente de carro, sem outro veículo envolvido. Eu fico sempre muito cético nesse tipo de acidente. O que nos diz que ele não foi vítima, também, de um crime? Vamos ter de analisar novamente o que aconteceu nesse acidente.

— E verificar se não há registros nas câmeras de vigilância do hospital. Talvez haja imagens do criminoso.

— E ainda ouvir o pessoal que trabalhou na noite em que Hanna Vigerö morreu.

Sven olha para ela.

— Vai aguentar, Malin, encarar a investigação dessa maneira?

— Eu aguento qualquer coisa. O assassino das meninas não pode ficar solto.

Sven concorda. Malin sabe que a conversa entre eles sobre a investigação terminou e que ele vai orientar os outros sobre o que devem fazer.

Deixar todas as opções abertas até que tenhamos certeza absoluta.

Não deixar por menos, nem exagerar. Trabalhar com todos os sentidos em alerta. Assim fala Sven. Ele olha diretamente para mim, pensa Malin. Ele inclina-se para a frente e pergunta pela segunda vez no mesmo dia:

— E a reunião hoje? Do inventário? Como foi?

Malin nota toda a seriedade nas perguntas de Sven. Nada de brincadeira a respeito de milhões escondidos. Apenas um longo silêncio, na expectativa da resposta:

— Eu tenho um irmão, Sven. Um irmão mais novo. — Ela sente uma contração no estômago, os olhos ficam úmidos, mas ela engole em seco, faz de conta que está bebendo um copo cheio de tequila e consegue conter as lágrimas.

Limpa a voz. Mais um gole de chá. E, então, ela conta tudo enquanto Sven apenas escuta. Quando, finalmente, ela fica de novo em silêncio, ele a olha por longo momento, antes de falar:

— Considere isso como um presente inesperado, Malin. Faça um esforço para perdoar. Caso contrário, vai enlouquecer.

Ele respira fundo e acrescenta:

— E aguente firme. O álcool não resolve seus problemas. Disso você já sabe, não é verdade?

Depois de Malin sair, Sven deixa-se cair no sofá da sala de estar e olha em volta, apreciando a calma e a segurança do seu lar.

Não lhe faltam muitos anos para se aposentar. Mais ou menos há um ano, sentiu-se muito cansado, mas essa sensação desapareceu. Em compensação, fica horrorizado só de pensar em deixar de trabalhar, reconhecendo como a vida vai ficar vazia, sem a atividade discreta, mas altamente dramática, que o seu trabalho oferece todos os dias.

Nada de drama discreto na vida de Malin.

Bum, bum, bum.

Os acontecimentos, uma série de explosões de bombas atiradas de um caça a jato, em baixa altitude.

As bombas explodem em mantos de fumaça.

E o mundo desaparece.

É assim que você se sente, Malin? Eu a vejo. Como você luta para conseguir que tudo se encaixe.

Talvez consiga. A única coisa que posso fazer é dar-lhe todo o apoio no trabalho, tentar que se mantenha no caminho certo e ir buscá-la se tudo sair dos trilhos.

A reabilitação fez bem para você. E, ao que parece, não ficou zangada comigo pelo fato de eu tê-la obrigado a ir para lá.

De uma coisa deve saber, Malin Fors. Enquanto puder, vou olhar atentamente por você.

Malin respira fundo dentro do carro e logo sente que ali cheira a café derramado e a suor, a imensas horas passadas procurando e vendo, realizando um trabalho com amor e que, ao mesmo tempo,

deixa as suas marcas sob a forma de rugas que se aprofundam à medida que os anos passam.

Linköping descansa na primavera.

Recupera seus sentidos.

Esta noite, não está prevista nenhuma missa extraordinária na catedral da cidade.

As luzes das janelas dos apartamentos brilham em volta do parque da Associação de Jardinagem, as pessoas aparecem como peixes negros de aquário, por trás das vidraças.

Tove deve estar no apartamento.

O que devo lhe contar? Nada. Não aguento mais. E pela sua mente passa a figura imaginada do seu irmão numa cama de hospital. Gostaria de viajar até ele. Já tinham perdido tempo demais. É ele mesmo que ela vê? Ou é a figura de Maria Murvall? São as duas figuras na mesma pessoa? Será que existe outro segredo por trás do segredo?

Eu tenho que contar tudo a Tove, ainda esta noite.

Qualquer outra hipótese está fora de questão.

Isso porque ela vai saber da verdade. E se chegar à conclusão de que eu não lhe contei imediatamente, ela vai ficar contra mim, vai perder toda a confiança em mim, a pouca confiança que ainda tem. Se é que ainda tem alguma.

A vergonha bate como um murro no estômago. Ela sente antecipadamente toda a vergonha. Mas vai contar, sim.

O som surdo e regular do motor do carro.

A mecânica realizando o seu trabalho.

As luzes da cidade refletidas no céu crepuscular.

Logo vai chegar em casa.

Ainda pensa que talvez esteja na hora de voltar a telefonar para Peter Hamse, ouvir o que ele tem a dizer em relação às novas informações sobre Hanna Vigerö, mas já é tarde, e ele certamente está ocupado. Também não é absolutamente necessária a sua opinião para a investigação. E eu acabaria por me mostrar uma desesperada. Entretanto, sente no corpo os movimentos do carro e tem uma sensação de prazer e bem-estar.

No cruzamento da Drottninggatan com a St. Larsgatan, é obrigada a parar diante do sinal vermelho.

Através da janela, observa as pessoas preparadas para mais uma noite de sábado, todas bem-vestidas e dispostas a festejar seja o que for num dos bares da cidade.

Mas o que é isso?

Esse homem, ali, de terno azul, de braço dado com uma jovem loura e bonita, muito mais jovem do que ele, muito mais formosa. Eu o conheço. É claro que ele não pode fazer isso, não pode andar por aí na companhia de uma jovem qualquer. Ela quer saltar do carro e correr para ele, para Janne, que atravessa a rua na faixa de pedestre, naquele terno de funeral, falando com aquela mulher sem sequer olhar na direção de Malin, que sente dificuldade até para respirar. Consternada, ela vê que o mundo tal como o conhecia acabou de explodir em mil pedaços.

Mas ela consegue se manter dentro do carro.

Não pode nem se mexer.

O sinal abre.

Janne e a jovem desaparecem entre os prédios da rua.

Ela nota que os dois ficam cada vez menores, nem ouve a buzina do carro de trás. Os sinais sonoros são de raiva, exigindo que ela

siga em frente, no espaço estranho de uma primavera a desabrochar.

34

Calma, Malin.

Calma, Malin Fors, não enlouqueça, não faça nenhuma idiotice, nem pense na garrafa, suba para o seu apartamento, conte o que deve contar a Tove e, depois, vá para a cama, tente dormir para não parecer cansada amanhã de manhã.

Como ele pode fazer uma coisa dessas? Como é que se atreve? E qual seria a idade dela? Que ela é muito bonita, não há dúvida. Malin pensa em voltar e ir à procura deles. Onde será que eles estão? No Afrodite, o restaurante grego, com as paredes pintadas de amarelo imitando ouro? Aposto que os pombinhos estão lá, a arrulhar.

Ela deixou o carro no estacionamento, perto da Igreja St. Lars, em frente do seu apartamento e ao lado do portão lateral da igreja sobre o qual existe uma inscrição bíblica.

Malin já leu essa inscrição milhões de vezes e repete a leitura mais uma vez:

*Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus.******

My ass.

Maldito seja, Janne.

Ela bate a porta do carro e sente a melancolia atingir a sua mente. Fica parada por alguns instantes no meio da noite primaveril e reconhece que aquilo que acabou de ver marca o início de algo novo. Afinal, Janne afastou-se dela, inexorável e definitivamente. Aquilo que viveram juntos desapareceu para sempre. E, sem querer, a tristeza se abate sobre ela novamente.

Confusa.

Claramente confusa. Eu jamais fiquei tão confusa.

Malin olha para o *pub* Pull & Bear. Certamente cheio de gente, mas ela ouve as palavras de Sven: “O álcool não resolve seus problemas”. Não foi isso que ele disse? Todo o seu corpo grita, acha que ele está errado. Ela quer porque quer ir ao *pub*, sentar-se junto ao balcão e beber tanto que logo se sentirá em outra dimensão, onde tudo tem a maciez do algodão. Assim se libertará de todas as recordações e de todas as preocupações quanto ao futuro.

Há luz lá em cima, no apartamento.

Daniel Högfeldt.

Filho da mãe... Todos os homens, safados, indecentes, deviam ter o pênis cortado. Agem todos em função do pênis. Ao passar pelo portão de entrada, ela pensa que, na realidade, não tem direito nenhum de exigir seja o que for de cada um deles, mas, mesmo assim, não deixa de ficar louca por causa do comportamento de seus homens. Ou ex-homens.

Ciúmes.

Ela odeia essa palavra.

Mas admite que é isso o que sente.

Mas eu não devia...

Tove. O que você achou dessa mulher que Janne encontrou? Já sabia, mas não me contou nada? Nesse caso, portanto... Portanto, o

quê? Nada de mais confrontos esta noite. É melhor não fazer, nem dizer nada.

Tove poderá sair e comprar uma *pizza*.

Enfim, o que eu vou querer na minha *pizza*? Presunto, camarões e salame. Talvez alguns pedaços de alcachofras. As alcachofras combinam muito bem com as *pizzas*.

Tove está sentada à mesa da cozinha, sob a luz de uma luminária nova da Rusta que Malin comprou um mês antes, quando a da Biltema quebrou.

Ela está com os olhos presos num livro, mas levanta-os assim que Malin entra na cozinha. Comenta:

— Chegou tarde.

— Não imagina o dia que eu tive.

Malin reconhece que não vai conseguir se controlar. E grita para Tove, com uma voz cheia de uma raiva de que ela própria se espanta:

— E você? Você não me contou nada, nem uma palavra, a respeito da nova amante do seu pai, não é? Como é que pôde pensar que eu não ia saber disso mais cedo ou mais tarde?

Tove olha para ela com espanto.

Surpresa. Despertada de seus sonhos literários por um perigo repentino. Malin logo viu que Tove se recompusera. Levanta-se e, por sua vez, grita para a mãe:

— É melhor parar de gritar. O que disse? Que o pai já encontrou alguém?

Malin fica em silêncio. Queria falar, sim, mas parece que a língua ficou paralisada.

Na sua frente, Tove continuou, agora em voz baixa, controladamente, como se, pela primeira vez, tivesse compreendido o que mãe acabou de dizer:

— Eu não sei nada de ele ter uma amante. Acho que não se encontra com ninguém em especial.

Malin avança para a filha, abraça-a, sente o corpo tenso e esbelto da adolescente contra o seu. Abraça-a bem forte e diz-lhe no ouvido:

— Desculpe! — E, em seguida, ambas se sentam à mesa, uma em frente da outra. Malin conta o que acabou de ver. Tove escuta, meio distraída. Parece pensar em milhões de coisas, antes de perguntar:

— Como ela é?

É nisso que pensa? Se ela é bonita ou não? Malin pensa em devolver a pergunta para a filha, mas contém-se e responde:

— Loura, bonita.

— Com que idade?

— Talvez 25, não mais do que isso.

— Mas, mamãe, não precisa ficar zangada. Afinal, vocês, você e o pai, não estão mais juntos. Ainda bem que ele encontrou alguém, assim deixa de se sentir sozinho. Você também devia encontrar alguém para deixar de viver sozinha.

Sozinho, Malin gostaria de saber, como assim sozinho?

— Afinal, ele não está só — diz ela. — Ele está com você lá na casa dele. E eu tenho você. Nós não vivemos sozinhos, nenhum de nós vive só. Gostaria apenas de que ele tivesse um pouco mais de calma. Não quero que lhe aconteça nada, acho eu.

Tove sorri.

Parece considerar a situação.

Depois, toma uma decisão e Malin pode ver um brilho nervoso nos olhos da filha.

— Tem razão, mamãe. Vocês não estão sozinhos. Mas, em breve, vão ter de se acostumar ao fato de eu não estar tão perto.

Malin vê que Tove retirou de dentro do livro um envelope que colocou na sua frente, com um sorriso de orgulho, olhos agitados de expectativa e um olhar que revela um ato de coragem, de decisão, de estar fazendo uma coisa que deve ser feita.

— Eu ainda não contei nada ao pai — diz ela. — Quis que você fosse a primeira a saber.

Malin pega o envelope.

Por favor, mais uma coisa, não, pensa ela. Não mais uma novidade. Tenta soltar um sorriso. Não aguento mais. Tove insiste:

— Leia, mãe, leia!

Malin nem olha para o logotipo atrás do envelope, já aberto e um pouco amassado. Apenas retira a folha, a desdobra e vê, então, um logotipo à moda antiga com as palavras “Escola Particular de Lundsberg”. E mais abaixo:

Temos o prazer de informar que Tove Fors acaba de ser escolhida para receber uma bolsa de estudos completa para o ano escolar 2010-2011, oferta da Fundação Memorial do Casal Grevestål para alunos artisticamente talentosos de famílias menos favorecidas.

O texto que a senhorita Tove Fors anexou ao seu pedido de subsídio, “O amor segundo Jane Austen”, foi considerado pela comissão escolar como excepcionalmente amadurecido e talentoso, revelador de uma promessa: a de que talvez estejamos diante de uma autora de grande futuro.

Palavras.

Mais palavras.

Em seguida, um convite para a responsável entrar em contato com o reitor da escola, um tal Ingvar Åkerström, para combinar os detalhes relativos à bolsa concedida, ao alojamento gratuito oferecido, enfim, para a realização do contato formal necessário por se tratar de uma adolescente de 16 anos, ainda menor de idade, mesmo que as assinaturas na solicitação feita revelem a aprovação formal dos pais.

Malin deixa que a carta escorregue da mão.

Onde é que fica Lundsberg?

Na província de Värmland, no norte.

Ela sabe muito bem que lugar é aquele.

Fica a uns seiscentos quilômetros daqui, não é?

Aprovação formal? Assinaturas?

Ela olha para Tove, que parece estourar de orgulho. Malin sente como se dois punhos estivessem retirando os intestinos do seu ventre e o coração do seu peito. Ela se levanta, abre os braços, olha para Tove e diz:

— Então, você acha que isso é o melhor para você? É mesmo? É isso o que você quer? Ir para uma escola de nobres, uma escola de aristocratas? Acha que eles vão olhar para você e considerá-la como um deles, do seu meio? Acha que vai ser assim?

Malin escuta as próprias palavras. A sua crueldade. Irritabilidade. O seu grande e indesculpável egoísmo, mas não consegue se conter. E levanta a voz de novo ao prosseguir:

— Você podia ao menos ter dito alguma coisa. Achava que eu ficaria feliz só porque acaba de ganhar uma bolsa de estudos para uma escola supercara e aristocrática? Acha que eu ficaria feliz ao saber que vai viver tão longe de mim? Afinal, eu te amo, Tove. Eu te amo! Não entende? Eu gostaria que ficasse aqui comigo. Será assim tão difícil entender uma coisa simples? Eu nunca vi uma atitude tão egoísta. E as assinaturas? Você falsificou a minha assinatura?

Tove levanta os olhos para a mãe, mas logo desvia o olhar para a carta em cima da mesa. Dobra a carta calmamente. Guarda-a no envelope e coloca tudo novamente dentro do livro, antes de se levantar.

— Achei que ia ficar feliz por me ver feliz — diz Tove, com determinação na voz, sem se mostrar triste. — Devia ter ficado. Sabe o que significa estudar nessa escola? O quanto custa? Quais os contatos que se conseguem fazer lá? Ah, sim, eu falsifiquei a sua assinatura na solicitação. Já sabia que ia ficar zangada, ainda que, mais tarde, talvez mudasse de opinião e se arrependesse desse seu maldito comportamento.

— Isso é crime, Tove! Sabe disso? O seu pai sabia disso?

— Está doida, mãe. Claro que não. Ele não sabia de nada. Nem sabe ainda. Era preciso apenas uma assinatura, além da minha. E eu também não queria pedir para ele assinar. Ele iria logo falar com você. E, se desse certo, se recebesse a bolsa, eu queria contar para você em primeiro lugar.

Malin respira fundo.

Resmunga qualquer coisa. Fecha os olhos.

Esfrega os olhos com os dedos, sente como gostaria de gritar. E acaba por ceder, grita espalhafatosamente. Ruge sons indistintos no

meio da cozinha, como se fosse um animal selvagem preso numa armadilha. E só quando esses sons enfraquecem, ela reabre os olhos e vê na sua frente a sua filha, Tove. De pé, ela sorri.

— Não consigo ouvir o que você diz, mamãe — sussurra Tove. — Sei que deve ser duro para você com tudo o que está acontecendo ultimamente, incluindo a morte da vovó.

Calma, Fors, calma. Concentre-se, concentre-se.

Ela consegue, embora sinta as lágrimas escorrendo pelas faces.

Pela segunda vez em poucos minutos, Malin abraça a sua filha e sussurra no seu ouvido:

— Desculpe. Desculpe. Só quero que confie em mim. Acho melhor a gente sair e comer *pizza* fora. Assim, poderei contar a mais estranha de todas as histórias — confessa ela.

— *Sturm und Drang******* — diz Tove. Malin tenta entender o que filha quis dizer, mas não consegue.

Presunto.

Camarões e salame.

Mas nenhuma alcachofra.

Estão sentadas a uma mesa isolada na pizzaria Shalom, na rua Trädgårdsgatan, numa sala bem iluminada, de paredes decoradas com papéis em tons amarelos. Tove está com fome, come pedaço atrás de pedaço, quase sem mastigar. Interrompendo a mastigação apenas para engolir mais um gole de Cuba Cola.

Passaram pela Grande Praça ainda há pouco. Cerca de uma dezena de velas continuavam acesas no escuro e lançando sombras animadas sobre o chão de pedra. A grande maioria dos

estabelecimentos em volta já tinha substituído as vidraças das vitrines.

A caminho da pizzaria, elas não falaram na bomba. Discutiram sobre tudo o que aconteceu.

O fato de o pai, provavelmente, ter encontrado alguém parecia não preocupar nem um pouco a filha. Tove demonstrava não sentir nenhum ciúme, nem desejo ardente de que a nova união se concretizasse e ela passasse a participar de uma nova constelação familiar.

Falaram sobre Lundsberg e Malin falou do rapaz no hospital. Tove comentou:

— Temos de ir visitá-lo. Pode ser amanhã. Afinal, ele é meu tio por parte de mãe.

— Vamos, sim. Vamos vê-lo — confirma Malin.

Tove escutou em silêncio todo o relato sobre a reunião do inventário no escritório do advogado. Foi então que Malin contou sobre o seu irmão. Cada vez que contava essa história para alguém, mais real a história ficava para ela, era como se cada vez menos parecesse um sonho. Quando Tove fala “meu tio”, Malin sente pela primeira vez, por completo, que existe outro ser humano parecido com ela, além de Tove.

Malin balança a cabeça.

— Mas eu não posso ir amanhã. Tenho que trabalhar.

— Talvez a viagem seja mais importante — diz Tove.

— É muito mais importante — comenta Malin, cujas faces estão agora mais oleosas por efeito da *pizza*. Ela pensa que talvez Janne esteja por perto, com a sua nova garota. Talvez a um ou dois quarteirões dali.

Mas deixa para lá.

Pensa em Peter Hamse.

No irmão mais novo.

Em Tove.

Tenta estar presente, aqui, neste momento.

— Mas, então, faça o que é mais importante — diz Tove. — Como ele se chama?

— O nome dele é Stefan.

— Mas todos o chamam, talvez, pelo diminutivo: Steffe?

Malin balança a cabeça e afirma:

— Eu não sei se ele tem algum apelido. Só sei que devíamos encontrá-lo, mas o caso que estou tentando resolver... Sinto que se trata de algo que é ao mesmo tempo grande e pequeno, que é um caso de vida ou morte, que tem de ser resolvido rapidamente, mas não sei como.

— Que quer dizer com isso? Que tem de salvar alguém?

— Talvez — diz Malin. — Mas não sei quem.

— Talvez você mesma, mamãe — comenta Tove sorrindo. — Talvez tenha de salvar você mesma. Está com medo de encontrá-lo, não é?

— Sim. Na verdade, estou com medo.

— E se fizer isso por mim? Podemos ir lá por mim, não?

— Vamos lá, as duas, Tove. Mas ainda não.

— Até você o está traindo também.

Também. Malin sente que a vergonha parece assumir o seu lugar. Recorda como a bebida e o trabalho quase a levaram a ignorar a filha por completo. Fazer a mesma coisa agora? Não.

A vergonha é irrelevante, ela sabe disso.

— Tove. Afinal, sou apenas um ser humano.

— É mesmo? — diz Tove, sorrindo.

Depois, pega mais um pedaço de *pizza*, que coloca na boca, mastiga e engole. Parece pensar, escolher as palavras, antes de falar:

— O que vai fazer com o vovô? Entendo que esteja com muita raiva dele.

— Não sei, Tove. O que acha?

— Existe apenas uma coisa a fazer, mamãe. Deve perdoá-lo. Tem apenas um pai.

Mãe e filha seguem de mãos dadas pela noite de primavera.

Elas ainda não sabem, mas estão atravessando um dos muitos pontos de ruptura que fazem parte do núcleo da vida das pessoas. As duas balançam ao longo da linha frágil que é a sua história.

Tove pergunta à mãe:

— Não vai me denunciar por ter falsificado a sua assinatura, vai?

— Afinal, o que você pensa de mim? Claro que não vou.

— Deve estar feliz pelo resultado que obtive, não? Sonho com isso há tanto tempo...

Malin solta a mão da filha. E, em seguida, abraça-a. Um abraço carinhoso e caloroso. E assim caminham, abraçadas, ao longo da rua bem iluminada.

— É claro que estou muito feliz com o seu sucesso — diz Malin. — Acontece apenas que eu vivo cheia de medo de perdê-la.

****** Trecho de Mateus 5:3. [N. T.]

******* *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto) foi um movimento literário alemão do século XVIII, em que a emoção é colocada acima da razão. [N. E.]

35

SEXTA-FEIRA, 14 DE MAIO

Não consigo dormir.

Mas tenho que dormir. Se já dormi? Oh, sim, adormeci e dormi algumas horas. Depois, acordei e agora não sei para onde levar o meu corpo, nem o que fazer da minha consciência. Tenho que fugir e desaparecer no sono e nos sonhos, mas é inútil.

Malin levanta-se e senta-se.

Ela consegue imaginar a noite silenciosa do lado de fora das persianas. Sabe que Tove está no quarto ao lado e acha que ela está dormindo.

Lundsberg.

Não pense nisso. Deixe que aconteça. Tove quer ir e isso é o mais importante. Revelou iniciativa ao falsificar a minha assinatura na inscrição, mas por que ela não nos perguntou logo no início?

O que pensa de nós, Tove?

Malin fecha os olhos de novo, vê o rosto da mãe na sua frente, de como ela corre, persegue-a dentro de casa e fica insistindo com a filha para que deixe tudo limpo, ralha com ela para que não fale

demais, que deve ficar calada na presença dos adultos, porque é assim que uma menina fina se comporta e você nunca me deixa ficar em paz. E agora está morta, mãe, foi embora, não existe mais, porém continuará a conviver comigo enquanto eu viver. Depois do que fez contra mim, como é que vou poder seguir em frente?

Tem de saber perdoar.

Perdoar aquele que ainda vive. O tempo passa rápido.

Já sei o que devo fazer, pensa ela ao se levantar. Veste o *jeans*, deixa de lado o sutiã e enfia pela cabeça uma blusa rosa de algodão.

O cansaço até desapareceu.

O corpo solta um segundo fôlego.

Vai até o quarto de Tove.

Chacoalha a filha. Tove olha em volta, no quarto fracamente iluminado pela luz do *hall*.

— Vou para a casa do pai — diz Malin.

— Não faça uma coisa dessas — diz Tove. — Ele deve estar com aquela garota.

— Quero dizer, do seu avô.

Tove abraça-a, sussurra no ouvido dela:

— Ficarei bem aqui. Trate o vovô com carinho, tá?

Quinze minutos depois, cansada e congelada por causa do passeio feito, às três e quinze da madrugada, Malin está diante do prédio da Barnhemsgatan. Hesita em digitar o código que abre o portão, mas os seus dedos agem sem comando, como se todo o seu organismo soubesse que tinha de ouvir o pai contar a história de Stefan, o seu irmão mais novo.

A escada cheira a mofo e a produto de limpeza. Malin sobe, contrariada. Está com raiva por ter de subir a escada, aqui e agora.

Pensa: “Vou fazer com que assuma a responsabilidade. Vou obrigá-lo a contar toda a verdade, pai”.

O pai está sentado na grande poltrona da sala de estar do apartamento, ou no salão, como a mãe dizia. O tecido verde da poltrona envolve o corpo cada vez mais magro e o rosto cada vez mais fino, um rosto que costumava demonstrar autoconfiança e força, mas que agora mostra uma estranha mistura de cansaço e de medo, uma nova espécie de hesitação que Malin acha estar ligada à solidão.

Tocou a campainha.

Ele abriu a porta depois do décimo sinal raivoso. Não estava zangado por ter sido acordado. Parecia ter ficado feliz por vê-la. Ela não sentiu nada.

Os dois sentaram-se em frente um do outro na sala de estar. Malin, no sofá vermelho, sentindo o tapete oriental, barato, friccionado por baixo dos pés nus. Olha para o pai, que sabe o que se espera dele. É ele que começa pedindo desculpas ou, pelo menos, inicia uma explicação.

— Eu devia ter contado tudo há muito tempo. Você tinha o direito de saber, mas sabe como é ou como essas coisas acabam por não acontecer.

Como assim? Como poderia ter sido?, pensa Malin, querendo interromper o pai, mas contém-se. Deixa que ele continue.

— Os anos passam e assim, no final, o segredo fica maior do que efetivamente é. Nunca falávamos dele e nunca chegamos a decidir como devíamos contar para você, quando já tivesse crescido. Nem mesmo quando a sua mãe morreu, consegui me convencer a fazê-

lo, apesar de saber que a verdade acabaria por aparecer. Fui um fraco, eu sei. Queria acreditar que fiz tudo por causa da sua mãe, que ela jamais iria conseguir sobreviver, caso tivesse de contar a grande mentira da sua vida.

Você não o menciona como pessoa, pensa Malin. Fala dele como um segredo. Uma coisa.

O pai inclina-se para a frente.

Malin sente como a raiva toma conta do seu corpo e volta a ter vontade de gritar, mas consegue se controlar ao cravar as unhas no braço de apoio da poltrona.

Por consideração à minha mãe? Por sua própria vontade?

Não vê, não viu como eu reajo? Como eu sempre reagi a vida inteira? E sabia que eu precisava saber, que eu procurava por alguma coisa que me faltava. Talvez fosse o amor de mãe. Ou o de um irmão que eu nem sabia que existia.

Malin senta-se novamente, em silêncio.

A voz do pai é como se fosse um sarcófago vazio, um eco de alguém que aceita a sua infelicidade e a sua fraqueza e continua a viver, sem nunca exigir de si mesmo uma melhoria ou a verdade.

Um tom de resignação.

Um tom mais de morte do que de vida.

Afinal, como é que vocês puderam me trair? Como puderam traí-lo?

— A mãe teve um caso com um vendedor, solteiro, que trabalhava com produtos para escritório. Encontrou-se com ele nos escritórios da empresa Saab e, novamente, numa boate, quando ela e uma amiga foram dançar fora. Uma noite no Hotel Frimis, onde ele se hospedava. Você tinha, então, três anos, quase quatro. Ela ficou grávida e ele morreu em seguida, num acidente de trânsito. Nunca

sequer chegamos a falar em separação. Cuidaríamos do assunto. Ela nos deixou durante a gravidez, assim que a barriga começou a crescer.

Já sei de tudo isso, queria Malin gritar.

Conte-me alguma coisa que eu ainda não saiba.

Como é que vocês dois podiam pensar em esconder o meu irmão de mim. Por que não podia adotá-lo, se o pai dele já estava morto?

Ela não escuta o que o pai diz. As palavras saem dela como se fossem pedaços de vidro, cortante, em brasa.

— Adoção não era uma opção, ninguém queria adotá-lo, ele não era meu filho, além disso, era deficiente mental. Eu não aguentaria uma situação dessas. Era melhor fingir que ele não existia, era melhor nunca mencionar nada... E, por fim, muitos anos mais tarde, era como se tudo tivesse se tornado uma verdade — diz o pai. — O segredo não existia mais. Éramos apenas nós, você, eu e a mãe. E ela ficou possuída pela ideia de se promover, de promover a sua vida, as suas escolhas, que tudo devia ser bonito e perfeito, quando, na realidade, era tudo medíocre e construído de forma desprezível. E eu participava do jogo.

O pai fica em silêncio. Malin olha pela janela, para o crepúsculo que, lentamente, se estabelece. Acha que aquilo que o pai diz parece rebuscado, quase impuro.

Ela escutou tudo, sem dizer nada. E agora ele lhe pede:

— Diga alguma coisa, Malin.

— Como é que você pôde abandoná-lo, deixando-o sozinho, ainda que ele não fosse seu filho. Não sentia nenhuma responsabilidade?

O pai olha para ela, tenta atrair o seu olhar. Malin sente que ele deseja compreensão, mas ela não tem nada para lhe dar.

— Achava que eu não tinha nenhum direito quanto ao meu próprio irmão? Sabia quanto eu sentia a falta de um irmão ou irmã. Como é que pôde me negar esse direito?

— Ele é deficiente, Malin.

Ela se levanta, grita:

— Como se isso tivesse alguma coisa a ver. Podia muito bem ter assumido a paternidade. Ou foi a mãe que não quis? Ou foi você que obrigou a mãe a se afastar dele? Fez alguma ameaça e tentou apresentá-la como a pior canalha, quando não era nem um pouco melhor. Você também não queria tê-lo em casa. Talvez ela quisesse tê-lo e você disse não. Naquela época, não era assim tão fácil abandonar o marido, não é verdade?

O pai afunda-se cada vez mais na poltrona, abre os braços, mas recolhe-os rapidamente. Parece repensar o assunto. Depois diz, sem qualquer tipo de hesitação na voz:

— Não sei o que dizer.

— Então, não diga nada! — grita Malin. — Ficou em silêncio durante trinta anos. Pode ficar com a boca fechada mais algum tempo.

— Entendo que esteja zangada. Mas os tempos eram outros, como você própria diz.

Ela o encara.

Outros tempos? Pensa ela. Obrigou a mãe a renunciar ao filho, não é? E talvez ela não tenha desejado fazer isso. Por isso se tornou tão fria?

É como se uma pequena camada de neve se derretesse, revelando uma verdade. Então, outra camada se derrete e logo outra realidade vê a luz do dia. E depois? O gelo surge novamente. Camada em cima de camada, de negação e de esquecimento.

Malin afunda-se ainda mais no sofá.

Recupera o fôlego.

— Pai, eu não estou zangada. Ou talvez esteja. Mas, acima de tudo, estou triste. Triste por mim. Por ele, meu irmão. Triste por Tove, por Janne, por você, também, meu pai, por minha mãe, porque tudo isso acabou por nos influenciar mil vezes mais do que possa imaginar. Vocês fizeram da nossa vida uma farsa, e eu estou triste por causa disso.

O pai levanta-se. A insegurança e o medo são substituídos pelo olhar de um adulto. Ela já viu aquele olhar antes, bem estampado no rosto de criminosos que confessam os seus crimes e se sentem preparados para enfrentar as consequências dos seus atos, mas acham, bem no fundo das suas almas, que tinham todo o direito de cometê-los.

Ele se vira para ela:

— O que devo fazer, Malin? O que quer? O que está feito, está feito. Não dá para voltar atrás. Espero, naturalmente, que você me perdoe.

Está doido, pensa Malin. Completamente doido. Levanta-se de novo, deixando o pai sozinho na sua sala de estar, sem dizer sequer mais uma palavra. Ela deixa o pai no apartamento, com o silêncio e as recordações de horas e dias de vivência no caudal leitoso da mentira, num ambiente de ar rarefeito. Ela reconhece que a solidão do pai é agressiva e mortal como um câncer de fígado. Sabe que poderá deixá-lo nessa situação sem hesitar.

— Gostaria de me encontrar com Tove — fala ele. — Deixe que eu me encontre com Tove.

Ela não quer se encontrar com você, pensa Malin.

A Escola Lundsberg é como se fosse um castelo à sua volta.

Tove não quer se encontrar com ninguém. Ela está se afastando de nós.

E eu, eu sei para onde devo ir.

A primeira luz da manhã entra pela enfermaria recém-lavada e vazia. A fita de plástico azul e branca isolando a área do crime já foi estendida entre as molduras das portas. Certamente, Sven Sjöman já pediu para Karin Johannison marcar uma reunião com algum dos colegas dela, a fim de analisar toda a enfermaria. Mas não devem encontrar nada. Seria impossível. Hoje em dia, desinfetam-se as salas e quartos dos hospitais quando os mortos ou os vivos saem para dar lugar a outros doentes.

Contrariadas, as enfermeiras do plantão a deixaram entrar, depois que ela mostrou a carteira de identificação.

Ela não conseguia se conter. Perguntou logo por Peter Hamse, apesar de saber que ele só chegaria às quatro e meia da manhã e de as enfermeiras já suspeitarem das razões que, realmente, a levavam a perguntar por ele.

Ela olha em volta.

Está chegando um homem, pensa ela. Ou é uma mulher. Puxa, cautelosamente, a almofada de debaixo da cabeça de Hanna Vigerö. Segura o pescoço dela pela nuca e deixa que a cabeça assente suavemente no colchão, antes de ele ou ela pressionar a almofada contra o nariz e a boca dela.

Hanna Vigerö não pode oferecer resistência e talvez até nem queira resistir. Talvez prefira ir para junto das suas meninas. E, na sua mente, Malin vê o homem, ou talvez seja uma mulher, que pressiona a almofada contra o rosto de Hanna Vigerö, que cede, os

seus dedos se descontraem. Resta apenas uma linha reta no monitor que mostra o ritmo das batidas do coração.

Quem era você?

O que você fazia aqui? O que faziam aqui?

Gostam de violência? Ou, na realidade, não gostam, mas foram obrigados a praticá-la? Obrigados por quem? Acreditavam talvez que nenhum médico-legista ou patologista jamais iria saber que ela morrera sufocada?

Tudo isso tem algum significado? E ainda:

Você é um fantasma? Se não, como é que conseguiu entrar aqui durante a noite sem ser visto, nem ouvido? Você é empregado do hospital?

Malin olha em frente, para o quarto da enfermaria, e tenta entender os restos de motivos e sentimentos que foram deixados para trás, na atmosfera circundante.

Você sabe exatamente o que está fazendo, pensa ela. Mas não quer fazer isso. Não é verdade?

Malin fecha os olhos e, na sua mente, vê um homem com capuz no momento de se virar para a mulher na cama. O homem pede-lhe perdão, não é verdade? E ainda repete o pedido.

Eu não posso ver o seu rosto, pensa Malin. Mas quem será? Não pode ser Jonathan Ludvigsson porque esse ainda estava na prisão, enquanto você estava aqui.

Quem é você? E por que veio?

Malin procura ordenar os seus pensamentos e os seus sentimentos, que se expandem em todas as direções no quarto escuro. Qual é a maldade que existe nesta enfermaria?

A maldade pode chegar até você sob qualquer aspecto.

Muitas vezes, o mal nos surpreende, mas nem sempre. Poderemos dedicar a vida inteira a defender as nossas crianças. E um dia, mais tarde, abrimos a porta para um homem que deveria chegar com amor. E, ao virar as costas, esse homem ataca as nossas crianças, violenta-as, sem que ninguém pudesse esperar por isso.

Alguém sabe como se defender de tanta maldade? É a ingenuidade uma maldade em si?

A tábua de pregos enferrujados por baixo da neve. Você suspeita dela, mas trata-se apenas de uma tábua, pensa ela. Um dia, o prego penetra pela sola e entra no pé.

A infecção espalha-se pelo corpo, a corrente de sangue está prestes a chegar ao coração.

O que se pode fazer?

Dá para evitar a maldade que existe escondida por trás de cada camada de bondade nos lugares mais próximos?

Nas flores venenosas do jardim?

Portanto, o que é possível fazer?

A fé. Procurar refúgio na fé.

A maldade pura e simples.

Ela existe, sente Malin. E vamos ter que resistir a ela. Não aceitá-la ou negá-la. Vamos tentar arrasá-la.

As crianças querem a bondade, mas a verdade pode doer, pois as crianças não conhecem o mundo.

Você quis o bem das suas filhas, não é verdade, Hanna? Você quis o bem delas. E o mal? O que chegou como um fantasma. Mas que fantasma? Em que situação chegou aqui e a sufocou?

Malin aproveita para respirar fundo.

No amanhecer de mais um dia, ela fica quieta no quarto do hospital, dominado ainda pela penumbra.

De repente, sente um vento frio na sala. Depois, uma pequena corrente de ar quente contra o seu pescoço, onde fica dançando na garganta, antes de subir para o ouvido e se transformar em sussurro.

Tem alguém aqui.

Tem alguém dentro de mim.

Tenho que escutar, pensa ela. Não estou com medo. Isto aqui não tem nada de extraordinário.

Fale. Eu vou escutar. Prometo.

36

Nós estamos aqui, Malin.

Estamos aqui para relembrá-la das crianças presas.

Precisa ouvi-las.

Elas precisam de você e, para saber quem elas são, deve descobrir quem somos. É o único caminho.

Nós vemos você na enfermaria.

Pressionamo-nos contra você, fazemos com que os nossos pequenos dedos façam cócegas no seu pescoço, como se fossem penas de pássaros. Sabe que estamos aqui, no quarto em que mamãe morreu, não é verdade?

É por isso que veio, apesar de precisar dormir.

Está escuro, mas o dia vai nascer e, na Terra, são milhões como nós que se movimentam, mas não sabem nem como ousar olhar em frente.

A escuridão neste quarto não é nada em comparação com a escuridão em que você vai afundar, Malin. A escuridão que a espera talvez não acabe nunca. Mas não fique com medo. Talvez não ouse descer e, aí, a escuridão vai crescer.

Você respira.

Mantém os olhos fechados. A sala cheira a material de limpeza e morte.

Escuta o que dizemos, Malin?

Está nos ouvindo?

Malin abre os olhos.

As vozes que ela esperava ouvir não estão mais ali, não estavam mais ali. No entanto, alguma coisa a estimulava a ir em frente, a fechar os olhos até que a sua escuridão se transformasse num inferno de vapores inflamáveis e ritmados. E ela entendeu, então, que a solução para o caso da bomba de Linköping estava nessa escuridão.

Um corvo voa em frente da janela. O animal tem uma minhoca no bico e, na escuridão, a minhoca se transforma em uma pequena serpente que se arrasta pelo céu de um amanhecer sem nuvens.

— Tem de ajudá-las — assim diz uma voz clara por trás das costas dela. Ela dá um pulo, vira-se, acha que a enfermeira noturna entrou no quarto sem ser notada. Mas não há ninguém, apenas a quietude empoeirada da enfermaria e o cheiro da vida que chegou ao fim.

— Tem de ajudá-las — diz a voz, novamente. E Malin sente o medo diminuir, diz:

— É você, Hanna? É você que está aqui?

Ela espera pela resposta.

— São as suas meninas que eu devo ajudar? Eu tento, pelo menos, lhes fazer justiça.

O quarto está em silêncio, em silêncio total. Malin quer escutar a voz tranquila de novo. E eis que ela volta:

— Eu não vejo as minhas meninas por aqui.

— Elas não estão com você?

A voz não responde.

Malin pode senti-la deslizar. Desaparecer pela janela. E ela vira-se, olha para o céu. Quer receber respostas para as suas muitas perguntas.

— Volte, Hanna — diz Malin. — Volte para mim e conte-me o que devo fazer para ajudá-las.

— Ela não vai voltar. Está morta.

A voz feminina vem por trás, vem da porta. Malin vira-se novamente, vê um corpo real, coberto por um tecido branco que se movimenta para dentro do quarto, e um rosto bem enrugado por baixo de uma cabeleira desalinhada.

— Você está falando com os mortos, detetive?

Nada de ironias. Nada de medos ou espantos, apenas uma tranquila admiração.

— Eu não sei o que acontece comigo — diz Malin. — Talvez devesse estudar psicologia.

— Mas deve manter distância desses casos — diz a enfermeira, enquanto lhe estende a mão. — Siv Stark, enfermeira de plantão.

— Você trabalhou na noite em que Hanna morreu?

Siv Stark confirma com a cabeça. E diz:

— Infelizmente.

— Nós temos de ouvir todos os que trabalham aqui.

— Alguma coisa aconteceu, até aí eu entendo, visto que os técnicos da polícia estiveram aqui, fecharam o quarto e fizeram algum tipo de investigação. Mas qual? Por quê? Teve alguma coisa de estranho na morte de Hanna Vigerö?

— Eu não posso contar mais nada além do que já disse, mas, se você puder preparar os outros para o interrogatório, eu agradeço.

Peter Hamse.

Ela quer, mas também não quer falar com ele.

Siv Stark acena com a cabeça e, à luz do amanhecer, a sua boca parece ter o dobro do tamanho, sem parecer assustadora ou grotesca.

— Ela esteve aqui? — pergunta Siv Stark. — Ou talvez as suas meninas?

— Não sei. Talvez. Tento escutar o que dizem. Tento acreditar nelas.

Siv Stark procura por alguma coisa no bolso da sua bata. Depois, pega uma caixa de tabaco Generalsnus e coloca uma porção por baixo do lábio superior. O cheiro do tabaco faz com que Malin sinta vontade de vomitar. Fica com saudades da rua e do seu apartamento. Saudades de Tove. Do cheiro suave e puro da sua filha, um odor que vai ficar com ela para sempre.

As duas mulheres deixam o quarto juntas.

Não conseguem ouvir os gritos desesperados atrás de si.

Duas meninas gritam pela sua mãe.

Uma mãe grita pelas suas meninas.

Faltam quinze minutos para as seis quando Malin consegue, finalmente, deitar-se na cama, ao lado de Tove.

A filha não acorda, aconchega-se instintivamente ao corpo da mãe e, ainda dormindo, abre os braços e abraça-a. Malin começa a suar, acha que não vai conseguir adormecer, não desse jeito, mas é mesmo assim que eu quero ficar, para espremer todo o amor que

existe neste mundo, para pressionar o meu corpo contra o de Tove, até que nada mais possa existir entre nós. Em breve, ela vai embora e isso me dá medo, faz com que eu sinta receio da solidão. Eu gostaria tanto de mantê-la aqui comigo.

Todos me traem.

Tove quer ir para Lundsberg.

O pai.

Janne. Daniel. Todos desistem de mim. Malin quer chorar, quer afundar em autocomiseração, mas sabe que isso não vai resultar em nada, que apenas vai conduzi-la para o inferno. Em vez disso, prefere desfrutar do calor da filha. O cérebro passa a funcionar a uma velocidade bem mais moderada, mas com menos lógica. E, assim, acaba por se imaginar numa lagoa florida onde se respira melhor e é ela, menina, que avança pela lagoa, sem olhar para os seus pés descalços, os pés de uma jovem que tem o horizonte como objetivo.

Ouve-se um cachorro que ladra.

E a menina para e olha para o chão. Grita, salta e tenta fugir dali, mas acaba presa, presa na lama em que cada filhote de lagarto tentava morder os seus calcanhares e segurá-la. E as aranhas com pernas longas e peludas sobem pelos cabelos da menina, entrando nos olhos dela, na sua boca e nos seus ouvidos. Os animais querem deixá-la muda, cega e surda, livre de todas as necessidades, de todas as ganâncias. Então, a lagoa é substituída por uma enfermaria e ela vê seu irmão deitado num lençol branco, dormindo. Ele é adulto e, ao mesmo tempo, um bebezinho vestido de macacão azul-claro que ela reconhece de muitos sonhos que teve.

O rosto dele é pequeno e frágil. O queixo miúdo e o corpo pequeno e magro. Seu sono parece ser livre de sonhos e de

preocupações. Nos sonhos, pensa Malin, não sou eu a desamparada, é você. E se a vida das pessoas é uma disputa para saber quem é a mais desamparada, talvez você seja o vencedor, não?

Eu o traí. Não é?

Mas por que estou com tanto medo de viajar para conhecê-lo? Eu quero dar-lhe todo o meu amor. Estarei com medo por aquilo que você é? Estou com medo por não saber o que vou sentir, realmente, por você?

Ela quer conhecer o seu irmão. Afagar o seu rosto. Mas, antes de seguir em frente, o espaço do sonho se modifica, passa a ser um buraco mofado, cheirando mal e com água por todos os lados, com duas pequenas figuras em um canto, figuras que ela quer retirar dali, mas não pode, porque não têm rosto, nem nome e ela não sabe onde estão.

Você tem que nos salvar.

Tem que nos salvar.

E ela descansa naquela sala. Congela a imagem das crianças sujas e cheias de medos. Deixa que os corpos de Tove e das crianças se transformem em um único corpo, num tipo de tecido de que os sonhos são feitos.

Fors levantou-se bem cedo.

Está sentado à mesa da cozinha, com uma caneca de café forte em uma das mãos e o jornal *Corren*, na outra.

Não aguenta mais ler as notícias, não quer saber das últimas notícias sobre a bomba, pois já está farto dessa explosão.

Do seu lugar, quase sente a grama do parque em frente “explodir” de vida. Sente as vibrações das minhocas e de tudo o que quer crescer, mas parece hesitar.

Åke Fors não aguenta se levantar, não aguenta olhar para o parque em frente, observar o bonito dia primaveril, quase perfeito, que vai nascer.

Malin.

Ele toma mais um gole de café.

Quando é que vai me perdoar? Se é que quer, realmente, me perdoar.

Mas precisamos nos reaproximar. Não podemos desistir.

Vou continuar por aqui. Vou ficar. Vai demorar um pouco até esquecer os meus remorsos e a minha culpa.

Talvez a culpa fosse minha quando ela caía de bêbada.

Margaretha.

Como foi possível você me controlar desse jeito? Pois foi isso que aconteceu. Sem dúvida. Não é verdade?

Um passarinho canta. Um zumbido de abelha.

Fosse lá como fosse, presumi que assim tudo ficaria mais fácil.

37

Tove e Malin abriram a janela que dá para a Igreja de St. Lars e deixaram que o calor do sol afagasse o rosto delas.

Tove está bebendo o seu café da manhã. Cada uma saboreia o sanduíche matinal, enquanto Malin conta o que aconteceu com o seu pai e avô de Tove. Esta acaba repetindo:

— Você tem que perdoá-lo. Pelo menos, tente. De certa forma, agora, nós somos três, não é?

Malin não reage.

Apenas observa, lá embaixo, o novo Parque St. Lars onde desde cedo um grupo de jovens está ocupado montando suas barracas de comércio.

— O que acha que eles vão vender? — pergunta Malin.

— Isso é quase um segredo — explica Tove. — De qualquer forma, o mercado está ficando cada vez maior, à medida que os jovens insistem em comparecer. E, depois, ninguém sabe onde vai parar.

— Vamos ver como o mercado evolui. Mas agora o que eu faço: devo entrar em contato com a Escola Lundsberg?

— É uma boa ideia, mas eu própria posso fazê-lo. Você quer falar com o pai sobre isso?

Janne.

A loura ao seu lado na noite anterior.

— Não será preciso. Pode dizer a ele que concordei. Eu vou mandar um *e-mail* para o reitor. Afinal, é um belo acontecimento, não é verdade? E para mim está tudo certo. Quase todos os diretores neste país passaram por essa escola, não é?

— Quase todos — confirma Tove.

— Portanto, você também vai ser diretora e assim ganhar o bastante para me sustentar quando eu ficar velha.

— Eu não vou ser nunca uma dessas detestáveis diretoras — diz Tove. Malin olha o rosto da filha e sabe que ela vai fazer sucesso entre os grupos aristocráticos. Um dos sinais é o uso da palavra “detestáveis” a dançar na sua mente, quando, se fosse ela, usaria a palavra “malditas”. Mas “detestáveis” é a palavra perfeita, a mais fina, para uma menina bem-nascida, ao caracterizar a situação.

Malin respira fundo.

Os raios do sol primaveril são quentes, quase ameaçam queimar a pele. Pelo menos, é isso o que ela sente ao ficar diante da janela do apartamento.

Onde estão os meus óculos de sol? Ainda não os procurei, mas preciso fazê-lo.

O relógio na torre da igreja marca oito e meia. Apesar de Malin ter tido apenas algumas horas de sono na noite anterior, já não está cansada, e sim pronta e cheia de entusiasmo diante de mais um dia de trabalho.

Todas as outras porcarias serão postas de lado.

Colocadas numa sala pequena e bem afastada, em algum lugar na sua mente. Serão acessadas quando chegar a hora.

Börje Svärd caminha apressado pela Tornhagen. Quer chegar ao departamento de polícia antes do início da reunião matinal. Na caminhada, passa por uma série de casas construídas sem grandes pretensões e por alguns prédios amarelados de apartamentos de aluguel.

Foi uma caminhada diferente.

Já tinha dado uma volta com os cachorros em torno das seis horas da manhã.

Mas precisava se mexer muito mais, não para afastar as lembranças de sua falecida esposa, Anna, nem os problemas do caso que estavam investigando no momento. Era como se quisesse, dessa forma, reter ainda por mais tempo a imagem da sua mulher falecida.

Caminha e respira fundo o ar fresco da primavera acolhedora.

Lembra-se de Anna ainda jovem, antes de a doença degenerativa começar a se manifestar e a levá-la para a morte. Mas a doença nunca chegou a tirar dela a alegria de viver. Assim como agora a explosão da bomba na praça jamais vai tirar da cidade a alegria de existir.

Os últimos dias de trabalho duro na investigação do caso desgastaram os corpos e as mentes.

Pelo rádio, ele ouviu que todos os bancos do país iriam reabrir as portas, embora com novas e rigorosas medidas de segurança e com mais funcionários.

Börje Svärd chega, enfim, à avenida Vallaleden. Espera a luz verde para atravessá-la e, enquanto isso, observa mais uma vez os prédios antigos da velha cidade de Linköping, a Gamla Linköping.

De repente, ouve uma buzina ao lado. Olha e vê o carro verde de Waldemar parando na faixa de pedestres e o rosto do colega

surgindo na janela.

— Quer uma carona, *partner*?

Partner?

Bom, que seja assim.

— É claro.

— É melhor a gente parar no Seven Eleven e comprar café, não acha? — diz Waldemar, assim que o carro começa a andar. — Estou precisando de um bom café.

— É do que estamos precisando, sim — responde Börje. — Não sei por quê, mas estou sentindo que a investigação vai entrar em uma nova fase, não acha?

Waldemar concorda com um aceno, ao mesmo tempo em que acende um cigarro sem ao menos perguntar ao companheiro se isso o importunaria.

Estranho haver tão pouca gente no departamento de polícia.

Apenas um bando de policiais fardados, andando de um lado para o outro e tentando mostrar que estão ocupados.

Com certeza, a esta hora, Sven Sjöman já providenciou o interrogatório lá no hospital.

Onde estão Börje Svärd e Waldemar Ekenberg? Quero pedir a eles para falar com alguém do pessoal da creche. Eles foram para a creche Nordanvinden, em Ekholmen, e alguém foi para a creche central de Vidindsjö, onde Hanna Vigerö trabalhava.

Malin está sentada diante do computador, lugar pelo qual pretende começar a investigação.

Quer procurar saber quem era Hanna Vigerö, quem eram as meninas. Finalmente. Até o momento, ninguém tinha feito isso, por

estranho que pareça. Afinal, tudo aconteceu tão rápido.

Zeke.

Onde é que ele está?

Malin devia ter telefonado para ele, mas espera que Sven diga o que ela e Zeke devem fazer.

Zeke vai seguir com ela. Malin sabe disso. Sabe também que poderá precisar dele, da sua força, da sua capacidade de agir com rapidez. De nunca virar as costas, mas agir e ir em frente.

Ele aguenta seguir a pista da família Vigerö. Também tentar ver a investigação sobre a bomba na Grande Praça a partir de um novo prisma.

Precisa aguentar.

Não há razão que justifique o massacre de duas meninas de 6 anos.

A mãe delas não devia morrer asfixiada em uma noite no hospital.

Isso nunca poderemos aceitar.

— Malin.

Ela ouve a voz de Zeke vindo de trás.

A voz dele lhe traz segurança. E faz com que ela, finalmente, concentre a atenção nos acontecimentos do momento. Tenho andado por aí, aos trancos e barrancos, desde que a bomba explodiu, pensa.

— *Let's start working* — diz Zeke. — Sven já me atualizou sobre Hanna Vigerö e do que ele quer que você e eu façamos.

Malin acena.

— Eu estava pensando em começar pelo registro da população.

Zeke puxa sua cadeira, dá a volta pela mesa dos dois e senta-se ao lado de Malin, que começa a digitar no computador, usando o

acesso especial da polícia. Logo eles encontram os dados de Hanna Vigerö, todos expostos no monitor.

Nascida em Linköping, em 1969, filha de Johan e Karin Karlsson.

Casou com Pontus Vigerö em 1994.

E as filhas gêmeas.

Estas devem ter nascido em 2004, em janeiro.

Nada de estranho até aqui, nada fora do comum.

— As meninas — diz Zeke. — Procure pelas meninas, procure dados delas.

— Já não verificamos os dados nas certidões de nascimento?

— Que eu saiba, não. Elas foram identificadas pelas arcadas dentárias. E não tivemos motivos para ir mais fundo na pesquisa.

Uma pupila escura, um olho infantil, angelical, acima de um pedaço de face retalhado.

Continuo sem saber a quem pertencia aquele olho, quem olhava fixamente para mim daquela maneira, pensa Malin, mas que importância tem isso?

Vocês eram gêmeas. Talvez se apresentassem como sendo uma e a mesma pessoa, como os gêmeos muitas vezes costumam fazer.

Eles conseguem os dados de Tuva Vigerö no monitor.

— Um momento — diz Zeke. — Está vendo o que eu vejo?

Malin prende a respiração.

Depois, lê:

“Nascida em Estocolmo, Hospital Karolinska, 2004. Adotada ao nascer pelo casal Pontus e Hanna Vigerö.”

— Será possível saber quem foram os seus verdadeiros pais?

— Não sei — responde Malin. Procura a informação, mas não a encontra. Ela sabe que existe em algum lugar, mas talvez não esteja à disposição no banco de dados virtual.

— Que azar — diz Malin.

— É pouco habitual uma adoção completamente sueca — comenta Zeke.

— Mas isso acontece ainda hoje — confirma Malin. — É preciso ter uma sorte danada, pelo que eu pude compreender. Ao que parece, acontecem de dez a vinte adoções desse tipo por ano. Li isso em algum lugar. O sistema social da Suécia prefere colocar as crianças suecas para adoção em famílias já formadas.

Malin pensa no seu irmão mais novo. Ninguém quis adotá-lo. Ninguém quis adotar um ser malformado. Nem mesmo a mãe.

Eles rolam as imagens para baixo.

Buscam a irmã gêmea, os dados de Mira.

A mesma adoção, evidentemente.

Mais cliques, feitos febrilmente, para ver as letras neutras, de parágrafos formais, que Malin sabe que escondem a verdade que, por sua vez, esconde novas verdades.

Não existe mais nenhuma informação sobre a adoção na internet.

Malin solta o *mouse*.

Vira-se para Zeke.

— Sabe, por acaso, onde podemos obter mais informações? Qual é o departamento que arquiva o documento que nos interessa?

— Não faço a menor ideia.

Malin contata Johan pelo interfone. Sabe que ele está sentado na outra ponta do grande salão cheio de mesas.

— É o tribunal municipal que formaliza as adoções, numa decisão puramente jurídica. Presumo que exista mais alguma coisa nos seus registros — diz ele. — Mas vocês precisam consultar a papelada que consta do arquivo. Todas essas informações ficam arquivadas,

não digitalmente, mas em papel, conforme a lei de “dados pessoais” ainda manda.

— Obrigada, Johan.

A seguir, Malin vê entrar no salão as figuras de Börje e Waldemar, conversando animadamente. Parecem dois velhos amigos que acabaram de se reencontrar, depois de uma separação de muitos anos.

Malin chama por eles.

Conta-lhes o que deseja que eles façam e também o que ela sabe até o momento.

Ao contrário do que esperava, nenhum deles faz cara feia nem fica irritado, antes parecem ter aceitado a autoridade da colega, dizendo:

— Deixa conosco. — E saem logo em seguida pelo mesmo caminho por que entraram.

— Eu direi para Sven que hoje não precisamos ter a reunião matinal.

O espelho do banheiro, pequeno e malcheiroso, reflete o rosto de uma pessoa que, de preferência, gostaria que não fosse mas que Malin sabe ser ela mesma. Ainda assim, se pergunta:

Mas de quem poderá ser, então?

Será que nem sequer eu posso imaginar quem seja?

E, então, ela se pergunta se o seu irmão é parecido com ela.

Com quem você se parece? Essa é uma questão que ela faz para si mesma em voz baixa, pensando nas meninas, doces e bonitas, com olhares cheios de vida, na imagem da família que Malin viu no apartamento em Ekholmen. Uma imagem, diga-se de passagem, não estranhamente diferente da mãe adotiva, Hanna Vigerö.

Adotadas.

Alguém que não quis ficar com elas, mas quem poderia deixar de querer um par de meninas como vocês?

Quem pôde desistir de vocês?

E ninguém, absolutamente ninguém, quis ficar com você, meu querido irmão.

Eu teria ficado, mas eu nem sabia que existia.

Malin joga água em seu rosto.

Sacode a cabeça.

Será que no arquivo da Justiça Municipal há gente trabalhando? Se as crianças foram adotadas e trazidas para Linköping, a papelada deve estar toda aqui, certo?

Caso contrário, vamos ter de encontrar alguém que possa nos indicar o caminho a seguir. Vamos ver o que Börje e Waldemar conseguiram.

As cadeiras de rodas saem como cascata das camionetes cujas cores azuladas brilham à luz do sol primaveril. Pelo lugar, espalha-se um aroma forte que vem dos canteiros de tulipas que estão na fachada do edifício térreo, revestido de tijolos brancos, que acomoda o asilo de Vidingsjö.

Verduras e mais verduras, pensa Waldemar Ekenberg, ao ver o rosto de Börje Svärd se contorcer. Mas entende que Börje deve se recordar de Anna, no momento em que os deficientes e os retardados são levados de volta para os seus quartos e celas.

O próprio Waldemar sempre ficava cheio de medo de um dia terminar desse jeito ou de as crianças que ele e a sua mulher nunca tiveram, nascerem e viverem com defeitos permanentes. Talvez

tenha sido esse receio que determinou o fato de eles nunca terem desejado filhos. Quem sabe?

— Vamos entrar?

Börje acena afirmativamente.

Tocam a campainha da porta e esta, feita de vidro espesso, abre-se, imediatamente, dando passagem para o interior do asilo. Eles entram e logo são abordados, num corredor fortemente iluminado, por uma jovem loura, vestida com um macacão rosa de pintora.

Eles se identificam, mostram seus distintivos, e informam sobre o motivo da visita.

— O meu nome é Petronella Nilsson. Sou terapeuta em atividades artesanais e a minha aula de pintura só começa às onze horas.

Eles seguem a jovem e entram em uma sala de pintura, com pincéis, latas e latinhas espalhadas pelas prateleiras ao longo das paredes. A luz suave entra por uma enorme janela que dá para um jardim florido interno.

Mesas manchadas de tinta e nada de cadeiras.

Cada um senta-se num banco e Waldemar logo nota as sardas da jovem e como elas ornamentam o nariz arrebitado do seu rosto de 25 anos.

— Este é um panorama tão horrível — diz ela. — Não consigo entender. Nós todos pudemos falar com os conselheiros terapêuticos, mas mesmo assim não conseguimos entender. As crianças de Hanna e agora ela. Não quero nem pensar nisso.

— Você notou alguma coisa de diferente em Hanna antes da bomba? Ela disse alguma coisa de estranho? — pergunta Börje.

— Não, nada. Nós falamos disso, entre nós, pensamos, mas não nos lembramos de nada em especial. Como assim? Vocês acham que a bomba era para ela?

Ela ainda não sabe que Hanna foi assassinada, pensa Waldemar. A notícia ainda não chegou aos jornais. E Waldemar resolve não falar do assunto.

— Nós continuamos trabalhando sem pistas — diz ele. — Como era ela?

— Ela estava um pouco doente desde o acidente com o marido. Mas já tinha dito que ia voltar. Era, de fato, a pessoa mais adorável e alegre do mundo. Os nossos clientes gostavam muito dela, e ela também gostava deles. E ela amava as suas meninas.

— Ela falava muito das crianças?

— Isso é o que fazem todas as mães, não?

— Ela mencionou alguma vez algo de especial?

Petronella Nilsson pensa.

— Não. Apenas o normal. Contava como elas tinham crescido. Coisas assim, coisas que disseram e que fizeram.

— Você sabia que as filhas dela eram adotivas?

Petronella Nilsson demonstra surpresa total. Balança a cabeça.

— Eu jamais poderia pensar uma coisa dessas.

— Você não sabia? — insiste Waldemar.

— Não. Hanna jamais mencionou qualquer coisa a esse respeito.

— Hanna fez alguma amizade especial com alguém daqui? — pergunta Börje, em seguida.

— Ela era amiga de todos — afirma Petronella Nilsson acrescenta: — De todos e de ninguém. Não convivia com nenhum de nós fora do serviço. As três pareciam ter uma vida familiar muito forte.

Antes de deixar o asilo, Waldemar e Börje ainda falaram com dois outros funcionários que disseram o mesmo que Petronella Nilsson. Ambos saíram, então, e se lançaram a caminho, por alguns poucos quilômetros, até chegar à pré-escola Nordanvinden.

Crianças brincando e gritando.

Mais pincéis. Mais tintas. Brinquedos e um som altíssimo, daqueles de provocar dor de cabeça em qualquer um.

Uma senhora já de certa idade, Karin Kvarnsten, administradora da escola, está na entrada e recebe em pé os dois policiais, Waldemar Ekenberg e Börje Svärd. É uma senhora de cabelos grisalhos, olhos verdes e rosto redondo.

— Quer dizer, então, que vocês chegam agora. Ontem vieram os homens da Säpo. Vocês não trabalham em conjunto, não?

Börje e Waldemar entreolham-se e parecem pensar o mesmo: “Estamos trabalhando na mesma linha de investigação?”. Mas talvez não seja isso, não precisa ser assim. Talvez os homens da Säpo tenham a mesma ambição de tirar todas as pedras do caminho.

— Eles gostam de conduzir segundo os seus próprios instintos — dizem ao mesmo tempo Börje e Waldemar, profundamente irritados.

Eles seguem a senhora até a cozinha da escola, que cheira fortemente a curry e onde trabalha um cozinheiro barbudo, mais ou menos da mesma idade deles, que está cortando em rodelas uma gigantesca salsicha ao mesmo tempo em que mexe uma panela de cuscuz com água fervente.

O homem apresenta-se como Sten Håkansson.

— Conte-nos como eram as meninas — diz Waldemar.

— As melhores crianças do mundo, boas companhias, bem desenvolvidas para a idade — diz Karin Kvarnsten. — Elas não voltaram para a escola depois do acidente do pai, de modo que não sabemos como reagiram. E agora também nunca mais vamos chegar a saber.

— Não, claro — concorda Börje.

— Foi uma coisa terrível o que aconteceu — diz Sten Håkansson —, impossível de aceitar e de entender, seja de que maneira for. E continuamos preocupados com o que possa acontecer em Linköping.

— Vocês sabiam que as gêmeas eram adotadas? — perguntou Waldemar. — Ou o pessoal da Säpo disse isso para vocês?

— Adotadas? O que vocês estão dizendo? — questiona Karin Kvarnsten, cheia de espanto. — Nós não sabíamos nada disso e jamais podíamos imaginar uma coisa dessas.

Sten Håkansson para de mexer a panela de cuscuz.

— Essa é boa! — diz ele. — Nada foi mencionado pela Säpo a esse respeito. Eles queriam saber apenas se nós teríamos notado alguma coisa de especial na família. E isso não notamos, não.

— A não ser o fato de que a família parecia quase mais feliz do que todas as outras — conclui Karin Kvarnsten.

Depois de ouvir os funcionários da escola, Börje e Waldemar param no estacionamento para conversar.

E para Waldemar acender um cigarro.

— Sem dúvida nenhuma — diz ele —, tudo pode acontecer. Mas desde que não atinja as pessoas, a vida continua sem problemas, não é verdade?

— É verdade, sim — concorda Börje. — Vamos ver agora se Malin e Zeke descobriram alguma coisa.

Ronny Karlsson fica murmurando ou resmungando qualquer coisa, enquanto segue na frente de Malin e Zeke pela grande sala empoeirada e já acanhada onde está localizado o arquivo da Justiça Municipal, que ocupa quatro andares do grande prédio de tijolos

vermelhos da administração local, vizinho da biblioteca, perto do Slottsparken, o parque do palácio da cidade.

Os dois conseguiram os dados da pessoa responsável pelo arquivo na internet e, em seguida, ligaram para o contrariado burocrata, que, ainda sob alguns protestos, concordou em lhes mostrar os arquivos básicos. Deve ter compreendido que o assunto era sério.

— Não seria melhor...

Mas, ainda no telefone, acabou por deixar a pergunta pela metade.

Não, não daria para esperar. Não há tempo para seguir os trâmites habituais, com o preenchimento de uma infinidade de formulários.

— Muito bem. Podem vir dentro de uma hora e meia.

E, no momento, lá vai ele, de calças *jeans* e camisa de flanela vermelha, na frente de Malin e Zeke. O arquivo cheira a recinto fechado e esquecido, com as estantes de prateleiras de aço pintadas de azul-claro, altíssimas, até o teto, cheias de pastas alinhadas lado a lado e de caixas de papelão, identificadas com caneta. Havia ainda montes de pastas, aparentemente bem separadas, segundo um sistema de elásticos e de etiquetas destacáveis.

— As informações aqui, na sua maior parte, são de natureza pública, — resmunga Ronny Karlsson, que pula por cima de uma caixa maior, colocada na meio de um corredor. — Ninguém se interessa por elas. O que interessa a vocês deve estar aqui.

— Mas nós estamos interessados, sim — acentua Malin. E Ronny Karlsson para diante de uma prateleira com pastas pretas.

— Deve ser aqui...

Diante dos dois policiais, ele fica na ponta dos pés, franze a testa e lê a indicação escrita nas pastas antes de retirar uma delas.

Ronny Karlsson folheia o conteúdo.

Lê e, depois, estende a pasta para Malin.

— Aqui está — diz ele. — Aqui está tudo o que eu tenho a respeito das meninas Vigerö.

38

Este mundo está cheio de crianças indesejadas, pensa Malin.

Uma adoção planejada que não se concretizou.

Quem vai querer um deficiente quando se pode escolher? Dá-se preferência a uma criança morena, ou loura, ou ruiva, a alguma com o cérebro malformado ou uma alma distorcida.

Malin olha o parque, vê as amoreiras, as macieiras e as magnólias disputando a primazia de serem as mais bonitas, a *miss* Árvore 2010.

Faltam quinze minutos para o meio-dia. Zeke continua a caminhar, lentamente, ao lado de Malin. Ambos seguem atrás de um muro de flores brancas, de onde conseguem visualizar uma parte do palácio da cidade e do parque que está fechado para o público. Do outro lado, veem a biblioteca com os vidros das janelas refletindo intensamente os raios solares. Entre as prateleiras, as pessoas procuram por livros e, às mesas, estão alguns estudantes inclinados sobre os seus computadores.

A biblioteca.

O lugar favorito de Tove. Foi nos arredores, no estacionamento da catedral, que Malin e Zeke deixaram o seu carro. E é para lá que caminham em silêncio.

Conheço cada recanto desta cidade, pensa Malin. Todas as pedras dos caminhos que levam à igreja estão na minha memória. Todas as árvores. Cada detalhe da fachada do antigo salão de ginástica faz parte de mim. Todo o meu ser recorda as particularidades das pessoas, todas as injustiças, todas as tristezas, as alegrias, as pretensões e os pensamentos gananciosos.

Havia um nome na pasta preta do arquivo da Justiça Municipal.

Não o nome da mulher que resolveu oferecer as filhas para adoção, nem também o nome do pai, mas o nome da assistente social que, de alguma maneira, esteve envolvida no caso.

Os pais suecos não têm o direito de ficar anônimos quando oferecem os seus filhos para adoção. Mas nos papéis das gêmeas Vigerö esses nomes não apareceram nos documentos.

Por quê?

Um erro burocrático? Outro erro qualquer?

A assistente social foi uma tal Ottilia Stenlund, que seis anos antes teria trabalhado no serviço social do bairro Norrmalm, escritório 4, na rua Teknologgatan, 13, em Estocolmo.

— Vamos telefonar para Ottilia Stenlund — diz Zeke, ao passar por um gigantesco carvalho, perto da antiga sala de ginástica.

O palácio.

Um caixote cinzento com uns cem metros de comprimento bem na frente deles. Residência do presidente da província. Só gente fina é convidada para os jantares da presidência, além dos jogadores de hóquei sobre gelo, do Linköping HC, quando campeões.

A catedral.

Como se fosse um gigantesco sarcófago, exige a atenção dos habitantes de Linköping, mas, ao que parece, eles não se interessam muito pelo que se passa na casa de Deus. A mesquita

em Ekholmen é, certamente, mais frequentada. A não ser em tempos de explosões e no Natal, quando a missa da meia-noite é iluminada à luz de mil velas acesas. Nessa ocasião, os habitantes de Linköping saem de suas casas e os clérigos são obrigados a receber o povo no portão de entrada da igreja, a fim de encher as bolsas com os dízimos das suas consciências pesadas.

Droga, pensa Malin.

Tal como Springsteen canta: *“Still at the end of every hard earned day people find some reason to believe”*.********

Ela pega, então, o celular.

— Vou telefonar e saber se ela está na lista das informações.

— Não deveríamos telefonar antes para o escritório dela?

— Vai demorar mais encontrar o número dela por esse caminho. O serviço de informações é mais rápido e mais simples. Vamos tentar.

Já estão junto do carro. O teto branco do veículo está coberto de cocô de passarinhos, coisa que não havia antes de eles terem estacionado ali. Malin vê quando Zeke resolve olhar para o céu, para a copa verde-clara do velho carvalho, onde até há pouco algum bando de andorinhas, gralhas ou de qualquer outra praga da cidade, com as suas necessidades por satisfazer, deve ter pousado. Zeke solta um palavrão, mas não foi totalmente convincente.

— Sim, temos aqui uma Ottilia Stenlund. Na avenida Skoghöjdsvägen, 39, em Abrahamsberg. Devo mandar um SMS ou completar a ligação?

Três segundos depois, Malin ouve uma voz cansada e meio rouca de uma mulher, na outra ponta da linha.

— Ottilia.

Malin acha ter percebido na voz de Ottilia Stenlund um tom de quem está à espera de uma chamada.

De nós?

— O meu nome é Malin Fors e eu sou inspetora criminalista da polícia de Linköping.

Depois, ela explica o motivo da chamada.

Pede desculpas por estarem lhe telefonando para casa, mas, diante da situação, não podia ter evitado.

— Eu trabalho ainda no mesmo escritório — diz Ottilia Stenlund. — Mas hoje é o meu dia de folga.

Uma sexta-feira livre. Malin lembra-se de ter lido um artigo no jornal *Expressen* de que os serviços sociais em Estocolmo começam a semana no sábado para enfrentar a "clientela" atingida pela crise.

— Quer dizer que você trabalha aos sábados. Eu li qualquer coisa sobre isso.

Demonstra interesse, cria confiança, essa é a espinha dorsal do sucesso, pensa Malin, mais uma vez.

— Eu trabalho também aos sábados, de vez em quando, sim.

Ottilia Stenlund respira fundo, uma respiração prolongada e profunda, como se fosse para lhe dar tempo para pensar.

Em seguida, Malin pergunta-lhe:

— Presumo que tenha acompanhado o caso das meninas. Você ainda se lembra delas?

— Por juramento, nada posso dizer. É um segredo sagrado — diz Ottilia Stenlund. — Estarei quebrando nosso código de conduta se disser qualquer coisa. — Malin sente a raiva subindo pelo corpo e estourando na boca, bem junto do fone:

— Elas morreram, explodidas em pedaços. Você entendeu mesmo o que isso significa? Esses dois doces bebês que você ajudou a serem adotados cresceram e se tornaram duas meninas bonitas e

maravilhosas que, depois, se transformaram em pedaços de carne queimada, de sangue espalhado pela praça e de lixo. Está entendendo? Portanto, não venha para cima de mim com qualquer...

Foi então que Zeke resolveu correr para o outro lado do carro e tirar o telefone das mãos de Malin. Bem na hora. Malin começa a sentir a visão desaparecer, a ter dificuldade em respirar. Leva as mãos para cima do teto do carro, sente entre os dedos a porcaria ainda quente deixada pelos pássaros e escuta Zeke dizendo:

— Eu peço desculpas... A minha colega está sob grande pressão. Nós estamos sob grande pressão. Você não poderia abrir uma exceção? Qualquer decisão de um tribunal para quebrar o sigilo leva muito tempo, tempo que nós não temos...

A situação volta a clarear.

As palavras de Zeke, plenas de resignação.

— Quer dizer que não quer abrir uma exceção. Então, está bem. Obrigado.

Ele desliga o telefone.

— Ela está com medo — diz Zeke. — Não notou isso na voz dela? Para mim, ela está com muito, muito medo...

Às quatro e meia da tarde, Zeke deixou Malin na porta do apartamento dela.

Börje Svärd e Waldemar Ekenberg, além de Johan Jakobsson, passaram a sexta-feira inteira falando com pessoas que tiveram ligações com a família Vigerö. Nada de importante surgiu dessas conversas. A adoção das meninas era um caso desconhecido de todos. E a família parecia ser feliz, de uma felicidade quase impossível.

E a Säpo acabou por aparecer de novo.

Na mesma pista? Muito possível. Sven Sjöman fez questão de mantê-los a par de suas descobertas, sucessivamente, como combinado. Mas quem poderia saber ao certo o que a polícia secreta estaria fazendo com as informações recebidas?

Ottilia Stenlund é nossa, o melhor caminho que eu tenho pela frente, constatou Malin para si mesma.

O Pull & Bear estava aberto e ela faz uma parada diante da entrada do *pub*. Espera que o desejo do álcool caia, feito uma ducha, em cima dela, mas ao parar diante da janela vermelha e amarela, ela não sente nada. Quer apenas subir para o apartamento e, logo a seguir, já está sentada na sala de estar, olhando para as paredes.

Tove está na casa do pai, Janne.

Aquele canalha, cretino.

Começa a sentir seu corpo tremer e, logo, ela pula do sofá. Tem que chutar para longe aquela instabilidade emocional. Não aguentava mais ver aquelas paredes manchadas do apartamento, não aguentava mais ouvir o tique-taque do relógio comprado na Ikea. Resolve tirar do guarda-roupa o equipamento esportivo e os tênis Nike já bem gastos. Minutos depois, está correndo por entre os pedestres, ao longo do Stångåpromenaden.

Pelo canto dos olhos, ela consegue ver os altíssimos prédios de apartamentos recém-construídos, 75% dos quais, segundo referências, são habitados por médicos. Correndo, ela passa pela nova academia de boliche. Não quer nem olhar para o outro lado da lagoa, onde está o quartel dos bombeiros em que Janne trabalha. É um edifício vermelho, despretensioso, que faz lembrar a vida e a sua infinita sucessão de lutas.

Com que rapidez ainda posso correr?

E qual a distância?

As mansões bonitas construídas na década de 1950 ladeiam a descida para a lagoa. Ela se lembra de que já esteve em algumas delas, fazendo visitas relacionadas a outras investigações.

O coração bate que nem um martelo dentro do seu corpo.

O campo de visão é como se fosse o binóculo de um pirata.

Afastem-se, desapareçam. Ela sente o corpo trabalhando, obedecendo-lhe, e a adrenalina a esguichar por todos os lados. Desvia-se e segue para a ponte de Brasken e, em seguida, passa pelas instalações da Saab.

Era aqui que a minha mãe trabalhava, pensa ela. Foi aqui que ela se encontrou com aquele homem que deu a ela outra criança, o meu irmão. Foi aqui que a vida dos meus pais, e a minha, se tornou, finalmente, uma grande mentira. Mas talvez coisas semelhantes já tivessem acontecido antes, não?

Eu me recuso, pensa Malin. Isso não vai acontecer comigo.

Ela resolveu parar diante dos portões de ferro da fábrica. Apoiou as mãos nos joelhos, ficou inclinada para a frente, respirando, para recuperar o fôlego. Retoma a corrida em direção ao centro. E pensa:

Eu me recuso. E insiste: recuso-me, recuso-me, recuso-me. E o verbo repercute no seu corpo como um mantra, aumenta o seu poder físico. Ela pensa: estou com 36 anos, não posso deixar que seja definida pelo erro cometido por outra mulher e por seu marido. Por seus erros e suas incapacidades em se confrontar consigo mesmos. Para mim, está é a oportunidade de fazer isso, de me ver no espelho e, finalmente, conseguir chegar a algum lugar na vida.

Preciso visitar o meu irmão mais novo. Para meu próprio bem, para o bem da minha filha, Tove, e para o bem desse irmão que

desconheço. Tenho que dominar os meus medos, visto que é medo o que sinto diante do que me espera, não é verdade?

Tove. Ela quer visitá-lo.

Malin aperta o estômago, quer jogar para longe aquele sentimento em relação a Tove, a sensação de perigo, medo de perdê-la quando pensa nela. Reconhece que comete em relação à filha o mesmo erro que sempre cometeu.

Mas...

Apesar de tudo...

Primeiro, preciso trabalhar e esclarecer de uma vez o caso. Preciso pressionar Ottilia Stenlund. Pressioná-la mais, se for preciso.

Malin pensa também em Peter Hamse. Nem chegou a falar com ele durante todo o dia, apesar de ter tido um bom motivo para fazê-lo.

Pensou também em Daniel e Janne. Canalhas. E continua a correr. Segue em frente. À sua volta, passam cores, sons, dores e respirações ofegantes até que, por fim, ela chega abatida e esgotada diante do portão do seu prédio. O relógio na Igreja de St. Lars marca seis e meia. Ela sente os músculos do abdômen tensionando. De repente, vira o corpo para o lado e vomita toda a bile que tinha no estômago. E chega a sensação maravilhosa do suor escorrendo por todo o corpo e uma umidade refrescante acariciando a pele.

Ela leva os dedos à garganta.

Vomita o resto que ainda tinha no estômago.

Vê o rosto do pai na sua frente.

Papai, pensa ela. Como é que vou perdoá-lo?

******** Em inglês, no original: “Assim, no final de todos os dias duramente ganhos, as pessoas sempre encontram alguma razão para crer” (tradução livre). [N. T.]

39

SÁBADO, 15 DE MAIO

O carro avança pela via expressa europeia E4, na direção norte, atravessando a paisagem plana da província de Östgötaland.

São ainda seis e meia da manhã. Malin está feliz porque Zeke está dirigindo. Nenhum café do mundo poderá aliviá-la do cansaço do dia anterior, apesar de ter dormido a noite inteira.

Teve de insistir com Sven Sjöman, no dia anterior, para autorizá-los a viajar para Estocolmo, a fim de ouvir, pessoalmente, Ottilia Stenlund. O custo da viagem iria sobrecarregar o orçamento já bem reduzido do departamento, mas Malin achava fundamental ouvi-la e não deixar que um colega qualquer cumprisse a tarefa.

Malin tem certeza de que apenas ela iria conseguir interrogar da maneira correta. Ela e Zeke. E ela quer seguir essa pista. No final, Sven não conseguiu contrariá-la.

Cansada, tão cansada.

Ainda não está recuperada. As noites e os dias, quando tudo parecia acontecer ao mesmo tempo, ainda marcam o seu corpo. Calculando bem, ela precisaria dormir uma semana inteira, mas não

agora. Agora não há tempo para isso. No momento, vale apenas ouvir o barulho do motor do carro e ver ao longe algumas vacas brancas ruminando num prado bem florido de cores amarelas, diante de uma construção avermelhada, à beira de uma densa floresta de bétulas.

O que se esconde entre as árvores?, pensa ela.

Nos intervalos negros?

Para onde vamos mesmo? Zeke e eu? Será que vamos conseguir algo de novo? Ou a ideia que nos leva à presença de Ottilia Stenlund é apenas uma pista falsa? Serão corretas as linhas de investigação que Waldemar Ekenberg, Johan Jakobsson, Börje Svärd e os outros seguem?

Talvez exista a verdade, não só na Frente Libertária Econômica, mas também em algum outro movimento ativista. Talvez islamita. Talvez algum bando de motoqueiros.

A pistola no coldre, preso no ombro e por baixo do casaco, estava incomodando um pouco.

No dia anterior, por telefone, Sven recomendou que saíssem para Estocolmo o mais cedo possível. Malin falou mais uma vez que eles teriam de obrigar Ottilia Stenlund a falar sobre a adoção, e o chefe informou que ainda não sabiam quem era o homem que deixou a bicicleta em frente do banco e que a investigação no Hospital da Universidade não tinha dado resultado, nem as análises feitas no departamento técnico da polícia. Portanto, o campo estava aberto para as investigações de Malin e Zeke.

— Façam como quiserem — teria dito Sven. — Vão em frente. Trataremos dos problemas dos gastos de viagem depois.

Malin sentiu que ele, na realidade, queria dizer:

— Vão em frente sem restrições, no escuro.

Pela frente, agora, apenas o asfalto cinzento da E4 e uma indicação: Norrköping 14. Malin pensa: “Estou entrando mesmo numa área escura e desconhecida. Sinto isso, mas nada me amedronta. O que me dá medo está em outro lugar”. Zeke estende a mão na direção do som e põe para tocar um coral alemão, em tom menor, tão alto que, em certas ocasiões, até dava dores de cabeça em Malin.

No entanto, a ocasião era das boas.

Ela encostou a cabeça contra a janela do carro, fechou os olhos e adormeceu.

Quando acordou, o carro já passava pela periferia do sul de Estocolmo.

No horizonte flutuante e pantanoso, os edifícios desumanos de Botkyrka.

O esplendor escondido do alto Mälar, o lago em frente e o ambiente relativamente agradável de Midsommarkransen, onde os prédios parecem querer enfrentar o barulho dos motores na estrada e envolver os seus habitantes num amplo e maravilhoso abraço.

Estocolmo.

Foi para aqui que eu vim um dia, pensa Malin. Eu e Tove, que era bem pequena na época. Era quase impossível levar uma vida de mãe com bebê para cuidar e, ao mesmo tempo, estudar na Academia de Polícia. Mas consegui, aos trancos e barrancos.

Para mim, Estocolmo era feita apenas de bastidores, pensa Malin no momento em que passam pela ponte Skanstullsbro, o lugar que divide o norte e o sul da capital sueca, toda ela assentada em dezenas de ilhas e ilhotas que formam um grande e bonito

arquipélago. E passam por um túnel em cima do qual foi construído um novo hotel de fachada brilhante, toda envidraçada. Eu nunca cheguei a visitar a cidade, sempre faltava tempo, as chances perdidas. E como eu poderia conhecê-la? Uma mãe, vivendo sozinha e estudando para ser policial. Seria possível imaginar uma situação mais inferior? Numa cidade obcecada pelo dinheiro e pelas tendências da moda, na procura incessante pelo vulgar?

Eu me convenci que queria ficar, pensa Malin, mas cheguei à conclusão de que era praticamente impossível. Eu queria mesmo era voltar para casa, voltar para Janne, talvez tentar tudo de novo, mas a questão era outra. Um sentimento forte de não me encaixar no ambiente, de não estar à altura, a mesma sensação que você, minha mãe, sempre teve, toda a sua vida. Não foi? A sensação de que o mundo era grande e você, muito pequena. De que os outros eram importantes, mas você nada valia.

Depois do túnel, ao voltar à luz do dia, ela vê o fundo do Parlamento, Riksdagshuset, e a baía anexa, Riddarfjärden, e pensa: “Como é que eu poderia sonhar em pertencer a este lugar?”. Quantos foram bem-sucedidos nessa viagem em que ela falhou? Ao se mudar de uma cidade pequena e transformar a capital do país em um novo lar? Em ser bem-sucedida, em ser alguém superior, em deixar espantado todo o mundo, embora essa capital seja apenas uma pequena parte dele.

Há uma fábrica de cerveja, a Munchenbryggerie, que parece mais um castelo da Idade Média saído das águas do lago Mälar, e que fica na avenida do lado sul do lago, a Söder Mälarstrand. Por trás, um rochedo alto que parece ter sido posto ali para defender os encastelados de qualquer ataque. E, em frente, a chama permanente do Palácio da Cidade, a Stadshus, que parece avisar:

“Podem vir, mas não queiram se apresentar como se fossem alguém”. Os prédios requintados ao longo da avenida norte do lago, a Norra Mälarstrand, são maiores do que Malin se lembrava. Gostaria de poder imaginar como seria morar num lugar como aquele e acordar todas as manhãs com vista para o lago e para a grande ponte que liga as duas margens, a Västerbro. Malin recordou-se, então, do apartamento que sublocou e onde viveu com Tove. Era um porão de um único cômodo. Por cima, uma área com cestos de lixo. O porão estava situado em Traneberg, com vista para um estacionamento.

Mas Tove sentia-se feliz ali.

Perto da sua creche.

Com assistentes sociais.

Talvez ambas tivessem a sensação de que, de fato, estavam a caminho de algum lugar. E talvez seja isso que Tove, agora, também está fazendo, indo para um novo lugar e com coragem para enfrentar um diferente projeto de vida. Quem sabe se é isso? E não é por acaso que eu fico com raiva e em pânico só de pensar que ela vai embora.

Janne. Daniel Högfeldt. Ambos também estão a caminho de algo novo. E eu? Para onde é que eu estou caminhando? Ela imagina a figura de um rapaz num asilo anônimo. De certa forma, essa figura fez com que o rosto da sua mãe se esfumace, sugou-o, mesmo considerando que ele agora é um homem, embora para ela continue a ser e será sempre apenas um menino.

Outra avenida: Sveavägen.

Eles acabam saindo de outro túnel e ficam presos no trânsito infernal, perto da fachada azulada do Salão de Concertos, no grande cruzamento central da rua do rei, a Kungsgatan, com

Sveavägen. Malin vê que as jovens atravessam as ruas, perto da loja da Adidas, com uma firmeza que ela nunca teve quando estava com aquela idade e morava lá.

Zeke, ao volante, vira agora para a rua Rådmansgatan e sobe uma pequena ladeira até chegar a um jardim, o Tegnérlunden, onde a primavera encheu os canteiros de verde, que rodeiam a romântica estátua de August Strindberg, que parece um velho senhor qualquer, com um leão ao lado. Depois, o carro segue por uma rua menor da qual Malin não sabe o nome.

— Teknologgatan. Deve ser aqui — diz Zeke, antes de parar.

— Serviço Social de Norrmalm, escritório 4. Agora é só esperar que Ottilia Stenlund nos receba, se é que ela está trabalhando neste sábado. Caso contrário, vamos ter de ir vê-la na sua casa.

A necessidade jamais está de folga nesta primavera de 2010.

A repartição está aberta, exatamente como Ottilia Stenlund dissera.

E ela está lá.

Malin e Zeke tiveram de esperar numa sala sem janelas, com as paredes pintadas de um tom amarelo agressivo, o que faz Malin pensar em Hare Krishna.

Ottilia Stenlund vai recebê-los, mas terá de atender primeiro a dois clientes.

Tem mais gente sentada nos sofás e nas cadeiras.

As pessoas folheando o jornal *Metro*, a revista *Hänt i Veckan*, além de outra revista sobre decoração de interiores que alguém deve ter trazido de casa e esquecido de levar de volta.

Algumas das pessoas pertencem ao quadro dos clientes normais. Mulheres alcoólatras na mesma idade de Malin que parecem cem anos mais velhas e que cheiram mal, a urina, a álcool e a sujeira, e que estão ali para receber a semanada que irão gastar exclusivamente em mais bebida. Uma das mulheres é magra, parece ter uns 40 anos, mas não deve ter mais de 20. Malin reconhece a distância, também, um viciado em drogas. O seu olhar é de desespero e de grande expectativa, mas também de atenção. Na sala de espera, a maior parte é de gente comum: uma mãe orgulhosa com duas crianças bem pequenas, um homem de uns 30 anos, de terno e gravata, um outro já aposentado, de camisa bem passada, de listras azuis e brancas.

As necessidades atacam cegamente, pensa Malin. Todos podem perder o emprego. Ninguém está totalmente seguro. Falta pagar a parcela do empréstimo bancário relativo à hipoteca do apartamento. E se o pagamento não for feito dentro de vinte dias, o banco terá o direito de ficar com a sua casa.

Qualquer um pode estar na rua em menos de um mês. No entanto, é difícil ter pena dos compradores de apartamentos financiados nesses bairros. É gente bem paga que circula em carros extremamente caros e que gasta sem controle. Algumas dessas pessoas vão agora saber o que é viver em dificuldades. Todos esses pensamentos de Malin foram interrompidos pela passagem de um homem, malvestido e sujo, certamente sem-teto, que saiu da sala de Ottilia Stenlund, que também apareceu. É uma mulher de uns 50 anos, usando vestido longo, florido, em tons azuis.

O rosto é redondo e, abaixo de uma franja loura, ondulada, existe um par de olhos azul-escuros e uma expressão inteligente.

— Agora posso atendê-los — diz ela, olhando para Malin e Zeke. — Podem entrar agora, mas não vai poder ser uma conversa muito longa.

Malin olha para o relógio branco na parede da sala de Ottilia Stenlund.

Igual àquele que, no outono anterior, existia no lar de reabilitação que ela frequentou.

Nove e vinte.

Os dois sentaram-se, enquanto Ottilia Stenlund olhava para eles, do seu lugar um pouco mais elevado, atrás de uma escrivaninha abarrotada de pastas e papéis.

Na sua frente, em cima da mesa, com a capa virada para baixo, uma pasta preta. Ela colocou uma das mãos em cima da pasta como se quisesse defendê-la, antes de entregá-la.

— Presumi que vocês viriam — diz Ottilia Stenlund. — É totalmente repulsivo o que aconteceu.

Malin já começa a sentir a raiva subindo à cabeça de novo. Mas acredita, por alguns curtos segundos, que Ottilia Stenlund vai dizer alguma coisa. A detetive consegue controlar-se, e as suas apreensões não se confirmam.

— Foi um processo muito anormal — continua Ottilia Stenlund. — Muito difícil. Desagradável. Muito desagradável. Nunca tive nada semelhante.

Tanto Malin como Zeke sentem como o medo se infiltra na sala, como ele se arrasta, como um lagarto infectado, pelo chão. E traz consigo o mau cheiro de carne podre que ninguém consegue evitar.

Do outro lado da mesa, a mulher olha para eles.

— Não vejo outra possibilidade senão a de contar o que sei — diz ela. — Vou lhes contar quem é a mãe biológica das duas meninas.

40

Mamãe.

Essa não é a nossa mãe.

Não, a verdadeira mãe.

De início, nós ficamos confusas, mas talvez já tivéssemos pressentido isso.

E, agora, quando a senhora contou para você, Malin, nós gostaríamos de saber por que Hanna tomou conta de nós se não era a nossa mãe. Por que quis tomar conta de nós?

Porque nos amava, não é verdade? Porque precisava de alguém para amar? E deve ter sido isso o que aconteceu.

Mamãe!

Nós estamos chamando. Queremos perguntar-lhe por que nunca nos contou nada, embora a gente possa compreender que você, certamente, considerava que ainda éramos muito pequenas, que queria nos defender de nós mesmas, daquilo que nós somos, de que nós éramos.

Foi isso, mamãe? Estava com medo?

O pai também não era o nosso pai. E também não está aqui. Nós estamos sozinhas, muito sozinhas, e vemos Malin sentada numa sala de reuniões, numa grande cidade que nós ainda não

conhecemos. E ao seu lado está aquele careca. E diante deles está sentada uma mulher. E nós podemos ver que a sua boca se movimenta, mas não conseguimos ouvir o que ela diz. Achamos que deve ser importante. Sabemos que fala de nossa história.

Como acabamos parando nos seus braços, mamãe, que não é a nossa mãe, e nos seus, paizinho, que não é o nosso pai.

Mas para nós vocês sempre foram a nossa mãe e o nosso pai. E sempre serão, dando-nos a sensação de um amor que se estende por todo o universo, que integra os sons de todas as cataratas, de todas as nuvens carregadas de raios que caem sobre as pessoas e lhes segredam:

Amem-se uma à outra, amem-se uma à outra. E se não conseguirem fazer isso, pelo menos, não se abandonem.

Porque nós fomos abandonadas, mas também fomos amadas.

Portanto, quem foi que nos abandonou?

Quem foi que não aguentou nos amar?

A boca que se movimenta aí embaixo. Ela diz algum nome?

Malin.

Você vai conseguir chegar a algum nome? Vai saber o nome de quem desistiu do primeiro sinal de amar?

Poderá nos contar tudo sobre os nossos pais, a mãe e o pai biológicos, aqueles que nos colocaram num pequeno barco de junco, à deriva, num mundo de maldades?

Malin viu a boca de Ottilia Stenlund se mexer.

Escutou o que ela disse. Sentiu também que já não estavam mais sozinhos na sala.

Vocês estão aqui conosco, não é verdade? Podem ouvir o que ela diz? E o que ela disse?

Ottilia Stenlund contou, mas sem se dirigir diretamente a Malin ou a Zeke, como se ela se sentisse culpada de um ato moralmente criminoso.

Malin reconheceu que a mulher na sua frente estava, de fato, cometendo um crime contra o sigilo profissional ao lhes falar o que eles precisavam saber. Mas, droga, era necessário.

A mulher que deu à luz as gêmeas Vigerö foi Josefina Marlöw, uma viciada em heroína que, então, estava com 30 anos de idade. Vivia na rua, sem moradia fixa, e ficou grávida. Provavelmente violentada por algum outro viciado da mesma rua. De qualquer forma, ela não sabia quem era o pai, não se lembrava sequer de ter tido relação sexual.

Foi o que ela disse.

Josefina Marlöw era filha do financista Josef Kurtzon, um dos homens mais ricos da Suécia, dono de um amplo e verdadeiro império financeiro. Malin achou que o nome Kurtzon lhe era conhecido, mas não conseguiu imaginar a sua figura. Foi a missão de Ottilia Stenlund, como assistente social, tomar conta das meninas ao nascerem. A ideia de que elas poderiam permanecer nos braços da mãe solteira, a dita Josefina Marlöw, viciada, foi logo posta de lado. Ottilia Stenlund confirmou o que Malin já ouvira, que o mais natural, nesses casos, era colocar a criança ou as crianças com alguém da família mais próxima ou numa espécie de creche familiar. Normalmente, os serviços sociais faziam tudo para evitar uma adoção oficial. As adoções de recém-nascidos dentro da Suécia ficaram, praticamente, paralisadas.

Mas Josefina Marlöw insistiu numa adoção dessas. A sua família nem sequer devia saber que ela estivera grávida, muito menos que haviam nascido crianças e para onde elas tinham ido. Ela teria abandonado a família, trocado de sobrenome, e Ottilia Stenlund não queria, nem talvez pudesse, ter maior conhecimento dos motivos.

Os pensamentos viravam e reviravam na cabeça de Malin.

As meninas eram, mesmo adotadas, de uma das mais ricas famílias da Suécia.

O que significava isso?

Alguém queria ficar com elas para, de alguma forma, conseguir dinheiro? E o que teria levado essa viciada, Josefina Marlöw, a desistir das suas filhas? A necessidade de mais dinheiro para o vício?

Ottilia Stenlund continuou:

— Josefina manteve-se limpa durante a gravidez, mas nem um pouco além do parto. Queria porque queria que as crianças fossem adotadas por algum casal sueco bem estável, sem qualquer ligação com a sua família, e que não poderia ser de muitas posses. Josefina estava muito preocupada com o fato de os pais adotivos serem *gente do povo*, como ela costumava dizer. Nós seguimos todas as suas orientações e fizemos tudo conforme os seus desejos. Juridicamente, não houve problema nenhum em não informar ninguém de fora sobre o sucedido. De acordo com a lei, a gravidez e as crianças eram um assunto que só dizia respeito a Josefina.

— E a família dela? Eles não tinham nenhum controle sobre ela? — perguntou Zeke. Mas Ottilia Stenlund apenas balançou a cabeça e disse:

— Essa família me mete medo. Não faço ideia nenhuma se eles sabem ou não o que se passava. Talvez Josefina tenha perdido

completamente o contato.

— Por que ela não queria ter nada a ver com a família?

— Ela não gostava de falar sobre o assunto, mas tive a sensação de que deve ter acontecido um montão de coisas ruins durante a infância dela.

— O nome dela também não consta em nenhum dos papéis da adoção.

— Não — respondeu Ottilia Stenlund. — A informação deve ter desaparecido. Nem mesmo o nosso sistema é perfeito.

— E onde é que ela se encontra agora?

— Josefina era considerada um dos anjos do submundo de Estocolmo.

— O que você quer dizer com isso?

— Ela vivia no subterrâneo — acentuou ela. — Em galerias e esgotos, nos túneis do metrô. E tudo o que ela via diante de si era a heroína. Não me perguntem onde ela arranjava o dinheiro para comprá-la. Só sabemos que ela não tinha nenhuma conta bancária. Presumo que ela se prostituía, talvez também roubasse. O que acontece com muitos viciados.

— Mas se a família era assim tão rica, por que ela se prostituía?

— Ela não queria ter nada a ver com o dinheiro da família.

Malin fez que sim e, depois, ficou em silêncio. Vê Ottilia Stenlund se levantar, andar um pouco pela sala, indo e vindo, refletir e dizer:

— Presumo que vocês queiram falar com Josefina, mas, com toda a franqueza, não faço a menor ideia de onde ela está. Ela desapareceu por completo depois do nascimento das meninas. Estava exausta quando saiu do hospital e depois disso nunca mais tive contato com ela. Já faz seis anos.

— Aliás, como é que a senhora a conheceu?

— Eu era o seu contato de apoio, quando ela voltou para a cidade, depois da internação compulsória recebida no norte, na província de Norrland. Muito antes de ela ter ficado grávida.

Assim que Malin ouve as palavras “internação compulsória”, lembrou-se daquelas sensações desagradáveis, das roupas esfarrapadas, da vergonha e repulsiva intimidade que ela vivenciou, quando Sven Sjöman a mandou para um estabelecimento de reabilitação para alcoólatras na floresta.

Mas...

Depois disso, ela conseguiu manter a bebida a distância. Mas nada disso foi consequência do tratamento de grupo, não. Foi consequência do meu desejo, isso sim.

— Então, você não faz a menor ideia de onde nós podemos encontrá-la? — pergunta Zeke.

Ottilia Stenlund balança a cabeça, mas, pelo seu olhar, Malin tem a impressão de que ela sabe muito bem onde Josefina Marlöw se encontra.

Pronta para pressionar, Malin para diante da mão levantada de Ottilia Stenlund, que diz:

— Já contei muito mais do que devia. Tudo bem até aqui, mas não vou mais longe. Vocês vão ter de perguntar aos seus colegas de Estocolmo. Se Josefina ainda vive, eles devem saber por onde ela anda.

Malin tem que ficar satisfeita com a informação.

Zeke balança ligeiramente a cabeça, como se quisesse dizer que já era suficiente. Ela nos deu muito mais do que podíamos exigir. Porém, Malin ainda pergunta:

— E Kurtzon? O que você sabe sobre o pai? E sobre a família?

— Basta vocês entrarem na internet e já vão conseguir uma boa série de informações. Ele é mais ou menos como os Wallenberg; mas mais sigiloso. Vocês já perceberam, com certeza: agir, mas não aparecer.

— Eu sei o que eles fazem — diz Zeke. — Trabalham com investimentos, não é?

— Com isso e muito mais — diz Ottilia Stenlund, enquanto caminha em direção à porta da sala. — Queiram me desculpar, inspetores. Mas tenho um cliente à espera. Eu não gosto de trabalhar muito depois do meu horário aos sábados.

Sabe, Malin, sabe?

Nós flutuamos lá para baixo e ficamos no ar, bem diante do rosto da mulher. Tentamos, então, ler os lábios dela, enquanto falava com você. E sabe, Malin? Nós pudemos entender tudo e até entender o nome pronunciado de Josefina. Josefina, esse é o nome da nossa mãe de verdade? Aquela que nos concebeu e que nos deu à luz? É assim que ela se chama?

E quem é ela? Onde é que ela está? Nós devemos procurá-la, junto com você, Malin? Nós queremos vê-la, ler o que dizem os seus lábios, o que ela diz sobre nós.

Ela já pensou em nós?

Nós existimos para ela?

Claro que devemos existir. Nós existimos. E talvez ela até flutue aqui conosco, entre nós, embora não a consigamos ver.

E o nosso pai verdadeiro? Quem é ele?

Talvez a nossa mãe verdadeira não soubesse nada a respeito dele?

Estamos chegando ao fim, Malin.

Não é isso que você sente também?

A primavera mostra agora o seu rosto cheio de medo. Esses são também os nossos rostos que você vê, cheios de caretas, Malin. É a nós que você ouve gritar: "Mamãe, papai, venham até nós, nós não nos atrevemos mais a ficar sós, nós não queremos mais ter medo".

As outras crianças, as que estão presas, elas gritam do mesmo modo. Gostaríamos de saber: fomos obrigadas a morrer para que elas pudessem viver? Isso não é uma injustiça? Será que nem tudo deve ser justo?

Como é que podemos entender alguma coisa de tudo isso?

Depois da reunião com Ottilia Stenlund, ao descer pelo elevador, Malin liga o celular.

Duas chamadas perdidas. Duas novas mensagens.

Papai.

Não me telefone.

Tove.

Merda, merda, merda...

Esqueci-me de telefonar para Tove, dizer que viria a Estocolmo.

Um aperto no estômago.

O coração escurece, o sangue lá dentro parece coagular. Como pude?

Ela digita o número de telefone de Tove, que não atende.

Apenas uma mensagem, na bonita voz, meio rouca, da filha: "Não posso atender agora. Por favor, deixe a sua mensagem depois do sinal que eu ligarei em seguida, a galope, mesmo se estiver apressada".

Malin sorri. Depois, começa a rir. Já tinha esquecido o bom humor de Tove. Chega a pensar se não seria uma boa ideia ficar no elevador, durante semanas, ouvindo repetidamente a mesma mensagem.

— O que está acontecendo, Malin? — pergunta Zeke.

Ela tampa o fone com a mão e responde:

— Nada. Acho apenas que estou ficando um pouco louca.

Retira a mão do fone.

“Tove, estou em Estocolmo, a trabalho. Telefono mais tarde.”

— Louca você está há muito tempo — diz Zeke. Em seguida, saem do elevador e do prédio da assistência social, na área de Norrmalm.

— E agora?

— Agora, vamos tentar desencantar essa Josefina Marlöw — diz Malin. — Morta ou viva, vamos ter de encontrá-la. É importante. Tem que significar alguma coisa.

41

Quem era o nosso pai, Malin?

Quem era aquele que se deitava com a nossa mãe todas as noites?

Agora, nós sabemos quem é a nossa mãe, Malin. E ela não se encontra aqui conosco e isso é tudo o que podemos garantir.

Tem que encontrá-la, Malin. Só ela pode ajudar a encontrar as outras crianças, antes que seja tarde. Tem que encontrá-la, caso contrário, jamais ficaremos em paz.

Malin, não tenha medo dos caminhos a que esta história poderá levá-la.

Esta é a história da sua vida e você não pode ter medo da sua própria vida.

Está quente no lugar para onde você vai.

Está ardendo.

Existem apenas os maus. Nada de esperança. Nem canções de ninar. Nem à noite a mãe para afagar as faces das suas crianças adormecidas, num apartamento com imagens de uma vida feliz.

O vento balança a copa das árvores do Tegnérlunden e, mais acima, no parque, Malin consegue ouvir os risos e os gritos de crianças brincando. Ela acha que está ouvindo, também, algo mais, nas correntes do vento. São as meninas?, pensa ela. São vocês que estão sussurrando para mim? Mas eu não consigo ouvir o que dizem.

Ela e Zeke passam por um novo prédio residencial, com uma fachada escura e varandas envidraçadas onde alguém colou a silhueta gigantesca de uma árvore sem folhas.

Os dois descem a Tegnérsgatan, em direção à Sveavägen e, ao passar em frente do restaurante Rolf, o telefone de Malin toca.

— Malin.

— Oi, é Ottilia Stenlund.

Malin para e, enquanto escuta o que Ottilia Stenlund tem a dizer, olha para dentro do restaurante cheio de gente onde imperam os bem-vestidos, bem conscientes, os que folgam aos sábados e comem *brunchs*, todos com idades semelhantes à sua e bem-sucedidos na grande cidade.

Onde será que eles trabalham?

Na imprensa? É isso o que parece. Certamente, trabalham nas grandes revistas, naquelas que Malin nunca lê.

E ela vê um homem.

Um perfil.

Sente um aperto no estômago. Será possível? Não, não é. Não é o médico Peter Hamse, mas ela sente a excitação no corpo. Ela quer entregar-se, exatamente como Janne, Zeke e Daniel Högfeldt se entregam, numa atitude machista para satisfazer os seus instintos. Mas reconhece que é isso mesmo o que ela costuma fazer e que vai fazer com Peter Hamse, mais cedo ou mais tarde. No

entanto, ao realizar a ligação entre as palavras e o bonito rosto do médico, ela sente certo mal-estar, como se estivesse sujando uma coisa que deve ser pura e bonita, tão perfumada como a primavera.

— Você está ouvindo?

— Sim, estou.

— Eu vi Josefina há uns seis meses. Primeiro, achei que não devia falar disso, mas agora acho que devo. Portanto, tem que me desculpar. Encontrei-a atravessando a faixa de pedestre em frente dos armazéns Åhlen, no centro. Ela me pareceu acabada, mas não me viu. Estava suja e magra. Sinceramente, pareceu-me ter chegado ao fim da linha.

— Você sabe onde ela pode estar agora?

— Como eu disse, não faço a menor ideia.

— Pode sondar?

— Vou perguntar àqueles que trabalham com os viciados no centro da cidade.

— Você acha que ela sabe o que aconteceu com as suas filhas?

— Talvez. Ela costumava querer saber o que acontecia com elas. De acordo com a sua própria lógica.

— Então, ela pode estar confusa e desesperada. Muito triste.

— Essa ideia também me ocorreu — diz Ottilia Stenlund.

Um carro Jaguar, prateado, passa em frente de Malin.

Uma jovem sentada ao lado de um velho.

— Que droga! — exclamou Malin.

— Perdão?

— Desculpe. Eu já estava pensando em outra coisa — responde Malin. — Uma questão minha, particular.

Tove.

Você não deve ir para Lundsberg. Deve ficar perto de mim. Onde eu possa vigiá-la. Não pense que poderá viajar.

Malin obriga-se a voltar à conversa com Ottilia Stenlund.

— Ela costumava ficar em algum lugar no metrô. Podia ser na Estação Central ou nas estações do Slussen, de Hornstull. Existem muitas passagens e ligações abandonadas.

— Quer dizer que Josefina Marlöw pode estar, literalmente, no subterrâneo.

Ottilia Stenlund faz silêncio, antes de prosseguir em voz baixa:

— É onde ela tem estado há muito tempo.

E, então, Malin nota, novamente, um tom de receio na voz de Ottilia Stenlund. Suas últimas palavras saem abafadas:

— Não quero ter mais nada a ver com o caso. Por favor, não mencionem nunca o meu nome para ninguém.

De qualquer forma, vocês, sem dúvida, não vivem em subterrâneos, pensa Malin, ao voltar a olhar para as pessoas que se apertam nas bonitas e já bem usadas mesas de madeira, dentro do restaurante Rolf. Os clientes por trás da grande vidraça que dá para a rua parecem fazer caretas para ela, que se sente meio desarrumada no seu vestido e gostaria de mudar para alguma coisa mais chique. Gostaria também de estar sentada lá dentro, junto de todos os felizardos, certa de que a ideia tinha a ver um pouco com inveja.

— Estou com fome — diz Zeke.

— Eu também — diz Malin.

— Então, vamos entrar — completa Zeke. — Deve ser possível arranjar dois lugares vazios para dois policiais esfomeados de Linköping.

— Aqui, deve ser caro demais — diz Malin.

— Mas temos dinheiro para isso. Está no orçamento da diária.

As pessoas.

A comida parece boa, e elas parecem estar empenhadas em discussões ligeiras e interessantes, daquelas que têm tudo a ver com a vida e não com a morte.

— Vamos procurar outro lugar — diz Malin, virando as costas e subindo na direção da Sveavägen.

Bifes maiores, preços menores.

Jensen's Bøfhus, uma churrascaria dinamarquesa, com carne importada. Almoço de bife a 67 coroas, menos de sete euros.

O lugar certo.

Outro público, apesar de os dois restaurantes estarem muito perto um do outro. E, na frente da grande vidraça, passam os carros na rua larga e despretensiosa, na qual as pessoas parecem saber exatamente para onde querem ir.

— Um bom bife, sem dúvida — diz Zeke, ao colocarem na sua frente um grande pedaço de carne. Em seguida, pergunta: — O que faremos agora?

— Vamos comer — diz Malin, que logo vê como Zeke fica irritado com a brincadeira. Então, ela leva a mão aos lábios e acrescenta: — Vamos tentar encontrar Josefina Marlöw e saber mais alguma coisa sobre a família Kurtzon.

— Essa última parte parece um trabalho perfeito para Johan Jakobsson.

— Ele está de serviço hoje?

— Todos trabalham todos os dias até que este caso esteja resolvido.

Malin pega o celular e envia um SMS: “Josef Kurtzon e família. Todas as informações que puder encontrar. Está com tempo?”.

A resposta veio em trinta segundos.

“Está tudo tranquilo demais por aqui. Vou coletar e mandar as informações pedidas.”

Qual a pista que Malin estará seguindo?

Johan Jakobsson já colocou no Google o nome Kurtzon.

Dezenas de milhares de citações.

Chefe principal da família: Josef Kurtzon. Nascido em 1925. Abriu depois da guerra uma firma de investimentos, administrando fortunas de famílias judias que escaparam dos nazistas, e, também, as fortunas de pessoas que se deram bem com a guerra, por terem roubado os bens de judeus mortos nos campos de concentração ou por meio de fornecimentos feitos para o exército alemão.

Um artigo faz o levantamento das contradições nas atividades anteriores de Kurtzon, em que ninguém parecia se preocupar com a ética, desde que a entrada de dinheiro não fosse interrompida.

De onde o próprio Josef Kurtzon veio, era um verdadeiro enigma. O mesmo se poderia dizer do que ele foi e fez durante a Segunda Guerra. Um dos textos dizia que ele, ainda criança, fugira dos bolcheviques com a família, de São Petersburgo, no início do século XX. Outro, informava que, ainda criança, viera de uma família dona de uma serraria de Sundsvall. Um terceiro texto assegurava que teria sido um suboficial no exército de Mussolini. E um quarto texto, que viera de uma família belga que fizera fortuna na exploração da

borracha no Congo. Parecia haver ainda muitas outras versões sobre a origem de Josef Kurtzon, mas não dava para garantir que alguma delas fosse a verdadeira. No entanto, depois da guerra, lá estava ele, pronto para administrar e duplicar o dinheiro dos outros.

Ele teria vendido a sua firma na década de 1950 para administrar sua própria fortuna por meio de firmas *offshore* em Jersey, perto da Inglaterra, em Gibraltar e no Caribe. Seu nome estava envolvido em muitos rumores, entre eles, o de que era um dos homens mais ricos do mundo.

No início da década de 1960, voltou ao mundo dos negócios. Fundou uma firma para administrar o dinheiro das pessoas mais ricas e mais bem-sucedidas.

Dez por cento de lucros, ano após ano. Clientes internacionais. Aristocratas e famosos. Corria o boato de que tudo se tratava de um jogo de pirâmide financeira, mas nenhuma investigação conseguiu comprovar. Kurtzon teria investido em petróleo na Venezuela e na Noruega, e certos analistas chegaram a considerar que foi o dinheiro dessas fontes que salvou a administradora.

Mas, então, para onde foi o dinheiro?

Nessa época, Kurtzon tinha uma grande mansão em Lidingö, perto de Estocolmo, mas, excluindo essa construção, ele mantinha uma vida reservada. Nunca deu nenhuma entrevista e contatava clientes em potencial por meio de representantes. Não existiam fotografias dele. Dizia-se, também, que tinha várias nacionalidades. Onde houvesse uma coroa sueca ou um dólar para ganhar, ele sempre chegava primeiro para arrebatá-lo. Para ele, o dinheiro era uma coisa, um produto. Não servia para gastar. Mas, quem sabe, talvez fosse o poder que o dinheiro lhe dava, aquilo que mais o seduzia?

Esse era o pensamento de Johan à medida que encontrava informações na internet.

Existia claramente um padrão: Kurtzon parecia querer sempre mais. E assim criou um novo fundo para o grande público, mais acessível, sem valor mínimo determinado, permitindo investimentos mais baixos. Eram os fundos Kurtzon. Como se ele quisesse ter a alma de todo o povo.

Ele contratava os mais qualificados e pagava os melhores salários. *Guns for hire*, os contratados, prostitutos e prostitutas do vil metal, dos quais o ramo financeiro está cheio. Cérebros brilhantes que envelhecem e se degradam ao serviço do dinheiro.

Uma tragédia, pensa Johan.

Assim ele vê, também mentalmente, a casa geminada da sua família. As cantoneiras desgastadas, os tetos que precisam ser repintados, a cozinha antiga a modernizar, a iluminação do teto precisando de reparos, a falta de dinheiro que resultou na decadência da decoração. Sua esposa gosta de *design*, mas com um salário de policial e outro de professora, tudo tem os seus limites, exatamente como qualquer empresa, como a Ikea, por exemplo.

E a respeito do mitológico escritório de Kurtzon: um edifício na saída de Estocolmo para Lidingö, todo ele recoberto de mármore carrara, cor de marfim, brilhante e caríssimo. Johan sabe qual é o prédio, uma construção bem conhecida, mas jamais tinha imaginado quem o utilizava. Kurtzon teria ocupado os três últimos andares com escritórios, e era de lá que ele dirigia toda a sua atividade, a administração do dinheiro dos realmente mais ricos.

Mas o prédio foi vendido e a empresa mudou-se para Kista. O seu núcleo foi desativado e todo o dinheiro dos ricaços foi devolvido aos

seus donos.

Muitos deles foram parar nas mãos de Madoff e de Stanford,******** assim que Kurtzon terminou.

Um par de artigos nos sites *VA.se*, de negócios em geral, e *E24*, de informações semanais para o mercado de ações, foram escritos sobre o enigma Kurtzon.

Nenhum resultado no site de pesquisa *hitta.se*.

Nem no *site* do mundo dos negócios, o *Financial Times*.

E, então, mais outro rumor.

O de que Kurtzon não teria herdeiros considerados por ele como dignos. Casara-se tarde e a sua esposa Selda morreu de câncer há muito tempo. E ele se fechou para a vida.

Também se comentava que os seus três descendentes, a filha Josefina e os filhos Henry e Leopold, haviam entrado em conflito com o pai por razões desconhecidas. Corria o boato de que ele teria organizado uma fundação na Suíça para controlar todo o seu império.

Oitenta bilhões de dólares. Dois trilhões de coroas suecas.

Esses eram os valores, tão díspares, calculados para a fortuna de Josef Kurtzon. Johan chega a ter dores de cabeça só de imaginar quantos zeros à direita são necessários para se escrever oitenta bilhões ou dois trilhões.

Fotografias, nada, mas, numa página de perfis financeiros, Johan encontrou a gravação do que se dizia ser a voz de Kurtzon, embora sem nenhuma indicação do local e da época em que as palavras foram registradas.

A voz sai de um gravador, áspera e grave, neutra e num tom como se informasse fatos absolutamente inquestionáveis:

“Eu sempre quis procurar a essência do que sou. E ao fazê-lo, logo entendo, também, o que nós somos e aonde podemos chegar quando formados.”

Johan volta a repetir a última parte da frase.

Eu? E quem são *nós*? Johan pergunta para si mesmo. A empresa dele? Nós, seres humanos? Dinheiro? Quem são os formados? Nós, pessoas, vamos ser formados?

“... o que nós somos...”

O que nós somos?

Formados?

Johan fecha os olhos. Suspira. Que raio de pessoa esse tal Kurtzon parece ser.

Eu não sou um desses, sou? Claro que não.

Está na hora de telefonar para Malin. Passar adiante o que encontrei. Espero que isso possa ajudá-la.

Quando Johan telefonou, Malin tinha acabado de pagar a conta na churrascaria.

Vou deixá-lo falar, ouvir tudo, agradecer antes de desligar e de saber como estão as coisas lá em Linköping: nada de novo em nenhuma frente.

Johan Jakobsson está curioso. Pergunta como eles chegaram até Kurtzon. E ela conta.

Johan sussurra qualquer coisa sobre tomar conta das crianças e desliga.

Malin passa tudo o que ouviu para Zeke.

— Rico — diz Zeke quando ela termina. — A porra do significado de “rico” tem que ser repensado.

Zeke parece um pouco desanimado ao saber da riqueza da família Kurtzon, apesar de também não lhe faltar dinheiro.

O seu filho Martin é milionário, estrela mundial do hóquei sobre gelo. Não bilionário. Longe disso. E, definitivamente, nenhum multibilionário.

Ninguém precisa de tanto dinheiro, pensa Malin, ao se levantar da mesa e dando uma olhada em volta, no local agora meio vazio. Ela considera que a ganância é o pior vírus que pode atacar uma pessoa, porque parece que, quando se tem muito, sempre se quer mais.

A nossa verdade, ela existe no dinheiro?, pensa Malin. É isso o que esse tal Kurtzon quer dizer. E Zeke fala:

— Acho que seria interessante nos encontrarmos com algum desses Kurtzon. E você, acha que Josef Kurtzon sabia da existência das gêmeas?

Zeke não demonstra nenhum respeito instintivo, nem a inferioridade que ela sente, diante do tipo de pessoas como Kurtzon e seus imensos poderes.

— Não sei, não — comenta Malin. — Por quê? Acha que é importante?

— Não, mas é, sem dúvida, muito estranho que ela tenha desejado esconder da família a gravidez e as crianças. E que, depois, as tenha evitado como se fossem uma peste.

— Vamos ter de telefonar novamente para Johan, a fim de ver se de fato ele não consegue encontrar o endereço de nenhum Kurtzon. De preferência, Josefina. Apesar de parecer que ela não tem endereço.

O celular de Malin volta a tocar.

Uma mensagem SMS.

De Ottilia Stenlund.

“Procure na assistência social da cidade, a Stadsmissionen, perto do Slussen.”

— O que tem lá?

— Josefina Marlöw. Ottilia Stenlund acha que, provavelmente, ela está lá.

Malin.

Você está se aproximando de Josefina.

Ela sabe o que nos aconteceu?

Está abalada, triste?

Ela está como nós, cheia de medo?

Venham aqui, mãe e pai, vocês são os nossos verdadeiros pais, não são?

Pai, mãe, venham para aqui, para o nosso lugar.

Elas estão chorando agora, Malin, as outras crianças. Os maus estão se aproximando de novo. Cheios de raiva. E os lagartos, prontos para comê-las.

Tem que se apressar, Malin. Apresse-se e salve-as.

Antes que seja tarde demais.

******** Bernard Lawrence “Bernie” Madoff e Allen Stanford foram presidentes de sociedades de investimento responsáveis por fraudes financeiras de bilhões de dólares. [N. E.]

42

Zeke e Malin conseguem encontrar um lugar para estacionar, perto do mais famoso elevador da cidade, o Katarinahissen.

Já eram três e meia da tarde. Malin olha para o prédio redondo que coroa o Slussen, como se fosse o tronco grosso de uma árvore cortado pela metade e abandonado. Esta área urbana é um verdadeiro labirinto de ruas cruzadas e viadutos sobrepostos em que a fachada da Stadsmissionen tenta, insistentemente, destacar-se, mas sem sucesso. Há ainda os cartazes de cores pálidas ornamentando as fachadas com o anúncio de uma exposição sobre a cidade do futuro.

E quem se importa com o futuro? Esse é o pensamento que parece ocupar a mente dos transeuntes.

Malin desvia o olhar para o centro da cidade, percorrendo com a vista a Skeppsbron, uma avenida marginal onde os carros se enfileiram nos dois sentidos. De um lado, os prédios originais da fundação da cidade, a Gamla Stan. Do outro, barcos atracados com manchas de ferrugem e um navio de guerra, cinza, ancorado ao largo, aguardando a próxima viagem.

Do outro lado daquela baía, ouvem-se os gritos meio sufocados dos frequentadores do parque de diversões Gröna Lund e veem-se

outros barcos menores, no trajeto que as leva a mais uma ilha de gente sofisticada, Djurgården. A atmosfera está carregada de fumaça de escapamento e de muito pólen de flores, mas é o cheiro de diesel queimado que faz Malin se lembrar da bebida alcoólica feita em casa que ela bebia na adolescência. Lembra-se da sensação agradável produzida pelo álcool, mas também dos pesadelos quando vomitava, com a cabeça enfiada no vaso sanitário.

Ônibus vermelhos passam por baixo dos dois, um trem azulado sai em direção à periferia e passa pelo cais onde está ancorado um grande barco da Viking Line, aguardando a chegada de uma multidão de bons bebedores e de aposentados para dar um passeio de barco, e voltar no mesmo dia, até o mar Báltico, depois de comer e beber e de fazer compras de produtos sofisticados e livres de impostos.

Os dois descem para o cais, param num posto de guarda, diante da entrada de uma garagem. Malin dirige-se ao guarda, jovem e magro, e pergunta:

— Você sabe onde fica a Stadsmissionen?

O guarda olha para ela, faz uma careta, ruge e diz depois em tom raivoso:

— Aqui, aqui não é nenhuma central de informações. Portanto, desapareçam, entenderam?

Instintivamente, Zeke dá um passo para trás e dois para a frente. Malin percebe que o guarda pensa que eles são moradores de rua. Mesmo se fôssemos, esse desgraçado aí jamais deve se dirigir a nós desse modo. Então, Fors, é melhor entrar no jogo dele.

— Eu fiz apenas uma pergunta. Você não tem nenhum direito de nos tratar...

Malin nota que Zeke já entendeu o que ela está fazendo. Por isso, fica atrás dela na expectativa.

— Desapareçam. Caso contrário, vou chamar o reforço e prender os dois — diz o guarda. — Vocês não vão vagabundear por aqui.

— Eu...

— E depois vou chamar a polícia. Portanto, tratem de pegar as suas porcarias e ir embora.

— Olhe aqui, seu merdinha — diz Malin, apontando o indicador no vidro do guichê do guarda. — Você está sentado aí com o seu maldito e imerecido uniforme, como um pequeno rato no seu buraco, e acha que...

O guarda já estende a mão para o telefone ao seu lado, mas antes Malin grita:

— Está na hora de você escutar atentamente o que eu vou lhe dizer. Está claro?

Zeke logo se põe a seu lado, apresentando o distintivo da polícia contra a vidraça. O guarda abre a boca como se fosse um peixe fora d'água e deixa cair o queixo. Para Malin, parece até que ficou com medo. Pisca, vira-se e fica olhando para o mar.

— Como é que você acha que deve tratar as pessoas? Seja quem for, você tem que tratá-las com respeito, ouviu? — E Malin insiste: — Entendeu bem? Seja quem for!

— E agora voltemos à história. Onde fica a Stadsmissionen? — Desta vez, é Zeke que pergunta, com voz grossa, como só ele consegue fazer.

Maldito guarda.

Um minuto depois, já estão diante do portão de entrada, despretensioso e desgastado, da assistência social, logo no início da área portuária Stadsgården. Ao lado, o barulho infernal de

máquinas de ar-condicionado a soprar para baixo. Apesar disso, o mau cheiro de gasolina e lixo é insuportável.

Há um grupo de desempregados junto de uma escada. Eles olham para Malin e Zeke admirados. Um deles até se manifesta, mostrando a sua boca desdentada:

— Que policial bonita. A situação aqui está melhorando...

Uma mulher de meia-idade, ainda esbelta, chamada Madelene Adeltjärn, que veste uma blusa branca e calças *jeans* azul-escuras, conduz os dois através de um alojamento, cujo chão é de linóleo amarelado e reflete a luz branca da iluminação de mercúrio. Agora vazias, as salas que servem de dormitórios estão sendo limpas, o melhor possível, por funcionárias negras.

No refeitório, um homem apanha os últimos restos do almoço do dia.

— Nós fechamos entre o almoço e as oito horas da noite — explica Madelene Adeltjärn, enquanto os faz entrar na sua sala apertada, com uma janela gradeada que dá para um pequeno pátio.

— Os nossos hóspedes chegam para o jantar e, depois, se deitam, caso estejam sóbrios, por ordem de chegada, até todas as camas ficarem ocupadas. Todas as noites ficamos lotados.

Madelene Adeltjärn senta-se a uma mesa bem pequena. É como se adivinhasse a curiosidade de Malin em saber o que uma mulher como ela faz ali, naquele lugar, naquele escritório.

Não existem cadeiras para visitantes, de modo que Malin e Zeke permanecem de pé.

— Vejo que você está curiosa — diz Madelene Adeltjärn. — Eu venho do que vocês costumam chamar uma família fina. Nós temos

dinheiro, mas não existe nada de mais vazio do que isso. Sou formada em Economia Social e é aqui que eu considero o lugar certo para fazer o que quero, ou seja, alcançar a minha realização. Aqui, neste lugar, eu trabalho com pessoas que nunca tiveram uma vida fácil. É simples assim. Com o dinheiro podemos alimentar a boca, mas não a alma.

Malin sente que é a sua vez de deixar cair o queixo.

— Não era minha intenção...

Ao seu lado, Zeke faz uma careta e diz:

— Claro que era a sua intenção, sim.

— Não sou nenhuma santa — acrescenta Madelene Adeltjärn, sorrindo. — Aliás, tenho até hábitos caríssimos...

Nessa altura, Zeke achou que estava na hora de ir em frente.

— O que você sabe sobre Josefina Marlöw? Ela costuma vir aqui?

— Eu não sou obrigada a guardar nenhum sigilo, mas gosto de zelar pela privacidade dos meus hóspedes.

— Pode ficar descansada, só queremos o bem dela. Não vamos levá-la para lugar nenhum. Temos apenas algumas perguntas que gostaríamos de lhe fazer.

Madelene Adeltjärn nem pergunta do que se trata. Faz simplesmente um aceno de concordância.

— Eu sei quem é Josefina Marlöw e de onde vem. Posso até me reconhecer nela, embora a fuga tenha sido muito mais extrema no seu caso do que no meu.

— O que quer dizer com isso? — pergunta Malin.

— Quero dizer que existe uma grande diferença entre trabalhar com vagabundos para corrigir os seus eventuais defeitos do que ser um deles.

— Ela costuma vir aqui? — pergunta Zeke.

— Às vezes — diz Adeltjärn. — Algumas noites durante a semana para jantar, mas nunca dorme aqui.

— E onde é que ela dorme?

— Não sei. Talvez lá embaixo, no metrô.

— Você disse que conhecia a história dela. Conte-nos, por favor... — pede Malin.

— Eu disse que zelo...

— Neste caso, trata-se de assassinato — diz Malin. E acrescenta: — Mas isso é tudo o que posso dizer.

Malin nota que as pupilas de Madelene Adeltjärn se contraem, tamanho o medo que a surpreendeu.

— Ela é filha de Josef Kurtzon, viciada em heroína. Vejo ela aqui desde que comecei e devo dizer que estou até surpresa pelo fato de ela ainda viver. Está muito debilitada. Talvez doente.

— Ela não tem mais contato com a família? — pergunta Malin.

— Acho que não.

— Por quê? — pergunta Zeke.

— Não sei. Não faço a menor ideia, mas o ambiente em que a vida apenas gira em volta do dinheiro pode ser mortal para a alma. Às vezes, a pessoa explode, não quer mais. Chega de poder e de ganância crescentes, em prejuízo do amor. E é aí que a pessoa vai procurar algum lugar para onde fugir. E uma vez encontrada a heroína, então, talvez seja a maneira mais eficaz de escapar.

— Acha que ela virá hoje à noite? — questiona Malin.

Madelene Adeltjärn balança a cabeça.

— Impossível saber.

— Acha que algum dos que estão lá fora pode saber onde ela se encontra?

— Podem ir lá e perguntar, mas acho que ninguém estará especialmente interessado em falar com vocês.

Ninguém entre os homens e as mulheres, em volta da Stadsmissionen, quis falar direito com Malin e Zeke, muito menos responder às perguntas sobre Josefina Marlöw. Por isso, só restou uma coisa a fazer: voltar para Madelene Adeltjärn, que os convidou a esperar em um dos sofás velhos e esfarrapados da entrada e lhes ofereceu uma caneca com café. Ela logo desapareceu para as salas e dormitórios do local.

Cartazes nas paredes.

Que tratam do problema da aids e dos riscos de transmissão, dos sintomas e da importância de procurar tratamento para evitar que o vírus se alastre.

Malin pega o celular, liga para Sven Sjöman e este faz um relato dos trabalhos do dia, com destaque para o fato de os outros continuarem sem encontrar nada de importante em qualquer das outras pistas. Tinham investigado as mensagens eletrônicas da internet e do celular de Jonathan Ludvigsson, mas nelas não havia nada gravado relativo à bomba.

Um cinesiologista da universidade esteve lá. Comparou a maneira de andar de Ludvigsson com a do indivíduo filmado junto do caixa eletrônico e, quase em seguida, afirmou que não se tratava da mesma pessoa.

Em princípio, Ludvigsson era um nome fora da investigação.

— Mesmo que nós o prendamos por porte de armas, ameaças ilegais e talvez até por comportamento subversivo — confirma Sven.

Eles também fizeram contato com a polícia do reino sobre a questão da criminalidade das gangues de motoqueiros e, apesar das indicações do aumento das atividades dos grupos mais conhecidos, nada presumia qualquer ligação entre a bomba e a intenção de atacar Dick Stensson. E eles também já tinham eliminado essa hipótese.

A Säpo continuava a não informar absolutamente nada.

— Portanto, aqui, nós permanecemos ainda na estaca zero — diz Sven. — Mas continuamos a trabalhar. Johan não conseguiu encontrar nenhum endereço de Kurtzon, mas não desistimos. Os Kurtzon não estão registrados em lugar nenhum do país, mas em algum lugar devem morar. Claro. Na empresa Kurtzon, ninguém sabe onde Josef está ou se recusam a dar essa informação. E com vocês, como é que vão as coisas?

— Estamos na entrada da Stadsmissionen, perto do Slussen, esperando que Josefina Marlöw apareça por aqui.

— Ok. Nós também ainda não conseguimos nada a respeito da família Vigerö. Já analisamos o acidente de carro em que Pontus Vigerö morreu, mas não existe muita coisa a ser pesquisada. O carro foi para a sucata há muito tempo e os relatórios dos bombeiros, e até os nossos, são muito exíguos. Ao que parece, estourou um pneu, ele perdeu a direção e saiu da estrada. Não houve nenhum motivo para suspeitar de crime. E talvez agora também não haja.

— Eu não estou tão certa disso — comenta Malin.

— Nem eu.

Malin fica confusa com as palavras de Sven.

Silêncio.

— Vocês vão ficar esta noite em Estocolmo? — pergunta Sven Sjöman. Malin havia olhado para a rua, do lado de Stadsgården, e visto que estava escurecendo. Um crepúsculo tranquilo, mas impositivo, invadindo a cidade.

Então, ela se deu conta de que nem sequer pensaram onde dormir, mas que, sem dúvida, vão ficar aquela noite. Ainda não finalizaram a investigação na cidade. Malin pensa também no seu cartão do banco, no qual não tem muito dinheiro, mas deve haver o suficiente para pagar o quarto num hotel decente. Claro que ela não vai precisar dormir na rua, nem em nenhum banheiro e nem, também, na cama malcheirosa de qualquer albergue.

— Vamos ficar. Vamos encontrar algum lugar.

— Muito bem — diz Sven. — E, de resto, está tudo correndo bem?

Bem? Muito longe disso. Acima de tudo, confuso, mas quem sabe estamos no caminho certo.

— Está tudo bem — confirma Malin. — Entraremos em contato assim que acontecer alguma coisa.

Zeke, ao seu lado no sofá, fechou os olhos.

Malin até consegue ouvi-lo respirar, e ela própria sente como gostaria de dormir um pouco. Fecha os olhos também, mas logo no teatro aberto da sua mente aparece a figura de um rapaz, um homem, de corpo esbelto, num quarto anônimo de hospital. Está sozinho. Ela quer se aproximar, acariciar o rosto dele, mas não se atreve, não quer tirar dele a única coisa que ele tem, a sua solidão.

Pip, pip.

Ela acorda do seu sonho com o toque do celular.

É mais um SMS de Johan.

Ela aperta o botão.

Josef Kurtzon, Strandvägen, 42.

Como é que Johan conseguiu isso? Não importa. Talvez tenha encontrado um endereço particular ligado a uma das firmas.

O relógio no telefone já marca quase oito horas. A Stadsmissionen abre dentro de doze minutos e a fila é longa diante da porta. As existências mais abandonadas de Estocolmo chegaram para encher o estômago de comida e talvez até arranjar uma cama quente, de lençóis lavados, para dormir.

As mulheres são poucas.

Josefina Marlöw será uma delas?

Zeke abriu os olhos, espreguiçou-se e reclamou de dores nas costas.

Madelene Adeltjärn aparece na entrada.

Olha pela vidraça.

— Vocês estão com sorte — diz ela. — Estou vendo Josefina lá no fim da fila, mas não saiam agora. Esperem que ela entre. Caso contrário, é possível que vá embora assim que os vir.

Malin olha para Josefina Marlöw.

Os olhos negros, grandes, destacam-se. Como os das filhas, mas sem aquela total inocência das meninas.

43

Börje Svärd e Waldemar Ekenberg estão sentados na cozinha da casa do primeiro, e ambos sentem como as cadeiras pretas Myran irritam a bunda. Saboreiam um copo de uísque puro. Seus estômagos se dilatam com a entrada de um estrogonofe de salsichas, com arroz, que Börje preparou.

Depois de terem trabalhado o dia inteiro, investigando novas denúncias, sem qualquer resultado, eles acharam que estava na hora de parar.

Ficaram o tempo todo no grande salão da polícia, cansados e suados, olhando um para o outro. Pensavam nos caminhos que a investigação iria tomar se Malin não encontrasse nada de novo em Estocolmo.

Börje achou que não estava com disposição para comer sozinho, queria ainda tomar uma dose de bebida, mas não solitário.

Quem é que estava ali à sua disposição?

Waldemar. E foi Börje que lançou a pergunta no salão.

— O que você diz de bebermos uma boa dose e jantarmos lá em casa? Só para relaxar um pouco.

Waldemar abriu um largo sorriso.

— Claro. A minha velha irá me buscar quando terminarmos.

Cozinharam juntos. Falaram sobre tudo, menos de trabalho. Beberam uísque, para acompanhar o estrogonofe, e também cerveja. Permitindo-se ficar bêbados. Falaram sobre cachorros, carros, armas e casas de campo, as *stugas*, para usar durante o verão. Falaram ainda de crianças e da falta delas. Sobre tristeza e sobre o direito que cada um tem de dispor da sua própria e única vida.

Saem depois para ficar junto dos cachorros no jardim.

E é lá que estão agora, acariciando os animais naquela noite amena da primavera, sentindo o odor dos pelos dos cachorros, molhados pelo orvalho, e discutindo as promessas de uma amizade que deve ser mantida.

— O que acha que Malin e Zeke encontrarão em Estocolmo? — pergunta Börje.

— Devem acontecer coisas muito boas — responde Waldemar, com um forte hálito de uísque.

— E o que acha de Sven ter deixado Malin viajar assim, sem mais nem menos?

— Deixe que ele lhe dê todo o apoio — diz Waldemar. — Mesmo sendo mulher, ela é uma boa detetive.

Uma pessoa ou apenas uma sombra?

A mulher diante de Malin e Zeke não deve pesar mais de quarenta quilos. É uns dez centímetros mais baixa do que Malin e as calças jeans, esfarrapadas e cheias de manchas, quase não param na cintura, de tão magra que está. A jaqueta, que um dia deve ter sido branca, está três números acima do tamanho certo para ela. O rosto, meio escondido por baixo do capuz da jaqueta. Malin tem a

impressão de que Josefina Marlöw é parecida com a figura do vídeo do banco, mas logo reconhece que não podem ser a mesma pessoa.

Josefina Marlöw é mais baixa, seus movimentos são retorcidos e irregulares. As mãos tremem e ela parece ter dificuldade em falar, como se a sua língua não obedecesse aos sinais enviados do cérebro.

Os olhos.

Escuros, mas estranhamente descoloridos. Os olhos dela são bonitos, e seu nariz é pontiagudo, bem formado. Sem dificuldade, Malin vê tristeza e desespero nos seus olhos e presume que Josefina Marlöw sabe o que aconteceu às suas meninas.

Do refeitório do albergue ouvem-se as batidas de porcelanas e os suspiros de satisfação.

— Porra, a sua comida está muito boa mesmo, Manuel — grita uma voz masculina, e logo seguem-se outras vozes concordando e aplausos. Josefina Marlöw parou assim que os viu e, obviamente, parecia querer falar com eles. Ela escutou atentamente o que Malin e Zeke lhe contaram, as razões de estarem ali. Josefina fez um sinal na direção do portão e disse:

— McDonald’s, lá em cima, vão para lá...

A boca de Josefina Marlöw está agora bem ocupada com o pedaço de um Big Mac.

Uma boca bem grande. Os dois dentes da frente da arcada superior nasceram e cresceram juntos.

Está com fome.

Malin sabe por que ela está tão magra. Porque é isso que a heroína faz. A droga não desgasta o corpo, mas a pessoa morre porque não se importa mais com o seu bem-estar. Ela, então, se destrói: a personalidade, a alma e o corpo desaparecem, lentamente, por efeito do desejo crescente por mais heroína.

Malin nunca chegou a provar essa droga, mas escutou muitas descrições de viciados.

A droga inebria, fazendo com que a pessoa se sinta envolvida por um banho de água quente, ao mesmo tempo em que a mente ascende para um mundo onde só existe o bom e nada mais é preciso, nem exigido. Um mundo onde não existe nenhuma necessidade, nenhuma ganância, nenhuma maldade.

Malin compreende bem a atração da droga, reconhece que chega a ser irresistível. Lembra-se de que houve períodos na sua vida em que ela teria tido grandes dificuldades de recusar, se alguém insistisse para que ela provasse um pouco de heroína.

Josefina Marlöw dá mais uma mordida no hambúrguer, mas logo deixa o resto no prato.

Retirou, depois, o capuz da cabeça e deixou que os cabelos se soltassem e cobrissem parte do seu rosto magro e das suas faces fundas e cheias de marcas semelhantes às que aparecem com sarcomas *kaposis*, um tumor maligno comum em pessoas com HIV. Malin tem quase certeza de que ela foi contaminada já há muito tempo pelo vírus.

Josefina Marlöw olha na direção do Slussen, dos carros e ônibus que passam a caminho do centro da cidade ou na direção contrária, a caminho do sul da cidade, o chamado Södermalm. Ao virar a cabeça de volta, a pouca luz do crepúsculo bate no seu rosto e destaca suas linhas de expressão. Nem Malin, nem Zeke, dizem

qualquer coisa. Esperam que a figura na sua frente fale, conte alguma coisa importante para eles.

Malin também pediu um hambúrguer que continua diante dela, intocado. Não está com fome. Só o pediu para fazer companhia a Josefina Marlöw, para quem olha, pensando: como é possível chegar a esse ponto, quando todas as possibilidades estariam ao seu alcance? É a mesma indagação feita antes, diante de Madelene Adeltjärn, se bem que o estágio de Josefina seja pior. E aí a "sombra" começou a falar:

— As meninas. Eu sei o que aconteceu com as meninas.

Malin percebe que Josefina Marlöw quer chorar, mas é como se o debilitado corpo na sua frente não tivesse mais líquido para ser transformado em lágrimas.

— Elas eram as minhas gêmeas — diz Josefina Marlöw, de olhos vazios. E fica em silêncio.

— Por que você não tem mais contato com sua família? — pergunta Zeke. Malin vira-se por um momento, diante da pergunta feita de maneira tão direta e incisiva. Logo vê que a espontaneidade, a falta de uma combinação anterior, nada influiu na reação de Josefina Marlöw. Esta apenas balança a cabeça, estremece e sussurra uma resposta:

— Era impossível...

— O que era impossível?

— Viver lá...

— Por quê?

— Não havia nenhum amor...

— Como assim?

— A ideia de nos ter jamais foi por amor.

— De nos ter? De ter filhos? — interrompe Malin.

— Sim. Eles jamais estiveram interessados em amor. Apenas em outras coisas.

— Que coisas?

— Dinheiro.

— Quer dizer que eles só estavam interessados em dinheiro?

Josefina Marlöw não responde.

A última luz do crepúsculo acaba de sair do seu rosto e a sua pele fica com um brilho fraco, uma tonalidade que Malin reconhece como a dos mortos.

— E em brilho — diz Josefina Marlöw, depois. — Em criar uma imagem brilhante...

Mamãe, pensa Malin. A falta de amor. O seu desejo de que tudo fosse diferente, melhor do que realmente era. Será essa a imagem brilhante de que ela está falando?

— Conte-nos a respeito dessa imagem brilhante.

Malin escuta a voz de Zeke. Ele também sabe que as palavras de Josefina Marlöw são importantes, embora ainda desconheça o motivo.

Josefina Marlöw fica pálida, suas mãos começam a tremer descontroladamente e seu olhar fica perdido, parado. Tenta levantar-se, mas é como se as pernas não quisessem suportá-la.

— A minha mamãe — diz ela. — A minha mãe...

— A sua mãe? — pergunta Malin.

— Meu pai. E os meus irmãos.

— O que há com os seus irmãos?

E, então, Josefina Marlöw se reencontra.

— Não havia amor nenhum naquele lar. E eles eram sádicos, tanto a minha mamãe como o meu pai, embora de maneiras diferentes.

Eu fui obrigada a abandonar a família. É impossível viver num mundo como aquele.

— Eles feriam você?

— Eles me trancavam. E também meus irmãos. Mas acima de tudo eles nos abandonavam, nos deixavam sós, numa idade em que as crianças não devem ser deixadas sozinhas.

— Onde é que eles trancavam você?

— Numa sala escura e apertada. E fria, também. Eles nos abandonavam, nos deixavam sós, com a vergonha. Eu não podia deixar que eles se aproximassem das crianças. Como é que eu poderia fazer uma coisa dessas?

Depois, Josefina Marlöw fica em silêncio. Parece pensar antes de dizer:

— Na realidade, os meus pais não se importavam comigo. Mas eles conscientemente perverteram meus irmãos, deixando-os também obcecados por dinheiro e por tudo o que dependesse dele. Podiam fazer qualquer coisa por grana, por aquilo que achavam ser o amor do pai.

Um casal de jovens góticos acaba de se sentar à mesa do lado.

— A que seus irmãos eram submetidos?

Josefina Marlöw olha para Malin.

Uma exaustão repentina e horrível se espalha por seu olhar. Os olhos escurecem, ficam negros.

— O pai tentou fazer deles perfeitos homens de negócios — diz Josefina.

— Como assim?

Josefina Marlöw balança a cabeça e revela:

— Fazendo com que eles fossem impiedosos.

— Impiedosos?

Josefina Marlöw fecha os olhos, parece desaparecer dentro de si mesma e estremece como se uma energia elétrica acabasse de passar pelo seu corpo.

Ela faz sinal com a mão como que evitando responder à pergunta de Malin.

— O que ele fazia com os filhos?

Nada.

— Você ainda tem algum contato com os seus irmãos? — pergunta Malin. — Sabe onde eles vivem?

— É impossível — gagueja Josefina Marlöw, com a voz muito fraca. — É impossível.

Ela consegue se levantar. Malin tenta segurá-la, quer saber mais, ir mais fundo no que ela pode contar, mas Josefina Marlöw dá as costas para os dois, afasta-se deles, sussurra alguma coisa inaudível, antes de parar e se virar de novo para eles:

— Eu não queria que as minhas meninas vivessem perto deles — diz ela. — Tem que haver amor. Caso contrário, a vida na terra transforma-se num inferno, não é?

Malin e Zeke olham para Josefina Marlöw. Têm a sensação de que ela poderá desmaiar a qualquer momento, cair sem vida diante deles. Os olhos dela ficaram vazios. E o que ela ainda tiver para dizer não vai ser agora que contará.

As portas do McDonald’s continuam a rodar.

E logo a “sombra” desaparece.

Engolida pela multidão que circula pelo Slussen.

A recepcionista do Hotel Tegnérlunden dá a cada um deles uma chave.

Malin olha o recibo antes de colocá-lo na carteira.

Três mil e oitocentas coroas suecas.

Por dois quartos simples, uma noite.

Porra, como está caro, mas Sven aprovou o gasto e é impossível encontrar o quarto mais barato em hotel de Estocolmo em época de congressos e de conferências.

— Vamos nos reencontrar aqui na recepção dentro de meia hora, está bem? — pergunta Zeke.

Malin concorda e segue para a escada, enquanto Zeke aperta o botão do elevador.

Já são nove horas.

Nove e meia.

Ainda dará para visitar Josef Kurtzon? Se é que ele se encontra mesmo na Strandvägen. Claro que sim. Não existe razão nenhuma para demonstrar respeito por dinheiro ou por idade na situação em que estão.

O quarto é pequeno.

Uma cama.

Um carpete vermelho cobre todo o chão. Um papel de parede de bolinhas e uma imagem com motivos florestais em cima da cama.

Malin deita-se, espreguiça-se.

Sente o celular no bolso do *jeans*. Quer ligar para Tove, mas acha que não aguenta mais. No entanto, recompõe-se, pega o telefone e liga para a filha.

Cinco toques. Depois, ouve a voz de Tove.

— Oi, mãe!

— Oi.

— Ainda está em Estocolmo?

— Sim, num hotel imundo perto de Tegnérlunden.

— Onde fica?

— No centro.

— Não faço a menor ideia...

— Um dia nós duas voltaremos aqui. Para Estocolmo. Para vermos os museus.

— Claro — diz Tove. — Já chegaram a alguma conclusão a respeito da bomba?

— Não sei — responde Malin. — Você sabe como os adultos são, sempre pode ocorrer um monte de coisas estranhas.

Tove concorda com um “hum” na outra ponta da linha.

Parece respirar fundo.

Nessa altura, uma explosão na mente de Malin.

Lembra-se do momento em que um monstro de mulher apertou o pescoço de Tove. Uma assassina raptou a filha e tentou matá-la. Malin procura, então, desviar a atenção. Olha através da janela para o parque. Concentra-se em uma árvore de que ela não sabe a espécie. Pode ser uma castanheira ou um arbusto maior de lilases. De qualquer forma, a árvore tem as mais belas flores brancas que ela já viu na vida, numa explosão de beleza para ornamentar o mundo.

Serão flores de cerejeira importada de Kioto, do Japão?

— Quer saber mais alguma coisa, mãe?

— Queria apenas ouvir a sua voz.

E mostrar que eu me importo com você, de que ainda posso curar a minha dor de consciência. Mas isso não é fácil, não é?

— Ok, agora que já me ouviu, tenho que continuar a estudar.

— Lundsberg. Merda! Esqueci de mandar um *e-mail* para o reitor. Assim que chegar, mandarei.

— Fique tranquila, mãe — diz Tove. — Já mandei, em seu nome.

— Tove, não devia fazer isso, não é?

— Eu sabia que você ia se esquecer de mandar a mensagem.

E, agora, como é que eu vou responder a isso?

— E quando é que nós vamos ver o meu tio? — continua Tove.

— Assim que esta investigação terminar.

— Ok!

E desligam.

Deixe que eu diga mais uma vez o quanto amo você, Tove. É isso que Malin pensa e gostaria de ter dito. E ainda mais: quero também pedir desculpas por nem sempre ter tempo nem disposição suficientes para dizer o quanto a amo.

44

Os velhos barcos brancos, cheirando a alcatrão, que estão ancorados ao longo da Strandvägen parecem fazer parte do mar, pelo modo como balançam ao seu sabor.

O edifício em que, segundo a informação, Josef Kurtzon mora, fica mais ou menos na metade da avenida, talvez a mais sofisticada da capital sueca. Malin sente-se pequena no meio do gigantesco portal de entrada para o palácio dos ricos.

Lembra-se, então, do “apertamentozinho” no bairro Traneberg onde ela e Tove moraram.

De lá, a vista era outra.

Aqui, no cais, uma onda humana circula na beira, junto à enseada. A noite primaveril está amena e, na alameda de limeiras, os ramos verdejantes balançam orgulhosamente a sua clorofila clara como se estivessem vestidos com os seus roupões estivais.

Kurtzon. O nome gravado numa placa de latão do interfone.

O endereço não é tão secreto.

Há uma pequena câmera ao lado do interfone. Wallenberg é o nome gravado em outra placa. Além do logotipo EF e dos nomes Brusser e Kviisten.

Gente que vale bilhões. Mas será que valem mesmo tudo isso?

Malin está com fome e com sede. Quer beber. A noite convida mesmo para uma cerveja servida num bar, mas ela aperta o botão do interfone. Em seguida, ouve-se um estalido forte, e, depois, só silêncio.

— Acha que ele está aqui? — pergunta ela a Zeke, que esteve ao longo do dia com um aspecto de cansaço cada vez maior, mas, no momento, mostrava-se novamente disposto e atento, pronto para entrar em ação, fosse no que fosse e no que aquela noite lhes pudesse reservar.

— Já vamos saber — diz ele. E ouve-se um novo estalido que vem do interfone, seguido de uma voz feminina:

— Sim, Kurtzon.

Idade? Trinta anos, não mais do que isso.

Zeke apresenta-se, diz ao que vem. A mulher pede para eles esperarem.

Cinco minutos.

Dez.

Enfim, há alguma coisa na voz da mulher que os faz esperar com paciência, certos de que ela vai voltar.

— Vocês podem subir. É no quarto andar.

A mulher tem uma voz bem profissional. Malin e Zeke, enquanto esperam que a grande porta se abra, dando acesso ao apartamento do quarto andar, têm tempo suficiente para admirar a extraordinária decoração do patamar da escada, em que se vê um tapete de boa origem servindo de base para uma orgia de pedras brilhantes e caras e, na parede, um quadro a óleo de um pintor famoso pelos seus tons de azul, Leander Engström.

Um homem na porta.

Vestido de mordomo. Talvez uns 70 anos. E, atrás dele, um *hall* de entrada bastante escuro com uma lareira a crepitar. Malin e Zeke sentem um calor úmido à medida que passam pela porta e entram no apartamento, com a sensação, apesar de tudo, de que estão entrando direto no covil de um animal feroz.

O mordomo pede para que tirem os seus casacos e diz:

— *Herr* Kurtzon vai recebê-los em breve.

Em seguida, desaparece como que engolido pelo apartamento e seus cômodos, bem dispersos, a partir do saguão de entrada. Malin repara logo no bom gosto da decoração interna, onde se misturou o antigo com o moderno, de uma forma caríssima.

Os dois esperam ainda no *hall*, onde foram deixados sozinhos.

Malin gostaria de andar pelo saguão, mas contém-se.

A umidade faz com ela sinta dificuldade em respirar. Começa a suar como se existisse no ambiente um calor tropical e como se alguma coisa de sangue mais quente do que o dos seres humanos vivesse entre essas paredes.

Uma mulher com uniforme de enfermeira sai de uma das portas e aproxima-se:

— Por favor, sigam-me. — Malin reconhece logo a voz do interfone. Ambos seguem a enfermeira por um corredor escuro iluminado por velas em candelabros.

Passam por diversas portas fechadas e por corredores, penetrando cada vez mais longe no apartamento, ainda no escuro.

Finalmente, uma luz por baixo da porta. Estará alguém preso lá dentro?

Como um apartamento pode ser assim tão grande?

Será que este pertence a outro mundo?

Quando Malin já começava a acreditar que não teria mais fim, o corredor dá acesso a uma enorme sala retangular e escura onde pendem pesadas cortinas de veludo e, atrás delas, as janelas que devem dar para a enseada Nybroviken.

No meio da sala, uma cama hospitalar.

A cabeceira da cama está um pouco mais elevada.

A sala está ainda mais abafada.

Há um lagarto de boca aberta empalhado, com dois metros de comprimento, encostado em uma das paredes. Seus dentes amarelados reluzem no escuro, o couro com listras pretas e amarelas brilha.

Malin quer saber de onde o animal vem, mas consegue conter a curiosidade.

Um idoso está deitado na cama coberto por um lençol branco.

A cena faz Malin recordar a figura da mãe deitada no caixão, na capela.

O nariz aquilino do homem aparece de perfil, na contraluz de um simples abajur de chão. Não existe mais nenhum móvel no quarto, nem uma única cadeira, apenas um silêncio estranho, interrompido a cada cinco segundos pelo som da inspiração profunda do homem e pelo sinal produzido por um aparelho.

Cheira a morte por aqui, pensa Malin. Eu jamais senti esse cheiro tão forte.

E a solidão. A mesma solidão encontrada no quarto de Maria Murvall. A solidão daqueles que escolheram abandonar este mundo.

— O senhor Kurtzon está muito debilitado — diz a enfermeira. — Mas ele insistiu em recebê-los. Fiquem agachados, de joelhos, ao lado da cama, e ele falará para vocês.

A enfermeira sai silenciosamente da sala. Fecha a porta atrás de si.

Os olhos do homem estão abertos. O olhar está fixo no teto, como se este estivesse cheio de aranhas, de serpentes e de lagartos gigantes pré-históricos examinando a cena por cima, à espera do momento certo para atacar os dois intrusos.

Os dois avançam em direção da cama, agachando-se para ficar ao nível do rosto do homem, ligeiramente elevado pelo encosto do leito.

Quem é este homem?, pensa Malin.

De onde veio?

Das selvas do interior do Congo? De Treblinka? De São Petersburgo? De Sundsvall? É esse o super-homem de que ouvi falar ainda hoje?

Qual o mundo que o criou? O meu? O nosso?

Josef Kurtzon mexe os lábios, a voz é fraca, mas não desvia o olhar para os dois, embora presumidamente saiba que estão lá.

— Vocês não vão poder fazer perguntas — sussurra ele. — Não quero ouvir nenhuma.

Malin sente logo vontade de dizer que ela vai fazer, sim, quantas perguntas quiser, mas consegue dominar o impulso. Olha para a cama hospitalar, para o homem deitado nela, e pensa no irmão, solitário, em outra cama hospitalar e em outro quarto. Kurtzon começa a falar:

— Eu deserdei os meus dois filhos — diz ele. — Não vão receber nada depois da minha morte. Coloquei tudo numa fundação que, na atual situação, os deixa sem um tostão. Josefina é que vai controlar

a fundação. Não eles. Não quero nem saber se ela aceita ou não a incumbência ou se já morreu, se mudou de nome. Quando um homem como eu tem ambos os pulmões e as glândulas linfáticas, em todo o corpo, afetadas pelo câncer, isso não tem a menor importância. Nada disso me importa.

"É claro. Os rapazes têm dinheiro. Fui eu que lhes dei capital suficiente para que vivam bem. Mas eles não são ricos como gostariam de ser. Eu tentei, eu tentei fazer com que eles entrassem para a firma, mas... E o talento? Para que serviam eles? Para nada. Apesar de todos os meus esforços para formá-los. Nasceram defeituosos. Como se não fossem meus filhos. E o que um pai pode fazer? Vocês podem me dizer? Realizei diversas experiências com eles, desde pequenos, para que se adequassem e fossem eficientes, mas, infelizmente, os meus métodos de educação não funcionaram por completo."

Malin quer interromper o discurso.

Perguntar do que Josef Kurtzon está falando, por que ele conta isso para eles, e que métodos de educação eram aqueles.

— Nada de perguntas.

A sua voz, embora fraca, está cheia de frieza e de autoridade, o que tornava qualquer pergunta impensável. Este homem é exatamente o contrário do meu pai, pensa Malin. Mas também são iguais, homens que de maneiras diferentes conseguem o que querem.

— Eles vieram. Contei-lhes a respeito da fundação, que eu os deserdei, que, a princípio, jamais controlarão a fortuna. Eles pediram e imploraram. Foi patético. Foi então que eu me convenci de que eles não eram como nós. "Saiam daqui", disse eu. "Não quero vê-los mais por perto." Sei que vai doer muito neles quando

souberem que Josefina receberá o dinheiro, quando o câncer, finalmente, me levar para o outro mundo. Josefina é como é. Ela é descomplicada. Nós somos iguais, ela e eu.

Os pensamentos rodam na cabeça de Malin.

A herança de um multibilionário.

Uma filha que é viciada em heroína. Dois filhos cujo pai acha que são um lixo.

O que significa isso tudo? Qual a conexão com a bomba na Grande Praça e a família Vigerö?

Ela olha em volta no escuro da sala.

O animal empalhado parece querer subir pelas paredes com suas garras. Parece olhar fixamente para Malin com os seus olhos artificiais.

É para ferir os filhos, pensa Malin depois, que você vai dar o controle da sua herança para Josefina Marlöw. Apesar de saber que ela já lhe virou as costas. Que ela o odeia, que odeia todos da família. Pois foi isso que eu vi hoje no McDonald's, perto do Slussen: ódio, medo, desprezo e desesperança.

— Onde...

— Não. Nada de perguntas.

Malin não conseguiu se conter. Queria saber:

— Onde estão os seus filhos? Onde podemos falar com eles? — Tem que penetrar mais fundo nessa escuridão, desfazê-la, escutar o que dizem essas vozes e salvar os bons. É isso o que ela sente, sem saber explicar a razão. No momento, o homem na sua frente adormece de cansaço, mas Malin quer obrigá-lo a falar mais: — Você sabia a respeito das meninas? Das filhas dela?

Josef Kurtzon vira-se para ela. Malin vê, agora, que os olhos dele estão com catarata, que ele já deve estar cego há muitos anos. Ele

se agita e faz sinal com a mão:

— Os meus filhos têm um apartamento no prédio ao lado, na direção da ponte para Djurgården. Procurem por Henry e Leopold.

Josef Kurtzon vira o rosto, como se quisesse deixar de encarar os dois, Malin e Zeke.

Malin acha que tudo aquilo é uma e a mesma coisa: família Kurtzon, família Vigerö, as gêmeas, a bomba. Mas ela não consegue articular tudo. Ainda não sabe o suficiente para estabelecer as conexões do caso. Compreende que Kurtzon lhes disse apenas o que queria contar e que foi por algum motivo que ele contou sua história. Portanto, continuava a brincar com ela e com Zeke, apesar da idade e da debilidade física. Até aí, Malin havia entendido, depois do que leu sobre o homem na internet: talvez ele seja um dos cérebros mais afiados que o país já teve, uma espécie do egocêntrico e especulador Ingvar Kamprad,******** com um passado talvez igualmente fantasioso. Malin não se aguenta mais e faz as suas perguntas para o homem deitado na sua frente. A voz sai aguda, como se ela não pudesse mais controlá-la:

— Por que Josefina cortou relações com a família?

— O que o senhor fez contra seus filhos?

— Por que nos contou tudo isso?

— O senhor sabia que Josefina deu à luz duas gêmeas? E que foram deixadas para adoção? O senhor sabe que essas duas meninas morreram numa explosão em Linköping?

Ela olha em volta da grande sala, ainda úmida, e nota que vem das paredes um zumbido de ar-condicionado. Presume, então, que isso é para facilitar o trabalho dos pulmões apodrecidos de Josef Kurtzon.

— Não, não sabia.

Em seguida, Kurtzon suspende a respiração, fica ofegante, esforça-se para conseguir mais ar. Malin conclui que, de fato, ele está dizendo a verdade, não sabia da existência das meninas.

A enfermeira volta à sala.

Pega uma máscara de oxigênio embaixo da cama e tenta colocá-la no rosto de Josef Kurtzon, mas este a impede, levantando o braço com uma força até estranha, e fala, rugindo:

— Horror. É um horror o que as pessoas podem fazer umas às outras. Deixar as crianças sozinhas com os seus horrores e seus fracassos. É assim que as pessoas se formam, tendo o horror como companhia. Sejam tão implacáveis quanto for necessário. Era isso que eu queria que os meus filhos fossem.

E você, Malin Fors? Os horrores também lhe fazem companhia?

Malin escuta um alarme.

Um apito que se assemelha àquele que ela ouviu depois da explosão na Grande Praça, quando eles ainda acreditavam que havia outra bomba numa mala diante do Stora Hotellet.

******** Ingvar Feodor Kamprad (1926-). Empresário sueco, fundador da Ikea, a maior organização do mundo na fabricação e venda de móveis. Considerado um dos homens mais ricos do mundo, desde 2008 passou a ter nacionalidade suíça. Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1942, foi um dos fundadores do Novo Movimento Sueco, de ideologia pró-nazista, fato de que só se soube na década de 1990. Isso motivou uma carta de desculpas escrita a todos os funcionários das suas empresas. [N. T.]

45

— O que foi isso?

A voz de Zeke soa curiosa no momento em que os dois saíam do edifício na Strandvägen. Ambos escutam o barulho dos carros na avenida como se fosse pela primeira vez, como se os seus ouvidos tivessem estado tapados por muito tempo.

Parece até que acabei de sair de um sonho, pensa Malin. Aquele alarme deixou de soar nos ouvidos. Era o marca-passo do coração de Josef Kurtzon que começou a tocar sem motivo.

— Eu não sei o que foi isso, não — responde Malin.

— Parece até que não aconteceu nada de fato — comenta Zeke.

A árvore em frente deles, na alameda, balança com mais força por causa de uma rajada de vento.

— Porra, como isso tudo, afinal, está relacionado? — questiona Zeke. — Eu tive a sensação de que o velho tinha o controle de tudo o que nos contou e do porquê nos contou. Foi como se, de certa forma, ele estivesse brincando conosco e já soubesse que chegaríamos. Portanto, estava à nossa espera.

— Mas como isso está ligado à família Vigerö? Com a explosão? Tenho certeza de que ele não sabia de nada sobre as gêmeas — diz Malin.

— Talvez seja melhor começar pelos irmãos — diz Zeke, apontando para a avenida.

— Vamos ver se estão em casa — diz Malin.

Os irmãos Henry e Leopold moravam não só ao lado, como também no quarto andar, mas ninguém atendeu ao toque da campainha em ambos os apartamentos. Aqui, o portão não tinha nenhuma câmera. Malin chega a pensar em usar a chave mestra para invadir o prédio e os apartamentos dos irmãos, apenas para ver o que poderiam encontrar, mas as razões que os levaram até ali eram vagas, tão vagas quanto o cheiro de um ser humano, um perfume. Além disso, eles não têm nenhuma prova de que os dois irmãos estejam ligados, de alguma maneira, ao caso.

— Não temos motivo para invadir, Malin — diz Zeke, como se tivesse lido os pensamentos dela.

— Não. Você tem razão. Que horas são? Parece até que já ficou escuro demais.

— Onze e quinze.

— Ainda faltavam quinze minutos para as dez quando nós entramos no apartamento de Josef Kurtzon. Não ficamos assim tanto tempo na casa dele, ficamos?

Zeke lança uma olhada na direção da enseada Nybroviken.

As águas do mar estão escuras e são, aparentemente, fundas. Da praça mais próxima da cidade vem um ruído contínuo, quase sonolento. As milhares de estrelas parecem querer inflamar um céu que teima em não ficar completamente escuro.

— Não pense nisso, Malin. Nem pense nisso.

Se ela, Josefina, é a nossa mãe de verdade, então, Leopold e Henry são nossos tios, não é?

Josef é nosso avô.

Os nossos tios têm alguma coisa a ver com isto aqui? Com o caso das crianças sequestradas? É por isso que essas crianças estão conectadas a nós?

O que é que você acha, Malin?

Nós sentimos como o nosso espaço fica cada vez mais escuro, mais quente, mais úmido, menor e mais apertado. Como se ele recebesse um teto de medo e gritos, que ninguém, vivo ou morto, precisa ouvir.

Você está andando por essa avenida tão fina, Malin. Já é noite e precisa escutar as vozes, precisa ouvi-las. Você tem que salvá-las, exatamente, como salvou a sua Tove.

O nosso avô, quem é ele? Pode uma pessoa ser reduzida a um colecionador, a um conservador e a um dilatador de recursos? E como fica o resto dessa pessoa?

E quando tudo o que é bom se perde, para onde vai o mal? É isso, justamente, o que deve procurar saber, Malin.

Esse é o enigma que tem que solucionar.

Quem mata as prostitutas em Nova York?

Tove está sentada ao lado de Janne, no sofá diante da televisão da sala de estar do primeiro andar da casa em Malmslätt. Está com um cobertor rosa e lilás em volta das pernas e encostada em uma almofada macia.

O filme até cheira mal, pensa ela.

É antigo e enfadonho, mas o pai parece gostar de assistir a ele. À tarde, ela lhe contou a respeito de Lundsberg. Ele ficou feliz, nem um pouco preocupado, nem zangado, como de início aconteceu com a mãe.

Pelo contrário, ficou até muito orgulhoso.

Como se soubesse como é fino e caro estudar lá. Uma escola de gente do tipo que mora em apartamentos na Strandvägen, em Estocolmo. E disso o pai sabia, sim.

Tove quis perguntar sobre a mulher que a mãe disse ter visto de braço dado com ele. Ela está curiosa. A mãe dissera-lhe que era uma mulher ainda muito jovem, coisa que a deixava meio abatida. Tove presume que a visão da jovem fez a mãe sentir-se velha, abandonada e fracassada.

Sentimentos que ela gosta de ter e é até a melhor do mundo em procurar tê-los.

Tove está curiosa, também, em saber se o seu pai já sabe sobre o irmão mais novo da mãe. É a mãe que deve contar, mas parece que ainda não disse nada. Não teve tempo. Além disso, deve estar louca por causa da outra mulher.

No entanto, acho que ela vai acabar ficando bem. Acho que alguma coisa de bom vai acabar acontecendo.

— Pai — diz Tove em seguida —, a mãe contou que viu você com outra mulher na cidade. À noite. Perto da loja de sanduíches Teddy.

Janne desvia o olhar do filme e encara a filha. Um olhar cansado, de quem não quer ter uma conversa sobre esse assunto neste momento.

— Ela disse isso? Com outra? Ao que parece, a sua mãe ainda está com dificuldade em entender que tudo já terminou entre nós.

— Talvez ela não tenha se expressado exatamente assim, não me lembro mais...

— Mas está certa. Eu estava com uma garota com quem tenho saído. Ela trabalha num hospital, no departamento de radiografia. Você vai gostar dela.

— Quer dizer que vou ter que me encontrar com ela?

— Se quiser, mas vai ser difícil evitar esse encontro, pois eu gosto realmente dela.

— Acha que eu também vou gostar dela?

— Com certeza.

Na televisão, passa uma cena em que um homem de barba longa coloca uma corda em volta do pescoço de uma mulher em um beco estreito. Ambos veem a cena até o final, antes de o pai perguntar:

— Está chateada por eu ter encontrado alguém?

— Não. Se é o que você quer. E se quiser, para mim está bem. Assim, terei certeza de que não ficará sozinho.

O pai, então, passa o braço pelos ombros de Tove e puxa o corpo dela para junto de si, num abraço carinhoso.

— O que eu fiz para merecer uma filha tão carinhosa e inteligente como você?

— Achei que ia ficar com ciúmes se algum de vocês encontrasse alguém, mas agora até me sinto muito bem. Acho até bom que isso aconteça com você. Espero que aconteça o mesmo com a mãe, que também encontre outro homem.

— Você sabe muito bem que eu sempre colocarei você em primeiro lugar.

Tove franze a testa e solta uma gargalhada. Depois, diz:

— *Sure*, pai, está tudo bem. — Janne chega à conclusão de que não tem nenhuma resposta apropriada ao comentário de Tove.

Os dois, nem a mãe, nem o pai, nunca a colocaram em primeiro lugar. Ela sabe e aprendeu a conviver com isso. Mas que estava errado, estava. Sempre esteve errado.

— Que idade tem ela? — pergunta Tove, depois.

— Vinte e quatro anos.

— Mas, pai, logo, logo, eu vou fazer vinte e quatro.

Janne fica em silêncio, sentindo o olhar de Tove em cima dele.

— Você sabe o suficiente sobre o amor para reconhecer que nem sempre a pessoa escolhe e encontra o ideal.

A mulher no filme solta-se da corda e cai no asfalto molhado do beco escuro, enquanto o homem se afasta, correndo na direção de uma entrada para o metrô.

— O que você gosta nela?

— Por favor, Tove, estou tentando ver o filme. Afinal, sou adulto e qualquer adulto, geralmente, quer conviver com alguém, estar junto de alguém.

— Isso eu entendo, mas por que justamente ela?

As palavras do pai vêm rápidas.

E entram como uma desagradável corrente de ar na alma bem aberta de uma adolescente.

— Porque ela é exatamente o oposto da sua mãe.

Malin.

Será que algum dia você vai me perdoar?

Será?

Åke Fors não consegue dormir. O quarto do apartamento na rua Barnhemsgatan parece pequeno e quente, a cama dura e solitária. Acha que não merece o perdão e, então, pensa mais uma vez

aquilo que já pensou muitas vezes: “Será que eu tenho alguma responsabilidade pelo rapaz? Será que tinha responsabilidade desde o início?”.

Não.

Não, não, ele não era meu filho e eu não queria ter nada a ver com ele, mas é claro que Malin tinha o direito de saber. E Margaretha, o direito de escolher, não é?

O apartamento em Tenerife.

Talvez seja melhor apenas bater em retirada, construir algo novo, céus, como há viúvas por aí, viúvas que, alegremente, abririam os braços para ele!

Mas é aqui e agora que a vida continua.

Aqui e agora, com Malin e Tove. É aqui que a batalha acontece.

Mas há alguma coisa de errado.

E você sabe disso, pensa ele.

Os anos passam sem que reúna forças para corrigir o erro.

O que isso nos diz sobre a natureza humana?

Acabei por ficar com medo de mim mesmo. Por aquilo em que me transformei e por minha própria fraqueza. É dessa fraqueza que você está com medo também, Malin? E será no meio desses medos que nós poderemos nos reencontrar?

Eu estava lá quando você, ainda pequena, tentava entender o mundo. Eu a tirei das suas dúvidas. Da sua vergonha, quando fazia alguma tolice. Eu a consolava quando ficava triste.

Juntos, Malin, vamos terminar com os nossos medos.

Como pai e filha devem fazer.

O que poderá ter acontecido na família Kurtzon?, pensa Malin.

Ela e Zeke estão sentados no carro, fazendo o caminho de volta para o Hotel Tegnérlunden.

Zeke está ao volante, como quase sempre, apesar de agora ela poder muito bem conduzir, visto estar sempre sóbria.

— Quer dizer que ele deserdou os dois filhos — comenta Zeke. — E falou isso para eles. Também lhes disse que Josefina Marlöw ficará no controle da fundação.

Malin sente-se muito cansada. Tem dificuldade em pensar com clareza.

— Os irmãos são a chave da história — diz ela. — Sinto isso. Por que Ottilia Stenlund estava com medo? Acho que ela tem medo da família, dos irmãos. O pai parece incapaz, diante da situação em que se encontra. E já está assim há vários anos. Cego, há muito mais. Por outro lado, quem sabe até onde ainda vai o seu poder?

— Nós não sabemos até onde os dois irmãos estão de acordo — diz Zeke. — Johan não contou nada a respeito deles quando falou de Kurtzon. Nem sequer sabemos onde eles estão.

— E não sabemos nada, também, a respeito do que os antecedentes das meninas Vigerö e do que o assassinato de Hanna, a mãe, têm a ver com a bomba. Josef Kurtzon parecia não ter conhecimento delas.

— Tudo isso deve estar interligado — diz Zeke. — Nós temos apenas de entender como.

Ao passar em frente do NK — o mais conceituado *shopping center* de Estocolmo —, Malin pensa nos muitos ricaços da capital que dão legitimidade ao implacável capitalismo por meio do seu engajamento na administração de instituições de caridade, como a Stadsmissionen.

No entanto, parece que Kurtzon jamais fez questão de legitimidade e, por isso, o dinheiro sempre o adorou.

Ela pensa na maldade.

E como às vezes é levada a acreditar que a maldade não existe, só porque não está tão próxima. Como no caso do inverno, ao lançar a sua última ofensiva contra a primavera e fazer surgir um dia em que os termômetros chegam a marcar abaixo de zero e a neve cai e todos os corpos gritam: “A primavera foi uma ilusão. Não existe”.

Por outro lado, Malin tem uma certeza: a maldade existe. Vive e alimenta-se nos lugares onde existem pessoas. E surge, principalmente, quando menos se espera, por trás de qualquer mata cerrada feita de bondade na alma de um ser humano.

— Eu gostaria de falar de novo com Josefina Marlöw e tentar tirar dela o que ela sabe a respeito dos planos do pai quanto à herança.

— E à fundação — acrescenta Zeke. — Onde é que está escrito que os irmãos não vão ter o controle do dinheiro se Josefina Marlöw desaparecer? Será que o velho pensou nisso? Será que Josefina também corre algum perigo?

— O velho parece ser uma pessoa que pensa em tudo — diz Malin. — Talvez esteja querendo manipular um outro jogo a partir do túmulo.

— Os irmãos também podem ter sabido da existência das gêmeas e quiseram desfazer-se delas, para que não viessem a reclamar, mais tarde, parte do dinheiro.

— Não, não faz sentido — diz Malin. — Nós ainda sabemos muito pouco.

Ela pensa na família Stenbeck, em que irmãos e irmãs maltrataram um filho desconhecido de Jan Stenbeck******** quando

ele apareceu, depois da morte do financista. Agiram como se ele não existisse, embora fosse, comprovadamente, o meio-irmão dos herdeiros. Mas será que tudo não tinha sido uma distorção da imprensa?

Malin volta a ver na mente o homem da bicicleta que apareceu no vídeo, antes da explosão.

Seria um dos irmãos Kurtzon?

— Dirija para o albergue — diz ela, em seguida. — Quero tentar falar com Josefina Marlöw ainda esta noite. Alguma coisa me diz que precisamos nos apressar.

— Mas ela nunca dorme lá...

— Talvez haja alguém que possa nos dizer onde ela está. Tem alguma proposta melhor? — Ela ainda acrescenta: — Vou telefonar para Johan Jakobsson. Pedir para tentar saber alguma coisa sobre os irmãos Kurtzon.

— Mas ele deve estar dormindo. Ou, de qualquer maneira, em casa, com a família. Isso não pode esperar até amanhã?

— Não — responde Malin.

******** Jan Hugo Stenbeck (1942-2002) era um financista sueco, empreendedor, fundador e proprietário de diversas empresas de comunicação. [N. T.]

46

O calor primaveril do dia foi substituído por um frio úmido à noite. E do parque de diversões Gröna Lund já não se escutavam mais as vibrações e os gritos.

São quase onze e meia da noite.

Johan Jakobsson ainda estava acordado, e procuraria no computador de casa dados sobre os irmãos Kurtzon.

O ruído característico do trânsito noturno de Estocolmo misturava-se com o barulho à entrada da Stadsmissionen, no Slussen, onde está sentado um grupo de moradores de rua trocando garrafas entre si.

Malin e Zeke avançam direto para os homens.

Ela se lembra de ter visto alguns deles no mesmo local. Estavam à espera de poder entrar e dormir, mas talvez os dormitórios da instituição já estivessem cheios, ou eles estivessem bêbados, drogados ou, simplesmente, excitados e barulhentos demais para conseguir uma cama.

Estão calmos agora.

Nada de ameaças. Apenas cansados e com frio. Malin adiantou-se e perguntou, sem olhar para qualquer um dos homens em especial:

— Alguém sabe onde podemos encontrar Josefina?

— O que vocês querem com aquela prostituta? — pergunta um dos homens, sem qualquer tom de ameaça, nem reclamação, apenas constatação e curiosidade.

— Nós somos da...

Zeke é interrompido.

— Sabemos que vocês são tiras — diz outro homem.

— Precisamos falar com ela — diz Malin. — Só isso.

Os homens permanecem em silêncio, olham para Malin e Zeke. Esperam pelo óbvio.

Malin pega a carteira e tira uma nota de quinhentas coroas.

— Afinal, o que acha que nós somos? — pergunta um terceiro homem, enquanto os outros riem.

Malin junta mais uma nota de quinhentas coroas.

Um dos homens pega o dinheiro.

— Vocês podem tentar encontrá-la na estação do metrô em Hornstull. Ela costuma ficar por lá. Algum dos guardas pode indicar o caminho.

De início, o guarda mostrou-se contrariado, mas eles conseguiram convencê-lo. Acabou dizendo que sabia onde os viciados costumavam ficar e que ele e os outros guardas se habituaram a deixá-los em paz. Que limpavam o reduto de todo o material inflamável. Portanto, o risco de haver uma catástrofe era mínimo.

— O caso é o seguinte — dizia o guarda. — Eles não têm outro lugar para onde ir. E lá em cima, durante o inverno, é impossível aguentar o frio.

Malin está vendo as costas do uniforme do guarda, na descida da escada rolante que leva direto para a plataforma.

A estação do metrô tem o seu próprio clima.

Estranhamente quente. É um calor úmido quase semelhante ao dos trópicos.

Uma composição acaba de entrar na estação, com todos os ruídos e estalidos habituais.

As pessoas saem e entram no trem e quando este se põe de novo a caminho, eles e o guarda já atingiam uma das pontas da plataforma. Os três entram no túnel, com o guarda andando na frente e abrindo um portão de ferro meio enferrujado que dava acesso a uma escada estreita de aço revestido de zinco. Seguiram no escuro por uma murada um pouco elevada, mas estreita, avançando lentamente e com toda a cautela.

— Tomem todo o cuidado — diz o guarda. — Se perderem o equilíbrio, vão cair no trilho elétrico com mais de dez mil volts. É bom que saibam disso.

Os focos de luz de uma nova composição passam por eles e quase deixam Malin cega. E deixam também um zumbido em seus tímpanos.

O guarda para e grita:

— Fiquem quietos e encostados à parede que nada acontecerá.

Depois de os focos de luz da frente passarem, Malin pode ver rapidamente o interior dos vagões, com pessoas a caminho de casa depois do trabalho ou notívagos, depois de uma boa noitada em algum restaurante ou bar.

Homens solitários.

Adolescentes, da idade de Tove, em grupo. Um casal de namorados. Aposentados. Todos cansados. Todos parecem estar pedindo para chegar em casa e ir para a cama.

Há também os durões que moram nos subúrbios, em mangas de camisa, apesar do frio. Bandos de tatuados. Desses quase não há em Linköping. Lá, a criminalidade é menor, embora, às vezes, as brigas entre as gangues de jovens também possam ser bem violentas. Na maior parte dos casos, porém, são problemas com maníacos solitários.

Uma corrente de ar bem forte. Malin acha que vai pelos ares, que vai cair nos trilhos e morrer eletrocutada. Depois, arder e fritar por dentro, como uma punição por todos os seus pecados, por toda a sua incapacidade de enfrentar o que, realmente, significa alguma coisa.

Mas ela não cai.

Logo a composição do metrô passa e o guarda continua a penetrar pelo túnel até chegar a uma porta de aço que ele abre com algum esforço. Atrás da porta existe uma escada que leva a mais um corredor. O guarda acende, então, uma lanterna de bolso. Os três descem pela escada, no fim da qual existe uma longa galeria iluminada por algumas lâmpadas que pendem de uma fiação elétrica empoeirada.

— Quem era mesmo que vocês queriam encontrar?

— Josefina Marlöw.

O guarda acena com a cabeça. Entendeu. Iluminado pela luz fraca da lanterna, seu rosto até parece uma caveira, com dois buracos negros em vez dos olhos. Mesmo assim, esse seu rosto continua a irradiar amizade, e Malin tem a sensação de que ele quase faz questão de defender os seus habitantes subterrâneos.

Os três continuam a avançar, viram em um corredor ainda mais estreito até que chegam diante de mais uma porta, de onde vem um cheiro forte de excrementos, urina e sujeira. Malin sente vontade de

vomitar, mas consegue se controlar, até que o guarda ilumina o espaço reduzido que existe por trás da porta.

Josefina Marlöw está deitada em cima de um pedaço sujo de papelão. Pelas paredes escuras e úmidas, pequenos e elegantes desenhos a giz representando pessoas.

Ela dorme, com uma respiração leve, suave e profundamente, como qualquer drogado recém-injetado. E sempre com o desejo de nunca mais precisar acordar.

— Agora, vou deixá-los — diz o guarda. — Certamente, vocês não vão ter dificuldades em encontrar o caminho de volta.

Mamãe.

O que está fazendo aqui, debaixo do chão? Neste buraco em que nenhum ser vivo deve morar? Você mesma escolheu este lugar, não é? É uma espécie de defesa contra a maldade. Quer se esconder e se retirar cada vez para mais longe. Você desistiu de nós porque sabia que não havia mais volta.

E agora está aqui deitada.

Num sono sem sonhos, vazio, mas ainda assim tranquilo.

Mas, espere, mamãe.

Você está sonhando, claro que sim.

Sonha que está morta e que flutua aqui, ao nosso lado, olhando lá para baixo, para outro mundo, muito melhor.

Escute o que vamos dizer.

Nós a perdoamos.

Queremos que venha para perto de nós. Juntas, vamos persistir como prova de que o amor existe.

Malin e Zeke aguardam. Concordam em não acordar Josefina Marlöw e esperam que ela desperte sozinha.

O nariz dos detetives já se habituou ao mau cheiro do lugar.

Sentam-se no chão sujo. Iluminam o espaço, que mais parece uma gruta, com as lâmpadas dos celulares. Olham para os desenhos, certamente feitos por Josefina Marlöw com alguns dos pedaços de giz espalhados pelo chão. Diversas figuras, desenhadas com linhas, como se fossem letras estranhas. Parecem crianças brincando.

Malin e Zeke estão com sono. Já é quase meia-noite e eles querem dormir, mas não podem, não devem. No entanto, apesar de tudo, do chão duro e da temperatura estranha e úmida, os dois acabam por adormecer.

Malin e Zeke dormem e sonham que estão ambos num buraco como aquele em que se encontram agora. E no buraco estão ainda duas crianças, bem pequenas, cheias de medo, gritando por socorro, mas não se ouve nenhum grito. Só se veem os lábios das crianças se movendo.

— Venham para cá — gritam elas. — Venham! — Agora, Malin consegue ouvir as vozes, sente que alguém balança o seu braço, alguém que diz:

— Quer dizer que vocês vieram até aqui. Como conseguiram?

Malin abre os olhos. Zeke também. Na sua frente, veem Josefina Marlöw.

Ela está agachada. Seu olhar parece atravessar a luz trêmula de uma vela. Está bem desperta e lúcida, depois de o efeito da droga ter passado. Malin a olha, os olhos ainda sonolentos, antes de falar:

— As suas meninas. Nós tentamos verificar o que lhes aconteceu, encontrar quem as matou. Somente você pode nos ajudar.

Josefina Marlöw, sentada no seu pedaço de papelão, olha para eles. Ao seu lado, uma colher e uma seringa, vários pedaços de pano ensanguentados. O braço está cheio de picadas de agulha.

— Eu sei que o meu pai, Josef, escreveu um testamento pelo qual ele me dá o controle de tudo. Ele mandou uns guarda-costas me buscar e me levar para a Strandvägen, alguns meses atrás, acho eu. Ele vai morrer em breve, já sei. Ele também sabe. É possível que eu tenha voltado lá depois disso. Não tenho certeza.

Até então, nada de tremeliques.

Nada de gaguejos.

Antes, uma sequência de palavras de uma garota bem-educada e segura de si.

Nenhum sinal de tristeza, nem na voz, nem no olhar.

Mas talvez uma espécie de alívio. O mesmo tipo de alívio que Malin notou no seu pai, na hora de enterrar a mãe. O mesmo alívio que eu própria senti.

— Ele me contou que havia deserdado os meus irmãos, Henry e Leopold, e que eu controlaria uma fundação suíça, na qual teria colocado todos os seus recursos. Ele estava deitado na cama e sorria, enquanto me contava tudo isso. O que eu poderia fazer? Dizer que não estava interessada? Isso ele já sabia. Talvez ele quisesse apenas aborrecer os meus irmãos. Também não estou interessada em entrar nesse jogo.

— Você não se lembra de mais nada desse encontro? — pergunta Zeke.

— Ele me disse que, se eu morresse antes dele, talvez entregasse todos os recursos para uma fundação pública sueca, a Allmänna Arvsfonden. Ou entregaria tudo a uma administração independente. Uma administração de dinheiro pelo dinheiro.

— Por que acha que ele resolveu deixar a herança toda para você? — pergunta Malin, ao mesmo tempo em que sente um calafrio passar pelo estômago.

Uma herança, bilhões para administrar numa fundação ou para desaparecer numa instituição pública. Dois irmãos deserdados. O motivo por trás da bomba e da morte das meninas poderá estar aí.

Josefina Marlöw fica em silêncio por algum momento antes de responder:

— Ele quer me dar o veneno. O seu próprio veneno, em vez daquele que eu uso. Ele odeia a ideia de que lhe virei as costas e vivo da maneira

que quero. Por muito ruim que possa ser. Meu pai quer que eu seja como ele. E, ao mesmo tempo, ele adora saber que eu sou como sou, sem hesitações. Eu sou perfeita no papel que escolhi para viver.

— Na sua opinião, qual o motivo de ele não querer dar o dinheiro para os seus irmãos?

— Eles não se tornaram o que ele queria que fossem.

— Queria que fossem?

— Sim. Ele fazia experiências com eles desde pequenos, queria que fossem homens de negócios, perfeitos, gananciosos, implacáveis.

— E o que ele fazia com os filhos?

— Tentava fazer com que eles se sentissem especiais, escolhidos, dava-lhes poderes para dominar aqueles animais caseiros que comprava: porquinhos-da-índia, coelhos, filhotes de cão perdigueiro. Ensinava-os a dominar pela pancada. Ele também dava aos meus irmãos, quando ainda crianças, grandes somas em dinheiro para gastar no que quisessem, queria que sentissem o efeito do dinheiro

como poder, diante de lojistas, comerciantes e aduladores, de modo que ficassem cientes e entusiasmados com as possibilidades oferecidas pelo dinheiro como peça de manobra e de poder. Nós tínhamos empregados domésticos. Meu pai delegava poderes aos meus irmãos para mandar neles. E não só. Podiam também castigá-los. Dureza total. Meu pai jamais tinha para com os meus irmãos palavras de consolo. Batia neles, gritava com eles, punia-os duramente quando alguma coisa corria mal, tudo para que os filhos aprendessem a ser implacáveis como ele.

“Tinha um dragão-de-komodo, uma espécie de lagarto gigante, quase um crocodilo, que ele costumava atiçar às vezes contra os meus irmãos, para lhes meter medo, para mostrar qual era o lugar deles.”

Com certeza, era o tal animal empalhado que existia no quarto de Josef Kurtzon.

Josefina Marlöw fica em silêncio novamente e fecha os olhos, antes de continuar:

— Meu pai deixava que eles me batessem. Batiam em mim no porão da casa. Se os meus irmãos não me batessem, porque não queriam, ele lhes dava choques elétricos. Por isso, eles continuavam a bater. E também me davam choques. O pai queria que eles entendessem o significado da influência social e da brutalidade.

Malin sentiu que o pequeno espaço em que estavam começava a ficar desfocado diante de seus olhos.

Um mal-estar estranho começou a subir-lhe pelas entranhas.

Mas ela ainda conseguiu se controlar e se recompor.

Será que Josef Kurtzon quis transformar seus filhos em psicopatas? Um ser humano deturpado, perfeito para fazer

negócios. Foi isso que você tentou fazer com suas crianças, Josef Kurtzon? Malin sente uma vontade repentina de voltar ao apartamento na Strandvägen e furar aqueles olhos cegos pela catarata do velho. E os irmãos Kurtzon, do que é que eles são capazes agora? De matar, explodir uma bomba numa praça?

— O pai sempre os desprezou — diz ainda Josefina Marlöw, que voltou a abrir os olhos.

— Por quê?

— Porque a força e o sucesso nos negócios, qualidades que ele esperava desenvolver neles, apenas se transformaram em fraqueza e fracasso. Ele às vezes investia nos projetos de negócio criados por eles, mas só para brincar, acho eu, para ridicularizá-los pelos seus insucessos. E, ao mesmo tempo, também os desprezava pelo desejo dos meus irmãos de se mostrar ricos.

— Mostrar riqueza?

— Eles gostam de mostrar que são ricos, mas meu pai acha que o mais importante é o dinheiro em si. Comprar para demonstrar *status* e exibir os seus recursos, isso só lhe causa desgosto. Um homem de verdade nunca faz isso.

— Quer dizer que seus irmãos gostam de mostrar que têm dinheiro?

— Sim, exatamente como a nossa mãe. Para ela, o mais importante era mostrar uma fachada perfeita e luxuosa.

Josefina Marlöw fica em silêncio mais uma vez. Depois, continua:

— Foi isso que minha mãe tentou ensinar-lhes. Que o verdadeiro e único valor pelo qual se mede uma pessoa é a quantidade de dinheiro que tem, e, para isso, é preciso mostrar as suas riquezas. Se não for para mostrar, de que elas servem? A mãe era louca por dinheiro. Nós tínhamos o assento de um vaso sanitário feito de ouro.

— Seu pai e sua mãe eram diferentes, não?

— Sim, mas também iguais. O dinheiro significava tudo. O amor, nada.

— Conte-nos mais a respeito dos seus irmãos — pede Malin.

— O que existe mais para contar? Henry é o mais velho, tem dois anos mais do que eu. E a diferença entre ele e Leopold é de um ano. Leopold é quem domina, apesar de ser mais novo. A tendência é Henry seguir o irmão. Pelo menos, eu sempre achei assim. No entanto, aos olhos dos nossos pais, os dois eram iguais em debilidade.

— Seus irmãos devem ter ficado confusos diante das posições diferenciadas entre os seus pais, não? — pergunta Malin. — Afinal, sua mãe queria demonstrar que tinha dinheiro e seu pai desprezava, exatamente, esse comportamento.

— Independentemente de quem falasse com os meus irmãos, quando crianças, o assunto era sempre o mesmo: dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Tire deles isso, a promessa de herança, e você tira deles a própria vida.

Malin sente que o calafrio no estômago está cada vez mais intenso à medida que Josefina Marlöw fala do ambiente familiar.

— Onde estão os seus irmãos? — pergunta Zeke.

— Cada um ganhou um apartamento na Strandvägen. Eu, também, mas o meu já não está mais em meu nome. Está por aqui.

E Josefina Marlöw aponta para o antebraço todo picado.

— Eles não estão na Strandvägen — diz Malin. — E nós ainda não conseguimos qualquer outro endereço. Você sabe onde eles podem estar? Se algum deles tem outra residência? Uma casa de campo? Alguma casa no exterior?

— Não sei de nada — responde Josefina Marlöw, com o olhar cada vez mais apagado. — Há muito tempo que deixei de me preocupar com isso.

Ela parece querer desaparecer da superfície da terra, mas se o problema é esse por que não saltar na frente de algum trem do metrô ou pular de alguma ponte, como a Västerbro, ou ainda meter dentro do corpo uma *overdose* de heroína, pensa Malin?

Por que adiar essa solução?

Malin reconhece que nunca se consegue entender uma pessoa como Josefina Marlöw, saber o que a move, por que foi parar onde está, que medos a atormentam.

— Mas eu fiz uma coisa — diz Josefina Marlöw. — Se herdasse do meu pai todo o dinheiro, as meninas iriam ficar com tudo quando eu morresse, o que, provavelmente, iria acontecer em breve. Mesmo que eu odeie o dinheiro, as meninas ficariam com ele. Organizei toda a papelada com um advogado.

Silêncio.

— Iriam ficar com tudo — sussurra ela. — Mesmo que o dinheiro lhes pudesse fazer muito mal. Não é justo o que acontece, mesmo quando as intenções são boas, não é?

— Será que seus irmãos souberam disso? — pergunta Zeke.

— Como teriam descoberto?

— O seu pai, ele sabia? — pergunta Malin, que vê como Josefina Marlöw começa a ficar à deriva. Depois, olha para a colher, para a seringa, para o papelote com o pó que estão em um canto.

— Não — diz Josefina Marlöw. — Ele não sabia de nada. Tenho certeza de que ele não sabia da existência das meninas.

“Isso é o que você acha”, pensa Malin.

— Portanto, você não acredita que seus irmãos estejam por trás da bomba em Linköping, que matou as suas filhas, para que a herança pare nas mãos deles?

— Quando a pessoa está sob pressão, ela é capaz de fazer qualquer coisa — sussurra Josefina Marlöw. — Quem sabe o que meus irmãos podem fazer? O que eles podem inventar? Aquilo que o pai disse a respeito de uma fundação na Suíça ou de instituição pública pode ter sido conversa fiada.

Malin e Zeke entreolham-se. Tranquilamente, sem fazer qualquer sinal, os dois se entendem e confirmam a suspeita, tentando evitar o medo ainda desconhecido a distância.

— Como se chama o advogado? — pergunta Malin.

— Jörgen. Jörgen Stålsten. Eu andei... Na escola... Com ele...

— Onde é que podemos...

Josefina Marlöw já não escuta mais nada. Procura, febrilmente, o novo papelote com pó.

Malin vê os dedos magros dela procurando. Josefina Marlöw geme, pronuncia palavras ininteligíveis como se um esfomeado lagarto gigante tivesse aparecido dentro de si e mordido com os dentes afiados, como bisturis, seus órgãos já desfalecidos.

Malin olha para Zeke.

Ele faz que sim.

E os dois saem do buraco, deixando Josefina Marlöw iluminada pela chama que prepara uma nova dose.

Eu vou ter de montar todo este quebra-cabeça, pensa Malin. Vou ter mesmo que resolver este caso.

47

SÁBADO, 15 — DOMINGO, 16 DE MAIO

Ela está perto de quê?

Felizmente, a chamada de Malin não acordou a família. O próprio Johan Jakobsson ainda não tinha adormecido, apesar de já estar deitado na cama, lendo uma velha revista *Wired*. Ele atendeu ao segundo toque. Sua esposa, que estava ao seu lado na cama, continuou a dormir aquele santo sono de uma mãe cansada de cuidar das crianças, pelo menos durante uma boa parte do dia. E as crianças respiram levemente, tranquilas, no quarto delas.

Malin havia falado pouco. Pediu para ele desenterrar tudo o que pudesse encontrar a respeito dos irmãos Leopold e Henry Kurtzon, se é que havia alguma coisa sobre eles.

Quando se sentou diante do computador, colocado sobre uma pequena mesa de carvalho, a um canto do *hall* de entrada, é que Johan notou como estava cansado e como a investigação o havia envenenado. A interminável procura na internet por conexões e situações, as pesquisas nas vidas das pessoas e suas opiniões,

tudo isso quase o levava a perder o fio da meada, já não sabia mais o que sabia, nem o que ele achava sobre fosse o que fosse.

Mas, assim que ligou o computador, todos os pensamentos negativos desapareceram e ele entrou no Google, escreveu Leopold Kurtzon e encontrou 2.150 *sites* relacionados a ele, sendo, na maior parte, artigos publicados a respeito do pai, Josef Kurtzon.

Um dos artigos era do *Wall Street Journal*, no qual Johan clicou primeiro. A página, no entanto, exigia o cadastramento e um pagamento de 35 dólares por um mês de acesso.

Duzentas coroas suecas.

Sven Sjöman vai chiar, pensou Johan, mas resolveu pegar o cartão de crédito para pagar e poder acessar o jornal norte-americano.

O artigo era de 1998, de uma edição de domingo, e o título dizia "Inheritance of misfortune".******** Falava de herdeiros no mundo inteiro que lutaram e quase perderam a oportunidade de ser considerados como parte da família na hora de herdar as suas participações em empresas pertencentes quase exclusivamente aos seus pais.

Entre outros exemplos norte-americanos, o dos filhos de Bernard Madoff. E também o dos rapazes de Ingvar Kamprad. E, depois, um grande retrato de um personagem, apresentado como figura desconhecida do grande público: Leopold Kurtzon, filho do mitológico financista Josef Kurtzon.

O jornalista conseguiu que Leopold Kurtzon aceitasse dar uma longa entrevista e da matéria constava uma fotografia do entrevistado num lugar que Johan achou que devia ser um iate. Não dava para garantir, no entanto, onde a fotografia teria sido tirada. Também nada se dizia a esse respeito no artigo, nem se

mencionava o nome do mar que se via ao fundo e que, portanto, podia ser qualquer um.

Constava no artigo que o pai de Leopold Kurtzon teria preparado o filho para ser um príncipe entre os financistas, mandando-o estudar, junto com o seu irmão, Henry, na *Sweden's most prestigious private school*. Depois dessa escola particular, eles receberam bolsas para estudar na Harvard Business School, mas os dois irmãos tinham dificuldades em completar os estudos e preferiam participar, de festas de todos os tipos. Um ex-colega de classe manifestou a sua opinião sobre *The Swedish maniacs*. Após dois anos de estudos, Leopold e Henry Kurtzon foram impedidos de continuar na escola. A essa altura, Leopold Kurtzon voltou para Estocolmo a fim de desempenhar "uma posição menor como *junior*" em uma das muitas empresas do império do pai.

Deve ter acontecido a mesma coisa com o irmão Henry.

Segundo o próprio Leopold, o pai Kurtzon mantinha-o sob observação, mas, gradualmente, foi perdendo o interesse por ele e o irmão, uma vez que os considerou sem a capacidade nata para os negócios de alto nível.

"Eu e o meu irmão tentamos demonstrar que éramos capazes, mas era impossível convencê-lo. Ele já se decidira."

Está claro, pensou Johan depois de ler o artigo, que Leopold Kurtzon deve ter deixado o jornalista perplexo e confuso, a ponto de escrever que não conseguia compreender o motivo que levou Leopold a aceitar dar a entrevista. Mas talvez tenha sido, especulou ele, para fazer mais uma tentativa de aproximação com o pai. Durante toda a conversa, o repórter teve a sensação de fazer parte de um plano, a peça de um jogo muito além da sua capacidade de

compreensão: “Caso contrário, por que Leopold Kurtzon teria dito tudo aquilo para mim?”.

O jornalista descreve a maneira como Leopold se senta na poltrona na qual se encontra e confessa que sempre quis se casar, que já teve centenas de mulheres, mas nunca foi bem-sucedido em se ligar a uma única: “Nenhuma me servia”.

Mais abaixo no texto:

“O meu irmão Henry também não constituiu família. E talvez essa seja a maneira de nos vingarmos da mesquinhez do nosso pai em relação a nós, a de não lhe dar nenhum herdeiro na próxima geração.”

Após ter dito essas palavras, Leopold Kurtzon soltou uma gargalhada. Segundo o repórter, uma gargalhada de insegurança, de solidão.

Uma empresa financeira que os dois irmãos fundaram no Luxemburgo acabou fechando. Depois, o pai deu a cada um uma espécie de carteira de investimentos e um apartamento para morar na Suécia, além de uma importância anual em dinheiro, grande o suficiente para que pudessem viver em um nível que a grande maioria das pessoas considera uma vida de luxo. A partir daí, Leopold Kurtzon, junto com o seu irmão Henry, partiu para todos os tipos de investimentos, desde uma cadeia de lojas de doces até uma empresa importadora de animais exóticos.

Quando o repórter perguntou a Leopold Kurtzon sobre sua infância, ele ficou verdadeiramente agressivo pela primeira e única vez, e, com “uma voz gelada e assustadora”, disse-lhe para “não mexer na minha infância como se fosse um desses malditos psicanalistas, desses safados de que ninguém precisa”.

O repórter contou como deixou Leopold Kurtzon, solitário, sentado na poltrona de um terraço que dava para o mar. Viu como ele parecia personificar a solidão e a insensatez que fazem parte daqueles que se preocupam apenas com o dinheiro. O repórter descreveu ainda a sensação desagradável, muito forte, que o assaltou quando o estado de espírito de Leopold Kurtzon mudou, deixando transparecer “um estágio de quase desespero abismal e de muita raiva que dominava o herdeiro”.

No final da matéria, o jornalista escreveu: “Foi um alívio abandonar a companhia de Leopold Kurtzon”.

Johan gostaria de fazer o mesmo, ao clicar e procurar por outros sites. Queria abandonar aquela investigação, não ser mais obrigado a ler sobre pessoas como esses tais Kurtzon, com suas personalidades que incorporam, notoriamente, enormes disfunções.

Passinhos curtos de criança no escuro. Uma voz de menina: “Papai, estou com sede”. E logo o pai se levanta e se aproxima da filha, que estava de pijama na entrada do *hall* esfregando os olhos. Johan seguiu-a até a cozinha e deu-lhe um copo de água gelada. Depois, levou-a para a cama, cobriu-a e voltou para o computador. Mas só depois de abraçá-la, um abraço tão forte que até deu para sentir o coração dela bater no ritmo certo e com segurança.

Henry Kurtzon.

O que havia sobre o outro filho?

Nada no *Wall Street Journal*.

Quase quinhentas citações de seu nome.

Uma delas veio de um *site* com fotografias de festas na Riviera, Saint-Tropez, em julho. No clube noturno do Hotel Byblos havia uma fotografia de Henry Kurtzon, sozinho no balcão do bar, como se estivesse afastado do espetáculo hedonista no fundo.

"*Mr. Kurtzon enjoying the party*",******** era a legenda.

Mas você parece não estar se divertindo nem um pouco, pensou Johan ao examinar o rosto com grandes olheiras embaixo dos olhos, desfigurados pelo excesso de bebida alcoólica.

As faces estavam vermelhas, inchadas, consequência do excesso de champanhe. Foi fácil para Johan imaginar Henry Kurtzon e seu irmão Leopold pulando de festa em festa, sozinhos, sem serem desejados por ninguém, mas também sem serem excluídos do mundo a que, pela lógica, deviam pertencer.

Johan pesquisou no registro de imóveis à procura de alguma coisa que estivesse em nome dos irmãos. Sem sucesso.

Pesquisou no registro de empresas e encontrou uma quantidade enorme de firmas desativadas. Loja de doces. Animais exóticos. L&H Financial Services. IT Solutions. E muitas outras.

Nenhuma das empresas faliu. A última foi desativada três anos antes e de uma forma que pareceu bem ordenada. Com certeza, o pai deve ter feito uma limpeza geral, pensou Johan. E o que é que vocês têm feito nos últimos anos? Viraram empregados em algum lugar?

Ele ainda procurou no Ministério da Fazenda se constava alguma coisa a respeito de Henry e Leopold Kurtzon. O endereço mencionado era de uma caixa postal no Östermalm, bairro central de Estocolmo, e eles não tinham pago impostos nos últimos três anos. Nada de receitas de capital. Nada.

Será que o pai deles não os sustenta mais? Parou de lhes dar dinheiro?

Johan tentou novamente ver os irmãos por dentro, entender quem eram e de onde vinham. Deviam estar desconsolados, por ter um pai que parecia cortar ouro com faca, sem jamais conseguirem

sucesso em qualquer outro ramo, muito menos arranjar um amor duradouro. Talvez dispusessem, também, de uma incapacidade total para amar.

Johan não achou mais nada nos registros e, a essa altura, já estava quase caindo em cima do monitor, sentindo que a pele ficava seca e os olhos pesados demais.

Não quer, porém, terminar ainda. Acha que, de alguma maneira, está perto de encontrar alguma coisa muito importante.

Clica no Google o nome da mãe, Selda Kurtzon, e logo encontra um artigo extraído de uma antiga revista sueca, *Hänt i Veta*, dos últimos anos da década de 1970, artigo que um blogueiro encontrou em um banheiro público perto da sua casa de campo e resolveu digitalizá-lo e divulgá-lo, “porque era muito louco”.

As imagens mostram uma mulher com um vestido de características semelhantes à pele de um leopardo e, certamente, de um valor astronômico, do estilista Roberto Cavalli. Ela segura pela coleira um lagarto enorme, de corpo listrado de amarelo e preto, e passeia por um jardim, com vista para uma enseada de Lidingö.

“Este é o animal do meu marido. Ele gosta dele.”

Segundo o jornalista, a mulher fala com sotaque polonês, mas a sua origem real fica oculta. Ela fala sobre o seu estilo cosmopolita de vida, com viagens constantes pelo mundo inteiro.

Numa outra fotografia, aparece sentada ao lado das suas crianças em um enorme sofá dourado, num gigantesco salão, com janelas gradeadas ao fundo. Henry e Leopold, talvez com 12 e 13 anos de idade, estão vestidos com terno azul-claro, camisa cor-de-rosa e gravata borboleta branca. Estão muito bem penteados e com olhar completamente vazio, sem expressão alguma.

Ao lado de Selda Kurtzon, está sentada uma menina, Josefina Kurtzon, segundo a legenda. Ela parece mais jovem e mais baixa do que os irmãos. Quando Johan examina os olhos dela, quase sente um choque. O olhar revela pânico, refreado e controlado, mas, sem dúvida, visível. Johan vê puro medo naqueles olhos, como se a menina não quisesse fazer outra coisa senão fugir da fotografia.

Do que é que quer fugir, menina?

O que é que eles fazem com você?

“Eu ensino os meus rapazes a adorar o dinheiro”, diz Selda Kurtzon. “Eu ensino-os a considerar que a ganância é um sentimento bom. Afinal, o que poderemos fazer sem dinheiro? Eu me lembro de quando era criança. A gente não é ninguém. Absolutamente ninguém. Sem dinheiro, nenhuma pessoa tem qualquer valor. Nesse caso, é até melhor morrer.”

O repórter da revista popular de fofocas salienta o comentário de Selda Kurtzon e considera-o uma piada. Descreve que ambos riram imensamente, mas Johan logo tem a sensação de que não se trata de nenhuma piada.

Selda Kurtzon parece gostar de fotografias. Adora mostrar-se e não dá, de maneira nenhuma, a impressão desarticulada que seu filho transmitiu na entrevista para o *Wall Street Journal*.

Josef Kurtzon é pouco citado, mas é considerado como um dos membros da chamada *Svenska Dallas-liv*, a alta sociedade sueca.

Johan entra no registro da população sueca.

Selda Kurtzon faleceu alguns anos após a publicação do artigo. Os irmãos não deveriam ter mais de 15 anos. A menina seria ainda mais jovem.

Um maldito lagarto gigante como animal de estimação? Tem gosto para tudo. O que isso tem a ver com a investigação? Se é que tem

algo a ver? Que raio de pista é aquela que Malin resolveu seguir? Ricaços que se comportam de maneira estranha não são novidade. Nem isso é considerado trágico. Só os pobretões, ao se comportarem de maneira excêntrica, são considerados esquisitos.

Johan volta à matéria no *Wall Street Journal*.

Olha para imagem de Leopold Kurtzon.

Os olhos. O olhar parece estar fixo na sua própria pessoa, no seu próprio eu. Uma pessoa rica, mas também capaz de tudo.

"Quem é você?", pensa Johan, antes de se levantar e ir para o quarto. Uma cria malsucedida? Pelo menos, aos olhos do seu pai.

Johan para na porta do quarto da filha. Olha para ela dormindo.

Escuta sua respiração.

Pensa: "Devo ensinar-lhe uma coisa, a de que o dinheiro não é tudo na vida e que está longe de ser o mais importante".

Depois, deita na cama, ao lado da esposa. Ela está quente, uma temperatura bem conhecida, e só o cheiro do seu corpo faz com ele se acalme.

Amanhã de manhã, tenho que telefonar para Malin. Contar-lhe o que consegui saber sobre os irmãos.

******** Em inglês, no original: "Herança de infortúnios". [N. T.]
******** Em inglês, no original: "Senhor Kurtzon aproveitando a festa". [N. T.]

48

É como se o sangue oxigenado voltasse a correr pelas veias, depois de o corpo ter visitado a morte.

Malin inspira o ar, gananciosamente, e, apesar do trânsito noturno na área Hornstull ainda ser intenso, ela sente que o ar entra como um afago pelos brônquios e pulmão.

Um grande cartaz publicitário cobre uma parede inteira.

Uma mulher de biquíni numa praia com palmeiras ao fundo.

Os dois caminham na direção do carro, estacionado em frente de um restaurante chinês, no quarteirão seguinte.

As ruas estão praticamente vazias. A essa hora, os restaurantes já fecharam e poucas janelas dos prédios em volta ainda estão iluminadas. Malin sente como o asfalto cede um pouco por baixo dos pés. E também que o cansaço e a confusão estão a ponto de vencer o corpo.

Zeke caminha a seu lado, em silêncio, mas ela sabe que o cérebro dele está trabalhando. Deve estar tentando pôr as suas ideias sobre a investigação em ordem, a fim de chegar ao núcleo da questão e da verdade.

Pouco a pouco, estão chegando lá, pensa Malin. Por enquanto, já estão satisfeitos em chegar ao carro. A noite volta a ficar mais

quente. O céu está todo iluminado por estrelas, o que a leva a pensar naqueles homens diante da Stadsmissionen. Nessa noite, vão passar menos frio, à espera de um lugar para dormir no albergue.

Zeke volta a ocupar o lugar ao volante.

Passam pela Hornsgatan, param no cruzamento diante do sinal vermelho, perto do Hotel Zinkensdamn e do *pub*, ao lado, na esquina, ainda com gente na fila para entrar. Malin acha que viu o famoso compositor Ulf Lundell passar no outro lado da rua.

“Logo os anjos vão aterrissar.”

Malin recorda como ela e Janne dançaram ao som dessa canção quando eram jovens, logo após Tove ter nascido. E também antes de começarem todos os problemas. Espero que o compositor tenha razão.

— Não consigo ver lógica nenhuma neste maldito caso — diz Zeke, batendo os dedos no volante, num esforço para se manter acordado. — E você?

Malin obriga-se a retomar toda a situação e consegue fazer com que a cabeça funcione.

— Se tivessem alguma coisa a ver com este caso, os irmãos deviam ter assassinado primeiro Josefina Marlöw, não acha? — diz Zeke. — Josefina estava entre eles e a herança.

— Será que isso está certo? — pergunta Malin. — Josef Kurtzon disse a Josefina que ele daria toda a fortuna para uma instituição, se ela morresse antes dele.

— Mas por que os irmãos iriam matar as meninas e Hanna Vigerö? O que eles ganhariam com isso?

— Talvez tenham chegado à seguinte conclusão: se Josefina Marlöw herdar tudo de Josef Kurtzon e depois morrer, as meninas é

que vão ficar com toda a fortuna, mas se elas também desaparecessem do mapa, os dois irmãos seriam os únicos herdeiros vivos da irmã.

— Mas Josef Kurtzon já organizou tudo para que os irmãos não recebam mais nada.

— Será isso mesmo? Quem sabe o que ele decidiu a respeito da fundação quando Josefina Marlöw morrer? Talvez os irmãos possam herdar, nessa altura, o controle da instituição. De qualquer forma, acho que Josef Kurtzon não sabia da existência das meninas.

— Portanto, Josefina Marlöw está em perigo, não? — pergunta Zeke.

— Não. Se o plano dos irmãos é ficar com a herança, eles precisam manter a irmã viva até que o pai morra. Josef Kurtzon ameaçou entregar tudo à instituição pública Arvsfonden, caso ela morra antes dele.

Zeke parece repensar tudo mais uma vez e deixar que as ideias de Malin entrem bem na sua cabeça.

— Temos de ouvir o advogado de que Josefina Marlöw falou — diz Zeke.

Malin concorda.

— Talvez ele possa esclarecer a situação. Se os irmãos sabiam da existência das duas filhas da irmã, dadas para adoção, e se a irmã fez um testamento a seu favor, esse raciocínio poderá estar certo. Pois, se eles sabiam da existência das gêmeas Vigerö, certamente iriam querer se livrar delas para evitar que herdassem tudo, tanto de Josef Kurtzon como da sua mãe biológica.

— Mas Josefina Marlöw poderá ter ordenado a coisa de modo que os irmãos não possam controlar o dinheiro se ela morrer agora, não? Ela pode ter feito um testamento a favor de outra pessoa.

— Você viu a Josefina há pouco — diz Malin. — Ela não estava em condições, absolutamente, de imaginar uma intriga. Seja o que for que ela tenha combinado com o advogado, Stålsten, eu tenho certeza de que ela não está em condições de pensar no que acontecerá com a herança se as suas filhas gêmeas morrerem. Ela não queria nem acreditar na morte delas.

No interior do carro, silêncio. Só se escuta o barulho do motor.

Os irmãos Kurtzon estão lá com eles no escuro, em pensamentos que caracterizam a possibilidade de terem assassinado uma família inteira, na tentativa de ficar com a fortuna.

— Talvez Johan Jakobsson tenha conseguido saber mais alguma coisa sobre os irmãos, não acha? — comenta Malin. — Vou telefonar para ele.

— Telefone amanhã de manhã — diz Zeke. — Deixe-o descansar. Nem todos são tão maníacos como você.

— Eu, maníaca? O que quer dizer com isso?

Zeke faz uma careta. Sua boca parece a de um palhaço. Um sorriso e uma expressão de receio ao mesmo tempo.

Eles continuam pela Hornsgatan e, ao passar diante do bistrô Folkets Kebab, Malin lembra-se do tempo em que ela e a filha Tove atravessavam a cidade para vir comer ali, onde sabiam ter uma boa refeição a um preço razoável. E o bistrô ainda está lá.

— Quer dizer que aquele homem que nós vimos no vídeo pode ser um dos irmãos Kurtzon? — pergunta Zeke.

— Pode ser — responde Malin. — Ou talvez tenham contratado outra pessoa. Não lhes falta dinheiro, embora queiram ter muitíssimo mais.

— Mas tudo isso? Matar crianças por dinheiro? E seus pais adotivos? Quem poderá ser o contratado para fazer uma coisa

dessas? Matar crianças? Não acredito que haja um matador profissional neste país com coragem para fazer uma coisa dessas.

— Dinheiro — diz Malin. — Dinheiro, Zeke, você sabe muito bem que existem pessoas que aceitam fazer qualquer coisa por dinheiro. E o pai Kurtzon até atiçava os filhos com um lagarto gigante quando eles ainda eram pequenos. O que mais ele deve ter feito para transformá-los em perfeitos homens de negócios? Quem sabe em que homens esses dois se transformaram?

— Em homens que matam crianças? Custa-me muito a acreditar nisso, Malin.

O olhar de Zeke muda de expressão.

Fica duro e frio.

Ele acelera.

Mas matar as suas próprias sobrinhas?, pensa Malin. Será possível? Ela não quer acreditar nisso, mas considera que pode ser, sim. E sabe que a investigação a está levando para uma área complicada, de inimaginável amplitude.

— Eu entendo por que Josefina Marlöw deu para adoção as suas meninas — Zeke diz.

Malin concorda.

— Eu jamais deixaria uma criança crescer naquele ambiente que existiu no apartamento de Josef Kurtzon.

— Nem eu. Mas você acha, realmente, que o pai da Josefina não sabia da existência das meninas? Com todo o seu poder e influência?

— De fato, acho que não — diz Malin.

Acabam por encontrar um lugar para estacionar em frente do hotel. Antes de sair do carro, Malin ainda diz:

— Amanhã, vamos falar, então, com o advogado de Josefina Marlöw. O tal Stålsten. Agora, está tarde demais. Se ficar claro que os irmãos conheciam a existência das crianças e que Josefina Marlöw fez testamento em favor delas, nós podemos estar no caminho certo.

Zeke concorda. E, como habitualmente, recorre ao seu inglês:

— *Follow the money. Always follow the money*.********

Já era uma e meia da madrugada quando Malin, finalmente, jogou o corpo em cima da cama do hotel.

As roupas foram jogadas no chão. Deitou-se completamente nua. Tirou até a calcinha para que não ficasse mais suja do que estava e esperava virá-la do avesso no dia seguinte, visto que não tinha trazido muda de roupa.

Matar as sobrinhas.

As mãos de Malin tremem só de pensar nisso. Com que espécie de monstros eles têm de tratar?

Os irmãos. Onde estão? O meu irmão? Quem é você?

Ela fecha os olhos e logo chegam os sonhos na forma de um núcleo negro, com halo laranja, de onde saem, sucessivamente, os rostos, todos os rostos deste relato.

Tove vem em primeiro lugar.

Ela sussurra:

— Eu vou embora, mamãe, mas jamais vou abandoná-la.

O pai.

Ele sorri.

Mas eu não posso sorrir de volta.

Em seguida, aparece Peter Hamse, vestido com seu avental de médico, e ela sente como o seu baixo ventre se contrai, mas ele logo desaparece e, com ele, aquelas sensações.

Daniel Högfeldt.

Janne.

Eles vêm juntos. Fazem um sinal com as mãos. Acenam-lhe um adeus. Ela quer correr atrás deles, mas não pode. Não quer. Acha que está na hora de soltar as amarras, que a luta para manter acesos aqueles amores, para satisfazer as suas necessidades sexuais, já terminou.

A mãe.

O rosto dela é uma máscara muda. Onde foi parar o ar de desconsolo?, pensa Malin.

Karim Akbar, Sven Sjöman, Johan Jakobsson, Waldemar Ekenberg, Zeke, Börje Svärd, Karin Johannison. Todos passam desfilando, sorriem, afagam a sua face, desejam-lhe felicidades. E é com essa sensação que ela quer descansar.

A felicidade de Karim com a sua nova e repulsiva mulher.

A vontade de Karin em ter filhos está escrita no seu rosto e em todo o seu corpo. A vontade incendeia-se, mas está lá sempre, o tempo todo, uma surpresa para ela mesma.

Sempre o bem ao lado do mal. Malin vê o rosto de Maria Murvall.

Seus olhos estavam cheios de desejo. Malin lembra-se de Maria como ser humano, um ser que se fechou sobre si mesmo num quarto, depois noutro, noutro, até que, finalmente, só havia mais um espaço que era branco, totalmente livre de má vontade, de sustos, e, por isso, também completamente livre de recordações e sentimentos.

Um dia eu vou entrar nesse espaço, pensa Malin. Irei pegar você pela mão e tirá-la daí, Maria.

Então, Malin vê as meninas.

Os rostos nas fotografias encontradas no apartamento de Ekholm. De início, elas sorriem, mas depois começam a gritar. E na esteira dos seus gritos, aparecem os rostos de Hanna Vigerö e de Josefina Marlöw. Ambas chamam e falam para Malin, mas esta não consegue compreender o que dizem.

Estou sonhando? Talvez.

Mais dois rostos.

Dois homens com queixo marcante e nariz reto, idênticos, abaixo de cabelos bem tratados, penteados para o lado. Um dos rostos mais redondo do que o outro, mas ambos bem recortados. Os seus olhos azuis, ansiosos, mas duros, cheios de exigências e de ganância. Malin procura em vão por alguma espécie de calor humano nesses olhares.

Vocês são os irmãos Kurtzon, não são?

Eles não respondem, não dizem nada. Simplesmente desaparecem no escuro. E, então, aparece mais um rosto de homem, transtornado pelo desespero.

— Eu farei o que você fez por Tove — diz o homem.

— Você ama? — pergunta ela.

— Você salvou Tove — diz o homem. — Quando ela estava correndo perigo de morte. Agora, eu salvei as minhas crianças.

E o rosto desaparece.

Estou sozinha?

Não.

Mas durmo. Por favor, digam que eu durmo e estou sonhando.

Estou num outro quarto que cheira a morte, mas também a vida obstinada.

Não estou sozinha aqui.

Vejo duas crianças pequenas.

Vejo-as, mas não sei onde estão. Elas chamam por mim. Querem que eu as salve.

Tenho que salvá-las.

Estão gritando. Gritam por medo. Quero me aproximar delas, mas onde estão?

Onde estão, crianças?

Águas escuras batem contra juncos quebrados no escuro.

Malin entra num sono mais profundo, carrega consigo as duas crianças abandonadas para dentro dos seus sonhos, tenta consolá-las, diz que tudo dará certo, que tudo ficará bem. E, no sonho, as crianças transformam-se no seu próprio irmão, um sonho dentro dos sonhos em que as pessoas, finalmente, poderão descansar no meio de uma brancura cintilante e completa.

Quem fez isso? Quem nos matou?

Foi a vontade de ter mais dinheiro que nos matou? Vontade de ser como o pai, de servir aos seus interesses, ou apenas a vontade de ter o poder que só a riqueza oferece? Aquele poder que permite dominar seja quem for, obrigar seja quem for a fazer seja o que for?

Ou foi o desejo de poder sobre a vida das pessoas? Sobre a vida das crianças? Sobre a imagem de si mesmos, das suas próprias vidas?

Ou estará no caminho errado, Malin?

Será que existe a solução deste enigma em um lugar completamente diferente?

Está dormindo agora.

Não durma demais.

As outras crianças, as sequestradas, que ainda não estão mortas, continuam esperando ser salvas. Nós morremos para o bem delas? Então, você tem que salvá-las, não é?

O relógio continua com o seu tique-taque. A hora está definida, mas você ainda não sabe, Malin.

******** Em inglês, no original: “Siga o dinheiro. Sempre siga o dinheiro”. [N. T.]

49

Pouco depois das nove horas da manhã, o advogado Jörgen Stålsten recebe Malin e Zeke em pé e de costas atrás da sua mesa de mogno. Ele já desapertara a gravata rosa-clara e olhava através da janela com vista para a praça Odenplan, onde há ônibus azuis que param junto da saída do metrô. As pessoas entram e saem das mesmas lojas que existem em todos os arredores da capital, sempre abertas, até nos domingos e feriados, tudo para servir os consumidores.

Johan Jakobsson telefonou de manhã bem cedo. Contou tudo o que conseguiu saber sobre os irmãos Kurtzon e sua mãe. Malin sentiu a pele se arrepiar ao escutar Johan dizer como Leopold e Henry Kurtzon viviam isolados, em constantes fugas, mas que eram de certa forma personalidades fortes. Falou ainda a respeito de como foram educados desde tenra idade e formados para que se tornassem máquinas perfeitas a serviço da ganância e sem qualquer sentimento de amor.

Malin e Zeke continuam a aguardar Jörgen Stålsten.

Conseguiram apanhá-lo ainda em casa, num endereço do bairro Östermalm, e ele concordou em se encontrar com os dois, embora fosse domingo.

Não perguntou qual seria o assunto, mas Malin notou que havia medo na sua voz.

Ele pediu para se sentarem, mas ambos recusaram o convite. Quiseram assinalar que o assunto era importante e, por isso, preferiam ficar de pé.

Jörgen Stålsten tem, mais ou menos, a idade de Malin.

Bonito, com um rosto triangular, cabelos claros, ondulados e excessivamente longos, não muito compatíveis com a profissão. Talvez seja por causa dos cabelos que ele não trabalha em nenhum dos escritórios de advocacia mais destacados, todos situadas na Stureplan, a praça *high-life* de Estocolmo, pensa Malin. Esses cachos não ficam bem no mundo conservador de juristas suecos.

Os dois contaram por que vinham, o que queriam saber, e agora esperavam a resposta.

Jörgen Stålsten prefere ficar na mesma posição, de costas para eles. Há pouco, os seus olhos azuis estavam transparentes e sem qualquer expressão de medo. Como se fosse o olhar de alguém que cometeu um crime e que estava disposto a confessar tudo, sem sentir nenhuma vergonha. Como se fosse alguém que entendeu ter chegado a sua hora.

— Eu estudei na escola básica com Josefina — diz Jörgen Stålsten. — No colégio Lundsberg. Ela enfrentava um inferno quando ficava em casa, nas férias. Eu sei disso. Até mesmo qualquer *bullying* na escola era melhor que aquilo.

Lundsberg.

Bullying.

As palavras caíram como raios na mente de Malin, que logo reconhece não poder deixar Tove viajar. Não podia mandá-la para uma floresta selvagem, nem para uma escola aristocrática, cheia de

ricaços valentões. Mas essa discussão, essa preocupação, não tem nada a ver com o assunto de agora. É melhor racionalizar, escutar, deixar que Jörgen Stålsten conte a sua história.

— Ela começou já aos nove. Com maconha. Havia muita droga na escola. Talvez tenha começado a usar outras drogas mais pesadas também lá.

— O que acontecia em casa? — interrompe Zeke abruptamente.

— Ela contava a respeito da sua mãe. De como era louca. De como os obrigava a fazer exercícios, a marchar em volta da mesa de jantar, a vestir determinadas roupas. Obrigava-os ainda a comer apenas determinados pratos que ela achava corretos. E a mãe ainda batia na filha e em seus irmãos e fechava-os num armário, caso não se comportassem como ela queria.

— Você e Josefina eram amigos? — pergunta Malin, pensando que era melhor deixar que Jörgen Stålsten escolhesse o que e como contar, em vez de tentar conduzi-lo, pois dessa forma poderiam ir parar num beco sem saída. E sem solução.

— Amigos? Eu quero acreditar que sim. Mas não. Na realidade, não. Josefina não deixava ninguém entrar na sua vida. Às vezes, contava coisas sobre a sua família. Comentava as idas da sua mãe à escola no chamado dia dos pais. Ela chegava de limusine com chofer. Ficava andando em volta, mostrando-se, vestida com as vulgares roupas italianas. Todos riam dela e para ela, mas a mãe pensava sempre que era uma rainha.

— O que aconteceu com Josefina depois da escola?

— Ela não voltou a Lundsberg para fazer o curso secundário. Achei que tinha começado em algum outro lugar, mas compreendi muito mais tarde que ela já tinha sido apanhada, então, pelo vício.

— Por que ela se entregou ao vício?

— Ela já tinha uma inclinação para isso. E com o que acontecia em casa. O pai dela, ao que parece, não ligava nem um pouco para as crianças, a não ser como uma espécie de experimentação social. A mãe tratava-os como acessórios para serem enquadrados na imagem que ela queria mostrar de si mesma. Os irmãos estudavam alguns anos na minha frente e eu tive a sensação de que sofriam muita pressão. Ao que parece, tiveram problemas na escola anterior. Eles eram os piores valentões e podiam ficar muitíssimo raivosos nas mais inesperadas situações. Mais tarde, vim a entender que talvez eles apenas fizessem aos outros aquilo que faziam com eles. Estavam extremamente conscientes quanto ao poder do dinheiro e do *status*. No seu mundo, o dinheiro significava tudo. Antepassados e árvore genealógica, nada. E jamais falavam com alguém se não soubessem que a pessoa era rica. Ao mesmo tempo, parecia que sentiam vergonha por terem dinheiro e por não conseguirem evitar mostrar que tinham. Era como se convivessem com um gigantesco conflito interior que podia expô-los como seres inofensivos num momento e como perigosos e agressivos, num outro. Uma vez maltrataram um bolsista na sala de ginástica, pois ele conseguia fazer mais flexões de braço do que eles. Os dois amarraram-no com uma corda e colocaram-no embaixo de um aparelho de ginástica, um cavalo, e ficaram dando pontapés. O caso foi silenciado, visto que o garoto se recusou a denunciá-los. Mas todos sabiam do ocorrido.

— Você acha que o pai batia neles? — pergunta Zeke.

Jörgen Stålsten olha para os dois.

— Não. Mas creio que ele os encorajava, desde os primeiros momentos, a se importarem com dinheiro e nada mais. Acho que a riqueza tem a sua própria regra, a de que é importante arranjar mais

dinheiro o tempo todo, cada vez mais dinheiro, e nunca achar que é suficiente.

“Creio que Josef Kurtzon só está interessado no dinheiro em si. Mas a mãe, Selda, foi quem os tornou dependentes de um estilo de vida que exige dinheiro, com todos os seus atributos. Por isso, até acho que eles ficaram dependentes, também, do poder sobre outros, o poder que apenas o dinheiro pode dar. E quando eles fracassaram na administração das empresas criadas, o pai ridicularizou a insegurança e a incompetência deles. Quando ficaram mais velhos, ouvi dizer que o pai os ameaçava de tirar-lhes o acesso ao dinheiro da família.”

— Isso denota, de fato, uma atitude sádica — diz Zeke.

— É sádica. Eles fracassaram em todas as frentes. E não conseguiam ganhar dinheiro. Por isso, deixaram de ser bons filhos e tornaram-se imprestáveis aos olhos do pai. E, aos olhos da mãe, adornos sem valor. Ela queria que eles fossem pequenas coisas perfeitas para mostrar aos outros. Por muito que fizessem, não serviam para nada.

— Como é que você sabe de tudo isso? — pergunta Malin, querendo afastar a ideia de os irmãos serem vítimas. Assassinos é o que eles são. Matadores de crianças.

— Eu os conheci na escola. Depois, continuei a ouvir histórias a respeito deles, ao longo dos anos, por outros ex-alunos da Lundsberg, que, por sua vez, escutaram rumores a respeito dos irmãos Kurtzon. Então, tivemos um jantar de confraternização dos ex-alunos da Lundsberg no início da década de 1990. Os irmãos apareceram juntos, bronzeados, no meio do inverno. Tinham estado em algum lugar da Ásia, se bem me lembro. E era Leopold que vinha na frente, com Henry atrás. Era como se tivessem parado no

tempo. Todos sabiam que não tinham chegado a lugar nenhum na firma do pai, que este, tal como Kamprad, os humilhava. No jantar, os irmãos falaram muito do sucesso das suas empresas, mas, assim que o pessoal começou a fazer perguntas, logo percebemos que era tudo conversa fiada.

— Isso condiz com o que Johan nos informou — diz Zeke.

— Perdão?

— Nada. Por favor, continue — diz Malin.

— E mais tarde, naquela noite, quando alguém se cansou de ouvir a conversa deles e os chamou de mentirosos, Leopold ficou extremamente irritado e até podia ter havido uma briga se Henry não tivesse avançado e levado o irmão embora. Lembro-me que Leopold gritava qualquer coisa do estilo: “Esperem apenas até nós herdarmos tudo. Aí, eu vou comprar todos os seus malditos cus e enfiar neles uma banana de dinamite. E, depois, vocês vão poder correr até explodir em pedaços. E eu chamarei os lagartos gigantes para comerem os restos”.

Uma herança aguardada, pensa Malin.

Pessoas desesperadas. Solitárias. Desprezadas.

— Quando é que se encontrou com Josefina pela última vez?

— Mais ou menos há dois meses. Fiquei completamente chocado diante do seu estado. É claro que já ouvira falar a seu respeito, mas não quis acreditar. Quando a vi tão arrasada, achei que era milagre ainda estar viva.

— E foi, então, que você preparou um testamento para ela? — pergunta Malin. — No qual as suas duas gêmeas iriam herdar tudo.

Jörgen Stålsten vira-se novamente e fica de costas para eles, olhando para a ponta da torre da Igreja Gustav Vasa.

— Sim.

— Ela mencionava, também, os irmãos no testamento?

— Não.

— E mencionava para quem iria o dinheiro se as crianças morressem antes dela?

— Não.

— Josefina não fez nenhum outro testamento que deserdasse os irmãos no caso de sua morte?

— Não.

— E os irmãos vieram aqui, não foi? — pergunta Malin. — Esses irmãos assustadores, desesperados, que você já não via desde o jantar de confraternização e não queria ver mais, estiveram aqui. Vieram pressioná-lo pelo testamento? Queriam saber os seus termos? Eles o ameaçaram?

Jörgen Stålsten desvia o olhar da torre da igreja e encara Malin.

A segurança nos olhos azuis transforma-se em medo, o mesmo medo que ela viu nos olhos de Ottilia Stenlund, como se os irmãos Kurtzon tivessem entrado na sala.

— Eles nunca estiveram aqui. Sou obrigado a manter segredo e jamais...

— Está claro que eles estiveram aqui — diz Malin, tentando fazer com que a sua voz mantivesse um tom de frieza e de simpatia. — Entendo que você tenha ficado com medo — continuou ela, depois. — Deve ter pressentido do que os dois são capazes.

— Eu tenho esposa e duas crianças pequenas — diz Jörgen Stålsten. — O que poderia fazer? Eles chegaram aqui, vestidos com os seus ternos feitos sob medida por alfaiates caríssimos, com os olhos de répteis, mostrando fotografias das minhas crianças, imagens que eles mandaram algum fotógrafo tirar. Foi o suficiente. Entendi logo o que eles queriam: “Conte-nos o que está escrito no

testamento de Josefina". E eu suspeito que foi a primeira vez que eles ouviram falar das duas meninas de Linköping, de que Josefina teria dado à luz duas gêmeas, de que ela pensava deixar tudo para elas, tudo o que ela iria receber do pai. E que eles, os irmãos, nem sequer eram mencionados.

— Não se sinta culpado — diz Malin.

— E por que vocês estão me pressionando? Acham que os irmãos Kurtzon estão por trás da bomba e, depois, do assassinato da mãe adotiva das meninas? Acham que Leopold e Henry seriam capazes de fazer uma coisa dessas?

Nem Malin, nem Zeke, responderam de imediato. Entreolharam-se. E, depois, foi Malin quem falou:

— Essa é uma das teorias em que estamos trabalhando.

— E você, o que acha? — pergunta Zeke. — Será que eles poderiam fazer uma coisa dessas?

— Deixem-me lhes dizer uma coisa — começa Jörgen Stålsten. — Quando estiveram aqui, eu fiquei com a impressão de que eles são capazes de fazer qualquer coisa. De que estão dispostos a passar todos os limites. Para defender o dinheiro e terem certeza de que a herança ficará com eles, estão dispostos a tudo. Sem a fortuna, toda a vida deles acabará. Vocês conhecem Karl Vennberg:******** "*Längst inne i dunklet*...

— ... *måste du värja ditt liv*" — ******** completa Malin.

— Perder o controle desses bilhões, pelos quais passaram a vida inteira sonhando, é como perder tudo. Esses bilhões são para eles as trevas em que terão de defender as suas vidas. Eu pensei nisso. Vocês se lembram de Juha Valjakkala, que matou uma família inteira em Åmsele? Uma mulher fugiu para a floresta, mas ele acabou por matá-la com um tiro a distância. Depois, ele se arrastou

com a namorada até o cadáver e insistiu para ela olhar enquanto ele esquartejava a mulher morta. Foi aí que ele definiu o seu autorretrato. Acontece a mesma coisa com os dois irmãos em relação à fortuna do pai. Eles precisam possuí-la. Caso contrário, se perderão. Perderão o autorrespeito.

— Como é que você os descreveria? — pergunta Malin.

— Leopold é o mais convencido, o líder. Henry, o mais fraco, mais inseguro. Ou talvez mais certo seja dizer que ele é mais reservado.

— Henry pode ser considerado como subserviente a Leopold.

— Não, não acredito nisso. Eles são apenas os dois lados da mesma moeda. Eles se controlam mutuamente.

O olhar de Jörgen Stålsten expele faíscas de raiva.

A consciência da meta a atingir, como uma luz que penetra no escuro.

— Eu trabalho mais com organizações não governamentais — diz ele. — Achava que era forte, mas, assim que os irmãos chegaram aqui, eu cedi imediatamente às suas exigências.

Jörgen Stålsten pisca lentamente.

— Acreditem em mim — diz ele, depois. — Henry e Leopold Kurtzon podem ter feito qualquer coisa. E podem fazer o que for. Basta que sirva aos seus interesses. Mas não tentem entender o que eles são. Senão nunca mais vão dormir sossegados.

Salsichas grelhadas e uma salada de camarão à temperatura ambiente, um pouco de musse, mostarda doce e *ketchup* que se misturam na boca, além da gordura que faz bem até à alma.

Malin e Zeke estão comendo *wraps*. Estão sob o sol, junto do quiosque de salsichas, no meio da praça Odenplan. O café da

manhã não estava incluído no preço do quarto, de modo que a primeira refeição deixou de ser pequena e passou a ser almoço. No restaurante Tranan, as famílias de classe média comem *brunch* por quatrocentas coroas suecas por pessoa.

Há carrinhos de criança por todo lado. É como se todos os felizes e bem-sucedidos membros daquela área de Estocolmo tivessem reproduzido seus descendentes, crianças que eles querem, certamente, que sejam tão classe média e tão "maioria silenciosa" como eles.

— Os irmãos sabiam da existência das meninas — diz Zeke.

— E podem ter agido, sim. Já agiram ao pressionar Jörgen Stålsten. Só isso já é um crime sério.

— Estamos no caminho certo — diz Zeke. — Tenho certeza. Vamos em frente.

— O advogado está tão amedrontado quanto a assistente social.

— E você não estaria, Malin?

— Talvez — responde ela. E pensa: "Não, eu não ficaria com medo, eu ficaria furiosa. E defenderia tudo o que fosse meu, a todo custo". Depois, acrescenta: — Temos que apanhar esses irmãos. Johan vai ter de procurar os endereços ainda hoje.

Zeke concorda.

— O que eu ainda não entendi — diz ele, depois —, é como Josefina Marlöw conseguiu manter a gravidez em segredo. A família, com todos os seus tentáculos, não devia mantê-la sob observação permanente?

O *wrap* estava ótimo.

A sensação de delícia misturada com a de repugnância na mesma mordida.

— Com o passar dos anos, ela ficou competente em se manter longe da família — diz Malin. — Competente em se esconder, em dar a sensação de que não existia mais. Talvez tenha ido para outra cidade.

— Mas, para uma gravidez tranquila, é preciso tomar certos cuidados.

— A vida é mais forte do que parece, Zeke. Sabe quantas mães viciadas dão à luz crianças saudáveis? Ficaria espantado.

O seu celular toca.

Uma mensagem de Sven Sjöman.

Um vídeo.

Ela aperta o botão, põe o filme para rodar. E, pela primeira vez, vê bem na sua frente o rosto do assassino.

******** Karl Vennberg (1910-1995), poeta sueco. [N. T.]

******** Tradução livre do original sueco: “Lá bem fundo, nas trevas, [...] tens de defender a sua vida”. [N. T.]

50

IRMÃOS

A mãe está nos chamando para o jantar.

A refeição é servida no grande salão. Vamos sentar nas cadeiras Josef Frank, em volta da grande mesa suíça.

A mãe mandou que a cozinheira preparasse porções de bacalhau e de perca, com caviar iraniano, quantidades absolutamente precisas para satisfazer as necessidades de crescimento de dois meninos, de 7 e 8 anos de idade, de acordo com as últimas descobertas nutricionais.

Uma criada lava as nossas mãos, abotoa os nossos casacos e nos encaminha para o salão junto com Josefina, que tem apenas 5 anos e recebe uma porção menor do que deveria ser para meninas menores que ela, caso a mãe não se preocupasse tanto com a sua beleza. Nada demonstra melhor a falta de caráter que um par de quilos a mais.

Se brigamos à mesa, a mãe nos bate com o garfo nos dedos, que, por isso, estão feridos. Os de Josefina, também, pois ela já recebe uma batida se abrir a boca para falar.

Eu, Leopold, desafio a mãe mais do que Henry, mas faço isso para agradar ao nosso pai, quero ser o seu filho preferido. De vez em quando, bato em Henry para que ele pare de falar e siga nosso pai, como eu faço.

Mas a mãe é quem bate mais.

Porque o pai manda. E eu noto como ela desfruta do prazer de bater no meu irmão. Bate com bastante força.

A comida deve manter a boca em silêncio. Mas se só a dor silencia a boca, vai ser preciso aguentar a dor. Essa é, no fundo, uma decisão completamente racional, na qual acabamos por acreditar. Acreditamos na mãe, acreditamos nas punições como um caminho certo para um comportamento correto, acreditamos no silêncio. Às vezes, porém, por sermos apenas dois meninos, não podemos nos conter e, então, ela ordena que a criada, com a ajuda do jardineiro, nos tranque no armário vazio que existe no porão da mansão, onde passamos a noite, sentados. O pai diz que devemos zombar dos servidores da casa, mas depois ordena que eles nos castiguem, batam em nós e nos prendam no armário.

Conversamos.

Reconquistamos a nossa personalidade. Ficamos maiores, quanto mais medo temos. Muitas vezes, a Josefina está conosco, e eu me lembro do cheiro de excrementos. Outras vezes, ela fica sozinha, sentada no escuro, numa sala vazia e fria. Com Josefina, a situação é diferente. A mãe acha que ela é deficiente por natureza e a sua existência só se justifica para ser saco de pancada.

Nós ganhamos animais.

Um coelho cinzento, um porquinho-da-índia e um cachorrinho.

O pai obriga-nos a torturar os animais, apesar de não querermos fazer isso. Então, ele bate em nós até que a gente bata neles.

“Aprendam a usar o poder”, diz ele. “Aprendam a ser implacáveis. São vocês que decidem.”

O pai viaja para o Congo.

No regresso, traz um lagarto gigantesco, vivo, que se torna o seu animal de estimação. Ele permite que o animal ande de coleira pelo jardim e o solta no nosso encalço. Fugimos para o porão da casa, para o armário onde ele nos fecha. E ele deixa que o animal arranhe a porta, esfomeado, como se nós fôssemos alimento para répteis. Abraço Henry e acalmo seus medos e sua insegurança. Prometo que jamais vou abandoná-lo. Prometo ajudá-lo a ser como o pai.

Às vezes, descemos sem ruído para o porão, quando a Josefina está lá, sozinha.

Aproximamo-nos do armário e a ouvimos chorar. Ela chora, exatamente como nós costumamos chorar lá dentro, fechados, quando o lagartão chega. Poderíamos abrir a porta, mas não nos atrevemos. Sussurramos palavras maliciosas para ela através da porta. Ela responde do mesmo jeito. E, então, nós ficamos loucos. Corremos atrás dela, assim que ela sai do armário e batemos nela, e damos pontapés.

O pai sorri, satisfeito. E a mãe gargalha.

Aprendemos a acreditar na mãe, acreditamos que ela tem razão. A dor tem sempre razão. E ela nasce da lógica. Ou da racionalidade, como a mãe diz, palavra que ela usa para justificar tudo, embora não haja nenhum motivo lógico para as suas extravagâncias e vaidades materiais.

Nós nos fundimos num só. Tentamos ser o que ele deseja. O que ela deseja. Aqueles que amamos. Não queremos outra coisa.

A matemática. O pensamento racional.

Tudo o que nós temos, diz a mãe, advém da matemática, do que não depende de sentimentos. O que o pai de vocês sabe é contar e converter essa capacidade em bons negócios, em um império. Ele foi o melhor estudante de matemática de todos os tempos numa universidade de um país longínquo.

O pai raramente está em casa.

No jardim, com um lagarto enorme, bem alimentado e satisfeito, pela coleira ao seu lado, ele nos estimula a sermos ousados. Quando não ousamos realizar aquilo que ele nos provoca a fazer, como subir no muro que dá para a enseada de Lidingö, lá embaixo, a uns vinte metros de altura, ele solta as suas gargalhadas de costume, chama-nos de *feiglings******** e solta o animal contra nós. Depois, a mãe nos tranca no armário do porão porque nos viu da janela subindo no muro.

Vocês estão proibidos de subir no muro. O que diriam as pessoas se vocês tropeçassem, caíssem e morressem?

O pai solta gargalhadas quando vê o jardineiro ou a criada nos empurrando para dentro do armário no porão.

Para as trevas.

Acreditamos nas gargalhadas de desprezo e na raiva justificada. Acreditamos na matemática. E no uso permanente de métodos racionais.

Mas o que é isso?

Ficar bem quieto, sentados ao lado da mãe, no sofá dourado, enquanto ela mostra o que tem, o que conseguiu desde que chegou aqui, vinda de um país onde ninguém tem nada? Sorrir quando o fotógrafo pede? Fazer caretas para a irmã mais nova que nunca aprendeu a sorrir, nem a fingir? Bater nela para demonstrar a nossa força e a fraqueza dela?

Bater em outras crianças que pensam ser melhores do que nós? Que conseguem fazer coisas que nós não conseguimos?

Você tem que defender quem você é.

A todo custo, seja qual for.

Isso nos ensina a mãe.

Isso nos ensina o pai.

Eles nos ensinam o que significa sermos gente.

Eles ensinam isso, também, a Josefina.

Ser gente é ser maltratada pelos seus irmãos de 7 e 8 anos de idade. É vê-los receber choques elétricos caso se recusem a fazer isso. É ficar trancado num lugar escuro e aceitar que isso seja justo, porque aquele que sabe mais decidiu que isso é justo. E se tiver sorte, aprende a conviver com os seus próprios medos e horrores. O pavor, você aprende a contê-lo e a gostar dele, a pedir por ele. E sem que saiba disso, já está à espera do momento em que passa a ser normal, atingindo o padrão. É chegada, então, a sua oportunidade de dominar.

Isso pode acontecer quando estiver com 14 anos e derrubar um colega da escola de 8 anos e enfiar a cabeça dele num buraco no gelo, sem que o seu professor veja e com a ajuda do seu irmão, apesar de este pedir para que o colega seja perdoado.

Pode acontecer ao dar uma surra em outro colega da escola amarrado a um aparelho de ginástica.

Pode acontecer quando atingir com uma garrafa de champanhe a cabeça de um noivo idiota de um subúrbio da capital, no Café Opera, no mesmo dia em que seu pai riu da sua última proposta de negócio.

Pode acontecer ao bater numa funcionária do seu escritório em Nova York, deixando-a sangrando, só porque ela se esqueceu de

fazer uma reserva no restaurante para aquela noite.

No entanto, no fundo, você tem consciência absoluta dos seus fracassos.

Isso pode acontecer quando a sua cadeia de lojas de doces falir e o seu pai for obrigado a pagar as suas dívidas. Ou quando ele ridicularizar a sua atuação numa reunião de conselheiros de uma das empresas da família e, diante de todos, mandar que saia da sala e repetir tudo de novo, como se fosse uma criança envergonhada que não entendeu nada da lição que deram ou é idiota demais para poder entendê-la.

Isso pode acontecer, também, quando alguém reconhecer a sua fraqueza e criticá-la numa reunião de ex-colegas do curso secundário e na sua frente. Pode acontecer quando todas as mulheres que encontrar merecedoras de serem amadas virarem-lhe as costas, visto que você expele o mesmo cheiro que os produtos falsos e defeituosos.

Pode acontecer quando souber que não hesitará em matar alguém de seu próprio sangue se isso for o que a matemática e a racionalidade exigirem. Se isso for o necessário para se salvar.

Você pode querer fugir da racionalidade, como fez Josefina.

Hesitar, tentar ser amável, como Henry. Tentar fingir que ainda existe outro caminho mais suave.

Esse caminho não existe.

Todas as surras, todos os meus insucessos e fracassos me convenceram disso.

E do que servirá procurar um caminho mais agradável?

É neste sofrimento que você tem que viver. Caso contrário, não será nada. E ser seja lá o que for, ser qualquer coisa deve ser melhor do que não ser nada.

Os arqueólogos encontraram grutas com pinturas daqueles que viveram antes de nós.

São imagens artísticas das suas vidas. Imagens, em espaços escuros, solitários, que representam a maneira como eles se matavam a pauladas.

E por trás desses espaços e dessas imagens, existem outros espaços ainda mais negros, onde eles comem as suas próprias crianças, em pinturas criativas feitas com tintas misturadas com sangue.

Foram os mais fortes da espécie humana que, lentamente, muito lentamente, evoluíram e se transformaram em gente.

******** Em alemão, no original: “covardes”. [N. T.]

51

As imagens.

De uma câmera de vigilância perto de um centro de turismo, o Resecentrum, na estação ferroviária de Linköping.

Sven Sjöman está sentado no escritório, inclinado para a frente. Quase encosta no monitor para chegar bem perto daquilo que está vendo.

Demorou um pouco para receber as imagens. O disco rígido onde estavam apresentava problemas. Os assistentes policiais encarregados de recolher as gravações das câmeras de segurança não haviam feito o serviço de captura como deveria ser. E nenhuma das outras câmeras de segurança da cidade registrara no dia do atentado a bomba qualquer evento de interesse para a investigação.

Mas um dos técnicos da empresa ferroviária Östgötatrafiken resolvera não desistir enquanto não consertasse o disco rígido. Dedicara horas extras, durante vários dias e até um fim de semana, para conseguir recolocar no seu devido lugar todos os uns e os zeros.

O técnico vira o filme reconstituído.

Vira o homem da bomba com a sua bicicleta e, então, correra com o a gravação na mão para Sven, que o recebera meia hora antes. O

técnico sabia da urgência e estava satisfeito com o resultado obtido. Sven elogiou-o e disse até que, de alguma maneira, ele viria a receber um prêmio pelo trabalho realizado. No momento, Sven volta a clicar no *mouse* para ver o vídeo novamente.

É o mesmo homem, o do banco e aquele da bicicleta.

Sem dúvida.

Sven acaba de encaminhar o vídeo para Malin e chamou os outros detetives para ver o filme. Vieram rapidamente e entraram na sala Johan Jakobsson, Börje Svärd e Waldemar Ekenberg.

— Entrem e vejam o que eu tenho aqui para lhes mostrar — diz Sven.

Os três ficaram atrás dele para ver a filmagem. Todos em silêncio. Nem mesmo Waldemar Ekenberg soltou um dos seus habituais comentários dispensáveis. Devem ter notado a seriedade do momento.

Sven clica no botão para passar o filme.

Todos olham para o homem nas imagens. Veem quando, ainda longe, ele retira a bicicleta presa no teto de um Volvo preto, quando pega, cautelosamente, uma mochila do banco traseiro do carro e a coloca, depois, com todo o cuidado, na cesta da bicicleta.

Depois, o homem passa com a bicicleta por perto da câmera e aí é possível ver o seu rosto. Rosto magro, nariz aquilino e cabelos negros, curtos, além de uma cicatriz leve por cima da sobrancelha direita.

Sven acha que o homem parece ser eslavo. Dá para ver também os seus olhos nas imagens em preto e branco. O olhar é decidido, mas de forma alguma entusiasta ou medroso.

O homem parece ser um profissional, pensa Sven. Comporta-se como se estivesse fazendo um trabalho como qualquer outro. Seu

trabalho é o de explodir meninas? Assassinar pessoas nos hospitais à noite? Afinal, quem é você? Ou será que estou enganado: talvez seja apenas um extremista?

— Um maldito profissional — diz Waldemar Ekenberg.

— Exatamente — concorda Börje Svärd. E só então Sven nota que ambos parecem cansados ou de ressaca.

— Parece conhecido, não acham? — diz Johan.

Pode ter razão, Johan, pensa Sven. Eu também já vi esse rosto.

Sven congela a imagem.

— Mas quem é ele?

— Não faço ideia — comenta Börje.

— Um momento — pede Johan.

— Porra, acho que já vi esse cara antes — ruge Waldemar.

O telefone em cima da mesa de Sven toca. É de um celular. Deve ser Malin. Como estará ela, afinal? Mas Sven afasta a ideia, não tem tempo para pensar nisso agora.

— Nós vimos o filme — diz Malin, ainda na Odenplan, à sombra de limeiras verdejantes, crescidas à volta de uma fonte. — Essa foi boa, a Säpo já viu?

— Não, o técnico da Östgötatrafiken veio direto para cá, entregou a gravação pessoalmente.

— Eu e o Zeke achamos que conhecemos o homem, mas ainda não conseguimos saber de onde — afirma Malin. — Parece que é um profissional. Isso fica mais patente ainda quando se aproxima do banco, lugar em que deve ter feito um esforço para agir o mais natural possível. Mas parece saber o que está fazendo, não é?

— Exatamente. É um profissional — concorda Sven. — Matador, militar, talvez até policial. Seus movimentos são extremamente bem definidos.

Um grupo de crianças passa por perto. Uma classe escolar? Não. Não em um domingo. As crianças gritam.

Não, não gritam. Estão cantando uma canção que ecoa por toda a Odenplan, antes de se afundar entre os sons complexos do trânsito local.

— O que pensa fazer daqui para a frente? — pergunta Malin.

— Vamos fazer agora uma reunião. Depois, mandar a imagem para as delegacias de todo o país, à procura do homem. Se não conseguirmos nada, enviamos a imagem à imprensa. Queremos evitar isso, claro, para que o homem não saiba que estamos atrás dele. Para que não se esconda ou fuja do país, quer dizer, se ele ainda estiver aqui.

— Parece que o homem trabalha sozinho.

— É verdade.

— Nesse caso, só poderá ser mesmo um profissional.

— Com toda a certeza.

— E também poderá ter sido contratado.

— Acha que foi contratado? — pergunta Sven. E, então, Malin conta o que eles conseguiram saber em Estocolmo a respeito da família Kurtzon, dos dois irmãos, das complexas manobras feitas quanto à herança e ao controle de uma fundação familiar com ativos no valor de cem bilhões.

— Pode estar certo — diz Sven. — Mas também pode ser algo totalmente diferente.

— Continuamos a trabalhar nessa pista — diz Malin.

— Podem continuar — diz Sven. — Eu informarei os outros sobre os avanços do trabalho já feito por vocês.

— Mais alguma novidade?

— Não.

Malin olha em volta, na Odenplan.

Após alguns curtos segundos, a praça fica sem carros e sem ônibus. As pessoas e os ciclistas dominam o espaço. E, neste momento, ela sente um desejo repentino de voltar a morar em Estocolmo, num cenário maior, mas menos impregnado, onde ela terá de resolver casos em maior quantidade, mas menos complexos, e onde poderá levar uma vida mais anônima, mas ainda assim continuar a se sentir em casa.

Em Linköping é tudo pequeno demais.

Todos sabem tudo sobre todos. É isso que sente de vez em quando. Embora, na realidade, ninguém saiba nada sobre ninguém. Malin sente-se reconhecida com frequência. Algumas pessoas, por exemplo, olham para ela e seguem-na com o olhar por alguns momentos. Lá vai ela, a detetive Malin Fors que nós vimos no jornal *Corren* ou na televisão.

Aqui, em Estocolmo, até as figuras públicas e as estrelas circulam sem problemas. Mesmo aqueles que conseguiram realizar algum feito especial são deixados em paz. Aqui, seus rostos fazem parte do dia a dia.

Mas mudar? Daria certo?

— Eu acho que o reconheço — diz Sven, que, por momentos, esquece Malin. — Johan e Waldemar também. Mas quem é ele?

Malin pode ouvir a discussão também entre os outros, ao fundo.

— Estou chegando lá — diz ela.

— Acha que é um dos irmãos Kurtzon?

— Não — responde Malin —, não é nenhum dos irmãos, julgando pelas fotografias que o Johan conseguiu encontrar. Mas podem estar por trás do que aconteceu, caso tenham contratado alguém. Ou, então, estamos na pista errada. Precisamos ver ao que essas imagens nos levam.

— Acha que essa Josefina Marlöw está em perigo, caso suas deduções estejam certas? Talvez devêssemos colocá-la sob nossa vigilância.

— Acho que eles ainda precisam dela com vida durante mais algum tempo — diz Malin. — Por enquanto, está tudo ok.

— Tem certeza?

— Antes de o pai Josef Kurtzon morrer, não haverá nenhum perigo — confirma Malin.

Então, ele é desse jeito?

Quem nos fez tanto mal.

Nós sabemos onde está, você, que é a nossa mãe biológica.

Está deitada no seu buraco escuro e subterrâneo. Com os seus ótimos desenhos pendurados nas paredes.

A seringa desliza da sua mão.

Seu mundo é agora um cobertor branco. É tudo bondade e calor humano.

Transforma o seu buraco escuro em uma sala branca, mamãe, e nós estamos com você. Sentimos também que a mãe e o pai que você nos deu estão agora conosco, mas nós ainda não podemos vê-los, nem ouvi-los.

Não podemos.

Mas gostaríamos tanto, pois mesmo considerando que a sua sala é branca e macia e quente para você, mamãe, ela é superterrível para nós. É tão horrível que nós começamos a chorar.

Vamos flutuar.

Vamos flutuar do subterrâneo para a praça empedrada onde Malin Fors está sentada num dos bancos. Está estudando as fotografias dos nossos tios. Tenta entender o que vê.

Alguns moradores de rua “bebem” o almoço, bem cedo, no banco ao lado.

Malin e Zeke ainda estão na Odenplan. Procuraram um banco à sombra. O sol da primavera ficou demasiado quente.

Estão revendo as fotografias dos irmãos pelo celular. Os dois são bastante parecidos, mas possuem algumas diferenças. O rosto de Leopold é anguloso, com sobrancelhas escuras, bem juntas, que dão uma força quase irreal a um longo nariz pontiagudo. O rosto de Henry é um pouco mais redondo, mais amistoso, mas os olhos azuis são os de um homem caçado e no seu olhar parece haver apenas um vazio, nem sequer desejo.

Nenhum dos dois irmãos é parecido com o homem da bomba, ambos são muito mais escandinavos, têm cabelos finos, o que faz com que tenham aspecto de mais velhos do que realmente são, com os seus 41 e 42 anos de idade.

Os olhos de Leopold.

Têm uma expressão ao mesmo tempo vaga e decidida, mas é frio, como se ele estivesse, permanentemente, considerando e calculando.

— Parecem normais — diz Zeke. — E se, de fato, contrataram um matador profissional, como é que conseguiram encontrar um homem desses?

— Está sendo ingênuo, Zeke — diz Malin. — Com dinheiro, consegue-se tudo.

Zeke esfrega o nariz e diz:

— Mostre-me, por favor, novamente as imagens do homem da bomba.

Malin passa o filme mais uma vez, inclinando o celular em relação ao sol de maneira que a luz não atrapalhe a reprodução.

O homem movimenta-se na direção da câmera.

E eles veem, claramente, o seu rosto.

— Para, para — sussurra Zeke. — Pode aumentar a imagem?

— Claro. — E Malin faz o que ele pediu. Parou e aumentou a imagem do rosto do homem, conseguindo ver até a cicatriz por cima da sobrancelha, como uma linha pintada com pena de carvão.

Os olhos de Zeke ardem de tanta concentração. A sua respiração acelera-se. Não vai explodir agora, pensa Malin.

— *Fuck it* — diz Zeke. — Eu sei quem ele é. Eu conheço esse cara.

52

— É Jokso Mirović — diz Zeke.

Em frente do banco onde estão sentados Malin e Zeke, abrem-se as portas da Igreja Gustaf Vasa.

Um idoso negro, com colarinho de padre, sai para a escada de pedra na entrada. Atrás dele, uma mulher gorda, também com colarinho de freira.

Os dois abraçam-se, fazem um sinal de despedida, um adeus, e depois o padre desaparece para dentro da igreja.

— Mirović foi matador profissional utilizado pela máfia judaica no final da década de 1990. Eu me lembro dele de um caso em que trabalhei junto com o departamento de homicídios em Gotemburgo. Ele era conhecido por ser inteligente e ter curso superior. Diz-se que recebeu aquela cicatriz em combate, em Sarajevo.

Sarajevo.

Bósnia.

Foi para lá que Janne fugiu quando não aguentou mais brincar de casinha, depois que Tove nasceu, completamente fora do planejado. Ele não estava pronto para assumir responsabilidades. E aconteceram, então, outras coisas no nosso relacionamento, coisas que têm mais a ver com pesadelos. Como é que, na época,

podíamos viver juntos nessas condições, se não conseguimos compartilhar os nossos problemas nem agora, mais velhos e mais experientes?

Nunca mais vamos conseguir nos reaproximar.

Um ônibus buzina.

Uma mãe com carrinho de bebê atravessa a rua, caminhando contra a luz vermelha do sinal.

— Lembro-me ainda de que ele conseguiu asilo por ter participado da guerra dos Bálcãs e, depois, tornou-se cidadão sueco. Acho que ele desapareceu do mapa no início deste século — diz Zeke. — Mas tenho certeza de que é ele. Está mais velho, mas é ele. Um verdadeiro demônio. Diz-se que está por trás do assassinato de um homem de negócios em Malmö, há dez anos. O crime ainda está por esclarecer. A vítima recebeu mais de cem facadas. E era uma faca rombuda. Conta-se, também, que foi ele quem matou um pedófilo, cortando os seus testículos e enfiando-os na boca da vítima. O homem morreu por asfixia.

— Um bom tipo — comenta Malin.

— Pedófilos. É difícil ter compaixão por eles.

— A humanidade não tem lugar para eles — acrescenta Malin, que logo sente vergonha pelo excesso de sinceridade.

Ela pega o celular, telefona para Sven Sjöman, que logo decide lançar um alerta por todo o país e informar os outros membros da equipe.

— Vão em frente — diz Sven. — Assassinos de crianças não podem andar por aí, em liberdade.

Harry Karlsson examina a fila na entrada B para o terminal 5, do aeroporto de Arlanda, de Estocolmo. Recém-construído e bonito, tem uns vinte metros de altura, mas o terminal tem poucas estações de controle de segurança e sempre surgem filas intermináveis no horário de pico.

Como agora.

Pouco depois da uma hora da tarde.

A fila vai se estendendo até o balcão de *check-in* da SAS, deixando as pessoas impacientes, irritadas com o cheiro dos perfumes do *free shop* ao lado.

Karlsson trabalha há trinta anos no aeroporto como funcionário da Luftfartsverket, o departamento de aviação civil do reino sueco, e é atualmente o supervisor do sistema superior de controles, com um problema permanente de ter que distribuir pelos diversos lugares as pessoas com quem opera.

Os agentes que eles contratam devem ser gentis, mas firmes. Dar aos passageiros facilidades para viajar sem entraves e com alegria, mas sem descuidar da segurança. Um trabalho nada apropriado para imbecis.

Harry Karlsson olha para um grupo de agentes que trabalha com ele. São todos jovens e muitos deles vão ser policiais, precisamente como aqueles dois tiras que também estão no controle, hoje, por ser um dia especial. Obviamente, deve ter havido um alarme geral para todo o país à procura do homem que explodiu a bomba de Linköping.

Mandaram para cá os dois policiais. Para o caso de...

Mas quais são as probabilidades de o homem da bomba aparecer por aqui?

Poucas, mas não inexistentes.

Os nossos guardas ainda não viram nenhuma fotografia do homem, mas os policiais, certamente, já receberam dados de como ele é.

Por que não nos mostram a fotografia? Ou pelo menos nos dão o nome dele. Consideram-nos, nós e a nossa empresa de segurança, incompetentes? Deve ser isso, mas, então, devem compreender também que nós, dessa maneira, não podemos fazer um trabalho tão bom como seria possível.

Certamente querem manter a informação sob sigilo.

Bip, bip.

Favor verificar se algum aposentado está levando a bordo qualquer tipo de arma nos sapatos. Às vezes, a rigidez das novas regras chega ao ridículo.

Harry Karlsson nota que o olhar de um dos policiais se transformou. E ambos congelaram. O outro fez um sinal discreto para Harry Karlsson e este vai até ele e escuta:

— Pode ser o nosso procurado. Aquele que está embalando os seus pertences pessoais num saco plástico.

Harry Karlsson segue a indicação e olha para a mesa com os sacos plásticos.

É um homem talvez uns dez anos mais novo do que ele; deve ter em torno de 45 anos.

Karlsson só consegue vê-lo de perfil, mas nota que ele tem uma cicatriz por cima de um dos olhos. Apesar da marca, ele não parece ser um valentão ou durão, mas mesmo assim a adrenalina agitou o corpo de Karlsson. Isso acontece sempre que um conhecido contraventor se aproxima da cabine de controle, apesar de ele já ter participado de mais de vinte capturas.

— Vamos pegá-lo quando ele passar pelo detector de metais — sussurra o policial. — O meu colega já mandou vir os reforços.

Harry Karlsson olha para o outro policial.

— Vocês não precisam fazer nada. E você deve apenas manter os seus guardas tranquilos, ok?

Harry Karlsson concorda com um aceno. Sabe que, a essa hora, os policiais já estão cobrindo todas as saídas do aeroporto, todos os possíveis pontos de fuga e prontos para puxar as suas armas e disparar.

O suspeito está agora passando pelo detector de metais. Tirou o casaco, colocou uma mala na esteira e passou sem problemas.

Tranquilo e elegante.

Muito, muito tranquilo.

E, então, os polícias partem em direção ao homem.

Empunham as armas.

Harry Karlsson vê todos esses movimentos pelo canto do olho. E, de repente, vê o homem reagir e, com uma das pernas, dar um golpe de caratê. Ambos os policiais caem para trás. As pessoas na fila gritam. Os agentes de Harry Karlsson atiram-se no chão, para se defender ou por estarem em pânico. Até o momento ainda não se ouviu nenhum tiro. Ou se ouviu? Harry Karlsson se atira contra o homem, que se esquiva, e Karlsson cai de bruços e bate com o rosto no chão. Seus dentes da frente e de cima batem na pedra do piso com toda a força. Ele pensa:

Droga!

Que inferno.

Esta ação vai me custar um dinheirão no dentista

Quando Jokso Mirović viu os policiais vindo em sua direção, soube instintivamente que eles estavam à sua espera e que vinham apanhá-lo. Já havia sentido isso desde o momento em que fez o *check-in* no voo para Phuket, na Tailândia. Alguma coisa estava errada, mas considerou que seria até bom se divertir um pouco. Estava habituado a situações como aquela. Entretanto, a sua suspeita fortaleceu-se na fila ao ver os dois policiais. Sabia, por experiência, que muito raramente havia agentes policiais nos controles de segurança.

Mesmo assim, ainda encarou a situação como um divertimento, embora soubesse que não devia fazer isso. Achava que as pessoas precisam seguir sempre os seus instintos, mas esse não era o caso desta vez. Simplesmente, teria de pegar aquele avião a qualquer custo. Não havia outra hipótese. Estava obrigado a procurar pelas crianças e a pista começava na Tailândia, no lugar em que foram sequestradas. Os passaportes delas foram deixados para trás, em casa, portanto era possível que elas ainda estivessem no país. Mas como é que a polícia conseguiu saber o que ele fez? Como é que puderam chegar a ele?

Detector de metais.

Aquela figura bem redonda, em trajes civis, que parecia ser o chefe, também estava muito nervoso.

Suores. E, depois, tudo ocorreu rapidamente, como de costume. Os policiais tentaram puxar suas pistolas quando já estavam quase em cima dele. Nessa altura, usando sapatos de passeio, ele já havia atirado a perna para o alto e dado um chute com o pé direito. Os policiais, os ridículos tiras, com colete de segurança por baixo das camisas, jaziam no chão, desmaiados. Tudo previsto por Jokso Mirović.

As pistolas deles ainda estavam nos coldres.

E depois?

Fuga.

Caso ainda não fosse tarde demais. Em um minuto, o local iria ficar cheio de tiras. Ele corre como um louco pelo *hall* maior do terminal 5. Passa pelos turistas de *charter* a caminho do sol e dos homens de negócios a caminho do que eles, com certeza, consideram reuniões importantes.

Qual saída?

É melhor correr em frente e, em seguida, para dentro do Sky City e do hotel, e então escolher a saída para o estacionamento onde será possível encontrar um carro “roubável”.

Jokso Mirović vira a cabeça.

Três policiais a uns cinquenta metros atrás dele. Na frente, duas mães apressadas que devem ter vindo da entrada C. Mas agora eu não posso ficar preso, não devo. Caso contrário, toda a idiotice feita não terá servido para nada.

Nenhuma arma nas mãos.

Ele se sente de volta às trincheiras.

Caçado pelo fogo de pistolas automáticas e granadas de mão, aos gritos dos croatas, tudo se transforma em uma fração de segundo num único momento explosivo, um momento em que existe apenas uma coisa a desejar: liberdade.

Abaixa-se quando os agentes já estão cinco metros atrás dele. Deixa-se escorregar, com as calças de algodão, de lado no chão. Funciona.

Os policiais caem.

Rolam.

Ele se levanta, rapidamente, e segue em frente. A manobra fez com que os perseguidores estejam agora a uns vinte metros atrás, quando ele chegou ao salão espacial do Sky City, onde a luz é agressiva. Não há muitas pessoas andando de um lado para o outro na hora do almoço.

Ele faz uma curva.

Pega a escada rolante para o Hotel Radisson e acelera a corrida em direção ao elevador.

Entra.

Aperta o botão para fechar a porta.

E deixa os tiras para trás. Estão a dez metros quando as portas do elevador se fecham. E quando se abrem, um andar abaixo, ele sai e corre por duas escadas rolantes. Para a fim de recuperar o fôlego e, então, imagina na sua frente as suas crianças: o pai está aqui, vai chegar! Vê também as duas meninas Vigerö brincando na praça. As outras crianças e ele querem gritar, protestar, mas ele sabe que, no momento, não pode recuar, nem por sentimentos justos. E, então, para.

Droga.

Que inferno.

Atrás dos sofás na entrada de baixo do hotel estão cinco policiais entrincheirados.

Apontando as armas para ele.

Que não tem nenhuma. Tinha se livrado de sua arma no estacionamento.

Que inferno.

— Mãos ao alto!

— No chão, deitado!

Diversas possibilidades atravessam a mente de Jokso Mirović.

Seguir em frente, ser fuzilado, morrer ou escapar e fazer o que deve ser feito.

Eu jamais vou conseguir passar.

Seria como avançar direto pela terra de ninguém, diante de uma linha inimiga formada por atiradores de primeira.

E eles tinham ordens para matar.

Sabem o que eu fiz.

Tenho de confiar que alguém fará o que eu esperava fazer.

Mas será que existe algum tira capaz de fazê-lo?

Lembra-se dos seus camaradas na guerra, dos que morreram, dos que demonstraram uma coragem que ele jamais acreditaria que existisse e eles fossem capazes de ter.

Ele ergue os braços para o alto.

Grita:

— Não atirem! Não atirem!

53

O subterrâneo está iluminado pela luz fria e branca de lâmpadas de mercúrio.

Um ataque permanente contra os olhos.

A sala de interrogatório fica no terceiro andar dos porões do edifício da polícia, perto de um florido parque, o Kronobergsparken, no centro de Estocolmo. Desde os tempos em que estudou na Escola da Polícia, Malin sempre achou que o prédio era feio, uma arquitetura brutal da década de 1970 em que as janelas são pequenas, no meio de uma fachada de placas alaranjadas.

Os alunos faziam a prova de natação na piscina do balneário Kronobergsbadet. Num dos exercícios, lutavam dentro da piscina contra bonecos pesados, cheios de água. Alguns alunos nem sequer chegaram ao fim da prova e tiveram de sair da escola após um ano de estudos.

Difícil.

Mas não tão difícil como aquela sala de interrogatório que está indescritivelmente desgastada, com a tinta amarela das paredes a cair aos pedaços, com o tapete de plástico no chão, cheio de furos enormes, e no teto as lâmpadas de mercúrio que, ao contrário das lâmpadas de halogênio das salas de interrogatório da polícia de

Linköping, dão uma luz agressiva, e não aquela luz suave que inspira confiança e que serve tão bem para conseguir confissões.

O espelho na parede.

Alguns colegas de Estocolmo lá atrás dele.

Sven Sjöman telefonou quando ainda estavam no hotel para trocar de roupa. Malin e Zeke compraram roupas íntimas e umas camisetas na loja Åhlén. Malin usa a sua por baixo do vestido cada vez mais sujo. Sven contou que Jokso Mirović fora preso no aeroporto de Arlanda e levado para o departamento de polícia de Estocolmo.

Tomaram um táxi e, ao chegar, a primeira coisa que tiveram de fazer foi convencer o hesitante colega no comando de que eles, Malin e Zeke, deviam ser os primeiros a interrogar Jokso Mirović.

Isso não devia ser feito pela Säpo? Ou, pelo menos, pela polícia de Estocolmo, visto que foi no seu distrito que o suspeito foi preso? Malin relatou todos os passos já dados por eles no caso e falou da necessidade de resolvê-lo o mais rápido possível, a fim de que o público não passasse, desnecessariamente, por mais esse perigo. Portanto, era melhor que ela e Zeke falassem logo com Jokso Mirović.

Já. E não depois.

E o comandante da guarda de serviço acabou por ceder, mas só depois de falar pelo telefone com o chefe do departamento de homicídios.

Jokso Mirović está na frente deles na sala de interrogatório. A cicatriz sobre o olho direito aparece com uma tonalidade rosada. Ele espera que Malin ou Zeke digam alguma coisa e, enquanto isso, fica diante do espelho, admirando o seu rosto magro, exatamente como

se fosse outra pessoa e não ele próprio quem estivesse ali, naquela sala, para ser interrogado pelo que fez.

Malin estende o braço com o gravador e coloca-o no meio da mesa.

Começa a gravar e diz:

— Dia dezesseis de maio de 2010, quatro horas e dez minutos. Interrogatório de Jokso Mirović sobre a explosão em Linköping, ocorrida no dia sete de maio e o assassinato de Hanna Vigerö, no Hospital Universitário de Linköping, na noite do dia dez de maio.

Malin pega o celular.

Mostra o vídeo da câmera de segurança fora da estação ferroviária. Jokso Mirović vê o seu rosto e sorri. Depois, ela mostra a filmagem feita em frente do banco e, nesse momento, Jokso Mirović já não sorri.

— É você que está nos dois vídeos. Até aí nós sabemos — diz Zeke. — Portanto, é melhor você confessar logo e contar o que é que tudo isso significa, ok?

Jokso Mirović olha para eles. Primeiro para Zeke, depois para Malin, que tenta prender o olhar do suspeito, entender o que se passa atrás dele. E ela chega à conclusão de que vê um desespero tranquilo, o mesmo desespero que sentiu aquela vez em que Tove estava nas mãos de uma assassina e ela corria e avançava pelas florestas da província de Östgötaland para salvar a filha.

Aquele tipo de desespero que sabe que a tranquilidade é vital, que sabe como o pânico significa a morte.

Ele deve estar se sentindo um merda, pensa Malin.

E é assim que ele deve se sentir diante do que fez.

Mas ele é duro. Se fez aquilo. Cem facadas. Os testículos na boca do pedófilo.

Ele não tem residência na Suécia desde 2004. Até então, tinha endereço em Gotemburgo. Depois, informou mudança para a Tailândia.

— Confesse — diz Malin. — É o melhor que você pode fazer. Para seu próprio bem.

— Não me venham com essa conversa fiada, mas eu vou contar.

Jokso Mirović respira fundo. A seguir, começa a falar.

Inclina-se para a frente, para ficar próximo do gravador. Quer que todas as palavras saiam bem claras.

Parece não desejar demonstrar quaisquer sentimentos. Quer apenas que a boca e a língua se movimentem. Essa é a imagem que quer apresentar, inclusive um leve sotaque ao falar.

— Eu moro ou, digamos, morava, com as minhas duas crianças em Phuket. Era para lá, como vocês devem saber, que eu estava a caminho ao ser preso. Eu abandonei a minha vida antiga. As crianças têm 3 e 6 anos de idade, um menino e uma menina. O garoto chama-se Marko e a menina, Elena. A mãe está morta, morreu em um acidente de helicóptero quando o menino tinha apenas um ano de idade. Portanto, vivo sozinho com os dois.

Jokso Mirović faz uma pausa. Respira fundo.

— Vocês deviam ter visto as minhas crianças tomando banho na piscina da casa que temos em Phuket. Passavam o dia inteiro na água. Vocês deviam ter visto Marko quando, pela primeira vez, se atreveu a pular para dentro da água. Deviam ter visto Elena naquele momento. Ficou mais feliz do que ele.

Jokso Mirović concentra-se, antes de continuar num tom factual:

— Há um ano e meio, na noite de Ano-Novo, eu conheci os irmãos Henry e Leopold Kurtzon em Sri Panwa, um lugar bonito perto de onde eu moro. Gostamos mutuamente do nosso convívio, que ainda

durou um bocado. Eles eram um pouco como aquelas pessoas implacáveis que eu costumava encontrar antes, e a convivência, para mim, servia para matar a nostalgia. De certa forma, nós parecíamos ter muitos pontos de afinidade.

— Continue — insistiu Malin.

— Estou recuperando o fôlego — responde Jokso Mirović, com os olhos vazios e frios, embora no fundo aparecesse uma espécie de apelo. — Há meio ano, os dois irmãos me falaram de um plano. Conheciam o meu passado. Devem ter chegado à conclusão de que eu seria capaz de fazer qualquer coisa, fosse o que fosse. Talvez tenham ouvido, também, algumas histórias do que eu fiz durante a guerra. Eles queriam que eu matasse algumas crianças e seus pais na Suécia, disseram que precisavam de ajuda para resolver o caso e que eu me encaixava perfeitamente. Eu perguntei por que eles achavam que eu era o tipo que servia e por que achavam que eu ia fazer uma coisa dessas. Eles responderam que haviam feito uma investigação a meu respeito. “Já parei com isso”, eu disse, “e nunca matei alguém por matar. Muito menos, crianças.”

Jokso Mirović faz uma pausa.

Levanta os olhos para Malin e Zeke, olhos que dizem: “Eu matei muita gente, vocês sabem disso e eu também”.

— Eles se recusaram a explicar por que queriam que eu matasse essas pessoas. Ofereceram-me dois milhões de coroas suecas naquele momento. E mais dois milhões após o trabalho ter sido feito. Recusei.

De repente, surge irritação na voz de Jokso Mirović. Uma raiva contida. Cerra os punhos até os dedos ficaram brancos, mas logo relaxa. Lembra-se talvez de que não estava na hora de ceder à raiva.

— O que aconteceu? — pergunta Malin.

— Mandei-os ir para o inferno.

— E depois?

— Depois, um dia, meus filhos foram pegos antes de eu aparecer na escola de arte que eles frequentavam perto de onde morávamos. Alguns homens que disseram ser da Interpol vieram buscá-los. E o pessoal da escola achou que estava tudo certo. Deixaram uma carta para mim.

A lâmpada no teto começa a piscar. Fica escuro durante alguns segundos e quando a luz voltou, veio com menor potência. Malin tem a sensação de que a sala também ficou menor.

— O que dizia a carta? — pergunta Zeke.

— Dizia que eles tinham levado as crianças, que já estavam em lugar secreto e que iam matá-las caso eu não os ajudasse a cometer os crimes. Eu devia seguir as instruções e procurá-los já com planos prontos de como a família na Suécia seria morta.

— E você não procurou a polícia.

— A polícia tailandesa? Nunca. Eles tinham Elena e Marko. Eu sabia que o caso envolvia muita grana. Era o único motivo para que os irmãos Kurtzon quisessem acabar com uma família inteira. Compreendi também que, se eu fizesse alguma coisa para encontrar as minhas crianças, eles iriam descobrir e matá-las.

“Então, aceitei as condições e, de repente, havia dois milhões na minha conta para despesas, dinheiro que veio de Antigua, no Caribe. Comecei pelo pai. Atirei no pneu do carro dele, rebentou, e ele morreu no choque. Ninguém da polícia suspeitou de nada.

“Com as garotas foi pior. Duas meninas de 6 anos não morrem de qualquer maneira. E foi ideia dos irmãos o plano do banco. Telefonaram para mim, informaram-me sobre a ideia, a de que eu

devia detonar uma bomba bem grande, exageradamente grande, diante de um banco, de modo que a família parecesse ter sido vítima de um ataque qualquer.

“Eu lhes disse que estavam doidos. Mas cerca de um mês depois recebi uma gravação em que as minhas crianças gritavam e chamavam por mim e, ainda, diziam que havia um lagarto gigante por perto que iria comê-las.”

— Você ainda tem essa gravação? — pergunta Malin. — Isso faria com que fosse muito mais fácil para nós acreditar em você.

— No meu iPhone. Aquele que vocês apreenderam quando me pegaram. Lá tenho também fotos de Elena e Marko.

Jokso Mirović fica em silêncio.

Olha fixamente em frente.

— Podem trazer o iPhone?

Eles ficam em silêncio na sala durante talvez uns dez minutos, antes de a porta se abrir e um policial fardado entrar e deixar em cima da mesa um iPhone, sem dizer uma palavra.

— Por favor — diz Zeke.

Jokso Mirović pega o aparelho, pressiona o botão das imagens e aparecem duas crianças brincando numa piscina cintilante, um menino de cabelos escuros e grandes olhos castanhos que já nada sem qualquer ajuda e uma menina, maior, atrás dele.

— Esse é Marko. E Elena.

Jokso Mirović fecha os olhos, comovido. Recompõe-se.

Malin vê as fotografias das crianças. São pequenas, e cheias de vida.

Será que ainda vivem?, pensa ela. Será que os irmãos Kurtzon ainda estão com vocês em algum lugar?

Jokso Mirović pega novamente o telefone, pressiona outro botão, e depois recoloca o aparelho em cima da mesa.

Malin fecha os olhos.

Escuta os sons claros que logo começam a sair do telefone:

“Papai, venha... venha, estou com medo... papai (soluços)... papai... papai... estamos presos aqui, tem que vir... eles batem em nós... papai... venha nos salvar... existem monstros aqui e eles querem nos morder... eles gritam... papai... (barulhos, gritos)... agora sou eu que grito... papai... onde é que você está?”

As palavras das crianças comovem Malin profundamente. As vozes, interrompidas por soluços, revelam infinito medo e penetram como flechas incendiárias bem dentro dela.

É Tove que grita.

É o meio-irmão de Malin.

Se a minha vida tem algum sentido, pensa ela, salvar essas crianças faz parte disso.

Caso contrário, que espécie de ser humano sou eu? A que inferno eu pertenço?

Zeke está sentado ao lado de Malin, ele também está evidentemente comovido. Jokso Mirović continua:

— Vocês ouviram tudo. O que é que eu podia fazer?

“A mãe costumava ir ao banco à mesma hora, todas as segundas-feiras, para sacar dinheiro e ir às compras. Então, eu detonei a

bomba a distância, de outra praça, de onde podia ver tudo. A mãe escapou porque se agachou no momento da explosão.

“Mas as meninas morreram.

“Exatamente como devia ser.”

O que é que eu ouço na sua voz?, pensa Malin.

Arrependimento. Amargura.

Você está falando a verdade?

Será falsa a gravação? As imagens das crianças? Não, não, não.

O medo das crianças, o receio da morte, eram verdadeiros. Mirović fala a verdade. Malin nunca teve tanta certeza na sua vida.

E por que iria mentir? Você confessou.

As crianças.

Marko e Elena.

Você quer que nós salvemos as crianças.

Eu vou salvá-las.

E Jokso Mirović olha para ela.

— Eu sei que minhas crianças ainda estão com vida. Você tem que encontrá-las.

— Como é que você sabe que elas ainda vivem? — pergunta Zeke. — Os irmãos Kurtzon já podem ter se livrado delas.

— Sei que ainda vivem. Eu sinto isso. Os irmãos Kurtzon estão com Marko e Elena.

— E os irmãos? Como é que eles são? — pergunta Malin.

— Leopold é mais decidido. Henry mais tímido. Mas eles se completam. Formam uma unidade.

— Hanna Vigerö — diz Zeke, sem desviar o olhar, nem baixar a voz.

— Eu a matei durante a noite. Foi fácil. Bastou entrar disfarçadamente no hospital e colocar uma almofada sobre a sua

boca. Eu já tinha desligado o alarme do aparelho ligado a ela. Minha mulher utilizou esse mesmo aparelho depois do acidente de helicóptero, portanto eu sabia como funcionava. Desliguei-o por alguns momentos e, depois, voltei a ligá-lo.

— E depois? O que você fez?

— Os irmãos disseram para eu desaparecer. Eu protestei. Tinha feito o que eles queriam, mas eles falaram que eu ainda não havia terminado. Por isso, fiquei na espera, desapareci. No entanto, não aguentei mais. Fui obrigado a tomar uma decisão e viajar para a Tailândia e, de alguma maneira, encontrar Marko e Elena, tentar chegar até eles. Caso contrário, a situação nunca mais chegaria ao fim. Eu precisava me arriscar.

— Você sabe onde as suas crianças estão agora?

— Não. Os irmãos tinham alugado uma mansão em Sri Panwa por um mês, quando nos encontramos. Isso já foi há muito tempo. Lá, eles não estão mais. Talvez estejam na Tailândia. A minha pista começa lá, por isso eu queria voltar. Elas podem estar, também, na Suécia. Fiquei de olho nos apartamentos da Strandvägen, porém eles não apareceram, e eu não consegui encontrar nenhum outro endereço.

Jokso Mirović volta a ficar em silêncio.

Malin olha para Zeke, que devolve o olhar.

Será que ele está falando a verdade? Zeke parece conferir, como se ele se recusasse a aceitar de pronto as vozes sofridas das crianças no telefone. Será que os dois irmãos Kurtzon ainda mantêm, realmente, as duas crianças presas em algum lugar? O menino e a menina das fotografias estarão na Tailândia? Na Suécia? Será que os irmãos as torturam? Até conseguir que elas gritem de terror?

— Eu falei a pura verdade — sussurra Jokso Mirović. — A gravação é real. Vocês têm que salvar as minhas crianças.

Malin volta a olhar para ele, encara-o, o olhar de quem pede por favor.

Pensa nos pais que, nos portões dos campos de concentração dos nazistas e dos sérvios, eram obrigados a escolher entre as suas crianças as que entrariam com eles, sabendo que as outras iriam direto para a morte.

Ela balança a cabeça e encara Jokso Mirović.

Vê a cicatriz quase a vibrar na luz fria do ambiente.

“Papai, venha... venha, estou com medo... papai (soluços)... papai... papai...”

Malin respira fundo e pensa: “Eu faria o mesmo, eu faria o mesmo que você”.

Quer dizer que nós morremos para salvar as suas crianças. É a nossa vida pela delas. Como é que podemos entender uma coisa dessas?

Os nossos pais morreram também por elas.

Acha que isso nos fará sentir menos medo? E que isso nos levará a perdoá-lo?

Você nos matou. A culpa é sua, independentemente de qual seja a sua desculpa.

Estamos bem próximos de você, Jokso Mirovi.

Nós somos o vento que bate no seu pescoço.

E este sussurro é nosso:

“Será que você não nos matou pelo dinheiro? Será que você se preocupa, realmente, com seus filhos, Elena e Marko, na sua sala

escura, malcheirosa e úmida, cheia de medos? Não! Você fez tudo por dinheiro, não é? Você é o lagarto gigante, a aranha, a cobra, os dentes afiados, famintos e malvados desses animais selvagens, não é? Você é a ganância personificada, não é?"

Malin vê Jokso Mirović levantar-se em pânico.

Ele começa a agitar os braços e a gritar no meio da sala:

— Eu não fiz isso por dinheiro. Não recebi dinheiro nenhum. Não sou nenhum animal predador. Vocês ouviram? Deixem-me em paz. Estou tentando salvar as minhas crianças. Vocês entendem, não é? Eu matei vocês para salvar os meus filhos.

Em seguida, Jokso Mirović fica em silêncio, cai no chão negro da sala de interrogatórios e cobre os olhos com as mãos.

Malin sabe o que ele está vendo, sabe o que ele está ouvindo.

Ela sente um sopro de vento batendo no seu ouvido e escuta as vozes de duas meninas cantando:

Você tem que encontrá-las, Malin. Elas estão presas nas mãos dos nossos tios. Você tem que salvar aquele menino e aquela menina dos sequestradores.

54

Malin pode imaginar Elena e Marko Mirović na sua frente.

Figuras pequenas, encolhidas, tremendo de medo. Encurraladas num espaço escuro, estreito e reduzido. Uma cela escura. Negra.

A cela cheira a excrementos, a urina e a medo. É uma cela onde toda a compaixão foi substituída pela lógica da maldade. As crianças vão acabar morrendo na escuridão. Eu tenho que ajudá-las, porque ninguém mais poderá fazê-lo.

— Vocês acham que ele está dizendo a verdade?

O homem que está sentado do outro lado da mesa no refeitório do edifício da polícia, em Estocolmo, chama-se Conny Nygren. Suas palavras fazem com que Malin volte à realidade de onde estão: uma sala depressiva, decorada com treliça de pinho pela qual as trepadeiras de plástico sobem até o teto. Essas armações separam as suas mesas laminadas, que estão rodeadas de cadeiras metálicas de jardim, bem desconfortáveis. Um relógio de parede marca quinze para as oito da noite. Um lanche rápido, café preto, pão meio seco. As horas depois do interrogatório serviram para atualizar Linköping sobre as informações e preencher a papelada burocrática.

Conny Nygren é detetive criminalista na polícia de Estocolmo. O rosto é pálido e cheio de rugas. Magro como uma linha, exceto pela barriga, que dispara para a frente como se fosse uma bala de canhão antigo, por cima do cinto. O tecido da sua camisa branca espalha-se por cima da sua vida de comes e bebes. Ele deve estar cansado, a ponto de não aguentar mais nada, pensa Malin. No entanto, o policial na sua frente possui uma energia como ela só viu em poucos colegas, até mesmo nos recém-formados.

— Eu acho que ele diz a verdade, sim — confirma Malin. — As imagens e o filme gravado com as crianças são autênticos. Isso está fora de questão.

— Eu também acho — diz Zeke.

— Eu também — concorda Conny Nygren. — Acho que a história contada por ele é tão inacreditável, tão extraordinariamente inacreditável, que só pode ser verdadeira. Nada de novo nas nossas carreiras, não é?

— Dinheiro — diz Malin depois. — O dinheiro, por vezes, também traz alguma coisa de bom, não é?

Conny Nygren solta uma gargalhada.

— Ganhei uma vez 780 mil coroas suecas numa aposta feita em corrida de cavalos de trote. Com esse dinheiro pude conhecer o Caribe. Foi, de fato, uma consequência bem positiva.

— Podemos considerar o caso, agora, como resolvido — diz Malin. — Jokso Mirović está por trás da explosão da bomba na Grande Praça, em Linköping, e do assassinato da família Vigerö. Ele fez isso para salvar as crianças dele, chantageado pelos irmãos Kurtzon. Se Mirović não tivesse sido preso, os irmãos Kurtzon poderiam aguardar a morte do pai e, depois, mandar Mirović tirar também do caminho Josefina Marlöw. Como esta não tem mais

descendentes vivos, todo o dinheiro da família iria parar, com toda a certeza, nas mãos dos irmãos Kurtzon, sem que eles fossem considerados suspeitos de coisa alguma. A partir de agora, temos de nos concentrar em prender os irmãos e salvar as crianças de Mirović.

Zeke concorda, tranquilo, com um aceno.

Conny Nygren balança a cabeça.

— Isso se os irmãos já não tiverem matado as crianças, para que não possam testemunhar contra eles.

— Nós devemos partir do princípio de que as crianças ainda vivem — diz Malin. — De que os irmãos ainda as mantêm presas em algum lugar. Eles já devem saber que nós prendemos Jokso Mirović e devem estar completamente desesperados. Isso me preocupa ainda mais por causa das crianças. Os irmãos, antes, usavam-nas para chantagear Mirović. Agora, o único motivo para mantê-las sequestradas e com vida é para usá-las como reféns para fugir ou negociar. Por isso, precisamos encontrar imediatamente os irmãos e as crianças, antes que seja tarde demais.

Malin não quer dizer o que pensa, que talvez já seja tarde demais.

— O plano dos irmãos Kurtzon foi para o espaço e eles sabem disso — diz Conny Nygren.

— Onde será que eles estão? Na Suécia ou na Tailândia? — pergunta Zeke.

— De qualquer maneira, não estão naquele lugar que Mirović indicou, Sri Panwa — diz Conny Nygren. — Telefonamos para lá e eles confirmaram que os irmãos já haviam alugado antes uma mansão no local, mas que não estavam mais lá.

— Eles não tinham nenhum outro endereço na Tailândia?

— Não. E aqui na Suécia também só temos o endereço da Strandvägen, em Estocolmo. Nada de casa de campo que a família possua, nada — diz Conny Nygren. — Mas isso não significa que eles não estejam escondidos em qualquer outro lugar. Estamos vigiando os apartamentos caso eles, contra todas as expectativas, apareçam por lá.

— Onde estarão? — questiona Malin.

— Eles têm de morar em algum lugar — diz Zeke.

— Jokso Mirović estava a caminho da Tailândia. Será que ele sabe de mais alguma coisa que ainda não nos contou? — pergunta Conny Nygren.

— Ele não tem nenhuma razão para mentir. Nós somos sua única esperança.

— Não será melhor expedir um mandado de procura internacional? — pergunta Conny Nygren.

— Acho que sim — diz Malin. — É uma possibilidade. Poderá dar resultado.

— Josef Kurtzon e Josefina Marlöw correm algum perigo? — continua Conny Nygren.

— Não acredito nisso. Os irmãos não ganhariam nada em fazer-lhes mal — diz Malin. — E com Jokso Mirović atrás das grades, eles não têm à disposição nenhum braço estranho que possam usar.

— Então, o que acha que devemos fazer? — pergunta Zeke. E até Conny Nygren olha para Malin, como se ambos esperassem dela a indicação brilhante de um próximo passo.

— Vamos invadir os apartamentos deles na Strandvägen. Já temos o mandado de busca e apreensão?

— Tenho bons contatos na promotoria — diz Conny Nygren. — Vou arranjar imediatamente o mandado. — Tira do bolso o celular e

faz uma ligação.

Malin começa a gostar do seu colega de Estocolmo. Ele não espera, age. Minutos depois, Conny Nygren termina a chamada e diz.

— Conseguimos o mandado.

— Bravo — solta Malin. E Zeke comenta:

— *Fucking good*, muito bem.

Malin levanta-se.

— Está na hora de agir, de acelerar — diz ela, com o corpo já estourando de adrenalina. Olha para o relógio que marca oito e quinze e vê que já está ficando escuro na rua.

— Vocês estão armados? — pergunta Conny Nygren.

Malin e Zeke abrem os casacos e mostram-lhe as armas nos coldres.

— Vocês podem precisar delas. Vou pedir os coletes de segurança.

Conny Nygren sorri de novo, um sorriso de esguelha que faz lembrar o de Waldemar Ekenberg.

Você também gosta de violência, pensa Malin, enquanto na sua mente surge a imagem dos dois irmãos feitos em pedacinhos.

Malin encosta a cabeça contra o vidro da janela do carro e pensa no seu irmão. Gostaria de se encontrar logo com ele. Sente-o, realmente, como irmão. E no seu coração palpita mais uma razão para continuar na luta.

Não tem importância nenhuma se ele jamais chegar a entender quem eu sou.

Ou nem aprenda a me reconhecer.

É Conny Nygren que está ao volante e diz:

— Malin, sabe que eu me lembro de você quando ainda andava na Escola da Polícia? Mas acho que você não se lembra de mim, não é?

Malin acorda do estado de sonolência, abre os olhos, justo no momento em que passam em frente da fachada envidraçada da Casa da Cultura, a Kulturhus.

— *Sorry* — diz Malin. — Já nos encontramos antes?

— Eu era encarregado de um treinamento de tiro, e você estava entre os colegas que faziam o papel de policiais que entravam numa casa na qual estariam, eventualmente, suspeitos armados com reféns.

— De você não me lembro, mas lembro-me dos exercícios.

Talvez agora precise usar esse treinamento, pensa Malin. Já usei antes.

A voz de Conny Nygren de novo, num tom de brincadeira.

— Eu me lembro de que você avançava como louca. Acho que nunca vi nenhum aluno atuar com tanta energia e vontade, com tanta agressividade, mas, ao mesmo tempo, sob tanto controle. Por isso, me lembro de você.

— Você está apenas brincando comigo. É difícil me imaginar nessa situação.

— Você está rindo, mas é verdade.

Um minuto depois, Conny Nygren estaciona o carro diante do prédio da Strandvägen onde estão os dois apartamentos dos irmãos Kurtzon. Os três saem do carro e fazem sinal para os colegas da viatura.

Os policiais fardados devolvem a saudação. Parecem desejar-lhes boa sorte.

Malin abre com a chave mestra as três fechaduras do portão de entrada do edifício.

A escada cheira a remédio contra traças e a veneno contra ratos. Eles sobem e chegam diante da porta do apartamento de Henry Kurtzon.

Malin demora apenas três segundos para abrir a fechadura. As outras duas fechaduras de segurança, quinze minutos cada uma. Não se ouve nenhum som de dentro do apartamento, nem tinham visto, antes, qualquer luz nas janelas.

Nenhum alarme ligado.

Não deve haver ninguém em casa.

Mas eles ainda não têm certeza. Por isso, Zeke e Conny Nygren ficam em cada um dos lados da porta, de pistolas na mão, prontos para qualquer ação, enquanto Malin se esforça, rapidamente, para abrir a porta do apartamento, tentando fugir o máximo possível de uma eventual linha de tiro.

Será que as crianças estão aqui?

Será que as estou ouvindo choramingar? Elena e Marko? Não. É apenas o som da cidade, não é?

Ela consegue abrir a terceira fechadura e com ela a porta. Zeke e Conny entram no escuro, de armas em punho.

Salões vazios, uma cozinha vazia com portas esverdeadas, armários vazios, paredes vazias, nenhuma lâmpada para acender, nenhuma pessoa para prender. As crianças?

Malin procura no apartamento o quarto que dá para o jardim interior. Primeiro, um quarto vazio, a seguir, um banheiro, e do outro lado do banheiro mais uma porta.

Deve estar escuro lá dentro.

Ela escuta um som irritante, um arranhar qualquer. Estou chegando, pensa ela, enquanto gira a chave que está na porta.

Alguém está chegando.

Papai, é você? Tem que chegar logo. No momento, chegam os tios e eu pego o meu irmãozinho, acomodo-o bem junto ao meu corpo e vamos os dois para um canto, onde talvez eles não nos encontrem.

Parem.

Não quero.

Não.

É nojento.

O que será que eles vão fazer agora?

Estou com fome e o meu irmãozinho chora. E você tem que chegar, papai.

É você que está chegando?

A porta abre-se. Só não podem ser os tios. Se forem, não podem estar zangados. Não podem. Será que vão nos transformar em comida para os lagartos gigantes?

Vamos gritar.

Gritamos para que não percebamos o quanto estamos com medo.

55

Vazio.

Um *closet* vazio.

Droga!

E o som dos arranhões.

Um rato enorme, negro, corre entre os pés de Malin e para dentro do apartamento. Malin segue-o com os olhos e acaba por encontrar Zeke e Conny perto de uma janela, olhando para a famosa enseada Nybroviken, com as armas, pesadas e pendentes, direcionadas para o chão de tacos de madeira.

O pó está acumulado, uma camada grossa, em cima do parapeito de mármore branco.

Malin passa o dedo pelo pó e se lembra do apartamento dos pais na Barnhemsgatan, durante os anos em que ela tomou conta dele e enquanto eles estavam em Tenerife, sem voltar para casa.

De início, como ela teve ambições até em relação às flores. Para não falar do pó e das aranhas que ela quis manter longe. Mas, com o decorrer do tempo, compreendendo gradualmente que os pais não viriam tão cedo, ela não aguentou o ritmo inicial.

Deixou até que as flores morressem.

O pó começou a se acumular e quando a mãe morreu, dias antes de seu pai voltar, ela limpou todo o apartamento com um frenesi de que até ela se espantou. Era como se fosse uma sessão de treinamento. O suor começou a escorrer e ela nem conseguia pensar em outra coisa a não ser no pó acumulado e que o apartamento teria de ficar bem limpo, sem uma mancha para o pai reclamar.

Mas, de início, não foi pensando no pai que ela limpou o apartamento.

Foi pensando em você, minha mãe.

Mas você nunca mais veio para casa. E eu prometo que nunca mais vou limpar qualquer apartamento pensando em você. Você nunca mais virá atrás de mim, reclamando do que eu fizer, como quando seguia os meus passos na casa de Sturefors, assim que eu, ainda pequena, quis usar o aspirador de pó.

Eu tinha 5 anos, minha mãe.

E a única coisa que você fez foi reclamar que o aspirador batia nos móveis, tirava a tinta das paredes, como se a nossa pequena casa fosse um maldito castelo real.

E tinha consciência, o tempo todo, da traição cometida contra mim, contra o meu irmão mais novo. Escondeu a verdade, mas logo compreendeu que a falta de transparência também a prejudicava. Entendeu como isso me prejudicou, entendeu como eu tive de lutar para estar perto de Tove e participar da sua vida? Entendeu? Entendeu que eu nem sequer consegui estar perto dela nas horas certas e de como isso me deixa triste e cheia de remorsos?

Como lutei para dar a Tove a mãe que nunca tive e que esperei ter a vida inteira. E como eu, apesar de tudo, fracassei.

Não sinto nenhum vazio após a sua morte, mãe. Nenhuma tristeza. Vejo o seu rosto por todos os cantos, no escuro, e penso como é bom saber que não volta mais. Sei agora que, finalmente, talvez possa viver a minha própria vida, uma vida sem segredos e anseios por satisfazer e sem eu fazer a menor ideia do porquê.

Você morreu e eu a achei, minha mãe.

Posso buscar alimento no meu desamor por você.

Isso fará de mim uma pessoa ruim?

Malin escuta Zeke e Conny conversando, mas não imagina qual é o assunto. Sente-se cansada, está cansada de tudo, mas quer, tem que seguir em frente.

— Venha, Malin — diz Zeke. — Aqui está tudo vazio. Vamos para o apartamento de Leopold Kurtzon.

Assim que ela gira a terceira fechadura do apartamento de Leopold, começa a tocar uma campainha estridente.

Um som altíssimo que morde o seu consciente.

Um alarme?

Ou a porta está armada para explodir? Vai detonar?

Conny Nygren corre para dentro do apartamento todo escuro.

Abre um armário no grande *hall* de entrada e parece ter encontrado o que procurava.

O alarme para de tocar.

— O alarme estava ligado — diz Conny Nygren. — As empresas costumam colocar o quadro no armário mais próximo da porta.

Malin entra no apartamento.

Mantém a pistola em punho, com a adrenalina circulando livremente pelas veias de novo. O cansaço anterior desapareceu

como por encanto, todos os pensamentos e considerações também. Os três separam-se pela casa e gritam: limpo, limpo, limpo.

O apartamento está mobiliado.

Um pomposo estilo britânico do século XIX. As paredes do escritório estão cobertas de prateleiras cheias de livros com capas de couro.

Tudo empoeirado.

Tudo fechado, mas dava a sensação de que alguém já morou aqui.

— Vamos procurar — diz Conny Nygren, assim que eles se reúnem na cozinha — por alguma coisa que nos indique onde eles possam estar.

Acendem todas as lâmpadas.

Uma mulher vestida com trajes típicos da província da Dalicárlia do pintor sueco Zorn.

Outro quadro, um de Carl Larsson.

Arte sueca, clássica e muito valiosa, para aqueles que se acham importantes.

Que querem mostrar que eles próprios são cultura. Malin acha que é falta de gosto e que todo o apartamento cheira a insegurança.

Eles vão de sala em sala, de quarto em quarto. Abrem gavetas. Remexem papéis, contas, jornais. Afastam roupas nos armários.

Temos de encontrar alguma coisa, pensa Malin, ao entrar em uma sala que parece ser uma espécie de escritório.

Uma mesa, mas nenhum computador. Aqui, as paredes estão vazias, com exceção de dois grandes retratos a óleo. Um deles representa um Josef Kurtzon ainda jovem.

Ao lado, o retrato de uma mulher de lábios finos e olhos azuis, incisivos, com cabelos chanel. O vestido é um Chanel.

A mulher está diante de uma janela de vidros pequenos, enquadrados. Mar ao fundo.

Deve ser Selda Kurtzon.

A esposa. A mãe.

Malin examina os retratos. Você não conseguiu aguentar essas pessoas, Josefina. O que fizeram com você? Como a maneira de eles verem o mundo a influenciou?

E Malin pensa no seu próprio vício, a sua necessidade de bebida alcoólica, e na mãe. Pensa, também, no seu apartamento e conclui que foi até bom os pais estarem longe durante o pior momento do alcoolismo e que a bebida para ela era o sinal da mesma necessidade de fuga que atormentava a vida de Josefina.

Apenas diferenças de graduação.

De acontecimentos e genes, de acasos e oportunidades, de encontros que dão às coisas determinadas direções. E, depois, gera-se um movimento que ninguém pode ou quer ou aguenta parar.

Tove.

Suponho que eu ainda não a estraguei.

Malin desvia o olhar dos retratos e descobre uma pasta em cima da escrivaninha. Abre-a. Está vazia.

Abre as gavetas.

Vazias.

Nada.

A última gaveta.

Uma única fotografia.

Uma fotografia aérea que parece representar uma pequena ilha do arquipélago de Estocolmo. Uma casa pintada de branco como se estivesse encaixada na rocha. A construção parece ser nova e há

uma ponte que leva ao continente. Várias casas brancas, alongadas, embaixo, perto do mar. A fotografia foi tirada no outono. As florestas na ilha e nas ilhotas em volta brilham como se estivessem flamejantes, em brasa, dada a cor vermelha das copas das árvores.

Por que a fotografia está aqui? A ilha é dos irmãos? Estarão lá?

Malin prende a respiração.

Vira a fotografia.

Nada escrito. Pode ser qualquer lugar.

Ela chama Zeke e Conny.

Mostra-lhes a fotografia.

— O que vocês acham?

— Pode ser uma das casas dos irmãos?

Conny Nygren fica excitado, alerta, apesar de começar a ficar tarde.

— Impossível saber — diz Zeke.

— Será que é lá que estão as crianças? — pergunta Malin.

— É a fotografia de uma casa, em uma ilha muito mais setentrional do que a Tailândia — diz Zeke. — E as crianças Mirović devem ter sido sequestradas em Phuket. Por que estariam aqui na Suécia, numa ilha, se é que essa fotografia representa alguma propriedade no país?

— Eles podem ter trazido as crianças para a Suécia — diz Conny Nygren. — Podem ter usado qualquer voo regular ou alugado um avião.

— O problema está no fato de que nós não fazemos a mínima ideia de onde a fotografia foi tirada. Se é que foi tirada na Suécia — diz Zeke. — Já foi verificado se havia alguma propriedade em nome dos dois irmãos em todos os registros.

No momento em que Zeke acabou de falar, tocou o celular de Malin.

O número de Johan Jakobsson no visor.

Não podia ir para casa.

Voltar a ver as suas próprias crianças, quando outras permaneciam em perigo. Talvez ainda pudesse fazer alguma coisa por elas. Johan Jakobsson continuava na polícia de Linköping, em frente do computador. Estava cansado, depois de um dia de muito trabalho com papelada e interrogatórios que não deram em nada de ativistas de direita e de esquerda apontados por telefonemas anônimos.

Voltou a procurar nos registros de propriedades, cruzou transações umas com as outras, digitou os nomes de todas as firmas desativadas dos irmãos Kurtzon e até nomes parecidos com os das firmas.

Mas nada.

Era como se a família Kurtzon, os irmãos, nunca tivessem existido, a não ser como sombras, em Estocolmo. Ou como fantasmas em lugares onde havia dinheiro.

Então, Johan lembrou-se de ter lido a respeito de Josef Kurtzon, num retrato apresentado no jornal *Svenska Dagbladet*, que o homem era excêntrico e que dizia ter lagartos gigantes como animais domésticos. Lembrou-se ainda de ter visto Selda Kurtzon passeando com um desses lagartos pela coleira, numa fotografia na revista *Hänt i Veckan*.

Para importar lagartos gigantes será preciso ter alguma licença especial?, perguntou-se Johan, se é que é permitida legalmente

essa importação.

Uma derradeira oportunidade.

As letras no computador começavam a embaralhar-se diante de seus olhos, e no telefone já existiam três mensagens da esposa, que, certamente, queria saber quando ele voltaria para casa.

Mas Johan ainda refez a ligação para a alfândega, e a única importação de lagartos registrada fora feita dez anos antes por uma firma de nome Exotic Animals.

Uma empresa dos irmãos Kurtzon.

A Exotic Animals fora desativada em 2003, mas havia um endereço na autorização que não existia em nenhum outro lugar.

Lundviksvägen, 37.

Uma avenida em Norrhammar.

Onde fica?

Ele procurou nos mapas do Google.

O município de Norrhammar fica a 160 quilômetros ao norte de Norrtälje, e a quase 250 quilômetros ao norte de Estocolmo, a cidade onde Malin estava.

Onde encontrar o 37 dessa avenida? Nada. Mas a fotografia do satélite apontava o endereço para uma pequena ilha no arquipélago de Estocolmo, com uma grande casa branca no meio da ilha e outras, pequenas e alongadas, perto do mar. A branca devia ser a de número 37. E havia um 35, dentro da floresta, uns dois quilômetros adiante.

Quem será o dono da propriedade? Johan voltou novamente ao registro de propriedade e procurou o endereço, mas não havia nenhum prédio registrado na Lundviksvägen, 37. Era como se o endereço tivesse deixado de existir ou nunca tivesse existido.

A casa na imagem de satélite, na sua frente, tem de ser a de número 37. Certo?

Como é que uma casa pode desaparecer de todos os registros? Deixar de existir? Talvez quando os proprietários querem viver realmente em paz, e para isso corrompem as autoridades certas.

A imagem de Leopold Kurtzon no *Wall Street Journal.* A fotografia parecia tirada num clima mais ameno. Johan voltou novamente à fotografia.

Estudou-a com todo o cuidado. É claro, parecia ser tirada no Caribe, mas poderia ser em qualquer outro lugar com um pouco de retoque.

Podia ser no arquipélago sueco. Com luz suave. E o repórter foi instado a não escrever o nome do lugar na entrevista. O nome do fotógrafo. Um sueco: Stefan Björck.

Entra no hitta.se, um *site* de pesquisa na Suécia.

Minutos depois, Johan já falava com o fotógrafo no telefone. Um tipo agradável, acessível, que disse:

— Eu me lembro disso. Fotografei em alguma ilha, ao norte de Norrtälje. Eles retocaram as imagens. Tive a impressão de que Leopold Kurtzon e o irmão eram os donos do lugar. Trataram-me como se eu não existisse e havia uma coisa muito estranha. Eles tinham lagartos gigantes e um montão de outras coisas na ilha.

Johan fez uma pausa. Olhou em volta, no grande salão cheio de mesas. Pensou em Jokso Mirović e também nesses irmãos Kurtzon, que talvez estivessem com os filhos dele. Pensou ainda no fato de Jokso Mirović ter matado outras crianças num esforço para salvar as suas.

Eu teria feito o mesmo, pensa Johan, se se tratasse dos meus filhos.

Leopold Kurtzon na fotografia.

O seu nome leva Johan a pensar.

As crianças têm que ser salvas. E vocês, eu quero que se lixem.

Em seguida, telefonou para Malin. Viu que já eram quase onze horas da noite.

— É o melhor que posso dar a vocês — diz Johan Jakobsson. — A casa que não existe a não ser na fotografia e nas recordações do fotógrafo pode ser dos irmãos. Talvez as crianças estejam lá.

Zeke e Conny Nygren estão ao lado de Malin, em silêncio.

Johan deu a ela todas as instruções de como chegar até a ilha. Malin sente que ele pode estar certo. Talvez os irmãos tenham trazido as crianças para a Suécia. Talvez as estejam mantendo presas numa casa que não existe, mas que de fato existe.

O lagarto no apartamento de Josef Kurtzon.

Licença de importação.

Vários lagartos.

A estranha lógica da maldade.

Existirão ainda lagartos nessa ilha?

— Vamos para lá, imediatamente — diz Malin. — É a nossa última esperança. Absolutamente, a derradeira.

Johan concorda na outra ponta da linha.

— Excelente trabalho, Johan — diz Malin. — Extraordinário!

— Agora, já posso voltar para casa e para os meus filhos — diz Johan Jakobsson. E desliga.

56

Leopold Kurtzon quase congelou ao ver o rosto de Jokso Mirović na tela do seu *laptop*, na primeira página do *site* do jornal *Dagens Nyheter*. Era como se sentisse que o seu tempo estivesse prestes a terminar.

Jokso Mirović foi preso. Agora, com certeza, a polícia já sabe de tudo.

Uma antiga fotografia de imprensa, um pouco abaixo, na primeira página do jornal: “Um matador preso em Arlanda. Suspeito de participar da explosão da bomba em Linköping”.

Leopold continua a ler:

“Segundo informações ainda não confirmadas, Jokso Mirović estaria trabalhando para dois irmãos bem conhecidos na área financeira...”

Apesar de ele ter imaginado que a polícia já estaria atrás deles, foi um choque ter lido isso no *site* do maior jornal da Escandinávia. Foi como se tivesse recebido dois murros, um no estômago e outro no coração. Ele tem a certeza de que tudo foi por água abaixo. Jokso Mirović já teria contado a sua história para a polícia e, agora, seria apenas uma questão de tempo encontrá-los ali.

Falta pouco para eles nos pegarem. E vamos ser condenados à prisão perpétua. Trinta anos, no mínimo. Já serei um velho quando sairmos da prisão.

Mas, em seguida, a coragem volta. Ele faz uma careta e deixa que a energia e a capacidade de estabelecer metas retornem ao corpo.

Afinal, como é que eles podem nos encontrar aqui?

Ninguém sabe que nós temos este lugar.

Com a ajuda do dinheiro colocado nos bolsos certos, tudo foi apagado. Um terreno, uma casa? Problema nenhum. O pai resolve. Queria ter um lugar que existisse, mas que não existisse. E ele deixou que nós tomássemos conta daqui, ordenou-nos que mandássemos vir dragões-de-komodo da Ásia e que tratássemos desses bonitos predadores na nossa ilha. Tentem alimentá-los. Talvez vocês agora consigam ser bem-sucedidos nisso. E não fracassem como aconteceu antes, em todas as tentativas que fizeram.

Leopold sai para um dos terraços da casa.

Olha para as jaulas onde vivem os animais.

Ele odeia descer para lá, mesmo quando os animais estão bem alimentados e preguiçosos, descansando em suas celas, sob a iluminação das lâmpadas de aquecimento. Quando estão com fome, eles fazem um barulho infernal com as garras, arranhando as grades.

Eles compraram os animais na Tailândia e na Indonésia, montaram uma firma apenas para isso e conseguiram a necessária licença de importação. Depois, desativaram a empresa, disseram que os animais tinham morrido e ninguém pareceu se importar mais com isso.

Eles se alternam em dar comida aos bichos. Já faz tempo. Nem um, nem o outro gosta de descer. Nenhum deles aprecia a visão daquelas mandíbulas abrindo e fechando.

O homem que os ajuda no tratamento dos animais, quando eles estão fora, muitas vezes durante longos períodos, mantém silêncio sobre o trabalho. Recebe um bom ordenado para não dizer nada a ninguém. Além disso, parece ter medo dos dois irmãos, que lhe disseram para não aparecer caso não fosse chamado.

Leopold voltou a ser atacado pela dúvida.

Quem é que conhece os caminhos trilhados pela polícia? Quem sabe o que a polícia consegue e como consegue, quando eles querem e precisam saber?

Nós somos culpados de quatro mortes.

Nós somos párias.

A herança nunca mais será nossa. Nunca mais poderemos aparecer em público.

E a polícia já sabe das crianças também. E crianças raptadas são prioridade.

Exatamente como em caso de assassinato.

Jamais vão deixar o caso por resolver.

Estamos mal. O que vamos fazer? Porra, o que vamos fazer?

Leopold não quer pensar nisso, mas sabe que tem de decidir alguma coisa.

Pense logicamente, Leopold.

Racionalmente.

Ele sente o frio que vem do mar e da floresta em toda a ilha, mas isso não chega a perturbar. Como sempre, está mais quente aqui do que em outros lugares. É um estranho microclima.

Leopold olha mais uma vez para as jaulas dos lagartos. E, de repente, sente-se mais seguro ao pensar neles. Tem certeza de que o pai sabe que os animais estão lá, que eles dois, de fato, foram bem-sucedidos em alimentá-los, embora todas as crias que as fêmeas tiveram tenham morrido logo após uma semana.

Leopold ouve, novamente, o barulho dos lagartos batendo contra as grades de proteção.

Ele fica com medo.

Será que estão a ponto de sair das jaulas? Será que vão ficar rastejando por aí na floresta? Vão subir para os terraços da casa? E atacar?

Mas eles não podem sair de onde estão.

Ou podem?

Leopold deixa de pensar nos lagartos e olha para o irmão, sem planos, deitado num sofá, bebendo Coca-Cola. Leopold chama por ele.

Meio contra a vontade, Henry levanta-se do sofá.

Ambos seguem para a cozinha da casa, toda equipada com aparelhos da famosa marca Gaggenau. No caminho, Leopold conta-lhe o que leu na internet. Então, diz:

— Vamos matá-las e, depois, ir embora daqui.

Henry fica com medo da frieza do irmão, mas, depois, acha que ele tem razão. A ideia tem lógica. Matar as crianças, enterrá-las ou oferecê-las para os lagartos. Deixar que os animais façam o serviço. As duas crianças podem desaparecer daqui sem deixar rastros. Ou então deixar que elas explodam no ar. Muito simples, simplicíssimo.

As crianças ficaram com medo quando ele desceu para vê-las na última vez.

Gritaram.

Como se quisessem sobrepujar com a voz o seu medo.

Dominá-lo.

Tanto ele quanto Leopold já sentiram antes a raiva lhes subir à cabeça. Quem é que estas crianças pensam que são? Alguém que consegue obrigar os irmãos Kurtzon a se dobrar e a ficar bonzinhos? É isso? O que as leva a pensar uma coisa dessas? Não acreditam que nós somos duros, eficientes?

Vamos ter que nos livrar delas.

Henry ainda diz:

— Será mesmo necessário matá-las?

O rosto de Leopold encolhe-se numa careta. Os olhos ficam com aquela expressão decidida de sempre, quando está convencido de alguma coisa. E isso acontece muitas vezes. Com muito mais frequência do que no caso de Henry, que é a dúvida personificada.

— Tem alguma proposta melhor? — pergunta Leopold. — É claro que podemos usá-las como reféns, mas elas vão ser um problema maior se estiverem vivas.

— Mas as crianças precisam mesmo morrer? Afinal, com toda a certeza, já está tudo perdido.

— Vamos prosseguir até o final — diz Leopold. — Quer ficar preso durante trinta anos?

— Não, claro que não. Foi um plano idiota desde o início — afirma Henry, enquanto vê os olhos do irmão expelindo ódio e frustração.

— Nós sabíamos o que estávamos fazendo quando as sequestramos em Phuket e as trouxemos para aqui num avião fretado, não é? — grita ele. — O nosso plano não era idiota, de jeito nenhum. Afinal, será que devíamos desistir de tudo? Você sabia muito bem o que estava fazendo quando as colocou para dormir antes da viagem e quando pagou ao piloto.

Henry permanece em silêncio. Depois, diz:

— E agora? Agora não vamos receber nada.

— Mas ainda podemos mostrar para o pai a nossa força — retruca Leopold.

Naquele momento, que devia ser de pânico, subsiste uma tranquilidade estranha, mais ou menos como naquelas histórias que ouvimos sobre o afundamento do navio *Titanic*, em que os passageiros, calmamente, aceitaram o seu destino e viram o navio afundar sem que houvesse o mínimo sinal de pânico.

Ou como no caso do naufrágio do navio *Estônia*, em que se registraram histórias semelhantes.

— Podemos deixá-las viver — insiste Henry. — Vamos deixá-las sair da casa. Deixar que alguém as encontre. Elas têm 3 e 6 anos. Não podemos matá-las.

— Temos que matá-las.

— Por quê?

— Para mostrar o nosso poder. A nossa força. Deixar que o mundo inteiro veja isso.

Henry olha para o irmão, reconhece a inexorável clareza do seu olhar. E sabe que o raciocínio dele contém uma justificativa cruel.

Ninguém nunca escapa das trevas da sua câmara escura e estreita.

Ninguém que tenha estado lá vai novamente erguer o olhar para cima, para o céu. Nunca mais.

Existem apenas desejos, ganância, nada mais.

— E para onde iremos depois? — pergunta Henry.

— Vamos embora. Deixamos o tempo correr, mas antes apagaremos todos os sinais de que estivemos aqui.

— E vamos para onde?

— Pegamos o iate para a Estônia. Basta atravessar o mar Báltico. O iate pode ir muito mais longe só com um tanque de combustível. Depois, arranjamos uma maneira de voar para a América do Sul. Ou para a Ásia. O mundo é grande. E temos dinheiro suficiente para sobreviver por bastante tempo.

— Ok. Vamos fazer como você diz.

— Muito bem, mas primeiro temos que matar as crianças — sussurra Leopold.

— Será que não basta morrerem na explosão?

— Não, devemos matá-las, você tem que fazer isso. É preciso ter certeza de que as crianças estão mortas. Elas têm que desaparecer e nós precisamos fazer com que isso aconteça.

Henry, finalmente, cede, acena que sim.

Ele levanta e baixa a cabeça repetidas vezes. Ambos sobem mais um andar e entram num quarto que não está sendo usado por ninguém. Abrem o guarda-roupa e retiram as pistolas e uma submetralhadora.

Os dois seguram as armas na semiobscuridade do quarto.

Entreolham-se. Sabem que têm apenas um ao outro. Estão sozinhos.

Abraçam-se e é como se as duas correntes sanguíneas se transformassem numa só. Hesitação e determinação, amor e ódio, dor e felicidade, ganância e generosidade, tudo se derrete em uma só substância, com as suas características especiais, a que falta nome, mas que escorre por dentro dos dois, rápida e claramente.

Os dois separam-se, descem para o andar térreo, aquele que está abaixo do solo pela metade, encaixado na rocha em cima da qual a casa foi construída.

Eles abrem uma porta atrás da outra, no caminho que os leva à cela na qual estão as duas crianças.

Eles escutam o tique-taque.

Devem cuidar disso.

No início, as crianças gritavam, apesar do giz de cera que receberam.

Mas tivemos que silenciá-las, pensa Leopold. Pelo menos, quase. Nós sabíamos como fazê-lo. Tiveram de sentir a nossa raiva.

Agora, o silêncio é completo lá dentro. Elas não gemem. Não têm mais gritos no peito. Apenas medo mudo.

Os irmãos destravam as armas.

E abrem a última porta.

Aquela que dá para a cela das trevas.

A que dá para as crianças.

57

DOMINGO, 16 — SEGUNDA-FEIRA, 17 DE MAIO

Ouve-se um barulho fraco, quase um ruído surdo, vindo do motor do carro.

Eles já passaram por Norrtälje, dirigindo pelo meio das florestas densas que ladeiam a estrada do litoral. As árvores parecem fantasmas na noite, a sorrir para Malin, apesar de ela não conseguir ver o rosto dos seus troncos.

Zeke está ao volante.

Determinado. Conny Nygren foi para casa. Malin insistiu para que ele não os acompanhasse. De início, ele protestou, mas depois se convenceu. Era muito pouco provável que os irmãos e as crianças estivessem na propriedade, ao norte de Norrtälje. A propriedade nem sequer estava registrada, embora isso fosse apenas consequência de algum erro administrativo.

Quero resolver eu mesma este caso, pensa Malin. Devo agir assim. E se os irmãos e as crianças estiverem lá, é melhor que sejam poucos a se aproximar no meio da noite, não é?

Zeke parece achar o mesmo.

Malin fecha os olhos.

A explosão na praça mandou o meu corpo pelos ares, pensa ela. A onda de pressão está levando-a para dentro das trevas suecas. Primeiro, tudo aumentou em volume, se alargou, e agora tudo volta a se reduzir.

Para onde é que vamos? Será que os irmãos estão lá? E as crianças?

Mas ela sabia que Jokso Mirović falava a verdade sobre as crianças.

O desespero nos seus olhos não podia ser uma peça teatral. E a gravação era original.

“Papai... papai...”

Mas Elena e Marko podem estar em qualquer outra parte do mundo. Talvez na Tailândia? Podem ter ficado por lá, em algum lugar. Ou como crianças mortas, mortas há vários dias.

Nesse curto período, não tinham encontrado a menor pista dos dois irmãos. Nenhum tráfego de mensagens eletrônicas, nada de chamadas entre celulares, nenhum uso de cartões de crédito em nome deles.

Nada.

Tente dormir, Malin. Tire uma soneca de uma hora antes da chegada. Para ficar atenta depois.

As mãos de Zeke, tranquilas, ao volante.

O silêncio reina dentro do carro. Deviam chegar ao destino logo depois da meia-noite.

O sono chegou logo, deitada como ela estava no assento do carro cujo encosto fora deslocado para trás. O melhor lugar para os

sonhos chegarem, os mais estranhos e peculiares.

O rosto das meninas Vigerö.

Brancos, limpos de todas as culpas, elas falam para Malin no meio das trevas do sonho.

Será tarde demais, Malin, será tarde demais? Nós sabemos, mas não ousamos contar.

— Não é tarde demais — diz Malin, mas a sua voz não é a dela, mas de Tove.

— Não é tarde demais! — As meninas riem e depois desaparecem, sendo substituídas por duas silhuetas brancas, numa cela escura, que estendem os seus braços para ela.

— Onde é que vocês estão? Onde é que vocês estão? — E Malin pode ver Josefina Marlöw no seu buraco subterrâneo. No sonho, ela vê ainda como Josefina estende os braços na direção do seu pai e da sua mãe, e como eles a recebem de braços abertos, embora os abraços deles sejam de metal incandescente, com formato de espinhos de roseiras.

Será que existem outras crianças lá?

Elena e Marko?

Hanna Vigerö está lá, com um homem ao seu lado que deve ser o marido. Hanna diz: “Existem, sim, Malin, mas onde é que estão elas? Ainda não encontramos as nossas meninas. Gostaríamos tanto de encontrá-las”.

A morte não é isso, um lugar onde existe apenas amor?

Mas logo o sonho acaba, fica tudo negro. Malin grita, quer o sonho de volta, quer saber antes que seja tarde: “E o meu irmão? Está bem?”.

E as meninas e as outras crianças sem rosto sussurram:

Ele está bem, sim, mas sozinho. Espera que venha logo visitá-lo.

Börje Svärd anda de um lado para o outro na cozinha da sua casa.

Johan Jakobsson telefonou cerca de meia hora antes, contando que Malin estava com Zeke a caminho de uma ilha no arquipélago de Estocolmo onde havia uma pequena chance de os irmãos estarem escondidos com as crianças de Jokso Mirović.

Todo o grupo de investigação no caso foi avisado dos acontecimentos em Estocolmo, e Börje teve a sensação de que a investigação se aproximava do fim.

Não tinha nada a ver com islamitas, ativistas ou gangues de motoqueiros.

A sua primeira reação ao tomar conhecimento da viagem de Malin e Zeke durante a noite foi a de achar que era loucura viajar para lá sem reforços, mas, depois, reconheceu que era muito pouco provável que os irmãos e as crianças estivessem lá. E, mesmo que estivessem, talvez fosse melhor fazer uma operação pequena, com dois policiais apenas, em silêncio e com toda a tranquilidade.

Ele conhece Malin. Conhece tão bem que sabe por que quer fazer, ela própria, esse trabalho. É independente até as raias da loucura. E Sven Sjöman tende a deixá-la solta em oportunidades como essa. Foi o que ele fez, autorizando e até apoiando a sua ida para a ilha.

Mas, apesar disso...

Börje não podia deixar de ficar preocupado. E por mais que pensasse em outra coisa, acabava sempre por achar que Malin já devia estar próxima do objetivo e que devia estar em perigo.

Sem Anna, a casa fica vazia.

Mesmo assim, a alma dela flutua sobre a decoração, que é cem vezes melhor, feita com bom gosto, do que ele seria capaz de fazer.

O telefone toca.

O número de Waldemar Ekenberg no visor.

Waldemar Ekenberg está na cozinha, fumando um cigarro debaixo do exaustor do fogão. Tenta ficar tranquilo com as palavras de Börje, mas não está funcionando.

— Estocolmo não devia ter mandado reforços de apoio com eles?

— Você sabe muito bem como Malin é.

— Não será melhor irmos para lá?

— Já é tarde demais, não acha? E é, certamente, uma pista cega.

— Os Kurtzon são ricos e filhos da p... — diz Waldemar, dando uma última tragada no cigarro. — Cheirando a dinheiro ou, ainda pior, cheirando a perda de dinheiro, eles podem fazer qualquer coisa. Tudo pode acontecer. Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Os dois sabem como se cuidar — insiste Börje, embora pela voz pareça estar tentando também se convencer do que está dizendo. — E Zeke é bom!

— Vamos esperar que eles matem os irmãos se os encontrarem lá — diz Waldemar, preparando-se para que Börje seja contra.

— É... Se isso acontecer, não vai haver testemunhas — diz Börje, contra todas as expectativas.

— Você é durão — diz Waldemar.

— E, diferente de você, eu sou durão, sim, mas sem exageros — responde Börje. — Por isso, posso me dar ao luxo de ser bonzinho de vez em quando.

— E filósofo também.

— Quer tomar um uísque?

— Porra, ainda estou com dor de cabeça de quando estive aí.

Malin acorda com o celular tocando.

Talvez tenha dormido uma hora no banco do passageiro, que estava com o encosto mais inclinado para trás. Antes de atender, ela pensa que já devem estar próximos do local.

É a voz de Tove.

— Mamãe, onde é que você está? Estou tentando telefonar para você.

Malin conta-lhe tudo, para onde eles vão, que a investigação os levou para o norte, para o arquipélago, mas tudo leva a crer que no dia seguinte voltará para casa.

— Sinto a sua falta — diz Tove. — Assim que chegar, iremos a Hälsingland, ver o tio, o seu irmão mais novo.

— Iremos, sim — concorda Malin.

— Você tem que me deixar ir junto.

Malin nota certa insegurança na voz de Tove. E pensa que, nessa noite, de fato, está correndo risco de morte, sem se preocupar com a filha, com a possibilidade de ela ficar sem a mãe, de ficar órfã de mãe caso aconteça o pior. Mas Tove já não é uma criança. Talvez seja até mais madura e mais inteligente do que eu.

— É claro que você irá junto — confirma Malin. — Eu jamais iria vê-lo sem a sua companhia.

Tove desliga.

Malin sente como o medo de ir a Hälsingland, visitar o irmão, se desfaz, graças à conversa que teve com a filha.

A voz de Tove soou como se ela não se preocupasse muito em saber onde estou e o que faço. Mas, evidentemente, ela tem que viver a vida dela. Não aguenta mais simular um monte de sentimentos, além de preocupações, para a mãe. Ela pareceu até nem pensar na possibilidade de a missão em que estou empenhada ser bastante perigosa.

No sentido contrário, outro carro.

O motorista não baixa o farol alto. Malin imagina logo que Zeke teve de fechar os olhos.

Luz.

Luz mais forte.

E, depois, a escuridão compacta, quase total.

Malin sente que eles estão no caminho certo. Vão salvar as crianças.

Vão salvar Elena e Marko.

Não pode ser tarde demais.

O terror é seu servidor?

Josef Kurtzon pisca os olhos cegos pela catarata, sabe que tudo está em jogo no momento, sabe que a vida é um jogo que nunca termina.

Fraqueza, o que podemos fazer com ela? Insegurança?

Eu jogo com ela, pensa ele. Seus pulmões se contraem e todo o corpo entra em agitação terrível, provocada por uma tosse convulsiva que por pouco parece rebentar os seus vasos pulmonares.

Eu nunca parei de jogar. O prazer sempre esteve do meu lado, exatamente como agora, nesta noite, em que tudo se encaminha para o obscuro final.

O lagarto gigante, empalhado, ruge ao seu lado. Ele afaga-o em pensamento, passa a mão pelo seu dorso e olha no escuro.

A sua cegueira é uma cegueira branca.

Ele não tem medo do escuro. Procurou por isso a vida inteira e fez da escuridão o seu mundo.

Josefina.

Leopold.

Henry.

As irmãs gêmeas, Tuva e Mira.

As outras crianças.

Digam, já existiu um jogo mais grandioso?

Fecha os olhos cegos. Tenta imaginar o que vai acontecer. Extasia-se diante de tudo o que ainda virá a fazer parte da obra da sua vida.

58

Não funcionou.

Quiseram ligar a luz na cela em que estavam as crianças. Viram seus desenhos nas paredes e os olhos delas, bem abertos, cheios de pavor. Ouviram os gritos quando levantaram os braços e se abraçaram. Os irmãos tinham apontado as armas, já engatilhadas, para as crianças, mas não conseguiram disparar.

Henry e Leopold Kurtzon gritaram um contra o outro. As vozes misturaram-se. Era impossível distinguir.

— Faça isso!

— Atire!

— Esta missão é sua!

— Mate-as, atire logo, porra! — Mas nem um, nem outro, conseguiu apertar o gatilho.

Contratar alguém para matar, assassinar crianças, é uma coisa muito diferente de eles próprios fazerem isso. O que aconteceu a distância é estranhamente ficcional. A realidade aqui é outra.

As crianças estão sozinhas na cela. Em silêncio. Como se estivessem cegas.

Leopold e Henry viram os pequenos corpos na obscuridade e voltaram a gritar um para o outro:

— Você tem que atirar. Não podemos deixar as coisas desse jeito.

Contudo, Henry mudou de tom de voz e disse:

— Temos de deixá-las.

— Não! Temos de matá-las! — gritou Leopold de volta.

— Eu não consigo. Faça você.

— Se não as matarmos, nunca vamos nos livrar delas.

— Olhe como elas estão com medo, solitárias.

— Então, eu vou matar você.

— Não vai conseguir. E você sabe muito bem disso. Vamos deixá-las aqui. Não podemos nos desentender agora.

Leopold olha para o irmão, reconhecendo que ele tem razão. Fez que sim. É claro, vamos deixá-las aqui. Como esperar outra coisa. Eu concordo com você, como sempre fiz. Não sou ninguém.

Os irmãos voltaram a fechar a porta, deixando as crianças sozinhas na cela. Depois, correram para o terraço, atiraram as armas no chão de pedra e olharam para o jardim em frente, no escuro, e para o mar, quase imóvel, tranquilo, e ainda para as jaulas dos bichos. Ouviram umas pancadas estranhas na porta de uma das jaulas. O desespero veio devagar, arrastando-se, e eles, por momentos, foram assaltados por uma sensação de pura autodefesa.

O que vamos fazer agora, vamos embora, vamos deixar tudo aqui, cometer suicídio, deixar que as crianças vivam, ou matá-las primeiro e depois nos matar?

Questões que rodavam em círculos.

Tudo o que, momentos antes, na cela, parecia estar decidido, voltou como novos pontos de interrogação, impossíveis de definir.

E por mais que fizessem, por mais que tentassem acabar com a autocompaixão, logo voltavam atrás, à indecisão, o que os deixava completamente frustrados.

Nós não somos assim.

Nós somos matemáticos.

A racionalidade.

E a bomba cujo tique-taque prossegue na cela ao lado. Essa, eles mandaram fazer em Bangcoc, antes do sequestro em Phuket, e é suficientemente poderosa para fazer a casa inteira em pedacinhos. O piloto do avião alugado nem sabia que a bomba estava nas nossas malas. As crianças raptadas, tudo bem. Mas uma bomba?

Eles aterrissaram no aeroporto que serve Gävle, ao norte de Estocolmo. E daí vieram para a ilha com as crianças. Os dois irmãos ficaram orgulhosos. Nós conseguimos. Vai funcionar.

Resolveram ignorar a bomba nos últimos dias. Não aguentaram mais se preocupar com ela. Deixaram que a ameaça de morte para eles e para as crianças ficasse em suspenso.

Vamos deixar que a bomba exploda? Falta apenas cerca de uma hora para que seja necessário reajustar o cronômetro do detonador.

— Vamos embora agora! — gritou Leopold.

— Não é melhor soltar as crianças, libertá-las? — perguntou Henry.

— Temos de matá-las.

— O pai teria feito a mesma coisa, não é?

Os irmãos tinham voltado para o andar térreo, quase um porão. Abriram todas as portas, pegaram as crianças e arrastaram-nas para a sala de estar.

Primeiro, verificaram o cronômetro do detonador da bomba, recuaram um pouco o horário, deram para si um pouco mais de tempo. O mar continuava tranquilo. Seria seguro atravessar o mar Báltico e chegar à Estônia.

As crianças estavam em silêncio.

Nem mesmo o menino de três anos havia soltado um pio. Possivelmente, as crianças já tinham passado a barreira do medo, a barreira da vida, mesmo antes de morrer.

Estavam cheirando muito mal quando os irmãos as pegaram. Os corpos estavam cobertos de sujeira. Pareciam animais e não pequenos seres humanos.

— Não é melhor levá-las conosco? — perguntou Henry. — Para usá-las como reféns?

— Elas vão atrapalhar mais do que ser úteis. E se a polícia nos apanhar, vamos passar uma eternidade na prisão — respondeu Leopold. E Henry foi obrigado a reconhecer que o irmão tinha razão. O que tem de ser feito, tem de ser feito.

Os dois irmãos sentaram-se cada um com uma das crianças no colo, para que se acalmassem. E, a seguir, apontaram as armas para a têmpora delas.

59

Eles viraram à direita e desceram para o mar, que devia estar a alguns quilômetros de distância, a leste.

Casas de campo vazias entre as árvores. Acabaram de passar por uma placa que apontava para um antigo lugar de veraneio, a quinze quilômetros de distância.

Conseguem se guiar pelo GPS, sem problemas.

O movimento do carro no meio da escuridão aparece registrado no visor colorido que ilumina o interior do veículo.

— O que acha? — pergunta Zeke. — Será que eles estão lá?

Malin sente a pistola fria no coldre contra o seu peito. Responde:

— Não sei, mas a minha intuição diz que eles estão.

Passam por aquela que seria a última casa antes do número 37, a casa que, existindo, não existe.

Os faróis brilham na floresta, a vegetação adensa-se, parece quase tropical, se bem que não há palmeiras por aqui. Ou há?

Não. Bétulas, pinheiros, em formações densas, com fetos bem negros. A sensação de estarem numa floresta intocada é bem forte, depois assombrosa. E eles ainda rodam vários quilômetros antes de a estrada chegar ao mar. O ambiente fica mais claro e Zeke

aproveita para desligar os faróis, a fim de que a chegada deles não fosse revelada no caso de haver alguém à espera.

Rodam por uma estrada que dá para um precipício. Entram depois por uma enseada e passam a andar, lentamente, por um caminho de brita, bem irregular. Em frente deles, a ilha se eleva numa massa rochosa entrecortada de altos pinheiros que rodeiam, também, uma habitação que mal conseguem ver, ao fundo e entre a vegetação, aparecendo bem no alto apenas as torres e os picos do telhado.

Luz nas janelas.

Tem alguém lá dentro.

Os irmãos?

As crianças?

Gente que se impôs à natureza.

Derrubou a vegetação, assentou os seus pilares e, depois, recompôs todo o verde para poder viver junto dos monstros.

Este lugar tem alguma coisa de estranho. São vibrações que a ilha transmite.

Aqui, as pessoas nunca deveriam ter construído nada.

Aqui, a natureza devia ter sido deixada em paz.

Malin e Zeke estacionam o carro a uns duzentos metros, talvez, da ponte que dá acesso à ilha. Avançam, escondidos, até chegar ao portão gradeado da entrada, de dois metros de altura, sobre o qual havia arame farpado.

Malin verifica no escuro se há câmeras de segurança. Não vê nenhuma.

Nada de placas no portão. Nenhuma caixa de correio. Nada que revele quem e o que se esconde na ilha.

Malin consegue ouvir a respiração de Zeke ao seu lado. Uma respiração pesada, ofegante. Se a respiração pode revelar raiva, é isso que acontece agora com Zeke.

— Minha nossa — diz ele. — Que lugar maldito! Não sente isso, Malin? É como se o próprio mar cheirasse a enxofre. Não a maresia, nem a sal, mas a enxofre.

— E também está úmido — sussurra Malin. — E mais quente do que seria normal, não é? Como se a noite primaveril aqui fosse mais quente.

O relógio no carro marcava quinze para a uma quando paramos o veículo.

Não se vê ninguém na ilha.

Ninguém.

A pistola.

Será agora que vou ser obrigada a usá-la?, pensa Malin.

Talvez. As crianças estão aqui. Os irmãos, também. Posso sentir isso. Mas Malin e Zeke ainda não decidiram como agir. Zeke, sem dizer uma palavra, tirou o casaco e jogou-o por cima do arame farpado.

— Acha que o tecido vai cobrir bem as farpas?

Malin balança a cabeça, sente que eles não podem ficar muito mais tempo no portão, expostos como estão. Têm de ir em frente.

— E nós nem podemos abrir o portão com um tiro...

— *Fuck it* — diz Zeke, que pega impulso, sobe pelas grades do portão e apoia a mão no casaco. Ele tem sorte. Não há farpa por baixo, justo nesse lugar. E ele consegue pular para o outro lado.

Malin segue os seus gestos.

Consegue evitar as farpas. Os dois avançam e começam a passar pela ponte, em direção ao casarão da ilha. A construção é

retangular, parece um gigantesco bloco de pedra branca que alguém pousou na encosta inclinada.

Um cais.

Um grande iate balança ao sabor do mar, com a luz oscilando na água escura.

Parece que vai chover. O céu também está escuro. Não se vê nem uma estrela.

As jaulas ao lado e embaixo. Uma porta está aberta. E ouve-se um constante arranhar por dentro das celas. Será isso mesmo?

Eles correm e terminam de passar pela ponte e entram na ilha. Malin movimenta-se sem ruído atrás de Zeke, que empunha a sua pistola. Procuram refúgio atrás do tronco de uma árvore. Ela vê que algo se aproxima. Um corpo enorme se arrastando e rugindo. Malin quer gritar e sabe que não pode, não deve. Vê que Zeke pega a lanterna que havia metido no bolso das calças quando saíram do carro.

Os olhos vermelhos da besta brilham no meio da noite escura.

Assim como os dentes amarelos.

O corpo listrado reluz.

Malin posiciona-se atrás de Zeke, sentindo o pavor que domina ela e o parceiro.

Um lagarto gigante.

Um lagarto enorme, vivo, com o corpo negro e amarelo, a pele feita de escamas que parecem impenetráveis.

E atrás mais outro. Os bichos rugem para eles. Verdadeiros dragões-de-komodo esfomeados. Os irmãos estão aqui. Malin sabe que estão. E então os lagartos pulam para cima deles, mas Zeke aponta a luz da lanterna diretamente nos olhos do animal maior. Novamente, Malin quer gritar, fugir, mas contém-se, fica em silêncio.

Zeke movimenta a lanterna rapidamente. E, então, acontece um milagre.

Os animais sacodem os corpos.

Rodam sobre si mesmos.

E arrastam-se por sobre as ervas daninhas, de volta para a escuridão. E ficam distantes, à espera. Haverá uma próxima oportunidade para fazer alguém em pedaços?

Lanterna desligada.

Malin e Zeke trocam olhares.

Balançam a cabeça e, a um sinal de Zeke, retomam o caminho para o casarão.

Os irmãos estão sentados no sofá do grande salão da casa. Exaustos.

Reuniram os seus pertences, pegaram a mala do dinheiro e descansam agora por alguns minutos, antes de seguir para o iate atracado no cais.

Têm que sair dali.

A bomba.

Deve detonar, mais ou menos, no momento em que eles estiverem subindo à embarcação. Dentro de dez minutos.

"*Not with a bang, but a whimper*",******** pensa Leopold Kurtzon.

Fecharam as persianas brancas, pesadíssimas, apagaram todas as lâmpadas, deixando a sala às escuras.

Voltaram a largar as pistolas, desta vez em cima do tampo de vidro da mesa, onde ficam a brilhar. Eles continuam em silêncio.

Saem da sala.

Será que alguma coisa se mexeu no jardim? Será que os lagartos tentaram sair das jaulas? Só Deus sabe se conseguiram.

E a luz que os irmãos viram desapareceu. Talvez nem tenha existido.

Há pouco pensaram em telefonar para o pai, contar-lhe tudo, mas será que ele ainda vive? Ou o câncer o venceu finalmente?

O que nós fizemos?

Quem somos nós?

O que somos?

Ao final, não conseguiram disparar as armas. Não puderam fazer aquilo que obrigaram outra pessoa a realizar.

Quando achavam que estavam unidos, encontraram apenas indecisão e uma vergonha, ampla e profunda.

Voltaram a colocar as crianças na cela. Vão explodir com a casa. E ficar enterradas nos escombros.

Ouve-se, então, um baque no terraço. Os irmãos levantam-se, simultaneamente, e se dirigem para a parede de vidro. Abrem a cortina.

O lagarto tem quase dois metros de comprimento, do focinho até a ponta da cauda, e o corpo brilha como forma negra em contraste com as pedras brancas do chão do terraço. Certamente, conseguiu subir pelas rochas inclinadas e, de alguma maneira, saltou para o terraço.

O animal viu os dois irmãos através do vidro da sala. Para, vira a cabeça para eles. Depois, levanta as garras, aproxima-se. E os homens quase podem sentir o mau cheiro do estômago vazio do predador, além de escutar o barulho das garras nas pedras.

O animal levanta o corpo, fica em pé.

Olha para eles, com uma expressão mortal nos seus olhos amarelados. Por momentos, os irmãos pensam que aquele é o animal do pai, o lagarto que costumava arranhar a porta do armário em Lidingö, mas eles sabem que esse bicho já está morto e empalhado há muito tempo e que a sua boca aberta é muito mais um gesto sem sentido e sem efeito do que um sinal de perigo e fonte de medo.

Aqueles animais repugnantes nas jaulas. Para ficarem no casarão, foram obrigados a aguentar a sua existência, mas não era para eles andarem livres e perigosos por ali.

— Saia daí, saia, vá embora! — grita Leopold.

— Desapareça — sussurra Henry.

O lagarto parece compreender. Vai embora, desce por um dos cantos do terraço e desaparece no mato alto e selvagem do jardim.

O animal foi embora, mas, nesse mesmo momento, Leopold observa uma sombra, vagamente delineada, pela luz que sai da sala.

É a sombra de uma pessoa que circula pelo terraço, não é?

Mas ele não vê ninguém. Será que o pai já morreu e vem aqui como um fantasma? Está tudo perdido? É tarde demais para fugir? E a bomba. Devem faltar apenas alguns minutos para a bomba explodir. Vamos sair daqui. E já.

Pegue-os agora.

Mate-os.

Elimine de uma vez os nossos terríveis tios e todo o mal que há neles da superfície da terra.

Vingue-nos, Malin Fors, agora que se aproxima do repugnante refúgio.

O berço dos malditos.

A maldade das maldades. Aquela que surge quando chega ao fim a tentativa da maldade de se disfarçar. A que nasce na hora em que as crianças são deixadas à sua dor.

Mas não fique satisfeita só com isso.

Quando acabar com eles, vá fundo, desvende a verdade.

Salve as crianças. E com elas tudo o que há de bom em você.

Mas mate os irmãos da nossa verdadeira mãe, Malin. Mate-os, eles são maus, mate-os por aquilo que eles fizeram a nós e aos nossos pais adotivos.

É claro. Talvez tenha pena deles, mas todo mundo tem total responsabilidade diante das crianças, todo mundo. Sem exceção.

Seja rápida, Malin.

Pois, embora tenhamos inveja desse menino e dessa menina, nós queremos que os dois sobrevivam.

O relógio não para. Está chegando a hora. Apresse-se, Malin, apresse-se.

— Eles estão chegando — sussurra Leopold Kurtzon para o irmão. — Estão chegando. É a polícia.

— Vamos fazer o quê? — pergunta Henry Kurtzon. Concorda que deve ser a polícia. O tratador dos animais nunca entraria na propriedade sem antes tocar a campainha. E o portão também está trancado.

Só pode ser a polícia. Ou alguém que queira pegá-los.

Leopold sussurra mais uma vez:

— Agora, vamos até o fim, como planejado. Vamos disparar seja contra quem for, sair daqui e ir direto para o iate.

E Henry segue, compenetrado, os passos do irmão ainda dentro da sala. Pegam novamente as pistolas, destravam as submetralhadoras, fazem do sofá a sua barricada e esperam.

Então, a sombra transforma-se num contorno bem escuro atrás da cortina branca. Uma sombra mais escura do que o escuro da noite.

É uma pessoa. Depois, mais outra. Os irmãos apontam as pistolas para elas.

Mas não disparam.

Sentem os dedos nos gatilhos, mas não conseguem disparar. E, aí, surge a primeira silhueta de novo. Ou é a segunda. E, finalmente, Leopold dispara o primeiro tiro. Na sala, o eco enorme do disparo, e o vidro da porta de correr espatifa-se em mil e um pedaços, que caem como chuva no chão.

Malin e Zeke avançaram pelo terreno, escondendo-se atrás dos troncos das árvores e, ao mesmo tempo, observando a luz que vinha do terraço de cima da casa. Eram obrigados, também, a olhar em volta, no caso de os lagartões voltarem a atacá-los, aqueles que ainda há pouco tinha aparecido na frente deles como pesadelos monstruosos.

Ao se aproximarem da casa, puderam ver o esplendor das instalações, apesar da escuridão.

A casa fora construída com cimento armado, madeira de cedro e mármore, numa solução aberta em que os vários andares foram erguidos em diferentes níveis, não necessariamente uns sobre os

outros, e como que injetados na rocha inclinada sobre a qual a casa está.

Não esquecendo as jaulas brancas embaixo, perto do mar.

É lá que eles prendem os lagartos gigantes?, pergunta-se Malin.

Eles conseguiram chegar, escondidos, até a porta de entrada do primeiro andar da casa. Porta fechada. Também sem câmera de segurança.

Subiram pelas rochas até o terraço superior da casa.

Estarão aqui?, questiona-se Malin, enquanto, no máximo silêncio, desciam para o chão de pedras brancas do terraço.

Marko e Elena? Vocês estão aqui? Ou isto aqui é apenas um sonho? O esforço repentino e o cansaço daí decorrente faziam com que ela ficasse meio tonta, o cérebro não queria obedecer. Ao seu lado, Zeke bufava pelo esforço.

A casa devia ter no mínimo uns quinhentos metros quadrados, pensa ela.

— Como vamos fazer? — perguntou Zeke, enquanto ela recuperava o fôlego.

Acabaram por avançar no terraço, de pistolas em punho. Viram primeiro uma cozinha vazia. A porta de correr, fechada. Não quiseram fazer barulho tentando abri-la, nem correr o risco de ouvir o vidro tinir. Passaram em frente de uma parede de vidro cujo lado interior estava coberto por cortinas brancas, pesadas.

Em seguida, desceram por uma escada de cimento até chegar a outro terraço.

Novas paredes de vidro, cortinas. Um canteiro de flores, talvez uns dez metros abaixo de onde estavam.

O que há por trás das vidraças?, pensa Malin. A casa está vazia, não há ninguém aqui? Depois, voltaram para trás, sussurraram as

dúvidas entre si e subiram novamente para o terraço superior, dispostos a entrar na casa.

Ao passar uma segunda vez pelas vidraças com cortinas, o mundo explodiu. Malin sentiu a bala passar perto da têmpora e logo ouviu o grito de Zeke.

No escuro, Malin vê o corpo de Zeke estendido sobre as pedras brancas do terraço e o sangue escorrendo para o chão, mas ela não consegue saber por onde sai o sangue e tenta descobrir uma cobertura para as balas que continuam a passar por cima da sua cabeça e do corpo de Zeke. Tenta olhar através da cortina rasgada e por onde havia antes os vidros. Vê uma mesa longa, talvez de vinte metros, e um sofá branco, em frente da parede mais longa da sala.

Eles disparam lá detrás.

Devem ser os irmãos Kurtzon. E é para lá, na direção do sofá, que Malin resolve esvaziar o primeiro pente de balas. Coloca o segundo pente e vê que Zeke se apoia sobre os braços.

Será que a artéria foi atingida?

Nesse caso, ele vai morrer aqui.

O tempo é curto.

E Malin, então, dispara dois tiros seguidos e rapidamente avança em direção ao sofá. Vê saírem duas figuras vestidas de negro de trás do sofá e em direção a uma escada. Ela volta a disparar, contra elas, um, dois tiros. Mas as duas figuras desaparecem pelas escadas. Ela as persegue, tropeça numa mala aberta cheia de dólares e de outras moedas que não conhece. Encolhe-se, não

pode ser atingida. A escada termina no terraço de baixo. Ela vê os irmãos perto de uma escada que desce.

— Parem ou eu atiro!

Um dos irmãos vira-se, levanta o que parece ser uma submetralhadora na direção de Malin e está prestes a atirar quando Malin aperta primeiro o gatilho, esperando que não seja tarde demais, nem para ela, nem para Zeke, nem para as crianças, desaparecidas e solitárias, que talvez também estejam aqui.

Que talvez não estejam mortas

Por favor, digam que estão vivas.

Zeke consegue erguer-se sobre os braços. Depois, escuta disparos de arma automática. E, pelo som, os tiros vinham do terraço de baixo.

Será que ouvi também tiros de pistola?

Malin.

Eles atingiram você?

Droga, como sangra.

As copas dos abetos e dos pinheiros balançam no escuro. Sentado, embaixo, ele segura o braço. Como é que vou estancar o sangramento?

Parece que a bala atingiu a artéria. Então, estou fodido, mas preciso salvar Malin.

Zeke levanta-se.

Pega a pistola.

Arrasta-se até o canto do terraço, de onde veio o som dos tiros da arma automática.

Caiu.

O irmão que empunhava a submetralhadora caiu. Continuou a atirar, mas para o alto, para o céu, assim que recebeu um tiro na perna, disparado por Malin. Agora está deitado no terraço e, sem gemer, segura o joelho, enquanto por baixo dele o mármore branco do chão fica vermelho.

No mesmo momento, o outro irmão ergue, lentamente, a pistola e aponta o cano para Malin. Esta ainda não consegue ver o rosto. Quem é ele? Quem é o homem que vai atirar em mim ou em quem eu vou atirar?

Ela hesita.

Mas logo puxa o gatilho. A bala, porém, não sai, a arma trava. Malin agora pode ver o rosto do homem. Ele sorri e coloca o dedo no gatilho da sua arma. É agora que eu vou morrer, pensa Malin. Então, ouve um tiro e ela vê o homem caindo sobre o parapeito baixo do terraço, e desaparecendo em direção aos canteiros do jardim, de uma altura de dez metros.

Ela ouve a voz fraca de Zeke, chamando:

— Está aí, Malin? Está bem?

— Estou bem, sim. — E ela corre para o homem deitado no chão, que soltou o joelho e tenta se arrastar e chegar à submetralhadora, a cerca de um metro de distância.

É um dos irmãos Kurtzon.

Nariz fino. Ela nota, olha de lado. É Leopold. Só pode ser Leopold Kurtzon.

Malin dá um pontapé na arma, afasta-a. Depois, olha por cima do parapeito do terraço e vê lá embaixo o homem que ela supõe ser — e deve ser — Henry Kurtzon: um corpo que parece agora uma flor em frangalhos entre tantas outras flores.

Os olhos dele estão abertos.

Sem vida.

E um dos lagartos gigantes já começou a comer as suas pernas, rasga o corpo em pedaços, sem ruído, mas com um frenesi que Malin nunca viu igual.

Chegam outros lagartos gigantes.

As garras abrem-se. Os corpos movimentam-se. Rasgam ainda mais o corpo do homem. Guincham de felicidade e chiam de raiva.

Malin prefere desviar o olhar desse cenário.

— Está bem?

Ela volta a ouvir a voz fraca de Zeke atrás.

— Sim! — grita ela. — E você?

— Primeiro, pensei que era a artéria que havia sido atingida, mas não é. Posso estancar o sangramento apertando o braço.

— Fique de olho aqui — diz Malin, dando um pontapé no homem aos seus pés. — Enquanto eu vou verificar o resto do prédio.

O homem do chão levanta os olhos para ela.

Sorri. Um sorriso estranho, que mais parece uma careta no escuro.

Como se soubesse de uma coisa que ela ainda não sabe.

— Quem é você, Henry ou Leopold? — sussurra Malin, num tom de voz gelado. Ela quer ter a certeza, embora reconheça Leopold Kurtzon pela fotografia do passaporte.

— Leopold. Mas isso tem alguma importância?

— Eu tomo conta dele. Deixe comigo. Procure as crianças — diz Zeke. — Veja onde estão.

******** Em inglês, no original: “não com um estrondo, mas com um gemido”. Frase famosa de um texto do poeta T. S. Eliot sobre o fim do mundo e a morte do planeta. [N. T.]

60

Malin corre pela casa, procura em todos os cantos, em todos os andares.

Zeke já telefonou, chamou por reforços e ambulância.

Os minutos passam.

Tenho que encontrar Elena e Marko.

Tirá-los do escuro, do medo.

Ela desce.

Procura no andar térreo, no meio porão da casa, escura, triste e solitária.

Mais um pequeno terraço onde vê duas pás no chão.

Recém-usadas?

Impossível dizer. Ela não quer acreditar no pior. Aliás, sente que vai encontrar as crianças em algum lugar.

Ainda mais baixo, descendo do terraço? Ou atrás da porta na minha frente que parece levar a um subterrâneo?

Ela abre a porta.

Por trás, um corredor úmido e escuro que dá acesso a uma série de câmaras, dispostas uma ao lado da outra. Devo estar dentro da rocha. Deve ser aqui. Qual dessas portas deve dar para a cela escura?

Ela abre as portas, uma a uma. São quartos sem janelas e câmaras para guardar materiais. Vazios.

Acende tudo à medida que avança para os fundos da casa.

Vai avançando até chegar a uma parede que deve estar encostada na rocha.

Ela mantém a pistola pronta para qualquer emergência.

Silêncio. Ouve alguma coisa? Ela para e escuta. Ouve umas batidas fracas, um tique-taque e respirações fracas.

Que tique-taque é esse?

Uma porta branca dá para um depósito. Malin acende uma lâmpada.

Ao fundo do depósito, mais uma porta que dá para outra câmara úmida e estranhamente quente.

Ela acende mais uma lâmpada.

E mais outra porta, mas desta vez ela parece ouvir alguma coisa atrás dela. Uma respiração? Vida?

São vocês? São vocês. Digam que são vocês.

O tique-taque.

Vozes atrás da porta. Ela consegue ouvi-las. Fracas, cheias de medo:

“Papai... venha... venha... estou com medo... papai...”

Mas que tique-taque é esse? Está mais forte. O que significa esse tique-taque?

São vocês? Vocês estão aí?

A luz entra por baixo da porta.

Está chegando alguém.

Por favor, que não sejam eles.

É você, papai?

“Papai... venha... venha...” Será que vão nos matar? Você tem que nos salvar, papai. O que está acontecendo? Nos leve daqui. Você não deve desistir. Diz que é você que está aí.

Eles nos pegaram. Apontaram as pistolas para nós, para as nossas cabeças. Gritaram um com o outro, insultaram-se, mas, depois, voltaram a nos atirar para aqui dentro, dizendo que, de qualquer maneira, ninguém iria nos encontrar.

Essas palavras, esses acontecimentos vão ficar na nossa memória para sempre, mesmo que a gente não consiga encaixar as palavras nas ações corretamente.

Luz.

A escuridão antes da luz.

E, depois, muita, muita luz. É alguém que abre a porta do nosso buraco.

As crianças.

Estão nuas.

Sujas. Cheiram mal.

Mas são elas. São Marko e Elena.

A cela onde estão cheira muito mal. Estão magras, se abraçam, no chão, em cima dos seus excrementos e urina. Cerram os olhos para me ver, mas não conseguem ver a não ser a minha silhueta. E na sombra do meu corpo, lá estão elas, as crianças.

Malin deixa o corpo cair, fica de joelhos.

Não liga para a sujeira, nem para o mau cheiro. Isso não conta. O que conta mesmo são as crianças.

Ela se aproxima das figuras na sua frente.

— É você Marko?

— E você deve ser Elena, não?

Os desenhos nas paredes. Estranhos sinais feitos com giz. Figuras. Como se fosse uma linguagem de outro planeta, trazida para aquele buraco por naves espaciais de um longínquo futuro.

— Agora está tudo bem — sussurra ela para as crianças, ao mesmo tempo em que as abraça e sente a pele quente delas. — Está tudo bem, Marco e Elena. De agora em diante não precisam mais ter medo.

E, então, ela ouve uma voz, imagina quatro pequenas asas brancas circulando por cima da sua cabeça.

Nós também não temos mais medo, escuta Malin.

Ela abraça as crianças com mais firmeza, sente o sangue quente a circular pelos seus corpos e volta a ouvir o mesmo tique-taque na câmara que dava acesso àquela cela em que estavam as crianças. Mas o tique-taque, de repente, se transformou num alarme estridente. Malin não quer largar as crianças, quer se agarrar a elas com amor, mas precisa saber o que é aquilo.

Levanta-se com as crianças no colo. Sai da cela onde estavam. Não pode deixá-las.

Uma caixa branca a um canto. Ela solta as crianças que gritam. Volta a ajoelhar-se, diante da caixa e abre-a.

Cinquenta e cinco.

Cinquenta e quatro.

Fios e tubos metálicos visíveis. Um cronômetro digital com cifras, um fone que expele o som estridente do alarme. As crianças estão, agora, em silêncio atrás de Malin.

Explosivos.

Certamente, dez quilos. Um detonador.

Cinquenta.

Nenhum botão para cancelar.

Posso puxar os fios, desligá-los? O preto ou o branco?

O vermelho?

O verde?

O suor na testa de Malin.

Quarenta e cinco.

Vai tudo para o inferno se eu mexer na bomba. Vai detonar. Esse maldito alarme.

Quarenta.

Malin vira-se, pega as crianças, uma em cada braço, e corre para fora do subterrâneo. Atravessa os vários cômodos, depois o corredor e chega novamente ao ar livre, no terraço inferior, mas continua a contar à medida que deixa de ouvir o alarme.

Trinta e cinco.

Trinta e quatro.

Chega ao terraço de entrada. Zeke vê que Malin está chegando com as crianças. Ele está ensanguentado, mas sorri. As crianças gritam e ela tenta acalmá-las, mas continua a correr. Zeke está sozinho. Para onde foi Leopold Kurtzon? Malin olha para Zeke, que aponta para o jardim, e diz:

— Ele escorregou lá para baixo, quando tentei ajudá-lo a se levantar.

Malin já imagina o que aconteceu. Zeke não explicou mais nada. E ela escuta os lagartos gigantes embaixo a rugir e a chiar enquanto fazem Leopold Kurtzon em pedaços.

Vinte e dois.

— Uma bomba — grita ela e dá Elena para Zeke. Sabe que ele pode levá-la no colo, apesar de ferido. — A bomba vai explodir logo.

Temos que sair daqui.

Zeke olha para ela e grita:

— Foi por isso que ele riu, o safado...

Ele corre atrás de Malin, com a menina nos braços. Ambos sobem para a entrada da casa.

Dez.

Nove.

Saem pela porta, entram no jardim. Os lagartos não vêm, estão ocupados com outras coisas.

Oito.

Sete.

A bomba é grande? Quanto é que vamos precisar correr para não nos transformarmos em cinzas?

Seis.

Cinco.

Quatro.

Cinquenta metros de descida da casa para o mar, por cima de grama molhada pelo orvalho e em direção à ponte. Depois, atravessar a ponte. E agora, o mundo vai explodir?

Três.

Dois.

Malin e Zeke param, ofegantes, abraçam as crianças.

Um.

Quanto? A que distância?

Zero.

61

Um estrondo enorme.

A ilha parece vibrar e o prédio treme. A ponte balança, mas eles esperam que aguente.

A atmosfera fica densa. O corpo de Malin parece que vai ser sugado por um vácuo perverso.

Eles ainda estão na ponte, tentam ficar em pé com as crianças nos braços. Viram-se e veem o prédio dos dois irmãos desabar, o telhado se contorcer. Notam como uma força invisível e forte parece arrancar as árvores e os arbustos e fazê-los em pedaços. E a ponte, agora, vibra ainda mais.

Em seguida, o telhado da casa desaparece, é jogado para cima, para o céu de uma noite de primavera.

Uma nuvem de fumaça escura vem da ilha e aproxima-se deles. E o mundo que existia também desaparece numa nuvem de cinzas, de fumaça e de poeira.

Malin cai de joelhos, sente as fortes pranchas de carvalho da ponte protestando, mantém a mão diante da boca de Marko para defendê-lo de tanta sujeira no ar, ajuda-o a respirar. E vê que Zeke faz o mesmo com Elena, antes de a nuvem os envolver.

Está morrendo, Zeke?

Pequenos fragmentos esverdeados, venenosos, voam entre a neblina.

Onde está Zeke? Ah, lá, com a menina nos braços.

A fumaça começa aos poucos a desaparecer.

Ela vê bem o colega ferido, com a menina nos braços. O peito de ambos ofegando.

O menino nos seus braços também se esforça para respirar um ar mais puro.

A fumaça em volta deles envenena.

Mesmo assim, eles e as crianças conseguem respirar.

Epílogo

HÄLSINGLAND, JUNHO

A mamãe está aqui

O papai também.

Estamos juntos de novo, como uma família.

Não existe mais dor nenhuma, Malin. Nenhum desejo.

Existe apenas o momento em que podemos estar juntos.

Quem foi o nosso verdadeiro pai, Malin? O pai biológico?

Ele não está aqui, se bem que devia estar. Mas quem é ele? Uma sombra, uma árvore na floresta que violenta uma jovem?

A nossa mãe verdadeira continua morando na sua casa subterrânea. O pai dela e os irmãos estão ainda mais embaixo, em profundidades de que não dá nem para falar o nome.

Numa cela da prisão perto do Parque Kronoberg, Jokso Mirović está brincando com as suas crianças. Foi autorizado a recebê-las e a ficar com elas durante algum tempo, mas elas recebem mais amor na casa da sua tia onde moram e vão crescer durante os anos em que o seu pai estiver preso.

Nós vemos as crianças de Jokso Mirović brincando, rindo, exultantes, cheias de vida. E compreendemos a decisão tomada. A mãe de Elena e Marko, nós também a vemos. Está perto deles, mas na mesma dimensão que nós.

A sua mãe também esteve conosco, Malin. Ela quis saber como você estava, se estava bem. E está, não é verdade? Agora, está finalmente feliz.

A sua mãe não quis, ou não pôde, ou não ousou se aproximar de você ou de qualquer um de vocês.

Agora, vamos desaparecer, Malin Fors.

Está na hora. Vamos brincar e fingir que somos gente e fazer o que as pessoas fazem.

Estamos vendo você pela última vez, Malin.

Obrigada por tudo.

Está perto de uma cama.

E nessa cama está deitado o seu irmão.

Malin segura a mão de Tove.

A sala em volta está mobiliada como se fosse a de um adolescente. Uma escrivaninha, uma prateleira com livros e alguns objetos decorativos, além de vários vídeos.

Filmes para crianças, pelo que Malin pôde ver.

Um urso de Swarowski, cartazes de um grupo de rock da década de 1970 nas paredes e do grupo finlandês Lordi.

Um dia de verão, com uma corrente de vento entrando pela janela aberta.

Lá fora, a luz do sol espalha-se por um belo jardim onde há maçãs ainda microscópicas começando a tomar forma nos ramos das

macieiras.

Hospital de Norrgården.

Uma antiga residência de um empresário, bem situada a um canto da cidade de Sjöplogen, no coração das florestas da província de Hälsingland.

Malin e Tove foram levadas para a sala de Britta Ekholm, que ficou muito satisfeita em vê-las, dizendo:

— Ele está dormindo, mas vai ficar muito feliz em vê-las assim que acordar.

Malin gostaria de fazer tantas perguntas.

O que posso esperar?

Como será ele?

Mas não pergunta nada.

Em vez disso, ela e Tove entraram na sala indicada. E sempre que a mãe hesitava, Tove pegava a sua mão e a puxava.

Em um dos cantos do quarto, perto de uma janela que dá para um jardim ensolarado, há uma cama hospitalar. E na cama dorme um homem magro. Ao lado, uma cadeira de rodas.

As duas aproximam-se do corpo adormecido.

Ele descansa silenciosamente. Malin vê o rosto do irmão de perfil. O queixo não é muito pronunciado e o nariz sobressai bastante entre as faces. Malin pensa na sensação que está tendo, e acaba acariciando a face do irmão, um carinho lento sobre a pele quente. E esse calor passa a ser o dela. E, assim, ela fica sabendo que acabou de desembarcar num lugar que há muito tempo desejara visitar.

Você tem o mesmo queixo que eu, pensa ela, os meus cabelos finos, o meu nariz saliente. A testa bonita de Tove. É como eu, reflete, enquanto afaga mais uma vez o rosto dele.

Malin encontrou-se com Peter Hamse assim que voltou de Estocolmo.

Foram comer no restaurante Afrodite e falaram muito sobre assuntos pessoais. Depois, seguiram para a casa dela e aconteceu tudo como ela há tanto tempo esperava que fosse acontecer.

Ele a aceitou e a agradou nos mínimos detalhes. Depois, ela lhe pediu para ficar. E ficaram os dois conversando a noite inteira. Pela manhã, Peter resolveu esperar por Tove, que dormira em casa do pai. Explicou que queria conhecê-la o mais rápido possível.

Peter Hamse agora dorme, quase todas as noites, no apartamento de Malin.

Ela tem visto Janne e Daniel Högfeldt com as suas novas mulheres. E abençoou as escolhas feitas por eles, dos seus novos amores.

Tove está em férias escolares. Em agosto, muda-se para Lundsberg.

Como é que vou conseguir ficar sem vê-la por tanto tempo? Malin já tentou imaginar isso muitas vezes. Vai conseguir, sim. Tem que conseguir. Vai se enfiar nos braços de Peter sempre que a preocupação estiver corroendo por dentro.

O ferimento de Zeke foi superficial. Já cicatrizou. Ele continua a se encontrar com Karin Johannison, disso Malin sabe muito bem.

Karin gostaria muito de ter uma criança. Malin já viu esse desejo nela diversas vezes. E Zeke, portanto, é o amor errado. Ele jamais vai se separar da esposa. E o marido dela, Kalle, vai querer manter a sua “liberdade”.

Zeke nunca chegou a dizer que empurrou Leopold Kurtzon do terraço da casa, na ilha do arquipélago Norrhammar, de Estocolmo. Mas Malin sabe que ele o fez e admira-o em silêncio por isso.

Assassinos de crianças não têm lugar entre nós. Tampouco os pedófilos.

Jonathan Ludvigsson foi punido com três meses de prisão por porte ilegal de armas. A fictícia Frente Libertária Econômica não chegou a ir a julgamento. O assunto era muito complicado e foi arquivado como obra de arte pela promotora, a carreirista mulher com quem Karim Akbar, cada vez mais superior e convencido, vai noivar. Iniciou-se uma investigação contra Dick Stensson, mas também foi arquivada.

— Ele dorme bem — diz Tove.

E Malin responde:

— Dorme que nem uma criança.

Ela está descansada, com a sensação que o momento lhe dá. Não quer que a sua falecida mãe entre mais na sua vida, não quer nunca mais pensar nela. Acabou. Nunca mais.

O pai voltou para Tenerife.

Por fim, desistiu. Malin deixou de atender às suas chamadas e ele nunca mais telefonou de novo.

E um dia foi embora. Deixou uma carta na caixa de correio, dizendo que pensava em morar mais algum tempo na ilha, que o apartamento nas Canárias não chegou a ser vendido e que o de Estocolmo ficaria sob a administração de um conhecido seu. Além disso, pensava em espalhar as cinzas da mãe em um dos campos de golfe da ilha: “O lugar onde ela foi mais feliz”.

Mais feliz.

Tove também acaricia a face do tio adormecido, que, na realidade, parece mais um adolescente. Malin vive, então, a sensação de que, pelo menos no momento, todas as pressões sobre si deram uma trégua.

— Eu estou aqui, agora — sussurra Malin, diante do irmão. — Nós estamos aqui. Estou aqui, agora — repete ela. E, neste momento, uma corrente de ar quente entra pela janela e ela sente as lágrimas rolar pelas faces.

Eu estou aqui, agora.

Perdoe-me por ter demorado tanto.

Perdoe-me, por favor. É tudo o que posso dizer.

Sobre o Autor

Mons Kallentoft nasceu em 1968, em Ljungsbro, perto de Linköping, na Suécia — cenário deste romance. A série protagonizada pela detetive Malin Fors fez dele um best-seller em seu país, agora publicado em todo o mundo. Sangue no outono é o terceiro título da série. Os outros, também lançados pela Benvirá, são Sangue no inverno e Sangue no verão.

© Mons Kallentoft, 2010
© da tradução: Jaime Bernardes
Título original: Vårlik
Publicado originalmente por Bokförlaget Natur och Kultur, Suécia.
Publicado mediante acordo com Nordin Agency, Suécia.

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho
Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius
Edição de arte e capa: Carlos Renato
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Maísa Kawata
Revisão: Tulio Kawata
Diagramação: Nobuca Rachi
Capa: adaptada do projeto original de Niklas Lindblad
Imagem de capa: Eva Lindblad/1001bild.se
Versão Digital: Cristina Figueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
K22s
Kallentoft, Mons, 1968-
Sangue na primavera [recurso eletrônico] / Mons Kallentoft ; tradução do sueco por Jaime Bernardes. - 1. ed. - São Paulo : Benvirá, 2013.
496 p., recurso digital
Tradução de: Vårlik
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8240-088-3 (recurso eletrônico)
1. Ficção sueca. 2. Livros eletrônicos. I. Bernardes, Jaime. II. Título.
13-05318 CDD: 839.73
CDU: 821.113.6-3
19/09/2013 20/09/2013

1ª edição, 2013
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva S/A Livreiros Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à
Benvirá, um selo da Editora Saraiva.


SANGUE NA
PRIMAVERA
MONS KALLENTOFT
Benvirá